

J. M. SIMMEL

Não matem as flores

*O novo romance do escritor que já vendeu mais de
55 milhões de livros no mundo inteiro. Um homem de
sucesso em crise existencial reencontra os prazeres da vida
numa nova personalidade.*



5.^a EDIÇÃO


EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Não Matem as Flores

Johannes Mario Simmel

Tradução de

LYA LUFT

Título original

BITTE LASST DIE BLUMEN LEBEN

© 1983 by Verlag Schoeller & Co., Ascona

Todos os direitos reservados por Verlag Schoeller & Co. Tradução autorizada da obra BITTE LASST DIE BLUMEN LEBEN, de Johannes Mario Simmel

Direitos adquiridos para a língua portuguesa, no Brasil, pela EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Rua Bambina, 25 - Botafogo - CEP 22251 - Tel.: 286-7822

Endereço telegráfico: NEOFRONT

Rio de Janeiro - RJ

Revisão

MARILDA BARROCA

SONIA REGINA CARDOSO

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Simmel, Johannes Mario,S611n

Não matem as flores / Johannes Mario Simmel ; tradução de Lya Luft.

— Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1983.

Tradução de: Bitte, lasst die Blumen leben.

1. Romance alemão I. Título

83-0182; CDD – 833; CDU - 830-31

CONTRA CAPA

Não matem as flores, de J.M. Simmel, é o romance de um homem que realiza o sonho acalentado por muitos outros: adotar uma nova vida. Em plena crise de tédio, um advogado de sucesso, casado com uma mulher rica, bonita e geniosa, viaja a Viena, onde adquire nova personalidade. As aventuras, alegrias e dissabores com que então se defronta levam-no a uma reavaliação total do que seja viver.

Não matem as flores, o mais recente lançamento de J.M. Simmel, assinala o ápice da carreira de um escritor que chega ao significativo recorde de 55 milhões de livros vendidos em mais de 20 línguas no mundo inteiro.

ORELHAS DO LIVRO

Johannes Mario Simmel (Viena, 1924), legítimo descendente da aristocracia europeia, não sonhava com a carreira literária, pois se formou em química e só recorreu ao jornalismo pressionado por problemas econômicos, ao fim da segunda guerra mundial.

A partir de 1948 trocou as páginas de jornal por um romance a cada dois anos, além de ocasionais peças de teatro. O sucesso paulatinamente conquistado atingiu seu ponto máximo com *Nem só de caviar vive o homem*, onde adicionou ingredientes culinários a mistério policial, obtendo a receita ideal do best-seller para todos os gostos.

Prolífico, como Georges Simenon, outro expoente da chamada literatura popular, teve publicadas no Brasil mais de duas dezenas de títulos, em que se destacam inclusive três excelentes romances para jovens.

A trama de seu mais recente lançamento, *Não matem as flores*, é trunfo certo para levá-lo novamente à lista dos mais vendidos. Reflete de certa forma novos aspectos do gênio desse autor que é lido atualmente em vinte e seis línguas do mundo inteiro por mais de 55 milhões de pessoas.

Advogado de sucesso, Charles Duhamel está casado com a rica, bonita e geniosa Yvonne. No auge de uma crise de tédio, viaja a Viena, onde adquire nova personalidade. Com ela, tenciona levar a cabo uma radical transformação em sua vida, algo sonhado por muitos e realizado apenas por uns poucos. As aventuras, cheias de suspense, alegria e dissabor, em que a nova condição de Charles o coloca, são descritas com interesse permanente, levando o leitor a percorrer mais de quatrocentas páginas de um fôlego só. Intercalam-se na narrativa atentados racistas, histórias de amor nada tradicionais, e surpreendentes atos de humanidade que ligam J.M. Simmel mais do que nunca à problemática do mundo atual.

O leitor de *O amor é só uma palavra*, *Todos seremos irmãos*, *Só o vento sabe a resposta* e *Viver é amar*, entre outros, encontrará razões de sobra para se emocionar com *Não matem as flores*. Trata-se de uma narrativa engenhosamente arquitetada por um escritor que se preocupa com a construção de uma obra cujo ponto de partida e inspiração sejam exclusivamente os pequenos e grandes dramas individuais e coletivos dos homens de seu tempo.

O mundo quebra qualquer um, e depois muitos ficam fortalecidos nos pontos quebrados. Mas aqueles que não querem quebrar, a esses o mundo mata. Mata os muito bons e os muito finos e os muito corajosos: sem distinção. Se não fores nem um desses, podes ter certeza de que ele também te matará, mas sem muita pressa.

De *Em outro país*, Ernest Hemingway Este romance se fundamenta num fato real. Para proteger pessoas inocentes, os acontecimentos foram um pouco modificados — exceto os históricos. Pessoas e lugares desse incidente foram cifrados.

O fato deu-se em 1981 e 1982, num tempo em que as pessoas falavam tanto de guerra e paz como há muitos anos não faziam.

Confessar medo tornou-se uma questão de honra, “Instigador da Paz” um título honroso, e a situação política mundial cada dia mais perigosa.

Foi nessa atmosfera de medo, insegurança e revolta, que um perfeito desembarcado* e uma jovem se encontraram — para o amor de sua vida.

J.M.S.

* *Aussteiger*, em alemão, significa “aquele que desembarca”, isto é, que não segue a “onda” geral, que protesta, que se revolta. (N. da T.)

LIVRO I

1

— Você tem de vir a Viena imediatamente — disse Daniel.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Por telefone, não — disse ele. — Preciso falar com você de qualquer jeito. O mais depressa possível. Já me informei. Ainda sai um avião de Paris para Viena esta noite. Euro-Air. Assim que você chegar em Viena, venha ao escritório. Vou trabalhar a noite toda.

— E se o avião estiver lotado? — perguntei. — Se eu não conseguir mais lugar?

— Então pegue um aviõzinho charter! Sempre há desses. Estou lhe dizendo, tenho necessidade absoluta de lhe falar o mais depressa possível, sem falta, entende, Charles?

— Sim, entendo — disse eu, já desabotoando a camisa do meu smoking. Pelas altas janelas abertas do escritório entrava, doce e pesado, o aroma dos arbustos floridos do Jardim du Ranelagh, do outro lado do parque. Morávamos num pequeno palácio na Alameda Pilatre de Rozier, no 16º Distrito. Meu escritório ficava no primeiro andar. O sol baixava no oeste, mergulhando tudo numa luz dourada e cintilante. O dia fora muito quente. Uma brisa fresca vinha do parque.

Daniel era o advogado vienense Dr. Daniel Mann. Depois de tantos anos de trabalho em comum, eu confiava nele cegamente — e ele em mim. Algo muito grave acontecera, para ele falar desse jeito.

Devia se relacionar com algum cliente comum. Tínhamos alguns, e muito importantes.

— Eu iria ao aeroporto apanhar você — disse ele. — Mas não posso sair daqui. Trabalho demais. E preciso aguardar dois telefonemas.

— Tudo bem — disse eu. — Estou indo. Linha ou charter. Telefonarei de Orly.

— Obrigado — disse ele. — Pegue um táxi até o meu escritório na cidade. — Ele tinha o escritório numa velha casa no Graben, 1º Distrito. Eu já estivera lá duas vezes. — O portão estará trancado.

Bata três vezes: longo... breve... longo.

— Sim, Daniel — respondi.

— Muito incômodo para você, não?

— Bem, tínhamos um convite. Do Embaixador inglês.

— Lamento, Charles, mas você tem de vir a Viena.

— Tudo bem — disse eu. — Logo terá notícias minhas. Tchau, Daniel.

Desliguei. Os raios do sol poente caíam obliquamente na sala. O tráfego bramia ao longe. Nossa rua era quieta. Depois telefonei para o balcão da Euro-Air em Orly. Ainda tinham lugar no voo das 22h45min.

— Mas é um lugar na segunda classe. A primeira está lotada, maître — disse a voz de moça. Na França, notários e advogados são chamados de "maître".

— Não importa, mademoiselle.

— E por favor, esteja aqui uma hora antes da partida, maître.

— Sou pontual — disse eu, e desliguei outra vez. Depois peguei o casaco de smoking branco que estava pendurado numa cadeira e fui ao quarto de vestir. Ficava no outro extremo do andar, junto ao quarto de dormir e ao banheiro. Espelhos cobriam todas as paredes do quarto sem janelas, com oito cantos. Atrás dos espelhos havia grandes armários e as portas dos dois banheiros, bem como a porta

do corredor. Ao lado do banheiro de minha mulher havia ainda uma sala de maquilagem. A porta estava aberta. Yvonne estava sentada diante do espelho emoldurado por canos de luz. Sua mesa de maquilagem transbordava de tubos, potes, cadinhos, frasquinhos e pentes, bem como as muitas prateleiras de vidro da parede.

Ela vestia um leve penhoar. Estava se preparando há horas para aquela festa. Primeiro, estivera ali o cabeleireiro, com uma manicure.

Os dois sempre vinham à nossa casa; Yvonne odiava ir ao cabeleireiro. Também vinha um massagista a cada dois dias.

Minha mulher estava colando longos cílios postiços na pálpebra direita, o que exigia toda a sua atenção. Viu e ouviu que eu chegava, mas não podia falar. Eu disse então: — Sinto muito, mas tenho de ir imediatamente a Viena. Daniel telefonou. Muito urgente.

Cinco segundos de silencio.

Então ela se dominara. Sua voz soou metálica: — Você está brincando!

— Não — respondi. — Lamento. Tenho de ir a Viena.

Imediatamente.

Agora os longos cílios postiços estavam colados na pálpebra direita, a esquerda parecia nua. Era cômico.

— E a nossa festa?

Atirei a camisa do smoking e abri a calça.

— Vou telefonar e explicar tudo ao Embaixador. Você terá de ir sozinha, Yvonne.

— Não vou sozinha, e você sabe disso!

— Mas não... Mas você conhece todas as pessoas que estarão lá.

— Mas você não estará lá.

— Santo Deus, Yvonne, tenho de ir a Viena, por favor! É muito importante, senão Daniel não teria telefonado.

— Não vou sozinha. O que vai parecer? Todas as mulheres com seus maridos, e eu sozinha. Você não acredita que eu iria sozinha.

Não, eu não acreditava. Apesar de toda a sua aparente independência, Yvonne sempre fora insegura em sociedade. Adorava festas, ocasiões de gala e grandes reuniões — era a sua vida —mas só ao meu lado. Só quando eu estava lá. Não necessariamente ao seu lado.

Apenas presente. Então ela brilhava. Ficava no seu elemento.

Mas eu tinha de estar lá. Quando eu não a acompanhava, ela sentia medo, eu sabia. Como isso era singular em uma mulher para quem a sociedade (e ela era extremamente esnobe), a opinião pública, as câmeras, os flashes, as colunas sociais e as pessoas famosas significavam tudo. Por mais que, com os anos, me detestasse, para isso, para a sua verdadeira vida, ela ainda precisava de mim, mais do que nunca.

Eu estava ali parado, de meias e cuecas, escolhendo outra roupa de baixo e um terno azul leve. Eu sabia o que viria agora. Apesar de toda a repulsa, sentia pena dela.

— Seu cafajeste — disse dona Yvonne.

Tratei de enfiar meu terno azul.

— Você nem tem de ir a Viena. Só quer encontrar uma puta qualquer. Uma das suas putas. Há muito tempo você vinha premeditando isso. Porque eu estava tão contente com esta noite.

Naturalmente tinha de estragar a minha alegria. Seu cafajeste, seu miserável, você estraga todas as minhas alegrias!

Não respondi.

A tempo vi que ela pegava da mesa de maquiagem um pesado pote de creme e o arremessava em mim. Agachei-me como um raio.

O projétil de creme acertou o grande espelho de parede atrás de mim estilhaçando-o à altura de minha cabeça. Se eu não tivesse me abaixado, o pote teria batido na minha têmpora. Yvonne muitas

vezes atirava coisas em mim, quando estava furiosa. Eu precisava tomar cuidado. E tomava cuidado, embora em todos esses anos estivesse muito perto do fim. Se ela me tivesse acertado, talvez toda aquela desgraça já tivesse acabado.

— Diga alguma coisa! — berrou ela. Os cílios postiços na pálpebra direita tinham escorregado, pendiam parcialmente soltos no ar. Yvonne chorava. Maquilagem, sombra de pálpebras e ruge escorriam na grossa camada de base que lhe cobria o rosto; as cores se misturavam, ela parecia um palhaço. Eu era dez anos mais velho do que ela, mas depois de uma bem-sucedida plástica ela parecia ainda muito mais jovem. E era uma beldade — embora não naquele momento. Ainda tinha aquele corpo esbelto que um dia tanto me excitara, as pernas longas, os seios firmes, a pele alva. Seu cabelo era de um negro azulado, os olhos brilhantes, grandes olhos oblíquos. O rosto de altas maçãs era regular. Muitos homens se voltavam na rua para vê-la, muitos a contemplavam ávidos, ah, sim.

Só eu não mais, não, eu não mais.

— Estou me preparando metade do dia para essa noite — e aí vem você e me diz que tem de ir para Viena? De propósito, você faz isso de propósito! — Agora chorava muito. As cores em seu rosto se misturavam cada vez mais. Estava a um tempo trágica e ridícula.

Abri outra porta de espelho, peguei uma mala e juntei algumas coisas que queria levar para Viena.

— Perdeu a fala? — gritou Yvonne. — Não pode mais falar comigo, é? — O penhoar escorregou-lhe dos ombros. Nua, só com a calcinha cor de salmão e chinelos de salto alto, parada ali, no quarto de vestir, ofegante, os seios subindo e descendo rapidamente.

— Responda!

— O que quer que eu responda?

— Que fez isso de propósito! Mais uma vez! Para me atormentar. Para me fazer chorar.

Não respondi. Coloquei na mala camisas, meias, roupa de baixo, um terno. Como eu conhecia bem tudo aquilo, e há quanto tempo.

Ela que chorasse, gritasse, me amaldiçoasse. Tudo bem!

Ela foi até a mesa de maquilagem, fora de si.

— Você... Você... Como te odeio! Agora conseguiu mais uma vez.

Mas Deus é justo. Deus é justo! Não permitirá uma coisa dessas. Não para sempre! — Virou o pé num dos chinelos, jogou-o longe e gritou: — Você vai pagar por tudo isso! Pagar, sim! Quero que você morra, cachorro! Morra! Morra! E logo! Vou ficar feliz se você morrer breve! — Arremessou também o segundo chinelo e saiu correndo da sala de maquilagem, atravessou o banheiro e entrou no quarto de dormir, batendo a porta atrás de si.

Nunca mais vi minha esposa Yvonne.

2

— Quer que o leve ao aeroporto, maître? — perguntou Emile.

Estávamos parados no caminho de cascalho do jardim, diante de nosso palácio branco, onde meu carro estava estacionado. Emile Rchet, o concièrege, levava a mala para baixo. O mordomo era um homem aplicado e hábil, que sabia simplesmente tudo. Era eletricista, lanterneiro, pintor, pedreiro e jardineiro. Não havia trabalho que não soubesse fazer. Morava há dezoito anos na mansarda sobre a garagem nos fundos do jardim — desde que eu morava na Alameda Pilatre de Rozier.

— Não — respondi cansado, pois a briga com minha mulher me abalara mais do que eu queria admitir. — Chame um táxi, Emile.

Obrigado.

Eu também me desculpara por telefone com o Embaixador britânico: precisava ir urgente a Viena, e Yvonne não se sentia bem, aquele calor. E ele fora especialmente amável, desejara melhoras rápidas a minha mulher, e, para mim, um bom voo.

— Sempre demora até chegar um táxi aqui — disse Emile. Era da minha altura e da mesma idade. Usava um chapéu de palha de abas largas com a camisa branca, calças brancas, e avental azul.

— Sim, muito trânsito essa noite — disse eu, olhando para o parque com seus muitos arbustos e flores. Vermelhas, azuis, amarelas e lilás, que brilhavam na luz do sol poente. As folhas verdes das árvores estavam lustrosas. Ainda fazia muito calor.

Emile me encarou:

— Sinto tanto.

— O quê?

— Ah, monsieur — suspirou. — Madame tem voz alta. A cozinheira a ouviu. E a criada e o criado também. Eles me contaram.

— Tudo bem — respondi. — Tudo bem, Emile.

— Nada está bem — disse ele, baixo.

Emile Rachet era um homem simples. Gostava do grande jardim e de sua liberdade de trabalhar como julgava certo — uma liberdade que eu lhe concedia com prazer. Quando Yvonne gritava com ele, sua resposta era sempre:

— Sou empregado de seu marido, madame, e não seu empregado. — Por isso ela em geral o deixava em paz.

De mim ele recebera licença de cultivar um pedaço de terra num recanto afastado do jardim. Emile, que cuidava das árvores, das flores e arbustos, plantava no seu recanto tomates, feijões e verduras para nosso consumo e para suas próprias necessidades.

Das muitas coisas que amava, o que mais amava era aquele pedacinho de terra. Era solteiro, e tinha algo de esquisitão, mas um esquisitão amável.

Emile parecia sofrer porque eu estava pálido e calado, e pensava intensamente em como poderia me alegrar. Pigarreou nervoso.

Aparentemente, tivera uma ideia.

— Quanto tempo fica em Viena, monsieur?

— Não sei. Provavelmente amanhã à noite já estarei aqui. Por quê? — Tive de pensar na frase do filósofo Ernest Bloch, que escreveu: “O ser humano precisa pelo menos de uma pequena visão de algo apaziguador que lhe traga alegria.” Simplesmente tem de ter alguma coisa, ou não conseguirá viver.

— Já tenho tomates lindos, monsieur — anunciou Emile. — Também rabanetes e pepinos. Quando monsieur voltar, teremos Salat Nicoise. Está bem?

— Ótimo — respondi. Visão através de uma “porta pelo menos entreaberta”, escrevera Bloch, e todas as portas ao meu redor

estavam cerradas há muito, muito tempo.

— Vou falar com a cozinheira. Ela tem todo o necessário — disse Emile. — Atum, ovos, sardinhas, azeitonas. — E ri na esperança de me dar uma alegria. — Monsieur terá uma ótima Salat Nicoise!

Fiz o que ele queria, ri também.

— Não esqueça do alho! — disse eu. No “princípio esperança” de Bloch ninguém passava. Eu não tinha nenhuma, nenhuma esperança mais. Há muito tempo não a tinha.

Emile riu de novo; agora parecia feliz.

— Alho, sim — disse Emile. — E mostarda, e ervas frescas.

— E os ovos cortados em quatro — disse eu. “Desesperança”, escrevia Bloch, “é a coisa mais insustentável, é a coisa absolutamente intolerável para as necessidades humanas.”

— Em quatro, como sempre — disse Emile rindo. Depois assustou-se. — Monsieur está chorando!

— Besteira — disse eu. — Foi só um mosquito que entrou no meu olho. — Limpei os olhos com o lenço. — Maldição, essas moscas de merda.

— É, essas moscas — disse Emile, com ar perdido.

Diante do portão do parque parou um táxi, o motorista desceu.

Emile pegou a mala e a levou até o carro. Dei-lhe a mão. Ele a apertou, enquanto tirava o chapéu de palha.

— O senhor é muito infeliz, monsieur — disse ele, baixinho, quando entrei no fundo quente do carro.

— Pare com isso! — disse eu. — Muito rabanete na salada, cortado bem fininho.

— Bem fininho. Ah, monsieur — disse ele, amargurado, e fechou a porta.

Desesperança era a coisa mais insustentável, coisa absolutamente insuportável para as necessidades humanas...

O motorista enfiou-se atrás do volante.

— Para onde, `sieur?

— Orly — disse eu. — Aeroporto.

Partimos. Fui comprimido contra o assento e olhei em torno.

Emile estava parado na rua, chapéu de palha apertado ao peito.

O aroma dos arbustos floridos e das flores entrava no carro, pesado e doce.

Nunca mais vi Emile.

3

Então a aeromoça loura trouxe o uísque que eu pedira, peguei o copo e disse:

— Obrigado, Monique. — Eu voava com frequência nos aviões da Euro-Air, e sabia o nome de muitas aeromoças. Tivera um caso com várias delas, com a bela Monique, por exemplo, que nem sabia que iria morrer em poucas horas.

— Foi um prazer, maître — disse ela, e sorriu.

Naquela vez, naquela noite, eu ainda me chamava Charles Duhamel. Cardíaco. Angina pectoris, sob tratamento demorado, com preparados à base de nitro. Antes da partida, por segurança, eu engolira uma cápsula de um preparado de nitro de efeito rápido, pois de modo algum queria ter um ataque a dez mil metros de altura. Eu tomava uma dessas cápsulas antes de cada decolagem. Nunca sofrera um ataque num avião.

Sou um homem feio. Meu nariz é grande demais, torto, a boca muito carnuda, o queixo recuado, a testa alta demais. Sou muito alto, e sempre fiquei de pé, andei e me sentei um pouco curvado, de modo que dava facilmente a impressão de ser corcunda. Como o Rei Ricardo II de Shakespeare, eu não era feito “para representar farsas nem para namorar diante de espelhos enamorados”. Tinha consciência de minha aparência — feia, como que aleijado, com barba curta e cabelo castanho comprido, penteado para trás, para tapar as orelhas um pouco salientes. Eu me achava deformado como o Rei Ricardo, “prematuramente enviado a este mundo de respiração”. Com efeito, eu era prematuro de sete meses, embora assim tão alto.

Contudo, jamais tivera a menor dificuldade em encontrar as mulheres que quisesse. Todas se jogavam para mim. Elas deviam sentir alguma coisa. Com Monique fora certa vez numa cabine do

banheiro dos homens no aeroporto de Orly. Antes disso eu apenas lhe dissera baixinho no balcão da Euro-Air: “Quero você”. Fora o bastante. Depois disso, ela saía do banheiro, eu atrás. Até ali não tínhamos trocado uma palavra. Desde então, sempre que Monique me via, parecia contente; portava-se com absoluta naturalidade.

Coisas semelhantes aconteciam a toda hora. Essa maneira de possuir mulheres me excitava muito. E também excitava muito às mulheres, inacreditável, mas verdade: eu jamais levava um tapa; apenas em duas ocasiões a mulher se afastara sem dizer nada. Mas todas as outras... Fizera amor com elas à noite nos corredores dos vagões de trens, enquanto o trem trovejava pela escuridão, em umbral de casas, em automóveis, lavanderias e banheiros de casas estranhas onde era hóspede, no convés de um iate, uma vez até num vagão cheio de gente do metrô. Eu — e as mulheres — ficávamos especialmente excitados quando havia a possibilidade de alguém chegar e descobrir o que fazíamos. Confesso que há anos essas aventuras eram as que mais me agradavam.

Relendo as últimas linhas, assusto-me porque o que escrevi foi a pura verdade. Naquele tempo, era assim a minha vida. Era tudo o que eu tinha de amor e relacionamento com mulheres. E ainda me sentia bem. Não, não é verdade. Não me sentia bem. Nunca me sentia bem. Muitas vezes pensava em me suicidar. Mas era covarde demais.

4

Você certamente já ouviu falar, meu bem, do homem que dobrou a esquina depressa para comprar cigarros. Foi... e nunca mais voltou.

Esses homens — e mulheres — existem às dezenas e milhares anualmente nos Estados Unidos, e na Europa também. Essas pessoas desertam. Cansaram-se de sua velha vida. Têm saudades de uma nova, que podem iniciar na mesma hora, no primeiro minuto depois de dobrarem a esquina. Há estatísticas sobre esses “desembarcados”. Uma informação da Delegacia Criminal Federal de Wiesbaden diz que em 1980, na República Federal da Alemanha, desapareceram exatamente 3.509 homens e 1.735 mulheres. São 14 pessoas por dia. Cinquenta e um por cento foram encontrados em três dias. Mas os outros — 2.570 homens e mulheres — nunca mais apareceram, e por isso é de supor que realmente conseguiram começar uma nova vida.

Para mim, essa saída de minha existência se tornara uma ideia fixa. Eu não podia evitar, tinha de pensar constantemente neles, nos que dobram a esquina, nos que vão comprar cigarros. Também naquela bela noite de verão, no voo de Paris a Viena, no Boeing 727 da Euro-Air, eu pensava neles, copo de uísque na mão; além da janela à minha esquerda um céu cheio de estrelas. Minha vida se tornara tão insuportável quanto a minha profissão.

Minha profissão!

Que ideais elevados eu tivera na juventude! Com que decência, inteligência e cultura eu sonhava viver como defensor do Direito e de todos os que lutam pelo seu direito. Eu queria servir à Justiça com toda a minha inteligência e força. Infelizmente, ainda me lembrava muito bem desse sonho juvenil, pois isso tornava a coisa ainda mais difícil.

O que acontecera? Eu estudara na pobreza, uma pobreza inimaginável, lavava louça em hotéis, lavava macacões de mecânico imundos, lavava até cadáveres; fora motorista de táxi, pedreiro, trabalhara até depois da meia-noite em gigantescas galerias, o ventre de Paris. Vivera num quatinho minúsculo, nunca tinha o suficiente para comer.

Dominado por meus ideais, eu finalmente chegara diante da Justiça, como defensor. Defendi gente boa, gente simples. Gente injustamente acusada. Resultado? Meu escritório era miserável, eu mesmo tinha uma vida miserável. E depois, mais por acaso, por descuido, quase um erro, um grande patife, um canalha responsável pela derrocada de muitas vidas, contratou meus serviços de advogado.

E daí?

Eu conseguira livrar o cara. Foi a sensação em Paris. De um dia para outro eu tinha um círculo de clientes inteiramente novo. E estava feliz, muito feliz.

E por isso a partir de então, com toda a minha força e inteligência, cacei dinheiro e glória, sem escrúpulos. Nos meus processos sensacionalistas, não recuava diante de nenhum blefe, nenhum truque, nenhuma manobra ousada, quando se tratava — novamente o Rei Ricardo — “de perjúrio, perjúrio no mais alto grau, assassinato, cruel assassinato no mais terrível grau, qualquer pecado executado em todos os graus”. Em mim eles encontravam o seu grande protetor, os criminosos, mesmo os piores. Todos os assassinos se julgavam felizes quando eu os defendia. Sim, desse modo me tornei um astro da advocacia, admirado e desprezado, não importa, desejado! Eu ganhava uma fortuna, tinha um pequeno palácio no bairro mais chique de Paris, um Rolls-Royce, uma casa de campo, um barco no Sul, dúzias de conhecidos: belos, ricos e famosos.

Amigos?

Não.

Um dia eu tivera muitos amigos, e bons, mas fazia muito tempo.

Minha mulher Yvonne tinha ciúmes de meus amigos, e medo deles também, com razão e com instinto certo. Pois meus amigos me perguntaram uma vez, há muitos anos, como eu casara com uma mulher daquela: bonita, brava e burra. E se ofereceram mais tarde para me ajudar na tentativa de abandonar Yvonne. Não foi possível.

Eu não podia. E enquanto o tempo passava, minha mulher afugentou meus amigos de casa, e eu me calava com medo das suas cenas: eram tragédias antigas. E eu estava cheio de medo e covardia, covardia e medo.

Houve só um que desafiou os insultos de Yvonne, todas as suas perversidades: meu colega de estudos, advogado, meu colega de profissão, o bom Jean Balmoral. Tínhamos nos conhecido na Universidade, depois estivéramos um ano inteiro juntos no Institut d'études judiciaires. Já naquele tempo ele era ligado a mim, nunca me abandonava, me era devotado. Bem, eu redigira quase toda a sua tese de doutorado. O bom Jean Balmoral. Meu amigo íntimo. O único.

E eu? Por que não abandonava aquela mulher bela, brava e burra?

Já disse: não era possível. Eu não podia. Quando tomei Yvonne como minha mulher há vinte e um anos, eu era desconhecido e pobre, e o pai dela era rico; ela trouxe dinheiro para o casamento, muito dinheiro. Portanto, separação de bens. Separação de bens segundo o contrato de casamento realizado antes mesmo da própria cerimônia do casamento.

Se eu quisesse me divorciar de Yvonne, ficaria financeiramente arruinado. Naturalmente não era bem assim, mas eu me dizia isso sempre, pois amava o bem-estar. E era covarde, muito covarde.

É verdade que todos os homens são covardes quando se trata de dizer a verdade, separar-se, divorciar-se. Como são diferentes as mulheres, como são audaciosas! O que arriscam os homens? Nada.

Você vai perguntar, meu bem, por que casei com uma mulher assim.

Bem, eu estava apaixonado, não é? Não notei que ela era brava e burra, vi apenas que era linda, tão linda. E éramos jovens, eu vinte e oito anos, ela apenas dezoito. Meus amigos perceberam tudo. Acaso dei ouvidos a um só de todos os que me preveniram? Não. Todos os avisos foram em vão. Pois havia mais uma coisa: estávamos realmente amarrados... como se diz. Estávamos loucos um pelo outro, como animais... e assim foi por sete anos. Depois a embriaguez terminou. E aí notei que Yvonne era burra, burra e brava. Mas era tarde. Pois aí há muito eu começara a minha carreira, e já era famoso.

Tomei um grande gole de uísque, e olhei-me na vidraça espelhada. Minha mulher tinha um amante. O jovem bonito, com pele de pêssigo e longos cílios sedosos sobre os olhos escuros, chamava-se Paul Perrier. Era amante de Yvonne de maneira absolutamente oficial. Em Paris, meu bem, pode-se fazer essas coisas, e eu também estava muito ocupado com minhas damas. Para poder aguentar a vida eu me dizia que tinha de carregar um carma.

A ideia desse carma, desse importante conceito religioso do hinduísmo e budismo, diz que o destino de um homem depois da morte depende de como ele viveu. Segundo seus atos, o morto vai para o céu, para o inferno, ou na Terra assume a forma de um ser humano, bicho ou planta. O carma é por assim dizer o pagamento por ações boas ou más. Segundo ele, eu devia ter feito coisas muito ruins na outra vida, e o carma, o pagamento, era Yvonne. Era a minha dívida de vida, da qual jamais me livraria.

Quem de nós nunca pensou "Agora vou dobrar a esquina, comprar cigarros, agora vou sair de toda essa porcaria, de toda a mentira, covardia e perversidade, e começo uma nova vida, bem diferente"? Quem nunca pensou nisso? Ah, era o jogo que todos jogavam em pensamento, só que ninguém falava nele. Esvaziei o copo e refleti: Quanto tempo ainda posso viver com quarenta e nove?

Um ano? Dez? Vinte? Ou só um minuto? Se eu morresse aqui e agora, pensei, o que se diria de minha vida? Só isso: totalmente sem valor, sem sentido.

5

— Mais um uísque por favor, Monique.

— Imediatamente, maître. — Ela se foi apressada.

Então desta vez eu estava na segunda classe, embora sempre voasse de primeira. O avião viera de Londres, e Paris era só uma escala. A primeira classe estava ocupada pelos membros de uma comissão do governo israelense. Em Viena dariam prosseguimento, com o Chanceler Kreisky, a conferências iniciadas em Londres sobre o problema palestino. Ele se oferecera como intermediário diante de Yasser Arafat. Monique me contara isso depois da decolagem. Antes eu ainda telefonara a Daniel Mann em Viena.

— Tudo OK, velho. Vou pela Euro-Air. Chegaremos em Viena aos trinta e cinco minutos da madrugada.

— Ótimo, então por volta de uma e meia você está aqui.

— Sim — respondi. — Então, até uma e meia, Daniel.

Era apertado na segunda classe. Minhas pernas compridas doíam porque não podia esticá-las. O homem ao meu lado me observava há muito tempo. Então se atreveu.

— Excusez-moi, monsieur, infelizmente je parle français très mal...

— Fala alemão? — indaguei.

— Também entende alemão?

— Sim.

— Fantástico. — Fungou, comovido. Estava muito gripado. — O senhor é o famoso advogado Duhamel, não é?

— Ora, famoso...

— Sim, sim. Vi seu rosto... em jornais alemães há três semanas, quando o senhor libertou aquele homem... Kro... Kur...

— Krupinski.

— Sim, Krupinski! Fantástico! — Olhou-me radiante como uma criança contemplando uma árvore de Natal. — Se o senhor não tivesse cuidado do caso dele, teria sido pena máxima, não é?

— Muito provável.

— Guilhotina, não é? — ele espirrou.

— Não, isso não. Agora com Mitterrand e os socialistas no leme, vão acabar com a pena de morte, senhor...

— Bosnick, doutor. Harald Bosnick. Com ck. Arquiteto.

— Prazer.

— Então, não a guilhotina, mas duas vezes prisão perpétua, não? — perguntou o sr. Bosnick com ck, e assoou-se generosamente num lenço. — Inocente e atrás das grades a vida toda... terrível pensar nisso!

— Sim, não é mesmo? — respondi.

Ah, eu me sentia desgraçado. Como estava saturado de tudo aquilo. Stanislav Krupinski, metalúrgico. Claro que era culpado, aquele animal obtuso. Esquartejara bestialmente os dois velhos a machado. Seu lucro foram cinquenta francos. Sim, mas foi um processo baseado puramente em indícios. Nem uma só testemunha.

E eu destruía, anulava um indício após o outro. Pobre promotor: minhas poses grandiosas, meu hábil tratamento psicológico dos jurados, ele não estava à altura de tudo aquilo. Dois dos jurados choraram quando o juiz pronunciou a absolvição... "por inocência comprovada".

Não por falta de provas, não: por inocência comprovada. Quero ver se alguém me imita. Antigamente, há muito tempo, em momentos desses, eu tinha sentimentos de felicidade, alegria,

triunfo. Mas isso faz muito tempo. Nem mesmo senti satisfação. Rotina, pura rotina, nada mais.

— O senhor faria... o senhor poderia... posso pedir-lhe um autógrafo, doutor? — Ele me estendia um bloco e uma esferográfica dourada. Escrevi meu nome atravessado na página aberta. Foi a última vez, por muito tempo, que escrevi meu nome.

O sr. Bosnick assoou-se estrondosamente no lenço.

— Obrigado! Quando eu contar a minha mulher... fantástico!

— Seu uísque, maître.

— Obrigado, Monique. — Olhei-a. Ela piscou os olhos rapidamente, o que queria dizer: Se quiser, estou pronta. Resolvi aproveitar a primeira oportunidade no aeroporto de Viena. Talvez isso afugentasse momentaneamente a minha melancolia.

Tomei um grande gole, depois não consegui mais escapar ao arrebatado sr. Bosnick.

— O senhor fala alemão muito bem, doutor. Realmente, sem sotaque algum.

— Meus pais eram de Alsácia. Nasci em Strasburgo e passei minha juventude lá.

— Entendo — disse ele.

Naturalmente não entendia nada. Não podia entender. Nada sabia de mim. Meu pai morreu quando eu tinha três anos, e não me lembro dele. Minha mãe era muito bonita. A casa em que vivíamos era dela. Ali ela mantinha uma papelaria. Chegou a guerra, o ano de 1940, a ocupação alemã. Eu tinha oito anos. Os nazistas haviam mandado para a Alsácia-Lorena seus piores fanáticos para "germanizar" o mais possível aquele país que no curso da história mudou tantas vezes de nacionalidade. Portanto, um país sob terror.

Um país com medo. Era preciso falar alemão. Todos os nomes franceses foram germanizados. Passei a me chamar Karl. Na escola, tínhamos de rezar por Adolf Hitler todas as manhãs.

Um alemão alojou-se em nossa casa. No começo minha mãe ficou paralisada de medo e susto. Todos sabiam que alemães vinham para a Alsácia-Lorena. Mas o alemão que morava conosco era um bom homem. Para ele, era perigoso ser bom. Certa vez mamãe o apanhou ouvindo a rádio de Londres. Esse alemão — eu só o chamava pelo nome: Heinz — teve grande medo de que mamãe o traísse. O medo virou confiança, a confiança, amor. O amor proibido entre um alemão e uma francesa.

De repente eu voltara a ter um pai. Sim, Heinz era como um verdadeiro pai para mim. Também nós nos amávamos. Eu o admirava desmedidamente. Era tão sensato, tinha tanto humor. E me deu de presente um livro maravilhoso: os Contos de Fadas dos irmãos Grimm, cheio de lindas ilustrações. Eu lia aquilo com a cabeça em fogo. Logo tinha um conto de fadas predileto. Ainda hoje, depois de tantos anos, quase o sei de cor...

“Antigamente, quando ainda adiantava sonhar, viveu um rei cujas filhas eram muito lindas, mas a mais moça era tão bela que até o sol, que já viu tanta coisa, se admirava sempre que via seu rosto...”

Assim começava o conto de fadas “O Rei Sapo, ou Henrique de Ferro”.

Heinz me deu muitos outros livros. Foi ele quem despertou em mim o amor pelos livros, e me transformou num leitor apaixonado.

Também foi ele quem me fez falar alemão sem sotaque. Com ele aprendi que na Alemanha há pessoas boas e más, como em qualquer outro país do mundo.

Assim que a guerra terminasse, diziam mamãe e Heinz, eles iam casar e morar em Brêmen. Heinz era de lá. Alegrava-me muito com esse misterioso país, a Alemanha. Mas em 1943 Heinz nos deixou e foi ao front leste. Nunca mais ouvi falar nele. Um ano depois nossa casa foi destruída por um bombardeio americano e minha mãe foi morta. Colocaram-me num asilo.

— Senhoras e senhores, aqui fala o Comandante. Estamos sobrevoando o Reno...

6

Para que você, meu bem, possa ter uma ideia do ponto a que cheguei, tenho de lhe contar de meu monstruoso cansaço. Nos primeiros anos de nosso casamento eu quase nem dormia.

Dormíamos, Yvonne e eu, na mesma cama, e passávamos a noite ocupados um com o outro. Muitas vezes isso ia até o amanhecer.

Naquele tempo três ou quatro horas de sono me bastavam; depois disso eu estava absolutamente capacitado a resolver qualquer tarefa intelectual. Seguiu-se um longo período em que à noite eu chegava em casa tão exausto dos acontecimentos no escritório e no Tribunal que só conseguia dormir com remédios fortes, e mesmo assim mal.

Na terceira fase eu estava há um ano quando voei a Viena.

Eu dormia, e dormia, e dormia. Nos domingos e feriados nem saía da cama. Só dormia, sem remédios, catorze, dezesseis, dezoito horas: um sono profundo, sereno, e com belos sonhos. Há muito eu tinha meu próprio quarto de dormir. Yvonne, que nutria grande desinteresse e desprezo pela minha profissão, só ficou nervosa quando cheguei à terceira fase: o sono compulsivo. Acho que encontrei a palavra certa: compulsão de sono, como um alcoólatra pela garrafa e o morfinômano pela injeção. Sempre fui noctívago.

Agora eu já me deitava às nove quando era possível. Os documentos mais importantes para o dia seguinte eram lidos com negligência, e eu me preparava insuficientemente para o Tribunal. Adormecia de imediato, e — era isso o desagradável — de manhã não conseguia sair dos lençóis. Sabia que tinha de me levantar, que tinha compromissos e horários, mas ficava na cama e dormia... por vezes até o meio da tarde. Naquele tempo deixei estourarem debates importantes no Tribunal, e fui objeto da ira dos juízes

normalmente tão benévolos. Isso não podia continuar. Por fim encarreguei um jovem que me assessorava para aparecer todos os dias úteis às sete e me tirar da cama, a pau se fosse preciso. Nossa criadagem fora escolhida por Yvonne, exceto o concièrege, e por isso não merecia minha confiança.

Portanto, meu jovem assessor, que recebera a chave da casa, aparecia todos os dias úteis no meu quarto e precisava de toda a persuasão, e muitas vezes até de força física, para me tirar da cama e cuidar para que eu não me refugiasse outra vez nos travesseiros.

Com corpo de chumbo e a cabeça zonza como se tivesse farreado a noite toda, eu ia ao banheiro, tomava uma ducha gelada, até estar semiacordado, bebia imensas quantidades de café preto forte, e conseguia chegar a um estado em que podia pensar claro e trabalhar. Fazia então o que nunca fizera: dormia à tarde no escritório... e mais uma vez tinha de ser retirado do sofá à força pelo jovem, para quem tudo aquilo era horrivelmente constrangedor, e ser arrastado até a escrivaninha, porque já havia clientes esperando. Em minhas horas de vigília, quando fazia minhas defesas e escrevia textos complicados, tinha apenas um desejo: dormir. Dormir e não acordar nunca mais. Emagreci muito naquele tempo, e tinha o aspecto devastado. Fui a um médico conhecido. Examinou-me, olhou minhas mãos sempre trêmulas, e disse: — O senhor está absolutamente saudável fisicamente. Mas psiquicamente... hum...

— O que quer dizer hum?

— Psiquicamente a coisa com o senhor é a seguinte: o senhor não para de dormir porque se rebela com todas as forças contra a vigília e o trabalho ordenado e pontual. O senhor não trabalha só para si. Também para a sua esposa. Ela tem um amante, não é?

— Sim — respondi.

— Bem, então o senhor também está trabalhando para ele. Para sua esposa e para ele. E é isso que o senhor não quer mais fazer.

Chama-se a isso fuga no sono. O estado vai piorar. O senhor será assaltado por várias enfermidades inofensivas, que pelo menos o

prenderão na cama... Depois vai se refugiar na doença. Os problemas psicossomáticos que o senhor sente podem e vão em breve se transformar em verdadeiras doenças graves. Quando chegar a esse ponto, nem médico nem o melhor psiquiatra poderão ajudar. O senhor precisa se separar da sua mulher imediatamente.

— Não posso.

— Então vai morrer miseravelmente — disse ele.

Pensei nessa conversa quando o avião começou a baixar e ouvi Monique falar. Ela falava ao microfone, e sua voz soava pelo alto-falante de bordo.

— Senhoras e senhores, em poucos minutos aterrissaremos no Viena-Schwechat. Pedimos que coloquem os cintos de segurança e não fumem. — Repetiu as frases em alemão e inglês e, diante de mim, no teto da cabine, acendeu-se uma inscrição luminosa que pedia a mesma coisa em dois idiomas.

Peguei o cinto e coloquei-o sobre o ventre. E parecia afivelado mas na verdade nunca fechava o cinto, nem no avião nem no carro.

Simplesmente não podia. Tinha um medo pânico da sensação de estar afivelado. Enquanto sobrevoávamos a Viena noturna, vi muitas luzes cintilantes. O aparelho fez uma curva fechada. Logo estávamos tão baixo que se podiam ver os sinais luminosos da pista. O avião desceu ainda mais. Senti um suave solavanco quando os pneus tocaram o solo. Depois tudo foi rápido como um raio. Lembrei-me de ter visto um relâmpago passar à minha frente no avião, um relâmpago de uma claridade cegante, nunca vista. Depois, um estrondo terrível, que fazia doer os ouvidos. A pressão do ar me levantou do assento, e foi o fim. Perdi a consciência.

7

Eu estava em outro país.

Lá corria um grande rio, e eu estava sentado à sua margem. O ar era doce, o céu infinitamente amplo e alto. A água abaixo de mim cantava baixinho, e desse rumorejar destacava-se uma melodia, a mais bela que jamais ouvi, doce e melancólica, mas cheia de esperança. E tudo era melodia e harmonia, e todas as minhas preocupações, medos e dores haviam acabado.

Depois voei sobre uma grande cidade em direção a imensos vinhedos e por cima destes vi o belo rosto sorridente de uma jovem de cabelos castanhos e enormes olhos castanhos; o rosto se aproximava mais e mais, e por fim era como se eu mergulhasse nesse rosto, rodeado de segurança.

E havia florestas com árvores antiquíssimas, muito altas, e eu passava por uma catedral iluminada, formada por essas árvores, e ao meu lado ia aquela mulher, e senti com grande emoção que pertencíamos um ao outro, assim como podem se pertencer um homem e uma mulher. E de repente havia uma praia infinita e alva, palmeiras curvando-se ao vento de verão, o mar azul, as ondas brilhando em coroas de espuma. A luz era diferente nesse país, indescritível, uma luz supraterebre de grande intensidade. E vi uma caveira e um relógio de areia vazio, e uma vela queimada e um livro desfolhado, e outros sinais de deterioração, e de repente adivinhei: era o país dos mortos. E vi muitas crianças brincando, e um ancião de rosto curtido de sol. Estava sentado numa mesinha tocando citara e cantava uma bela canção antiga.

E vi uma aldeia muito pequena no meio de prados intermináveis, e por toda parte nesses prados saltavam fontes como chafarizes da terra, e aquela mulher e eu pairávamos sobre os prados e fontes como se fôssemos enfeitiçados e unidos por todos os tempos. E aquela maravilhosa melodia continuava soando, o seu eco

refratando-se por toda parte, pois o país dos mortos era grande como um universo, infinitamente grande.

E continuei voando com essa mulher sobre vales e florestas, rios e montanhas. E havia uma menininha que mancava e ria e acenava para nós, e a seu lado vi um ancião de cabelo branco, e fiquei tão feliz como nunca fora em vida.

Depois repentinamente vi um riacho e nele boiava um morto, e eu sabia que o matara, mas não me importava, uma Madona me olhava sorrindo, a mim, ao assassino, e à jovem ao meu lado.

Depois voamos subindo pelo céu luminoso, mais alto e mais alto, girávamos numa dança, até que subitamente a claridade se transformou em treva, e comecei a cair, cair, cair, e a melodia linda se transformou em um uivo sinistro, e por fim eu estava deitado em grande treva e solidão, e demorou muito tempo até eu reconhecer que eram os uivos das sirenes.

Aquele maravilhoso mundo dos mortos me rejeitara, eu estava novamente no lamentável mundo dos vivos com seu frio e sua desgraça. O uivo das sirenes ficou mais baixo, por fim era um só... e eu, em algum lugar, em nenhum lugar, não sei onde. E pensei que não era a morte que resolvia todas as coisas. Não, era a vida que punha um fim em tudo, a grande felicidade e o grande amor. E fiquei muito triste.

Ainda havia uma sirene uivando.

8

Uma sirene uivava. Depois eram duas.

Depois, três.

Depois não pude mais contá-las. Meus ouvidos zumbiam e estalavam.

Movi cautelosamente um braço, uma perna, a cabeça. Achei que estava deitado sobre alguma coisa dura e espinhenta. Rolei de lado e caí sobre grama úmida, o rosto para baixo. Agora ouvi além do uivo das sirenes gritos agudos, de pessoas em grande sofrimento, em grande tormento. Depois ouvi confusão de muitas vozes, e ruído de motores. E por fim chegou ao meu ouvido o som crepitante de labaredas. Lentamente rolei de costas.

O céu de verão recurvava-se por cima de mim, com suas estrelas infinitamente distantes, infinitamente indiferentes. Sentei-me com cuidado. Parecia não estar ferido. Só sentia dor de cabeça. Vi onde estivera deitado: uma sebe bem aparada, como se plantavam junto das pistas. Hesitante, forcei-me a olhar alguma coisa clara, com chamas cor de laranja, e a alguma distância vi a ruína ardente do avião partido em que eu estivera sentado. Obviamente partira-se ao meio na porta de emergência, e eu provavelmente sentara lá. E assim fui arremessado longe. E você foi jogado longe porque não prendeu o cinto, pensei. Refleti muito tempo nisso. Tinha grande dificuldade em raciocinar. Bobalhão, pensei por fim, porque não se afivelou, foi cuspidado longe. Seu medo de se afivelar lhe salvou a vida.

Os gritos eram pavorosos.

Deviam ser passageiros feridos, pensei. Homens de avental branco corriam de um lado para o outro, ajoelhados diante dos corpos que se retorciam. Da metade dianteira do aparelho restava apenas a parte superior em fogo; o resto se fora. Havia destroços

por toda parte, destroços em chamas. E sempre aqueles gritos agudos.

Chegaram ambulâncias, bombeiros do aeroporto. Levantei-me apoiando-me numa das mãos. Estava muito tonto. Minha cabeça ainda doía. O que acontecera? Tínhamos caído? Mas já avistara as luzes da pista, sentira o primeiro contato das rodas no chão. O que acontecera? Quis andar até aquela ruína em chamas, e notei que só conseguia tropeçar. As pernas falhavam. Parei. Não, não para lá, pensei. E se os destroços explodirem? Cambaleei em direção oposta.

Depois caí, praguejando. No momento seguinte, uma dor aguda no lado esquerdo do peito. De susto, parei de respirar. Se eu tivesse um ataque agora... um ataque agora...

Fiquei deitado na terra, imóvel, esperando. O ataque não veio.

Levantei-me e continuei cambaleando.

Uma rua ao longe.

Carros da polícia, de bombeiros e mais ambulâncias vinham chegando com luzes ligadas e sirenes uivando. As luzes azuis giravam. Pessoas gritavam como animais carneados. O edifício do aeroporto era rodeado de uma alta cerca de arame farpado; vi que estava aberto em vários lugares, para que os veículos de salvamento pudessem chegar diretamente na pista.

O primeiro carro da polícia passou por mim. Recuei tropeçando, assustado. Seguiram-se muitos outros carros, vermelhos, brancos, em ziguezague sobre a pista. Eu me virava, como se a pressão do ar me sugasse. Tudo se via apenas como silhuetas na claridade do fogo: carros, pessoas, os restos do avião. Aproximei-me devagar. Outro veículo me ultrapassou, buzinando forte. Eram carros particulares e um grande caminhão. Vi um emblema e li: TELEVISÃO AUSTRIACA.

Os carros pararam. Homens com câmeras saltaram deles, correram, fotografaram, filmaram. Intensos holofotes acenderam-se no teto do caminhão e erraram sobre a pista. Vi dois homens ao

lado dos holofotes, câmeras manuais apertadas ao ombro. O caminhão adiantou-se. Os homens continuavam filmando. Dos carros de polícia agora desciam bandos de policiais que se separaram rodeando e fechando o local do acidente num grande círculo. Ouvi gritos de comando e sempre aqueles berros. Eu dera talvez uns dez passos, com muito esforço, quando ocorreram duas fortíssimas explosões. Joguei-me no chão e encolhi a cabeça dolorida. A terra tremia como num bombardeio. Torrões de terra choveram à minha volta, alguns caíram era minhas costas. Ergui a cabeça cautelosamente. Os tanques de combustível do avião tinham explodido. Gigantescas labaredas ergueram-se no céu noturno.

Vi os vultos de alguns homens com câmeras diante do mar de chamas. Atreviam-se a chegar bem perto. Também o carro da televisão foi direto para a parede de fogo. Continuei cambaleando.

Agora, o local do sinistro estava bem iluminado. Vi pedaços de metal branco em brasa. Vi médicos em aventais brancos e enfermeiros em uniformes cinzentos ajoelhados diante dos feridos, e vi pedaços de corpos humanos queimando, espalhados num grande círculo. Nunca vira nada tão horrendo. Agora que chegava perto, vi o rosto dos policiais de mãos dadas fechando uma imensa parte da pista, dentro da qual o inferno se desencadeara. Havia pessoas que os empurravam. A fila de policiais ondulava. Devem ser parentes, pensei, abalado. Pessoas que estavam esperando por nós. Havia ambulâncias atrás do cerco. Homens vieram correndo com uma maca. Nela jazia um pedaço de carne sangrenta, que fora um ser humano. Dois enfermeiros carregaram a maca, um terceiro corria do lado. Segurava no ar um frasco de soro. Um cano ligava o soro e a veia do ferido grave. A garrafa reluziu, vermelha. A maca foi rapidamente enfiada na ambulância, os homens saltaram atrás, as portas fecharam-se depressa, a luz azul começou a girar, o carro disparou por uma passagem que os policiais tiveram de abrir à força entre as pessoas. E homens com outra maca correram para a ambulância seguinte. Os policiais usavam capacetes. Continuei cambaleando em direção às pessoas diante do cerco. Elas —

homens e mulheres — tentavam romper o cordão policial e chegar até os feridos. Não conseguiam.

Uma voz reboou num megafone:

— Aqui fala a polícia! Por favor, recuem! Não atrapalhem o salvamento! Os que ainda vivem estão gravemente feridos e precisam ser operados imediatamente. Recuem! Recuem!

Isso ajudou. Lentamente as pessoas recuaram. Agora eu chegava até elas. Muitas choravam, atônitas.

— Meu marido estava no avião...

— O meu também...

— E minha mãe...

— O que aconteceu, inspetor? O que aconteceu?

Um policial alto respondeu, arquejante: — Ataque terrorista. Bomba-relógio a bordo. Explodiu na hora do contato com o solo.

— Muitos sobreviventes?

— Talvez uma dúzia. Gravemente feridos. Todos os outros, mortos.

— Mortos! — guinchou uma mulher.

Afastei-me do local do acidente e entrei na escuridão. Na minha cabeça dolorida continuava a soar: Mortos! Mortos! Mortos!

Também eu deveria estar morto ou gravemente ferido. Mas vivia, e intacto, porque não me afivelara. Isso tinha de ter um significado.

Com toda a força, obriguei-me a pensar.

Embora!

Eu queria ir embora, embora dali.

Embora? Para onde?

Você foi lançado fora de sua vida antiga, pensei, com o maior esforço. Minha cabeça agora doía mais. Lançado fora de sua vida

antiga. Pode começar uma nova vida. Sem Yvonne. Sem patifaria.

Uma vida bem nova. Você é capaz? Isso é possível?

E uma ideia foi tomando forma em mim, lenta e pesada, meu cérebro ainda não funcionava direito. Poderoso era apenas o desejo de sair, sair dali, sair, sair. Caminhei arrastando os pés cautelosamente para um portão aberto na alta cerca de arame farpado. Embora, embora dali! Meus joelhos tremiam. Eu cambaleava. Pé direito. Pé esquerdo. Pé direito. Sair! Não olhar para trás. Sair dali, sair.

Eisenbeiss.

Minha consciência nevoenta fechou-se subitamente sobre essa palavra.

Meu velho conhecido Eisenbeiss.

Só ele podia me ajudar agora.

Ajudar em quê?

Fui tropeçando, terno sujo, sangue na cara, sangue quente e grudento.

Ajudar em quê?

No meu caminho para uma nova vida?

9

O gigantesco saguão do aeroporto estava quase vazio. Todos os que tinham estado ali esperando estavam agora lá fora na pista.

Meus passos pareciam reboar. Eu tinha medo de chamar atenção de alguém. Não podia ser visto agora, se ainda quisesse desaparecer e começar uma nova vida. Estava infinitamente abalado. Uma ideia me fascinava, uma ideia...

No saguão havia cabines telefônicas e catálogos. De repente, de um momento para outro, me lembrara daquele homem. Precisava dele agora. Será que ainda vivia? E se estivesse morto? Morto... bastava que não estivesse registrado no catálogo telefônico, ou se tivesse mudado para outra cidade.

Minhas mãos tremiam, tremiam como as de um velho bebedor quando folheei as páginas do catálogo buscando o nome dele.

Eisenaber... Eisenach... Eisenau... Eisenbeiss!

Emanuel Eisenbeiss.

Enfiei a mão no bolso procurando moedas para o telefone. Havia só francos. Um franco. Dois francos. Cinco francos. Dez francos. Meti a mão depressa no outro bolso, sem sentido, por que eu teria dinheiro austríaco? Praguejei, joguei as moedas francesas no aparelho... Caíram todas para fora outra vez.

Mas tinha de telefonar!

E ali, onde acontecera o acidente, eu não podia pedir a ninguém que trocasse dinheiro francês, se queria sumir, passar para a nova vida. Furioso, arranquei a página do catálogo e pus no bolso.

Quando me virei para sair da cabine, havia um policial parado diante de mim. Tive de abrir a porta. Tive de passar por ele. Tinha de abrir a porta. Tinha de passar por ele. Mas o homem não se afastou.

— Então! — disse ele.

— Pois não? — Fim. Fim. Tudo acabado. Breve sonho, aquele.

— Então, que tal?

Eu o encarava.

— O aparelho funciona? Depois da explosão todas as linhas ficaram mudas. Santo Deus, falei — berrou ele. — O aparelho funciona?

— Não.

— Com quem pretendia falar?

— Minha mulher. Nosso filho estava no avião. — Quem estava falando? Era eu? Eu estava falando, eu?

— O senhor tem passe?

Acabado. Tudo acabado.

— Sim... sim, claro.

Pena pela bela ideia.

— Vai precisar quando voltar para a cidade.

— Por quê?

Seu aparelho de rádio começou a coaxar. Colocou-o no ouvido.

Ouvi: "Sol... aqui fala Sol... Todos a postos. Encontramos uma linha. Fim."

Ele saiu correndo, e gritou sobre o ombro: — As saídas para a cidade estão controladas! Barreiras nas ruas! Preparativos contra outro atentado a bomba.

Limpei meu terno com as mãos, passei cuidadosamente o lenço no rosto, e tratei de sair do saguão, imerso num silêncio de morte.

Fora. Fora daqui! Tropecei ao longo da cerca de arame até um portão aberto. Uma ambulância veio em minha direção, com faróis altos e sirene uivando. Abri os braços e parei no meio da passagem.

O carro freou. Corri para a porta direita e abria-a num arranco. O jovem enfermeiro ao volante me encarou atônito.

— O que foi? Ficou maluco? — ele tentava fechar a porta, mas agarrei-me ao trinco. Vi dois médicos de avental branco na parte de trás do carro, separado do assento da frente por um vidro leitoso meio aberto. Lá jazia junto um homem todo sujo de sangue, o pé direito apoiado no alto. Tudo se passou muito depressa. Vi que tinham tirado as calças do homem. A perna direita estava com um torniquete de borracha à altura da coxa, e tremia. Era apenas uma massa sangrenta de músculos e tendões, mas ele estremecia, violentamente. O rosto do homem estava azulado. Ele estava preso a um frasco de sangue. Um dos médicos tinha um microfone diante da boca.

— ...Walter Sessler, Wienzeile quinze... idade cinqüenta e quatro... — Interrompeu-se e me olhou furioso.

— Feche a porta!

— Deixe-me ir junto!

— De jeito nenhum. Fora. Hans, vá em frente!

O enfermeiro pisou no acelerador. O carro passou pela porta.

Ele tinha de passar para a outra pista. Foi minha sorte. O motorista não podia acelerar direito, primeiro tinha de ver se a pista estava livre.

— Eu lhe suplico... o médico disse que posso ir junto.

— Mas quem é o senhor?

— Irmão dele.

— Como se chama?

Vida nova...

— Sessler! — gritei. — Esse é meu irmão.

— Pra dentro! — gritou o médico.

— Obrigado!... — gaguejei. — Obrigado... — Deixei-me cair no assento ao lado do motorista e bati a porta. A ambulância foi em direção da cidade por uma rua larga. A agulha do velocímetro subiu muito depressa. Oitenta... cem... cento e vinte... a sirene uivava.

O médico continuava falando ao microfone: — Coxa direita... amputação necessária... para onde, Central... para onde, Central...

Nova vida...

— Meu Deus, amputar... — gemi. — Bom Pai do céu, Santa Maria... amputar... bom Deus, por favor, ajude... — Eu precisava parecer desesperado, ou eles teriam suspeitas e me jogariam fora do carro. Afinal, era meu irmão... Uma voz masculina soou no rádio: “Aqui Central... carro vinte e dois... carro vinte e dois... Hospital Geral lotado... Francisco José idem... Vá ao Hospital Rodolfo... repito... Hospital Rodolfo... Compreendeu, câmbio?”

— Compreendido, Central. Vamos ao Rodolfo. Fim.

Eu ainda olhava fixamente para trás.

— Meu irmão... — disse eu. — Meu irmão...

O médico fechou a janela de vidro fosco. Nova vida...

Olhei para diante. A listra amarela que dividia a estrada em duas pistas voava em nossa direção. Estávamos a cento e trinta por hora. Alguns minutos depois apareceram luzes vermelhas. O motorista tirou o pé do acelerador e freou. Era a primeira barreira.

Tochas de querosene ardiavam na beira da estrada. Vi meia dúzia de policiais, todos com pistolas automáticas assestadas. Atrás deles, à direita e à esquerda, veículos de ataque, estacionados de modo a só se conseguir passar bem devagar, em fila indiana.

— Tudo bem — exclamou um dos policiais, que também usavam capacetes. — Prossiga!

O motorista passou pela barreira e imediatamente voltou a pisar no acelerador. No Cemitério Central topamos com a segunda barreira. Também aqui nos mandaram passar. O motorista não falava

uma palavra. Olhava a estrada. A janela do seu lado estava abaixada, e eu sentia o vento quente. Não foi só em Paris que o dia esteve incrivelmente quente, pensei. Você jamais teria passado pelas barreiras sem mostrar seu passaporte, jamais.

A ambulância dobrou à direita, com pneus guinchando, e entrou numa estrada lateral. Depois perdi a orientação. Direita. Esquerda.

Esquerda. Direita. Nisso apareceu uma imensa construção. Ao lado da entrada principal li uma grande placa esmaltada: HOSPITAL FUNDAÇÃO RODOLFO, CIDADE DE VIENA.

Entramos em curva num pátio lateral. Diante da entrada iluminada vi homens de branco esperando. A ambulância parou. A porta traseira abriu-se num arranco. A maca com o ferido foi colocada numa armação com rodas de borracha e sumiu imediatamente, os dois médicos junto.

O enfermeiro desligou o motor e disse: — Seu irmão já está na sala de operação. A Central avisou os cirurgiões pelo rádio. — Ele desembarcou. Também saí do carro, e fui atrás dele no corredor iluminado.

— Não pode vir junto — disse ele diante de um elevador. — Tem de esperar.

— Esperar... Como esperar? Quanto tempo?

— Pode levar horas.

Como eu conseguiria alguns xelins? Não podia pedir a ninguém ali que trocasse dinheiro francês. E tinha de telefonar a Eisenbeiss!

— Onde devo esperar?

— No banco lá atrás, no caminho da capela.

O elevador chegou, entrei e me despedi com um sinal de cabeça.

Andei pelo corredor, de repente senti cheiro de incenso. No mesmo momento, tive aquela ideia. Lá havia uma pequena capela. Um homem saiu de lá e passou por mim. Pensei que a gente

também pode ir à igreja aqui nesse hospital durante a noite rezar pela vida de uma pessoa ou pela própria.

Entrei na capela. Uma lamparina eterna ao lado do altar era a única iluminação. Ao lado, algumas flores em vidros de geleia. Havia velas enfiadas nos espinhos de uma armação de ferro com muitos braços, velas grandes e pequenas. Não estavam acesas. Só do corredor entrava alguma luz. Meus olhos levaram tempo para se habituarem à penumbra. Depois vi o que procurava. Debaixo da Madona com a criança havia, numa coluna, uma caixa de madeira do tamanho de uma caixa de charutos. Podia-se jogar dinheiro ali dentro através de uma fenda. Tirei a caixinha do gancho, e coloquei-a no chão de pedra. Escutei cautelosamente. Não se ouvia passo algum. Pisei com força na portinha primitiva na frente da caixa, que saiu dos gonzos com um rangido. Senti uma pontada de dor aguda, como se tivesse dado um pontapé no meu próprio peito. Um ataque?

Logo agora? Não, não, não... nada de ataque, por favor. Fiquei bem quieto e esperei. O suor me corria da testa. Não veio ataque algum.

Ajoelhei-me. Não se via nada no chão. Afastei a portinhola quebrada e apalpei moedas e notas. Deixei as notas, peguei todas as moedas que encontrei e meti-as no bolso. Depois recoloquei a caixa na coluna e enfiei duas notas de cinco francos na fenda.

Ouvia-se o uivar de sirenes. Certamente outro transporte de feridos chegando.

Saí depressa da capela e quase me choquei com duas mulheres que queriam entrar.

— Também se pode viver com uma perna — disse uma delas. — Podia ter sido pior, Matilde.

— Por que teve de acontecer isso com o rapaz? — perguntou a outra, chorando. — Sou tão velha, estou esperando a morte, e a morte não vem. Antes Ele me tivesse deixado morrer, poupando essa desgraça ao pobre Walter.

— Nas mãos de Deus, Matilde — disse a primeira. — Estamos todos nas mãos de Deus.

Mal passara pelas duas, comecei a correr.

Estavam tirando outro ferido grave de uma ambulância e colocando-o na cama de rodas. Ergui os olhos para as paredes do pátio. Todas as janelas bem iluminadas, cheias de pessoas com camisolas e pijamas. Devem ser doentes, pensei. Olhavam para baixo, nervosos e excitados e lascivos, comprimindo-se nas janelas, homens de um lado do pátio, mulheres do outro.

Eu podia ver os rostos deles nos dois andares inferiores, e pensei nas maldosas caricaturas de Honoré Daumier. Um carro parou ao meu lado. Um homem de calça e camiseta saltou dele.

— Doutor Demel! — chamou uma voz.

— Estou indo!

— Venha logo!

— Acabei de fazer um plantão de quarenta e oito horas, diabos!

— Eu também! — gritou a voz. — Depressa!

O médico correu pelo pátio e desapareceu na entrada iluminada.

Cheguei perto do carro cuja janela da frente estava abaixada. Vi a chave na ignição, abri depressa a porta, enfiei-me atrás do volante e dei a partida. O pátio era grande, fácil de manobrar. Quando saí para a rua, escutei homens e mulheres gritando numa confusão. Afundei o pé no acelerador. Embora! Tinha de ir embora dali também! Para sair completamente da minha vida antiga... e talvez, se tivesse sorte, entrar numa vida nova, melhor.

O relógio do painel marcava duas e cinco. De repente lembrei-me de Daniel Mann, o advogado, por causa de quem eu estava ali.

Ele já devia estar esperando por mim em seu escritório no Graben... em vão, pois eu não iria para lá, na minha vida antiga, e com certeza não na nova vida. Por isso, nunca saberia o que era tão incrivelmente importante para nós dois, tão desmedidamente

significativo que ele ainda tivesse que me ver naquela noite. Não, eu nunca saberia. Uma sensação sinistra foi me invadindo, de estar me equilibrando como um acrobata entre duas vidas.

Errei em ziguezague por ruas laterais apertadas, e quase morri de praguejar. Não encontrava mais a rua principal. E não se via ninguém. Minhas mãos ficaram úmidas. Eu suava. Estava aponto de parar o carro e descer quando finalmente avistei uma cabine telefônica. Parei junto dela, remexi no bolso direito do casaco, pesado de moedas da capela, achei um xelim, e joguei-o na fenda do aparelho. Depois, do bolso esquerdo tirei a página do catálogo telefônico que arrancara em Schwechat.

Eisenbeiss... lá estava ele.

Disquei depressa.

Soou o chamado. Ninguém atendeu. Não está em casa, pensei em pânico. Viajou. Ou morreu? Não, então não estaria mais na lista telefônica. Ou sim, o catálogo só saía uma vez ao ano. Ele bem podia estar morto...

— Que diabo, quem é? — A voz dele...

Recostei-me na parede de vidro da cabine e senti um grande alívio.

— Alô! Alô! Fale, seu porco!

Eu esquecera de apertar o botão de falar.

— Emanuel — disse eu. — Aqui é Charles.

— Charles! De onde está falando? Paris?

— Não, Viena.

— Como, Viena?

— Explico depois. Posso ir até aí agora?

— Sim, claro, naturalmente... onde está?

— Dapontegasse catorze — respondi. Li numa plaquinha esmaltada sobre o aparelho.

— De carro?

— Sim.

— Em direção de um parque?

— Sim.

— Então tem de virar o carro. Volte até a primeira transversal. É a Ungargasse. Entre pela Ungargasse à esquerda. Vai dar direto na Rennweg. Desça a Rennweg até a Schwarzenbergplatz. Conhece o Ritz?

— Sim. — Eu sempre fiquei no Ritz quando estava em Viena.

Hoje também tinha uma suíte reservada lá. Entretanto não iria mais para lá. Tudo era diferente agora.

— Suba o Ring até a Ópera. Conhece também, não é?

— Sim, conheço.

— Bom. Estacione direto diante do Hotel Bristol, espere diante dele. Vou apanhá-lo lá. Não leva cinco minutos, OK?

— OK. — Desliguei, corri até o carro e virei-o. Depois fiz como Eisenbeiss me explicara. Alguns minutos depois cheguei ao Ring.

Subi por ele, passando pelo Ritz. Perto do Bristol, entrei numa lateral, entrei num estacionamento, desci e simplesmente deixei o carro ali, depois de trancar todas as portas e colocar a chave no assento dianteiro. Tinha de cuidar para que ele não fosse realmente roubado. Depois andei até o Bristol e esperei por Emanuel Eisenbeiss. Conhecia-o há anos e sabia muita coisa a seu respeito, muita coisa mesmo...

10

Num belo dia de maio de 1956 um senhor elegante de boa aparência, com uns quarenta anos, estava sentado no Café de la Paix em Paris, lendo atentamente a parte local do Figaro. Até então esse cavalheiro agira nas metrópoles da Europa e da América sob vinte e seis nomes e com vinte e seis rostos diferentes. A polícia não conseguira uma só vez prendê-lo por vigarice, logro ou falsificação de recibos bancários, embora o distinto senhor de personalidade encantadora fosse culpado por esses e outros delitos. No momento chamava-se Jacques Delorme, e todos os seus documentos, perfeitos, feitos por ele próprio, atestavam isso. Seu nome verdadeiro era Emanuel Eisenbeiss.

Do outro lado da mesinha sentava-se um jovem que até ali vivera com três nomes e três identidades. Eisenbeiss estava convencido de ter descoberto um talento que justificava as mais belas esperanças. O jovem chamava-se Pierre Fontaine. Eisenbeiss deu-lhe o jornal e indicou uma coluna. Fontaine leu que a Torre Eiffel estava num estado lamentável e tinha de ser totalmente renovada, trabalho que custaria tanto ao Estado que haveria protestos perguntando se não seria melhor — e sobretudo mais barato — derrubar a Torre.

— Você leu, Pierre? — perguntou o elegante Eisenbeiss.

— Sim — disse seu discípulo Fontaine.

— Então, vamos pôr mãos à obra.

— Que obra?

— Vender a Torre Eiffel — respondeu Emanuel Eisenbeiss, aliás, Jacques Delorme.

— Mas é impossível!

— Não totalmente — disse Eisenbeiss. — Precisamos é de licenças do governo e de papel de carta timbrado da Administração

Pública de Parques e Construções. Tenho modelos. O resto é ninharia. — Eisenbeiss tinha em Marselha uma oficina perfeita de falsificações, que já funcionara durante a Segunda Guerra. Fizera inúmeros passaportes falsos, livros de soldo e atestados de liberação da Wehrmacht alemã.

No mesmo dia voou com seu discípulo a Marselha e passou dois dias em grandes atividades. Quatro dias depois os cinco maiores negociantes de sucata de Paris receberam cartas oficiais da Administração de Parques e Edifícios Públicos. Nessas cartas “estritamente confidenciais”, pedia-se aos cavalheiros que comparecessem na sexta-feira seguinte, às quinze horas, no apartamento 312 do Hotel George V. Tratava-se de uma missão do governo. Assinado: Paul Rebout, Diretor.

O diretor Paul Rebout recebeu os cinco cavalheiros. Também os apresentou a seu colaborador René Noilly. Os dois pareciam-se mesmo com o verdadeiro diretor Rebout e seu assistente Noilly — Eisenbeiss era famoso por sua arte de maquilador, e levava o trabalho muito a sério. “Nunca seja relaxado”, era o seu lema. Aquele criminoso cavalheiro, já legendário, modelo de muitos companheiros de corporação, era também um homem de extraordinários dotes psicológicos. Transformava em vantagens os pontos mais fracos dos seus golpes.

— Senhores — disse andando de um lado para outro com passo comedido —, certamente estão admirados pensando por que os recebo aqui e não em meu escritório. Bem, naturalmente isso tem seus motivos, e quero ser bem honesto com os senhores. Vejam, nós, funcionários públicos, mesmo nos mais altos postos, levamos uma vida difícil. Temos de estar sempre muito bem-vestidos, temos de representar o governo... e sempre nos perguntamos: com que dinheiro? Nossos ordenados são tão modestos, senhores, que meus amigos e eu simplesmente não temos outra solução para nossos problemas senão a de... hum... não recusarmos uma ajuda amigável.

— Quer dizer: os senhores se deixam subornar — disse agressivamente um dos sucateiros.

— Na sua profissão estão acostumados a uma linguagem... digamos, um tanto rude, senhor — respondeu o diretor Rebout puxando o bigode (colado). — Mas aceito a formulação. Por motivos de discrição, pois, é que os recebemos aqui, e não oficialmente.

Compreendem?

— Não somos idiotas — disse o segundo sucateiro, e Rebout conseguiu conter sua hilaridade diante da frase. — Assim acontece em todos os setores públicos. Então, vamos ao assunto!

— O assunto — disse Rebout — é que eu os introduzirei em um segredo, senhores, que além de nós dois só o Presidente e o Primeiro-Ministro conhecem. Portanto, preciso pedir sua palavra de honra de que não falarão sobre o caso com ninguém... repito, ninguém... — Uma pausa artificial, e teatral, e depois: — O governo mandará vender a Torre Eiffel como ferro velho.

Os cinco fizeram caras solenes. Era realmente um belo naco.

— Certamente — prosseguiu Rebout — os cavalheiros leram sobre os altos custos dos consertos que a Torre exigiria. Na verdade a Torre do Senhor Eiffel foi imaginada apenas como a sensação da Exposição Mundial de 1889, e depois devia ter sumido. Muitas pessoas sempre a consideraram uma deformidade na paisagem de nossa cidade. E ficarão satisfeitos agora.

No curso da tarde, Rebout visitou a Torre com os senhores, explicou-lhes profissionalmente detalhes da construção e o peso de cada peça, e disse que a construção da torre custara mais de sete milhões de francos:

— Em 1889, sete milhões de francos ainda eram sete milhões de francos... uma soma monstruosa.

Indagado, disse que eram sete mil toneladas de ferro muito valioso que seria vendido como sucata. Depois pediu aos senhores que mandassem ofertas em envelopes fechados ao seu apartamento

do George V até segunda-feira ao meio-dia, e insistiu mais uma vez em que se tratava de um segredo de Estado, que teriam de tratar com absoluto sigilo.

Sozinho com seu discípulo, Eisenbeiss declarou a Fontaine, mudo de admiração e respeito, que se informara exatamente sobre os cinco sucateiros antes de os convidar.

— Por isso também já sei a quem venderemos a Torre Eiffel — disse ele.

— Mas como...?

— Psicologia, meu jovem amigo, psicologia é tudo. Quatro dos cavalheiros receberam sua empresa do pai. São cidadãos ricos. Um deles porém é novo no ramo, vem do interior, e comprou a empresa.

Seu nome é monsieur Tessier.

— E por que logo ele?

— Ah — disse Emanuel Eisenbeiss, que no momento se chamava Paul Rebout —, por que será? Porque nosso amigo Tessier é dominado pela ambição de entrar na boa sociedade parisiense, mas ainda não o conseguiu. A compra da Torre Eiffel o lançaria por assim dizer dentro dessa boa sociedade parisiense, não é mesmo?

Chegaram as ofertas. A do camponês Tessier foi a mais alta.

Paul Rebout mandou seu discípulo telefonar a Tessier e participar-lhe que ele seria o feliz dono da Torre Eiffel, assim que o contrato estivesse escrito e houvesse um cheque da soma oferecida. O diretor Rebout aguardava no George V.

— Mas um cheque não é perigoso demais? — perguntou o jovem Fontaine. — Por que não o mandamos trazer dinheiro vivo?

— Meu jovem amigo que ainda tem muito a aprender, dinheiro vivo é ordinário. Não se aceita dinheiro. Aceitam-se cheques. Em caso de suborno seria diferente. Aí um cheque seria errado. Suborno, só em dinheiro vivo.

— E se Tessier começar a contar logo que comprou a Torre Eiffel, talvez o tenhamos recém-depositado em nosso banco, e ele ainda o possa mandar bloquear.

— Ele jamais faria isso.

— Por que não?

— Por que eu o convocaria, por sua palavra de honra de francês, a calar-se sobre a compra enquanto o governo julgar conveniente.

Não imagina, caro amigo, como há cidadãos bonzinhos que dão sua palavra de honra como franceses.

No outro dia apareceu o monsieur Tessier, deu sua palavra de honra de francês, assinou um contrato, recebeu o original assinado por Rebout, deu o cheque e, enquanto se remexia para um lado e outro de constrangimento, deixou transparecer que trouxera um pequeno suborno para os sofridos funcionários... em moeda sonante.

— Não se envergonhe, meu caro — disse Rebout cordialmente.

— Acaso nós nos envergonhamos? — E acariciando o bigode (colado), aceitou o gordo maço de notas que lhe era dado pelo feliz comprador da Torre Eiffel. Quatro dias depois o gigantesco pagamento do cheque de Tessier era descontado e colocado numa conta de Emanuel Eisenbeiss. Depois este foi com seu colaborador para a Itália, gozar férias. Lia diariamente os jornais parisienses. Seis semanas depois, disse a Fontaine: — Tessier não fez queixa contra nós. Sem dúvida tem medo de que a sociedade parisiense ria dele. Então podemos vender a Torre uma segunda vez.

11

Eu acabava de passar pela terceira vez diante do Hotel Bristol e me virava nos saltos dos sapatos quando vi Emanuel Eisenbeiss diante de mim, braços abertos. Com seus sessenta e cinco anos, era um homem alto e esbelto, o mesmo charme invencível de sempre, responsável por cinquenta por cento de sua “ferramenta de trabalho”. Todos lhe dariam cinquenta anos. Seus olhos brilhavam, o cabelo ainda era basto e preto, tinha a agilidade e os movimentos silenciosos de um gato. Parecia todo bondade. Bondosos eram seus olhos, o contorno de sua boca, seus gestos. Bondosa a sua voz.

Abraçamo-nos e nos batemos nas costas. Depois Eisenbeiss teve de se assoar, tão comovido estava, e também fiquei emocionado. Eu tinha a especial honra e alegria de não só conhecer aquele homem, um dos últimos grandes gângsteres, mas de, na única vez em que ele apareceu diante de um tribunal, tê-lo defendido e conseguido sua absolvição. Fora em 1973, há oito anos, em Paris, por causa de um golpe de milhões com ações falsas. O que o protegera por tanto tempo — seus muitos nomes, sua capacidade quase ilimitada de aparecer cada vez com nova máscara e novos disfarces — também me ajudara. Suas vigarices estendiam-se por vários países da Europa, em toda parte se conhecia Eisenbeiss sob outros nomes e com outra aparência. A polícia sabia: tinha agarrado o homem certo, mas era quase impossível prová-lo. E exatamente por esse “quase”, eu a derrotei. Também conheço uma porção de bons truques. Desde o momento de sua absolvição, Eisenbeiss tinha obsessão em me fazer um favor, sempre me visitava em Paris, me assegurando que bastava eu procurá-lo se algum dia estivesse em apuros. Não havia o que ele não fizesse por mim. Bem, agora chegara a oportunidade.

— Acabo de me lembrar da sua Operação Torre Eiffel — disse eu.

Riu:

— Não foi nada de especial — disse.

Não sei, meu bem, por que naquela hora pensei na história da Torre Eiffel. Certamente porque na sua encantadora insolência ela fosse tão típica de Eisenbeiss, e talvez isso que escrevi aqui lhe dê uma leve ideia desse homem genial.

Tínhamos nos cumprimentado na sombra, ao lado da entrada do hotel. Agora a luz de um lampião da rua caía sobre mim.

— Charles, pelo amor de Deus, o que aconteceu? — Eisenbeiss me olhava horrorizado. — Você está branco como a morte. Tem sinais de sangue no rosto, a camisa rasgada.

— Só um arranhão — disse eu. — Tive sorte. Uma sorte inacreditável.

— Mas o que aconteceu?

— Aqui não — disse eu, subitamente nervoso e inquieto. — Vamos embora daqui, depressa. Em sua casa lhe contarei tudo.

— Está bem, Charles, está bem.

Passamos depressa pela Ópera, pela Philharmonikerstrasse no Hotel Sacher, atravessamos a praça Albertina, chegamos à Augustinerstrasse, passamos pela Josefsplatz, e chegamos à redonda Michaelerplatz, com a parte dos fundos do Hofburg, suas fontes e grandes estátuas de pedra. Não vimos ninguém.

No centro de Viena há incontáveis “casas de passagem”, que por assim dizer ligam uma ruela a outra, com uma passagem através da própria casa. Uma dessas casas, ao lado da Michaelerkirche, levava do Kohlmarkt à Habsburgergasse. Eisenbeiss parou mais ou menos no meio dessa passagem, entre lojas e entradas de casas, e abriu um pesado portão. Numa escadaria pintada de branco vi a gaiola de arame de um velho elevador de madeira, que rangia e estalava enquanto subíamos ao quinto andar. Eisenbeiss morava ali. Embora me tivesse visitado tantas vezes em Paris, eu nunca estivera na casa dele, e a beleza de seu apartamento decorado em estilo barroco me deixou muito impressionado.

— Maria está dormindo — disse ele. — Uma boa mulher, nunca fala com ninguém sobre mim e meus hóspedes. — Eu sabia que Maria era sua governanta há muitos anos. — Vamos até a biblioteca.

Lá todas as paredes estavam repletas de livros até o teto, as lombadas reluzindo magicamente, vermelhas, azuis, marrons e douradas, quando Eisenbeiss acendeu um abajur.

— Sente-se, Charles. O que quer beber? Conhaque? Uísque?

— Conhaque, por favor.

Tirou de um armariozinho dois grandes cálices bojudos, acendeu a chama de um pequeno aquecedor a álcool, aqueceu cuidadosamente os copos, e só então derramou o conhaque neles.

E estendeu-me um.

— Salut, Charles!

— Salut, Emanuel — disse eu.

Sentou-se:

— Então, o que aconteceu?

E contei-lhe tudo. Nem um músculo se moveu em seu rosto. O tom de sua voz não se modificou um pouco que fosse; quando por fim me calei, ele se levantou.

— Vamos ouvir rádio. A televisão não está mais funcionando a essa hora.

Os aparelhos eram embutidos em uma das estantes de livros.

No rádio ouviu-se a voz do locutor: — ...iniciou-se uma grande caçada aos terroristas, em Londres, Paris e Viena... — E depois de uma pausa: — Aqui é a Rádio Austríaca com seu terceiro programa. Repetimos uma informação: Na linha habitual Londres-Paris-Viena, da Euro-Air, voo sete cinco três, realizou-se um brutal ataque terrorista. O aparelho saiu de Paris às vinte e duas horas e quarenta e cinco minutos. Exatamente aos trinta e cinco minutos da madrugada os pneus do avião tocaram a pista em Schwechat. No

outro segundo explodiu uma bomba-relógio escondida a bordo. O resultado foi um terrível banho de sangue. O aparelho quebrou-se em duas partes. Segundo as últimas informações, oitenta e um passageiros morreram, incluindo toda a tripulação.

Dos quinze feridos graves que foram levados imediatamente a vários hospitais e submetidos a intervenções cirúrgicas, nove estão em perigo de vida. A bordo do aparelho, na primeira classe, havia dezesseis membros de uma comissão do governo de Israel a caminho de Viena para conferências com o Chanceler Kreisky. Os dezesseis israelenses estão entre as vítimas fatais. A bomba estava presa debaixo da cabine de primeira classe, no setor de cargas. Um porta-voz da organização secreta palestina "Areias Negras" disse a uma agência de imprensa na Áustria por telefone que assume a responsabilidade do ato...

— Homens — disse Eisenbeiss — lobos dos homens.

— ...Devido à nova ameaça de bombas do "Areias Negras", iniciou-se imediatamente uma grande perseguição aos terroristas em Londres, Paris e Viena... — Mais uma pausa, e depois: — Aqui é a Rádio Austríaca em seu terceiro programa. Estamos dando informações constantes sobre o ataque terrorista a um aparelho da Euro-Air, ocorrido hoje à primeira hora da madrugada...

Eisenbeiss desligou o rádio e disse: — Termine o seu conhaque.

Bebi. Ele tirou o copo de minha mão, aqueceu-o outra vez, e serviu mais conhaque.

— Emanuel — disse eu, rouco —, sou o único que escapou ileso da catástrofe. E ninguém sabe disso, além de nós dois.

— Vamos brindar a isso — disse ele.

— Você me conhece. E conhece minha mulher...

— Aquela fera — disse ele. — Aquela peste.

— Emanuel — gaguejei —, com tantas vítimas... Se eu não aparecer mais. Se desaparecer, apagar toda a minha existência...

Então vão acreditar que estou entre as vítimas. Eu as vi! Em pedaços, calcinadas, não poderão ser identificadas... — Agora, uma represa se rompia. Eu falava cada vez mais depressa. No silêncio e na paz daquela biblioteca, com meu velho e bom conhecido Eisenbeiss, depois da fuga do inferno, depois de meu caminho aventureiro até ali, finalmente minha ideia fixa entrava no terreno das possibilidades. E eu disse, gaguejando, precipitadamente: — Estou morto, Emanuel... Para o mundo, estou morto... Mas estou vivo, Emanuel, ainda vivo!... Está me compreendendo? Compreende?

— Sim, Charles, claro!

— Não aguento mais a minha vida antiga! Não só por causa de Yvonne... Não, não é só ela... Também por causa de tudo o que faço diante do tribunal... como uma estrela da advocacia... como estrela da advocacia! Essa vida se tornou absolutamente insuportável!...

Mas agora posso começar uma segunda vida... Uma segunda vida! E nova. Totalmente nova!... Uma vida bonita, livre... Emanuel!

— Sim — acalmou-me ele. — Sim, Charles, sim.

— Vai me ajudar a começar essa nova vida?

— Claro — disse ele. — E estou feliz por ter chegado a hora de mostrar minha gratidão.

— Quanto tempo vai levar?

— Três dias. E o senhor precisará de mais do que apenas um passaporte novo.

— Três dias — disse eu. — Três dias... — Não pude mais falar.

Uma nova sensação me dominava. Tive de me esforçar por respirar quando entendi que emoção era essa. Era felicidade. Felicidade. O "princípio esperança" agora valeria para mim também. Agora eu tinha esperança, muita, muita esperança.

E você desce as escadas, e diz que vai só dobrar a esquina, e comprar cigarros...

Comprar cigarros...

Eu já dobrara a esquina. Comecei a rir, uma risada rouca, primeiro baixinho, depois cada vez mais alto.

Emanuel ria comigo.

— Obrigado! — exclamei. — Obrigado, Emanuel! Obrigado, obrigado.

Ah, belo mundo! Ah, bela vida nova!

O choque veio de repente, com atraso. Calei-me de repente.

Deixei cair o precioso cálice, que se partiu, derramando conhaque no tapete. Meu corpo todo começou a tremer. Os dentes batiam.

— Charles! — exclamou Eisenbeiss.

— Eu devia estar morto — gaguejei. — Devia estar morto. Como é que estou aqui, vivo? Mas estou mesmo vivo? Não será tudo um sonho, e eu já bati as botas?... O fogo, Emanuel, o fogo, o relâmpago, aquele relâmpago horrível... Não quero estar morto... Não quero...

Não quero... — Lágrimas me corriam pelo rosto. As mãos tremiam tão violentamente que pareciam esvoaçar. Eisenbeiss saiu da sala correndo e voltou com um copo contendo um líquido amarelo.

— Beba isso!

— Não posso... Não posso...

— Vamos, beba!

— Não, Emanuel, estou com medo... Os braços... as pernas... o sangue por toda parte...

Ele fechou meu nariz. Abri a boca para respirar e ele despejou o conteúdo do copo em minha garganta. Engoli e tossi fortemente.

Depois senti calma e calor se espalharem por meu corpo. O medo cedeu. Eisenbeiss colocou minhas pernas sobre o sofá e tirou meus sapatos. Enfiou uma almofada debaixo de minha cabeça.

— Você vai dormir agora — disse ele. — Vou pegar um cobertor para que não sinta frio. — Afrouxou o nó de minha gravata e abriu o colarinho da camisa. — Está tudo bem, Charles, tudo bem... — E acariciou meu cabelo. Depois saiu para pegar o cobertor. Quando voltou, eu já dormia profundamente. Deve ter me dado um remédio muito forte.

Tive muitos sonhos, todos ruins. O pior deles ainda recordo. Eu estava deitado na sarjeta, o rosto para baixo sobre um ralo, e um besouro pesado, quase metade do meu tamanho, sentado sobre as minhas costas. Ele usava um casaco antiquado, um chapéu redondo duro, e um pincenê, e dizia sempre a mesma coisa: "Eles vão te pegar, eles vão te pegar". E durante todos esses sonhos, senti um medo horrível.

Quando acordei, era no meio da tarde. As venezianas estavam cerradas. Da rua vinham vozes fracas e o ruído do trânsito. Levantei-me e fui até a janela. Lá fora, vi pelas venezianas, ardia o sol. Na biblioteca estava escuro e fresco. Quando me virei da janela, vi Eisenbeiss. Estava sentado numa poltrona perto do sofá onde eu dormira.

— O que está fazendo aqui, Emanuel?

— Preciso cuidar de você — disse ele. — Dormiu muito mal.

Uma vez rolou do sofá, e tive de colocá-lo de novo no lugar e o cobrir.

— Mas você também precisa dormir!

— Ontem fui para cama cedo, e já dormira umas horas quando você telefonou. Não preciso de mais do que algumas horas de sono.

Sou um velho. — Fez um gesto de negativa quando quis interrompê-lo. — Um velho, é verdade. O apartamento tem dois banheiros.

Venha, vamos nos arrumar! Infelizmente não posso lhe oferecer outra roupa de baixo nem outro terno... você é maior do que eu.

Tomei um banho demorado. Lavei a poeira do corpo e os sinais de sangue seco do rosto. A água quente era agradável. Fui me sentindo melhor. Minha nova vida, como seria? Pensei nas muitas possibilidades de organizar essa minha nova vida, e depois pensei novamente que nenhuma dessas possibilidades era realista. Fiquei deitado quieto na banheira, e por fim não pensei em nada mais. Uma grande paz me dominava.

Depois me vesti contrariado. Já usara aquelas roupas no corpo na noite anterior, e me lembravam minha velha vida. O colarinho estava rasgado, e quando peguei o casaco caíram do bolso algumas das moedas que eu roubara no Hospital Rodolfo. Tirei todas do bolso e levei-as na palma da mão à sala onde Eisenbeiss me esperava. Ele vestia um terno de verão claro e leve. Na mesa onde se sentava estava servida uma farta refeição.

— O que é isso?

Contei-lhe o que era e de onde vinham. E coloquei as moedas na mesa, à frente dele.

— Vou dar tudo a Maria — disse ele. — Ela as gastará. Não foi muito inteligente de sua parte meter duas notas de cinquenta francos na caixinha.

— Não acha que me encontrarão por causa disso?

— Você deixou uma pista. Não se deve deixar pistas. — Sorriu, apaziguadoramente. — Não se preocupe. Isso é mania profissional minha. Você deve estar com uma fome de lobo, Charles. Sente-se! — E serviu café. — Coma bastante, os frios estão excelentes. Maria foi fazer compras.

— Onde está ela?

— Na cozinha. Não a verás. Não quer ser indiscreta.

— Mas, Emanuel, por favor...

— Não, é melhor assim. — Empurrou um jornal em minha direção. — Saiu há uma hora. Edição extra do Kurier.

Peguei o jornal de seis páginas e desdobrei-o. A metade do jornal era ocupada por fotos tecnicamente excelentes e, por isso, particularmente cruas do local do acidente. Numa moldura grande, os nomes dos mortos, numa bem pequena os dos feridos graves, um dos quais morrera à noite.

Li rapidamente os nomes. Monique Monet. Olhei o nome. O que eram vida e morte? Ninharias. Morria-se... vivia-se. Procurei o homem com quem conversara, o Sr. Harald Bosnick com ck, tão gripado. Lá estava o seu nome. Morto. Estivera sentado ao meu lado.

Com cinto de segurança fechado. Se não se, tivesse afivelado, talvez estivesse vivo, como eu. Ou não. Não haveria acaso? Seria tudo predeterminado? Em nosso mundo as maiores e as menores coisas ocorreriam segundo um plano irrefutável?

Logo depois vi o retrato de Monique numa página cheia de fotos dos mortos. Havia retratos de todos os membros da tripulação, retratos dos dezesseis israelenses, de um tenor da ópera alemã no Reno... e depois me vi a mim mesmo: ESTRELA DA ADVOCACIA PARISIENSE CHARLES DUHAMEL. Devia ser uma foto de arquivo.

Sim, lá estava em letras pequenas: FOTO FRANCE SOIR. Li que os corpos de muitos passageiros estavam tão despedaçados que sua identificação seria impossível. Tinham-se baseado na lista de Paris para ver quem estava a bordo.

Larguei a edição extra.

— Acredita no acaso, Emanuel? — perguntei.

— Não — respondeu ele. — Não existe acaso. Essa é a minha crença particular, que não se pode provar cientificamente. Tudo o que acontece neste mundo é determinado. Você vive porque devia continuar vivendo — para bem ou mal, isso também já foi constatado. Pense em Goethe! — Ele citou: — “A Deus pertence o

Oriente! A Deus o Ocidente! As terras do Norte e Sul estão em paz nas Suas mãos!” — Voltou a sorrir. — Depois de velho ainda por cima fiquei crente. O camembert também está excelente — disse depois. — Coma!

Então peguei o queijo e pensei: Que singular, se Eisenbeiss tiver razão, então desde sempre esteve determinado que Daniel Mann me telefonasse ontem à noite pedindo com urgência que eu viesse a Viena, e eu voasse com aquele aparelho acidentado. Predeterminada estava também a morte de tantas pessoas estranhas umas às outras, e determinada estava nova vida... logo para mim! Sim, se Eisenbeiss tivesse razão. Eu não acreditava em Deus. Mas naquilo naturalmente gostava de acreditar. O camembert era realmente muito bom.

12

Meia hora depois meu velho conhecido disse: — Vamos?

— Aonde?

— Mas eu não trabalho aqui.

— Ah, sim. O Museu. Eu tinha esquecido.

Ele balançou a cabeça:

— Apenas direi a Maria que estarei lá por uns dias... com licença!

— Saiu depressa, e me levantei. Então descobri numa pequena moldura um recorte de jornal já amarelado, atrás de um vidro, um retrato em que aparecíamos nós dois: Eisenbeiss e eu, rindo felizes depois da absolvição. Debaixo da foto havia um vaso de cristal estreito, sobre o console, com uma rosa vermelha fresca.

Eisenbeiss voltou.

— Desculpe, Charles. Telefonei para o meu alfaiate e minha camisaria. Você precisa de roupas. Meu alfaiate é rápido. — Riu baixinho. — Em uma hora tirará suas medidas.

Saímos do apartamento. Na casa de passagem estava um calor insuportável.

— Ora, eu tinha esquecido completamente. — Eisenbeiss meteu um maço de notas na minha mão.

— O que é isso?

— Dinheiro austríaco. Para os próximos dias. Não deve trocar dinheiro francês.

— Mas, Emanuel...

— Calma — disse ele. — Pegue!

Obedeci e continuamos depressa até a Habsburgergasse. Lá havia um Cadillac Seville estacionado.

Eisenbeiss ligou imediatamente o ar condicionado, e quando partimos em direção noroeste estava agradavelmente fresco lá dentro. Eu conhecia Viena bastante bem. No viaduto da ferrovia, Eisenbeiss dobrou à esquerda.

Então perdi a orientação, porque o carro rodava por ruas de mansões novas, até chegarmos a uma rua larga, que subia suave mas constantemente. As casas foram ficando para trás. Vi prados floridos e campos cultivados, e uma floresta escura ao longe. Passamos por um lugar de banhos públicos. Vi a grande piscina e muitas pessoas seminuas. A rua ficou mais estreita. Li a placa: CAMINHO DA UTOPIA. O carro parou diante de uma bela mansão em estilo art nouveau.

— Pronto. Estamos no Schafberg — disse Eisenbeiss. — Saia, meu caro!

Desci para a rua arenosa. A casa tinha um anexo baixo, de concreto. Eisenbeiss dirigiu-se para lá, enfiou uma chave na fechadura do pilar de concreto, e uma porta de garagem abriu-se sem ruído; o Cadillac sumiu. Ouvi o “plop” abafado quando Eisenbeiss fechou a porta do carro. Voltou; o portão abaixou e fechou-se atrás dele. A cidade estava a nossos pés. Milhares, centenas de milhares de vidraças brilhavam ao sol da tarde. Havia fábricas, igrejas, o mar de casas de Viena. Reconheci a Stephansdom e a roda gigante do Prater. O Donau era largo, sua água, chumbo derretido. Bem ao longe vi as montanhas distantes num nevoeiro azul. Deviam ser os Cárpatos.

Eisenbeiss abriu o portão de um grande jardim selvagem com florestas de todas as cores. Depois entramos na casa fresca. Também era mobiliada em estilo art nouveau. Quando Eisenbeiss abriu algumas venezianas, vi móveis bege e lilás, sobre tapetes de cores delicadas.

— Muitas vezes venho para cá e fico vários dias — disse ele.

— Para trabalhar?

— Quase não trabalho mais, Charles. Realmente, é muito raro.

— O que faz então?

— Refletir.

— Em quê?

— Em nós, seres humanos. E simplesmente gosto de ficar sozinho. Venha! — Desceu ao porão e acendeu luzes por toda parte.

— O Museu? — perguntei.

— Sim, o Museu. — Abriu uma porta e também ali premiu um comutador. Estávamos num quarto muito grande, onde tudo brilhava de alvura: o chão de azulejos, o aparelho que mantinha a umidade do ar, as muitas prateleiras e armários de rodas. Eisenbeiss andou por ali, abriu alguns armários, indicou milhares de papéis guardados neles, e parou diante de uma prateleira em cujas tábuas empilhavam-se muitos documentos.

— Isso aqui — disse ele, baixinho — talvez seja a maior coleção de formulários e falsificações da Europa, ou de todo o mundo. São trabalhos meus e de outros. Colecionei-os durante decênios; também há impressos virgens para todos os assuntos que possa imaginar — roubados em todos os países do mundo, inclusive a China Vermelha e a União Soviética, e que comprei. Aqui, Charles, diante de você, está tudo o que uma pessoa precisa para viver e morrer. — Parou diante de um armário. — Fico emocionado quando vejo isso.

— O que é?

— Trabalhos do tempo da Segunda Guerra. Você conhece a minha vida. Aqui! Livros de soldo, papéis de liberação... mais tarde os seus donos, agradecidos, os devolveram.

— Você salvou a vida de muita gente.

— Ah, sim. — Pegou alguns passaportes com cartas anexas. — Os sobreviventes escreveram de Israel, Estados Unidos, América do

Sul e Canadá. Ajudei sempre que pude. Dos ricos tirava muito dinheiro; para os pobres, em compensação, trabalhava de graça.

— Você é um bom homem.

— Sim, eu sei. Da melhor qualidade. Aqui, veja, cartões para alimentos! Centenas de páginas. Eram fáceis de falsificar. Ah — disse ele, nostálgico —, como era belo o meu mercado negro! Isso nunca mais vai se repetir. — Foi até uma parede e abriu uma porta de correr. Acendeu-se a luz num segundo aposento, igualmente grande.

— E aqui está o resto.

— Santo Deus! — disse eu. — E a polícia? Ela nunca se interessou por essa coleção?

— Eu a convidei de todos os modos. — Eisenbeiss sorriu o seu famoso sorriso.

— Convidou?

— Para verem a minha coleção — com fins didáticos. Depois de minha morte tudo isso será da Polícia de Viena. Pelo menos duas vezes ao mês chegam funcionários. Muitas vezes trazem colegas do estrangeiro. Então lhes explico as sutilezas da falsificação... não só das minhas, mas também das dos outros. Ah, as autoridades me respeitam, Charles. E me pedem conselhos quando não sabem o que fazer. E com que respeito me tratam! Você não faz ideia. Os cavalheiros estão firmemente convencidos de que há muito tempo me aposentei. Estou na idade de viver de rendas. Tenho bastante dinheiro. E cada folha aqui está registrada. Realmente me retirei dos negócios. Só algumas vezes ainda trabalho... como agora, no seu caso.

— Mas você disse que cada folha está registrada...

— E está. Apesar disso, nunca falta uma peça. Tenho ainda uma segunda coleção. Dessa, a polícia nada sabe. Assim, sempre posso trabalhar. Nenhum funcionário da delegacia de crimes jamais viu isso aqui. — Empurrou uma vareta oculta em uma tábua, e toda uma parte da prateleira recuou, mostrando uma abertura na parede.

— Entre, e seja bem-vindo — prosseguiu ele. Atrás da passagem havia um terceiro aposento, menor, igualmente de um branco imaculado, também bastante iluminado. Vi uma grande mesa cheia de vidros com tinta e aquarela, sinetes, carimbos e caixinhas, e outros vidros cheios de pincéis, canetas, lápis de todo tipo, e caixas com grampos e muitos pequenos objetos que eu não conhecia. Vi empilhadas certamente cinquenta diferentes máquinas de escrever portáteis. Havia lupas, microscópios, um fogão elétrico, ligação de água quente e fria, a porta para uma câmara escura, um grande aparelho de fotografia de madeira, preso a um tripé...

— Deus do céu... — disse eu, e caí numa poltrona, arrebatado.

— Pois é — disse Eisenbeiss. — Está vendo que ao menos não defendeu um João-ninguém. Mas agora, ao trabalho, ao trabalho!

Posso pedir que tire gravata, camisa e casaco?

— Para quê?

— Preciso mudar seu rosto antes de fazer fotos para passaporte, carteira de motorista e identificação pessoal.

— Mudar meu rosto?

— Mas claro, Charles, para uma nova vida precisa-se de um novo rosto.

13

Eu estava parado diante de um espelho olhando minha cara.

Passara meia hora. Eu não tinha mais barba, nem bigode, o cabelo comprido que tapava minhas orelhas de abano desaparecera.

Tinha um corte de cabelo bem curto e usava um par de óculos de aro de tartaruga modernos, de armação pesada e escura, e vidro comum.

Eisenbeiss tirara minha barba com infinito cuidado, e depois com muito capricho ensaboara e barbeara duas vezes meu rosto.

Com o mesmo cuidado lidara com o meu cabelo. Cobrira com maquilagem o arranhão na testa. No quarto ao lado — eu o seguira — escolheu entre um número incontável de óculos aquele que mais modificava meu rosto. Agora, do espelho me encarava um homem desconhecido. Era sinistro. Nada mais em meu rosto lembrava Charles Duhamel. As orelhas destacadas agora eram vistas claramente, o queixo recuado, as faces pálidas há pouco cobertas de barba. Não ficara mais bonito: mas era outro homem.

Uma luz vermelha se acendeu.

— Vista sua camisa, Charles — disse Eisenbeiss. — E subi depressa as escadas. Enfiei minha camisa e ouvi passos, e logo Eisenbeiss apareceu diante de mim com um homem que parecia um estadista inglês muito pequeno.

— Caro Charles, este é meu velho amigo Josef Kratchowil — disse Eisenbeiss. — Conheço algumas pessoas nas quais confio plenamente. Kratchowil é uma dessas. Podemos falar abertamente diante dele. É o melhor alfaiate da Europa. E o mais rápido. — Kratchowil quis protestar, mas Eisenbeiss não lhe deu a palavra. — Nada de falsa modéstia! — E prosseguiu, virado para mim: — O sr. Kratchowil e eu nos conhecemos há muito tempo. Ele me prestou

valiosa ajuda em incontáveis casos em que se tratava de rapidez e qualidade. E já trouxe tecidos para escolha. — O sr. Kratchowil depôs na mesa um pesado livro de amostras. — Naturalmente, só coisas de primeira classe.

— No, to se rozumny, naturalmente — disse o sr. Kratchowil. — É verão, muito quente. Trouxe ótimos tecidos finos que não amassam, ou o milostpan poderia suar. — Mostrou um tecido num tom cinza claro. — Então, senhores gostam muito de usar isso, por exemplo... — Amassou o tecido entre dois punhos, esfregou um no outro. E largou o tecido. — No prosim, senhor, está vendo, não amarrota. Ou tem alguma coisa amassada aí? Nada, milostpan, está vendo! — Ele pegou outra amostra, um azul claro. — Nebo é bom isso, prosim, também pedem muito isso...

— Por enquanto você precisa só de dois, três ternos — disse Eisenbeiss. — Mais tarde mande fazer quantos quiser. — Escolhi três tecidos, um cinzento, um bege e um azul. O alfaiate tcheco, baixinho mas muito aplicado, já começara a tomar medidas. Precisava de uma cadeira porque eu era alto demais para ele. Enquanto a toda hora corria para a sua agenda anotando números e murmurando, Eisenbeiss, que passeava à nossa frente, foi dizendo: — Até onde sei, você fala espanhol, alemão e inglês perfeitamente. Esta noite já andei compondo o novo homem que você vai ser agora.

— Sto deset, oms osmdesat, devadesat dva — murmurava o sr. Kratchowil, enquanto rabiscava na agenda e voltava para junto de mim.

— Temos aí um senhor argentino falecido, que tinha a sua idade, a quem roubaram todos os papéis e me ofereceram para comprar. Sempre compro, os ladrões sabem disso. E pago decentemente, é claro que nada de preços fantásticos. Vou lhe dizer agora quem você é, meu caro. Tendo objeções ou perguntas, pode me interromper, por favor. O sr. Kratchowil pode escutar, ele é um túmulo. Que histórias já ouviu aqui, hein, sr. Kratchowil?

— Ah, Jesus-Maria, romances inteiros! O cavalheiro quer fazer o favor de ficar bem retinho agora e não dobrar os joelhos? Dekuji, obrigado...

— Então, Charles. Você tem quarenta e nove anos. Nasceu em 1932 em Leipzig, filho de um fabricante de conservas.

— Por que conservas?

— ...osmdesat pet, devadesat pet... milostpan naturalmente quer bainhas nas calças. Quer que deixe alguma coisa para encomprar?

Uns cinco centímetros chega? Obrigado, muito amável... talk pet...

— Você entenderá logo. Tudo foi destruído em 1945. Aí mudaram-se para o oeste, Frankfurt.

— Por que Frankfurt?

— Porque tenho registros para Frankfurt.

— E por que Leipzig?

— Porque fica na Alemanha Oriental, e as autoridades de lá não dão informações. Portanto, reforma monetária e no lado ocidental.

Sobem do nada. Então subitamente morre seu pai, em 1950.

Enfarte.

— Por que, para isso você também tem documento?

— Exato. Você tinha acabado de terminar o Liceu. O irmão de sua mãe tem grandes propriedades perto de Buenos Aires. E enormes rebanhos de gado. Oferece a sua mãe que se mudem para lá. Vocês desfazem sua casa, vendem o negócio, mudam-se para a Argentina. Ainda tenho as passagens de navio no Correo Santos. Na Argentina, você trabalha duro nos rebanhos de seu tio. A carne vai para fábricas de conservas. Entende agora? Em 1954 morre seu tio, em 1956, sua mãe. Agora você dirige o negócio sozinho.

— Tak milostpane, pronto.

— Muito bem, sr. Kratchowil. E fará três ternos em três dias?

— Muito pouco, sr. Eisenbeiss.

— Sr. Kratchowil!

— Eu só disse... Três dias, claro... mas temos de experimentar pelo menos duas nebo três vezes...

— Tudo bem, Kratchowil. Tantas provas quantas quiser. O senhor ficará alojado como de costume, já sabe de tudo...

— Sei de tudo. Vou telefonar sempre meia hora antes, para ver se está bem, depois venho. Muito honrado, senhor, prazer, milostpane, na shledanou... — Meteu o caderninho no bolso e colocou o livro de amostras debaixo do braço. Eisenbeiss levou-o até a porta.

Quando voltou, ouvi um motor sendo ligado lá em cima.

— Um sujeito e tanto — disse Eisenbeiss. — Ah, e eu as esqueci completamente!

— O quê?

— As etiquetas do alfaiate argentino. — Foi no quarto ao lado e voltou logo com várias tirinhas de pano de diversas cores, nas quais se lia, em bordado vermelho e dourado, em espanhol, que o sr. Martinez de Irala, Buenos Aires, era criador dos ternos que o sr. Kratchowil aprontaria rapidamente em Viena.

— Você lhe entregará essas na primeira prova, sim?

Meti as etiquetas no bolso da calça.

— Bom, e aí você ficou bem sozinho... com operários fiéis, claro.

Trabalhava de manhã à noite, o trabalho era duro, muito duro. Você ganhava bem, mas sua saudade da Alemanha foi aumentando cada vez mais! — Deu uma risada. — Isso combina com sua juventude!

Você, com seu pai substituto alemão! E tudo o que ele lhe falava da pátria. — Eisenbeiss conhecia meu passado, eu lhe contara de

Strasburgo, da ocupação nazista, do pobre Heinz. — Você fala alemão sem sotaque! Deve isso ao seu segundo pai. Uma sorte dos diabos! Presente do céu, eu ter exatamente o passaporte e todos os outros papéis de um alemão para você! — Riu outra vez. — Bom, e como sua saudade da Alemanha aumentava mais e mais, um dia você vendeu tudo, meteu seus objetos em grandes caixas que vieram de navio, e você veio de avião. As caixas se perderam. Você armará uma briga, mas não adiantará nada. As caixas nunca mais aparecerão. Infelizmente você também fez um seguro muito baixo.

Seu dinheiro... perdão, você tem dinheiro?

— Sim.

— Muito?

— Mais ou menos.

— Quero dizer, dinheiro que possa manejar embora morto?

— Já entendi. Sim.

— Maravilha. Você vai pegar o dinheiro quando souber onde vai morar definitivamente. Claro que com os novos documentos poderá ir aonde quiser. Não precisa ser a Alemanha. Talvez tenha saudades da América, como posso saber? Apenas tenho aqui um lindo passaporte da República Federal da Alemanha, no qual teremos de modificar muito pouca coisa.

— Já entendi. De onde vem essa massa de documentos?

Ele deu seu brando sorriso.

— Antigamente isso era um artesanato e tanto, Charles. Os mestres entre os vigaristas e falsários — modestamente posso me incluir entre os mestres — trocavam documentos entre si. Eram documentos perdidos, ou de mortos, mas sobretudo roubados.

Naturalmente o principal era roubado por funcionários, os pequenos funcionários eram os maiores ladrões... como sempre. Obtenho constantemente material do mundo inteiro. Compreende? Último amor de um velho... — Ergueu as mãos e baixou-as de novo.

— Esse é seu passaporte — disse, e ergueu um passaporte verde. Era de um tal Peter Raut. Morto. — Como eu já disse: os papéis roubados não são mais procurados. Tenho um atestado de conclusão do Liceu, uma carteira de motorista, bem como atestado de nascimento e batismo nesse nome. E ainda papéis dos queridos pais. Quase não se precisa mudar nada. Um bom especialista falsifica o menos possível.

O R em Raut eu poderia transformar num K, o a num e...

— Kent — disse eu. — Mudar o u em n... é tudo.

— Então, Kent. Alegra-me que você tenha entendido tão depressa, Charles.

A luz vermelha acendeu outra vez.

— Camisas e roupa de baixo — disse Eisenbeiss. Ele saiu e pensei como era lógico e sensato ter papéis de um morto na minha segunda vida. Eu também precisara morrer primeiro para poder ressuscitar. Eisenbeiss voltou com um homem moço, muito suado. O homem, que também era do círculo dos homens de confiança de Eisenbeiss, trazia cinco grandes caixas.

A maior parte das camisas e roupas de baixo era pequena demais.

— Eu disse no telefone que o cavalheiro é muito grande.

Tamanho cinqüenta e quatro ou cinquenta e seis — disse Eisenbeiss.

— Deixe aqui essa camisa, que serve — pedi. — Quero tirar a velha.

— Pois não, cavalheiro.

Vesti a camisa nova e joguei a outra num cesto de papel.

— Então, camisas e roupas de baixo maiores — disse Eisenbeiss ao jovem. — Lamento, terá de voltar aqui, sr. Franz. Mas não para cá, e sim em...

— Hietzing como sempre, já sei — disse o sr. Franz. — E como está de gravatas e sapatos?

— Também precisaremos. Tamanho do sapato? — Eisenbeiss olhou para mim.

— Quarenta e quatro — respondi.

— Para segurança, é melhor experimentar — disse Eisenbeiss.

— Quando pode ser isso?

— Amanhã de manhã?

— OK, então, amanhã de manhã. Mande as contas para mim. — Protestei, mas Eisenbeiss fez um gesto negativo. — Para mim. Venha, sr. Franz, eu o levo até a porta. — Ouvi-o dizer na escada: — Não esqueça de tirar todos os alfinetes das camisas, os grampos de plástico, os estofamentos de espuma, e o papelão do colarinho. Essas são as etiquetas de um magazine de homens em Buenos Aires. Tire as suas e costure essas... — Ao voltar, disse: — Precisarei de três dias e três noites para ter tudo pronto. Preciso trabalhar o tempo todo, e quando faço esse tipo de trabalho não durmo. É cansativo demais, e exige a maior concentração. E como estou trabalhando para você, Charles...

— Onde vou morar, Emanuel?

— Tenho uma amiga muito boa e devotada. Meu Deus, eu a conheço há séculos! Ela me ajuda, eu a ajudo. Ela tem uma mansão linda em Hietzing... conhece Hietzing? Na Maxingstrasse, logo na entrada do parque do castelo de Schönbrunn. Chama-se sra. Klosters. Ana Klosters. Eventualmente ela oferece comida e alojamento a senhores que envio. Maxingstrasse 15, A. Você vai gostar. Tudo muito cuidado e limpo. E se quiser terá boa companhia.

Ana também se dá muito bem com a polícia, o que é importante no nosso caso. Está bem?

— Naturalmente.

— Então telefonarei a ela e depois a avisarei que você vai. Agora, se quiser, podemos tirar as fotos.

14

Ele tirou muitas fotos, pois queria ter um bom sortimento.

Eisenbeiss era profissional. Cada vez ajeitava minha cabeça um milímetro, antes de sumir debaixo do pano preto atrás da velha e bela câmera de madeira. Mudava a toda hora o foco de luz e cantarolava baixinho. Eu conhecia esse cacoete dele. Durante o processo, sentado atrás de mim, ele muitas vezes cantarolara assim durante o julgamento. E isso me deixara muito nervoso.

Falei com ele sobre isso.

— Sim —, disse ele —, é sempre assim quando me concentro.

Eu nem noto. Pode-se dizer que nessas fases meu corpo fica independente, meus dedos são mais inteligentes que eu.

Afinal ele ficou satisfeito e levou as placas de vidro expostas em suas caixas de madeira para a câmara escura. Estava diferente, fechado, inatingível. Pensei que era melhor deixá-lo sozinho, e disselhe isso.

— Sim, Charles, por favor. Eu mesmo ia lhe pedir isso. Agora começa para mim o tempo mais difícil. Fico totalmente voltado para mim mesmo, preciso ser assim, não pense que é falta de cortesia minha. Preste atenção: vou telefonar à sra. Tiller. Ela e seu marido têm uma locadora de automóveis. Pode-se confiar sempre nos dois.

Subiu comigo e discou um número de telefone.

A sra. Tiller atendeu. Eisenbeiss disse que estava em sua casa no Schafberg, e pediu que viesse apanhar um visitante e levá-lo a Hietzing.

— Quanto tempo levará até aqui em cima, meu bem? Vinte minutos? Muito bom. O senhor esperará por você lá na frente na esquina da Buchleitengasse. É muito alto e chama-se Peter Kent. Vai dizer seu nome. E o carro?... O Mercedes branco, claro que o

conheço. Obrigado, Renate, querida. — Desligou. — Você ouviu: um Mercedes branco. O cabelo da sra. Tiller é castanho, os olhos também. Ela tem dentes bonitos, e é muito bonita... um tipo suave e calmo. Você vai gostar. Aqui está meu número de telefone, um número secreto. Vou passar a ligação imediatamente para o porão.

Ao menor motivo de inquietação, telefone. — Deu-me o pedaço de papel. — Vou passar os próximos dias lá embaixo. Não posso mudar de lugar enquanto trabalho, você sabe.

Concentração, concentração... E com a idade isso vai ficando mais difícil. Ainda temos algum tempo até a sra. Tiller chegar. Que me diz da decisão de rearmamento? A loucura continua, Charles, continua. Se arrasarem a terra, em nenhum lugar haverá tantos mortos como na pequena República Federal. Foi leviandade minha lembrá-lo de sua grande saudade da Alemanha. Agora você está sentado num barril de pólvora.

— Você acha que a coisa vai estourar mesmo?

— Onde existem armas, elas acabam sendo usadas. Realmente, Charles, devia estar louco quando lhe falei na Alemanha. Vá para o Canadá, Estados Unidos, esqueça a Europa! Embora...

— Embora?

— Conhece a história da Morte em Samarra?

— Não.

— Uma lenda oriental muito sábia. Um comerciante incrivelmente rico de Bagdá é prevenido por uma vidente: a Morte está a caminho, vem pegar o homem mais rico, ainda esta noite. Em Bagdá. O homem rico pega seu melhor cavalo e foge... para Samarra.

Quando chega lá, totalmente exausto, avista a Morte. "Eu estava esperando por ti", diz a Morte. "Chegaste atrasado. Vem comigo..."

Não se pode escapar. Ninguém, para lugar algum. Quando chegar tua hora, morrerás como foi determinado. Realmente, você mesmo tem de decidir onde quer viver, caro Charles.

Conversamos ainda quinze minutos sobre a crítica situação mundial, e Eisenbeiss estava muito pessimista.

— Falam de certos ratos e também dos grandes bandos de baleias que aparentemente se deixam levar para a praia a fim de morrerem juntas. Grande idiotice, imputar isso aos animais.

— Imputar o quê?

— Dirigirem-se voluntária e conscientemente para a morte. — Encolheu os ombros. — Isso vale para nós, homens. Nós é que queremos a morte. Não uns querendo a morte dos outros. Não, escolhemos um suicídio coletivo, calculado e planejado.

— Mas por quê?

— Porque nós homens — inconscientemente — não temos mais esperanças no futuro. O futuro, este nós destruimos, e sabemos disso. Então queremos conseguir pelo menos um suicídio coletivo perfeito. — Olhou o jardim por uma janela. — Tão belo é o mundo... mas nós o destruiremos e morreremos todos.

Deixei o meu salvador e perambulei pelo caminho da Utopia entre campos floridos e jardins coloridos até chegar lá em cima na Buchleitengasse. Dali também se podia ver toda Viena. Soprava um vento leve, e apesar do calor na cidade, lá em cima estava agradável e fresco. Virei meu rosto para o vento e pensei que a sra. Renate Tiller seria a primeira pessoa estranha que eu encontraria para quem seria Peter Kent. Fiquei assim parado algum tempo. Nos jardins das mansões e nas hortas brincavam crianças. Seus gritos enchiam o claro ar de verão. Vozes de uma tarde de junho...

Um Mercedes branco subiu pela Buchleitengasse. Fui para o outro lado da rua. A mulher na direção meteu a mão pela janela e acenou. O carro parou a meu lado. A mulher usava blusa branca e saia azul. Tinha cabelos castanhos, olhos castanhos, e dentes muito bonitos. Também dava a impressão de ser suave e calma. Abri a porta direita da frente, sentei-me ao lado dela e disse: — Bom-dia, sra. Tiller. Sou Peter Kent.

— O que significa isso? — disse a jovem.

— O que significa o quê? — perguntei. — O sr. Eisenbeiss lhe telefonou e disse que eu estaria aqui parado, sra. Tiller.

— Eu não sou a sra. Tiller — disse a jovem com sotaque da Alemanha do Norte. — E não conheço nenhum Peter Kent.

15

— Mas a senhora acenou para mim.

— Sim, acenei.

— Por quê?

— Porque estou perdida. Não sou daqui e queria perguntar o caminho.

— Caminho para onde?

— Para a Höhenstrasse.

— Também não sou daqui.

Ela começou a rir:

— Mas de onde é?

— De Buenos Aires — disse eu.

E rimos os dois. Entreolhamo-nos e de repente paramos de rir e continuamos nos olhando. Os olhos castanhos dela estavam muito abertos, com um brilho úmido. Os meus ardiam, e senti o coração pulsar. Pensei: isso não existe. Nunca na vida. Nem mesmo em romances. Mas eu estava sentindo intensamente, e nunca tivera aquela sensação. Não, nunca.

Ficamos calados, nossos olhares não se afastavam um do outro.

Os olhos dela agora estavam muito escuros, a boca um pouco entreaberta. Eu estava como paralisado, incapaz do menor movimento, e não sei como teria continuado aquilo se uma voz não me tivesse perguntado:

— Posso ajudar?

Ela virou-se para a janela lateral. Lá fora estava um homem moço e amável, e via-se que acabava de sair do banho. Segurava

uma bicicleta pelo guidom.

— Sim — disse a mulher. Teve de começar a frase duas vezes, pois sua voz estava embargada. — Eu queria ir até a Höhenstrasse.

— Ai, ai — disse o rapaz, rindo. — Então a senhora se perdeu mesmo! Como foi que chegou aqui em cima?

— Vim da Pötzleinsdorfer Strasse — disse ela, com a voz ainda rouca. — Aí dobrei na Schafberggasse.

— Pois isso foi errado — disse o rapaz, que tinha cabelo louro e duro e usava óculos. — Precisa voltar. Sabe descer?

— Foram tantas ruas — disse a jovem —, mas acho que sim.

— Se não souber, pergunte pela Pötzleinsdorfer Strasse. Precisa voltar para lá. Do ponto onde dobrou. Tem de seguir mais um pouco pela Pötzleinsdorfer Strasse, depois subir à direita na Khevenhüllerstrasse até uma rua chamada Neustift em Walde; siga sempre por ela, que ali começa a se chamar Hameaustrasse. No fim da Hameaustrasse começa a Höhenstrasse. A senhora vai ver as placas, e seu marido também ouviu tudo, não foi?

Fiz que sim.

— Então — disse ele, e subiu no selim. — Bom-dia — e saiu pedalando.

Entreolhamo-nos e tive a sensação de conhecer há anos aquela jovem.

— Não quero parecer malcriado — disse. — Realmente não. Mas posso acompanhá-la?

Ela concordou com a cabeça, sem dizer nada. Vi sua mão tremer no volante. Ela disse:

— O senhor poderia... poderia dirigir, por favor?

— Com prazer — disse eu. — Por quê?

— Meus joelhos estão tremendo. Não consigo deixar o pé quieto no acelerador.

Então ela também sente, pensei. Ela também sente.

Desci e rodeei o carro, e ela deslizou para o meu assento. Entrei do lado dela, e pensei mais uma vez que tudo aquilo não existia, e que eu só estava sonhando. Estivera na iminência de um enfarte, com fortes dores de cabeça, talvez até uma comoção cerebral, depois de ter sido jogado fora do aparelho. Mas agora, há muito não sentia mais dores. Apesar disso... não entendia a mim mesmo. Lá estava uma bela mulher, uma mulher excitante. Deixara-me entrar em seu carro. Estava tão confusa e excitada quanto eu. Por que eu não pegava no seio dela? Por que não enfiava a mão debaixo da sua saia?

Por que não agia como costumava agir? Estava dominado por uma grande inibição. Aquela mulher quase não usava maquilagem, tinha uma pele linda, e o cabelo castanho se ajustava à cabeça como um capacete.

— Então, voltar à Pötzleinsdorfer Strasse — disse eu. — A senhora me indica o caminho. Se não souber seguir adiante, perguntaremos.

— Sim — disse ela numa voz quase inaudível.

O carro era automático, e eu queria ligar a alavanca no D, mas coloquei no R. Quando acelerei, o Mercedes disparou um pedaço para trás, e mal pude frear em tempo. Ela deu um grito.

— Perdão — disse eu. — Que coisa aborrecida!

— Pensei que o senhor soubesse dirigir!

— E sei — disse eu. — Só estou confuso, totalmente confuso, desculpe! — Eu desligara o motor por engano. Agora, tentava dar a partida outra vez. O motor não pegava.

— Santo Deus — disse a moça. — O senhor tem de pôr a alavanca em P, se quiser dar a partida, sr. Kent!

— Claro. Obrigado pelo aviso, minha senhora. — Coloquei a alavanca em P e olhei para a moça, que devolveu meu olhar, e mais

uma vez tive aquela sensação estranha, e vi que as mãos dela tremiam, colocadas sobre os joelhos. Por um momento tive o arrebatador desejo de puxar o rosto dela para mim e beijá-la demoradamente na boca. Não fiz isso. Por que não? Pelo menos isso eu sempre fazia em tais situações. Não, pensei, numa situação daquelas eu jamais estivera. Os lábios carnudos dela ainda estavam um pouco entreabertos, e aquilo me deixava quase louco.

— Então, sr. Kent, o que foi? —perguntou ela, séria. — Acha que pode dirigir agora sem matar a nós ou a gente inocente?

— Acho que sim — disse eu.

— Então quem sabe quer dar a partida? Rosner. Meu nome é Andréia Rosner.

— Sim, srta. Rosner.

Dei a partida. O sol me ofuscou quando dirigi para um trecho de campo aberto, e o perfume do prado florido entrou no carro. Era verão, um verão quente, e pensei que nunca na vida fora realmente feliz, e agora era... era feliz, muito.

16

Encontramos a Höhenstrasse e seguimos por ela. Por muito tempo não dissemos palavra. Apenas nos entreolhávamos, mudos. A Höhenstrasse corre nas encostas da Floresta Vienense, e vimos a cidade aos nossos pés.

— Ponha o cinto de segurança — disse ela.

— Nunca ponho cinto de segurança. Tenho medo de ficar afivelado.

— Mas que bobagem. Se sofrer um acidente, é muito mais fácil escapar ileso com cinto. Por que está rindo?

Eu disse:

— Porque estou feliz. — Mas não coloquei o cinto. Fomos de Cobenzl ao Kahlenberg, e ela ligou o rádio do carro.

— Um pouco de música — disse, mas a primeira coisa que ouvimos foram notícias sobre o acidente no aeroporto. Morrera mais um dos feridos graves, e apesar de todos os esforços dos médicos legistas, era muito difícil identificar as partes calcinadas dos mortos.

— Horrível — disse ela, e procurou uma estação com música.

Alguém tocava Pour Elise, de Beethoven, provavelmente Richard Cleyderman. — Desde quando está em Viena?

— Desde esta noite — disse eu sem refletir.

— Veio direto de Buenos Aires?

— Sim — disse eu, e como o dissera, tornou-se verdade para mim.

— Essas linhas transcontinentais todas terminam em Paris. Ou Zurique, Londres ou Frankfurt — disse ela. — De onde veio a Viena?

De Paris?

— Sim — disse eu.

— Meu Deus, poderia ter estado naquele aparelho. E estaria morto agora. Puro acaso. — Ela estremeceu.

— Não — disse eu, pensando em Eisenbeiss. — Não devo estar morto. Tinha de conhecer você. O acaso não existe. Tudo está predeterminado. Também que eu visitasse um amigo no Schafberg, também que você se perdesse, para que nos encontrássemos... tudo predeterminado.

— Fala sério?

— Muito sério — disse eu, e vi que ela mordida os lábios.

Do Kahlenberg voltei a Cobenzl, pois lá vira junto à floresta um grande prado florido. Quando perguntei se não queria descansar um pouco, ela concordou. Então estacionei o carro na praça ao lado do bar redondo, de vidro. Andréia Rosner usava sapatos de saltos altos, de modo que lhe dei a mão enquanto andávamos pela relva. Havia abelhas zumbindo, e vi muitas borboletas coloridas.

Tirei meu casaco e ela se deitou em cima. Logo eu estava deitado ao lado dela, e estava tudo tão quieto que ouvimos um picapau bem longe na mata. Mais ao longe jazia a imensa cidade, com seu rio e as montanhas azuis no horizonte.

Por muito tempo nenhum de nós disse nada.

Depois eu disse:

— Andréia...

— Sim?

— Posso chamá-la Andréia?

— Sim — disse ela baixinho, e depois mais baixo ainda: — Sim, Peter.

— Tenho uma sensação tão forte, Andréia. Desde que nos vimos. Na mesma hora. Uma sensação tão forte...

— Eu também — disse ela. — Também tenho uma sensação forte. E também a senti logo que nos encontramos, quando você disse as primeiras palavras. — Encarou-me com olhos enormes. — Não conheço você. Nunca nos vimos antes. Isso não existe! É coisa de cinema! — disse ela, rouca. — É cinema, não é?

— Sim — disse eu. — Não... — disse eu. — Não, não é cinema.

— Então é loucura.

— Então é loucura. Deixe que seja loucura, enquanto for maravilhoso para nós dois.

— Certo — disse ela. — Deixemos que seja loucura, que diabos! Você é esperto, Peter.

— Ah, sim, muito — respondi, e me sentei. Vi a cidade luminosa lá embaixo.

— Fale-me de você — disse ela, e cruzou os braços atrás da cabeça.

Contei a história que Eisenbeiss inventara para mim, e senti como se tudo fosse verdade. Depois me calei, pois um esquilo saltara de repente de uma árvore e estava sentado à nossa frente, farejando.

Não nos mexemos. Depois chegou outro esquilo, saltitando, e os dois nos encararam, sérios. Tinham olhos lustrosos e moviam os pequenos focinhos, farejando. De repente, fugiram num salto. O primeiro correu por um tronco acima, o outro disparou galho acima, galho abaixo, atrás dele.

— Esse gatão — disse Andréia —, como persegue a pobre menina! Olhe só o jeito dele! — Os dois animaizinhos disparavam como raios pela galharia da velha árvore. — Entendo a linguagem dos esquilos — disse Andréia. — Sei o que ele disse ao seu gatão.*

* Em alemão, Kater é o macho de alguns animais, e também, mais comumente, "Gato". (N. da T.)

— Então?

— Às vezes, disse a esquilha ao seu namorado, quando olho para as pessoas, quase penso que sabem falar como nós.

— Hum, hum — disse eu. — Também sei esquilhês. Mas sei de verdade. A esquilha disse ao seu gato: olhe só aqueles dois, meu gato. Como se querem bem! Tanto quanto nós. E todo mundo sabe, disse eu, que entre os animais são os esquilos que sentem o maior amor.

— Todo mundo sabe disso?

— Qualquer criança sabe.

— Peter?

— Sim?

— Nada — disse ela.

— A Höhenstrasse é impressionante — disse eu.

— Peter, por favor.

— Não, é verdade. Estou muito impressionado. Por que queria subir logo por aqui?

— Prometi aos meus amigos — disse ela.

— Que amigos?

— Os donos do Mercedes. Trabalham num jornal. Ela faz moda, ele, cartuns políticos. Emprestaram-me o carro; não tenho um Mercedes. Nem poderia comprar um: sou pobre como um ratinho de igreja.

— E por que logo a Höhenstrasse, seu ratinho de igreja?

— São coisas que se precisa ver — disse ela. — Cobenzl e Kahlenberg. Os vinhedos. E por fim, o Heurigen.

— E aonde vai por fim?

— Segredo. Só lhe direi quando chegar a hora.

— De onde você vem afinal? — perguntei.

— Hamburgo.

— E o que faz em Hamburgo?

— Bibliotecária.

— Não! — Levei um susto.

— Sim, o que há de tão estranho nisso?

“Estranho” não é a palavra certa, pensei arrebatado. “Sinistro” seria melhor. Andréia lidava com livros! Livros — e eu fora louco por livros a vida toda, desde que Heinz, meu segundo pai, aquela vez em Strasburgo me dera um maravilhoso livro de contos de fadas dos irmãos Grimm. A guerra. A ocupação. Minha mãe. Heinz. Minha singular ligação com a Alemanha. Era como se toda a vida se tivesse girado num gigantesco círculo. Acaso? Não, não havia o acaso.

Ouvi a voz de Andréia ao longe:

— ... perguntei: O que há de tão estranho em ser bibliotecária?

— Não sei — disse eu, abalado. — ... não a posso imaginar como bibliotecária. Pensei que era pediatra, coisa assim.

— Realmente, lido muito com crianças — disse Andréia. — Na verdade, comecei aprendendo num sortiment.

Apoiei-me num cotovelo e olhei para ela. Nossos rostos estavam bem próximos. O pica-pau continuava suas batidas na floresta. Um avião passava silencioso sobre a cidade.

— O que é isso, sortiment?

— Uma livraria bem pequena, ao contrário de uma grande casa de comércio livreiro. Depois de dois anos praticando, estudei para ser bibliotecária. Agora estou empregada na Biblioteca Pública, seção infantil. Sempre desejei isso.

— Gosta de crianças?

— Muito! E me dou bem com elas. Tenho vinte e nove anos, mas elas me tratam como se eu tivesse a idade delas. Além disso,

crianças são seres bondosos e amáveis. São como nós fomos um dia.

E já tenho quarenta e nove, pensei, e disse: — Bem, tão boazinhas elas não são. Brigam a socos e fazem barulho, mentem, e quebram tudo.

— Na nossa biblioteca elas não são tão ruins — disse ela. — Naturalmente, crianças também são gente. Mas ainda são as melhores pessoas.

Meu corpo sentia-se bem, aquecido pelo sol. Erguendo a cabeça, vi as primeiras árvores da grande floresta, e refleti sobre quando me deitara pela última vez num prado florido, olhando florestas, mas nem me lembrei, tanto tempo já fazia. E pensei em Eisenbeiss, que depois de velho voltara a acreditar em Deus e na “paz em Suas mãos”, nas quais jaziam “as terras do Norte e do Sul”, e enquanto isso ouvia Andréia, que contava que seu chefe fora convidado para um congresso em Viena, mas dera o convite a ela...

— ... porque ele queria me dar uma alegria, sabe, Peter.

Naturalmente fiquei muito feliz. Vão me pagar a viagem. Hospedagem e comida não, por isso moro com meus amigos. Estou aqui há cinco anos; esta tarde o congresso terminou, e meus amigos me deram o carro para eu poder ver um pouco de Viena... e agora nos encontramos, e... — de repente ela se calou. Os dois esquilos tinham voltado. Sentados na grama, olhavam-nos com ar crítico.

— Ora — perguntei —, estão de acordo conosco?

Um dos animais pôs as patinhas diante do ventre.

— Está vendo — disse Andréia —, a esquilinha está aplaudindo.

— Não é a esquilinha, é o gato.

— Como sabe disso?

— O rabo — disse eu. — A gente sabe pela cauda. O macho tem uma cauda mais bonita e peluda.

— Mesmo?

— Mesmo — disse eu.

— Você é o máximo — disse ela. — Sabe de tudo. Não sei nada.

— Sim, que pena — disse eu. — Pobres crianças de Hamburgo.

Você nem deve saber lhes dizer qual o nome do veado.

— Ora, pare com isso — disse ela.

— Eu disse que você não sabia.

— Muito bem, não sei. Como é o nome do veado?

— Purê de batatas.

O riso dela assustou os dois animaizinhos, que dispararam árvore acima.

Vi o rosto radiante de Andréia, a boca aberta, os belos dentes e os olhos brilhantes, as muitas ruguinhas nos cantos externos, que vinham do riso, curvei-me e beijei-a. Beijei-a com força e apertei-a contra mim. Ela fechara depressa os lábios, e tentei abri-los. Podia ouvir o coração dela batendo. De repente ela abriu os lábios, e sua cabeça caiu sobre a grama. O beijo foi demorado.

— Ah, querido, querido — disse ela por fim —, como é doce o seu beijo.

— Não — disse eu. — O seu é que é doce.

— Gatão — disse ela. — Você é meu Gatão, sim?

— Sim — disse eu —, sim, Esquilinha.

Beijamo-nos outra vez, e o hálito dela era fresco e puro como o aroma de leite fresco, e de repente pensei na noite passada. Agora eram seis e meia da tarde, há dezessete horas o avião explodira lá fora, em Schwechat, e tudo estivera cheio de sangue, de feridos e de corpos em chamas. Fazia só dezessete horas. Dezessete horas entre o horror e o amor. Não, não existe o acaso.

— O Heurigen! — exclamou Andréia de repente.

— Ah, sim, o Heurigen! — disse eu. — Você ainda tem de ir até lá! Quem é o Heurigen, Esquilinha? Por favor, me diga logo, não agüento mais essa incerteza.

— Meus amigos me disseram que lá onde começa a Höhenstrasse, em Grinzing, há muitos pequenos restaurantes e jardins onde se serve vinho novo. Isso se chama Heurigen, e dizem que preciso beber um copo, não mais, porque tenho de dirigir.

Lamentaram terem de trabalhar tanto à noite, e não poderem vir comigo. Os restaurantes lá têm sobre a entrada lindas ramadas folhudas...

— Ah, não!

— Fique quieto! Velhas e folhudas ramagens de um pinheiro ou conífera; de qualquer modo, uma árvore espinhosa.

— Quem diz isso?

— As pessoas, Gato. As pessoas daqui dizem isso. As pessoas que bebem o Heurigen.

— Mas não pode ser vinho novo, ainda não existe disso agora.

— Foi o que eu disse, e meus amigos disseram que é o vinho novo, do ano passado. O legítimo vinho novo só lá no fim do outono e no inverno. Eles o fazem de uvas que crescem ali naquelas encostas.

Venha, temos de ver isso, seria uma falta de cultura não ver.

Então nos levantamos, vesti meu casaco, e descemos pelo prado até a entrada. Quando a atravessamos, vimos, nas encostas da metade do caldeirão onde ficava Viena, os vinhedos: centenas de milhares. Tinham uvas ainda verdes e pequenas, mas já eram uvas de verdade. Ao longo do nosso lado do caldeirão viam-se muitos quilômetros de vinhas nos postes em que estavam amarradas. E agora vermelhas e douradas, como fogo, brilhavam a cidade e o grande rio.

Eu estava parado atrás de Andréia, que se apoiou em mim.

Ficamos calados por longo tempo; depois ela disse: — Mais uma vez o demônio o levou consigo para um monte muito alto e lhe mostrou todos os reinos do mundo e sua glória e lhe disse: Tudo isso te darei se caíres de joelho e me adorares.

Abracei-a e disse:

— Não tenho os reinos do mundo nem sua glória. Mas se eu fosse o demônio... você não teria de se ajoelhar diante de mim para conseguir toda a glória. Eu me ajoelharia diante de você, e a adoraria, e lhe daria tudo.

17

Entre as últimas palavras e estas há um espaço de cinco dias.

Tive um ataque. Você sabe, meu bem, como sou doente. Logo depois de ter escrito a última frase, tive um ataque. Por sorte o médico veio imediatamente. Esse foi pior, muito pior que os outros. Depois fiquei deitado na cama, e devia dormir, mas não pude porque pensava todo o tempo: meu relatório para você, meu relatório para você, para que você saiba como tudo aconteceu. Precisa saber, meu bem, preciso escrever a verdade, toda a verdade, maravilhosa e terrível. Você ainda é jovem demais e não me entenderia. Dei ordens de que só receba esse manuscrito quando tiver dezoito anos. Então estará adulta e experiente o bastante para compreender tudo. Por isso me permito escrever com toda a liberdade.

Bem, nos cinco dias que passaram, duvidei de poder cumprir o que desejava. Fico muito nervoso pensando na história desses últimos anos, e naturalmente sempre ficarei, quanto mais me adiantar e aprofundar em todas as tramas e terríveis situações que levaram ao assassinato: sim, ao assassinato.

Se eu te pudesse ver, meu coração! Se eu te pudesse ver um minuto apenas. Mas sempre que falo nisso, recusam: fora de cogitação. Cedo demais. O senhor ficaria nervoso demais, mais tarde sim, mais tarde certamente. Precisa esperar, ter paciência. Escreva, ocupe-se. O senhor precisa anotar o que aconteceu.

Está vendo, meu bem, também eles dizem que tenho de fazer isso.

Portanto, continuo escrevendo, lenta e constantemente. Frase a frase, levará muito tempo ainda, mas não eternamente. Nada dura muito tempo, também isso aprendi.

18

“Se queres me dar teu coração, começa em segredo, para que ninguém possa adivinhar os nossos pensamentos,” cantava o velho.

Estava sentado sozinho numa mesinha no grande jardim, no qual havia muitas mesas compridas e estreitas com longos bancos dos dois lados. O velho tinha uma cítara à frente, e dedilhava suas cordas. A voz era agradável e profunda.

Estávamos sentados a certa distância, numa das mesas compridas, lado a lado; diante de nós, uma garrafa e dois copos. O sol já estava oblíquo no céu, seus raios dourando tudo. Ainda estava muito quente depois daquele dia de verão escaldante.

Um verão glorioso.

Mais uma vez tive de pensar no Rei Ricardo II de Shakespeare, aquele patife com quem por muitos anos me sentira tão ligado.

“Agora o inverno da nossa desgraça se transformou num glorioso verão através do sol de York; as nuvens todas, que ameaçavam nossa casa, estão enterradas no fundo regaço do oceano.”

Sim, de repente eu vivia num glorioso verão, todo o meu passado sujo estava enterrado no fundo regaço do oceano. Não, pensei, nada mais liga você com o Rei Ricardo, você já não é seu irmão em espírito, não na sua nova vida, não desde que encontrou Andréia. Eu segurava a mão dela, e ela pusera a dela sobre as nossas duas, a cabeça encostada na minha. Nunca na vida me sentira tão sereno. Aspirava o aroma da pele e do cabelo de Andréia, que tinham um cheiro maravilhoso, ainda um odor de terra e prado.

“O amor dos dois terá de ficar oculto para sempre. Por isso, guarda no teu coração as grandes alegrias,” cantava o velho, e uma mulher com lenço na cabeça chegou até nossa mesa e perguntou se queríamos beber mais alguma coisa. Andréia disse que sim, e que

desse também um copo ao velho, e a mulher do lenço afastou-se novamente.

Andréia passou o braço nos meus ombros e aconchegou-se bem a mim.

— Meu querido — disse ela. — Meu amado. Santo Deus, amo você.

— E eu a você — respondi. — Muito. Nós dois sentimos, você e eu, lá em cima no Schafberg, quando nos vimos pela primeira vez, quando trocamos as primeiras palavras. Não é verdade que você também sentiu?

— Sim — disse ela. — Sinistra, uma coisa dessas, não é?

Sinistra.

— É maravilhoso.

— Nunca pensei que existisse uma coisa assim.

— Provavelmente é muito rara — disse eu. — E nós dois a experimentamos.

— Sim — disse ela. — Beije-me, meu Gato!

Beije-a, e o velho tocava citara e cantava. Quando passei os dois braços por Andréia, soube de repente onde já a vira e por que desde o primeiro instante ela me parecera tão familiar. Fora na noite anterior, lá fora no aeroporto, depois que eu fora arremessado do aparelho explodido e ficara deitado nos arbustos baixos ao lado da pista, meio inconsciente. Sim, quando eu vira o país dos mortos, quando estivera entre ele e o país dos vivos. Havia aquela mulher de cabelo castanho e grandes olhos castanhos, com a qual eu voava sobre montanhas e florestas, prados floridos e profundos abismos, com a qual eu entrava no céu dançando, no sonho em que eu me sentira tão infinitamente feliz com aquela mulher que era simplesmente Andréia. Oh Deus, pensei, e tinha havido também aquele tocador de citara, cantando e tocando, também a ele eu já vira no sonho com o maravilhoso país dos mortos.

— O que foi, querido? — a voz de Andréia soava junto ao meu ouvido.

Vi-a diante de mim, bem perto. Ela me encarava séria, como me fitara no sonho.

— Querido, o que foi?

Voltei de muito longe para junto dela.

— Nada — respondi. — Nada, meu doce amor. Estava pensando em como tudo isso é inconcebível.

— Inconcebível, sim — disse ela. — Ah, você é tão amado.

— E você é o primeiro amor de minha vida — disse eu. — Nunca amei outra mulher. — E mais uma vez pensei em como a vira naquela noite pela primeira vez: seu belo rosto, imenso, gigantesco no céu infinito do país dos mortos.

— Nunca amou outra mulher? Ora, meu Gato, isso não é verdade!

— Sim.

— Mentiroso — disse ela. — Meu mentiroso querido.

— É verdade — peguei seu rosto nas duas mãos. — Você tem de acreditar. Acredita em mim?

Ela me fitou, séria, e calou-se, e o velho continuou tocando, mas já não cantava mais.

— Por favor — disse eu. — Por favor, acredite em mim. — E pensei que nunca na vida falara assim com uma mulher. Mas, pensei, aquela era minha nova vida. A outra morrerá. E na minha vida antiga eu realmente nunca amara uma mulher, nem mesmo Yvonne nos nossos primeiros tempos, aquilo fora diferente, bem diferente.

— Acredito — disse ela. — Você é bom.

— Não — disse eu. — Mas gostaria de ser.

Ela pegou minha mão e beijou a palma.

— Meu amado — disse. — Estou tão feliz por nos termos encontrado!

— Não tanto quanto eu — afirmei. — Até agora levei uma vida bastante ruim. Também com mulheres, especialmente com elas. E nem uma vez amor, nem uma só vez. Só... você sabe...

— Sim — disse ela —, sei.

E ergueu seu copo, e ambos bebemos olhando-nos sem parar, e o velho começou a cantar outra vez. Cantava sobre o mar e uma moça, mas estávamos tão embevecidos um no outro que eu ouvia as palavras mas não entendia o significado.

— Sabe — disse Andréia —, houve um homem a quem amei muito. Vivemos juntos por três anos, e ele disse que só amaria a mim. Depois foi embora, viver com outra. Por favor, não faça isso!

Está ouvindo? Não faça isso. Não quero passar por uma coisa dessas mais uma vez. Foi horrível. — Ela sorriu, timidamente. — Perdoe!

— Perdoar o quê?

— O que acabei de dizer. Sabe, sou um pouquinho louca. Você decerto já notou. Só um pouquinho maluca. Mas leve sempre isso em consideração. Desde que esse homem me deixou tive três homens, mas não foi amor.

— Eu sei — respondi.

— Você sabe. Você é maravilhoso.

— Não — disse eu. — É você que é maravilhosa. Eu, eu não valia nada, assim como toda a minha vida. Até hoje. Agora, quero tentar valer alguma coisa.

— Meu Gato — disse ela. — Não vou deixar que você se vá, nunca.

— Minha Esquilinha — disse eu. — Venha, vamos beber mais um pouco.

Esvaziamos os copos.

— Você teve muitas mulheres, não foi, meu Gato?

— Qual nada...

— Nada de mentiras, por favor! Muitas, não foi?

— Alguém com a minha cara...

— Exatamente por isso. Exatamente por isso. Então, muitas, não?

— Sim — respondi. — Mas sem amor. Amor, nunca. Juro.

— Você é maravilhoso, simplesmente maravilhoso, sabe disso?

Pus a mão no joelho dela.

— Não — disse ela.

— Sim, por favor!

— Por favor, não, Gato. Temos um amor tão bonito, e temos todo o tempo do mundo. Quero que tudo aconteça com cuidado, suave e lentamente.

— Todo o tempo do mundo? — perguntei. — Quando tem de voltar a Hamburgo, Esquilinha?

Ela me olhou, calada.

— Esquilinha?

— Sim — disse ela. — Tenho de voltar amanhã de manhã.

Amanhã, Gatão.

A mulher com lenço na cabeça voltou com outra garrafa cheia de vinho e dois copos novos, e agradecemos.

— Não esqueceu o velho? — perguntou Andréia.

— Não — disse a mulher do lenço.

E quando olhamos para o tocador de citara, ele riu e ergueu seu copo cheio. Também erguemos os nossos, que a mulher do lenço voltara a encher, e fizemos um brinde com ele. Depois ele recomeçou a tocar e a cantar.

— Amanhã de manhã — disse eu, baixinho.

— Sim — disse ela. — E então?

— Então o quê?

— Você me disse que voltou da Argentina porque tinha saudade da Alemanha. Então venha comigo para Hamburgo.

— Ah — disse eu. — Então vou com você a Hamburgo.

Ela bebeu.

— Isso é maravilhoso para mim — disse —, mas há uma coisa que não entendo.

— O que você não entende, Esquilinha?

— Que alguém ponha fim a uma vida segura num belo país em outro continente, para voltar logo agora para a Alemanha.

— Bem, na Argentina as coisas não são tão belas e seguras — respondi. — E o que significa “logo agora”?

— Na Alemanha temos cada vez mais medo de uma nova guerra, de bombas atômicas e foguetes nucleares. Há tantos deles que se pode matar trinta e seis vezes cada pessoa. Chamam a isso overkill.

Que palavra! Pense, pode-se matar cada pessoa trinta e seis vezes. E isso ainda não basta! Porque os soviéticos armam cada vez mais foguetes, Reagan também quer colocar mais foguetes e bombas de nêutrons na Alemanha Ocidental. E por mais que os aliados americanos e russos se insultem, numa coisa concordam: quando a coisa estourar, a Alemanha será o campo de batalha. Você não sabia disso realmente, Gatão?

— Sim — disse eu. — Claro.

— E apesar disso tinha saudades da Alemanha?

— Sim — disse eu, e nem ao menos era mentira.

— E não tinha medo?

— Medo e saudade — respondi. — Mas muito mais saudades do que medo. E agora naturalmente, sei por que tanta saudade.

E pensei em Eisenbeiss, que me arranjava um passaporte alemão, mas também dissera que aquela idéia de saudades da Alemanha fora loucura, que eu devia ir para outro lugar, Estados Unidos ou Canadá. Mas agora eu queria ir para a Alemanha, por causa de Andréia.

— E você acha realmente que a Alemanha entrará numa nova guerra?

— Santo Deus, que pergunta! Provavelmente a Europa toda!

Mas a Alemanha, com certeza. Acha que os russos e os americanos vão destruir seus próprios países? Talvez da outra vez. Mas na primeira será a Alemanha!

— Então ao menos estaremos juntos — disse eu.

— Ah, eu te amo tanto. Sabe que isso é um grande consolo para mim? Não quero mais viver sem você.

— Talvez nem haja guerra.

— Mas parece que vai haver.

— Talvez tenhamos sorte.

— Hoje em dia há pouca sorte no mundo!

— Bem, nós dois acabamos de ter uma sorte imensa.

— Sim — disse ela. — Muito, muito grande. Sou uma mulher boba por falar nisso logo agora. Me perdoa?

— Não há o que perdoar. Eu também tenho medo.

— Todo mundo tem medo — disse ela. — Isso é terrível.

— Mas agora temos um ao outro — disse eu.

— Sim, isso é bom — disse ela. — É maravilhoso. Também já não tenho medo, nenhum medo... Santo Deus, eu queria não ter mais medo algum.

— A gente pode morrer em qualquer lugar — disse eu, pensando na noite anterior e no aeroporto. — Tudo está determinado: o lugar, o dia, a hora...

Notei que o velho se aproximara da nossa mesa. Cumprimentou-nos sorrindo, e pedimos que sentasse, enchemos outra vez o copo dele e os nossos, para brindarmos e bebermos com ele.

— Estranhos aqui em Viena? — perguntou o velho.

— Sim — disse eu.

— Foram umas canções tão bonitas — disse Andréia.

— Conheço muitas canções bonitas — disse o velho. — Mas toquei essas porque sabia, aí estão dois que se amam. Tive de olhar para vocês o tempo todo. Mais tarde virão muitas pessoas, aí tudo fica cheio e tenho de tocar outras canções, essas que os fregueses gostam de ouvir, não as de que eu gosto, como essas.

— Obrigado — disse Andréia.

— E obrigado pelo vinho — disse o velho. — Que o bom Deus os proteja.

— Sim, que nos proteja — disse Andréia gravemente, e pensei, que bom para esses dois, acreditarem em Deus.

— O senhor tem uma mulher bonita — disseme o velho. Seu cabelo grisalho ainda era basto, e, embora certamente tivesse bem mais de setenta, parecia muito mais jovem. Ao sorrir, mostrava magníficos dentes postiços.

— Sim, sei — disse eu. — Ela é linda.

— Querem que eu leia as cartas? — perguntou diretamente o velho, e que eu já vira no país dos mortos, quando estava meio desmaiado.

— Para mim, não, por favor — disse eu. — Não gosto dessas coisas.

— Mas para mim sim — disse Andréia.

Estávamos sentados debaixo de um grande castanheiro. O velho tirou do bolso um baralho de cartas e colocou-as com o anverso para cima na mesa diante de Andréia.

— Misture — disse ele.

Andréia misturou e largou as cartas outra vez.

— Agora — disse o velho —, separe dois montinhos desse grande, com a mão esquerda e na direção do coração, Andréia obedeceu.

O velho colocou os três montinhos uns sobre os outros em ordem diversa e rapidamente formou quatro fileiras de treze cartas, colocando-as abertas sobre a mesa estreita.

— Dama de copas — disse o velho para Andréia. — E o senhor seria o rei de copas — disse para mim. — Agora, me deixe ver. — Esfregou o queixo e contemplou longamente as cartas. — Bem — disse por fim —, a senhora está muito feliz, moça, mas muitas vezes será ainda mais feliz...

— Com um homem?

— Sim, com um homem. — Andréia me beijou na face. — A senhora tem um grande desejo... que vai se realizar, em breve... e vai se casar... Vejo uma doença, mas não tem de ser com a senhora...

Vejo muitas crianças ao seu redor, serão ainda mais... terá muita alegria na vida... mais tarde terá de tomar cuidado...

— Mais tarde quando?

— Talvez em meio ano. Ou mais ainda... Cuidado, por favor... na rua... no trânsito... Há um homem, ou mulher, uma pessoa que terá um papel muito importante na sua vida... Essa pessoa é muito religiosa... e há um perigo ligado a isso...

— Com a religião? Mas como é possível?

— Não sei. As cartas dizem... Decerto esse perigo não se relaciona à senhora, mas ao senhor...

A coisa prosseguiu assim, e Andréia estava muito excitada, pois quase todas as coisas que o velho profetizava eram boas. Quando acabou, ele tomou um gole.

— E o senhor, não quer mesmo? — perguntou-me.

— Ora, vamos, Gatão — disse Andréia.

— Por mim... — disse eu.

Ele recolheu as cartas, e cortei o baralho como Andréia fizera.

Mais uma vez ele espalhou quatro vezes treze cartas abertas.

Contemplou-as e ficou muito sério.

— Coisa ruim? — perguntou Andréia.

— Ruim não... mas estranha... O senhor andou doente ultimamente?

— Não, por quê?

— As cartas dizem. Não diretamente... é muito singular. Sua vida, está vendo, acaba totalmente aqui, depois recomeça e continua.

O senhor sofre do coração, não é?

— Um pouco — disse eu, e para Andréia: — Nada de grave. Já tenho isso há anos, e tenho um remédio muito bom para controlar.

Meu médico disse que vou até os cem anos.

— Seu médico em Buenos Aires?

— Naturalmente irei a um médico em Hamburgo.

— Buenos Aires? — perguntou o velho. — O senhor vem de lá?

— Sim — respondeu Andréia em meu lugar.

— Hum... ah, sim, o senhor acaba de fazer uma viagem... Mas tão longa? Bom, às vezes isso parece assim... O senhor também será muito feliz, mas depois... — interrompeu-se.

— “Mas depois” o quê?

— Não, nada — disse ele. — Meus olhos andam ruins, devo ter visto mal.

— O senhor não viu mal — disse eu. — O que foi que viu?

— Um homem — disse ele. — Precisa tomar cuidado com ele... ele ameaça com grande perigo... Aí está ele de novo, o devoto!... E outro... mas esse não é tão perigoso... nesse o senhor dará um jeito depressa... Já foi casado?

— Não — disse eu, aborrecido por ter concordado em que ele lesse as cartas.

— Não mesmo, Gatão?

— Ora, pare com isso — disse eu.

— Mas estou vendo uma mulher... — Ele fitou Andréia. — Não pode ser a senhora... — Ele debruçou-se e vi que não apenas seu rosto, braços e mãos eram curtidos do sol, como couro, mas também a nuca. Certamente trabalhara duro muitos anos nos vinhedos. Suas unhas eram curtas e, apesar disso, quebradiças. — Uma mulher muito má... Precisa tomar cuidado com ela porque vai persegui-lo... e um dia... E... Misturei as cartas todas.

— Obrigado, isso basta.

— O senhor ficou aborrecido comigo? — disse ele. — Não queria isso. Ler as cartas é assim... às vezes elas nem estão certas... quer dizer, as boas sempre estão certas.

— Claro — disse eu.

— Não, é verdade.

— Por favor, Gatão! — disse Andréia, e seu olhar dizia: Não magoe o velho!

— Não quis ofender — disse eu. — Venha, vamos beber mais um pouco.

Então bebemos os três, e o velho tocou mais canções de amor antigas na citara. Senti que amaria Andréia desmedidamente, e ela a mim, e senti medo de tudo o que me esperava e que eu não sabia porque misturara as cartas. Mas logo pensei que o velho só queria predizer coisas boas, e que tudo aquilo não passava de tolice.

19

Estava quase escuro, passava das nove quando voltamos para a cidade. Naturalmente tínhamos bebido muito mais do que um copo, mas Andréia dirigia calma e segura. Seus amigos moravam em Dabling, na Billrothstrasse 29, e no caminho Andréia ficou perguntando sobre minha doença do coração, e eu dizia que era coisa inofensiva, e ela dizia que eu tinha de jurar pelo nosso amor que realmente era insignificante. Foi péssimo porque eu não queria inquietá-la; portanto, jurei que era ninharia, e pensei em procurar imediatamente um especialista em Hamburgo que pudesse continuar o tratamento prolongado com preparados de nitro e me orientar direito. Esperei que minha mentira não tivesse conseqüências funestas, mas há mentiras necessárias para poupar sofrimento a outras pessoas, e estas, esperava eu, não têm maus resultados.

Uma rua larga saía em curva fechada da Billrothstrasse para a direita, e Andréia dirigiu o carro por ela, parando ao lado de um posto de gasolina já fechado, debaixo de velhas árvores.

— Esta é a Gymnasiumstrasse — disse ela. — Sempre temos de estacionar aqui. Lá na frente, na Billrothstrasse, passa o bonde, e é proibido estacionar, você sabe.

— Ahá — disse eu.

— Não se ria de mim!

— Não estou rindo — disse eu. — Mas, Esquilinha, como pode pensar uma coisa dessas!

Ela suspirou, depois me beijou, e a doçura desse beijo afastou todos os meus pensamentos negros. Andréia segurou meu rosto nas mãos e disse:

— Também sempre vou dizer a verdade e nunca mentir para você nem magoar você, querido, mas tem de ser bom comigo e

perdoar muita coisa, porque sou um pouco louca, não é verdade?

— Não mais do que eu — respondi.

— Por isso nos entendemos tão bem — disse ela. — E agora os dois estamos tristes porque precisamos dizer adeus. Mas você irá logo a Hamburgo, não é?

— Sim — disse eu, e de repente estava realmente triste. — Ainda tenho algumas coisas a resolver em Viena, mas em três, quatro dias estarei com você.

— Que bom, que bom, querido. — Abriu a bolsa e tirou um bloco, uma esferográfica e um par de óculos de aros de tartaruga, lentes grandes e redondas. Colocou-os no rosto e ficou muito excitante, e disse:

— Bem, sabe, eu odeio ser o loser.

— O quê?

— O loser, o perdedor. Já fui uma vez, e não quero ser isso com você. Logo com você, não. Por isso, pense bem se quer mesmo ir para Hamburgo. Se disser não agora, não vai me doer tanto.

— Diabos! — disse eu. — Quero ir para Hamburgo.

— Ah, então fico contente — disse ela apertando minha mão com força. Pensei se deveria lhe dizer a verdade sobre mim, mas afastei o pensamento, porque não sabia como ela iria reagir se eu lhe dissesse que era casado.

Ela apoiou o bloco no volante, acendeu a iluminação interna do carro, e em letras graúdas escreveu seu nome, o endereço em Hamburgo, o endereço da Biblioteca Pública onde trabalhava, e ainda o endereço de seus amigos de Viena e todos os telefones.

— Você tem astigmatismo?

— Sim — disse ela. — Quando leio e escrevo e quero ver coisas de perto preciso dos óculos. Não gosta deles?

— Não gosto? Eu os adoro! Adoro tudo em você, Esquilinha.

— Tenho outros mais bonitos — disse ela. — Com aros de ouro.

Quero dizer, parecem ouro. Este primeiro telefone aqui é o da minha casa. — Sublinhou-o. — Você vai telefonar?

— Todos os dias — disse eu. — À noite, se você estiver em casa.

— Estarei sempre em casa à noite esperando seu telefonema.

Pensei: como são os apaixonados! Por exemplo, decidem pensar um no outro numa certa hora. Nenhum deles o faz, mas cada um fica feliz por ver que o outro está tão apaixonado. Naturalmente conosco era tudo diferente.

— E onde é que você mora? — indagou ela.

— Em casa de amigos — disse eu. — Em Hietzing. Não sei o telefone de cor. Mas vou telefonar esta noite para a casa dos seus amigos e lhe direi o número. E amanhã à noite telefono para Hamburgo, e depois todas as noites, até estar com você.

— Ah, sim, por favor, obrigada — disse ela.

— Boa-noite, minha amada Esquilinha.

— Boa-noite, meu Gato. Sabe que você é muito amado? — Beijamo-nos demoradamente.

Depois desembarcamos. Ela trancou o carro e andamos de mãos dadas a Billrothstrasse, atravessando o trilho do bonde. Ela parou diante da segunda casa, de número 29. Tirou uma chave da bolsa e abriu a porta de entrada, que era de ferro batido e vidro. A luz acendeu-se no vestíbulo, e a vi subir uma escada. Esperei que desaparecesse. No portão dessa casa ficava um depósito de carvão, a placa da firma estava toda preta. Tirei um pouco da fuligem e esfreguei atrás da orelha. Depois bati forte contra a porta da casa.

Andréia voltou, e fiz sinais para que abrisse. Quando a vi diante de mim, perplexa, passei fuligem na ponta do seu nariz, nas duas faces e na testa. Apontei para a placa da carvoaria, e ela riu, depois ficou séria, puxou-me para o vestíbulo da casa e me beijou mais uma vez.

Eu podia sentir nossos corpos ardendo debaixo do tecido das roupas, como se o sol sob o qual estivéramos deitados ainda os aquecesse.

— Boa-noite, Esquilinha — disse eu. — Tenha belos sonhos.

— Você também, Gato — disse ela. — Telefone quando chegar em casa!

Esperei que ela trancasse outra vez a porta e desaparecesse.

Depois atravessei a rua, segui algumas casas adiante, onde havia um ponto de táxi, entrei num deles e disse: — Maxingstrasse 15. — O motorista virou-se, olhou para mim e deu uma risadinha idiota.

— Qual é a graça? — perguntei.

— Nada. Por quê?

— Porque você deu um sorriso tolo.

— Perdão, senhor — disse ele —, não sorri.

Ele dirigia depressa demais, mas eu não disse nada, e enquanto o táxi disparava pelo Gürtel, pensei novamente no velho cartomante.

Não importa o que me acontecer, pensei, o fato de ter misturado todas as cartas não vai mudar nada.

A casa na Maxingstrasse era uma mansão belíssima, num grande jardim. Paguei o motorista e esperei que partisse. Depois toquei a campainha do portão de entrada, e uma moça de avental branco e touquinha de rendas apareceu, dizendo: — Boa-noite.

— Estão esperando por mim.

— Naturalmente, senhor. — Abriu o portão e fomos até a casa, andando numa trilha de lajes brancas colocadas no chão de grama.

A moça disse que madame viria logo, e sumiu. O grande vestíbulo era decorado em vermelho, ouro e branco. Pensei que não tinha nem mesmo uma escova de dentes, muito menos pijama; nisso ouvi uma voz falando alto e alegremente, e logo uma moça ruiva descia a escada curva.

— Somos do regimento de infantaria — cantava a moça, que usava botas e um tschako colorido com plumas, e era só o que usava. Tinha uma das mãos espalmadas sobre o tschako, levantava muito as pernas, e cantava:

— Soldado número quatro... — Então me viu e emudeceu. A moça era extraordinariamente bonita, uma ruiva legítima, o que pude ver nitidamente agora que estava parada bem perto de mim.

— Meu Deus — disse a beldade ruiva, tirou o tschako e cobriu-se com ele. — Ah, meu Deus, mas que desagradável! — Não devia ter mais de vinte anos. Nisso abriu-se uma porta e apareceu uma senhora idosa e delicada num vestido de noite preto e um colar de pérolas de muitas voltas.

— Simone — disse ela, em tom de censura. — O que é isso?

— Peço perdão, madame — gaguejou Simone —, pensei que fosse o General. Ele sempre quer ser saudado dessa maneira. — Ela me fitou. — Desculpe-me o senhor também.

— Vá para o seu quarto, Simone — disse a velha dama severamente.

— Pois não, madame. — Simone pôs novamente o tschako na cabeça e fez continência. Depois subiu a escada balançando o traseiro.

E desapareceu atrás de uma porta junto de um pilar.

Só quando se ouviu a porta bater com força, a velha senhora perguntou:

— Sr. Peter Kent?

— Sim.

— Boa-noite, sr. Kent. Sou a sra. Klosters, Ana Klosters.

Estávamos muito preocupados com o senhor. Mas onde esteve tanto tempo?

— É uma história complicada, sra. Klosters. Eu...

— Por favor, telefone imediatamente ao sr. Eisenbeiss — interrompeu ela. — Siga-me, por favor... — A sra. Klosters era muito baixinha e seu cabelo prateado tinha um leve tom azulado. Seguiu à minha frente para uma sala mobiliada em estilo Biedermeier. As paredes estavam cobertas com papel listrado com pequenas flores; um grande lustre de cristal pendia do teto. Numa frágil mesinha havia um telefone cor-de-rosa. Tirei do bolso o papel que Eisenbeiss me dera, e disquei seu número secreto; depois sentei-me numa precária cadeira.

Ele atendeu.

— Emanuel, aqui é...

— Puxa, até que enfim! — a voz dele demonstrava alívio. — Por que não esperou pela sra. Tiller?

— Emanuel — disse eu. — Eu me apaixonei.

Ele deu um gemido.

— Não gema, é uma mulher maravilhosa, ela lhe vai...

— Você certamente esqueceu que está havendo uma grande caçada aos terroristas — interrompeu ele. — Se um policial tivesse pedido a sua identidade...

— Lamento muito, Emanuel. Desculpe. Foi falta de responsabilidade minha. Mas quando vir a moça...

— Ora, pare com isso! — disse ele, furioso.

— Emanuel, você sabe o que é o amor?

— Não — disse ele. — Nunca ouvi a palavra.

— Ela mora em Hamburgo. Vou para Hamburgo, Emanuel.

— Pode fazer o que quiser. Corra para a desgraça, corra! Mas enquanto não tiver documentos, não saia mais dessa casa, entendido? Ou paro de trabalhar. Afinal, também preciso pensar em mim.

Prometi ser obediente e ele foi se acalmando aos poucos. Depois quis falar com sua amiga. Dei o telefone à sra. Klosters, que disse quase só “sim” e “está bem, Emanuel”. Depois, desligou.

— Venha, vou lhe mostrar o seu apartamento. — Ela seguiu à minha frente, subindo a larga escada curva para o primeiro andar.

Passamos por uma fileira de portas com painéis forrados de vermelho-escuro, de modo que só aparecia uma moldura branca trabalhada. Os trincos eram dourados. Ouvi risadas atrás de algumas portas. Vozes de homens e de mulheres.

Eu disse:

— Agora entendo por que meu motorista de táxi riu de um jeito tão tolo quando lhe dei o endereço.

A sra. Klosters, que sem dúvida sabia muito bem quem eu era — Eisenbeiss devia ter-lhe dito, mas ela não deixava transparecer nada, para ela eu era Peter Kent —, brincou com suas pérolas: — Bordéis são proibidos em Viena. Uma medida realmente idiota. Mas o sofrimento de uns é a alegria de outros.

— Sua alegria, madame.

— Não imagina como esta casa floresce! E há mais vinte mansões dessas. Nossos serviços são excelentes. O senhor está vindo pela primeira vez. Vou lhe mostrar álbuns de fotografias, e o senhor se decidirá. Depois chamarei a moça pelo telefone. Em meia hora no máximo ela estará aqui. A casa acaba de ser reformada, como está vendo. Temos apartamentos com decoração antiga e moderna.

Naturalmente, todas as refeições são no quarto.

— Claro.

— Criadagem seleta. Só mulheres, exceto o cozinheiro. Tive experiências ruins com empregados. Acham que podem roubar tudo de uma mulher sozinha. — Durante essa conversa ela me levava a um apartamento todo decorado em verde-mar, constando de quarto

de dormir, sala e banheiro. Era de decoração moderna. Nem no Ritz era mais elegante. Elogiei Madame, e ela inclinou a cabeça, contente.

— Esta casa poderia lhe contar um romance, meu caro. Foi construída em 1910 pelo notário do Imperador. O pobre morreu durante a... ahnnn... inauguração, com sua amiga. O filho era oficial de carreira, por isso a mansão se tornou local de repouso íntimo de oficiais austro-húngaros com seus convidados dos países da velha monarquia do Danúbio. Imagine que nacionalidades se reuniam aqui! Desde Carcóvia até Trieste! Durante a guerra, a casa foi oficialmente o maior e mais apreciado palácio para cavalheiros, de capitão para cima. Depois da guerra, três vencedores continuaram administrando a casa: primeiro um austríaco, depois um italiano, por fim um alemão. Santo Deus! Dizem que naqueles tempos a coisa aqui era estranhíssima! Vulgar. Eram arrivistas. Quando os tempos melhoraram, um francês comprou a casa e trouxe clientela internacional. Depois da grande queda da Bolsa em 1929, na Sexta-Feira Negra, ele perdeu toda a fortuna e matou-se com um tiro. Aliás, foi aqui neste quarto.

— Encantador.

— Isso traz sorte, senhor. Seguiu-se o Príncipe Starremberg. Ele precisava de um lugar de distração para si e seus amigos — foi antes de seu tempo com Nora Gregor. Depois os bonzos do front pátrio assumiram a casa, e, pode ter certeza, não era um ambiente muito católico. Depois vieram os bonzos nazistas, que também foram muito aplicados, segundo me contaram. Em 1945 vieram os russos e requisitaram a casa para seus oficiais. Depois vieram os ingleses, e depois um comerciante do mercado negro. Só assumi a mansão depois do acordo oficial. Antes era muito inseguro. Naquele tempo eu dirigia a melhor casa do tipo, o “Buraco de Ouro”, no Judenplatz.

Mas tinha um mau pressentimento naquela época, e com efeito, mais tarde bordéis foram proibidos em Viena. Eu mal conseguira me salvar e passar para cá. Pode-se dizer que desde seu início a casa nunca ficou vazia. Pense nos bandos que se entretiveram aqui.

— Sim — disse eu. — Realmente impressionante.

— E o que se deduz disso, senhor? Que as pessoas trepam a qualquer tempo! Gostaria de jantar?

— Não, madame, obrigado.

— Então quem sabe a casa pode lhe oferecer companhia feminina?

Eu disse que essa hospitalidade tão amável me comovia, mas que não a pretendia usar, e perguntei se havia pijama e objetos de toalete.

— Mas claro. Sempre temos todas essas coisas de reserva — disse a dama. — Aliás, nem calcula que coisas temos aqui de reserva! Precisamos estar preparados para qualquer caso, e para os mais estranhos desejos. Por isso, cobramos caro.

— Naturalmente — disse eu. Estendeu-me a mão em despedida, e beijei obedientemente as pontas dos seus dedos. Depois chegou uma moça com roupa tipo coelhinho da Play-boy e me entregou um pijama e objetos de toalete. Saiu mas voltou trazendo um balde de gelo com uma garrafa de champanha e copos.

— Com os cumprimentos de Madame — disse ela. — Madame manda perguntar se não deseja mais alguma coisa.

— Não sei o quê...

— Eu, por exemplo. — Encarou-me interrogativamente, as sobrancelhas arqueadas.

— Obrigado. Talvez noutra ocasião. Estou um pouco cansado.

— Que pena. — Desta vez ela fez uma mesura, e enquanto abria a garrafa, expôs generosamente tudo o que tinha na frente e atrás.

— Pena mesmo — disse eu.

Ela saiu cantarolando.

Bebi um copo de champanha, enchi o copo outra vez, e liguei a televisão da saleta. Imediatamente, o rosto de minha mulher Yvonne

dominou a tela.

20

— Meu marido não está morto — dizia Yvonne em francês, e sobre sua voz ouvia-se outra, uma voz feminina falando a mesma coisa simultaneamente em alemão. — Não tenho a menor prova. Mas sinto com absoluta segurança. Meu marido não está morto. Meu marido vive!

Lentamente larguei o copo de champanha e me inclinei para a frente. O cabelo negro-azulado de Yvonne estava impecavelmente penteado. Seus olhos escuros mal se viam por causa das lágrimas (ela conseguia chorar a qualquer hora conforme seu desejo), os lábios cheios tremiam. Mais uma vez, uma grande hora para ela: sentada diante de uma câmera! No curso dos anos já fizera isso algumas vezes, na série da televisão francesa “Uma mulher ao lado dele”.

Além disso, dava entrevistas a todos os repórteres que chegassem perto dela. Nunca lhes dava folga. Tinham de entrevistá-la. Eu ficava de mãos úmidas sempre que sabia disso, porque naturalmente os jornalistas a faziam de boba. Na sua modesta capacidade intelectual, ela nunca percebia isso, achava excelentes as reportagens que eram publicadas, por mais cínicas e alusivas que fossem. Para Yvonne, eram maravilhosas. Ver seu nome impresso era para ela sempre sinal de distinção.

Além da sua coleção de recortes de jornal, com os anos ela organizara uma pequena videoteca com as entrevistas gravadas.

Ficava horas a fio, sozinha e sonhadora diante da televisão, olhando para si mesma. Sem dúvida aquela entrevista também estava sendo gravada.

Agora uma voz feminina perguntou em alemão (Yvonne tinha um botão branco no ouvido e assim podia escutar a tradução

simultânea, mas não falava uma palavra de alemão): — Perdão, mas como pode supor isso, madame Duhamel?

Conhecemos os nomes de todos os feridos. Seu marido não está entre eles.

— Porque nem ao menos está ferido — disse Yvonne. Não havia no mundo alguém com fala mais afetada do que minha mulher. E ela acentuava isso com gestos de suas finas e alvas mãos, que esvoaçavam como pássaros. Havia fundas sombras debaixo de seus olhos. Certamente fora maquilada daquele jeito: “a desesperada”. Eu podia imaginar Yvonne instruindo a maquiladora, pois aquela idiota nada entendia de maquilagem; Yvonne precisava lhe ensinar os conhecimentos técnicos.

— Eu sei — dizia ela agora, e mais uma vez a voz da tradutora recobria a sua —, parece absurdo o que digo. Não tenho provas. Só o meu instinto. Quando se vive tanto tempo com uma pessoa a quem se ama tanto como amo meu marido, desenvolve-se um sexto sentido para esse tipo de coisas; a gente simplesmente sabe. — Secou os olhos com um lenço de seda.

Yvonne trazia um costume preto muito elegante, de cetim brilhante, e cruzava as pernas para que se pudesse admirar sua coxa, através da fenda na saia. E, como sempre, usava jóias demais.

Com os dedos de uma mão apoiava o queixo. Os anéis de brilhantes faiscavam. Yvonne copiara a pose de uma estrela de cinema, e desde então era a sua postura preferida diante das câmeras. E a ponta de sua língua deslizava sobre os dentes, como também fazia a atriz.

A câmera recuou.

Yvonne estava sentada num divã; ao lado dela, também vestindo negro, Paul Perrier, o belo rapaz com pele de pêssego e cílios longos e sedosos sobre seus olhos-de-quarto-de-dormir. Então Yvonne tivera a incrível falta de tato de o trazer a Viena, pois a entrevista estava sendo feita em Viena, agora vi isso. Era a minha suíte do Ritz.

A suíte que eu sempre ocupava. Yvonne estava em Viena! Esvaziei meu copo depressa.

— Mas Madame, onde está ele, se ainda vive e não está ferido?

— Meu Deus, não sei. — Agora certamente ficaria histérica, a voz já estava aguda. — Talvez tenha motivos para se esconder. Não sei qual, mas talvez tenha algum. Sempre foi uma pessoa muito estranha.

Paul, o belo, murmurou alguma coisa que parecia: não fique nervosa.

Em vez disso ela falou mais alto ainda: — Fique quieto! Tenho de ficar nervosa. — O diálogo não foi traduzido, mas traduziram o que seguiu: — Monsieur Perrier é nosso melhor amigo. Faz parte da família.

— O que pensa dessa certeza de Madame, monsieur Perrier?

O rapaz de ouro remexeu-se no assento: — O que posso dizer... Madame e monsieur estavam ligados por um amor muito grande... um amor único... — Yvonne levou novamente o lenço aos olhos e abafou um soluço. Sentime todo solene diante de tanto teatralismo. — Madame não consegue se conformar com a idéia de que monsieur esteja morto... Por isso, talvez — desculpe, Yvonne — por isso, talvez, ela diga que monsieur está vivo... porque deseja tanto que esteja... Pobre, pobre Yvonne... — E beijou-lhe a mão. Graças àquele menininho suave o diálogo voltava a ser inofensivo, e não se levaria a sério o rompante de Yvonne.

— O senhor não crê nisso, monsieur Perrier?

— Claro que não. Perdão, Yvonne! Mas como é que eu poderia, como pode acreditar que o pobre Charles ainda esteja vivo? Ele está morto, e temos de nos conformar com isso, querida Yvonne.

— Nunca me conformarei, nunca! — Grande cena! Ela tinha nova oportunidade para isso. — Sofri uma crise nervosa... Dois médicos tomaram conta de mim, o gerente do hotel insistiu nisso. Só me mantenho em pé com comprimidos e injeções... Jamais, jamais

acreditarei que meu amado Charles está morto... Ele está vivo... vivo!

— Agora ela realmente desmoronou diante das câmeras, tapou o rosto com as mãos, virou a cabeça para o lado e o corpo inteiro tremia. A imagem se apagou.

Apareceu um locutor diante de um fundo neutro.

— Essa foi madame Duhamel, esposa do conhecido defensor que também viajava no aparelho acidentado. Ela estava em companhia de um amigo de confiança, Paul Perrier. — O meu “amigo de confiança”. Santo Deus! — Senhoras e senhores, falamos com outro amigo do advogado. Também é advogado, e chama-se Jean Balmoral.

Nova imagem.

Era Jean, o único amigo que me restava. Yvonne afugentara todos os demais. Só ele enfrentara as suas insolências. Lá estava ele diante de uma janela do café do Ritz, e por trás da vidraça viam-se passantes. Um jovem repórter tinha um microfone na mão.

— Monsieur Balmoral, o grande advogado Charles Duhamel era seu amigo...

— Desde nosso tempo de estudantes. — Balmoral tinha um aspecto horrível, mas não era uma dor pintada como a de Yvonne.

Estava pálido, boca trêmula, olhos em fundas covas. — Por isso vim imediatamente de avião a Viena, assim que ouvi falar do atentado.

Esperava vê-lo ainda uma vez, certamente morto, mas ao menos isso. Infelizmente muitas vítimas não poderão ser identificadas. Eu mesmo tentei... impossível... — Passou a mão na testa. — Pobre Charles. Isso é muito ruim para mim. Perdi meu melhor amigo...

Melhor amigo, pensei. Bem, acho que sim. Eu era o seu melhor amigo. Não escrevera apenas a tese de doutorado de Jean, mas em outras ocasiões ele seguidamente me procurara pedindo que o

ajudasse quando estava em alguma enrascada. E com frequência estava metido em alguma. Não era um herói brilhante, mas quem o é? É preciso todo tipo de gente para povoar o mundo. O bom Jean.

— Ele era o homem mais generoso, leal e decente que conheci — dizia ele na tela.

— Madame Duhamel, em sua dor, manifestou a desesperada suspeita de que seu marido não está morto, que ainda vive, incólume e escondido...

— Isso é... — Jean controlou-se no último momento, via-se que tinha uma palavra dura na boca. — Naturalmente, sinto muito, mas é tolice. Pode-se explicar com a... hum... grande sensibilidade de madame...

— Monsieur Balmoral, obrigado. — A imagem sumiu. Mais uma vez, via-se o locutor.

— Já chegaram a Viena muitos parentes dos mortos e feridos graves, de outros países, para ajudar nas tentativas de identificação e tomar parte na cerimônia fúnebre de amanhã. Além disso, muitos vienenses choram a perda de seus parentes. Falamos com a sra. Ami Pichler...

Desliguei, fui ao telefone e disquei nove. Madame dissera que nove era a central. Uma voz de moça atendeu e pedi que madame viesse me ver. Ela apareceu imediatamente. A mansão agora estava bastante agitada.

— Os negócios estão florescendo — disse eu.

— Ainda bem, sr. Kent. Nesses tempos difíceis de recessão mundial, é sempre uma alegria ter uma das profissões fundamentais.

— Profissões fundamentais?

— Sim, claro, como padeiro, cabeleireiro, armador funerário e nós. Come-se pão enquanto há pão, também se precisa ir ao cabeleireiro, amor se faz sempre, e todos um dia vão precisar de um

caixão. Apenas pergunto quanto tempo conseguiremos manter o nível de nossos serviços. No pior dos casos, teremos que trabalhar num sistema popular e barato, como fazem às editoras com seus livros. As mocinhas então não se entregarão ao ofício com o mesmo fervor. O que posso fazer pelo senhor?

— A senhora viu a televisão agora? As entrevistas com os parentes...

— ...das vítimas do acidente do avião? Sim, comoventes.

— Sra. Klosters, a senhora poderia ir de carro ao Ritz amanhã... Naturalmente, irá de táxi.

— Por que táxi? Tenho o meu Porsche.

— Então, por favor, pegue o seu Porsche e vá ao Ritz. A cerimônia é à tarde. Veja se consegue encontrar o cavalheiro que se apresentou como melhor amigo do sr. Duhamel, aquele monsieur Balmoral, o senhor que estava no Café.

— Ah, sim, naturalmente. — O rosto dela estava imperturbável.

— Peça-lhe que venha para cá sem falta. Não com a senhora, porque poderiam ser seguidos. Dê-lhe o endereço e diga que o esperam sem falta. Uma coisa dessas tem de ser feita por uma verdadeira dama. Quer me ajudar?

— Com prazer, sr. Kent. Quando quer que ele venha?

— Assim que puder. Se possível, ainda antes da cerimônia.

— Estarei às nove e meia no hotel.

— Obrigado.

— Não tem de quê. Boa-noite.

— Boa-noite.

Retirou-se. Tirei do bolso o bilhete com os telefones de Andréia e disquei o número de seus amigos.

— Família Angerer!

— Boa-noite, Esquilinha. Ainda está sozinha?

— Você sabe que os dois trabalham até tarde.

Pedi que anotasse o número de telefone que havia sobre o disco do meu aparelho.

— Gatão, fiquei tão nervosa!

— Por quê?

— Assisti à televisão. Agora estão fazendo entrevistas com os familiares das pessoas que morreram no acidente de avião, sabe?

— E daí?

— Bem, eles falaram com a viúva de um advogado de Paris... parece que se chama Duhamel... e a pobre chorou tanto. Está realmente arrasada... porque amava tanto o marido... Ela disse que ele está vivo! Claro que é impossível, mas ela disse isso, na sua dor...

E de repente imaginei que você era esse Duhamel e tinha caído com o avião e...

— Esquilinha!

— Sei que é maluquice. Mas o que posso fazer, meu Gato?

— Mas agora está tudo bem de novo, não é?

— Si... i... im.

— Minha esquilinha corajosa.

— Gatão, eu te amo tanto, tanto.

— Estou abraçando você com toda força.

— E você vai ao médico em Hamburgo, por causa do seu coração?

— Logo.

— Não é nada grave?

— Não é nada grave.

— Com certeza?

— Com certeza.

— Não — disse ela —, isso não me basta. Não agora, que vi essa mulher. Você nunca me diria se fosse grave, eu sei.

— Sim!

— Não, Gato. Agora já conheço essas coisas! Você teria medo de me causar medo. Mas tenho de saber. Se eu souber, não será tão terrível. Você entende que preciso ver isso, não é?

— Sim, Esquilinha. Mas realmente não é nada grave.

— Diga: sou Peter Kent. Venho de Buenos Aires. Meu médico de lá me disse que isso com meu coração não é perigoso.

— Sou Peter Kent. Venho de Buenos Aires. Meu médico de lá me disse que isso com meu coração não é perigoso.

— E você jura por tudo isso.

— Juro por tudo isso.

— Jura pela minha vida.

Aquilo era muito grave. Eu tivera a sensação, o tempo todo, de que alguma coisa parecida ia me acontecer. E agora acontecera. O que eu poderia fazer? Contar a Andréia toda a verdade sobre mim?

Admitir que mentira, só mentira até agora... em tudo?
Impossível.

Eu disse:

— Pela sua vida.

— Diga direitinho, diga: juro pela sua vida!

— Juro pela sua vida.

De repente sentime nauseado até a morte. Eu jurara. Pela vida dela! Diabos, o que poderia fazer? Mas, e se alguma coisa horrível

Ihe acontecesse? Se acontecesse alguma coisa com ela? Pela vida dela!

Talvez devesse ter lhe dito que tenho angina pectoris. Não seria agradável, mas eu poderia ter dito. Ela teria de se conformar com isso. E teria se conformado. Mas e o resto? Como eu poderia dizer agora que não era Peter Kent, mas um homem bem diferente, aquele Charles Duhamel cuja viúva ela acabara de ver? Como poderia lhe ter dito que nunca estivera em Buenos Aires? Como poderia lhe ter dito que era um homem que pretendia começar nova vida com nome e papéis falsos? Não podia. Era demais. Pensei: mas você jurou falso.

Alguma coisa vai acontecer. Pois você jurou pela vida dela. E ela vai morrer...

— Agora estou mais calma, Gatão, finalmente. Agora sei que não há nada de grave com seu coração. Perdoe por tê-lo feito jurar. Santo Deus, como estou contente!

Consegui despedir-me dela normalmente, e quando ela desligou tive a impressão de que estava calma e consolada.

Então esvaziei a garrafa de champanha e encomendei outra, e continuei bebendo. Mas não adiantou, fiquei cada vez mais desesperado. Por fim estava bêbado, e tirei a roupa e tomei um banho quente, e a toda hora pensava que Andréia ia morrer. Depois fiquei deitado na cama e pensei a mesma coisa. Não agüentei mais, levantei-me e fui ao telefone para falar com ela e dizer-lhe a verdade.

Não só sobre meu coração: toda a verdade, que eu realmente era Charles Duhamel, como ela imaginara na sua confusão, que minha esposa estava dormindo no Ritz, que eu escapara milagrosamente do atentado, que estavam falsificando novos documentos para mim, que eu estava decidido a deixar Charles Duhamel morto. Tudo, tudo, para desfazer aquele juramento.

Fiquei sentado diante do telefone e não tive coragem de tirar o fone do gancho. Por fim peguei-o e disquei, mas quando Andréia

atendeu, perdi a coragem e desliguei. Era impossível, impossível. Ela não devia saber que eu era casado. Não podia saber que eu queria desaparecer. Eu a perderia se ela soubesse de tudo aquilo.

Certamente a perderia.

Portanto, voltei a beber e pensei que já na volta para a Billrothstrasse Andréia me pedira que jurasse que a enfermidade de meu coração era inofensiva, e que eu jurara pelo nosso amor. E por isso também nosso amor teria um fim terrível, pensei, agora já muito embriagado, e quis mais uma vez telefonar para Andréia e lhe confessar tudo para afastar a desgraça... mesmo que então tudo acabasse.

Mas o fone caiu de minha mão, e não consegui mais discar o número; adormeci na poltrona. O relógio de pulso indicava três e vinte quando acordei com frio. Meu corpo doía. Primeiro não sabia onde estava. Por fim recordei, e de repente pensei quantas vezes na minha vida profissional já jurara falso. Tinham sido perjúrios, e sempre acabara tudo bem. Eu até sobrevivera a uma explosão de avião que tinha matado tanta gente. Essa explosão teria sido uma oportunidade maravilhosa para o destino finalmente me cobrar todos os perjúrios. Mas eu não morreria por vingança. E se jurava pela vida de outras pessoas, isso não tinha efeito algum, não, desde que fosse por amor e por necessidade. E fora necessário jurar falso pela vida de Andréia por causa do nosso amor. Voltei para a cama e adormeci imediatamente.

21

Pela primeira vez em mais de um ano acordei cedo e repousado, e me levantei imediatamente. Reconheci que era o sinal mais seguro de que me transformara em outra pessoa. Quanto ao juramento falso pela vida de Andréia, lembrei-me nitidamente de minhas últimas reflexões e fiquei bem calmo. Nada aconteceria, nada.

Quando estava sentado junto à janela tomando café, vi a sra. Klosters sair em disparada num Porsche cinza-prateado. Passava um pouquinho das nove. O telefone tocou. O sr. Kratchowil, o alfaiate, perguntou se eu podia experimentar às dez, e respondi que sim. Ele chegou pontualmente e anunciou outra prova para o mesmo dia, e lhe dei as etiquetas argentinas de Eisenbeiss para costurar nas roupas. Ele carregava os ternos em uma grande mala preta de diplomata. Mal acabou de sair, entrou outro cavalheiro com duas grandes malas pretas de diplomata. Era o sr. Franz, trazendo camisas, roupas de baixo, gravatas, meias e sapatos. Escolhi roupas de baixo e camisas; as meias e sapatos não serviram, mas o sr. Franz prometeu que não tinha importância, ele voltaria.

Eu acabara de vestir roupa de baixo e camisa novas quando bateram à porta. A sra. Klosters apareceu dizendo: — Monsieur Balmoral chegou.

— Faça-o entrar!

No momento seguinte meu velho amigo apareceu diante de mim, branco de susto. Balmoral era menor do que eu, esbelto, rosto regular, belos olhos negros e cabelo preto curto.

— Charles! — Ele não conseguia se mover.

— Meu bom velho! Controle-se! Sou eu sim, estou vivo. Como vê, minha querida esposa tinha razão.

— Aquela peste! Mas como...

Contei como estava vivo e o que pretendia fazer.

Ele se acalmou.

— Posso entender — disse. — Muito bem até. Deus, como estou contente por você se livrar daquela bruxa. Não imagina como se porta mal no Ritz.

— Ela se porta mal em toda parte.

— Desta vez, mais ainda. Acessos de choro no saguão.

Atormenta as camareiras, os porteiros e garçons.

— Sim — disse eu —, como sempre, não?

— E não imagina como se portou no Instituto Médico-Legal!

— Como?

— Ora, gritaria, acessos, ataques de nervos.

— Ah, é?

— Aí até que simpatizei com ela. Essa tentativa de identificação com ajuda dos parentes... é preciso ter estômago!

— Por quê?

— A polícia mandou levar para o Instituto tudo o que sobrou dos mortos. Tudo está ali, no gelo. Acredite, os porões estão cheios! Mais de oitenta pessoas, ou melhor, pedaços de mais de oitenta pessoas.

Tudo numa pressa louca. O calor. Tudo tem de ser colocado depressa nos caixões. Os parentes são interrogados sobre sinais, por exemplo, cicatrizes. Ou o nome dos dentistas dos mortos.

Naturalmente isso só pode ser com as vítimas que eram de Viena.

Então vêm os dentistas e olham uma porção de crânios, para ver se conhecem as dentaduras. Ou os datiloscopistas procuram nas casas sinais digitais e os comparam com os dos mortos, caso as pontas dos dedos não estejam queimadas. Quando estive lá para

procurar você, mostraram até torsos e membros de mortos, para ver se conseguiam identificar os estrangeiros. Acho que estão exagerando.

— E Yvonne?

— Essa só gritava. Não desceu ao porão. O gigolô dela teve de ir.

E voltou com a cara verde. Mostraram-lhe uma porção de coisas. Eu lhe digo, é bárbaro. Também encontraram alguns passaportes em casacos meio queimados, mas não há muito o que fazer. Falei com um médico. Ele foi muito pessimista. Se fossem seis ou nove mortos... mas mais de oitenta! O médico me disse que nem ao menos teriam sabido o número exato de mortos se não tivessem a lista de passageiros. Mais de oitenta mortos, deve ser fácil não encontrarem um ou dois.

— É bom ouvir isso — disse eu.

— E porque Perrier não conseguiu identificar ninguém, Yvonne deduziu, na sua burrice, que você está vivo.

— Não. Pense que estamos tratando com uma verdadeira histérica, uma legítima! Pense em tudo que ela agora vai herdar: o palácio, o escritório, as contas bancárias, tudo. Agora também poderá viver com Perrier, se quiser.

— Mas as lágrimas, os acessos...

— Sim — disse eu —, ainda há um aspecto. Aquilo na televisão não foi teatro! Pouco antes de minha partida para Viena ela fez uma cena terrível. Por fim me amaldiçoou e desejou minha morte.

“Morra!” foi o que gritou. “Morra, morra!” Você sabe como é com pessoas que se deixam levar a esses extremos. Se a morte acontece mesmo, quase enlouquecem de medo e remorso. Yvonne também.

Ainda por cima, uma autêntica histérica. E burra. Está com um medo enorme. Se não tivesse desejado a minha morte! Tudo, menos isso. Suas maldições não podem ter se concretizado, não posso ter morrido. Portanto, tenho de estar vivo. Entende isso? Então ela tem

medo de que eu possa me vingar pela sua perversidade... e isso ainda vai acontecer, preste atenção, vai! É assim que funciona: a burrice, a superstição, a consciência suja, o medo. E mais uma coisa: num aspecto naturalmente eu lhe farei falta. O público. Você sabe como ela sem a minha companhia sempre se sente perdida em sociedade. Com todo o seu dinheiro, insegura como é, ficará agressiva, se portará mal. Medo e remorso certamente a estão atormentando muito. Ela realmente se portou muito mal no fim.

Suas lágrimas diante da câmara não foram tão falsas. O medo! O medo!

— Pois que tenha medo — disse Balmoral. — Pois que trema de medo, aquela bruxa.

Um avião passou sobre a mansão, e pensei que era o avião no qual Andréia voltava para casa.

— Ouça, Jean — disse eu. — Como lhe disse, agora vou a Hamburgo, assim que meus documentos estiverem prontos.

— Sim, e daí? Santo Deus, Charles, você está vivo, como estou contente!

— E eu então, meu velho! Mas preciso de dinheiro. Todo o que houver. Todo o que economizei nesses anos. O que está na conta bancária de Zurique.

Nessa conta de um banco suíço havia mais de dois milhões e meio de francos suíços. Eu não podia mais retirá-los, estava morto.

Mas Jean Balmoral podia. Também tinha uma conta daquelas, e para caso de necessidade tínhamos dado um ao outro plenos poderes sobre elas. Apesar disso, havia um problema: fazer meu dinheiro entrar legalmente na República Federal da Alemanha.

— É muito simples — disse ele. — Você vem de Buenos Aires, não é?

— Sim.

— Muito bem. Trabalho há vinte anos por correspondência com um advogado em Buenos Aires, chama-se Miguel Martinez. Sujeito muito decente. Então, Charles... ah, você se chama Peter agora, Peter Kent, preste atenção, Peter: assim que abrir uma conta em Hamburgo, você me telefona para Paris e me diz qual o banco e o número da conta. Então vou a Zurique e dou ordem de passarem para a conta argentina do sr. Miguel Martinez tudo o que houver na sua conta. Isso se faz com telex e contas bancárias fechadas. Assim que a ordem chegar a Martinez — eu lhe telefonarei antes —, ele passará tudo para a sua nova conta em Hamburgo. Tudo perfeito para os impostos. Você vem da Argentina e mandou que um banco enviasse a sua fortuna para outro banco. OK?

— OK — disse eu, satisfeito. — O que quer beber?

— Um uísque duplo pelas suas exéquias esta tarde — disse meu amigo Jean Balmoral.

22

Foi novamente um dia muito quente, mas na grande mansão estava fresco, porque era rodeada de velhas árvores que davam sombra. Fui passear no jardim, e tudo ao meu redor me pareceu absolutamente irreal. Tive de me sentar num banco. Simplesmente não podia entender que um homem que estivera tão perto do fim tivesse recebido novamente uma chance daquela. O que acontecera ontem me parecia um sonho. Desde ontem havia Andréia, que me amava.

O sr. Franz veio de tarde com novos sapatos e as meias. Estava pálido, o rosto molhado de suor. Desta vez tudo serviu, e escolhi três pares de sapatos e dez pares de meias. O sr. Franz me disse que recebera de Eisenbeiss a ordem de levar tudo para a casa dele e comprar duas malas grandes.

Mais tarde chegou o sr. Kratchowil, para novas provas dos três ternos, que estavam bem adiantados. Chegou exatamente às quatro, quando a televisão transmitia a cerimônia fúnebre de um grande hangar do aeroporto de Schwechat.

— Precisa esperar, sr. Kratchowil, quero ver esse programa.

— Impossível — disse ele. — Não posso esperar. Não fica pronto.

Agora cada meia hora é importante. Por mim pode ficar olhando a televisão, mas precisa ficar em pé para eu poder trabalhar.

— Tudo bem — respondi, e plantei-me diante do aparelho.

Um locutor anunciou que haviam conseguido identificar mais onze mortos; agora havia quarenta e seis caixões em várias filas na tela. Era sinistro. Flores e coroas, sem fitas, eram colocadas diante dos caixões. Pelo menos cem pessoas em trajes de luto se comprimiam no grande hangar. A televisão trabalhava com várias

câmeras; muitas vezes focalizavam-se os rostos pálidos e exaustos dos parentes. Muitos choravam.

Além do Chanceler Kreisky, viera o prefeito de Viena, como representante da cidade responsável pela cerimônia. Iam de um enlutado a outro, apertavam todas as mãos, diziam a cada um algumas palavras. O prefeito e o chanceler tinham gotas de suor na testa.

O locutor disse que os quarenta e seis caixões com os restos dos mortos que não tinham podido ser identificados seriam enterrados em sepultura comum no Cemitério Central de Viena.

Embora tivesse muita pressa, também o sr. Kratchowil toda hora espiava o televisor enquanto prendia novamente, com precisão, as calças e paletós que tive de vestir, para que ficassem perfeitos.

Trabalhava com alfinetes na boca. Eu estava de camisas e cuecas.

— Que desgraça — disse o sr. Kratchowil. — Imagine que calor está fazendo no hangar. Por isso é que estão apressando tanto a cerimônia e o enterro. Por que está tão quente, têm de fazer depressa, senão... Fique bem firme, milostpane... Essa calça ainda está um pouquinho comprida, mas veja, prosim, como o tecido cai bem. Maravilha, não é?

Um padre católico, com roupagem pomposa, dera início à bênção.

— É o Cardeal König, Arcebispo de Viena, prosim — disse o sr. Kratchowil. — Um senhor importante! Os evangélicos também têm um senhor muito importante; os judeus chamaram um judeu muito importante, ouvi dizer no rádio quando fui para Hietzing...

— Senhor, dai-lhes o descanso eterno, e a luz eterna os ilumine.

Amém. O justo continua vivo na memória eterna, não precisa mais temer mensageiros de desgraças — dizia o Cardeal, e o sr. Kratchowil disse ao mesmo tempo, mas não muito claramente porque tinha muitos alfinetes na boca:

— O ombro esquerdo é um pouco mais alto, temos de levantar e forrar um pouco o outro, prosim...

— Nós Vos pedimos, Senhor, tende piedade da alma de Vosso servo — rezava o Cardeal.

— Não, não vamos fazer a dobra mais larga, isso agora é moda nova, o colarinho bem estreito — disse o sr. Kratchowil.

— Nós Vos pedimos, Deus Todo-Poderoso: concedei perdão e paz eterna à alma de vossos servos que partiram deste mundo libertos de todo o pecado, por Nosso Senhor, amém.

— Fico horrorizado com tudo isso — disse o sr. Kratchowil. — Aí na gola tem ainda uma preguinha, vamos ajeitar logo...

Depois do Cardeal falou um pastor protestante, depois um rabino.

— Tantos valores para a mesma coisa — disse o sr. Kratchowil.

— Os lados vamos deixar bem frouxos, assim o milostpan pode engordar um pouquinho. Mas tenho de me elogiar, as costas estão tão bem, é uma alegria de ver. Cai tão liso, olhe no espelho, senhor, prosim, nem uma ruguinha.

Estávamos parados na sala. O sr. Kratchowil abriu um armário no quarto, em cujo interior havia um espelho alto. Olhei rapidamente e elogiei o sr. Kratchowil.

Lá estava Yvonne! Bem grande na tela. Três homens a rodeavam — decerto os dois médicos e Paul Perrier. Usava um vestido negro, chique, modelado no corpo, sapatos negros, meias negras, um chapeuzinho coquete, e imensos óculos pretos. Seu rosto tremia.

— Não — disse o sr. Kratchowil. — Não?

Naturalmente Eisenbeiss lhe dissera quem eu era na verdade.

Kratchowil era dessas pessoas nas quais ele podia confiar cem por cento. Yvonne deu um grito repentino, que superou até o cântico lamentoso do rabino, que emudeceu de susto. O diretor da transmissão reagiu como um raio no seu monitor, filmando a

imagem de Yvonne que gritava. Ela viu uma câmera trabalhando à sua frente com a luz vermelha. Sabia que estava sendo filmada, — Não, não, não! — gritou, em francês. — Quero sair daqui! O que estou fazendo aqui? Meu marido não está nesses caixões! Meu marido está vivo, vivo, vivo...

Na verdade, uma grande histórica! E ainda por cima a consciência suja, e o medo que a dominava porque era tão burra. E, naturalmente, havia a câmera...

O locutor precisou de alguns segundos para se controlar, depois traduziu depressa as palavras de Yvonne. Enquanto isso, ela desmaiara. Os três homens a afastaram cuidadosamente dos caixões e a levaram embora do hangar.

— Acabo de saber — disse o locutor — que esta senhora é a viúva do advogado parisiense Charles Duhamel. Desde ontem ela está sob cuidados médicos, porque a morte do marido lhe provocou grande abalo nervoso.

A câmera seguiu os três homens que arrastavam Yvonne para a saída e sumiram com ela.

— Ai, que dor — disse o sr. Kratchowil enquanto o rabino recomeçava seu cântico lamentoso. — Pobre senhora. Foi demais para ela, prosim. Desmaiou. Agora vão levá-la para a enfermaria, vão lhe dar amoníaco para cheirar e um copo com uma bebida forte.

Espero que não seja um colapso. Com essas coisas não se brinca, milostpane. Quando eu era menino em Praga, no bairro morava uma senhora casada com um jornalista, e me disseram que ela o traía há muitos anos, e ele não notava nada, o burro, e um belo dia morreu.

E aí, na missa, que demorou muito mais do que essa bênção, uma missa de verdade, na missa pelo marido que ela tinha traído, a pobre senhora ficou tão nervosa que, prosim, se atirou em cima do caixão, prosim, e logo depois teve um colapso, e ficou ali como morta. Depois também lhe deram uma bebidinha, mas infelizmente, que tristeza, prosim, três dias depois o colapso foi fatal, porque era

inverno, e deitada ali no caixão a senhora pegou pneumonia. Espero que isso não aconteça com essa dama francesa... Espere, senhor, agora preciso só prender as mangas e estamos prontos.

23

— Esquilinha querida!

— Meu Gatão adorado! Obrigada pelas rosas. É a primeira vez que recebo flores pela Fleurop.

— Não!

— Sim! Quero dizer, já me trouxeram flores muitas vezes, mas nunca pela Fleurop. Você é maluco. Vinte e uma rosas vermelhas... uma fortuna! Você não deve esbanjar assim!

— Sim, titia. Não faço mais isso. O vôo foi bom?

— Muito interessante. Ao meu lado viajou um jornalista polonês.

Naturalmente falamos sobre o Solidariedade, e eu lhe disse que todos admiramos os poloneses e seu líder operário Lech Walesa, e a grande coragem com que fundaram o sindicato livre contra a vontade do partido.

— Sim — disse eu. — Muita coragem. Eu tenho tanta saudade de você, Esquilinha.

— E eu só penso em você, Gatão, só em você! E o jornalista se alegrou e eu também lhe disse que temos medo de que na Polônia aconteça o mesmo que em Budapeste e em Praga, porque os russos simplesmente terão de intervir se o Solidariedade conseguir mais liberdades, pois isso se espalharia para os outros estados no bloco oriental e aí não haveria mais bloco oriental.

— E o que foi que ele respondeu?

— Que os russos simplesmente não podem se dar o luxo de intervir porque não querem desencadear uma guerra atômica, e Reagan os ameaça com isso o tempo todo. Eu te amo, Gato, te amo, isso é o mais importante, que nos amamos. Mas como nos amaremos se realmente caírem bombas? Deus, meu bom Deus, nos

dê tempo para o nosso amor, por favor! Reagan é mais perigoso do que Nixon e Carter juntos, disse esse jornalista. E com uma guerra atômica o mundo vai rebentar. Não necessariamente, disse eu, Reagan julga possível uma guerra atômica que rebente só com a Alemanha e a Polônia, e talvez toda a Europa, mas não o mundo todo. Ah, Gato, isso é horrível. Eu só quis falar de amor, só de amor, e só falo de bombas atômicas e guerra. Porque isso me comove muito. Entende isso, não é?

— Claro — disse eu.

— Ah, você é tão formidável, Gato, simplesmente fantástico!

Obrigada. Não posso esperar até você estar aqui comigo. E depois esse jornalista repetiu o que o ministro do Exterior, Gromyko, acaba de dizer: uma intervenção de forças de combate soviéticas na Polônia só acontecerá, aspas, em circunstâncias extremamente favoráveis, aspas.

Agora eu esquecia que era uma conversa de apaixonados, e exclamei:

— Gromyko nunca disse isso!

— Pois é isso! — disse Andréia. — É isso, Gato! Está vendo, esse jornalista queria me lograr... não, não lograr, ele queria me explicar uma coisa. Não foi Gromyko quem disse isso, mas o ministro do Exterior americano Haig, referindo-se à América Latina. Lá há as piores ditaduras militares, mas as tropas americanas não intervêm para derrubá-las. E "circunstâncias extremamente favoráveis" não haverá, disse o jornalista. Você também acredita nisso?

— Se me deixar dizer isso, acho que nunca uma esquilinha foi tão amada por um gato como certa esquilinha por certo gato. E também acredito nisso de circunstâncias, disse eu, mentindo.

— Era um jornalista muito moço e muito patriota, sabe. Por exemplo, estava convencido de que poloneses jamais atirariam em poloneses. Não estou tão convencida disso, mas naturalmente não disse nada. Ah, querido, querido, o que você disse antes é tão doce!

Precisa me perdoar realmente, sabe, sou um pouquinho maluca.

— O mundo em que vivemos é maluco. E todos os seus grandes líderes. Mas que diálogo, Esquilinha, que diálogo!

— Ah, querido, temos de viver nesse mundo! Não podemos simplesmente fechar olhos e ouvidos.

— Não, não podemos. Acha que apaixonados poderiam simplesmente amar, sem medo de guerra e morte?

— Não sei. É uma época ruim para apaixonados.

— Ora — disse eu —, o que quer dizer, época ruim? Nós todos somos a época, são as pessoas que fazem uma época. E nós estamos fazendo uma época ruim.

— O que farão as pessoas contra os poderosos?

— Tudo bem, Esquilinha — disse eu —, tudo bem. Não quis dizer isso. Mas estou tão amargurado!

— Quando você estiver aqui, tudo ficará bem — disse ela.

— Tudo — disse eu. — E falaremos só de amor.

— Gato, meu Gato. Ah, lembrei-me de uma coisa!

— O quê?

— Você me disse que estava visitando um amigo no Schafberg e que chamou um táxi.

— Certo — disse eu. — Mas você veio mais cedo e vimos logo que nos amávamos, e por isso fui com você.

— E o pobre motorista?

— Meu amigo pagou a ele, não se preocupe, Esquilinha.

— Estava bem preocupada, sabe. Fico muito contente por seu amigo ter pago o motorista. Eu teria me sentido muito mal. Agora vamos terminar, esse telefonema vai ficar muito caro. Até amanhã à noite, Gatão!

Pausa.

Eu disse:

— O que foi, Esquilinha?

— Eu estava esperando que você desligasse. Você tem que desligar primeiro e desfazer a ligação. Eu não posso.

— Esquilinha, você é maluca.

— Eu avisei.

— Mas uma doce maluquinha — disse eu, e desliguei. Durante o telefonema eu olhara pela janela aberta, para o jardim escuro, e uma vez tivera a impressão de sentir vento encanado. Quando me voltei, Paul Perrier, o belo rapaz com pele de pêssego e longos cílios sedosos, estava diante de mim.

Trazia uma mala preta como a que o sr. Franz e o sr. Kratchowil tinham usado, e parecia querer chorar. Mas de repente tinha uma pistola na mão livre. Vira demasiados filmes de Belmondo. E disse com um sinal de cabeça:

— Sente-se na poltrona, mãos nos joelhos! Se fizer um movimento em falso, isto aqui estoura!

Quis saltar sobre ele e tirar a pistola, mas então vi que o rapaz a destravara. Era perigoso demais tirar a pistola, então me sentei na poltrona e coloquei as mãos nos joelhos como ele mandara. Deixou cair a grande mala de diplomata e espiou no banheiro e no quarto, para ver se havia alguém escondido. Depois voltou, sentou-se diante de mim e apontou aquela coisa para a minha cabeça.

— Quem é você?

— Meu nome... — comecei, e no último momento me interrompi.

Quase dissera Peter Kent. Meu erro fora eu andar reagindo direito o tempo todo, embora ele falasse em francês.

— Vamos!

— Nada.

— Não quer me dizer seu nome? — Brandiu a pistola, e pensei desesperadamente que aquele imbecil destravara a pistola, certamente por engano, porque não entendia nada de armas.

— Não. Quem é o senhor?

— Meu nome é Paul Perrier — disse ele. — E você é Charles Duhamel. Reconheci quando falou. Não modificou a sua maneira de falar, maître Duhamel. Estou certo?

— Sim, Paul, você está certo — respondi. — E agora pelo amor de Deus, levante a trave de segurança desse canhão.

Ele olhou a arma e levantou a alavanca, depois ficou cinzento e disse:

— Santo Deus, então Yvonne tem razão! — Foi demais para ele.

Também teve de se sentar. Suas mãos tremiam tanto que ele mal podia segurar a pistola. — Então o senhor ainda está vivo, e sem ferimentos.

— Paul — disse eu —, como chegou aqui?

Ele respondeu, solícito:

— Ontem de manhã uma senhora foi ao Ritz e falou com seu amigo Balmoral.

— E você viu isso?

— Vi. E quando Balmoral pegou um táxi e partiu, peguei outro e fui atrás dele.

— Por quê?

Ele disse, em tom de choro:

— O senhor sabe como a gente fica nervoso com a sua Yvonne.

— Sua Yvonne — corrigi eu.

— Nossa Yvonne — disse ele. Nunca tivera humor. — Ela com essa encenação de que o senhor ainda está vivo, não só diante das câmeras ou dos caixões, mas também diante de mim, sem parar,

quando estamos sozinhos. E tenho de acalmá-la e pedir desculpas aos outros o tempo todo pelas suas ofensas. Eu estava casualmente no café quando Balmoral falou com a velha e depois saiu. Pensei, quem sabe descubro alguma coisa. Por isso fui atrás dele. E não tinha idéia de que o senhor estava vivo.

— Que mais?

— Mais? — disse ele. — Vi Balmoral entrar aqui, depois sair... ele não me viu. Depois vi dois homens, que chegaram com malas como aquela. E pensei, se esses entram aí com essas malas de diplomata, também entrarei. Portanto comprei uma mala e a pistola.

— Onde comprou a pistola?

— Por que mandou chamar Balmoral?

— Onde comprou a pistola?

— Não, o senhor me responda. O que queria de Balmoral?

— Vê-lo e dizer que estou vivo. É o meu único amigo.

— Mais alguém sabe disso?

— Ninguém. Só você e Balmoral. Onde comprou a pistola?

— No Westbahnhof. Muito simples. Lá se compram armas à vontade. Hoje em dia é assim em todas as estações de trens.

— E depois?

— Yvonne teve um ataque hoje no aeroporto, os médicos lhe deram comprimidos para dormir, para que finalmente ficasse quieta.

Coisa forte. Vai dormir até amanhã de manhã. Então vim para cá e toquei a campainha. Mostrei a mala para a moça que abriu, não sei falar alemão, mas bastou. Ela me trouxe logo para diante da porta do seu quarto. Bati, o senhor não ouviu, então simplesmente entrei.

Depois se calou e enfiou dois dedos no colarinho como se de repente estivesse apertado, abriu o botão de cima e afrouxou a gravata. Ainda estava cinzento e parecia doente.

Eu disse devagar:

— É óbvio que você não sairá daqui vivo. — Depois gritei, olhando por cima do ombro dele: — Agora!

Um truque antiqüíssimo, mas Paul virou-se. Saltei da poltrona e imediatamente tirei-lhe a arma. Ele arquejava. Dei-lhe um empurrão, ele caiu numa poltrona, e mais uma vez parecia querer chorar. Puro teatro de bulevar — se tanta coisa não estivesse em jogo para mim.

— E agora? — perguntei ao belo rapaz que tinha um caso com minha querida esposa Yvonne.

— Isso foi maldade — gaguejou ele. — O senhor me enganou...
Era como no jardim de infância.

— E você não me enganou? — perguntei; parei ao lado dele e apertei o cano da pistola no seu peito. — Seu sujeitinho de merda, seu bebezinho mijado, seu filho da puta cagado, você não quis me enganar, hein?

— Tire essa pistola daí! — disse ele.

— Por que eu faria isso?

Ele disse:

— O senhor não pode me matar. No hotel eu disse que ia para a Maxingstrasse 15.

— Ora, merda.

— Verdade! Eu disse isso!

— Disse uma bosta. Fez tudo em segredo. Ninguém sabe aonde você foi. Ninguém saberá onde procurar você, seu porcaria, seu miserável!

Mas eu me sentia muito desconfortável, era tudo fita minha. Não podia deixá-lo sair agora que ele me sabia vivo; e por outro lado não era fácil matá-lo.

— O senhor tem a pistola, mas ainda está em minhas mãos — disse.

Dei uma risada:

— Nas suas mãos, hein? Vai contar a todo mundo que estou vivo, é?

— Isso... e outra coisa — disse ele, birrento.

— O que significa "outra coisa"? Por que veio aqui, afinal?

— Por causa de sua conta bancária — disse ele, e mais uma vez tive a impressão de que havia vento encanado.

— Por quê?

— Não se faça de besta! Sua conta em Zurique. Onde colocou todo o dinheiro desviado. O Fisco vai adorar isso.

— Não sei do que está falando.

— Não sabe do que estou falando — disse ele irônico. — Mas eu sei, e sua mulher sabe. Foi ela quem me contou, há muito tempo. Ela sabe da sua conta.

Era pior do que eu pensara. Há anos eu dissera alguma coisa a Yvonne sobre a conta, depois que ela remexera meus bolsos e encontrara uma carta do banco. Eu simplesmente não pudera negar.

E ela então contara ao menino. Beleza, beleza. E agora?

— Já lhe disse, não tenho conta na Suíça.

— Bom, então vou procurar a polícia e dizer que o senhor está vivo, maître. — Atirou-se para a porta e abriu-a num arranco. Saltei para diante e pude puxá-lo para trás no último momento e jogá-lo na poltrona outra vez. Guardei a pistola e esbofetei-o com as duas mãos, com toda a força. Ele tentou defender o rosto com os punhos, de modo que muitos golpes não acertaram.

Tudo isso não faz sentido, pensei, e fui para a minha poltrona.

— Escute, seu puto — disse eu. — Muito bem, tenho uma conta na Suíça. E com dinheiro. Muito. Minha mulher sempre fala a verdade. E você é inteligente. Então, me diga como posso pegar o dinheiro, se estou morto. Não entende? Um morto não pode ir ao banco.

— E se eu disser que o senhor está vivo?

— Então naturalmente eu lhe farei o favor de ir para Zurique com os fiscais do Imposto e lhe darei todo o dinheiro, Paul.

Novamente, silêncio. Ele refletia. Não tinha muita coisa na cabeça, suas qualidades ficavam em outro lugar. Yvonne também não tinha muito na cabeça. Par ideal, pensei, e depois refleti: tente mais uma vez!

— Mas você é tão burro que preciso lhe explicar que presente do céu será para você a minha morte?

— Como? — perguntou ele. — E por que quer estar morto?

— Isso não lhe interessa merda nenhuma — respondi. — Mas quanto ao presente do céu: esqueceu que Yvonne é minha herdeira universal? Esqueceu tudo o que ela vai herdar agora? De repente você é o fodedor de uma das mais ricas viúvas de Paris, seu burro.

Não posso lhe entregar minha conta na Suíça, mesmo que queira.

Temos de desistir disso, nós dois. Mas com nossa querida Yvonne você pode ordenhar como nunca ordenhou mulher alguma.

Ele me encarou, iluminado. Assim deve ter sido Moisés vendo a Terra Prometida. Paul disse, respeitosamente: — Merde alors, se o senhor não tem razão, maître.

— Você é um idiota. Diga: "Sou um idiota".

— Sou um idiota. Santo Deus, como sou idiota. Maître Duhamel, peço desculpas. O que fiz foi infame.

— Ora, cago em cima disso. — Graças a Deus, ele mordera a isca! — Você quis tentar, não foi? Certamente não teria dito nada à

nossa Yvonne se eu lhe pudesse dar o dinheiro da conta suíça, hein?

— Maître, o senhor não sabe realmente como é sua mulher. Não é fácil para mim, acredite. Tenho de amar muito Yvonne para agüentar isso, especialmente agora.

— Muito bem, então ame-a bastante — disse eu. — Pense sempre que ela é minha herdeira universal, e será fácil amá-la ainda muito mais! E não lhe teria falado sobre o dinheiro daquela conta se eu lhe pudesse dar tudo. Tenho razão?

— Uma mulher não precisa saber de tudo, não é?

— Certo.

— Quero dizer... eu realmente amo Yvonne, perdão, maître.

— Nada a perdoar.

— E falei umas coisas de Yvonne há pouco. Uma mulher realmente boa. Só os nervos são ruins. Mas sei disso, tolero isso. Não me importa nem um pouco.

— Especialmente agora, que é minha herdeira universal.

— Maître, as circunstâncias impedem... mas de resto... acho que poderíamos ter sido bons amigos.

— Está vendo, seu filho da puta. Estou só querendo o seu bem.

Ordene bastante agora, essa é a única coisa certa. E só poderá fazer isso se calar o bico sobre o que sabe de mim. No momento em que disser que estou vivo, o sonho acaba. E ainda poderei me desculpar com uma comoção cerebral, não me acontecerá nada, mas se eu voltar a viver será duro para você.

— O senhor não pretende voltar, maître? Por favor, o senhor não pretende aparecer outra vez? Por favor, não me olhe assim! Sei que sou um porco, mas não me olhe desse jeito, por favor!

— O que foi? — disse eu. — Estou olhando para você com ternura. Como a um filho. E desejo-lhe tudo de bom.

— Ao senhor também, maître. Desejo-lhe toda a felicidade do mundo.

— Então vai ficar de bico fechado?

— Como um túmulo. Ainda que venham com tenazes de ferro em brasa... não direi que o senhor está vivo. Enquanto continuar morto. Quero dizer, seria horrível se de repente resolvesse voltar a viver.

— Não pretendo — retorqui. — Você é um sortudo. Ninguém pode ter tanta sorte assim.

Riu como uma criança:

— Sou um sortudo, sou um sortudo! — Levantou-se e estendeu-me um braço. — Posso apertar sua mão, maître?

E apertou-a com firmeza, olhando bem nos meus olhos, de cabeça erguida.

— Sua mala — disse eu. — E a pistola. Jogue-a fora, ou ainda vai arranjar alguma encrenca. — Fiz saltar uma bala da arma, tirei o pente, e lhe entreguei tudo. — O melhor é jogá-la num bueiro.

— Imediatamente, maître. E tim-tim pela sua nova vida.

— Tim-tim pela sua — disse eu, e ainda o levei até a porta.

Acenou, devolvi-lhe o aceno e fechei a porta. Depois, tudo começou.

24

A primeira ferroadada de dor veio como um raio das costas ao peito. Caí numa poltrona. Então veio a segunda ferroadada, ainda pior.

Saiu do coração e irradiou-se pelo braço esquerdo. Virei-me de lado com esforço e tirei do bolso o frasquinho com o remédio à base de nitro. Minhas mãos tremiam tanto que mal pude abrir a tampinha de plástico. Arquejava. Por fim o frasquinho estava aberto. Meti uma cápsula entre os dentes e mordi-a. Um gosto amargo encheu minha boca. Engoli a cápsula mastigada. Tomara que faça efeito, pensei. Eu estava suando, na testa, no corpo todo. Gemia de dor.

Agora meu tórax estava metido num torno, que se fechava devagar, impiedosamente, sempre mais, apertando meu peito. O medo me assaltou. Pensei muito tempo em como poderia descrever esse medo.

Aniquilamento.

Era medo de ser aniquilado.

Implacavelmente. Aniquilado, sim, aniquilado. A dor varou meu peito de novo. Era tão terrível que gritei alto. A cápsula não adiantara.

Rapidamente meti outra entre os lábios e mordi, e logo fiz o mesmo com uma terceira. O gosto do remédio era nojento. Quase vomitei.

Agora a dor era constante, não mais ferroadadas, mas uma dor permanente. E medo mortal, puro medo mortal. Acabado. Eu ia morrer.

Mas não morri.

A dor aumentava cada vez mais.

Gritei novamente.

— Deus! Deus do céu! Faça passar logo! Me deixe viver!

Sim, agora eu rezava para um Deus em quem não acreditava.

Quem pode entender isso? Pessoas com a minha doença entendem.

Num acesso de angina pectoris acredita-se em Deus. Vou dizer a todo mundo que você existe, e que têm de acreditar em você, mas ajude-me agora Deus do céu. Por favor, por favor, por favor! Não agüento isso. Me ajude, Deus! Faça alguma coisa! Não me deixe morrer desse jeito! Faça alguma coisa para que isso pare! Oh, Deus, por que não faz nada? Não agüento mais. Se não faz nada, ao menos me faça morrer. Mas não esse aniquilamento, esse aniquilamento não.

Escute-me, Deus, meu querido Deus, me ajude, me ajude!

O torno fechou-se mais. Escorreguei da poltrona para o tapete.

Gritei uma terceira vez.

A porta abriu-se num impulso.

A sra. Klosters estava no umbral, mocinhas comprimiam-se atrás dela.

— Por amor de Deus, o que foi, sr. Kent?

— Coração... coração... — eu só conseguia balbuciar. Depois, nova ferroadada nas costas, e gritei outra vez.

Madame saiu correndo, as mocinhas atrás, outras ficaram paradas olhando para mim. E eu ali deitado no tapete, contorcendo-me de dor. E cada vez menos ar. Comecei a arquejar. Não podia mais respirar.

Não quero morrer. Não agora, que tenho Andréia...

A vara de ferro!

Alguém enfiara no meu coração uma vara de ferro pesada e movia-a para lá e para cá. Era insuportável. Eu não agüentava, ninguém agüentaria aquilo.

Uma das mocinhas disse uma coisa a outra, e todas sumiram. A porta fechou-se. Fechou-se! E eu ali, encerrado, cada vez menos ar, o remédio não adiantava... mas sempre adiantara, sempre... Achei três cápsulas no tapete e mordi as três. Lá estava outra vez a vara de ferro. Alguém remexia dentro do meu peito com ela. Não agüentei, era horrível demais. O torno fechou-se ainda mais. Quando ia quebrar minhas costelas? Quando ia esmagar o coração?

O quarto desapareceu diante de meus olhos. Véus e fitas coloridas giravam diante de mim, lentos, rápidos, como pássaros esvoaçando ao meu redor... pássaros coloridos... não, agora eram negros... Tinham vindo pássaros negros... Então vieram me buscar...

Aniquilamento, essa a palavra. Um medo horrível do aniquilamento me dominava.

— Ei! Está me ouvindo? — apertei os olhos e vi um homem debruçado sobre mim. Um homem idoso de óculos. Um homem de terno cinza. Boca pequena, olhos pequenos.

— Está com angina pectoris?

— Sim...

O que é que ele vai fazer agora? Abre uma bolsa preta ao lado dele no tapete. Pega uma injeção, uma ampola com um líquido escuro.

Em pânico, pensei: ele vai me dar uma injeção, vou perder a consciência, e vão me levar para o hospital de ambulância! Mas não tenho meus documentos novos! Ainda tenho meu passaporte velho!

Ainda sou Charles Duhamel... Acabou, acabou, tudo vai acabar se você deixar esse sujeito chegar perto...

— Não...

— Eu sou médico. Quero ajudar!

Ele puxava meu casaco, tentando tirá-lo. Reconheci a sra. Klosters atrás dele.

— Não... — De repente, eu podia falar. — O senhor não vai tocar em mim... de jeito nenhum... eu lhe proíbe.. o senhor sabe que não pode me tocar se eu não permitir...

E outra vez o torno e a vara de ferro, terríveis como nunca. Eu rolava no tapete e gritava. O médico ainda tentava tirar meu casaco.

Dei pontapés selvagens no vazio, na barriga dele.

— Mas tenha juízo! Vou lhe dar uma injeção, depois vai acabar tudo, acredite em mim!

— Nada de injeção! — gaguejei, saliva escorrendo da boca. — Não me toque! — De repente vi os dois esquilos lá em cima na beira da floresta em Cobenzl. Andréia deitada ao meu lado, rindo.

Gaguejei:

— Não ria... Você nem sabe... A corça... vou me ajoelhar à sua frente... oh... oh... oh não... — A dor pavorosa. Eu berrava sons desconexos, e dei mais pontapés no médico. Este disse à sra.

Klosters, e ouvi tudo:

— Assim não é possível. Posso telefonar?

— Lá está o telefone, doutor.

Agora ele vai ao telefone. Pega o fone. Disca. Fala. A dor me quebra, me rasga. Ouço apenas farrapos do que o médico diz: — ...se nega... muito estranho... não é só o ataque... confuso, totalmente confuso... Maxingstrasse 15, A... obrigado... — Desligou e disse alguma coisa à sra. Klosters. Juntei todas as minhas forças, tinha de ouvir o que ele dizia: — Falei com a polícia, sra. Klosters. O estado do cavalheiro é muito grave... Realmente não posso tocar nele num estado desses... mas espere, sra. Klosters, logo chegará um médico da polícia, que pode fazer isso... Não se assuste, virão também dois agentes criminais. É sempre assim, o médico vem com dois policiais... — Ele saiu do quarto, a sra. Klosters atrás.

De repente o torno afrouxou um pouco. Só um pouco. Só um pouco, mas afrouxou. A vara de ferro não se mexe mais. Tento me

sentar, e consigo. Tento me levantar e consigo, embora minhas pernas tremam tanto que tenho de me segurar para não cair. E começa a dor de cabeça intensa, enfim começa! Esperei tanto por ela... A dor de cabeça significa que o remédio de nitro está fazendo efeito.

A porta se abre num arranco.

A sra. Klosters aparece, pálida.

— Tenho de sair daqui — digo. — Antes que chegue o médico da polícia com os dois agentes.

Então, caio numa poltrona, minhas pernas não me sustentam mais.

25

O médico da polícia chega com dois agentes criminais.

Essa frase me dá forças para me levantar de novo. Minha cabeça dói, eu me sentia cansado, esgotado, e meus membros pesados.

Eisenbeiss! Tinha de falar com ele! Onde estava o papel? Ali! Disquei seu número secreto com dedos trêmulos, e lhe disse o que tinha acontecido.

— Saia daí, Charles! Recuperou-se o suficiente para poder andar e falar sem problemas?

— Sem problemas não. Ainda estou muito fraco, e com muito medo, e dores fortes. Mas tem de dar.

— Bom. Já teve dois ataques um depois do outro?

— Sim, algumas vezes.

— Tem medo de um segundo ataque?

— Horrível. Nunca tive um tão forte. Tenho um medo horrível de que aconteça outro.

— Vá de táxi ao Westbahnhof. Depois mude de táxi e vá ao Schottentor. Lá há cabines de telefone, e você me liga outra vez. Até lá certamente terei encontrado uma solução. Mas agora saia daí, o mais depressa possível. — Enquanto eu telefonava a delicada dama já juntara meu pijama e os objetos de toalete.

— Isso tem de sumir... venha comigo... pode andar?

Fui atrás dela. Tudo girava ao meu redor.

O vestíbulo estava vazio. Desci os degraus tropeçando. Ouviam-se vozes e risos.

— Finni!

A criada que ontem abrira o portão do jardim para mim saiu de um dos quartos do térreo.

— Madame?

— Este senhor precisa ir ao ponto de táxi lá na igreja. Não se sente bem. Acompanhe-o e volte imediatamente.

— Sim, madame. — Finni tirou a touca e o avental, e depois tudo ocorreu muito depressa, depressa demais para mim. Eu estava com Finni no jardim. Na rua, de repente, tive de me segurar na grade da cerca, tão tonto estava. Adiante! A qualquer momento chega o médico da polícia, e se eu ainda estiver aqui...

— Está se sentindo mal demais? Vamos voltar?

— De jeito nenhum! — Pus o braço em torno do ombro dela para me apoiar. — Está dando passos grandes demais para mim. Não, continue andando como estava.

Fui cambaleando, e o pequeno trajeto até a igreja e a entrada do parque Schönbrunn me pareceu ter quilômetros.

— Logo estaremos lá — disse Finni.

Chegamos à praça diante da velha e antiga igreja da Natividade de Maria, e lá estava o ponto de táxi, com um único carro esperando.

Comecei a cambalear mais depressa, tinha de alcançar aquele táxi.

Um jovem correu do Park Hotel Hübner e atravessou a rua, correu até o táxi, abriu a porta e atirou-se no fundo. O táxi partiu. Dei um gemido.

Nada de táxi.

Nada de táxi.

26

Havia um banco na sombra da igreja.

Caí sobre ele.

— O que faremos agora? — Finni estava atarantada.

— Você volta — disse eu, com a sensação de que o banco oscilava como um bote numa tempestade. — Você nunca me viu.

— Não, senhor. Nunca o vi. E boa sorte! — Ela correu para a Maxingstrasse. Fiquei sentado no banco, esperando. Havia castanheiros rodeando a praça. A luz dos lampiões caía entre suas folhas. Uma campainha soou aguda. Estremeci. Havia uma caixa metálica presa em uma das árvores. Custei para entender que era o telefone do ponto de táxi. Alguém precisava de um carro. O som morreu outra vez.

Ouvi a sirene de um camburão, cada vez mais alto. Não pude ver o veículo, que passava pela outra rua. Era o médico policial e seus acompanhantes. Não me encontrando na casa procurariam nas redondezas, pois eu não poderia estar longe. E logo pensariam que eu estivesse no ponto de táxi. E se me encontrassem pediriam para eu mostrar minha identidade. E ainda havia a caça aos terroristas. E se...

Um táxi dobrou na esquina da igreja e parou. O telefone tocou novamente. O motorista, um rapaz de jeans e camisa, desceu e quis atender.

— Não! — gritei e consegui me levantar. — Estou esperando há tempo aqui! Por favor, venha!

Ele hesitou.

Abri a porta do seu carro e caí no assento traseiro. Ele voltou e enfiou-se atrás da direção.

— Westbahnhof, por favor — disse eu.

— O senhor tem pressa, moço, tem pressa mesmo.

Não respondi. Agora, até os dentes me doíam.

Seguimos ao longo do trajeto do bonde até o Castelo Schönbrunn, depois à esquerda, e mais uma vez à direita até a Mariahilfer Strasse. Uma voz de mulher dava ininterruptamente endereços e números pelo rádio, e vozes masculinas respondiam.

— Gumpendorfer!

— Doze catorze.

— Doze catorze: Gumpendorfer Strasse quarenta e um, Viskotschek.

— Gumpendorfer quarenta e um, Viskotschek.

— Certo.

— Peter Jordan! Peter Jordan!

— Trinta e quatro zero cinco.

— Trinta e quatro zero cinco: rua Peter Jordan vinte e quatro.

Tocar a campainha no Kindler.

— Peter Jordan vinte e quatro. Tocar no Kindler.

— Certo.

Agora meus membros estavam tão pesados como quando se tem uma gripe muito forte. O ar estava abafado e sufocante depois do dia quente. Eu só conseguia respirar com dificuldade.

— Hadik! Hadik!

— Vinte e quatro catorze.

— Vinte e quatro catorze: Hadikgasse sete. Passageiro parado na rua.

— Hadik sete. Passageiro na rua.

— Certo.

Minha cabeça doía a ponto de estourar. Sentia constantes ferroadas pequenas e breves na região do coração.

O táxi parou diante dos grandes portões de vidro do Westbahnhof. Precisei de toda a minha força para desembarcar. Os joelhos eram como geléia. Eu tremia, em pé.

— Quanto é?

— Quarenta e dois xelins.

Dei-lhe uma nota de cinqüenta.

— Muito obrigado.

De repente fiquei tão tonto que tive medo de cair, e me segurei na capota do carro. O motorista me examinou: — Sentindo alguma coisa?

— Um pouco enjoado.

Vi uma longa fila de táxis do outro lado da grande praça.

— O senhor parece bem ruinzinho, senhor, bem ruinzinho. Quer que eu pegue um médico na estação? Lá sempre tem um!

— Que nada, obrigado — disse eu. — Comi fruta e bebi água. E agora estou me sentindo mal. Boa-noite.

— Boa-noite. — Ele rodou para o cruzamento da Mariahilfer Strasse. Esperei que sumisse, e depois cambaleei pela grande praça até os táxis, e a cada passo tinha medo de cair. Lutava para respirar, mas quase sufocava.

Naquela noite quente os motoristas estavam parados fora dos carros conversando. Ergui uma das mãos.

— O da frente! — gritou uma voz masculina.

Chegou o motorista, um velho careca, que abriu cortesmente a porta traseira. Caí literalmente no carro, só não desabei no chão porque me segurei na porta aberta.

— Epa! Bebeu demais, hein?

— É, um pouco. — Meu coração latejava.

Ele meteu-se atrás do volante. — Para onde?

— Schottentor. O cruzamento grande. Lá onde tem as cabines telefônicas.

— Tudo bem. — Deu partida.

Também no seu carro se ouviam as vozes dos colegas e da mulher na central.

— Praterstrasse!

— Trinta e dois doze.

— Trinta e dois doze: Praterstrasse. Café Astor. Perguntar pelo sr. Koller.

O motorista repetiu o recado.

— Spinnerin am Kreuz... Spinnerin am Kreuz... Spinnerin am Kreuz...

Nenhum motorista respondeu.

Outro ataque chegando?

Por favor, não.

— Quarenta e dois quinze.

— Quarenta é dois quinze: direto no monumento. Uma mulher.

— Spinnerin am Kreuz, direto no monumento, uma mulher.

— Certo.

Passamos pela Mariahilfer Strasse e atravessamos o Ring, passando pelo Parlamento e o teatro. O sinal no Schottentor estava vermelho. Paguei depressa e desci. Mais uma vez quase caí, pois minhas pernas cederam. Alcei-me para cima no carro. O sinal mudou para verde. O caminho para as cabines telefônicas foi um pesadelo.

Eu não tinha onde me segurar. Agora vou cair, pensei, agora, agora, agora...

Mas não caí. Cheguei às cabines e entrei em uma delas. Quando tirei trocado do bolso, todas as moedas caíram no chão. Impossível me abaixar. O suor escorria pelo meu corpo. Meus joelhos se dobravam. Recostei-me pesadamente na parede da cabine e pus o dinheiro, depois disquei o número de Eisenbeiss.

Ele atendeu imediatamente.

— Está no Schottentor?

— Sim... — A cabine estava quente e abafada. Com um braço trêmulo abri a porta.

— A sra. Klosters disse ao primeiro médico que você era um cliente novo e que, mal chegando, já começara a ter o ataque. Todos estão colaborando em Hietzing. A polícia não sabe o seu nome. — Dei um gemido. — Está passando muito mal, não é?

— Infelizmente, Emanuel, infelizmente. E agora?

— Temos de arriscar, não há outro jeito.

— Que jeito? — Eu tentava convulsivamente respirar fundo ao menos uma vez, e não conseguia.

— Você tem que ir ao Ritz — disse Emanuel Eisenbeiss.

27

— Alô, Charles! Charles, está me ouvindo?

Agora eu sentia ferroadas ininterruptas na região do coração.

Minha cabeça reboava.

— Sim, estou. Você ficou louco, Emanuel.

— É o único jeito. Você disse que algumas vezes teve um segundo ataque. O que pode acontecer se hoje for assim? Para cá não pode vir. Não pode ir para nenhum lugar onde chamem um médico caso venha outro ataque, certo?

Não pude responder. As ferroadas, as pontadas...

— Certo?

— Sim...

— Tenho seu passaporte pronto. Os outros papéis ainda não, mas o passaporte está pronto. Com ele pode entrar no Ritz. Ninguém vai pensar que você é Charles Duhamel. Precisa ir ao Ritz, Charles. A sua maldita mulher está sob cuidados de dois médicos, eu os vi na televisão, e os conheço. Um é o médico do Ritz, Dr. Moser. Conheço-o só de vista. Mas com o outro me dou tão bem como com a sra. Klosters ou Kratchowil, entende o que quero dizer. Chama-se Dr.

Harald Schubert.

— Depressa, Emanuel, não posso ficar em pé muito tempo.

— O Dr. Schubert está todo o tempo no hotel agora porque tem de acompanhar sua mulher. Quer dizer que tem o apartamento ao lado do dela. Porta de comunicação aberta. Sua mulher insistiu. Já falei pelo telefone com ele e expliquei tudo. Podemos contar com ele, se acontecer de novo, Charles. O único médico que você pode

deixar se aproximar se tudo piorar e tiver de ir para uma clínica... o Dr.

Schubert tem alguns leitos numa clínica particular.

— Loucura.

— Tem solução melhor?

Fiquei calado, tentando respirar, e o ar era tão pouco. Meu corpo todo estava ensopado de suor.

— Você pega um táxi agora no Schottentor e vai até a Bräuhausgasse 20. Anote isso: Bräuhausgasse 20. Repita!

— Bräuhausgasse 20. O que faço lá?

— É a casa de Kratchowil; ele o espera no portão, que já está aberto. Tem um terno pronto. Maria levou roupas de baixo, sapatos e camisas até lá, numa mala cheia. A sra. Tiller esteve aqui, pegou seu passaporte. Ela vai à casa de Kratchowil. Você muda de roupa, deixa as coisas velhas com Kratchowil, e vai com a sra. Tiller e a mala ao Ritz. Já telefonei para lá apresentando-me como seu secretário em Viena. Seu avião de Madri via Zurique chega em meia hora. Avisei na recepção do Ritz que você teve de vir a Viena inesperadamente a negócios. E passou por uma doença muito grave, isso eu também disse... para alguma emergência.

Fui escorregando pela parede da cabine até quase tocar o chão, mas consegui me levantar outra vez com as últimas forças.

— Tudo isso não pode ser — gemi.

— É o único meio — disse ele. — Coragem, meu caro! Pegue agora um táxi, e até a Bräuhausgasse 20! Por favor, Charles! Pense nas situações malucas que já superei na vida. Então, sim?

— Sim — disse eu, e em vez de desligar deixei cair o fone. Eram quase cem passos até o táxi. Quando cheguei ao primeiro carro, tive de me enfiar atrás e depois puxar as pernas para dentro, pois não conseguia mais levantar os pés.

— Noite, senhor.

— Boa-noite. Bräuhausegasse 20, por favor.

— Tudo bem. — Desta vez era um motorista muito velho, de cabeça pequena e um corpo curto que mal via por cima do volante.

Certamente estava sentado em uma almofada. E nesse carro também soava o rádio.

— Währinger!

— Sete dezoito.

— Sete dezoito: Währingerstrasse trinta e cinco. No Braun.

— Währinger trinta e cinco, no Braun.

— Certo.

E assim continuava, sem interrupção. E me deixava louco. O tempo todo apertava meus dentes doloridos. Você tem de imaginar isso, meu bem: uma pessoa acreditando quase uma hora inteira que a qualquer segundo vai morrer.

O motoristzinho passou por uma zona da cidade onde eu nunca estivera. Curvas fechadas, era um motorista audacioso, o velhinho. A cada curva eu era jogado para os lados. Passamos uma igreja, e aí aconteceu.

— Atenção, colegas, atenção! A polícia pede a nossa colaboração na caça aos terroristas. Procura-se urgentemente um senhor de cinqüenta anos... — Tirei meus óculos depressa — ...nome desconhecido... — Meus lábios retorceram-se num sorriso. — O homem provavelmente tomou um táxi há quarenta minutos em Hietzing, na praça diante da igreja da Natividade de Maria. É muito alto, nariz grande, testa alta, cabelo bem curto. Usa óculos escuros, terno azul-claro, gravata azul e camisa branca. Parece doente e deve estar fraco. Teve um ataque cardíaco. Por favor, avisar quem leva ou levou esse homem no carro. Ele não poderá reagir muito depois do ataque. Se ainda tiver esse homem no carro, pare e diga exatamente sua localização. O carro da polícia chegará imediatamente. Fim.

Repito, colegas: a polícia pede a nossa colaboração! Procura-se um homem de uns cinquenta anos, nome desconhecido...

Vi o olhar do pequeno motorista no retrovisor. Ele riu: — Se o senhor não tivesse entrado no Schottentor ou usasse óculos, eu jurava que era o senhor!

Rimos os dois, eu com grande esforço. A dupla troca de carros me salvara. Eisenbeiss pensava em tudo. Também no Hotel Ritz nada me aconteceria, eu agora acreditava firmemente nisso. O primeiro motorista só podia dizer que eu desembarcara no Westbahnhof.

Imediatamente ouvi sua voz.

— Quarenta e dois zero quatro! Central, aqui Pummerer. Levei esse homem!

— Quarenta e dois zero quatro! A descrição realmente se ajusta ao seu homem?

— Posso jurar! Ele estava muito nervoso e apressado. E parecia doente. Não disse uma palavra.

— Obrigada, quarenta e dois zero quatro. A polícia ouviu isso...

Tuchlauben... Tuchlauben...

— Doze oitenta e quatro.

A ladainha continuou.

Eu me deixara cair para trás no assento e estava imensamente aliviado. Também me sentia muito melhor. Conversei com o pequeno motorista, porque não falara uma palavra com os dois primeiros. E aos poucos minha fraqueza cedeu quase completamente.

Passamos por feias ruelas. Uma vez vi dois gatos se perseguindo, outra vez passamos por um trecho pobre onde duas putas envelhecidas acenaram e levantaram as saias. Depois o baixinho parou.

— Pois não, senhor, Bräuhausgasse 20. Estão esperando. — Vi o sr. Kratchowil impecavelmente vestido no portão da casa.

— Quanto lhe devo?

— Sessenta.

Dei oitenta xelins, ele agradeceu enfaticamente e até me ajudou a desembarcar. Agora eu caminhava com mais facilidade. Ainda estava com as pernas bambas, mas melhor do que há quinze minutos. O táxi partiu.

Kratchowil apertou minha mão:

— Muito malzinho, senhor?

— Mais ou menos, sr. Kratchowil.

— A sra. Tiller já está aqui.

Só então vi o Mercedes branco estacionado.

— Entre! Moro no mezanino. — Precisei subir apenas alguns degraus. Consegui. Não havia placa na porta, nem eu vira nenhuma na parede da casa. Perguntei por quê.

— Tenho muitos clientes que sabem onde moro. Outros é melhor que não saibam. Com licença, milostpan. — Abriu a porta de seu apartamento e entrei numa sala decorada à antiga maneira alemã, com um monstruoso bufê.

Kratchowil, que andava à minha frente, deu um grito: — O que foi que você fez, seu idiota?

Agora eu via uma porta de banheiro aberta ao fundo da sala.

Um rapaz em mangas de camisa inclinava-se desamparado sobre uma mulher que jazia soluçando no chão. Levei um susto. A mulher parecia um fantasma. Sua camisola estava erguida, as pernas tão magras que eram puro osso. No rosto pálido, só os olhos viviam, e deles corriam lágrimas. Tinha cabelo grisalho e fino, com madeixas caindo na testa. Ao lado dela, uma cadeira de rodas.

Kratchowil esquecera-se de mim. Correu até a mulher. O rapaz defendeu-se:

— Não tenho culpa. Ela tocou a campainha quando o senhor saiu. Então eu a trouxe aqui e a coloquei no vaso. Depois, ao levantar-se, ela deu um passo sozinha e caiu. Realmente não tenho culpa!

Kratchowil falava com a mulher:

— Não chore, Marenka, não chore, tudo está bem. Você se machucou, ora. Olhe, estou aqui outra vez, e vou levar você de volta para sua bela cama. Quer um pedaço de chocolate, Marenka, meu benzinho? Vou lhe dar um pedaço bem grande e bonito, minha querida. Não, agora não dói mais, não é? — Enquanto falava, colocara a mulher na cadeira de rodas e acariciava seu cabelo ralo.

No rosto dele estampava-se todo o amor do mundo. — Então, venha, meu anjo, vamos. — Ele se virou. Deve ter me esquecido por completo; agora se lembrava de mim. — Desculpe, milostpane. Vá na frente, prosim. Volto logo. — E de novo dirigindo-se à mulher na cadeira de rodas: — Não chore, Marenka, não chore. O seu Josef está aqui agora. Olhe para mim, Marenka, olhe para mim! — E disse para si mesmo, amargurado: — Não me conhece mais... não me conhece mais... — E empurrou a cadeira de rodas dobrando um canto da sala.

O rapaz veio até mim e disse:

— Não imagina quantas vezes isso já aconteceu quando o sr. Kratchowil não estava em casa. Sempre temos um medo terrível. É uma coisa pavorosa.

— Quem é a mulher? — perguntei enquanto ele abria outra porta.

— Dele, ora. — O rapaz me levou por uma grande sala que era uma alfaiataria. Havia mais dois homens em mangas de camisa trabalhando. Cumprimentaram cortesmente, mas ostensivamente não me olharam. Notei que havia barbantes com sininhos que

vinham do corredor, passavam por aquela sala e levavam à outra, onde o rapaz me introduziu.

— Espere aqui um momento, senhor — disse o rapaz, e desapareceu.

De trás da pilha de peças de tecido apareceu uma mulher jovem e bonita com cabelos e olhos castanhos, um pouco parecida com Andréia.

— Sra. Tiller? — perguntei.

— Sim, sr. Kent. Boa-noite.

— Tenho de lhe pedir mil desculpas. Foi má-criação de minha parte.

Ela riu:

— Está perdoado! O sr. Eisenbeiss me explicou o motivo.

Felicitações. Trouxe uma coisa para o senhor. — Deu-me um passaporte um pouco gasto, da República Federal da Alemanha.

Abri-o. Lá estava o meu retrato. Comecei a sentir calor.

— Excelente, não? — disse a sra. Tiller.

— Sim, é verdade — respondi.

Ela contou há quanto tempo conhecia Eisenbeiss, depois disse como estava feliz na sua profissão, embora o sr. Eisenbeiss não quisesse que ela trabalhasse.

— Mas eu gosto tanto de dirigir! É o que mais gosto. E a gente conhece pessoas tão interessantes.

Contou quem já tinha levado no carro, gente famosa, muitas das quais bastante amáveis e bem naturais, o que muito impressionou a sra. Tiller. Depois Kratchowil entrou na sala atulhada. Seu rosto ainda estava triste ao entrar, mas tão logo fechou a porta começou a rir.

— Ah, já se conhecem. — E ficou embaraçado. — Aqui é que trabalho, prosim.

— Por que diz isso tão embaraçado?

— Logo percebi o seu jeito. Onde trabalho tem de ser assim. Ou não encontro as minhas coisas. Agora, primeiro uma bebida, milostpane, e vai se sentir melhor. — Ele procurou num armarinho.

— Sr. Kratchowil — disse eu —, que há com sua esposa?

— Paralisada até os quadris. Acidente de carro. Um desses porcos malditos entrou no nosso carro. Bêbado. Do lado dela.

Também fui atingido, mas não tanto. Fiquei no hospital quatro semanas, e a minha pobre Marenka, três anos. Depois disseram que não havia mais o que fazer. O médico vem, e uma enfermeira, injeções e massagens. O que lhe posso dizer? Ultimamente ela está melhorando! — Ele não notou o jeito com que a sra. Tiller me encarou. Certamente nada estava melhorando, pensei. Mas provavelmente ele só podia viver e suportar tudo aquilo inventando coisas. E acreditava nelas. Acreditava? — Só os olhos dela têm problemas. Às vezes não me conhece. Eu disse ao médico, tive medo de que fosse uma coisa na cabeça, mas ele disse que não, um grande médico, só chamo os melhores, custe quanto custar. “Não”, disse ele, “são apenas problemas de visão, sr. Kratchowil, que vão passar.”

Esse maldito porco bêbado! Pegou um ano, mas o que é um ano, prosim? Diga-me, milostpane, onde está a justiça?

— Quando foi que aconteceu? — perguntei.

— Há oito anos.

— Sua mulher está assim há oito anos...

— Sim, horrível, não? Minha pobre, boa Marenka. Sempre a chamo de Marenka. Na verdade o nome é Mitzi, é vienense. Era a moça mais bonita do distrito quando nos casamos, to je pravda. E acontecer uma coisa dessas! O senhor me perguntou, milostpane,

por que trabalho aqui sem placa e tudo. Bem, quando isso aconteceu, eu ainda tinha minha loja na cidade velha, em Tuchlauben. Loja grande, bonita. Tudo se foi com o hospital e os doutores, prosim. Tive de vender a loja e vir para cá e trabalhar aqui. A maior parte dos meus velhos clientes continuou fiel, graças a Deus, milostpane. Veja o sr. Eisenbeiss! Embora eu não seja barateiro — nem posso ser com esse médico que vem agora, e as injeções e massagens. Trabalho até cair de cansado. E agora finalmente ela vai melhor, a minha Marenka. Sabe, milostpane — a senhora também ainda não sabe, sra. Tiller, a grande alegria: agora em setembro a minha Marenka e eu vamos de férias para Altaussee. Sim! O sr. doutor disse que pode ser. Com automóvel. Eu a ponho lá dentro, e a cadeira de rodas atrás. Não imagina como Marenka está contente! Sair desse apartamento! Ela sempre deitada e sentada, não é? Preciso cuidar dela dia e noite. Os rapazes ajudam quando saio. O senhor viu como!

Eu mesmo tenho de fazer tudo. Lavar Marenka e dar banho e cozinhar para ela, e sentá-la na cama por causa da circulação e para não ter pneumonia de tanto ficar deitada, ou uma trombose. O doutor dá uma injeção contra isso todo dia. E ela também não pode sair sozinha da cama. Naturalmente às vezes se suja um pouco quando não a levo depressa ao banheiro. Não me importo nem um pouco! Minha Marenka! E sempre tem dores, sempre, mas é como um anjo, tão boazinha, como um anjo, Deus é que sabe. — Ele encontrara a garrafa, pegou um copo de uma gaveta e o encheu. — Aqui, beba, senhor, é Slibowitz legítimo, eslovaco. Vai ver como melhora logo. Na zdravi!

Esvaziei o copo de um gole e me sacudi. O Slibowitz queimava meu estômago, mas senti um calor bom me invadir.

— Mais um copo — disse Kratchowil. — Agora, golinhos.

— Sr. Kratchowil, sua mulher não estaria melhor num sanatório?

— Depois de todo aquele tempo no hospital? Nunca, nunca! Eu tenho tanto trabalho! Só poderia visitá-la muito pouco, nebo? Ela

estaria sempre sozinha. Não, não, aqui comigo ela tem tudo, e estou sempre aqui de noite, sempre. Cuido dela. Tenho sinetas num barbante por toda parte, olhe, milostpane, ela só precisa puxar o fio.

Nada lhe falta. De noite, quando não pode dormir, eu me sento junto dela e falamos sobre como está melhorando... então ela fica contente, a minha Marenka... E isso com os olhos são realmente só perturbações da visão, o médico me explicou... E agora, nem imagina, milostpane, como ela já se alegra com nossa viagem, a primeira desde o acidente... Vamos ter uns dias lindos... vai ser ótimo... Eu aqui falando e falando, e o senhor tem de telefonar para o sr. Eisenbeiss! — Ele fez aparecer um telefone. — Enquanto isso vamos para a outra sala — disse ele, e sumiu com a sra. Tiller.

Fiquei sozinho e disquei.

Eisenbeiss atendeu.

— Então, consegui chegar ao Kratchowil!

— Sim.

— Então vai chegar ao Ritz também.

— Emanuel, o passaporte é maravilhoso... Nem sei como agradecer... Você é um verdadeiro salvador dos aflitos...

— Fim, pare com essa conversa fiada — disse ele, alto. — Telefonei mais uma vez ao Dr. Harald Schubert. Tua velha bruxa está dormindo, vai dar trégua por algum tempo. Descrevi seu estado ao médico e ele disse que vai ajudar imediatamente. Não tenha medo, medo produz novo ataque. Ele o aguardará no saguão. Vocês são velhos conhecidos. Ele irá logo com você ao quarto.

— Obrigado, Emanuel, obrigado.

— Ora, merda. Mais uma coisa importante, para que não se assuste: na maior parte dos hotéis você tem de preencher todo o registro. No Ritz basta dar o endereço e assinar. O resto a recepção arruma. Mas terá de deixar o passaporte com eles, de manhã estará no seu escaninho, na portaria.

— Que endereço devo dar?

— Anote. Olhei o mapa de Buenos Aires. Vou soletrar. —
Soletrou: Avenida Martin Garcia, 34. — Fica na zona oeste. Endereço
chique. Ninguém tem nada a ver com o que você faz em Viena.

— Não.

— Agora mude de roupa depressa e vá para o hotel! Telefone
quando o Dr. Schubert vir você. Tchau. — Desligou.

Chamei o sr. Kratchowil. Ele veio, sem a sra. Tiller.

— Aqui está a peça, prossim — disse ele estendendo-me um terno
azul-claro. — Uma sorte que pelo menos um está pronto. A sra.

Maria me trouxe malas cheias de roupa. Milostpan, vá se trocar;
escolhi camisa e gravata, por favor.

Tirei minhas coisas velhas e vesti as novas. Tudo combinava
maravilhosamente, as etiquetas do alfaiate argentino e do magazine
de artigos masculinos. Olhei-me no espelho. O sr. Kratchowil estava
parado ao meu lado, radiante: — Então, que terno, não é?

— Sr. Kratchowil — disse eu —, tive certamente um dos melhores
alfaiates de Paris... mas não era tão bom. O senhor é um mestre!

— Bem, por isso o sr. Eisenbeiss me manda fazer tudo aqui, há
séculos.

Tirei tudo dos bolsos do terno velho e passei para o novo.

— Amanhã chegam mais malas com roupa de baixo e sapatos e
os dois outros ternos, prossim. Diga no hotel que por engano as
malas foram descarregadas em Zurique, e foram de avião para o
Tenerife, e só agora chegaram.

— O que devo pagar?

— Nada. O sr. Eisenbeiss paga tudo.

— Mas isso é impossível.

— Nada impossível. Não se preocupe. O senhor está tão branco de repente. Sra. Tiller! — chamou ele. Ela chegou, e também admirou o terno novo. Eu voltara a sentir pontadas na região do coração.

— Agora, gostaria de ir depressa ao Ritz — disse eu.

Imediatamente começaram a tocar todos os sininhos.

— É Marenka! — Ele parecia eletrizado. — Tenho de ir lá depressa. Até logo, sra. Tiller, até logo, milostpane! Desculpe, prosim!

Um dos rapazes o levará até embaixo! — Saiu correndo, um homenzinho corajoso, que amava tanto sua mulher doente. A porta bateu atrás dele. Logo depois abriu-se de novo e ele espiou mais uma vez:

— Arranje um pouco os sapatos novos no calçamento, para não parecerem tão novos! — exclamou, e sumiu.

Um dos ajudantes de alfaiate nos levou até o portão da casa e abriu a chave. Levou a mala até o carro da sra. Tiller. Esfreguei os sapatos novos no chão. O jovem alfaiate se despediu.

A sra. Renate Tiller era uma excelente motorista, Elogiei-a e ela ficou contente. Logo chegamos ao Ring, e em seguida ela estacionou diante da entrada do Hotel Ritz. Fui ao saguão, ereto e rápido. As grandes portas de vidro estavam abertas por causa do calor. À esquerda ficava o balcão do porteiro, à direita, a recepção. Senhores amáveis em ternos escuros, camisas brancas e gravatas prateadas me cumprimentaram tão cordialmente como se eu desembarcasse no Ritz há anos — o que fizera mesmo, mas como outro homem.

A sra. Tiller era conhecida ali, certamente com frequência conduzia hóspedes do hotel. Sua presença ajudou a fazer parecer normal a minha presença naquela hora tardia. Despedi-me dela, entreguei meu passaporte, assinei o registro e coloquei meu pretenso endereço de Buenos Aires. Depois um dos senhores da

recepção se adiantou para me levar ao meu apartamento, e no mesmo momento alguém exclamou alegre:

— Peter!

E de uma segunda sala, muito maior, anexa ao vestíbulo, chegou um homem jovem e esbelto, de braços abertos, a quem eu já vira na televisão, quando Yvonne desmaiara na cerimônia no hangar.

— Harald! — por sorte Eisenbeiss me dissera seu primeiro nome.
— Ora, mas que surpresa! Como vai você?

— Bem. E você? Mas o que o traz a Viena? — perguntou o Dr. Schubert. Falávamos como velhos conhecidos.

Os senhores da recepção nos olhavam sorrindo. Sabia fingir bem, esse Dr. Schubert. Disse que tinha muita coisa a me contar e dispunha de tempo, de modo que entrou também no grande elevador e subiu conosco. O apartamento que recebi ficava no quarto andar.

O senhor da recepção me levou pelos quartos, acendeu luz por toda parte, mostrou-se como regular o ar condicionado. Meti uma nota em sua mão, ele desejou-me uma boa estada e sumiu.

— Tire o casaco e arregace a manga da camisa — disse o Dr. Schubert.

— Um momento — disse eu, pois um criado trazia minha mala.

Depois que ele desapareceu com uma gorjeta, tranquei a porta e fiz o que Schubert pedira. Ele pegou um fio de borracha para fazer um torniquete no braço, um brilhante aparelho de injeção e uma ampola, tudo dos bolsos do terno, e deitei-me na cama. Aplicou-me rápida e habilmente uma injeção na veia.

— É um remédio muito forte — disse ele. — Estou fazendo por profilaxia. Tire a roupa agora e vá imediatamente para a cama.

Também lhe trouxe comprimidos para dormir. Se ficar inquieto, disque 222, é o ramal do meu quarto. Mas depois dessa injeção

nada vai inquietá-lo, pode ficar despreocupado.

Apertou minha mão e se foi.

Alguns minutos depois eu estava na cama. Olhei o relógio de pulso novo que Eisenbeiss mandara com a mala. Eram onze e dez.

Telefonei para ele.

— Então — disse ele. — Não lhe disse que tudo ia dar certo? Um pouco de risco faz parte da vida. Pense na Torre Eiffel. Isso, agora está rindo outra vez. Durma bem! — Hesitei, mas meu desejo foi mais forte e telefonei para Andréia. O telefone tocou algumas vezes, por fim ela atendeu em voz sonolenta: — Rosner.

— Aqui é o seu Gato — disse eu.

Ela acordou imediatamente.

— Gato! Aconteceu alguma coisa?

— Nada, nada, minha Esquilinha.

— Claro que aconteceu! Você tem de me dizer, Gatão. Por que está telefonando?

— Não aconteceu nada. Só não agüentava mais sem você, queria ao menos ouvir a sua voz.

— Ao menos a minha voz... — Suspirou. — Ah, meu Gato, que coisa terrível, hoje em dia a gente sempre acha que aconteceu alguma coisa ruim quando a pessoa mais amada do mundo nos telefona.

— Sempre houve gente que quase morre de susto ao receber um telegrama — disse eu. — Não devemos culpar os tempos por todas as coisas ruins.

— Não, não devemos. Você é tão inteligente. Tenho um Gato tão ajuizado. What a sophisticated cat! Queria ver o que acontece com o meu Gato se telefono no meio da noite sem avisar, hein?

— Bem — disse eu —, você está outra vez bem animada.

— Ah, Gato, depois de amanhã, a essa hora, você já estará comigo em Hamburgo.

— Fico muito excitado com essa idéia.

— Temos um amor bem grande, não é mesmo?

— Sim.

— Então precisamos cuidar muito dele. Com grandes amores facilmente acontece alguma coisa.

— Como sabe disso?

— Leio isso em tantos livros. Você já notou que quase todas as histórias de amor têm um fim triste? Há alguns dias li um romance.

— E...?

— Também acabou mal, os dois morreram.

— Bem, isso foi um happy-end. Um vivo e outro morto, isso teria sido terrível.

— Eu não tinha pensado nisso. Desde que te conheço acho que não vou morrer nunca!

— Isso é muito bom — disse eu, sentindo que o remédio começava a fazer efeito. — E se quiser falar comigo, agora estou no Hotel Ritz. — Dei o número do telefone que estava afixado no cartão ao lado do aparelho. — Agora, continue dormindo! Também vou dormir, só quero lhe dizer o quanto amo você.

— E eu muito mais a você, Gato.

Então apaguei a luz, fechei os olhos e pensei em muitas coisas, e quando adormeci sonhei com elefantes. Vinham da floresta aproximando-se por um largo caminho de areia. Vieram muitos elefantes e ficamos todos deitados no caminho de areia, ao sol. Eram elefantes muito amáveis.

28

Dormi até as onze da manhã e acordei repousado e bem disposto. O sol brilhava outra vez implacavelmente lá fora, mas o ar condicionado mantinha o quarto fresco. Tomei banho e pedi o café e todos os jornais de Viena. Um velho garçom trouxe o carrinho com o café. Tomei chá e comi pãozinhos com muita calma. Nos jornais, o ataque terrorista ainda era tema central. A polícia parecia não ter qualquer rastro ou pista. O Dr. Schubert chegou e me examinou, assegurando que tudo estava bem, eu ainda devia me poupar nesse dia. Mas perguntei pela minha mulher, e ele disse que ela estava de partida. Ia pegar um avião para Paris...

— ...Monsieur Perrier a acompanhará. Em alguns minutos o senhor poderá descer despreocupado. Dê um pequeno passeio!

Preciso ir ao meu consultório.

Portanto, vesti-me e desci ao saguão com o elevador. O porteiro-chefe, que estava de serviço diurno — vi rostos diferentes —, deu-me o passaporte quando lhe disse meu nome. Saí para a rua, onde o calor me envolveu, e fui até a Schwarzenbergplatz. Meu coração trabalhava normalmente, e fiquei muito contente. Enquanto fiz uma volta ao redor do hotel, um homem veio falar comigo. Era pálido e muito magro, e me pediu dinheiro. Fora despedido por medida de economia, e não encontrava trabalho. Dei-lhe cinquenta xelins e ele me pediu que não o levasse a mal, era seu primeiro dia como pedinte, e envergonhava-se terrivelmente, mas precisava de dinheiro, tinha mulher e dois filhos. Acreditei nele. Na esquina da Schwarzenbergplatz com o Ring fui a uma agência de viagens e comprei uma passagem de avião para Hamburgo para sexta-feira, 19 de junho de 1981. Era quinta-feira, e Eisenbeiss queria estar com tudo pronto naquela mesma noite. Preferi comprar eu mesmo a passagem para que ninguém soubesse aonde eu ia.

Depois voltei ao Ritz, para telefonar a Eisenbeiss, no Schafberg, e lhe dizer que eu estava bem. Havia quatro cabines telefônicas num corredor curto ao lado da portaria. O gerente aproximou-se de mim no saguão e me cumprimentou cordialmente, perguntando se estava tudo em ordem, e eu disse que sim, e fiquei muito aliviado porque todo o pessoal, os porteiros, o garçom, os recepcionistas e o gerente já me tinham visto muitas vezes e falado comigo quando eu vinha a Viena e morava no Ritz. Mas ninguém me reconheceu. Com a ajuda de Eisenbeiss eu realmente tinha um rosto diferente. O que mais me transformava eram os grandes óculos. O gerente falou espanhol comigo, muito mal, mas elogiei-lhe e ele ficou radiante. Depois do almoço dormi duas horas, e ao anoitecer desci novamente ao saguão com o gigantesco lustre, e tomei um pouco de uísque. O Dr. Schubert não voltara mais ao hotel. Lembrei-me de que não lhe pagara, e fiquei a um tempo envergonhado e comovido. Bebi mais um pouco de uísque e refleti sobre o uísque e seu sabor agradável. Fiz uma refeição leve e subi ao meu apartamento para ver televisão, só o noticiário. O mundo estava numa situação péssima, a evolução dos acontecimentos na Polônia fazia temer que o Exército Vermelho interviesse logo.

Depois telefonei para Eisenbeiss.

— Caro Charles, terminei. Acho que consegui tudo muito bem.

Vou à cidade agora. Um homem lhe levará a segunda mala dentro de uma hora. Acho que não será bom nos encontrarmos agora. Depois de tudo o que aconteceu, o mínimo que podemos imaginar é que minha amiga e eu estamos sendo observados.

— Mas tenho de ver você, Emanuel! Devo-lhe tanto! Assim que tiver dinheiro...

— Nunca mais diga essa palavra — disse ele. — O que você recebeu é presente de um velho conhecido que terá sempre uma dívida de gratidão para com você. Adeus, Peter... o telefone também é suspeito. Desejo-lhe toda a sorte do mundo, a você e ao seu amor.

Quando sai o avião?

— Amanhã às dez e vinte, via Frankfurt.

— Então a sra. Tiller esperará às nove diante do hotel e o levará ao aeroporto.

— Emanuel — disse eu —, você sabe o que me deu de presente. Não posso parar de agradecer.

— Agradecer por nada — disse ele. — Onde pretende morar em Hamburgo?

— No Atlantic.

— Vou mandar reservar um apartamento para você.

— Obrigado, Emanuel. Seja feliz, se puder — disse eu.

— Espere! — exclamou ele.

— Que foi?

— O minuto — disse ele, sério. — Esqueceu o minuto?

— Ah, sim, claro, o minuto — respondi, e sentei-me com o fone no ouvido.

O minuto era o seguinte: na velha Rússia (talvez ainda hoje, quem sabe?) era costume, especialmente no campo, todos ficarem quietos um minuto na casa quando alguém iniciava uma grande viagem. Nesse minuto os outros pensavam nele, rezando para que nada de mal lhe acontecesse, para que ele não ficasse doente e sua viagem fosse bem-sucedida, e também os que não rezavam lhe desejavam isso.

Eisenbeiss tinha mãe russa, e sempre que estávamos juntos e nos separávamos lembrava-se do "minuto". Ouvi Eisenbeiss respirar, e vi que estava rezando por mim. Lembrei-me de Howard Hughes, o misterioso multimilionário americano. Além de muitas outras coisas, ele também tivera uma porção de cassinos em Las Vegas. Quando morreu, fizeram um minuto de silêncio em todos os cassinos, e em todas as salas de jogos que tinham pertencido a Hughes tudo parou por sessenta segundos. Todos imóveis, e quando os sessenta

segundos passaram, um crupiê gritou: "OK, joguem os dados! Ele já teve o seu minuto!"

Pensei que aquele minuto era realmente o último que ainda me ligava de alguma forma com minha vida antiga, e quando Eisenbeiss disse "Acabou", eu soube que começara o primeiro minuto de minha nova vida.

— Tchau, Emanuel — disse eu.

— Tchau, Peter — respondeu ele, e ouvi sua branda risada; depois desligou.

Com efeito, em meia hora a segunda mala foi entregue ao porteiro e trazida ao meu apartamento por um carregador. Quando fiquei sozinho abri-a. Lá estavam os dois outros ternos, e roupas de baixo, e em cima um grande envelope com todos os documentos que Eisenbeiss falsificara de maneira extraordinária. Quando ele morresse, teria morrido um dos últimos grandes gângsteres-cavalheiros. Essa idéia me entristeceu, e pensei como é curta uma vida humana, e como é limitado o tempo de cada pessoa. Quando somos jovens não ligamos para isso. Na minha idade o tempo começa a correr mais depressa; finalmente dispara. Pensei no processo em que defendera Eisenbeiss, e pareceu ter acontecido há meses apenas, quando na verdade eram oito anos. Oito anos, passados como um dia ou uma vigília noturna. Fiquei cada vez mais triste; portanto telefonei para Andréia, e sua voz me alegrou. Eu disse que estaria em Hamburgo no dia seguinte às 13h45min, num aparelho da Lufthansa.

— E você vem me ver logo?

— Só deixarei minha bagagem no Atlantic, minha Esquilinha.

— Ah, Gato. Mas eu tenho de trabalhar sábado e domingo!

— Grande — disse eu.

— Querido, como a vida pode ser bonita!

— Sim — disse eu. — Linda mesmo. — Mas tão breve, pensei outra vez. Tão curta.

29

— Os apóstolos do overkil não têm nada a ver com o Evangelho de Cristo, porque Ele não era assassino! — gritava uma mulher no rádio do carro, quando entrei no táxi.

Eu aterrissara no Hamburgo-Fuhlsbüttel às 13h45min e sentira muito medo durante o vôo — lembrando-me do último vôo que fizera.

Minhas duas malas tinham sido colocadas no bagageiro por um carregador, e eu estava sentado no banco de trás.

— Quem é que está falando? — perguntei ao motorista de cabelos brancos, rosto amável, óculos de aro niquelado.

— É a professora Uta Ranke-Heinemann, em seu sermão. Temos agora um programa "Congresso da Igreja", sabe. Já faz meia hora.

Para onde?

— Hotel Atlantic — disse eu.

— Hotel Atlantic — repetiu meu motorista, que ajudara o carregador. Começou a descer a Zeppelinstrasse. No aeroporto eu trocara meu dinheiro francês e o dinheiro austríaco de Eisenbeiss por cinco mil marcos.

— Estamos tendo um congresso da Igreja Evangélica — disse o motorista. Entrara num novelo de ruas por cima das quais passava a grande Alsterkrugchassee, sempre repleta, indo para o norte. O velho tinha olhos claros e alertas, observei pelo retrovisor.

— Ninguém deve comparar o Kremlin ao Vaticano! — exclamava agora um homem no rádio. Ouviram vaias e assobios agudos.

— Fora com o Apel! Fora com o Apel!

— É nosso ministro da Defesa — disse o motorista. — Eles o detestam.

Atravessou a rua principal e foi direto pela Senglmannstrasse. À direita ficavam velhas casernas onde agora moravam pessoas idosas, “os senhores”, como se dizia na Alemanha. Muitas vezes estivera ali a serviço, e conhecia bem Hamburgo.

— Vai ser uma boa, rapaz — disse eu.

— Não é ao vivo — disse ele. — É uma montagem. Tudo gira em torno do rearmamento. Todo o Congresso Eucarístico, se me perguntar. Mais armas ainda para a República Federal.

Claro! Eu estava na República Federal, e logo começava a sentir isso intensamente.

Um locutor disse que tinham jogado ovos no ministro da Defesa.

Jovens haviam sujado suas camisetas de sangue de animais, e o diabo estava solto na grande Feira de Hamburgo.

De repente, retumbaram fanfarras, dominando mesmo os gritos mais enlouquecidos. O locutor disse que as fanfarras eram idéia do moderador daquele congresso-monstro, um juiz do Tribunal Federal.

Agora também se ouviam vozes cantando. Os cristãos evangélicos acompanhavam as fanfarras do coral “Em Ti está nossa alegria”.

Agora passávamos pela ponte do Alsterkanal. Logo depois entramos na Rathenaustrasse, que só tinha construções à esquerda.

À direita, nas belas margens do canal, viam-se videiras e arbustos nas encostas. Enxuguei o suor da testa. Ali era ainda mais quente do que em Viena.

Agora ouviam-se outros coros de vozes no rádio: — Não queremos desculpas! Não queremos desculpas!

— Está vendo — disse o motorista. — Cara esperto, esse juiz.

Como domina a turma!

Por fim deixaram Apel falar, e quando ele gritou: “Nunca mais deverá partir guerra do solo alemão!”, até aplaudiram. Não, a maior

parte dos ouvintes parecia não querer apenas fazer confusão.

Simplemente eram contra o rearmamento do qual Andréia me falara. E eram muitos.

Dobramos à esquerda da Hindenburgstrasse e passamos pelo viaduto do trem da estação Alsterdorf. Antigamente havia hortas por ali. Agora, atrás dos blocos de apartamentos, erguiam-se os gigantescos escritórios da City-Nord, grandes silos de concreto arquitetonicamente audaciosos e fantasiosos, um amontoado de burocracia, à noite uma sinistra cidade-fantasma, pois ali não havia uma só moradia, não residia uma só pessoa.

— Tirem o brinquedo de guerra dos velhos senis do Kremlin e da Casa Branca! — quem gritava isso era Petra Kelly, da direção nacional dos “Verdes”, disse o locutor, e falou em uma “sala de silêncio”, na qual centenas de pessoas se sentavam mudas no chão, meditando e escrevendo em bilhetes o que queriam dizer, prendendo-os nas paredes. O locutor leu alguns dos textos: “...filhinha, quanto tempo ainda lhe darão de vida? ...Não queremos mais suicídio a prestação... Então, Deus, você está demorando demais com essa paz mundial...” E por baixo, disse o locutor, alguém escrevera com grandes letras: “Não, nós é que estamos demorando demais com a paz mundial, nós, homens!”

Ah, Andréia, pensei, ah, morte em Samarra...

— Vamos para a rua gritar: Fogo, fogo, nossa terra está queimando! — cantava um coro.

— Cara, se você não sabe dirigir pegue um ônibus — disse o meu motorista. Um carro diante de nós freava a toda hora, o homem no volante parecia inseguro.

Passamos pelo Jahnring e atravessamos o grande parque da cidade. À direita o sol chamejante do Plantário, por toda parte grandes árvores e arbustos de rododendros. Muitas pessoas sentavam-se à sombra das velhas árvores nos lugares de piquenique tomando cerveja. Eu também gostaria de beber alguma coisa.

— Se os manifestantes pegaram o lema NÃO TENHA MEDO, pode-se ver como a teologia cristã está sendo corrompida com o zelo político — exclamou apaixonadamente uma voz masculina, que, como disse o locutor, pertencia ao bispo de Hamburgo, Hans-Otto Wölber. — Depois vão nos convencer também de que o perdão dos pecados não é válido porque pode ser interpretado como apaziguamento.

— O senhor não estava aqui, não pode entender — disse o motorista. — NÃO TENHA MEDO é o lema do Congresso Eucarístico.

Eles têm um cartaz com um toco desses que tem no cais para amarrar navios. Mas há um cartaz de oposição. Em vez do toco, uma grossa cruz feita de duas bombas atômicas, e por cima escrito: TENHAM MEDO! A MORTE ATÔMICA NOS AMEAÇA A TODOS!

Ainda atravessávamos o parque. Todas as janelas do táxi estavam abaixadas e um vento quente entrava no carro. Onde o sol batia não se podia pôr a mão, tão quente estava o couro.

Uma voz feminina soou no rádio:

— Junto de vocês tenho uma sensação maravilhosa na barriga.

Tudo tão teórico e tão bonito. Mas quando eu voltar ao cotidiano, terá acabado. Tenho medo.

Depois uma voz muito aguda:

— Sr. Schmidt, tenho medo da sua política! — O locutor disse que um rapaz de dezessete anos tinha gritado isso ao Chanceler.

— É, vieram cento e trinta mil pessoas — disse o velho no volante. — Temos o grande movimento pacifista no país, não é? — Ele fez uma manobra. — O pacifismo alemão ocidental é tão variado: há os ativistas da DKP, que amaldiçoam os foguetes americanos e justificam os foguetes soviéticos. Depois temos os alternativistas, portanto os “Verdes”, que consideram americanos e russos criminosos sádicos. Depois há o ministro da paz, que louva Mahatma Gandhi e Martin Luther King e canta: “Paz sem armas!” Sem esquecer aquele que joga pedras em policiais. Depois os

negativistas radicais, que vêm até nos reservistas uma espécie de serviço de defesa. E há muitos generais que querem uma defesa federal com armamentos convencionais, mas recusam qualquer coisa atômica.

Sem falar nos pseudopacifistas fiéis a Moscou, que gritam que a Alemanha Ocidental tem de se desarmar, não importa o que faz o lado oriental, e que o Afeganistão foi uma medida asseguradora de paz. E há milhões e milhões que têm realmente um medo horrível, e rezam pela paz e a desejam. Eu sou um deles, e o senhor também parece ser.

— Não — disse eu. — Sou a favor da bomba atômica. Quero que caia direto na minha cabeça.

— Está vendo — disse ele, sorrindo para mim no retrovisor. — Logo vi.

Mal tinham acabado as árvores do parque, já estávamos em Winterhude, densamente povoado, e agora, ladeados por edifícios de apartamentos de ambos os lados, descemos uma longa rua para Uhlenhorst, até que vi a estação Mündsburg, e à esquerda, na Hamburgerstrasse, um complexo de edifícios parecendo um gigante dos oceanos, um imenso centro comercial com torres de escritórios que se erguiam no céu como enormes chaminés.

— E o senhor sempre foi motorista de táxi? — indaguei.

— Não — disse ele.

— O que era então?

— Professor assistente na Universidade. História Antiga.

— E o que aconteceu?

— Sabe — disse ele —, os pacifistas bem grandes, e bons, nunca tiveram sorte conosco na Alemanha. Pense na Primeira Guerra Mundial. Karl Liebknecht. Que homem! E daí? Assassinado. O que fizeram com Nada de novo no front, de Remarque? O que fizeram com Tucholsky? — Meu motorista era um ancião culto, defensor da

justiça. E como a maioria dos velhos, falava demais. — Erich Kästner — disse ele. — “Conheces a terra onde florescem os canhões?”. Quem não conhece esse poema? E quando, e onde, jamais adiantou entre nós? A ninguém, infelizmente, temos de dizer. Quantos pacifistas foram mortos nos campos de concentração ou mais tarde difamados!

Kästner e Tucholsky, Remarque e Liebknecht e tantos outros, o que conseguiram? Hein?

O velho me interessava:

— Assistente de História Antiga? — perguntei.

— Sim.

— E o que aconteceu?

— Ora, esqueça — disse ele.

O locutor anunciou no rádio o cabaretista Hans Dieter Hüsck com um poema para a chamada defesa pública dos que negavam o serviço militar comum, escrito por Wolfgang Borchert.

— Pobre do Borchert — disse o meu singular motorista. — Também é um dos bons. O chanceler chamou os pacifistas de “infantilizados”, e o ministro da Defesa chama-os “bailarinos do sonho”.

“— Oh, homem da máquina” — soou a voz de Hüsck — “és homem da oficina: se amanhã mandarem que não faças mais canos de água e panelas de cozinha, mas capacetes de aço e pistolas automáticas, há só uma coisa a fazer: dizer não!”

— Qual é a sua história? — perguntei ao motorista.

— Esqueça isso por favor, senhor! — disse ele baixinho.

Um rapaz disse no rádio:

— Paz sem armas, como está escrito aqui por toda parte, bom, acho que isso foge à realidade! — Recebeu aplausos e assobios, porém mais aplausos.

— Tudo isso é muito difícil — disse o motorista. — Mas me pergunto, não se pode ser pela paz e contra o rearmamento? — Agora, ele falava depressa: — Não me entenda mal, por favor. Não sou dos que dizem que os foguetes dos americanos são maus, e os dos russos bons. Mas não é por acaso que esse congresso eucarístico trata de paz e de loucura do rearmamento. O que assusta as pessoas — as nossas e igualmente as do outro lado, só que os do Leste não podem dizer isso, têm de calar a boca, os pobres porcos —, o que assusta as pessoas é o estado do mundo, que, pensando de maneira totalmente objetiva e lúcida, se tem de achar doido. Li que neste ano os custos do armamento serão no mundo inteiro de mil bilhões de dólares. Mil bilhões de dólares! No ano passado, o Ano Internacional da Criança, morreram de fome no mundo todo doze milhões de crianças!

Fazia um calor terrível, eu escorregava de um lado para outro no assento de couro, tirara o casaco, e do rádio soava outra vez a voz do locutor, dizendo que agora falava o Presidente Carstens, que já dissera em Brêmen: “O Sermão da Montanha com a bênção dos pacíficos é um comovente aviso que cada um de nós deveria assumir pessoalmente. Mas é uma questão muito diferente se esse Sermão também vale para aqueles que têm responsabilidades sobre outras pessoas.” A voz do Presidente soou: — ...No Sermão da Montanha diz-se por exemplo que não se deve resistir a quem nos fizer mal. Se isso deve valer para os homens e mulheres que a 20 de julho de 1944 tentaram eliminar o ditador Hitler, que odiava a humanidade e exterminava homens, então devemos questionar se talvez não infringiram os Mandamentos do Sermão da Montanha, mas com justificativa moral. Ou, em outras palavras: os povos da União Soviética, com toda a repulsa por Stálin que, sabe Deus, fez coisas terríveis — que sob as ordens de Stálin se reuniram para resistirem ao ataque de Hitler — eles resistiram àquele que lhes fazia mal. Sem dúvida, não no sentido do Sermão da Montanha. Apesar disso, estavam justificadamente resistindo a Hitler.

Passamos agora pelo Mündsburger Damm em direção da Aussen-Alster.

Um canto soou no rádio acompanhado por uma orquestra: “Há medo no ar! Grande medo, pequeno medo, o meu medo... o teu medo!”

— Certamente — gritou uma voz aguda —, os russos também têm medo! Destruímos sua terra até perto de Moscou. Tiveram vinte milhões de mortos.

— É verdade — disse o motorista de táxi. — Medo, medo, medo, todos o temos, nós os pequenos. E há vários bilhões como nós! — No painel do carro havia a fotografia de uma menina, numa moldura dourada, protegida por plástico. Uma menina bonita, com longos cabelos louros e olhos azuis, que sorria. Meu motorista acariciou ternamente o retrato com a mão direita. Sua mão era áspera, com veias saltadas no dorso.

— Fico pensando e pensando, senhor. Vou fazer sessenta e cinco anos, e penso em minha netinha. Aí está ela, no retrato. — Passou um dedo pela moldura. — Sou tudo o que ela tem. E ela é tudo o que tenho no mundo. — O rosto da menina era cheio de inocência e graça. Já se viam os primeiros barcos a vela no Aussen-Alster.

— Como é o nome dela? — perguntei.

— Patrícia. Mas todos a chamam Patty. Uma boa criança! Vai fazer oito anos. Eu a levo para a escola e a apanho lá. À tarde ela fica com tia Andréia.

— Onde? — perguntei depressa.

— Tia Andréia, numa biblioteca pública.

— Andréia Rosner? — perguntei inclinando-me para a frente.

— Sim, mas como? Conhece?

— E como!

— Não é possível!

— Estou lhe dizendo! Mas isso não existe!

Passamos pela bela enseada Schwanenwik e, sempre à direita de Aussen-Alster, fomos em direção do Hotel Atlantic.

Ele disse:

— Agora vou lhe contar. A srta. Andréia me falou do senhor, e que chegaria hoje às treze e quarenta e cinco com o avião da Lufthansa. Ela está tão nervosa! Perguntou se eu não podia ir ao Fuhlsbüttel apanhá-lo e depois logo o levar ao Atlantic: “Claro”, disse eu. Em Fuhlsbüttel reconheci-o imediatamente pela descrição, quando saiu pela barreira. Eu mandara o carregador ir ao seu encontro e levá-lo ao meu táxi. Portanto vou esperar pelo senhor diante do Atlantic, se quiser.

— Claro que quero!

— Meu nome é Hernin. Walter Hernin. — Estendeu para trás a mão direita, e eu a apertei.

— E meu nome é...

— Peter Kent — disse ele. — Está voltando da Argentina, porque tinha muita saudade da Alemanha. Eu sei, eu sei. O senhor escolheu a melhor época para voltar, sr. Kent. — Acariciou outra vez a foto no painel. — Sim, minha Patty também está com a srta. Andréia. Às seis da tarde eu a apanho. Então ficamos juntos até ela ir para a cama.

São as nossas melhores horas. Toda a minha felicidade é essa menininha, sr. Kent. Tenho vários táxis, sabe? Seis ao todo. A empresa vai muito bem... por enquanto. Agora, com a crise, não se sabe o que vai ser. Trabalhei muito tempo até chegar onde estou. — Acariciou o retrato mais uma vez. — Minha Patty, minha corajosa, minha bela.

Seus pais morreram em um acidente de carro. — Pigarreou, pois sua voz ficara embargada. — Por isso é que penso, e penso, e tenho tanto medo. Pois quero proteger Patty de todo o mal. — Quis perguntar como pretendia fazer isso se chegassem os foguetes, mas não consegui, e disse:

— Seis táxis, Santo Deus. Então tem uma empresa imensa. O senhor é um homem rico!

— Mais ou menos — disse ele.

— Mas por que ainda dirige? O senhor é o chefe!

— Tenho de dirigir — disse ele. — Preciso trabalhar. Isso me mantém saudável. Quando não trabalhar mais, ficarei doente... e o que será de Patty? Não, não, tenho de dirigir, sempre. O medo — disse Walter Hernin, depois calou-se e escutamos outra vez as vozes do rádio, altas e baixas, iradas e brandas, e ouvimos fanfarras e cantos. — O grande medo — disse Walter Hernin. — Onde poderei arranjar um lugar seguro para a minha Patty quando a coisa estourar? O senhor também não sabe, hein?

— Não — respondi. — Também não sei.

30

Eu já morara muitas vezes no Atlantic. Ninguém me reconheceu como Charles Duhamel ou me olhou intrigado.

Fiquei definitivamente tranqüilizado. No meu apartamento encontrei flores e champanha do gerente, e ao lado um ramo de flores do campo. Nesse vaso havia um envelope. Abri e li: BEM-VINDO AO PAÍS DOS ESQUILOS, MEU GATO AMADO!

Fui ao banheiro, tomei uma ducha rápida, vesti apenas outra calça e uma camisa branca e limpa. Estava um calor terrível, e todos os homens andavam só de calça e camisa, e também o meu motorista. Tratei de descer outra vez, porque ele esperava diante do hotel no carro.

— Temos de ir para Eimsbüttel, na Waterloostrasse — disse Hernin. — Lá fica a Biblioteca.

Passou pela ponte Kennedy, sobre cuja irmã mais velha, que corria paralela, a Lombardsbrücke, ficavam os belos candelabros históricos. As pontes separavam Binnen-Alster e Aussen-Alster.

Fomos para oeste. No caminho Hernin me contou que havia em Hamburgo bibliotecas grandes e pequenas. Só as grandes tinham também uma seção infantil.

Encontrou um lugar para estacionar diante da entrada. No térreo, a biblioteca se parecia com todas as demais bibliotecas públicas. Vários rapazes e moças trabalhavam ali. Usuários devolviam livros e tomavam outros novos emprestados. Outros sentavam-se lendo. Hernin cumprimentou para todos os lados, eu também. Descemos uma escada em caracol para o subsolo. Lá era mais fresco. Vi paredes cobertas de livros, e crianças — certamente uma dúzia delas, sentadas em banque-tinhas ou no chão, brincando ou lendo, algumas lendo alto para as outras. Havia entre elas crianças muito pequenas, e a mais velha teria uns catorze anos, meninos e

meninas. Então vi Andréia. Acabara de emprestar um livro, estava parada diante do arquivo fazendo o registro. Então ela me viu também, e veio rindo ao meu encontro. Hernin afastara-se um pouco.

— Gato!

— Esquilinha!

Para trabalhar ela usava os grandes óculos redondos que eu já conhecia. Quando a quis beijar, recuou depressa.

— Hum, hum — fez, e me puxou para trás de uma alta prateleira. — O que é que as crianças vão pensar, rapaz? — Beijamos generosamente atrás da parede de livros. — Ah, Gato, como estou contente por você estar aqui! Nem posso acreditar. — De repente, ela tinha lágrimas nos olhos, e tirou os óculos. Limpou as faces com um lenço. — Sou uma boba — disse ela. — Mas a gente fica tão nervosa, não é, Gatão?

— Claro — disse eu, e beijei-a mais uma vez, e toda a dor que sentira alguma vez na vida, toda a mágoa que jamais sofrera, foram esquecidas.

— Tia Andréia! — chamou uma voz infantil. — Depressa! O hamster finalmente está comendo as cenouras!

— Venha — disse Andréia, que usava calças compridas brancas e uma blusa sem mangas, amarrada na frente. Fui atrás dela até as crianças, num aposento com janelas bem altas. Havia móveis pequenos, e brinquedos, e caixotes com muitos livros para olhar e ler. Tudo muito colorido e alegre, desenhos de crianças pendurados nas paredes. O assoalho estava coberto por um grande tapete vermelho, como um forro macio, pois provavelmente os menorezinhos caíam muitas vezes quando corriam ou estavam excitados. Num poleiro havia um papagaio, que me disse: "Bom-dia!", e vi uma grande gaiola com um coelhinho branco, e ao lado devia estar o hamster, porque todas as crianças se tinham reunido lá.

Andréia abriu caminho e ajoelhou-se. Sobre as cabeças das crianças vi uma gaiola de arame, e dentro dele um gordo hamster com orelhas redondas e grandes bochechas. Tinha pêlo amarelo-avermelhado, uma mancha amarela no ombro, pescoço branco e dois pronunciados dentes incisivos. Em sua casinha via-se uma porção de grãos, e ele estava sentado nas patas traseiras, segurando uma cenoura nas patinhas dianteiras, roendo.

As crianças o contemplavam atentas, quase sem respirar. Andréia ajoelhou-se no meio delas, e depois de as acalmar um pouco, disse-lhes que havia também hamster bem pequenos, hamsters anões, e hamsters dourados, mas que aquele era chamado hamster do campo. As crianças o acariciaram com muita cautela, e o bichinho continuou comendo, enquanto o papagaio gritava sem parar: Bom-dia, bom-dia, bom-dia!

Perguntei:

— Mas vocês têm licença de ter bichos aqui?

Andréia respondeu sobre o ombro:

— Não, claro que não.

— E como é que eles estão aqui?

Andréia ergueu-se e saiu do meio das crianças, aproximando-se de mim. Estava afogueada, e linda.

— Por causa do bom sr. Gerber — disse.

— Quem é esse?

— O bom sr. Gerber é um homem rico — disse ela. — Mora em Harvestehude, no Aussen Alster, num bairro muito mais chique do que este. Ele tem muitas lojas na Alemanha, onde se vendem animais, toda a sorte de animais. Ele os importa e exporta, e gosta de crianças e de bichos. Por isso pagou toda essa bela acomodação para nós aqui embaixo. Tudo o que você vê aqui é presente dele, também o papagaio, o hamster, o coelhinho. Porque crianças pequenas são loucas por bichos pequenos. O sr. Gerber também

gastou muito dinheiro para que pudéssemos comprar novos livros infantis. Nosso orçamento é muito limitado, você sabe. E aí naturalmente veio a Secretaria de Saúde e disse: “Os bichos têm de sair daqui!” E o sr.

Gerber disse: “Mas as crianças adoram os animais. São só animais inofensivos. Nada de cobras ou crocodilos.” “Não importa”, disse a Secretaria da Saúde. “Tire os bichos daqui, sr. Gerber!” E o sr. Gerber disse: “Muito bem, vou tirar os animais, mas também tiro tudo que mandei colocar aqui. E quero de volta o dinheiro que gastei, se as crianças não puderem ficar com os bichos, quero de volta todo o dinheiro que gastei.” — Ela se calou.

— E daí?

— Daí nada — disse Andréia. — Apenas temos de lavar bem as mãos e manter os animais limpos. Não é uma história com moral?

— Moral incrível — disse eu, e ela se inclinou para mim, me beijou, e apertou minha mão.

— Ah, querido, você está comigo. Você veio realmente. Hoje é o dia mais importante de minha vida. — Enganchou-se no meu braço e começou a passear pelo subsolo comigo. “Someday he’ll come along” — disse. — “Um dia ele virá, the man I love, o homem que amo.” Sei que você sabe inglês. Quando eu ainda nem ia para a escola, nem tinha noção de inglês, essa já era minha canção predileta. Minha mãe a cantava com frequência. Ela a conhecia dos grandes tempos dos americanos, pelo rádio. É uma canção bem antiga, de...

— Gerschwin — disse eu.

— Sim — disse ela. — Você naturalmente a conhece.

— Conheço tudo dele — disse eu. — Adoro Gerschwin.

— Como eu. Gerschwin. Rhapsody in Blue. O Concerto em Fá.

Tantas canções. Meu Deus, ele morreu com trinta e nove anos, de um tumor no cérebro. Que lindas músicas ainda poderia ter

escrito.

— Sim — disse eu. — Você gosta de Hemingway?

— Por quem os sinos dobram! — disse ela.

— Meu livro preferido — disse eu.

— Meu também.

— Foi o maior — disse eu. — Hemingway foi o maior de todos.

— E nós dois gostamos dele — disse ela. — Como de Gerschwin.

— Gostamos das mesmas pessoas, mesmos livros, mesma música e mesmas coisas — disse eu. — E é por isso que nos amamos, Esquilinha.

— “Someday he’ll come along, the man I love...” — cantou Andréia baixinho. — Agora ele está aqui. Sempre pensei nessa canção, meu Gato. Quando estava sozinha, e com saudades. — Ela cantou: — ... “and he’ll be big and strong, the man I love...”

— Não sou grande e forte — disse eu.

— Sim, você é muito grande e muito forte.

— Sou grande, mas forte não, nada forte. Tenho medo.

— Medo eu também tenho. E por isso também amo você, Gatão.

— Cantou: — ... “and when he comes my way, I’ll do my best to make him stay...” Gatão — disse ela. — Meu Gatão.

Estávamos perto de um menino graúdo, que lia para duas meninhas as seguintes frases:

— “Como podemos ficar alegres se nos pegam na garganta?, disse a gata. Porque estou ficando velha, meus dentes embotados, e prefiro ficar sentada atrás do fogão meditando em vez de caçar ratos o dia todo, eles querem me afogar! Fugi, mas agora não sei o que fazer.” “Venha conosco!, disse o galo. Em toda parte encontraremos algo melhor do que a morte...” — O menino ergueu os olhos para nós.

— Ali, você faz isso muito bem — disse Andréia.

— Ele lê muito melhor do que os outros meninos — disse uma das meninas.

— Ouviu isso, Ali? — disse Hernin, que se aproximara.

— E também fala alemão melhor do que a maioria.

— Obrigado, sr. Hernin — disse o menininho, que se levantou e fez uma mesura diante do motorista.

— Por que fala alemão melhor? — perguntei baixinho a Andréia.

— Porque é turco — disse ela quando fomos adiante. — Seus pais trabalham na Alemanha há muitos anos, e Ali nasceu aqui.

— Muitos operários moram em Eimsbüttel — disse Hernin.

— Vovô! — chamou uma menina.

— Patty! — exclamou Hernin.

Uma menininha bonita, cujo rosto eu conhecia do retrato no táxi, veio em nossa direção. Mancava acentuadamente. Hernin nos apresentou, e Patty apertou minha mão, rindo. Depois abraçou e beijou Hernin, que se curvara sobre ela. Era uma criança muito doce.

Em Viena eu dissera a Andréia que crianças faziam barulho, quebravam tudo, brigavam o tempo todo, e ela respondera: “As nossas não são tão ruins assim”. Agora, eu via que era verdade. Tudo me pareceu mais uma vez absolutamente irreal, pois, para dizer a verdade, eu nunca suportara crianças. E agora me agradavam tanto.

Fiquei imaginando a que se deveria isso. Até ali eu nunca observara direito crianças, porque as rejeitava. Mas agora, não estava ali nem uma hora e escutara atentamente o pequeno Ali lendo, observando-o com cuidado. E havia ali tanta seriedade e compreensão pela aflição de um ser vivo, ainda que fosse uma velha gata, tanta compaixão e compreensão. O menino lera com a maior concentração para suas amiguinhas, e não era o idioma que seus

pais falavam. E as meninas, por sua vez, não conheciam os preconceitos dos adultos, achavam o menino turco fabuloso. Estavam tão sérias e concentradas quanto ele, e igualmente comovidas com o destino do animal. Então pensei que todas as outras crianças que eu observava se portavam de maneira bem parecida. Eram “pessoas melhores”, como Andréia dissera em Viena. E naturalmente era o bom espírito de Andréia e seu amor por crianças que se notavam ali... no comportamento das crianças. E entendi também por que de repente eu estava gostando de crianças. Tudo era obra de Andréia.

Procurei por Patty, e quando me notou ela imediatamente riu para mim, deu dois passos em minha direção, mancando.

— Escute — disse eu —, você também está com tanto calor?

— Sim — disse ela.

— A gente devia tomar sorvete quando está tão quente, não é?

— É, devia — disse ela, piscando os olhos.

Convidei alto:

— Quem gostaria de tomar sorvete?

Todas as crianças berraram:

— Eu!

Encarei Andréia, que fez que sim, e tirei do bolso uma nota de vinte marcos. Andréia disse:

— Sugiro que Ali e mais um de vocês vão aqui ao lado e coloquem os copos de papel nessa caixa de papelão aí — levantou uma caixa vazia —; assim será fácil de carregarem em dois. Quem quer ir com Ali?

Novamente todas as crianças gritaram: — Eu!

— Todos não dá — disse Andréia —, senão a pobre senhora da sorveteria vai ter um ataque, com esse monte de crianças entrando.

Querem que Patty vá com Ali?

Todos concordaram, e os dois se foram.

— Está vendo — disse Andréia baixinho —, aqui é uma honra poder fazer compras ou brincar com um estrangeiro. Temos mais outras três crianças turcas. Aquela ali é Ayfe, o menino brincando com o coelho é Osman, e o menino deitado de barriga lendo é Ahmet.

E se há racismo em todo o mundo, aqui jamais haverá!

Um menino maiorzinho chegou e devolveu A história infinita, de Michael Ende. Andréia perguntou se gostara do livro.

— Uma loucura — disse o menino. — Simplesmente uma loucura. O mais bonito que li na vida. Esse escritor é um cara e tanto.

— Você gostaria de ler Momo, dele?

— Gostaria — disse o menino, hesitante.

— Mas?

— Bom, tenho medo, sabe?

— Medo de quê?

— Ora, um livro tão fantástico como A história infinita. Tenho medo de que um escritor não consiga escrever dois livros tão bons.

Naturalmente eu gostaria muito de ler Momo. Mas não pode ser tão bom quanto o outro. E então prefiro não ler, para não começar a comparar, entende?

— Entendo — disse Andréia. — Pode levar Momo, porque é tão bom quanto o outro.

— Tem certeza?

— Palavra de honra! Li os dois e, acredite, os dois são de primeira.

— Bom, então, por favor, Momo — disse o menino. — E obrigado por me dizer isso. Agora não preciso ter medo de uma decepção, porque acredito em você.

— Venha, o livro está lá atrás — disse Andréia, e foi com o menino até a prateleira, enquanto eu perguntava a Hernin: — Mas o que há com Patty?

Ele disse baixinho:

— Ela teve inflamação da medula do osso. Gripe, sabe, e andou de esqui, e um menino a atropelou, um dos esquis pegou o osso.

Todo o pus no tornozelo. Primeiro trataram dela de modo errado, depois tiveram de operá-la, e a deixaram oito meses no gesso, pobrezinha. E ela é tão comportada, nunca chorou. Tive de carregá-la por toda parte, e ela sempre rindo. E me consolou quando a perna ficou mais curta e não cresceu, e começou a mancar. “Isso vai ficar bom, com certeza”, dizia ela, e ainda hoje diz. O que lhe parece?

— Quando foi que aconteceu?

— Há dois anos.

— Certamente a perna ainda vai crescer — disse eu, mas não pude acreditar. Depois de tanto tempo, ela não se igualaria mais à outra. — Com certeza — acrescentei.

— Os médicos dizem que não, que com certeza não — disse ele, preocupado. — Tenho tanto medo de que ela fique manca quando crescer. E ainda por cima, uma moça bonita e manca.

Afastamo-nos um pouco para não atrapalharmos as crianças, e ouvi um dos maiores dizer ao amigo: — É assim que funciona a bomba de nêutrons, entende? Poupa a casa mas mata a vovozinha.

Andréia e o menino voltaram com o livro Momo. Ele apertou a mão dela gravemente e disse:

— Obrigado. — Depois, sumiu.

Andréia veio até nós.

Ouvimos Patty chamar:

— O sorvete chegou! — e já vinha ela descendo a escada em caracol com Ali, segurando à frente a grande caixa de papelão repleta. Nas escadas quase não se notava seu defeito. Mas ela não vai subir e descer escadas a vida toda, pensei. Houve um tumulto até Andréia e eu distribuirmos os sorvetes, e quando todos tinham o seu, houve um silêncio solene, como numa igreja, por longo tempo.

Ouviu-se o hamster grunhir, e uma menininha disse: — Podem dizer o que quiserem, mas framboesa com chocolate é o melhor!

Apertei a mão de Andréia e disse: — Amo você muito, muito, Esquilinha.

— E eu a você então, Gato — disse ela. — Ah, e eu a você.

31

Walter Hernin disse que precisava trabalhar até as seis, depois viria apanhar Patty. Antes de sair beijou-a. Fiquei com Andréia olhando-a brincar com as crianças, emprestar livros ou receber os que eram devolvidos. Fiquei sentado em uma banquetta azul, num canto, admirando o belo andar de Andréia, e seu sorriso quando falava, sua maneira de jogar a cabeça para trás, simplesmente tudo nela. Seu cachorro de sorte, pensei. Você é realmente um cachorro de sorte. Andréia sentou-se ao meu lado.

— Gosta daqui?

— Muito, Esquilinha.

— Pode entender que eu ame minha profissão?

— Sim.

— Hernin é um grande sujeito — disse ela.

— Sim — disse eu. — Mas o que aconteceu com ele? Não quis falar a respeito.

— Acho que só contou para mim. Ninguém mais conhece a sua história. Mas você e eu agora somos um só, por isso posso confiá-la a você. Escute: Eu ainda não tinha nascido e Hernin já era um professor assistente de primeira na Universidade. Já dava seminários sobre História Antiga, e os professores o apreciavam muito. Depois vieram os nazistas. Houve resistência na Alemanha, isso é certo.

Hernin é socialista, um dos bons, da velha cepa. Foi escolhido pela SPD secreta para salvar vidas humanas no papel de grande homem na SS.

— Mas como foi possível? — perguntei, olhando as crianças que brincavam, e segurando a mão de Andréia.

— Ele se apresentou voluntariamente em 1942. E os nazistas estavam esperando exatamente um homem assim. Logo se tornou chefe de Tropa de Assalto, algo como um Major, me disse ele. Havia muitos que não gostavam de ser soldados, e muitos odiavam os nazistas e simplesmente não conseguiam ficar de bico calado na Wehrmacht ou nas fábricas. Iam parar nos batalhões de punição, ou eram condenados à morte. Bem, Hernin escolheu gente de confiança e conseguiu um comando especial, que caçaria na Alemanha todas as pessoas contrárias a Hitler. Naturalmente fez isso só para manter uma aparência, e sem nenhum sucesso. Mas estava numa posição — imagine, em 1944, quando tudo estava desmoronando — de poder salvar aqueles homens e mulheres que contavam com a pena de morte certa. Espere aí, Gatão querido.

Uma menina chegou pedindo O Urso Pu para seu irmãozinho, que trazia pela mão, e para si mesma pediu Os meninos da rua Paulo, de Ferenc Molnar.

— Bem, continuando — disse Andréia quando os dois se foram.

— O movimento de resistência de seu partido proibido transmitia todo o tempo a Hernin novos nomes de gente condenada à morte, e também os locais das prisões. Ele tinha um monte de papéis falsificados, e quando chegava com seus homens numa prisão, agia com muita severidade, por exemplo, dizendo que tinha de levar para outra prisão o soldado Meier, condenado à morte, sentado ali atrás.

Para isso tinha sempre papéis falsos confirmando o que dizia. E assim tirou da cela muitos homens e mulheres, e a organização os fazia desaparecer de circulação imediatamente. Hernin salvou a vida de muitos, e com isso sempre arriscou a própria, pois naturalmente seus superiores não eram idiotas, e a Gestapo estava atrás do misterioso chefe da SS que aparecia por toda parte e sumia como um raio.

Um menino saiu do banheiro, com a calça aberta, e veio até nós nas duas perninhas tortas, pedindo: — Por favor, tia Andréia,

feche as minhas calças! — Quando ela as fechou, ele agradeceu gravemente e foi ver o coelho.

— Mas um dia — disse Andréia — aconteceu algo horrível, Hernin me contou tudo com detalhes, porque sempre se atormenta muito com isso. Cada palavra pronunciada aquela vez está gravada a fogo em seu cérebro, em sua memória. Havia um ferroviário que seria condenado à morte, pois tinha colado à noite panfletos contra Hitler em paredes e muros. O homem chamava-se Hans Taler, e estava na prisão de Kufstein; por isso, Hernin foi com sua gente até lá. Pediram que lhes entregassem o tal de Taler, e os funcionários assustados, o entregaram imediatamente, e Hernin lhes deu como recibo a ordem de transferência, com assinatura falsa. Depois partiram em três automóveis o mais depressa possível, pois era sempre o momento mais perigoso, você sabe. Foram até Hallein, que fica em Salzburgo.

Era noite alta e nevava muito, e em Hallein, na saída da cidade, vivia um marceneiro sozinho com a mulher, e faziam parte da organização, e aquele Taler deveria ficar escondido lá até a noite seguinte. Depois os homens o levariam para a segurança nas montanhas. Bem, chegaram em Hallein, e à casa do marceneiro, e entraram com Taler, só dois ficaram fora, de guarda. Taler não dissera nada o tempo todo, e pensavam que estava abalado demais, e mesmo agora, na sala aquecida do marceneiro...

32

“...ele não disse uma palavra.

Era um homem bem-nutrido, de trinta e oito anos, ao menos era o que diziam os papéis que Hernin tinha, e usava um terno amassado. Durante a viagem tinham lhe dado um cobertor que ele pusera nos ombros. E agora estavam todos na sala do marceneiro, e esse Hans Taler parado no meio, tremendo, dentes batendo, muito pálido.

— O que há com você? — perguntou o marceneiro. — O que foi? Ainda com medo de ser condenado à morte?

E a mulher dele, que ia ter um filho e já estava barriguda, perguntou.

— Está se sentindo mal, Taler? Quer um gole de bebida?

— Não — disse ele —, não quero beber.

— Mas então, o que foi?

— Eu é que pergunto — disse ele. — Quem são vocês? O que vai acontecer comigo agora, Comandante? O que vão fazer comigo? Isso é desumano, Comandante! O que significa, condenado à morte?

Suplico-lhe! Alguns anos, sim, isso eu mereço, mas não a morte... pobre da minha mulher, dos meus filhos... — E caiu numa cadeira junto da grande mesa, pôs a cabeça nos braços e chorou.

E os homens e mulheres se entreolharam perplexos, e Hernin teve a sensação sinistra de que alguma coisa saíra errada. Um dos seus homens berrou com Taler, que chorava, dizendo que se controlasse e parasse com a choradeira, e se levantasse. O homem de terno amassado, mãos ainda nas algemas, levantou-se obediente e ficou ali parado, tremendo.

— Não recebeu a mensagem de que íamos soltar você?

— Não recebi mensagem nenhuma. Não sei de nada — gaguejou o gordo, desesperado. — Por que me tiraram da prisão? Por que querem me matar?

— Não queremos te matar, os nazistas é que querem, por isso o tiramos de lá, seu idiota!

Hernin, parado no fundo da sala, mandou o seu homem calar-se imediatamente.

Então tomou a palavra.

— Você se chama Hans Taler?

— Sim, Comandante.

— Por que foi preso?

— Por vender no mercado negro — disse Hans Taler, lágrimas rolando nas faces. — Mas por isso não podem me matar, por amor de Cristo, eu lhe suplico, senhor Comandante!

E não obteve resposta.

De repente, fez-se um silêncio mortal na grande sala cheia de gente, todos paralisados de horror. Agora estava tudo claro: tinham libertado o homem errado.

“Levaram-no à oficina e o prenderam pelas algemas num cano de calefação. Ele exclamava aos soluços: — Soltem-me, soltem-me! Por que fizeram isso? Agora, se me apanharem vou ser enforcado de verdade. Quero voltar, quero voltar, quero voltar para a prisão! Juro que não digo uma palavra sobre vocês. Não vou trair ninguém. Mas me deixem na frente da prisão, e direi que me jogaram do carro.

— Isso é estupidez, cara! — disse um dos homens.

Estavam todos muito nervosos.

— Então, imaginem outra coisa... qualquer coisa... só quero dizer que não vou trair ninguém, dizer a ninguém aonde me trouxeram e como vocês são, se me perguntarem... Deixem-me voltar para a prisão, por favor, por favor. Imagino quem vocês são e o que aconteceu, mas nunca vou trair vocês... — Chorava. — Minha mulher e meus filhos...

Então amordaçaram-no.

Voltaram à sala e sentaram-se, refletindo. A Central cometera um erro. Hans Taler não era nome raro. Aquele Taler a quem a morte ameaçava estava noutra prisão; um erro terrível fora cometido. Os homens ficaram calados longo tempo, e a mulher grávida rezava baixinho. Lá fora o vento noturno uivava, a neve caía em densos redemoinhos.

— O que fazemos com o sujeito? — perguntou um dos homens finalmente. — Diabos, o que fazemos com ele? Não podemos soltá-lo aqui.

— Não podemos soltá-lo em parte alguma. Pois ele vai correr imediatamente ao primeiro posto de polícia, contar tudo.

— Ele jurou que não ia dizer nada.

— Merda — disse o marceneiro. — O que querem que ele faça?

Tem de ir para algum lugar. Talvez queira ir para casa. Mas também não pode fazer isso, se os vizinhos o virem vão acusá-lo imediatamente, pois sabem que está metido no mercado negro.

— Ele quer voltar para a prisão, e jurou que não ia nos trair.

— Não trair no cu — disse um homem com ódio contido. — Como imagina isso, cara? Ele vai tocar a campainha e dizer, bom-dia, voltei mas não digo quem me trouxe? Se esse desgraçado aparecer em qualquer lugar, a Gestapo estará em cima dele na hora.

E a Gestapo anda atrás de nós. Atrás de um comandante da Tropa de Assalto, e de uma dúzia de pessoas com as quais a toda hora ele aparece e some.

— Ele nos viu... e a vocês dois também — disse outro homem ao marceneiro e sua mulher.

— E acham que ele vai ficar de bico calado na Gestapo? — perguntou um terceiro, sarcástico. — Na Gestapo? Se o interrogarem de verdade? Começa a falar quando mal enxergar os instrumentos deles. Só há uma solução.

— Qual?

— Temos de acabar com ele, imediatamente — disse o homem.

Os outros concordaram.

Só Hernin discordou.

— Talvez ele realmente cale a boca na Gestapo.

— Nem você mesmo acredita nisso.

— Mas não podemos matar o cara! — disse Hernin, hesitante.

Diabos, pensava, diabos!

— Temos de fazer isso, Hernin! Temos! — disse um dos homens.

— Não há escolha. Não se trata só de nós, do marceneiro e de sua mulher. Se ele der com a língua nos dentes... e vai fazer isso assim que começarem as torturas — vão nos pegar primeiro, pela

descrição dele. Então terão o misterioso comandante de Tropas de Assalto e seus homens. Mas, e depois? Quando nos interrogarem? Eu lhes digo, não há heróis que calem a boca diante da Gestapo e não revelem nada. Isso não existe. No fim todo mundo fala... e com isso toda a organização vai pelos ares. Pensem em quantas pessoas estão em perigo mortal por causa desse sujeito de merda! Centenas!

Milhares! A Gestapo vai matar todas, todas! Não, ele tem de morrer, imediatamente! — O homem deu um soco na mesa. — Hernin, exijo que ele seja morto imediatamente. Temos de pensar em todas as outras pessoas!

Ele recebeu apoio de muitos.

— Certo!

— Matem o cara logo!

— O que mais podemos fazer?

— Quem sabe os camaradas o levam para as montanhas amanhã e o escondem para não nos trair?

— É loucura. Ele vai berrar tanto que vai juntar Salzburgo inteira! E também não podemos deixá-lo inconsciente a pauladas, porque ele teria de caminhar escalando montanhas!

— Agora temos de pensar em nós e nos muitos que formam a organização!

— Isso.

— Trata-se de nos matarem ou continuarmos nosso trabalho.

Hernin começou a tirar a roupa.

— Emprésteme-me um terno — disse ao marceneiro, que tinha o tamanho dele —, um chapéu e um manto!

— O que quer fazer?

— Dar uma chance a ele.

— Que chance?

— Vou simular um interrogatório da Gestapo com ele — disse Hernin. — Vou mudar de roupa e pôr o chapéu. Ele mal me avistou.

Vou dizer que sou de um comando da Gestapo e que ele tem de me dizer o que sabe.

— Tempo perdido.

— Mas ele tem de ter uma chance! — disse Hernin veemente. — Cada pessoa tem de ter a sua chance! Não o conhecemos. Às vezes os mais medrosos são os de maior coragem.

— Você não pode simplesmente dar ordens nesse caso, Hernin.

Todos aqui temos o mesmo direito de falar. Trata-se da vida de todos nós.

— Então votamos. O marceneiro e sua esposa também — disse Hernin. — Quem aceitar minha sugestão levante o braço.

Fizeram a votação.

A sugestão de Hernin foi aceita por um voto a mais. A mulher do marceneiro votara a favor dele.

34

“Em traje civil e um longo manto por cima, chapéu puxado no rosto e na mão uma grande pistola do exército, modelo 8, calibre 9, Hernin foi à oficina. Vendo-o, o traficante gemeu de susto.

— Gestapo — disse Hernin brutalmente, disfarçando a voz. — Ora, quem é esse? — Ele tirou a mordaca da boca do falso Taler e livrou-o das algemas. — O que aconteceu com você? — disse, esforçando-se para ser muito brutal. — Deixaram para trás, hein?

Não tenha medo, nós os pegamos, está tudo trancado, alarme máximo. Nunca vão conseguir escapar.

Antes que Hernin fosse à oficina sua gente arranjara tudo, correndo para os três automóveis, praguejando alto, e partindo com os pneus cantando. Meia hora depois tinham voltado, fazendo uivar os motores antes de desligá-los, e depois entrando novamente na casa do marceneiro.

— Como é seu nome? — perguntou Hernin.

— Hans Taler...

— Levante-se! — berrou Hernin.

Taler levantou-se tremendo.

— Vire-se! Rosto para a parede! Testa grudada na parede!

Taler obedeceu.

Hernin parou atrás dele. Assim ele não vê meu rosto, pensou; fingiu carregar a arma e pressionou a boca do cano na nuca de Taler.

— Quem foi que te amarrou?

— Não sei. — Ele já levava dois fortes pontapés na bunda.

— Não sei mesmo! — exclamou Taler desesperado. — Foram uns homens estranhos, que me prenderam aqui.

— Por quê?

— Não sei. — Taler tinha suor na testa.

— Que homens eram?

— Nem idéia.

— De onde é você, seu porco?

— Kufstein. Eles me tiraram da prisão.

— Você estava na prisão em Kufstein?

— Eu já disse...

— Por quê?

— Mercado negro.

— Agora, vai me dizer o que quero saber. A verdade, isso você vai me dizer. Se não, rebento sua cabeça, seu cagão. Que pessoas eram essas?

— Não sei, de verdade...

— Como era a cara deles?

Nada de resposta.

A pressão da pistola na nuca ficou mais forte.

— Então, vai ser logo? Como era a cara deles!

— A iluminação era ruim em Kufstein. E aqui eles logo me meteram na oficina.

— Cara, atiro se continuar assim mais um segundo.

O homem com terno amassado tremia.

— Foram soldados...

— Que uniformes?

— Da SS.

— Quem era o chefe? — perguntou Hernin com voz mudada.

— Não sei... não sei de verdade...

— Quantos eram?

— Seis... não, oito com o chefe...

— Então havia um, seu porco!

— Sim, sim... por favor, me deixe viver... não atire... Não atire...

Tenho mulher e dois filhos pequenos...

— Você vai bater as botas tão depressa que nem vai notar. Seu cérebro vai grudar na parede, seu porco. Que chefe era esse? Está ouvindo? — A pistola enfiou-se mais na nuca.

— Os outros o chamavam de Comandante...

Não, pensou Hernin, por favor, não...

— Como era ele, esse Comandante?

— Grande... forte... rosto estreito... olhos cinzentos...

— E os outros?

— Eram tantos...

— Pense!

— Tinha um de rosto largo, com nariz quebrado... e um forte e comprido... e um gordo muito alto, que dirigia...

— Quantos carros eram?

— Três... por favor, me deixe viver! Vou lhe dizer tudo.

— Então diga tudo!

— Eles me tiraram da prisão, mas foi engano. Só aqui notaram isso. Queriam tirar um Hans Taler que ia ser condenado à morte, e por engano foram a Kufstein e me pegaram, eu era o homem errado...

— Homem errado? Então eles fizeram isso outras vezes, é?

— Acho que sim... o Comandante berrou com os funcionários... todos tinham medo dele... e ele mostrou documentos, dizendo que tinha de me transferir para outra prisão... os funcionários não podiam fazer nada e me entregaram... ao Comandante da tropa...

— Você o reconheceria se o visse?

— Claro...

— E os outros também, se os mostrarmos?

— A maioria, claro... Posso me lembrar de quase todos... Lá na sala estava claro... Primeiro fomos para lá... E também me lembro do marceneiro e de sua mulher... ela está grávida... e se vocês interrogarem a todos eles...

A mão de Hernin tremia.

— Vou dizer tudo. Agora me lembro de tudo... bem direitinho...

Mas me deixe viver, por favor, me deixe viver...

O rosto de Hernin estava branco como cal.

Afastou-se e destravou a arma.

Seu dedo dobrou-se no gatilho.

E um tiro reboou.”

35

— Bom-dia, bom-dia! — gritou o papagaio.

— Que coisa terrível — disse eu.

— Sim, terrível — disse Andréia, que me contara tudo o que acabo de escrever. — Mas Hernin não tinha mesmo outra escolha, se não quisesse que a sua gente, mais o marceneiro e a mulher, e todas as pessoas da organização, e ele próprio, fossem entregues à Gestapo, não é?

— Não — disse eu.

— Enterraram o falso Taler na mesma noite. Por sorte nevava muito. E depois trataram de desaparecer. Tiveram sorte. A Gestapo não os pegou. O marceneiro e sua mulher ainda hoje vivem em Hallein. Ele e uma porção de gente que Hernin salvou depuseram em favor dele depois da guerra, num tribunal americano, e naturalmente ele foi libertado na hora. Aliás, o julgamento nem se teria realizado se Hernin não tivesse insistido nisso.

— Por que fez isso?

— Para justificar-se diante da mulher do homem a quem tivera de matar, essa sra. Taler com seus dois filhinhos. E eles o perdoaram.

— Mas se tudo acabou assim, não entendo...

— Espere — disse Andréia. — A história não acabou ainda. Os americanos — Hernin vivia em Frankfurt — lhe deram a missão de iniciar imediatamente a construção de uma nova escola superior, no meio dos escombros, em 1945, ainda no outono. Simplesmente não havia nada, disseme Hernin, a terra era só escombros e cinzas, as pessoas moravam nos porões das ruínas, não havia nada ou bem pouco para comer, e quando o inverno chegou, foi o pior inverno de que mesmo os mais velhos se lembravam. E não havia nada para se

aquecer, muita gente ficou congelada, muita gente morreu, e não havia remédios, os hospitais eram lugares onde as pessoas só iam para morrer — especialmente os de crianças. Lá era pior, os pequenos precisariam urgentemente de vitaminas e comida substancial, mas não existia nada disso. Hernin tinha um amigo, chefe de uma grande clínica pediátrica, sabe. Por isso sempre via aquela miséria horrível... crianças textualmente morrendo de fome.

Naturalmente os americanos mandavam pacotes de comida, mas muitas vezes nem chegava até aquele hospital, e era pouco, muito pouco. Alguns dos homens que tinham estado com Hernin na guerra agora trabalhavam como civilian guards, nas tropas de proteção civil em instalações americanas, e depois que outra menininha morreu de fome na clínica de seu amigo, Hernin teve uma idéia. Três de seus companheiros de guerra pertenciam à Proteção Civil num antigo hangar de montagem de aviões, no qual os americanos armazenavam víveres para as tropas...

36

“Era uma noite escura de lua nova em um gélido janeiro de 1946. O hangar de montagem erguia-se imenso diante de Hernin e seus amigos. Os quatro estavam deitados no chão gelado cortando o arame farpado que rodeava o complexo. Era um buraco tão grande que puderam rastejar um atrás do outro. Usavam roupas claras para não serem vistos facilmente na neve.

Diante do hangar de montagem havia numa imensa praça, chamada truck pool, filas de pesados caminhões do exército. Hernin sabia de seus amigos que eles já estavam carregados com açúcar, farinha, carne e outros alimentos. Na manhã seguinte os caminhões iriam para várias unidades americanas entregar os víveres. Isso se fazia três vezes por semana, e os civilian guards ajudavam a carregar.

A paisagem ampla era iluminada por holofotes, mas entre os caminhões era escuro, e Hernin e seus três amigos correram para lá, agachados. Depois cada um saltou para o assento de um caminhão, os pesados motores foram ligados, e sem luz saíram em disparada, um atrás do outro, em direção da saída, fortemente vigiada por soldados americanos.

Tudo se passou muito depressa.

O primeiro caminhão chegara à casinha da guarda e à barreira, o motorista afundou o pé no acelerador, madeira e metal se estilhaçaram, a barreira se rompeu, o caminhão disparou pela noite.

O segundo foi atrás. Da casinha da sentinela saíram correndo soldados americanos, com pistolas automáticas. Primeiro correram atrás dos dois caminhões, depois voltaram-se para os dois outros, que ainda estavam ali. O pára-brisa estourou com ruído na cara de Hernin, pedaços de vidro entraram em suas orelhas. Ele se agachou o mais que pôde, para conseguir ver um pouco, e pisou no

acelerador. O carro diante dele começou a derrapar, mas foi dominado e disparou sobre os americanos, que recuaram horrorizados.

Então um holofote se acendeu numa torre de vigia, tão forte que ele ficou imobilizado pelo ofuscamento. Arquejante, pegou da jaqueta a velha pistola do exército alemão, modelo 80, calibre 9. Não a devolvera, embora soubesse que quem não devolvesse as armas seria punido com pena de morte. Ergueu o cano e atirou naquele holofote implacável. Esvaziou o pente, enquanto disparava com o caminhão, e os soldados americanos alvejavam o veículo. Ouvia balas passarem perto, sibilando, algumas enterrando-se no caminhão. O holofote em que ele acertara apagou-se. Mas devia ter acertado em mais alguma coisa, porque uma grande sombra despencou da torre de vigia.

Hernin agachou-se mais, e saiu disparando com o caminhão pela barreira arreventada, perdendo-se na noite.

Cinco horas depois, a polícia militar americana o prendia.”

37

— Um de seus amigos fora atingido pelas balas americanas e estava num hospital com ferimentos graves... um hospital americano, porque os enfermeiros tinham visto a estrela branca no caminhão atravessado numa rua do subúrbio, onde foi encontrado por homens que iam trabalhar no primeiro turno. Um homem estava caído sobre o volante. Estava desmaiado e perdera muito sangue.

Cirurgiões americanos o operaram logo, salvando-lhe a vida. Não tinha documentos, mas agentes da CID, a polícia criminal do exército, o identificaram. Pouco depois sabiam quem era o homem: um colaborador do famoso Walter Hernin, que no tempo do nazismo salvara tantas vidas humanas. Esse homem e dois outros amigos de Hernin foram encontrados pelos agentes da CID na lista de pagamento dos civilian guarás do depósito de alimentos. Prenderam os homens, que admitiram tudo. Então os agentes também prenderam Hernin, que também admitiu tudo. E dessa vez se deu mal, embora mais uma vez só quisesse fazer o bem — contou Andréia.

— Por quê? — perguntei. — Um assalto desses não é bonito, mas...

— Não foi só o assalto — disse Andréia. — Na torre havia um alemão, outro civilian guard, de serviço, manejando o holofote, e Hernin lhe acertou um tiro no pulmão.

— Pulmão?

— O homem não morreu, graças a Deus, mas Hernin foi parar novamente diante de um tribunal militar. Teve um defensor americano muito bom, por isso os americanos apenas o condenaram a trinta anos.

— Ele foi para a prisão? — perguntei horrorizado.

— Estou lhe dizendo.

— “A cozinheira preta está aí?” — cantavam as crianças. — “Sim, sim, sim! O que fizeram com ela...?”*

* Cantiga infantil. (N. da T.)

— Em 1956 as autoridades alemãs o libertaram depois de dez anos, e ele foi morar com o filho. Quando me contou sua história disse que sua pena elevada fora correta, pois matara um ser humano. E objetei que o homem se salvara. “Por sorte”, disse, “senão seriam dois.” Referia-se ao outro, o falso Hans Taler, a quem raptara da prisão de Kufstein com seus amigos e tivera de matar. Disselhe que se não tivesse feito isso talvez tivessem sido assassinadas mil pessoas, e ele respondeu: “É verdade. Mas matei uma pessoa. E quem mata um ser humano destrói um mundo inteiro.”

— ...“alguém a matou” — cantavam as crianças.

— Agora fora punido. Perdera dez anos, e não se podia mais pensar em carreira na Universidade — disse Andréia. — E demorou muito até finalmente conseguir uma concessão de táxi. Esta é a história de Walter Hernin, que foi um bom homem em tempos ruins.

— “...você tem culpa, tem culpa, tem a maior culpa!” — cantavam as crianças.

38

Naquela noite sentamo-nos num restaurante lá fora em Blankenese. O restaurante ficava junto de um rio, e eu sabia que era o Elba, mas tinha a sensação de já ter estado um dia sentado junto de um rio assim, grande e escuro, que não era o Elba... em algum lugar, não lembrava onde. Comemos peixe e bebemos vinho branco, e ficamos ali sentados quietos olhando um para o outro. Andréia tinha um Volkswagen velhíssimo, e tínhamos vindo com ele.

Estávamos sentados ao ar livre, debaixo de velhas árvores, e ainda estava muito quente depois daquele dia tórrido.

Quando fizemos o pedido, Andréia colocou os óculos redondos.

Eu sempre me comovia vendo-a com aqueles óculos imensos, e pensei no quanto a amava. Assim que não precisou mais dos óculos, ela os tirou.

— Amanhã é sábado — disse ela. — Posso tomar café na cama e vagabundear. Sempre me alegro muito com fins de semana.

E pensei em como eu temera e odiara os fins de semana, e como no último ano quase não saíra da cama, dormindo muitas horas, o tempo todo para não ter mais de ver nem ouvir Yvonne. Yvonne, Paris, minha vida antiga... Como tudo estava longe! Parecia fazer anos, e eram apenas dias. Um navio bem-iluminado deslizava na água escura do rio, em direção do mar, e pensei que também desejava viajar com Andréia.

— Não temos uma vida boa, querido? — perguntou ela, olhos iluminados.

— Maravilhosa — disse eu. — Beba mais um pouco de vinho! — Enchi o copo dela, e ela bebeu. — Ponha os óculos — disse eu.

— Não, Gatão, por favor.

— Por favor! Você fica tão excitante de óculos. Tão imensamente desejável.

— Então tenho de colocá-los — disse ela, e os colocou. — Estou intensamente desejável agora, Gatão?

— Desmedidamente.

— Então está bem. Vou pôr os óculos sempre que nós... Meu Deus, vai ser divertido! — disse ela.

— Exatamente nessa hora você deve colocá-los, Esquilinha — disse eu.

— Você é um perverso.

— Graças a Deus. Espero que você também seja.

— Sou completamente devassa — respondeu.

— Sim, já notei — disse eu. — Vamos beber mais um pouco, sra. Esquilo?

— Não nos fará mal algum, sr. Gato — disse ela, e bebemos outra vez.

— Em que está pensando? — perguntei.

Ela estremeceu:

— Como? Como sabe que estou pensando numa coisa?

— De repente você ficou com um olhar tão alheado e feliz...

— Eu estava realmente pensando numa coisa, Gatão.

— Em mim?

— Não.

— Quem então?

— No sr. Osterkamp.

— Quem é ele, sra. Esquilo? Não gosto de saber que a senhora conhece tantos homens.

— Primeiro, caro sr. Gato, não são tantos, e segundo, nem conheço o sr. Osterkamp.

— Mas como pode pensar nele?

— Ele não me sai do pensamento.

— Isso é incrível.

— O sr. Osterkamp tem setenta e um anos, e perdeu a mulher há um ano. Ela morreu tranqüilamente, dormindo, disse o sr. Langenau.

— Mais um homem na sua vida!

— Sim, tenho de admitir. Eu escondera isso até agora, mas preciso dizer. O sr. Langenau é um antiqüíssimo amigo meu. Saúde, sr. Kent!

Ela bebeu.

E eu também bebi.

— Estou vendo que está ficando impaciente, sr. Gato, por isso quero avisar: tive dois grandes desejos na vida. Um se realizou quando o encontrei. O segundo desejo, caro sr. Kent, ainda não se realizou.

— E qual é, cara sra. Esquilo?

— Uma livraria minha — disse ela encarando-me pelos vidros redondos dos óculos. — E esse sr. Langenau é livreiro do sr. Osterkamp, o que significa algo que o senhor certamente já entendeu — o sr. Osterkamp tem uma livraria. Na Tornquiststrasse. Não é muito grande, é média, exatamente como a sra. Esquilo deseja. E ela também economizou vinte e cinco mil marcos, mas naturalmente isso é muito pouco. — Colocou a mão na boca, assustada.

— O que foi? — perguntei.

— Ora, sou realmente um horror! Mal consigo você, e já começo a falar nisso! Deus, isso é horrível! Agora você vai pensar que sou

uma mulher gananciosa, que quer explorar e lograr você. Santo Deus, o que fui fazer!

— Ora, acalme-se — disse eu, mas ela não se acalmou, e tive de me levantar, sentar-me junto dela e abraçá-la. Ela não quis mais falar no assunto, e tive de insistir uns dez minutos até ela concordar.

— Mas você jurou que não vai me considerar astuta e mesquinha, Gatão, você jurou. Diga que jurou, ou temos de nos separar.

— Sim, jurei! E agora, afinal, continue falando!

Então eu soube que o sr. Osterkamp sempre fora livreiro independente e por isso não conseguia pensão de empregado. Por isso tinha de trabalhar tanto, apesar dos setenta e um anos.

— Não é brincadeira — disse Andréia. — Sua mulher também tinha ajudado, e o sr. Langenau, e mais uma outra livreira, e um apre.

— Um o quê?

— Um apre. É abreviatura de aprendiz, um rapaz que está estagiando como livreiro, entende, Gatão?

— Entendo.

— Pois é, mas agora que a mulher dele morreu, chamava-se Erna, o sr. Osterkamp não está conseguindo tocar a livraria. Há muito não consegue manter a loja direito, e seu sortimento de livros, quer dizer, os livros que tem a oferecer... está antiquado. Muito ruim... Ele mal conseguia um movimento de quinhentos mil marcos ao ano quando a sua Erna morreu, Gatão, e seu movimento decresce cada vez mais, embora as despesas aumentem. Depois de pagar as contas, os ordenados e o resto, sobram-lhe sessenta a setenta mil marcos ao ano, sobre os quais ele precisa pagar imposto. Pode calcular o que lhe sobrava e à sua Erna? Demais para morrer, de menos para viver. Isto é, com a sua Erna não era demais. Não ria, seu brutamontes!

De repente, trazida pelo vento, soou bem longe a Marselhesa.

— Casa das Barcas de Schulau — disse Andréia. — Fica bem ali na frente, sabia?

— Sim, mas por que a Marselhesa?

— Porque o navio que passou por nós era francês. A Casa das Barcas de Schulau é um restaurante que tem uma instalação para saudar navios. Chama-se "Boas-vindas". Todos os navios acima de quinhentas toneladas são saudados com o seu hino nacional, ao chegar ou partir, se passam por esse canal... Na verdade, o sr. Osterkamp é um bom livreiro, mas o tempo passou por ele... Detesto hinos nacionais, mas...

— Eu também. Se pudesse, proibiria imediatamente todos os hinos nacionais — disse eu.

— A Marselhesa não.

— Também.

— Não, por favor, é tão bonita.

— Não importa, eu proibiria todos os hinos nacionais e aposentaria todos os generais, para criarem rosas e não fazerem bobagens. Acho que nos desviamos do assunto. E estamos bebendo de menos. Vamos tomar mais um traguinho, cara senhora.

Então bebemos mais um, e Andréia disse: — Ah, como meu espírito está claro outra vez, caro senhor. Bem, o sr. Osterkamp ainda tem um certo capital, de um seguro de vida, mas já gastou boa parte. Morrer é caro, e ele preparou um lindo enterro para a sua Erna, porque a amava tanto, tanto...

— Esquilinha!

— Sim, sim, o disco estava riscado. Um enterro lindo, e agora ele está vendo que terá de vender a loja. E talvez o dinheiro dê para seus últimos anos. O dinheiro do seguro de vida e o que vai receber pela loja. Se você entendeu tudo, claro e nítido, diga sim!

— Sim — disse eu.

— Bravo — elogiou ela, enquanto eu fazia ao garçom um sinal para trazer outra garrafa de vinho. — O Gatão entendeu tudo. Bom, e o resto? O resto é que o sr. Osterkamp ofereceu primeiro a loja ao seu livreiro, o sr. Conrad Langenau. Eu já disse que o sr. Langenau é livreiro na loja do sr. Osterkamp?

— Já, cara senhora.

— Bom, e o sr. Langenau não tem dinheiro suficiente e não quer fazer empréstimo por ter medo de não poder pagar os altos juros do empréstimo com uma receita tão pequena...

O garçom trouxe outra garrafa, encheu nossos copos e disse: — Bom proveito!

— Obrigado — disse eu.

— Receita, você sabe, é o que ele realmente ganharia na livraria.

— Ahá — disse eu. — É mesmo? — E amei-a muito porque queria me explicar o que era receita. — Vamos tomar mais um traguinho?

— Assim seja, cavalheiro.

Bebemos.

— E agora — continuou Andréia —, meu querido Gatão, todos do ramo sabem como eu gostaria de ter uma livraria, com uma seção infantil, e aí eu poderia fazer tudo como eu acho certo, não como a Biblioteca e o Município pensam. Como todos os colegas livreiros sabem disso, e também meu velho conhecido sr. Langenau, ele me contou sobre o sr. Osterkamp tudo o que vos enunciei há pouco, ilustríssimo... Lá vem um americano.

A saudação distante tocava o hino americano.

— Home of the Brave — disse Andréia. — Pátria dos Bravos, diz o texto.

— Você é corajosa.

— Não — disse ela. — Mas gostaria de ser. É uma ocasião única, meu Gato.

— Bom, então, saúde — disse eu.

— Bom, então, saúde — disse ela. — Me transforme numa beberona, e vai ver que bonito quando entro em delirium tremens...

Uma ocasião única, porque Eimsbüttel é um bairro muito povoado, com muitas crianças, muitos filhos de operários estrangeiros; lá ainda há dessas lojinhas-da-tia-Ema*, sabe Gatão, tudo muito aconchegante. Três grandes colégios perto, algumas casas adiante fica um lar de crianças deficientes. Eu poderia cultivar maravilhosamente livros infantis e juvenis!

* Lojinhas que vendem quinquilharias. (N. da T.)

— Você poderia fazer o quê maravilhosamente com livros de crianças e jovens, querida?

— Cultivar. Pode rir de mim! Langenau já me disse que ficará comigo se eu assumir a livraria. Esse Langenau é de Innsbruck, no Tirol, e o Tirol fica na Áustria, e Langenau é livreiro há trinta e cinco anos, e não há nada que ele não saiba sobre o negócio, e ele é muito religioso.

— Ele é o quê?

— Olhe, o americano! — disse Andréia, apontando para o Elba.

Um navio muito grande aproximava-se lentamente, bastante iluminado.

— Religioso — disse Andréia.

— Religioso o quê?

— Esse Langenau. Por quê?

— Por que o quê?

— Por que você perguntou isso tão assustado, Gatão?

— Ora, é de assustar. Quem é que ainda é religioso hoje em dia?

— Você nem imagina! Naturalmente você não é, seu pagão, já notei isso há muito tempo. Não pense que pode esconder de mim.

Não, você não é religioso, não acredita em nada, mas se algum dia chegar diante do trono de Deus, vai sujar as calças.

— Você é vulgar.

— Sim. E pervertida. Mas tenho o meu bom Deus. Não acredito tanto nele como o sr. Langenau, mas de maneira normal. E não só quando preciso dele. O sr. Langenau é tão religioso, e uma pessoa tão boa, um homem de fé. Você não tem nada contra pessoas de fé?

— Nada, Esquilinha. Também tenho fé.

— Em quê?

— Em você.

— Ah, Gatão.

— Sabe de uma coisa, cara sra. Esquilo — disse eu —, nós dois vamos comprar a livraria do sr. Osterkamp.

Ela me fitou através dos enormes óculos, e o lábio inferior começou a tremer, e lhe dei meu lenço e coloquei outra vez meu braço ao redor dela, pois ainda estávamos sentados lado a lado. Ela tinha os olhos úmidos e engoliu em seco de nervosismo. Limpava as lágrimas com meu lenço e dizia:

— Mas são de felicidade, só de felicidade, Gatão!

Alguns fregueses nos observavam. Possivelmente pensavam que eu era daqueles que em casa surram a mulher e que estava sendo mau com Andréia. Por isso eu disse bem alto, já muito pouco lúcido: — E de felicidade, senhores, minha mulherzinha chora de felicidade. Não é isso, mulherzinha?

E Andréia balançou a cabeça e exclamou: — Sim, é isso! — e assoou-se no lenço, como uma salva de canhões ao longe, e disse: — Cavalheiro, por quem me toma? Eu jamais aceitaria um pfennig do senhor, sou uma mulher decente.

— Não quero que aceite um pfennig de mim, mas uma pequena fortuna. E não ganhará o dinheiro assim no mais, nós dois é que vamos comprar essa livraria do sr. Osterkamp. Também quero ter uma livraria.

Ela me abraçou, beijou-me fortemente na boca, e depois de muitos beijos pequenos, virou-se para os outros fregueses, abriu os braços e disse:

— Que foi que eu lhes disse? Só de felicidade, senhores. Só de felicidade.

—Alguns fregueses riram, outros voltaram ostensivamente as costas para nós.

— Quanto que o sr. Osterkamp quer pela sua bodega? — perguntei, e Andréia disse:

— Ah, um absurdo.

E perguntei:

— Quanto, cara senhora?

E Andréia disse:

— Trezentos mil marcos.

— Ai, ai, ai — disse eu.

— Mas é como base da negociação, Gato! Mais do que cento e oitenta mil ele não ganhará nunca, e sabe disso. Pois temos de reformar tudo e renovar, sem falar na sala para as crianças.

Naturalmente eu só tenho vinte e cinco mil marcos. Mas você diz que quer participar. Como meu sócio?

— Sim, como sócio.

— Ah, você é um gatão muito bonzinho!

— O melhor que há — disse eu.

— E atraí você para uma armadilha, uma doce armadilha. A tender trap. E agora está preso nela. Acredita nisso, não é?

— Claro que acredito, sua pestezinha refinada — disse eu beijando-a outra vez. Nisso os óculos dela e os meus se enredaram e foi um teatro e tanto até conseguirmos nos libertar. Depois, de repente, Andréia saltou da cadeira e disse: — Deixe-me passar, Gatão, depressa, depressa!

— Pipi?

— Que nada, pipi! Tenho de telefonar imediatamente a Langenau e dizer que vamos comprar a livraria, e que ele avise o sr. Osterkamp para não vender a loja a outra pessoa!

— Agora, no meio da noite?

— Claro — disse ela. — Dê-me um marco, Gatão! — Pegou-o e saiu correndo, e fiquei olhando a torrente escura e pensei novamente no meu sonho, com os muitos elefantes amáveis vindo da floresta em minha direção numa trilha de areia, e pensei que também eu queria ser amável com todas as pessoas, e pensei como deixara Andréia feliz, e como eu próprio estava feliz, e então me ocorreu uma frase que lera certa vez num livro: “Se cada pessoa do mundo quisesse fazer feliz só uma única outra pessoa, o mundo todo seria feliz.”

39

Naquela noite estávamos os dois levemente embriagados.

Andréia mais do que eu, por isso sentei-me na direção do seu Volkswagen. Lembrei-me que tinha no bolso uma bela carteira falsificada de motorista da Argentina, mas não me preocupei, e não tive medo da polícia nem do teste alcoólico. No longo caminho de Blankenese, li quando chegamos ao porto algo escrito em imensas letras brancas no muro do cais:

POR FAVOR DEIXEM-NOS VIVER EM PAZ!

Poucos segundos mais tarde li o que alguém escrevera em outro muro do cais com tinta spray:

MATEM OS TURCOS A PAU!

Errei o caminho porque dei ouvidos às indicações de Andréia e dobrei à esquerda e à direita sempre que ela assim me mandava.

Perdi-me cada vez mais. Por fim comecei a fazer o contrário do que ela dizia, e de repente entrei numa rua cuja placa dizia TORNQUISTSTRASSE.

— Olha aí, não orientei você lindamente? — perguntou Andréia contente. — Nunca desista, pergunte ao seu esquilo.

— Qual é o número da livraria?

— Cento e trinta e seis. Você tem de descer a rua, conheço esta região como meu próprio apartamento.

Por isso, fiz a curva rapidamente na rua deserta e segui em direção contrária, e cheguei ao número cento e trinta e seis. Parei e Andréia disse:

— Ora, por favor, sem mim você teria se perdido. Olhe, querido, a nossa livraria! Venha, vamos dar uma olhada nela.

Desembarcamos e fomos de mãos dadas até a loja diante da qual um lampião da rua balançava levemente ao vento. A livraria não era muito atraente. Na única vitrine havia muitos livros, e Andréia me disse que todos os livros da lista de best-sellers estavam lá, mas que naquela vitrine antiquada não se podia vê-los direito. A moldura de madeira da vitrine estava podre e consumida pelo tempo, assim como a da porta da entrada. Não havia iluminação para a vitrine, só iluminada pela luz da rua. Sobre a loja havia uma placa que outrora deve ter sido branca, onde se via em letras pretas LIVRARIA OSTERKAMP. O fundo branco estava sujo, e a tinta preta já descascara das letras. A placa era realmente feia.

— Naturalmente tudo isso tem de ser mudado — disse Andréia pendurada no meu braço. — Por dentro e por fora. Sei como está tudo lá dentro. Nem me pergunte! Tão triste quanto aqui fora. Mas vamos simplesmente reformar a loja.

— Simplesmente reformar — disse eu.

— Só o nome fica.

— Que nome?

— Livraria Osterkamp — disse Andréia. — As pessoas da região conhecem o nome, que para elas é um conceito do tempo em que aqui havia uma boa livraria. Acredite, Gatão, um nome desses vale muito. Ele tem de ficar.

— Tudo bem — disse eu —, então ele fica.

— Vamos para o outro lado da rua, Gatão.

— Por quê?

— Quero ver como é a nossa livraria do outro lado. —
Atravessamos a rua e ela disse:

— Daqui parece ainda pior.

— Por sorte não se pode ver muita coisa — disse eu.

— Temos de colocar cores contrastantes — disse Andréia. — E à noite a vitrine tem de ficar iluminada, e o cartaz ali em cima

também. E é preciso organizar a vitrine em degraus, para que se vejam bem todos os livros. Já tenho tudo aqui na minha cabeça.

Sabe, eu teria dado uma excelente arquiteta.

— Claro — disse eu.

— O bom é que a livraria da Waterloostrasse não fica muito longe e que lá não se vendem livros, só se emprestam — disse ela. — Todas as minhas crianças virão à minha livraria e muitas crianças das três escolas grandes aqui perto, e lá em cima, três casas adiante, ficar o lar de crianças deficientes. Na hora da reforma temos de pensar em fazer com que possam entrar com cadeiras de rodas.

— Você realmente acha que as crianças aleijadas virão?

— Nós as convidaremos — disse Andréia. — Quero que perto de mim todas as crianças sejam alegres e felizes, e também as deficientes. Venha, vamos passear um pouco na frente da nossa loja.

Então fomos passear, de braços dados, olhando a velha e decadente livraria, que ambos já imaginávamos reformada e bonita.

— Estou vendo tudo direitinho — disse Andréia. — Um dia esta loja será uma mina de ouro. — Encarou-me. — E agora vamos passar mais uma vez como pessoas que não têm nada a ver com ela.

— Portanto voltamos, e ela disse: — Olhe só, marido, aquela livraria tão chique ali do outro lado.

Olhe, acaba de aparecer um novo Stefan Heym, dizem que é a melhor obra dele, e gosto tanto de Heym. Vamos comprar o novo Heym?

— Tudo bem, mulher — disse eu. — Você compra o novo Heym, e eu, alguns livros de bolso.

— Livros de bolso — disse Andréia, e parou.

— Ora, claro — disse eu.

— Você é livreiro e não me disse nada, confesse!

— Mas por quê?

— Porque tudo combina direito. O velho Osterkamp naturalmente também tem livros de bolso, mas escondidos bem atrás na loja, segundo disse o sr. Langenau. Mas é preciso colocar as prateleiras de livros de bolso bem na frente, para as pessoas tropeçarem nelas ao entrar; todo mundo agora compra livro de bolso.

Nós, nós vamos ter uma grande seção de livros de bolso, querido, uma maravilhosa seção de livros de bolso!

— Mas a gente ganha pouco com livros de bolso — disse eu.

— O que importa é a quantidade, querido burrinho — disse ela.

— E agora quero ir para casa. Moro na Alsterdorfer Strasse. Quer me levar até o carro, Conde Öderland?

Atravessamos a rua em passos de dança como pessoas do tempo do rococó. Eu tinha uma das mãos às costas, a outra sobre Andréia, que se segurava nela e girava sobre si mesma ao andar, e fazia pequenas medidas. Ajudei-a a entrar no assento da frente do velho Volkswagen e fiz uma funda medida, tranquei a porta e me enfiei atrás do volante. Depois rodamos outra vez e Andréia disse: — Estamos muito bem dispostos, senhor Conde.

— Gosto de ouvir isso, caríssima — disse eu.

Ela ronronou alto e disse:

— Não dê atenção, é o meu gato, um bicho muito malcriado. Ele quer me fazer um filho e me lançar na desgraça. À direita agora.

Portanto, dobrei à esquerda por uma larga rua em direção ao norte, e segui por cerca de dez minutos. Estávamos calados, e Andréia acariciava meu rosto.

— Agora à esquerda — disse ela por fim.

Dobrei à direita e disse:

— Esquilinha, hoje vi como você lida com crianças. Nunca gostei de crianças. Desde esta tarde acho que não há nada melhor do que crianças. Agora, direita?

— Agora esquerda — disse ela.

Entrei numa rua à direita. Era a Alsterdorfer Strasse, e tive de subir um pouco por ela. Parei diante de uma casa enfeitada de estuque e disse, desligando o motor: — Por isso tenho um grande desejo. Quero que tenhamos um filho.

— Ah, querido — disse ela, ofegante. — Querido, querido, querido!

— O que foi?

— Uma vez eu me descuidei e o homem logo disse: tire a criança! Os homens logo dizem, tire a criança! Ah, Deus, e agora vem um que diz que quer um filho! Ah, meu querido! — E ela me abraçou e me beijou loucamente. — Vamos ter um filho nosso. Menino ou menina?

— Não importa, desde que seja com você — disse eu.

— Também não me importo — disse ela. — Um filho é bom, por causa do medo. É uma idéia horrivelmente egoísta, não é? E será bom para a criança? Será que a gente deve ter filhos agora? Nesses tempos? Podemos nos responsabilizar por isso?

— Não sei se nos podemos responsabilizar — disse eu. — Mas gostaria de ter um filho. Essa criança teria uma bela vida, pelo menos seríamos sempre bondosos com ela.

— Sempre — disse Andréia. — Sim, sim, vamos ter um filho.

Quero tanto um... de você. Venha, querido.

Ela abriu a porta.

— Para onde?

— Venha, suba comigo — disse ela. — Temos de pensar na criança.

Desci do carro e abracei-a.

— Não vou subir com você, Andréia — disse eu. — Não esta noite. Nós dois bebemos demais. Você sabe agora que vou comprar a livraria. Não quero que alguém sequer pense que você me aceita só por isso.

— Nenhum homem jamais falou assim comigo — disse ela. — Eu queria muito, mas também queria esperar mais um pouco. Você entende, não é? Só um pouco.

— Sim — respondi; tranquei as portas do carro e entreguei-lhe as chaves. — Agora, suba depressa, ou todos os nossos nobres pensamentos se vão para o diabo. E chame um táxi para mim, por favor.

— Bom — disse ela. — Mas não vou olhar pela janela enquanto você estiver aqui, senão desço outra vez e venho te buscar. — Abriu a porta da casa. — E quero lhe dizer mais uma coisa: não vamos nos despedir.

— Por quê?

— Porque não quero me separar de você nem um segundo — respondeu, e a porta da casa fechou-se atrás dela. Ouvi quando a trancou. Saí para a rua e algum tempo depois uma luz acendeu-se em duas janelas do segundo andar. Ali todas as casas eram de dois andares, e tinham sido construídas na virada do século. Via-se que nelas haviam morado cidadãos ricos e agora certamente ainda moravam cidadãos ricos nas casas poupadas pela guerra. Ergui os olhos para o céu, com muitas estrelas brancas e frias, e pensei que teríamos um filho. Alguns minutos depois chegou um táxi.

Embarquei e dei ao motorista o nome do meu hotel.

40

Você conhece Pinneberg, que fica a noroeste de Hamburgo, e conhece Friedrichsruh, em Sachsenwald. E entre Friedrichsruh e Pinneberg passa a S2, atravessando a grande cidade de Hamburgo. E a sudeste de Hamburgo, algumas estações adiante de Friedrichsruh, fica Reinbeck, e é de Reinbeck que quero lhe falar agora, meu bem.

Sábado de manhã Andréia me telefonou por volta das onze horas e disse que já vagabundeara bastante e estava com saudades de mim, queria ir a Reinbeck, era o seu lugar predileto para passeios no fim de semana, e aquele era um fim de semana especialmente bonito, particularmente quente.

— O sr. Gato desejaria ir até lá e comer um pouco lá fora?

— Com prazer, sra. Esquilo — disse eu.

— Então apanharei o sr. Gato em dez minutos no hotel. Peço a ele que vista roupas bem esportivas, e sapatos confortáveis, para que não comece logo a reclamar que seus pés doem.

Vesti um par de sapatos cômodos que vinham de Viena — ainda não tinha outros —, deixei o casaco do terno azul e peguei uma camisa azul. Estava saindo do Atlantic quando o Volkswagen apareceu. Tinha mossas e manchas de ferrugem por toda parte, o motor retinia e batia de meter medo. Lá estava pois o velho Volkswagen, e Andréia sentada ao volante, linda e sem pintura. O porteiro alto abriu a porta para mim, embolsou a nota de cinco marcos, e de repente ficou todo feliz. Perguntei a Andréia, que também o notara, por que o cara estava tão contente.

— Por nossa causa — disse ela. — Quem olhar para nós tem de ficar feliz. — Pisou no acelerador e o Volkswagen começou novamente a retinir e bater.

Naquele dia Andréia usava um vestido azul com gola branca e sandálias brancas. Foi apenas até a entrada da estação, depois estacionamos. Ela me dissera que com o trem era muito mais cômodo e rápido, e tinha razão. Em menos de meia hora estávamos em Reinbeck. Fiquei parado com Andréia diante da pequena estação, piscando no sol claro, e respirei fundo. Deixamos para trás o centro da aldeia e chegamos a um castelo, uma construção renascentista com três alas, em tijolos, feito à maneira holandesa com dois tipos de telhas, e Andréia me explicou que há setecentos anos havia ali um mosteiro, que fora destruído, e em seu lugar o Duque Adolfo Obturado construíra mais tarde o seu castelo.

Passamos por uma verdadeira paisagem campestre. Um riozinho, que Andréia chamava de alegrezinho, acumulava-se diante de uma represa formando um laguinho cheio de sombras, muito escuro, e aparentemente bem fundo. O sol ardia, os campos de trigo estavam cheios de papoulas como no quadro de Monet, só que aquelas papoulas verdadeiras me pareceram muito mais artificiais do que as do quadro de Monet. Andávamos devagar. Encontramos pouquíssimas pessoas. O chão era arenoso e macio. Passamos por aconchegantes casinholas de camponeses com grossos telhados de palhas, e descemos uma encosta num vale entre prados, matas e um pântano. Não pronunciamos palavra, e muitas vezes ficávamos longo tempo parados, quando víamos veados pastando ou coelhos apressados. Pássaros aquáticos gritavam sobre o pântano. Seguimos adiante e entramos numa grande mata. Raios de sol oblíquos cortavam os troncos altos. Era como numa catedral de árvores e luz, e pensei que uma vez já estivera em uma catedral dessas, mas não podia recordar o lugar e o tempo. Assim chegamos a uma funda garganta, meio oculta pelos arbustos como uma grande banheira. Lá a relva era macia. Andréia me pegou pela mão, e saltamos naquela garganta. Rodeou-me com os braços e disse, em tom quase inaudível: — Vem agora, vem!

41

Na meia hora seguinte o inferno se desencadeou.

Tentei tudo, mas em vão. Por fim rolei de costas e olhei as copas das árvores lá em cima.

— Nunca, nunca na vida me aconteceu isso — disse eu.

Estávamos nus os dois. Andréia tinha belas pernas compridas, ventre achatado e pequenos seios firmes.

— Estou feliz por isso, querido — disse ela.

— Feliz?

— Sim. Porque isso mostra que você me ama muito. Quando um homem ama muito uma mulher, acontecem essas coisas.

— Mas quero mostrar o quanto amo você — disse eu. — Estou quase louco de desejo de lhe mostrar isso.

— Pois é isso — disse ela. — Você está excitado demais, querendo demais. Se soubesse como fico feliz com isso! E nunca lhe aconteceu antes?

— Não, nunca.

— Maravilhoso. Então sou a primeira mulher a quem você ama.

— Não agüento. É de enlouquecer. Tentamos tudo, e não dá.

— Pare de falar nisso — disse ela e me acariciou. — Pare com isso, querido. Eu lhe disse que é tudo maravilhoso para mim, maravilhoso. O que você fez comigo nenhum outro homem fez com tanta ternura, tanto amor, tanto cuidado. Todos sempre eram apressados e só pensavam em si próprios. E eu fingia que também era bom para mim, Gatão, mas não era. Eu ficava só esperando que eles acabassem, para poder ir ao banheiro dizendo que ia me lavar, e então eu mesma tinha de fazer aquilo...

— Não é verdade, você só quer me consolar.

— Juro. Pelo nosso amor. Você é o primeiro que conseguiu com ternura que isso funcionasse em mim, só com ternura. E nunca na vida foi tão forte como agora, meu querido. E você conseguiu isso só com ternura...

E então, enquanto ela me acariciava outra vez, subitamente tudo foi como sempre era quando eu estava com uma mulher. Deitei-me sobre ela e voltei a ser homem, e ela gemia e dizia palavras de amor, e me mordeu no ombro até o sangue correr pelo meu peito e pingar no dela. Nossos corpos se moviam sempre mais depressa, mais fortemente. Ela passou braços e pernas em redor de mim, e gritou logo antes do clímax. Mas a coisa continuou, uma segunda vez, e uma terceira. Eu nunca experimentara algo assim, nossos corpos sempre voltavam a se lançar um contra o outro. Depois fiquei deitado ao lado dela, de mãos dadas, e por longo tempo não dissemos nada.

Por fim, ela disse:

— Fiz tudo como você queria?

— Tudo, querida, tudo.

— Você sempre deve me dizer se quer que eu faça algo diferente, ou se deseja outra coisa. Farei tudo o que você quiser. Por isso você nunca vai precisar de outra mulher, não é?

— E você de nenhum outro homem.

— Nenhum outro homem, não. Deixe a mão aí!

— Você é maravilhosa!

— Não é arte nenhuma ser maravilhosa com um homem a quem se ama tanto — disse ela. — E por favor, não tire a mão daí!

42

— Estou com fome — disse ela mais tarde. — Sempre fico faminta depois. Uma fome horrível.

— Eu também — concordei.

— Não é maravilhoso? Fomos feitos um para o outro. Pena não nos termos encontrado antes.

— Não — disse eu —, foi o momento certo.

— Conheço um restaurante barato e muito bom — disse ela, enquanto nos vestíamos. — Santo Deus — disse ela, e cambaleou.

Teria caído se eu não a amparasse. — Deus, como você me fez amor.

Meus joelhos estão bambos.

— Os meus também. É longe, até esse restaurante?

— Talvez quinze minutos a pé — disse ela.

— Santo Deus!

— Vamos nos apoiar um no outro, e andar devagar como dois guerreiros depois do combate.

— Suas comparações são esquisitas.

— Sim — disse ela. — Você tem de me perdoar. Pense sempre que sou um pouco maluca. Um pouco muito maluca. — Depois me abraçou, e me beijou nos olhos, na testa, e longamente na boca, e eu agradei àquilo em que acreditava, agradei ao nada, ao nul, ao nothing por uma felicidade tão grande.

No restaurante também serviam no jardim. Lá havia sombra e estava fresco, e comemos uma especialidade da região, chamada Labskaus, uma espécie de purê de carne, peixe e batatas. Antes comemos sopa hamburguesa de enguias, e por fim rote Grütze. E

depois da comida fiquei tão cansado que pegamos duas espreguiçadeiras e adormeci logo. Quando acordei eram cinco e meia, e Andréia ainda dormia. Estava enroscada na cadeira como uma gata; no chão jazia um jornal que ela devia ter lido antes de adormecer, e os grandes óculos estavam tortos em seu nariz. Tirei-os com cuidado para não caírem e quebrarem. Andréia não notou nada, de modo que me deitei outra vez, esperando que ela acordasse. Não olhei para ela enquanto isso, porque não se deve contemplar pessoas adormecidas. Depois de algum tempo ela se espreguiçou e bocejou, e disse:

— Santo Deus, como doem meus ossos! E quem fez isso? Foi o meu querido Gato com a sua cantoria.

— Também não estou muito animado — disse eu. — Pense só, um senhor idoso que se desgasta desse jeito.

— E eu, pobre virgem delicada — disse ela. — Agora estou com sede.

— Eu também, mas isso não é nada. Sempre tenho sede, só que às vezes tenho mais.

Fui ao restaurante, pedi duas garrafas de cerveja, e um garçom sorridente com avental branco as trouxe com dois copos e uma mesinha para o jardim. Riu para Andréia e voltou para a casa.

— Simpático — disse eu.

— Sim — disse ela. — E nos serviu a comida, recorda?

Realmente um sujeito simpático. Gosta dele?

— Não — respondi.

43

Naquela noite mudei-me do Atlantic para a casa de Andréia na Alsterdorfer Strasse. A escada era estreita e muito íngreme. Não havia elevador, e cheguei lá ofegante, depois de arrastar minhas duas malas para o segundo andar. Em cada andar vi duas portas. O apartamento de Andréia tinha quatro aposentos grandes e outras dependências. Nunca na vida eu vira tantos livros numa casa. A maior parte das paredes estava coberta de prateleiras. Entre elas, belos móveis antigos. Em lugar algum vi iluminação no teto, só abajures e lampiões de mesa.

— O aluguel deve ser caríssimo! — disse eu.

— A casa é minha — disse ela. — Falei-lhe do homem que queria me amar para sempre. Fez isso durante três anos, depois foi para outra mulher. Este apartamento era dele, e ele me deu de presente... por assim dizer como um pedido de desculpas. Foi muito amável da parte dele, não é? Aliás, era um homem muito amável.

— Você quase não fala dele, e quando fala, é sempre bem.

— Por que falaria mal? Foi bonito enquanto durou. — De repente ela me abraçou como doida. — Mas você não vai me abandonar nunca, Gatão!

— Eu já lhe disse uma porção de vezes!

— Nunca se sabe — disse ela. — Mesmo que a gente fale sério.

Nunca se sabe em que situações se pode cair. Diga-me sempre e de novo, de tempos em tempos, quero dizer, quando tiver vontade.

— Não vou abandonar você nunca — disse eu.

— Tudo bem. É bom ouvir isso, meu Gato amado.

As janelas de três dos quartos davam para um grande jardim selvagem, com árvores altas e velhas. Havia uma cadeira de balanço

diante de uma janela.

— Você sempre senta aí?

— Ah, sim — disse ela. — Sempre me sento aqui quando estou triste, ou sozinha... e quando não consigo dormir.

— Agora não precisa mais fazer isso.

— Vamos nos sentar juntos aqui às vezes e olhar as velhas árvores, sim? Árvores são uma coisa linda. São quietas e fortes e com raízes fundas. Eu também queria ser assim, quieta e forte e com fundas raízes. Somos ruidosos e fracos e vivemos tão pouco, e nem temos raízes. Somos como diz o spiritual: "Stand still, Jordan!" Não se pode pedir que um rio pare de correr. E pense só, Gatão, quanto tempo uma árvore vive. Se fôssemos árvores plantadas perto um do outro, com quatrocentos anos ainda não seríamos muito velhos.

Diante da cadeira de balanço havia um quadro escuro na parede. Mostrava uma caveira e uma ampulheta esvaziada, uma vela consumida, um livro gasto e outros sinais de decomposição. Andréia notou que eu olhava o quadro e disse: — Foi Adrian van Utrecht quem pintou. No século dezessete.

Naturalmente, é uma reprodução.

— Conheço esse tipo de quadro — disse eu. — Chama-se Vanitas. Porque na Bíblia diz: "Vaidade das vaidades, tudo é vaidade".

— No livro está escrito: "Memento Mori", quer dizer, "Lembra-te da Morte!" São chamados também de quadros memento-mori.

Pendurei-o ali de propósito, Gato. Para poder vê-lo quando olho muito tempo para as árvores. — Abraçou-me outra vez e disse: — Porque nós pessoas temos tão pouco tempo, querido. Não é uma coisa horrível?

Passamos pelos outros quartos e ajeitei minhas coisas num armário grande, e disse que tinha entregado algumas caixas de

navio em Buenos Aires, que decerto demorariam um pouco para chegar no porto de Bremen. Era mentira, mas desde aquela noite em Viena, na qual eu estivera tão desesperado porque jurara pela vida de Andréia que meu coração estava bem, sempre que tinha de mentir eu pensava nas mentiras e perjúrios profissionais em que incorrera porque eram necessários, sem qualquer consequência ruim. Assim seria com Andréia, pensei. São mentiras necessárias. E com estas nada acontece. Em Viena eu me embebedara, com medo de que Andréia morresse por causa de meu juramento falso. E tudo isso acabara.

Também o quarto de dormir dela transbordava de livros. Até a parede onde ficava a cama estava cheia de prateleiras, nas quais sobrara lugar apenas para a cama. Era uma cama muito larga, e Andréia disse que no quarto ao lado também havia uma cama...

— ...Talvez você prefira dormir sozinho.

Pensei: dormi sozinho por quase quinze anos, mas agora tudo é diferente.

— Quero dormir ao seu lado — disse eu. — Há lugar suficiente, ou não?

— Vamos tentar — disse ela.

Tirei os sapatos e deitei-me ao lado dela.

— Excelente — disse eu. — E a gente pode dormir de lado, aí nos deitamos como duas colheres numa gaveta.

— Ah! — disse Andréia. — Eu queria tanto que você desejasse dormir comigo, Gatão. Ou ficaríamos separados um terço de nossas vidas.

— Sim — disse eu, pensando que já vivera dois terços da minha vida, e pensei nas maravilhosas árvores e no quadro memento-mori.

— Só quando um de nós estiver doente dormirá sozinho — disse Andréia. — E o outro vai cuidar dele. Incrível como de repente tenho idéias burguesas. Sinistro, não?

— Sim — respondi. — Realmente sinistro.

— Hoje vamos dormir cedo, pois amanhã de manhã vamos encontrar o sr. Langenau, e, de tarde, o sr. Osterkamp.

Tomamos banho juntos em uma grande banheira e lavamos as costas um do outro. Depois naturalmente ficamos muito excitados e nos amamos mais uma vez, mas com muito cuidado. Andréia adormeceu imediatamente. Fiquei acordado. Tive de pensar na minha grande felicidade, e em que consistia aquilo: Felicidade. Era tudo tão calmo com Andréia. Tão quieto, tão silencioso, os nervos se relaxavam assim que se chegava perto dela. Lembrei-me de um desenho de Zille, de que gosto muito. Um menininho com nariz escorrendo e calças curtas, no mato, diz a uma jovem professora: “Ora, fessora, aqui tem um cheiro tão bom... de nada!” A felicidade é algo negativo, pensei. O que eu fizera na minha vida antiga? Como agira mal muitas vezes em meus processos. Que inferno fora minha vida doméstica. Como no fim eu estivera arrasado, a ponto de só dormir, só querer dormir, dormir, dormir. Como estivera isolado do mundo. Acabado. E para quê? Para permanecer nas manchetes de jornais, para que Yvonne e seu gigolô tivessem uma boa vida. Não era bonito olhar para trás, esquecer era muito difícil. Tinha acontecido coisas que eu esperava nunca mais lembrar. E agora, lembrava-me delas. Sentia minha felicidade tão intensamente porque estava grato por tudo o que não existia mais. Vista assim, a felicidade é realmente algo negativo.

E pensei na chance que eu tinha em minha segunda vida, e no que pretendia fazer. Mas também tive de pensar que Andréia era vinte anos mais jovem do que eu. Em dez anos eu teria cinquenta e nove, e ela, apenas trinta e nove. E seria pior quanto mais velhos fôssemos ficando. Não, pensei, não vai ser pior, porque junto dela certamente ficarei muito mais tempo mais jovem do que realmente sou.

Ela respirava fundo a meu lado, e fiquei deitado de costas, pensando em minha juventude, e nos altos ideais que tivera. Bem podia concretizá-los na minha nova vida! Queria ser leal e verdadeiro

com toda a minha força e inteligência, amável e cheio de boa vontade para com todas as pessoas, não cometer injustiças e não prejudicar ninguém, e sim ajudar a todos e ser justo para com todas as pessoas.

Estava claro, e muitos pássaros cantavam atrás da casa no jardim dos fundos quando finalmente adormeci.

Uns quinze minutos depois de conhecer o livreiro Conrad Langenau, perdi um dos molares.

Langenau morava à beira da Kaiser-Friedrich, ao lado do Canal de Isebek. Fomos caminhando pela rua porque Andréia queria me mostrar a casa de Langenau, que nos sugerira apanhá-lo em frente à igreja; ia à missa todas as manhãs de domingo. Andréia me explicou que a casa era um prédio novo de quatro andares, cujas dependências eram praticamente apenas escritórios e consultórios de advogados, médicos e de um coletor de impostos; Langenau era o único inquilino que permanecia no prédio durante a noite, sem se incomodar com o vazio em que ficava após o expediente normal dos escritórios.

— Estou bem, sozinho — dissera uma vez a Andréia. — E de resto há um guarda de segurança cuidando de mim.

Notei que no muro junto à entrada haviam escrito com spray algumas palavras em letras grandes. Aproximando-me li: Langenau — Porca Mãe dos Turcos

— Ah, meu Deus — exclamou Andréia. — De novo!

— O que significa isso?

— Ele defendeu os trabalhadores turcos no país — explicou Andréia, que se detivera para olhar demoradamente as palavras. — É membro da Liga de Defesa Social dos Trabalhadores Turcos, em Hamburgo, e também se preocupa com os outros trabalhadores estrangeiros. Há muita injustiça, e Langenau não tolera injustiça.

Por isso sempre se mete em confusão. Os covardes devem ter feito isso ontem à noite. Meses atrás escreveram aí uma coisa parecida com essa.

— E agora, o que foi que houve?

— Langenau deu parte à polícia, eles registraram a denúncia e o estão ajudando a acabar com essa sujeira. Toda noite uma radiopatrulha passa por aqui algumas vezes, e aí não se vê mais nada.

— E Langenau não tem medo?

— Medo? — perguntou Andréia. — Ele nunca soube o que é isso!

Logo me convenci disso. Quando chegamos à igreja católica a missa estava acabando, e os fiéis saíam para a rua. Um jovem padre dava a mão a todos. Era uma comunidade pequena.

— Lá está ele — disse Andréia. Tínhamos descido do carro, e um homem ainda maior que eu veio ao nosso encontro, atravessando a pista. Ria e acenava. Langenau parecia um boxeador: ombros largos, quadris estreitos, uma boca sensível, olhos azuis amáveis, cabelo e uma grande barba castanhos.

Andréia nos apresentou e ele apertou minha mão com força.

Embora estivesse na Alemanha há muito tempo, ainda falava com o sotaque gutural e rouco de sua pátria tirolesa.

— Depois da missa vou ali à taverna — disse ele. — Tomar uma cerveja com alguns amigos. Venham comigo!

— Com prazer — disse Andréia.

A taverna era grande e cheia de mesas de madeira clara escovada. Atrás do balcão niquelado ficava um taverneiro gordo com o rosto roxo e uma barriga gigantesca. Se não tivesse cirrose adiantada, minha mulher Yvonne era um anjo de bondade, pensei. O local estava repleto.

Langenau foi até uma mesa onde estavam sentados três turcos.

Apresentou-nos, os homens cumprimentaram educadamente.

Falavam alemão muito bem, e tomavam apenas suco de maçã, pois sua religião proibia o álcool. O ar estava azul da fumaça dos cigarros.

Langenau começou imediatamente a falar sobre o jogo de futebol do Hamburger SV contra Eintracht Frankfurt, que se realizara no sábado à tarde, e disse que os de Frankfurt tinham gente muito boa, e os de Hamburgo tinham alguns pernas-de-pau. Os turcos lhes deram razão, mas pareciam inibidos e nervosos. Langenau virou-se e olhou uma grande mesa redonda num canto, para a qual os turcos tinham olhado algumas vezes timidamente. Nessa mesa havia seis homens para os quais um sétimo lia alguma coisa em voz alta. Os seis sacudiam-se em risadas estentóreas, mas era um riso mau, não de alegria.

Muitos fregueses ficaram constrangidos e olhavam a toda hora para a nossa mesa e os turcos. Ouvi a voz do homenzinho que estava lendo. Era magro, tinha um bigode fino e uma voz aguda.

— ...Zuleica, mulherzinha, eu não trabalhar mais na construção. Muitos colegas demitidos. Mestre dizer, não mais dinheiro no caixa. Mas não pensar que é ruim, eu estar contente e animado, porque Alá não me condenar. Ontem eu estar na Delegacia de Trabalho...

O gordo taverneiro apareceu, cumprimentou e perguntou o que queríamos beber. Concordamos em cerveja do barril e Steinheger.

Enquanto isso, o magricela continuava lendo: — ...eu ainda ter um ano de trabalho, por isso não voltar logo para casa. Não poder entrar em mesquita e templo, mostrar papel em Delegacia de Trabalho... fazer botar carimbo. Aqui tudo parecer esquisito: eu só dormir, e dinheiro aumentar. E certamente no inverno Delegacia de Trabalho me pagar dinheiro por crianças...

Gritaria, risadas.

Langenau perguntou ao taverneiro: — Mas quem são essas pessoas?

— Nunca vi — disse o taverneiro, preocupado. — É a primeira vez que vêm aqui.

O baixinho leu na mesa redonda, quando os relinchos pararam: — Eu já estar longe três anos. Talvez você ainda ter filhos aí? O que

eu não saber não me importar. Você precisa só me dizer quantas crianças ser...

— Para mim, como taverneiro, é muito difícil — disse o gordo com ar infeliz. — Também são meus fregueses, bebem e pagam. O que posso fazer?

O do bigodinho continuava:

— ...e mandar depressa papel carimbado pelo Ministério, você ver que lucros subir e impostos baixar.

Novamente, gritaria. A hilaridade cheia de ódio da mesa redonda aumentava cada vez mais. Agora os sete homens olhavam para nós e os três turcos, e a maioria dos fregueses fazia o mesmo.

— Por favor, sr. Langenau — disse o taverneiro —, não crie problemas. Pela nossa amizade, sr. Langenau, eu lhe peço!

O magrinho do bigode continuou lendo: — ...Hoje dentista dizer que até segunda com certeza eu ter nova dentadura. Talvez se Alá quiser até quarta eu ter óculos...

— Seus porcos! — disse Langenau em voz alta.

— Sr. Langenau, por favor — disse um dos turcos. — Vamos embora! Isso não faz sentido. Não devemos nos meter em brigas, o senhor sabe.

— ...tudo isso me divertir muito porque a Previdência Social pagar tudo...

Novo ataque de hilaridade na mesa redonda. Também alguns fregueses riram, outros gritaram: — Parem com isso! — e todos no restaurante olhavam para a nossa mesa.

Langenau ergueu-se, os turcos o seguraram.

— Sr. Langenau! Por favor, não! O senhor sabe como isso acaba. Nós sempre levamos a culpa, por favor!

Langenau sentou-se novamente.

— ...Quando a vovó vier na Páscoa diga que eu cuidar para ela também ter dentes tão bonitos...

As mãos de Langenau fecharam-se em punhos.

— Venha, vamos embora! — disselhe Andréia.

Ele sacudiu a cabeça.

— ...para não ter de esperar com a comida até o vovô ter acabado de comer...

Gritaria cheia de ódio.

— ...porque ser melhor cada um ter sua dentadura...

Agora vários fregueses também riam. Os homens na mesa redonda estavam com rostos rubros, pelo esforço das risadas e a excitação do ódio. Tive de pensar em certas pinturas chinesas sobre panos, mostrando rostos desfeitos para que se veja como o ódio consome as forças.

— ...aqui nós ser uma pequena colônia e muitas vezes jogar cartas até de manhã. Alemanha país mais bonito do mundo... não trabalhar e muito dinheiro. Eu morar em casa muito bonito com água, luz elétrica e vaso que faz plumps...

Langenau levantou-se outra vez.

— Por favor, não! — implorou Andréia.

— Lamento, srta. Rosner — disse ele —, mas assim não pode ser.

— ...quartinho ser meio pequeno — dizia o magricela com voz mais aguda —, mas eu me sentir bem, como em casa. E dono da casa me deixar até ter coelhinhos. Esta manhã um deles estar doente, eu tirar ele do guarda-roupa...

— Há, há, há!!!

— ...cuidar dele o dia todo e de noite ter de carnear. Vender logo para um amigo também operário estrangeiro...

Langenau atravessou a taverna até a mesa redonda. Enquanto isso, o baixinho continuou mais alto ainda: — ...e quando contrato aqui acabar, eu voltar para casa com pensão. Acabou fome e pobreza...

Langenau chegara à mesa, e disse calmamente para o baixinho: — Pare imediatamente com isso!

— Espere aí — disse o outro —, espere aí. O que é que você tem com isso? Quem é você afinal?

— Meu nome é Conrad Langenau. Pare com essa leitura odiosa!

— Isso não lhe interessa merda nenhuma — disse um terceiro.

— Estamos sentados aqui calmamente com nossa cervejinha e nos divertindo. Não estamos incomodando ninguém. Ou sim? — gritou ele, olhando em torno. — Estamos incomodando alguém?

Alguns fregueses gritaram:

— Sim! — Mas a maioria ficou quieta. Aliás, de repente tudo ficou muito quieto na grande taverna.

— Então, está vendo! — disse o segundo. — Agora, deixe-nos em paz. O que é que está pensando? Acaso você é a favor desses turcos de merda e de toda essa laia?

— Sim — disse Langenau.

— Meu Deus — disse Andréia.

— O quê? — perguntou o da mesa redonda, com fingido espanto, pois vira Langenau sentado conosco e com os turcos.

— Eu disse sim — disse Langenau, bem devagar.

— Então você é um cu — disse o homem. Os demais na mesa estavam calados, apenas ouvindo. Langenau rodeou a mesa até ficar diante do homem, que era robusto, e perguntou: — Já ouviu falar alguma vez em Constituição?

— Ora, deixe-nos em paz, seu sabichão de merda!

Langenau disse:

— No artigo três da Constituição lê-se: “Todos os seres humanos são iguais perante a lei”.

— Deixe-nos em paz, que diabo!

— E diz mais ainda: “Homens e mulheres têm os mesmos direitos...”

— Suma daqui, cara! — cacarejou o magricela.

— “Ninguém pode ser relegado ou preterido por causa de seu sexo, raça, idioma, pátria e origem, sua fé e crenças religiosas ou políticas.”

— Pois então, louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo — disse um da mesa.

— Olha aqui, cara — exclamou outro —, você é alemão como nós! Temos quatro milhões e meio desses merdas por aqui! E mais de um quarto de milhão de alemães estão desempregados. Esses porcos têm de sair do país.

— Está correto — disse Langenau. — O governo cometeu um erro antigamente, deixando entrar no país tantos trabalhadores estrangeiros. Mas eram necessários para o milagre econômico. Sem eles não teria havido milagre. O Ministério das Finanças os elogiou como multiplicadores do nosso bem-estar. Vi na televisão o milionésimo trabalhador estrangeiro, era um português. Deram-lhe flores e uma moto; e um diretor-geral lhe deu a mão, palmadinhas no ombro e um gordo charuto. E se agora temos operários estrangeiros em demasia, dirijam-se ao governo, mas deixem os trabalhadores que ele chamou em paz!

— E acaso eles nos deixam em paz? — gritou um dos homens.

— Nossas mulheres não têm mais coragem de sair na rua à noite!

Cara, essa tropa de criminosos vai acabar mais numerosa do que o nosso povo!

— Primeiro lhe aconselho a ser mais cauteloso com suas palavras. Segundo, eles não nos superarão. Mas ninguém tentou tirar os trabalhadores estrangeiros de seus guetos e aceitá-los em nossa sociedade.

— Bom, isso seria o máximo! — gritou um deles. — Toda essa mistura de raças, esses subomens, serem aceitos na nossa sociedade alemã? Maravilhoso, cara, maravilhoso. Então digo logo: boa-noite, Alemanha!

— Pense na situação desses trabalhadores estrangeiros — disse Langenau. — Têm outra língua, outra religião, outra aparência, diferentes das nossas. Muitos de nós não gostamos disso. Portanto, eles são odiados, desprezados, maltratados, explorados. É preciso limpar uma latrina? Chamem os caras! Para eles fica todo o trabalho sujo para o qual nos achamos finos demais, e eles precisam aceitá-lo, ainda por cima ficar contentes por conseguirem trabalho. Há um enorme desemprego entre eles. As autoridades nem sabem o que fazer, pois já têm bastantes problemas com os desempregados alemães. Mas os estrangeiros também são gente! Também têm filhos!

Também têm dívidas! Também têm preocupações! As mesmas que a nossa gente! Mas ninguém se interessa por isso. Nenhum de vocês percebe que aqui há em funcionamento uma bomba-relógio social?

— Seu comunista de merda — disse o maior e mais forte do grupo. — Vá para a Alemanha Oriental, se não gosta daqui.

— Não sou comunista — disse Langenau. — Vou lhes dizer mais uma vez: parem com essa instigação. Deixem os turcos em paz. Os três estão no restaurante e são meus convidados. Não permito que ofendam meus convidados.

— Estou cagando para isso — disse o homem. — Suma daqui, e nos deixe em paz!

— Alemanha ser país mais bonito do mundo, onde gente ganhar dinheiro pela preguiça! — cacarejou, rindo, o magricela sentado ao

lado do grandão.

Langenau arrancou o papel da mão dele e contemplou-o.

— Isso estava por toda parte em nossa fábrica na sexta-feira! — exclamou o pequeno.

Langenau virou o panfleto e leu alto: — Contra a exploração e luta de classes, a favor das comunidades dos povos! Movimento Socialista Popular da Alemanha.

Bem, então os nazistas voltaram! — Langenau ergueu a folha. Nela via-se dois homens elegantes, com a mesma aparência dos vigorosos SA de Hitler, figuras robustas e heróicas, e entre elas uma águia, incrivelmente semelhante à águia nazista, uma cruz nas garras.

Quem não olhasse direito pensaria tratar-se de uma cruz suástica.

— Ora, seja bonzinho — disse o grande e forte. — Vou lhe contar uma piada: qual a diferença entre judeus e turcos? É que os judeus já passaram pela coisa!

Risadas estrondosas. Langenau estava imóvel.

— Você não acha graça não? — perguntou o baixinho.

— Não — disse Langenau. — Nem um pouco.

— Bom, então, tem de ser mesmo — disse o grandalhão forte; levantou-se e deu um soco na cara de Langenau. Depois disso, a coisa explodiu violentamente. Langenau pareceu não ter sentido nada, e devolveu o soco. O magricela lhe deu um pontapé na barriga, dois homens saltaram sobre Langenau por trás. Ele os jogou de lado com violentos golpes. Depois a mesa caiu, copos se quebraram, cerveja e cachaça escorreram no chão. Todos os sete agora saltaram sobre Langenau, atrapalhando uns aos outros, mas aplicavam-lhe golpes terríveis.

Mulheres guinchavam, homens urravam, e o gordo taverneiro correu para o telefone. Chamava a polícia, que mais poderia ser?

Langenau era muito forte mas não tinha chance contra aquele número tão superior. Agora estavam pateando em cima dele.

Saí correndo para ajudá-lo.

— Gato! — gritou Andréia, desesperada. E ainda gritava quando alcancei os sujeitos. Arranquei alguns de cima de Langenau, segurando-os pelos ombros, e dei-lhes uns socos na cara. Recuaram.

Langenau levantou-se e começou a socá-los como uma máquina.

Recebi um pontapé nas costas e voei contra a parede. Um dos homens saltou sobre mim e me deu um soco no baixo-ventre. Doeu horrivelmente e ele só parou quando consegui dar-lhe um pontapé nos ovos. Ele se sentou, sangrando convulsivamente suas partes. E pensei em como decidira ser amável com todas as pessoas.

Imediatamente apareceram outros dois batendo em mim, com um prazer assassino nos olhos. Langenau conseguiu também ficar de costas contra a parede. Tinha uma força de gigante. Levantou o magricela baixinho no ar e jogou-o por metade da sala. Tentei me aproximar de Langenau, mas uma perna de cadeira me acertou na cabeça e caí, recebendo uma porção de pontapés. Depois levantei-me novamente e peguei aquele que me socara no baixo-ventre. Agora pude me vingar amplamente. De repente seu punho acertou meu queixo, e senti algo estalar. Eu sabia que era um dente, e cuspi-o, com uma porção de sangue, na cara do meu adversário. As dores eram bastante fortes, mas agora eu estava tão furioso quanto Langenau, e bati como ele. Estávamos costas a costas. Sete homens são muitos contra dois, mesmo dois que lutem tanto, e fiquei com medo de que tudo tivesse um mau fim para nós, mas então ouvi uma sirene ao longe. Diante disso o segundo homem jogou notas de dinheiro no balcão do taverneiro, e os sete trataram de sumir da taverna o mais depressa possível. Também vi os três turcos fugindo: eles não podiam estar ali quando a polícia chegasse, e ela entraria a qualquer momento. Langenau parou recostado na parede, arquejando, e eu me jogara numa poltrona. Os policiais já conheciam o livreiro.

— Ah! O nosso sr. Langenau — disse o primeiro policial. — Sempre incansável a serviço dos trabalhadores estrangeiros, mesmo no domingo?

Langenau abaixou-se e pegou o panfleto sujo com os camaradas em posição de sentido, a águia e o poeminha instigador.

— Quem sabe dão isso ao promotor — disse ele. — Ele que se interesse um pouco pelo Movimento Socialista Popular antes que se torne poderoso demais.

— Sr. Langenau, sr. Langenau, escute: não passa de um grupo muito pequeno de malucos, não é movimento algum! Não há nenhuma ameaça!

— Os nazistas também começaram como um grupo bem pequeno — disse Langenau. — Vocês me conhecem e sabem que sou um papista porco, por isso posso dizer: vocês cuidam dos radicais da esquerda, mas são cegos no olho direito.

— Não é verdade.

— E que tal a bomba no Oktoberfest, e o grupo Hoffmann?

O taverneiro gordo de rosto ciclâmen chegou dizendo que os sete homens daquela mesa tinham estado ali pela primeira vez, e que o sr. Langenau era um freguês habitual, bom e muito estimado, que não se deixava provocar facilmente. Algumas pessoas disseram: "Isso mesmo!", e outras gritaram: "A conta!"

O taverneiro disse que não se considerava prejudicado, mas os policiais quiseram um protocolo para o Distrito, e como soubessem nome e endereço de Langenau, pediram só a minha identificação.

Mostrei meu passaporte falsificado, e um segundo policial perguntou:

— Onde mora, Sr. Kent?

Dei o endereço de Andréia e senti uma ferroadada no peito.

Encostei-me na parede esperando que não viesse nenhum ataque.

Fora uma briga louca, e eu me esgotara.

— Faz tempo?

— Desde ontem.

— Já se apresentou?

— Não, ainda não.

Outra ferroada. O ataque estava vindo.

— O passaporte é do Consulado-Geral da Alemanha em Buenos Aires — disse o segundo policial, espantado... — É de lá que o senhor vem?

— Sim.

— Desde quando está em Hamburgo?

— Anteontem.

— Se continuar assim, vai ser uma beleza. Por que voltou?

— Porque eu tinha muita saudade da Alemanha — disse eu, e causei um enorme acesso de hilaridade. Todos riram, os policiais, o gordo taverneiro, os fregueses, Andréia, sim, até eu tive de rir, apesar da boca dolorida, e sujei minha camisa, porque enquanto eu ria o sangue pingou. Justifiquei-me:

— Tive de ajudar o sr. Langenau, eram sete contra um.

— Naturalmente os heróis se mandaram — disse Langenau, entregando-me seu lenço para eu limpar o sangue da boca, e quando ele tirou o lenço do bolso algo caiu no chão.

— O que é isso? — perguntou um policial.

— Um rosário — disse Langenau, e apanhou-o do chão.

— Sr. Langenau, o senhor é tão bom católico! Mas mal acabou de cantar, rezar e escutar o padre, vem para cá e começam as brigas.

— Eu não comecei. Todo mundo viu isso — disse Langenau. — Eu não comecei.

— Conhecemos essa sua cabeça dura de tirolês. Feita de concreto. Mas agora naturalmente haverá outra queixa contra o senhor. E o senhor também — disse o segundo policial, olhando para mim.

— E escreveram de novo com spray na minha parede — disse Langenau. — Ainda não tive tempo de apresentar queixa. Tive de ir à igreja. — Tinha uma voz gutural, singular, muito áspera, em contraste com o dialeto dos policiais. — Portanto, apresento queixa agora, e peço que alguém venha me ajudar a limpar a sujeira. Isso dá uma impressão muito ruim diante de estranhos, entendem.

— Sr. Langenau, nós entendemos. Mas o senhor também tem de entender os muitos alemães que são contra os trabalhadores estrangeiros. Dizem que em Berlim muitas escolas já têm setenta por cento de estrangeiros, sr. Langenau.

— Estive em Berlim. Pessoas no distrito de Kreuzberg a chamam de Pequena Istambul. Muito engraçado. Como os alemães se afastam em toda parte onde moram estrangeiros, criam-se os guetos.

Portanto, isolamento social, o que impossibilita a convivência normal. Os alemães não precisam amar os estrangeiros, mas também não chegar ao ponto de odiá-los. Por que nunca podemos ter um meio-termo sensato neste país?

— Sr. Langenau, o senhor tem uma paixão: caga no próprio ninho sempre que possível, e nem faz tanto tempo que é cidadão alemão.

— E daí? Acho que ainda é melhor cagar no próprio ninho do que no alheio! — disse Langenau. — Eu lhes digo, nesses apertados bairros de estrangeiros, há cada vez mais e mais material combustível.

— Claro — disse o primeiro policial. — Por isso também o problema está mais perto do gueto do que do bairro das mansões.

Sabe como é incrivelmente alta a criminalidade entre os estrangeiros? E aumenta cada vez mais.

— Do jeito que as coisas estão — disse Langenau — seria incompreensível que a criminalidade entre os estrangeiros não aumentasse. Jovens estrangeiros que muitas vezes vivem na Alemanha há bastante tempo não acreditam mais na justiça desta sociedade. Para eles, a criminalidade é uma boa forma de adaptação.

— Sr. Langenau, seu senso de justiça é louvável — disse o segundo policial —, mas não deve se portar como fez há pouco. É impossível. E isso vale para o senhor também — disse para mim.

Mal pude mexer a boca ao dizer ao taverneiro: — Um conhaque duplo, por favor. Agora ainda por cima tenho de ir ao dentista. Um deles arrancou meu molar a socos.

— Se a raiz estiver boa — disse o primeiro policial —, vão lhe colocar um pivô.

45

Andréia primeiro levou o sr. Langenau para casa, pois ele tinha ido a pé à igreja e estava todo sujo da briga. Nós dois tínhamos levado muitos golpes, e nossos rostos estavam inchando. Andréia disse que as contusões e os galos logo se transformariam em um verdadeiro arco-íris.

O Opel Rekord do sr. Langenau estava perto da entrada da casa, e quando ele quis desembarcar, apontou-nos o homem da segurança de quem falara a Andréia, e que estava mesmo saindo do edifício.

Combinamos um encontro para quinze e cinqüenta e cinco diante da Livraria Osterkamp, na Tornquiststrasse, pois às quatro o velho estaria à nossa espera. Combinara ao telefone com Langenau que devíamos visitar a livraria imediatamente.

Minhas roupas do corpo, todas de Viena, estavam totalmente sujas, e quando me sentei na banheira Andréia me ajudou a me ensaboar. Mais tarde, enquanto colava um esparadrapo numa ferida sobre meu olho direito, ela disse: — Estou muito orgulhosa de você, Gatão, porque lutou tão corajosamente com o sr. Langenau contra aqueles sujeitos baixos, e contra a injustiça. Faça isso no futuro também, mas se possível, por favor, não com muita freqüência.

Estava tão quente como nos dias anteriores. Quando chegamos com o velho Volkswagen na Tornquiststrasse deserta, vimos dois homens solitários parados diante da livraria: eram o robusto Langenau e um senhor baixinho e magro, o sr. Osterkamp, cujos olhos deviam ser muito ruins, porque usava óculos especiais. Com eles e seu rosto enrugado, parecia Jean-Paul Sartre.

Estávamos em mangas de camisa, pois de outro modo não se agüentaria o calor; Andréia usava um vestido bem leve e fino.

Langenau nos apresentou. Tinha um esparadrapo sobre o olho esquerdo. Estávamos com uma aparência horrível. Langenau já

explicara ao sr. Osterkamp o que acontecera. O velho encarou Andréia em seu vestido branco como se ela fosse uma aparição celestial, e imediatamente demonstrou encantamento por ela.

Enquanto ele abria a porta da loja, Andréia sussurrou para mim e Langenau:

— Deixem-me agir. Vou me entender maravilhosamente com ele.

Ficou louco por mim.

Eu disse baixinho:

— Você é vulgar.

— E pervertida e desavergonhada — disse ela num sussurro, e sorriu para o velho Osterkamp quando este se virou para nos olhar.

O sorriso dela teve grande efeito. Osterkamp, que acabava de abrir a porta e andava à nossa frente para nos deixar entrar, tropeçou, em seu encantamento, e quase caiu de nariz.

— Estão vendo — sussurrou Andréia. Era realmente vergonhoso o jeito dela sorrir a toda hora para o velhote. Mas afinal tratava-se do negócio. Olhamos as prateleiras com livros, e Andréia disse que tudo era antigo e que os livros novos, que eram essenciais, não estavam ali. Osterkamp fazia que sim, como se dissesse sim e amém a tudo, e olhava apenas para ela. Uma escada em caracol, enferrujada, levava da loja a um grande porão, onde havia pilhas de livros. Junto do porão havia um quatinho anexo. Andréia estava encantada.

Naturalmente continuou criticando tudo diante de Osterkamp, mas disse baixinho para mim:

— Se tirarmos essa parede, teremos um lugar ainda muito maior do que o nosso subsolo da Biblioteca Pública, rapaz!

Em cima havia um banheiro e uma espécie de escritório onde era possível descansar e falar com visitantes. Vi algumas cadeiras, um sofá velho, uma poltrona de veludo e uma mesa com um

fogãozinho, panelas e xícaras. Na parede, um pequeno armário aberto, com latas de chá e café. Logo me apaixonei pelo quarto.

Imaginei tudo limpo e novo, depois de fechar a livraria, ou quando não houvesse nada a fazer, eu poderia tomar um uísque ali com Andréia e o sr. Langenau (naturalmente de preferência só com Andréia). Esta adivinhou imediatamente o meu pensamento, e disse: — Caso acertemos o negócio, este canto se chamará Cat's Corner. — E depois explicou a Langenau e Osterkamp por que tinha de haver ali um Canto do Gato.

O velho mostrou também a entrada dos fundos, que dava para o pátio. No escritório havia uma geladeira com uma porção de garrafas de Coca-Cola. O líquido castanho estava tão frio que os dentes da gente doíam ao beber, e naturalmente depois sentíamos mais calor ainda. Entretanto, vendo que Osterkamp tinha pressa em fechar o negócio, limpamos a mesa e pegamos cadeiras. Andréia colocou seus óculos imensos, que me deixavam tão louco, e o velho tirou pilhas de papéis de um armário, e então começamos.

Como advogado eu estava habituado a muita coisa relacionada a esse tipo de negócio, mas nunca vira um exame como o que Andréia fez. Era como no interrogatório feito por um promotor. Ela perguntou simplesmente tudo, não afrouxou, calculava e avaliava tudo o que podia ser avaliado: balanço de fim de ano, dos três últimos anos, movimento de capital dos últimos cinco anos, fornecedores, grandes clientes, estoque de livros escolares e seu desconto, novas instalações da cidade, centros comerciais, lojas, magazines, ligações com o centro ("por causa do fluxo de compradores", disse ela), instalações da loja, livros, assinaturas de revistas e estrutura da clientela.

Bem, falaram na verdade quatro horas e meia, tudo tinha de ser dito, e depois disso chegaram a um preço, mas não definitivo, claro.

Quando o velho Osterkamp disse que queria duzentos e cinqüenta mil pela loja, as instalações, os livros e o bom velho nome Osterkamp, Andréia endireitou-se, levantou os óculos e disse: —

Olhe aqui, sr. Osterkamp! Nós achamos o senhor muito simpático, mas quando se trata de negócios a gente tem de ser sincero, não é? Portanto, falando franco: o que o senhor está pretendendo, os seus duzentos e cinqüenta mil marcos, não vai ganhar nunca! Por favor, deixe-me concluir, depois o senhor fala. É claro que, se comprarmos sua loja, nós a teremos de reformar totalmente, pois nos últimos dez anos, o senhor mesmo disse, não pôde investir um triste marco nela. Tudo está velho, a instalação, a contabilidade, o estoque. Temos de renovar tudo, se quisermos aumentar o movimento e a receita a um nível decente. — Respirou fundo, recolocou os imensos óculos no nariz, e de repente fiquei muito excitado, pois a via nua diante de mim com aqueles óculos, e ouvia-a dizer:

— Naturalmente também penso numa razoável amortização do capital investido... — Essas palavras me derrubaram. Quem falava ali era uma experiente e fria mulher de negócios... e essa mulher estivera macia e terna nos meus braços, ainda esta noite, sem falar em ontem! Senti um respeito enorme por Andréia e, graças a Deus, o velho Osterkamp também sentiu. Langenau provavelmente já conhecia esse lado dela e apenas estremeceu de leve quando ela encerrou: — ...e por todos esses motivos, não temos mais a lhe oferecer do que cem mil marcos, o que já é uma boa oferta.

Diante disso Osterkamp começou um lamento incrível, dizendo que então era bom encerrarem a conversa ali, e Andréia realmente se levantou. Mas ele ficou sentado e disse: — Ora, ora, senhorita, podemos falar.

Portanto continuaram falando mais duas horas, e então adiaram para a tarde de segunda, às quatro horas, na livraria.

Na volta para casa, Andréia disse: — Aposto que conseguiremos cento e cinqüenta mil!

— Não aposto com você, Esquilinha, jamais!

— Vamos ter de negociar mais duas ou três vezes, depois eu o amacio, Gatão. Vamos apostar o quê?

— Não sei.

— Eu sei. Quem perder terá de fazer o outro feliz, duas vezes seguidas?

— Vá mais depressa, Condessa — disse eu. — Já perdi.

LIVRO II

1

— Este homem é um monstro, um demônio, um diabo! O senhor só o conhece como encantador, um brilhante interlocutor, mas eu lhe digo que é um Satanás, capaz de tudo, um sádico que não recua diante de nada. — Yvonne lutou para poder respirar. Puxava com dedos trêmulos a saia do costume. Estava inteiramente vestida em verde-escuro, a opulenta jóia de esmeralda combinando. Seu rosto estava branco, sombras escuras sob os olhos — dessa vez não era pintura, mas sinais de insônia, nervosismo e medo. Sim, ela tinha medo, minha bela mulher burra e perversa. Yvonne tinha muito medo! E a conhecia realmente bem, e já explicara tudo isso a meu amigo Balmoral em Viena.

— Morra! Morra! Morra! — gritara ela com ódio na minha cara, antes de minha partida para Viena. Depois o avião explodira, e ninguém conseguira identificar meu cadáver. E o medo dominara o pequeno cérebro de Yvonne, com a consciência suja, aquele medo. E ela começara a acreditar que eu ainda estava vivo e queria me vingar de toda a sua infâmia, toda a sua maldade. Sua imensa burrice apoiava aquela idéia, e a cada dia o medo aumentava.

Paul Perrier, sentado ao lado de Yvonne, estava embaraçado, quase um estado permanente seu desde o meu desaparecimento. E tinha motivos para isso. Ela deixava qualquer um embaraçado.

Soaram onze horas na Igreja Notre Dame, que ficava ali perto.

Automaticamente o Secretário de Estado no Ministério da Justiça, Philippe Nardonne, sentado diante de Yvonne atrás de uma enorme escrivaninha, olhou o relógio de pulso. Nardonne era um homem bem-vestido, de cinqüenta anos. Tinha um rosto inteligente, de diplomata, agora com uma expressão de irritada perplexidade.

Sentia-se derrotado. Fora convidado em nosso palácio por três vezes, uma relação puramente profissional o ligava a mim. Simpatizávamos um com o outro, e era só. Quando Yvonne lhe telefonara há alguns dias dizendo-lhe que precisava de sua ajuda com urgência num assunto muito premente, falara-lhe como a um velho amigo.

Certamente a cortesia impedira Nardonne de recusar, e talvez tivesse marcado o encontro com uma sensação desagradável. A sensação desagradável fora totalmente fundada, ele podia ver isso agora. Em que assuntos estava se envolvendo? Yvonne e seu acompanhante tinham-se atrasado mais de meia hora. O motivo era uma cena que Yvonne fizera com o empregado, o bondoso, trabalhador e hábil Emile Racht.

Ele morava na mansarda há dezoito anos, por cima da garagem, nos fundos do grande jardim. Através de um amigo — naquele tempo eu ainda tinha alguns — Emile me fora recomendado, e logo tínhamos gostado um do outro. Por esse motivo minha mulher Yvonne o detestara desde o começo, e desde o começo urdia intrigas contra o bondoso Emile, que era tão grandalhão e tinha mãos tão hábeis. Por isso ele gostava muito de mim, e a notícia de minha morte deve tê-lo golpeado duramente. Eu pensava nele muitas vezes.

Naquela manhã ele tinha lavado o Rolls-Royce e secara-o com couro macio, quando Yvonne e Perrier apareceram. Primeiro, ela ralhou com o pobre Emile por causa do carro.

— É isso que chama limpo? Está cego ou totalmente idiota? Não está vendo as manchas no pára-choque?

— Madame, é só uma mancha, que existe desde que temos este carro. Não se consegue tirar, a senhora sabe disso.

— Mas o interior do carro! O interior está um chiqueiro! Ah, que nojo, essa porcaria!

— Madame, limpei o chão e o resto com aspirador de pó. O interior está limpo. Por favor, não diga coisas que não são

verdadeiras.

— Olhe, Emile, se você ficar malcriado vai para a rua na hora! E já devia ter ido há dezoito anos, logo depois de ter sido admitido.

— Sim — Emile sorriu. — Sei que a senhora teria gostado de me despedir. O pobre monsieur também sabia. Por isso fez um contrato comigo, firmando que só posso me despedir quando estiver muito doente ou velho para fazer meu serviço. A senhora sabe bem disso.

— E sei que lhe dei ordens de acabar com aquela sua nojenta horta, e semear grama imediatamente. Quantas vezes já lhe disse isto, Emile? Por que não faz isto? Meu marido não está mais aqui.

Agora eu sou sua patroa. Tudo aqui agora me pertence, o jardim também. Estou lhe dando uma ordem, ouviu, Emile, ordem que até esta noite tenha acabado com a sua horta.

— Madame, o patrão me deu de presente aquele pedacinho de terra.

— Mas não tem contrato sobre isso, tem?

— Nunca pensei que precisaria de um. O patrão, na sua bondade...

— Ora, pare de falar no seu bom patrão! Já basta que eu não possa despachar você e tenha de ver sua cara todos os dias... mas com esse pedaço de terra você não vai conseguir nada, diante de nenhum tribunal. E vou acusar você de desobediência, de roubo, se não tirar aquela nojeira lá de trás, e não semear grama. É a última vez que lhe digo isso! Se até a noite não tiver feito o que mandei, vou entregar o assunto ao meu advogado. E veremos se tenho mesmo de suportar você sob qualquer condição. Vamos, Paul!

Ela entrou no carro. Perrier sentou-se atrás do volante. Emile ergueu as mãos.

— Desculpe, madame, se falei meio alto, sinto muito. Mas faço o meu trabalho muito direito. Não pode se queixar de mim. Imploro-lhe, madame, deixe-me meu pedacinho de terra! Por favor, madame!

— Saia do meu caminho! Saia daí, ouviu?

— Deixe meu pedacinho de terra, madame... — Emile tinha lágrimas nos olhos agora.

— Esta noite terá sumido tudo! — gritou minha mulher. Sua voz era aguda e ordinária. — Vamos, Paul! Esse velho burro fede que dá nojo. Estou com náuseas!

Paul arrancou com o carro.

Emile seguiu-os com os olhos por longo tempo.

Já não estava mais chorando.

Agora seus olhos estavam duros e frios, e seus lábios se moviam em silêncio.

Por isso Yvonne e Perrier tinham chegado com meia hora de atraso ao encontro com Nardonne. Yvonne nem pensou em se desculpar. Nem sinal! Com a maior naturalidade sentara-se, apresentara Paul como seu melhor amigo, que a apoiava naquele período difícil. Assim fizera até ali em toda parte. Não dizia que o melhor amigo usava meus pijamas, dormia na minha cama.

Nardonne beijara a mão dela. E ela tinha mais um de seus grandes papéis a desempenhar. Infelizmente não havia câmara a postos. Ou, por sorte. Yvonne realmente parecia muito abalada.

Mal se sentara, e já começou, as mãos esvoaçantes sublinhando nervosamente o que dizia.

— Caro sr. Nardonne, venho procurá-lo porque nos conhecemos tão bem e há tanto tempo. — Era um exagero, e Nardonne fitou Yvonne com rosto imperturbável. Paul Perrier escorregava para lá e para cá na poltrona, e Nardonne viu que gigolôs também têm vida dura.

— Em que posso servi-la, madame? — pigarreou.

— Pode me ajudar a encontrar meu marido. — A língua de Yvonne deslizou sobre os dentes. Desta vez toda a sua postura afetada parecia forçada.

— Seu marido... desculpe, madame, seu marido morreu naquele terrível acidente aéreo...

— Ele não morreu!

— Como?

— Não morreu! — A voz de Yvonne ficou aguda. — Eu já senti isso em Viena, e agora, depois de todas essas semanas, tenho certeza: meu marido está vivo!

— Madame, por favor...

— Não, monsieur Nardonne, escute. Acredite em mim, sei o que estou dizendo. Não sou uma histérica, não sou uma boba que faz teatro e quer aparecer. Estou lhe dizendo com toda a certeza e grande aflição: meu marido está vivo.

Nardonne olhou Perrier, desamparado. Este deu de ombros, como a dizer que não podia ajudar.

— Mas, madame, como pode estar vivo, se morreu no ataque terrorista?

— Ele não morreu.

— Madame, por favor.

— Estou dizendo: ele não morreu. — Yvonne escandia as sílabas.

Via-se a repulsa do Secretário de Estado quando ele disse: — Mas ele foi... hum... oficialmente declarado morto, madame.

— O que significa isso? Não significa porcarias nenhuma. Paul, me dê fogo de uma vez! Talvez consiga ao menos uma vez ser educado.

Perrier apressou-se em acender um isqueiro de ouro e segurar debaixo do cigarro que Yvonne tinha entre os lábios. Ela fumava demais. Antes de dar um telefonema, antes de se maquilar, sempre tinha de acender um cigarro. Agora isso piorara ainda mais. Ela não conseguia mais conversar, ler, ouvir, sem estar fumando. E fumava na cama, e com isso não deixava Perrier dormir, pois ele só tinha coragem de pegar no sono depois que ela dormia firmemente e ele

se certificar de que nenhum toco de cigarro aceso escorregaria dos lábios dela para os cobertores.

Nardonne ficou impaciente.

— Madame, permita uma pergunta.

— Pois não. — Ela soprou anéis de fumaça no ar.

— Seu marido tinha um seguro de vida em seu favor?

— Sim. — Ela bateu a cinza no valioso tapete. Perrier empurrou-lhe um cinzeiro, mas ela fingiu não notar.

— E o seguro pagou a quantia pela morte dele?

— Sim.

— Bem, madame, então a senhora tem a prova mais certa de que seu marido está morto, e não vive mais, como afirma por motivos que não entendo.

— Como assim?

— Não entendo por que veio me procurar.

— Vou lhe dizer logo. Como, tenho a prova decisiva?

— Porque o seguro pagou. — Podia-se ver que Nardonne estava muito arrependido de ter aceitado os convites para nosso palácio. — O seguro só paga porque seu marido está morto.

— Está vivo! Vivo!

— Então a senhora merece castigo por ter aceito a quantia.

— Mas como?

— Pois se está certa de que ele vive...

— Ah, não! Ele é esperto! Ele devolveu a soma! Foi por isso que pagaram. Estão todos mancomunados. E por isso naturalmente aceitei o dinheiro.

Nardonne olhou de novo para Perrier, desta vez com ar horrorizado. Perrier sofria. Deu de ombros, cansado, como se

quisesse dizer: por que olha para mim, monsieur? Está ouvindo essa ladainha pela primeira vez, eu a ouço há semanas, sem parar. E poderia acrescentar: O que é pior para mim, monsieur Nardonne, é que madame diz a verdade, o marido dela vive realmente, eu sei, vi o homem em Viena.

Paul Perrier estava em péssima situação. Embora usasse as minhas abotoaduras de brilhantes na sua camisa de smoking... mesmo que dirigisse meu carro e gastasse generosamente o meu dinheiro.

— Mas pelo amor de Deus, cara sra. Duhamel, isso realmente está indo longe demais! Seu marido devolvendo toda a quantia do seguro?

— Isso mesmo — disse Yvonne, e fez esvoaçarem as mãos brancas com as unhas longuíssimas, pintadas de vermelho, e pronunciou em tom queixoso as seguintes palavras: — Aquele homem é um monstro, um demônio, um diabo! O senhor só o conhece como pessoa encantadora, um brilhante interlocutor, mas lhe digo, ele é um Satanás disposto a qualquer coisa, um sádico que não recua diante de nada!

— Madame, mas por favor! Onde está ele agora?

— Num esconderijo.

— Mas que esconderijo?

— Não sei. Ele é tão astuto, sempre foi astuto. Inteligente não, isso não. Nem esperto. Eu é que sou inteligente e esperta. Tenho uma sensação, um instinto, do que é certo. Mas não sou astuta; Charles sempre foi. Sabia assustar pessoas, atormentar pessoas indefesas, monsieur. Veja o meu estado! Sou realmente uma pobre mulher indefesa, agora sistematicamente levada à loucura por aquele demônio. É isso que ele quer, que eu enlouqueça de medo, e quase consegui isso. Estou tremendo ao menor ruído, ao som de qualquer passo estranho, não consigo mais dormir de medo.

— Medo de quê?

— Bem, de ser assassinada, é claro — disse minha mulher Yvonne.

2

Você deve ter-se perguntado, meu bem, como sei de tudo isso, como posso lhe descrever cenas que não testemunhei. Bem, descreverei mais dessas cenas. A explicação, sabe, é simples: muito, muito mais tarde encontrei-me outra vez com Paul Perrier, e soube de tudo por ele. E o que não soube por ele me foi contado mais tarde por outro homem, a quem conheci quando reencontrei Paul Perrier.

Ele sabia de outras coisas sobre as quais também falarei a você.

Agora entende por que posso lhe descrever o comportamento de minha mulher, sem jamais a ter reencontrado até hoje.

E assim prossigo o meu relato.

3

— Seu marido quer matá-la? — O Secretário Nardonne teve de pigarrear energicamente. A toda hora encarava Paul Perrier, cujos olhos assumiam a expressão de um bezerro doente.

— Foi o que eu disse o tempo todo! Esse é o motivo desse diabólico jogo de esconde-esconde! Ele espreita, no escuro, e me faz tremer, sabe Deus por quanto tempo ainda. E depois vai aparecer de repente, sinistro, de um momento para o outro, e me matar. — Atirou novamente a cinza do cigarro sobre o tapete. E pôs a mão no seio esquerdo. — Meu pobre coração, estive no médico e ele diz que não estou doente, mas naturalmente meu marido também está mancomunado com ele. Todos, todos estão. Não, Paul, você não. Só você não.

— E por que monsieur Perrier não está mancomunado com ele?

— perguntou Nardonne ironicamente.

— Porque meu marido quer matar monsieur Perrier também — disse ela com dignidade. — A nós dois. Este é o seu plano. Entendi isso claramente.

— Mas por que quereria matar os dois?

— Vingança — disse Yvonne.

— Como disse?

— Ele quer nos matar por vingança, monsieur Nardonne, sabe, Paul... Monsieur Perrier e eu nos amamos. O senhor é o primeiro a saber disso, até agora ninguém percebeu nada. Depois que meu marido desapareceu, Paul foi de uma dedicação comovente para comigo. Pela primeira vez vi que homem ele realmente é. E me confessou que sempre me amara...

As mãos esvoaçaram, o cigarro caiu no tapete, Perrier o ergueu e o esmagou no cinzeiro. Yvonne já pusera outro na boca, e ele

apressou-se em lhe dar fogo. Pobre sujeito, esse Paul Perrier, mas com todo o dinheiro que Yvonne tinha agora!

— Porque no meu abandono encontrei um homem a quem posso amar na sua pureza, e que retribui o meu amor de maneira tão inigualável, essa besta humana quer nos aterrorizar, atormentar até sangrarmos... e no fim, vai nos matar. Ele sempre foi assim, monsieur Nardonne. Estou certa, quando criança ele arrancava as asas das pobres moscas! (Não! lia-se no rosto de Nardonne, se eu não fosse tão bem-educado, botaria essa criatura no olho da rua, e ela só ia parar de voar na Notre Dame de Paris.) — E é por isso que estou aqui, monsieur.

Nardonne engoliu em seco.

— Aqui? Por que, madame? Não entendo. O que posso eu fazer pela senhora?

— Pode encontrar esse patife antes que aconteça uma desgraça.

— Eu?

— O senhor pessoalmente não, claro. Mas a polícia, os melhores agentes criminais, a uma ordem sua. Se o senhor iniciar uma busca ao meu marido, se ele for procurado e caçado...

— Madame!

— ...então talvez ainda se possa evitar o pior...

— Madame, eu lhe peço!

— ...e serei eternamente grata ao senhor, eu, uma pobre mulher fraca, desamparada diante desse demônio e suas maquinações diabólicas. — Yvonne apontou o dedo para Nardonne. — O senhor tem esse homem fabuloso que sempre é empregado quando se trata de casos bem difíceis e perigosos, o comissário Rolland, todo mundo ouviu falar dele.

— Está pensando sério que o comissário Rolland deveria se ocupar do seu caso?

— Naturalmente! O comissário Rolland! O melhor para este assunto! — exclamou Yvonne.

Nardonne estava farto.

— Madame — disse em voz muito alta —, o comissário Rolland não pode ser posto à sua disposição. Lamento muito. Também não posso ajudá-la de modo algum. Não sou o homem certo. Não está no meu terreno, realmente não.

— Claro que está no seu terreno! Ouça, monsieur Nardonne, acaso também está mancomunado com aquele demônio?

— Madame, por favor.

— Yvonne, realmente... — intrometeu-se Perrier. — Isso é impossível.

— E você, cale a boca! Peço desculpas, monsieur Nardonne, está vendo a que ponto ele me levou. Não sei mais o que digo. Se pudesse adivinhar o medo que sinto, se tivesse que sofrer as minhas noites, uma só delas... Bem, não pode me ajudar, mas um conselho, isso pode me dar, monsieur Nardonne! Suplico-lhe... no meu medo mortal, estou lhe implorando...

Com a voz de um velho médico de família, Nardonne disse: — Dirija-se à opinião pública, madame, jornais, televisão, os meios de comunicação de massa...

— Ah, boa idéia! Os meios de comunicação de massa! Paul vai me ajudar. É muito mais hábil do que eu nessas coisas. E afinal, também se trata da vida dele...

Perrier, que tinha vontade de assassinar Nardonne pelo conselho, sabia o que o esperava. Agora teria de convocar o pessoal da televisão, dos jornais, das rádios. Yvonne não daria descanso.

Nunca dava descanso.

Perrier sentiu-se extraordinariamente mal.

Naquela noite Emile Rachet aplainara o seu pedacinho de terra nos fundos do parque, e semeara grama.

4

— “Nos velhos tempos em que ainda adiantava ter desejos, vivia um rei cujas filhas eram todas belas, mas a mais nova era tão bela que mesmo o sol, que já vira muita coisa, se admirava sempre que brilhava em seu semblante!” — lia a menina sentada numa cadeira enfeitada com papel dourado. Seus braços eram envoltos por punhos de couro com agarradores de aço. Com eles podia-se fazer muitas coisas que se fazem quando se têm mãos. Marili não tinha mãos.

Mas podia segurar o livro de contos de fadas com aqueles agarradores, e também virar as páginas. Tinha longos cabelos louros e olhos azuis, e parecia uma boneca Kathe-Kruse. Diante dela havia um microfone, e sua voz chegava também ao andar de cima. Trinta e uma crianças e alguns adultos escutavam suas palavras. Era 8 de agosto de 1981, uma hora da tarde, e com a lenda “O Rei Sapo ou Henrique de Ferro”, Marili inaugurava a LIVRARIA OSTERKAMP, PROPRIETÁRIA ANDRÉIA ROSNER, totalmente remodelada: era sábado, e na segunda seguinte começariam as aulas em Hamburgo.

Eu pedira para Marili ler o conto de fadas preferido da minha infância. Ah, Strasburgo! Onde estavam minha mãe e o bom Heinz, meu segundo pai? Mortos há muito tempo. Mas eu, louco por livros, sempre tão ávido de conhecer a Alemanha, onde estava eu? Em Hamburgo, e numa livraria! E a mulher a quem eu amava era livreira. Que singular, que maravilhoso...

Termináramos a reforma a tempo! As trinta e uma crianças estavam sentadas no subsolo: grandes e pequenas, gordas e magras, turcas, iugoslavas e espanholas, católicas, evangélicas e maometanas, crianças deficientes do lar vizinho. Filhos de pobres e filhos de ricos, dos que votavam no SPD ou no CDU ou no FDP, e também havia um bonito menininho judeu.

A maior parte dos adultos estava sentada na larga escada de concreto enfeitada de tapetes vermelhos que substituía a velha escada em caracol. Essa cômoda escada tinha de um lado uma rampa por onde podiam subir cadeiras de rodas. Do outro lado, junto à balaustrada, havia uma espécie de floreira de concreto, com vasos de dalias anãs amarelas e de um vermelho luminoso, ásteres brancos e rosas, roxas violetas dos Alpes e begônias de várias cores.

A idéia dessa escada florida fora de Andréia.

Tudo no subsolo era agradável e colorido, e novo em folha: as prateleiras, os livros, o chão forrado de um tapete macio, as caixas de bugigangas com brinquedos e livros de colorir, e por toda parte um forte cheiro de cola e madeira fresca, um cheiro bom. O hamster, o coelho e o papagaio da Biblioteca Pública também tinham vindo, como todas as crianças. Havia novas, mas a maioria já se conhecia.

Os adultos que não tinham encontrado lugar na escada estavam sentados ou em pé na loja em cima. Por toda parte estava agradavelmente fresco. Tínhamos instalado um aparelho de ar condicionado. Todos agora estavam calados, para poderem entender bem Marili.

— “...e quando ela estava entediada, pegava uma bola de ouro, jogava-a no ar e apanhava-a outra vez: era o seu brinquedo predileto...”

Eu estava sentado no meio da escada ao lado do sr. Rosen, que tinha uma grande loja de tapetes ali perto, e de sua mulher. O pequeno Félix Rosen, com seus belos olhos tristes, estava parado ao lado de Marili, tão excitado quanto Ali, que sabia ler tão bem e estava parado do outro lado de Marili. Aos pés dela estavam uma menina alemã e uma espanhola. Raças, nacionalidades e religiões totalmente diversas estavam ali reunidas. Era o espírito de Andréia, que dominara a todos, crianças e adultos. Pensei que se os grandes desta terra tivessem só por um dia o espírito de Andréia, haveria paz e alegria por toda parte. Patty estava sentada diante de mim e, ao lado dela, Walter Hernin. Este devia estar pensando coisas parecidas

com as minhas, pois apoiava a cabeça numa das mãos, e de vez em quando passava a outra sobre os olhos, que já tinham visto tanta coisa mas ainda conservavam o dom da admiração.

Lá em cima, no topo da escada, sentava-se Andréia, e ao redor dela os diretores das três escolas próximas, a diretora do lar de crianças deficientes, uma médica e o presidente do distrito. Entre eles, o velho sr. Osterkamp, com roupas solenes e assoando-se a toda hora no lenço.

— "...Ela olhou em volta para ver de onde vinha aquela voz, então viu um sapo que metia fora d'água a sua gorda e feia cabeça.

'Ah, é você, seu velho chapinhador!', disse a princesa..."

Tudo transcorrera conforme nossos planos. Andréia realmente ganhara a aposta. Osterkamp vendera a loja por cento e cinqüenta mil marcos. A batalha durara quatro dias, e nesse tempo fui ao Hansa-Hypotheken und Wechselbank abrir uma conta. Depois telefonei a meu amigo Jean Balmoral em Paris, e dei-lhe o nome do banco, o número da conta e o endereço. Ele disse que logo voaria a Zurique. Quinze dias depois chegaram de Buenos Aires para a minha conta em Hamburgo pouco mais de dois milhões e meio de francos suíços em marcos alemães.

Fui a um dentista e mandei fazer um pivô, e também a um cardiologista que Langenau recomendara. Chamava-se Dr. Herbert Salzer. Dei-lhe o nome do remédio para tratamento prolongado e o outro para ataques agudos. Os dois por sorte tinham o mesmo nome comercial na Alemanha. O Dr. Salzer examinou-me muito detidamente e disse:

— O senhor sofreu um severo ataque recentemente.

— Sim — confirmei.

— Sabe que terá de tomar aquele remédio de tratamento prolongado até o fim da vida.

Eu disse que naturalmente sabia disso, e sempre tomava uma cápsula de manhã, outra de noite. Era um remédio de efeito

retardado, que durava cerca de doze horas. O Dr. Salzer me aconselhou a evitar esforços e excitações, e visitá-lo a cada quatro semanas para controle, e eu lhe pedi: — Por favor, não diga à minha futura mulher o estado do meu coração. — Depois falei-lhe de Andréia.

— Tenho dever de guardar sigilo — disse ele. — Mas não acha melhor esclarecer tudo à moça?

— Não, doutor.

— Quero dizer, se o senhor tiver um ataque, ela não se assustará tanto.

— Ela vai se assustar de qualquer jeito, mas não quero dizer nada, doutor, pois ela vai se preocupar. Portanto, por favor, quando ela lhe perguntar, faça algum rodeio.

Ele ficou preocupado porque eu poderia me portar juvenilmente demais com uma parceira tão mais jovem que eu. Bem, eu realmente fazia isso, e como o tempo urgia, também trabalhava ajudando na remodelação da livraria; mas não tive ataque algum. Naturalmente Andréia telefonou para o médico e perguntou o que havia com meu coração; por fim ficou sossegada.

— “... Ah, sim”, disse ela, “eu te prometo qualquer coisa se me trouxeres a bola de volta.” Mas pensava: “Conversa fiada desse sapo bobo! Está sentado na água com seus irmãos, coaxando, e não pode ser companheiro de uma pessoa...” — Todos prestavam atenção enquanto Marili lia; só o hamster e o coelhinho faziam ruídos em suas gaiolas. A reforma da livraria seguira um cronograma exato, e os homens tiveram de trabalhar em turnos, o que não saíra barato, mas Andréia não queria de modo algum perder os negócios com os livros escolares, e nesse ano as férias em Hamburgo terminariam dia 8 de agosto. Uma firma especializada forneceu móveis pré-fabricados para a instalação da loja, mas Andréia quis aproveitar o máximo possível os móveis do tempo de Osterkamp. Consertados e pintados, colaboravam muito para a atmosfera aconchegante da livraria.

Quando ainda se martelava, furava e construía na loja, Langenau, Andréia ou eu vínhamos a toda hora, para tudo ser feito como queríamos. Certa noite, quando estávamos parados na escada, na sujeira e poeira da construção, Andréia suspirou, e eu disse: — Que foi? Não se sente bem?

— Infinitamente, meu querido — disse ela..

— Infinitamente mal?

— Infinitamente infeliz.

— Mas por quê?

— Um dia você vai pensar: teria sido um amor tão grande eu não tivesse tido bastante dinheiro e Andréia não tivesse comprado a loja?

— Já me pergunto isso todos os dias.

— Falo sério — disse ela. — E eu teria amado você do mesmo jeito sem dinheiro algum! Quero dizer: eu nem sabia do seu dinheiro quando me apaixonei por você em Viena, no Schafberg. Embora naturalmente seja maravilhoso você ter dinheiro. E vinte e cinco mil marcos meus estão metidos no negócio, não devo esquecer isso.

Pensando assim, não me sinto tão exploradora.

— E então vamos sempre pensar assim — disse eu.

— Você é maravilhoso — disse ela. — Sabe como é maravilhoso?

— "...No dia em que ela se sentara à mesa com o rei e toda a Corte, e comia do seu pratinho de ouro, apareceu, plitsch, platsch, alguma coisa subindo as escadas de mármore, e chegando em cima bateu à porta e chamou: 'Princesa mais nova, abra a porta!'"

— Todas essas pessoazinhas — disse o sr. Rosen baixinho para mim, olhando as muitas crianças a seus pés. — O que ainda espera por elas neste mundo! — E sua mulher sussurrou: — Uma sorte ninguém se atrever a começar a guerra.

E o sr. Rosen disse:

— Deus as proteja de tudo!

Eu fizera em lugar de Andréia boa parte do trabalho escrito que precedera a inauguração; ela me ditara as muitas cartas em seu apartamento. Sempre usava os grandes óculos redondos, e ficávamos ambos muito excitados, e às vezes tínhamos de interromper o trabalho. Mas depois recuperávamos o tempo. Com anúncios no Hamburger Abendblatt, chamamos a atenção do público para o fato de Andréia ter assumido a livraria. Depois houve uma verdadeira contagem regressiva: dez dias para a reabertura, nove, oito...

Além de Langenau, Osterkamp e o jovem aprendiz a quem chamavam Apre, cujo nome era Robert Stark, havia mais uma livreira que agora iria parar porque tinha uma boa aposentadoria.

Por fim havia um contador, que iria embora depois de meio ano, porque Andréia dizia:

— O conselheiro de impostos vai receber toda a contabilidade, porque ele pode trabalhar muito mais depressa com o Datev, serviço de computação, sabe, Gatão.

— "... 'Filha do rei, abra a porta! Sabes o que me disseste ontem junto da fresca água do poço?' chamava o pobre sapo..."

Também tínhamos distribuído bilhetes manuscritos na redondeza, que começavam: "Queridas crianças, queridos adultos!", e depois pedíamos uma visita, ainda que fosse só para olhar e não comprar, pois de qualquer modo ficaríamos muito contentes.

Os imensos pacotes com livros novos que Andréia e Langenau tinham encomendado chegaram em breve, e primeiro tiveram de ser guardados num depósito, pois ainda se trabalhava em solda e construção na loja. No caminho para esse depósito Patty disse certa vez, abruptamente:

— Tio Peter, sabe que meu avô gosta muito de você?

Eu disse que também gostava muito dele, e Patty disse: — Ele se preocupa tanto porque vou mancar toda a minha vida, você também

sabe disso?

Muito embaraçado, eu disse que sabia.

— É verdade, eu vou mancar a vida toda — disse Patty. — Mas você podia dizer ao vovô que isso na minha perna vai ficar bem bom?

Ele vai acreditar em você, e não ficará tão preocupado. Olhe, ele está tão velho, certamente vou viver mais do que ele, então ele não vai nem ver como continua a minha vida, você entende?

— Sim, entendo, Patty — respondi. E prometi consolar seu avô e encorajá-lo, porque ele morreria antes dela.

— "...mas quando caiu ao solo ele não era mais um feio sapo, e sim um príncipe com belos olhos amáveis..."

Andréia conseguira que a televisão nos concedesse um pequeno espaço no noticiário noturno, e os jornais escreveram histórias sobre a nova e original livraria da cidade. Com isso conseguimos realmente muita propaganda. Muitas pessoas foram boas e nos ajudaram, e isso me espantou muito, porque eu nem conhecia as pessoas dessa maneira, e Andréia me disse:

— Mas elas são assim, Gatão! A gente só precisa ser também bondoso e solícito com elas.

Também colegas do ramo que conheciam o sonho de Andréia enviaram felicitações pela reabertura da Livraria Osterkamp. Muitos provavelmente debochavam às escondidas sobre o paraíso das crianças no subsolo, e a ligação original mas tão aconchegante entre coisas novas e antigas, mas tínhamos certeza da benevolência dos livreiros de Hamburgo.

E assim chegou o sábado, 8 de agosto, a festiva inauguração da livraria, depois de termos festejado com os operários dias antes. O sr. Osterkamp fez um pequeno discurso, Andréia respondeu, depois falou ainda brevemente um antigo diretor da Biblioteca Pública, que possibilitara a Andréia terminar mais cedo o seu contrato de trabalho. Viera tanta gente que parte precisava ficar do lado de fora,

na calçada, mas tudo era transmitido para eles por alto-falante, e também a leitura do "O Príncipe Sapo ou Henrique de Ferro".

"— ...então ele se virou e disse: 'Henrique, a carruagem vai se partir!' 'Não, senhor, não é a carruagem, é uma fita no meu coração que sofria muitas dores quando ainda eras um pequeno sapo no poço!' Ouvia-se mais vezes o ruído no caminho, e o filho do Rei sempre pensava que a carruagem estava se partindo, mas eram apenas as tiras que se soltavam do coração do fiel Henrique, porque seu senhor agora estava salvo e feliz."

Marili terminara a leitura da história, ergueu o rosto radiante, pois todos aplaudiram e gritavam bravo, e Marili em sua cadeira enfeitada certamente estava tão feliz quanto o fiel Henrique.

Depois as crianças receberam bolos e limonada, e cada uma ganhou um livro de presente. Os adultos tomaram cerveja, vinho e sucos de frutas, e comeram sanduíches que Andréia, o Apre e eu tínhamos preparado. Todos falavam ao mesmo tempo, desejando-nos felicidades.

Depois que os primeiros convidados tinham partido, aqueles que esperavam lá fora puderam entrar e visitar tudo. E os adultos começaram a comprar livros, para si e as crianças. E embrulhamos os livros em um papel novo, feito especialmente para nós. Quando a nova caixa registradora começou a tilintar, nós livreiros sentimos uma emoção solene. Depois Andréia anunciou o programa restante: — Todas as crianças podem participar do grande concurso de desenho, que se chama: "crianças desenharam a sua livraria". Não importa se vão usar lápis de cor ou aquarela. Tragam os desenhos na quarta-feira; no sábado haverá distribuição de prêmios. Um autor de livros infantis, uma jardineira e a médica do lar das Crianças Deficientes vão avaliar os desenhos. Primeiro prêmio: o vencedor pode escolher três livros. Segundo prêmio: o vencedor pode escolher dois livros. Terceiro prêmio: o vencedor pode escolher um livro. Os desenhos mais bonitos serão expostos aqui na livraria.

Que excitação entre as crianças! Muitas quiseram começar a desenhar imediatamente, ali mesmo, mas reconheceram não ser possível. E na terça-feira, disse Andréia, uma conhecida atriz de televisão viria brincar com elas, e na noite de quarta, um famoso escritor leria trechos de seu novo livro... para adultos.

Já estava escurecendo quando as crianças se foram, e Patty pediu para acompanhar a pequena Marili ao Lar, e sussurrou no meu ouvido:

— Tenho tanta pena dela. Agora vejo como tive sorte com o meu pé!

O sr. Rosen e eu ficamos seguindo as duas com o olhar, e ele disse:

— A gente devia fotografar isso, mas as pessoas diriam, para que precisamos disso? O que precisamos é de mais armas!

Marili disse alto por cima do ombro: — Foi o dia mais feliz da minha vida! — e Walter Hernin, um pouquinho embriagado, dizia repetidamente: — Sr. Kent, para onde irei com a minha Patty quando vierem os foguetes? — Ele não conseguia mais pensar em outra coisa.

Por fim, muito tarde, quando todos tinham ido e Langenau e eu ainda trabalhávamos arrumando tudo, levando um monte de lixo para o tonel no pátio, Andréia calculava o caixa e rejubilou-se: — Qual crise, qual nada! Sabem de uma coisa? Numa tarde tivemos mais movimento do que o velho Osterkamp no último mês. E agora é que a coisa vai estourar de verdade!

E depois, para que tudo estourasse de verdade, tomamos ainda um drinque no Cat's Corner, agora tão confortável, e apesar do cansaço, ficamos sentados, fumando e fazendo planos para o futuro.

E bati na parede para que se concretizassem.

— Deus vai nos ajudar — disse Langenau, e exatamente nesse momento, em todas aquelas semanas, lembrei-me do velho tocador de citara, enquanto tomávamos vinho novo em Viena, que lera

minha mão dizendo que via um homem muito religioso que representava grande perigo para mim. E pensei que ler a sorte nas mãos não passava de tolice.

Sentime tão bem no Cat's Corner que nem queria mais ir para casa; convencios a tomarem mais um uísque comigo, e depois mais um, e recostei-me bem na poltrona, copo na mão, pés na mesa, depois de pedir permissão. Ah, era simplesmente maravilhoso, e eu disse isso, e Andréia me pediu:

— Gatão, repita isso! — Ela estava de pilequinho.

— Dizer o quê?

— É simplesmente maravilhoso.

— É simplesmente maravilhoso.

— Mais uma vez! Por favor, Gatão!

— Mas por que, Esquilinha?

— Você diz "maravilhoso" de um jeito tão doce. Não é verdade, sr. Langenau, não acha isso também?

E Langenau, fumando um grande cachimbo pendurado no canto da boca, concordou, e então repeti: — É simplesmente maravilhoso.

Andréia bateu palmas, e me abraçou tão forte que quase derrubou a cadeira, beijou-me fortemente na boca e acariciou meu cabelo. Éramos muito felizes no Cat's Corner.

De repente o sr. Langenau ficou muito quieto e quando perguntamos o que acontecera, ele disse que gostaria de nos dar um presente para comemorar aquele dia.

— Um presente, que bom! — exclamou Andréia.

Ele abriu um envelope com dois cartões.

— Coleciono provérbios e os anoto — disse ele. — Já reuni uma porção. Esses dois cartões são para vocês. — Então deu um para Andréia e outro para mim. Havia alguma coisa escrita em tinta azul.

— Ah, que bonito! — disse Andréia —, escute, Gatão! — Ela colocou os óculos e leu:

— “Deus, dá-me a imperturbabilidade para aceitar coisas que não posso mudar; dá-me coragem para mudar coisas que posso mudar; dá-me sabedoria para distinguir umas coisas das outras.” — Ela beijou Langenau dizendo “Obrigada!”, e Langenau ficou vermelho. Em meu cartão estava escrito: “Ajuda-te que Deus te ajudará!”, e fiquei um pouco decepcionado porque a frase de Andréia me agradava mais. Langenau deve ter notado porque disse: — Esse é meu provérbio favorito, sr. Kent. O primeiro passo a gente mesmo tem de dar, todo o resto se ajusta depois como num mosaico.

— Vamos sempre ajudar um ao outro — disse Andréia —, e Deus vai nos ajudar a todos.

Cinco minutos depois ela e Langenau já estavam envolvidos em um ardente debate sobre se deviam colocar os livros de bolso ao lado das prateleiras ou diante delas, e aproveitei a ocasião para me servir de mais uma dose de uísque, só com gelo, bebi todo, e desejei todo o bem a todas as pessoas do mundo. As horas no Cat’s Corner foram para mim as mais belas daquele longo e belo dia.

Quando Andréia e eu finalmente fomos para a cama eram duas e meia e, graças a Deus, era domingo. Andréia acariciou meu braço e disse:

— Gatão, tenho mais uma coisa para lhe dizer: estou no segundo mês de gravidez.

Primeiro fiquei mudo, apenas olhando para ela, que continuou: — Estive no Dr. Kahler, meu ginecologista, sabe, e ele confirmou: segundo mês.

— Minha Esquilinha — disse eu. — Talvez não haja guerra.

— Não aqui, pelo menos não aqui — disse ela, apertou-se bem contra mim e colocou um braço sobre meu ombro.

— Pensamento muito egoísta — disse eu.

— Sim, Gatão, eu sei. Lamento ter dito isso.

— Não precisa lamentar, pensei a mesma coisa.

— Veja, outras pessoas também ganham seus bebês. Na Alemanha, até mais agora do que antes.

— Não!

— Sim, li isso.

— Você sabe que jornais mentem.

— Não li num jornal, mas na sala de espera do Dr. Kahler. Na Revista Médica Alemã. Os alemães estão tendo mais filhos do que jamais tiveram. Tire esse exemplo.

— Sim, preciso. Sou tão covarde.

— E acha que não sou? — perguntei. — Só me controlo mais.

“Covarde, pegue a mão de outro covarde!”

— Quem disse isso?

— Não sei, decerto foi um covarde.

— Um como nós — disse ela.

— Quero que seja uma menina — disse ela. — Se for menina não poderá ser soldado. Ora, que bobagem! Na próxima guerra será totalmente indiferente ser soldado ou não. Meu Deus, Gato, não devíamos mandar tirar essa criança enquanto dá? O que acha?

— Acho que devemos ter um filho, só depois seremos completos, em três. E teremos sorte, e não haverá guerra.

— Nem você mesmo acredita nisso.

— Eu só queria nos dar coragem — disse eu.

— Ah, meu Gatão querido!

Peguei a mão dela e beijei-lhe todos os dedos, depois a palma da mão, e ela disse:

— Mais sete meses.

— Sim — disse eu, pensando como seriam aqueles sete meses. A coisa podia estourar em qualquer parte, não se sabia onde, isso era o pior. Talvez estivesse correto o que diziam os jornais, que o temor da guerra de dez a vinte anos atrás fora maior do que o de hoje, mas naquele tempo era temor, não medo, temor real de um conflito crescente, da grande guerra do Vietnam, das conseqüências da crise de Cuba. Esse temor concreto ainda existia hoje... diante do Afeganistão e Polônia. Mas além disso havia agora o medo impalpável, a sensação de desamparo e opressão, e a idéia de que num mundo cheio de miséria só há sobra de armamentos, que bastam para num abrir e fechar de olhos transformar a Terra num planeta morto. Mas ainda não bastava: continuavam a armar-se, o medo devia servir de equilíbrio para a paz, o medo crescente devia nos salvar. Medo como garantia de segurança.

— Não devemos esquecer uma coisa — disse eu.

— O quê?

— Nos casar. Pessoas que ganham bebês se casam... ou já são casadas.

— Nem todas. Muitas também se amam bastante sem isso.

— Bem, mas agora que você é mulher de negócios, acho que devíamos nos casar, Esquilinha.

— Acha mesmo?

— Sim.

— Já foi casado alguma vez?

— Não — menti. Eu nem pensara nisso. Estava na iminência de me tornar bígamo. — Por quê? — perguntei.

— Porque você não conhece todas as correrias. Já experimentei com uma amiga. De um cartório para outro até que todos os documentos estejam prontos. E as testemunhas, e a igreja...

— Hum.

— Eu disse igreja, Gatão.

- Ouvi. E daí?
- Bom, um cara como você... e igreja...
- Não tenho nada contra a igreja; nada. Há muitas bem bonitas.
- Escute, você é um pagão!
- Você vai morrer de rir: sou batizado.
- Você é...
- Batizado.
- Não faça piadas! Com isso não se brinca. Rir da pobre Esquilinha.
- Sou batizado de verdade.
- Você é... mas como?
- E se engolir isso, sou católico. Tecnicamente sou católico.
- Mas que coisa — disse ela. — Então não tem realmente nada contra um casamento católico?
- Claro que não — disse eu. Yvonne e eu também nos tínhamos casado na igreja.
- Você diz isso só para me agradar. Pigarreou tão esquisito, Gatão. Está dizendo isso por minha causa. Não, casar no civil me basta.
- Não basta — disse eu. — Gato velho conhece mulheres jovens. Elas todas querem se casar na igreja. Seu sonho. Toda de branco. Confesse, Esquilinha, você também tem esse sonho. Vejo através de você, como vidro.
- Bom, meu Gatinho, se você realmente não se importa... claro que uma igreja bonita é bem diferente de um cartório velho e cinzento... especialmente da primeira vez.
- O que significa isso? Acaso você pretende...
- O que está pensando, meu querido? Foi só um jeito de falar.

Lapsus linguae. Que me diz disso? Você terá uma mulher de cultura universal parcial. Um lapsus linguae é um movimento falso da língua.

— Nada contra — disse eu.

— Fique quieto! Trata-se da hora mais solene de minha vida.

— Toda de branco.

— Pare com essa bobagem de toda de branco! Seus olhos vão saltar da cara quando vir meu vestido. Sei exatamente como será, vi um vestido desses na Vogue, e guardei a revista. Conheço uma costureira que fará um igualzinho.

— E eu, o que vou vestir?

— Seu terno azul-escuro — disse ela. — Naturalmente numa igreja também há lugar para mais gente do que num cartório. Quero dizer... nossos clientes também serão convidados, se quiserem. E minha mãe vai ficar tão feliz!

— Está vendo?

— E você tem de conhecer meus pais, Gatão! Santo Deus, a coisa começa a se fechar em círculos. Você se aborrece muito? São pessoas muito doces, Gato. Você vai se entender bem com eles, especialmente meu pai. É só no casamento, depois você não precisa mais...

— Ora, pare com isso, Esquilinha. Alegro-me muito por conhecer seus pais.

— Você é fabuloso, Gatão, simplesmente fabuloso. Sabe, se queremos nos casar por eu ser uma mulher de negócios, devíamos fazer isso o mais depressa possível. Pois quando eu tiver uma barriga e parecer um balão com perninhas, terei medo de rir no altar.

— Vamos casar bem depressa — disse eu.

— Enquanto ninguém notar nada, está bem? Ah, querido, querido, você também está tão contente com o bebê?

— Sim.

— E pelo amor de Deus agora não se sinta preso. Seria horrível para mim saber que você agora se sente preso. Pense: não poderemos mais nos divorciar mesmo que você quisesse outra mulher. Poderíamos só viver juntos, muita gente faz isso. E eu não poria nenhum obstáculo. Nunca, embora naturalmente me doesse muito se você me abandonasse.

— Esquilinha, o que aconteceu com você? Não fale mais essas bobagens.

— Sim, é bobagem mesmo. Bobagem. Com igreja ou cartório ou tudo, você sempre poderá me deixar.

— Pare com isso já! Você ficou maluca? E se você me deixar um dia?

— Eu?

— Por outro homem.

— Ah, querido, nunca te abandonarei! Nunca na vida. Tenho muitos defeitos, mas não sou infiel. E amo você tanto que daria para três vidas. Se não ficar saturado de mim. Mas não vai ficar nunca, não é?

Abracei Andréia com muita firmeza e ela riu: — O que foi, Gatão?

— Não sei, de repente estou tão excitado. Venha, vamos brincar!

— Espere um pouco — disse ela, saltou da cama e saiu correndo. Logo depois, voltou. — Estou aqui — disse ela. — Agrado-lhe assim, Barão?

— Agrada-me incrivelmente — disse eu, e me debrucei sobre ela. Andréia colocara seus grandes óculos.

5

Nessa noite sonhei com um programa de televisão com crianças polonesas que tínhamos visto alguns dias atrás.

Uma disse chorando para os pais:

— Ninguém quer brincar comigo. As outras crianças perguntaram quem tem os pais no Solidariedade, e eu disse que vocês não estão, porque são do Partido. E agora ninguém quer brincar comigo.

Outra criança também chorava e dizia à mãe: — O Marek disse que seu pai não o deixa brincar comigo porque vocês são do Solidariedade. Gente como vocês ainda vai ver, disse ele. Mamãe, por que entraram nesse Solidariedade se vai lhes acontecer uma coisa horrível por causa disso?

E uma menina de oito anos perguntou a um homem de televisão:

— É verdade que os tanques vão vir quando estourar a guerra?

Muitos, muitos tanques?

— Não vai haver guerra — disse o homem da televisão.

— Vai, sim. As crianças dizem que vai haver com certeza. E que então todas as placas com nomes de ruas terão de ser desmontadas.

— Por quê?

— Porque se tirarmos as placas não poderão levar as pessoas embora, não as vão encontrar.

— Encontrar quem?

— Não sei, mas as crianças disseram — respondeu a menininha. Enquanto eu sonhava ouvi a voz de Andréia e acordei.

— O que foi? — perguntou ela preocupada.

— Por quê?

— Você está muito inquieto no sono, virando-se para lá e para cá, mas não entendi o que dizia.

— Esquilinha — disse eu —, Esquilinha, é você de verdade?

— Sim, Gato. Não está me sentindo? Querido, você teve um sonho ruim?

— Sim — disse eu. — Com as crianças polonesas da televisão.

— Pobre do meu Gato.

— Pobre das crianças.

— É uma coisa tão perversa — disse ela. — Pensamos na Polônia, e temos medo e compaixão. E no Chile e em El Salvador ninguém pensa, e ninguém tem medo, e ninguém sente compaixão, embora lá aconteçam coisas horríveis, nessas ditaduras.

— É porque a Polônia é perto, e El Salvador e Chile ficam tão longe — disse eu. — Mas que mundo é este, em que se tem compaixão e medo segundo a geografia? Diga, Esquilinha, que mundo maldito é este?

— Venha — disse ela. — Me pegue nos braços, me aperte bem.

Amo você tanto, sabe. Agora durma quietinho.

E dormi bem profunda e calmamente, e não sonhei mais com as crianças polonesas.

6

Na primeira semana, na segunda-feira, os negócios foram muito fracos, mas Andréia, Langenau e Robert Stark, o Apre, me disseram que segunda é sempre um dia fraco, tinham razão. A partir da terça-feira mal conseguíamos atender a todos os pedidos. Era realmente um milagre. Todos os dias o movimento aumentava. O auge foi o dia em que a atriz brincou com as crianças.

A atriz era maravilhosa. Todas as crianças gostaram dela; por fim as pequenas a abraçaram e beijaram. Então aconteceu. Ali queria a todo custo dar um presente à mulher. Estava sentado na escada ao lado das flores, e teve uma idéia. Arrancou um grande áster cor-de-rosa e uma begônia branca, e uma dália anã vermelha.

Correu com as flores para a atriz... que se chamava Kramer — e estendeu-lhe seu presente com os olhos iluminados.

A srta. Kramer pegou as flores e disse: “Obrigada”, e acariciou o rosto de Ali. No mesmo instante todas as crianças se precipitaram para os vasos de flores ao longo da escada e arrancaram flores, talos e ramos, para dá-los à atriz, que de repente se viu cercada de crianças. Foi tudo tão rápido que não conseguimos evitar. A reação foi imediata: se há pouco ainda tinham gritado, rido e se rejubilado em voz alta, de repente estavam muito quietas e constrangidas, ao verem o que tinham feito. Naturalmente a srta. Kramer não conseguia segurar todas as flores. Muitas caíram no chão, outras ficaram nas mãos das crianças. Seus rostos há pouco tão felizes mostravam grande susto, e algumas pequenas começaram a chorar.

A bela escadaria de flores destruída, potes virados inúteis, terra espalhada, tudo sujo e devastado.

Andréia apareceu no meio das crianças e disse: — Vocês não deviam ter feito isso. Entendo que queriam dar uma alegria à srta. Kramer, mas agora vejam só a confusão! A srta. Kramer nem pode

carregar tantas flores de uma vez, e elas vão murchar e morrer. Não se deve quebrar e arrancar flores, são seres vivos... como vocês.

As criancinhas soluçavam, as maiores estavam paradas de ombros caídos, e não se encaravam umas às outras. Aquela tarde maravilhosa tivera um fim triste. O Apre e o sr. Langenau limparam a escada e o chão do subsolo, e ajudei. Varremos a terra, jogamos numa grande caixa os cacos dos vasos quebrados e os restos de flores, e algumas crianças mais corajosas nos ajudaram.

A atriz disse:

— Vou guardar esse ramo de begônias como lembrança. Sei que tiveram uma boa intenção, e agradeço muito. Mas por favor, nunca mais façam uma coisa dessas.

E quando a srta. Kramer teve de ir embora, mais flores e ramos foram parar na caixa de papelão. Um motorista veio buscá-la, à noite ela ainda tinha compromissos no estúdio de televisão. Levamos para o pátio a caixa cheia de terra, cacos e flores, e a esvaziamos no tonel de lixo. A escada de flores, devastada, estava horrível, e quando os pais vieram apanhar os filhos, também ficaram tristes. Patty disse: — Por favor, não fiquem zangados conosco. Estragamos as flores porque não pensamos no que estávamos fazendo.

E os adultos foram embora quietos, com seus filhos calados. Por quatro dias a floreira de cimento na escada ficou sem uma só planta, apenas com terra revolta, e nossos pequenos visitantes evitavam olhar para lá, muito deprimidos.

No quinto dia chegou um menino, chamado Eugênio, e trouxe um gerânio num vaso.

— Minha mãe me deu — disse ele. — Da nossa sacada. Em troca eu a ajudei a pendurar roupa no varal. Posso colocar na escada?

Claro que podia.

Tiramos a terra da floreira de concreto num degrau e colocamos ali o vaso. Todas as crianças pareciam comovidas; ao menos havia uma flor ali. Depois três crianças trouxeram três vasos com outras

flores. Uma menininha trocara uma boneca por um cacto, outra encontrara uma violeta dos Alpes intacta junto da lata de lixo de sua casa, e um menino trouxe uma rosa que ele mesmo plantou, mas não quis dizer de onde. Andréia falou com ele: — Você tem de dizer, Willi, de verdade.

Willi estava calado, apoiando-se ora num pé ora no outro.

— Ora, vamos, diga!

Willi engoliu com dificuldade.

— Tá bom. Afanei. Do cemitério. Um canteiro enorme, ninguém viu nada.

— Mas você sabe que não se deve afanar coisas — disse Andréia.

— Claro — disse Willi. — Mas não tenho dinheiro, e tem de ter flores na escada outra vez, não é?

As crianças e Andréia debateram longamente se a rosa roubada devia ficar ou não, e a decisão foi positiva, primeiro porque Willi admitira tudo honestamente, segundo porque havia tantas rosas no canteiro do cemitério que ninguém notaria nada, e terceiro porque Félix Rosen disse que, falaria com a administração do cemitério e pagaria a rosa com seu dinheiro da mesada.

Nos dias seguintes as crianças ficaram trazendo potes com várias flores. Tinham ajudado a limpar loja e casas de vizinhos para ganhar dinheiro, ou cuidaram de bebês quando seus pais saíam, outras haviam lavado carros.

Agora a floreira estava novamente cheia. Não combinavam, mas isso tornava tudo particularmente colorido e alegre. Achamos aquela grande confusão mais bonita do que o arranjo anterior da floricultura, bem planejado em cores cambiantes.

Andréia me disse baixinho:

— Estou muito contente, Gatão.

— Por que, Esquilinha?

— Porque as flores voltaram, mas especialmente porque não fomos nós quem as trouxemos, mas as crianças.

As crianças estavam cochichando entre si, depois pediram uma tampa de papelão grande, e com ela voltaram a um canto do subsolo.

Meia hora depois subiram as escadas e Patty e Ali nos mostraram a tampa quadrada, onde estava escrito a lápis de cor, em grandes letras gorduchas:

POR FAVOR, NÃO MATEM AS FLORES!

— Vamos botar o cartaz aqui no começo da escada — disse Patty. — E deve ficar sempre aqui.

— Nunca mais vamos arrancar nada — disse uma criança.

— O cartaz é para os adultos e as outras crianças. E por causa do que a tia Andréia disse.

— O que foi que eu disse?

— Que as flores são seres vivos, como nós.

*

Na quinta-feira dois rapazes trouxeram uma criança em cadeira de rodas, do Lar das Crianças Deficientes. Era um pequeno espástico, que segurava uma longa lista datilografada em suas mãos agitadas. Fora escolhido para comprar livros para as outras crianças.

Os acompanhantes traziam o dinheiro; eram dois rapazes que tinham se recusado a prestar serviço militar e cumpriam no lar o serviço substituto. A maioria das crianças dissera que livros queria, outros pediam que se escolhesse alguma coisa para elas, e só seu nome estava na lista. Langenau e eu carregamos para o Lar os dois imensos pacotes.

A vista das crianças deficientes nos deixou constrangidos no começo, mas uma médica disse que precisávamos nos dominar e encarar os pequenos com toda a naturalidade. As crianças também reagiram com naturalidade, e quando a médica nos explicou que

todas aquelas crianças tinham grande necessidade de carinho, acariciamos as maiores e pegamos as menores no colo. Langenau e eu ficamos quase uma hora no Lar e prometemos voltar.

Naquela noite Andréia estava morta de cansaço, e quando a levei para casa no Volkswagen, adormeceu com a cabeça no meu ombro.

Nem acordou mais direito em casa, e despi-a e pus na cama. Meia hora depois tocou o telefone. Era Emanuel Eisenbeiss. Eu lhe telefonara ainda do Atlantic, quando me mudara para a casa de Andréia, e tínhamos combinado que ele nunca me escreveria, mas apenas telefonaria quando houvesse algo de importante a comunicar.

Para o caso de eu não estar livre para falar na hora, deveria telefonar-lhe mais tarde.

Eisenbeiss disse:

— Já leu os jornais de hoje?

— Não, ainda não tive tempo. Por quê?

— Pode conseguir jornais de hoje, de Viena e Paris?

— Sim — disse eu. — Na estação há uma banca de jornais internacionais.

— Então vá até lá e compre alguns, também grandes jornais alemães. Vai encontrar uma coisa neles. Não sei se é importante e se virá mais coisa, mas assim que souber mais novidades com amigos de Paris, telefonarei novamente. E... Peter?

— Sim.

— Kratchowil morreu.

— O que aconteceu? — perguntei assustado.

— Derrame. Na rua. Nem acordou mais.

De repente me senti muito infeliz.

— Pobre sujeito. Dava a impressão de ser tão saudável. — E lembrei-me de uma coisa. — Ele queria sair de férias com a mulher em setembro.

— Sim, com a sua Marenka.

— Porque ela estava melhor.

— Isso é o pior — disse Eisenbeiss. — Ela está realmente melhor. Quase não anda mais confusa, e entende perfeitamente que seu marido morreu... e que ela está inteiramente só.

— Horrível.

— Sim, é muito sério. Agora coloquei-a outra vez no hospital, tive de mandar levá-la. Desta vez, na psiquiatria. Depressões graves.

— E como vai continuar isso?

— Em casa ela não tem quem cuide dela. Portanto, um asilo.

Mas encontrar um que a aceite! A maior parte dos asilos não aceita casos de enfermagem. E os que aceitam não podem ser levados em conta, são simplesmente indescritíveis. — Ouvi-o suspirar. — Bem, vou encontrar alguma coisa. Kratchowil era meu amigo. Teve tão pouca sorte na vida. Preciso cuidar da sua Marenka. Tchau, Peter.

— Tchau, Emanuel — disse eu, e pensei que sujeito fabuloso ele era, esse Eisenbeiss. Pensei em Kratchowil, que amara tanto sua mulher e a protegera de todo o mal, e que agora não existia mais.

Alguns minutos depois olhei Andréia no quarto. Dormia profundamente. Escrevi num envelope: AMIGO TELEFONOU DA ESTAÇÃO, ESTÁ EM HAMBURGO SÓ

UMA HORA. FUI ENCONTRÁ-LO E VOLTO LOGO. AMOR, GATO.

Coloquei o envelope obliquamente na mesa de cabeceira, para que Andréia o visse logo ao acordar. Depois saí do apartamento sem fazer barulho e parti com o Volkswagen enferrujado.

A banca internacional de jornais ainda estava aberta e comprei os mais importantes jornais alemães e parisienses e de Viena, todos os que consegui, e desci a larga escada até os trilhos, sentei-me num banco ao lado da gare 13, e comecei a folheá-los. Duas mulheres sentavam-se de costas para mim, conversando. Logo encontrei um anúncio nos jornais. Era muito chamativo, e mostrava um retrato do meu rosto antigo, com barba, cabelo longo e sem óculos. Encontrei o primeiro anúncio no Figaro, depois no Le Monde e no France Soir. Lá estava em gordas letras:

ESTE É MAÎTRE CHARLES DUHAMEL

E debaixo, em tipos menores:

“Quem conhece este homem? Quem o viu?

Quem sabe onde ele vive?

Quem pode dar algum indício?

Qualquer informação sobre maître Charles Duhamel será generosamente recompensada. Escreva para...”

Nos jornais alemães e austríacos o texto estava em alemão.

Examinei minuciosamente os anúncios, depois fiquei longo tempo sentado, imóvel, pensando em Kratchowil, que morrerá, e na sua pobre mulher, que agora era uma carga para todos, e ouvi o que as duas mulheres diziam atrás de mim.

— Sei que o mundo é uma merda — disse uma delas. — Mas não quero que esfreguem isso no meu pão todo dia. Também quero rir. Ainda há coisas bonitas.

— Você vai ver isso agora na Itália — disse a outra. — Aí vai entender por que sempre volto para lá. As pessoas não vivem num mar de rosas, mas vai ver como ainda sabem viver, e ser alegres, apesar de tudo. E há muitas pessoas velhas felizes. Aqui, a maioria com quarenta já está envelhecida.

— Ainda nem partimos e já tenho medo de quando tivermos de voltar daqui a quatro semanas — disse a primeira. — Eu gostaria de

viver numa casa sem portas nem janelas, mas dentro um belo jardim com flores e árvores, só para mim. E só você deveria entrar, Herta.

Preciso de um pedaço de esperança.

Levantei-me e encarei as duas. Eram bem-vestidas, na casa dos trinta.

— Isso com a casa não dá, eu sei. Temos de trabalhar e viver com os outros — disse a primeira outra vez. — Mas quem é que ainda convive com outros neste país? Isto aqui é um país de forças de trabalho, não de seres humanos.

— Itália, Irene! — disse a outra. — Vai ver como vai gostar da Itália. E vai voltar para lá comigo sempre. Por sorte podemos nos dar esse luxo. Quando tiver estado na Itália, vai agüentar aqui mais um pouco.

Joguei os jornais num cesto de lixo vazio, subi a larga escada e tratei de ir para casa.

Andréia ainda estava deitada como eu a deixara, dormindo. Tirei o envelope, tomei banho e vesti um pijama, mas agora estava muito acordado. Deitei-me ao lado de Andréia e refleti no fato de Yvonne andar à minha procura; estava portanto convencida de que eu estava vivo. Pensei no que isso significava para mim. Mas não cheguei a nenhuma conclusão, pois como iria saber o que Yvonne fazia ou deixava de fazer?

Não dormi naquela noite.

7

— Ele está vivo — disse Yvonne. — Aquele cachorro maldito está vivo!

— Mas não temos uma só prova aceitável, querida — disse Paul Perrier. — As cartas que chegaram depois do anúncio eram só bobagem ou maluquice. Esse detetive particular constatou isso.

Cerca de catorze dias depois de aparecer o anúncio, eles estavam sentados no famoso restaurante Tour D'Argent, a 28 de agosto, comendo a especialidade da casa: Pato à l'Orange. Cada pato servido ali tinha um número. Eram patos magníficos. Naturalmente dois não conseguem comer um inteiro, parte voltava para a cozinha, mas Yvonne queria pato à l'Orange.

Antes do jantar tinham ido ao teatro. Yvonne precisava se distrair mais uma vez, ou ia ficar louca em casa. Paul Perrier vestira seu smoking novo e minhas abotoaduras de brilhantes. Yvonne usava um vestido de noite justíssimo, azul, com todas as suas jóias de safira, brincos, colar, bracelete e anel. Tinha um camarote, e o espetáculo fora um grande sucesso para Yvonne. Estavam apresentando Mãe Coragem, e quando Yvonne leu no programa que a peça era de Bertolt Brecht, começou imediatamente a portar-se com vulgaridade.

— Por que apresentam em Paris uma peça desse comunista alemão?

— Yvonne, por favor, é uma peça famosa no mundo todo.

— De um comunista alemão. Naturalmente, pura propaganda.

— Não, Yvonne, é uma peça muito boa.

As pessoas do camarote ao lado começaram a rir dela. Sibilos furiosos soaram de outros camarotes.

— Silêncio! — pediram. — Fiquem quietos.

Aí sim, Yvonne se animou.

— Que há? Acaso não posso mais dar minha opinião? Todos aqui são comunistas de salão, é?

Na sua insegurança e medo, Yvonne ficava cada vez mais desavergonhada.

— Cale a boca ou vá embora! — gritou alguém.

— Cuide das suas porcarias; paguei por este camarote.

A inquietação aumentou até que a atriz que representava Mãe Coragem foi até a beira do palco, ergueu os olhos para o camarote e disse bem alto:

— Senhoras e senhores, só continuaremos o espetáculo quando essa senhora tiver se acalmado.

Isso deixou Yvonne constrangida, e ela apenas repetiu: — Num país livre certamente se pode expressar a opinião individual. Por favor, continue representando.

Naturalmente continuaram, e no intervalo todos da platéia e dos outros camarotes encaravam Yvonne, muitas mulheres com binóculos de ópera, e comentaram sobre ela. Ela viu tudo, e saboreou o fato, enquanto Paul Perrier só queria estar morto. Apenas o pensamento de que ainda havia muito a ordenhar na fortuna de Yvonne o fazia continuar sentado ao lado dela. Pois não lhe prometera um Lamborghini, o carro mais caro? Yvonne ficou calada depois do intervalo, mas quando a cortina baixou disse alto, antes de irromperem os aplausos:

— Famosa no mundo inteiro? Ora, me dá vontade de rir!

Depois foram ao Tour d'Argent. Estavam sentados lá, e Yvonne disse:

— Tem rolha neste vinho. — Estavam tomando vinho tinto com o pato, um Saint-Emilion Chateau Belair. — Seu idiota — disse ela a Perrier —, você naturalmente não notou nada quando experimentou o vinho. Ou notou? Você não tem boca para nada. Chame o garçom!

Paul Perrier ergueu a mão, infeliz, e fez um sinal ao encarregado dos vinhos, para que se aproximasse.

— Monsieur? — disse ele.

— Experimente o vinho — disse Yvonne. — Tem rolha.

O encarregado dos vinhos experimentou e disse educadamente: — Esse vinho não tem rolha, madame. Está excelente.

— Você se atreve a me contradizer? — Yvonne começou a falar alto. Pessoas de outras mesas viraram-se para olhar. — Mas é uma malcriação! Quero falar com o maître d’hotel!

O encarregado dos vinhos chamou o chefe dos garçons, e este também teve de experimentar o vinho e constatar que estava excelente.

— Acha que estou pagando por um vinho tinto ruim? — A voz de Yvonne era um guincho.

— Naturalmente traremos uma nova garrafa. Se madame diz que tem rolha, então tem rolha. — O maître fez uma mesura.

— E pode levar o pato também — disse Yvonne. — Duro como couro. Seu restaurante está cada vez pior. Não ouviu o que eu disse?

Tire o meu prato!

— Muito bem, madame.

— Vou contar aos meus amigos que comida servem aqui, e o senhor sabe que tenho muitos amigos.

O maître fez outra mesura.

— Lamento infinitamente que madame não esteja satisfeita.

Talvez a casa possa tomar a liberdade de oferecer outra coisa... — Ele estendeu-lhe um grande cardápio.

— Não quero nem olhar — disse ela. — Perdi o apetite. E seus frios também não estavam frescos. Espero não ser vítima de um envenenamento. Traga-me uma vodca grande. Mas do legítimo

Moskovskaya, não quero Kusnow de modo algum, essa cachaça ordinária feita na França, que dá dor de cabeça.

— Muito bem, madame. Mais alguma coisa? Sobremesa? Café?

— À noite, para que eu não possa dormir? Está maluco? Afinal, o que há com este restaurante?

— Está tudo bem com este restaurante — disse o maître.

— Cigarros — disse Yvonne. — Tem Lord Extra?

— Infelizmente não, madame. É uma marca alemã que ninguém pede.

— Achei que este era um restaurante de fama internacional.

Fama internacional e não tem Lord Extra?

— Temos trinta e três marcas diferentes de cigarros, madame, quem sabe deseja escolher? Mandarei vir imediatamente a moça dos cigarros.

— Eu disse que quero Lord Extra. Mande alguém comprar. Vai conseguir em qualquer outro restaurante.

— Muito bem, madame.

Entrementes, o encarregado dos vinhos aparecera com nova garrafa de vinho tinto numa cestinha de vime. Derramou um pouco em novo cálice para experimentar.

— Madame, por favor...

— Está maluco? Não bebo vinho tinto antes de vodca!

— Madame encomendou vodca enquanto o senhor estava ausente, não podia saber. Um grande Moskovskaya.

— Kusnow não, de modo algum.

Os dois garçons desapareceram.

— Quando Charles ainda vinha comigo eles não se permitiam isso, esses sem-vergonhas. Mas uma mulher sozinha...

— Você não está sozinha — disse Paul Perrier, que tentava comer um pedacinho do pato, que estava delicioso. — Estou com você.

— Mas a você eles nem ligam! Você também não abre a boca, não sabe reclamar, tem medo de reclamar. Eu tenho de fazer isso, eu, uma mulher. Isso dá uma impressão muito refinada, muito mesmo!

— Ora, pare com isso...

— Uma vez na vida eu quis sair, porque não agüento mais ficar em casa, e tudo acaba deste jeito! Muito obrigada! Você estragou a minha noite!

— Mas como, eu?

— Ora, cale a boca! Agora estou com medo outra vez. Duas horas não tive medo, e agora tudo voltou. Esse demônio frio, ele vai me levar à loucura! — Ela dissera isso tão alto que mais uma vez muitos clientes se viraram. Alguns falaram sobre ela, outros sorriram. Estava novamente usando jóias demais, e excesso de maquiagem.

— Os anúncios não tiveram sucesso porque ele não está mais vivo mesmo, chérie — disse Perrier, falando de boca cheia porque reconhecera que de outro modo não conseguiria mais comer. Um pedacinho de pato caiu na calça do seu smoking, e Yvonne notou.

— Você não sabe nem comer — disse ela. — Isso tem de ser limpo imediatamente com água quente. Garçom!

— Ora, por favor, isso nem se vê!

— E quem foi que mandou fazer o smoking para você? O jeito que cuida dos seus presentes... obrigada! Garçom, traga água quente! O cavalheiro tem uma mancha na calça... do pato!

— Muito bem, madame. Melhor ainda é K2R, um líquido muito bom.

— Eu disse água quente! Não preciso de seus conselhos! — O vodca duplo chegou. — Tem certeza de que não é Kusnow? — Ela

bebeu. — Podia estar mais gelado. Vamos, traga a água quente! — E continuou no mesmo hausto: — Não termos conseguido pistas não significa nada. Quem sabe qual a aparência de Charles agora. Talvez esteja mudado. Talvez tenha cortado o cabelo e raspado a barba.

Está sentado por aí espreitando. Quer que a velha tenha medo, medo, medo... até não saber mais o que faz de tanto medo... aquele demônio, aquele diabo! Não engula a comida desse jeito, a gente passa vergonha! — Um garçom trouxe água quente e um guardanapo, e começou a esfregar a diminuta mancha na calça de Perrier, que teve de se levantar, porque o garçom, ajoelhado diante dele, não alcançava a mancha. Agora, o restaurante inteiro se divertia.

— Novos-ricos! — disse Yvonne em voz alta. — Que clientela tem este restaurante! Incrível! Garçom, o que foi, está dormindo? Não viu que acabei minha vodca? Sirva o vinho! Não tanto, meu Deus! — Ela experimentou. — Muito bem. Por que agora está bom?

— Madame está satisfeita?

Yvonne não percebeu a dura ironia das palavras e balançou a cabeça, benevolente.

— Sirva o cavalheiro também! O que foi? Ora, a mancha não saiu? Eu logo disse, água quente. O senhor com seu K2R! Onde estão meus cigarros?

— Mandamos um rapaz comprar, mais vai demorar um pouco.

— Então chame-o de volta, se demorar não quero fumar mais.

— Não podemos mais chamá-lo, madame.

— Problema seu. — E em voz baixa continuou falando com Perrier: — Você vai voltar às redações dos jornais e dizer que façam entrevistas comigo. Uma entrevista dessas tem mais efeito do que um anúncio, e a gente pode fazer a coisa mais sensacional.

— Desculpe, chérie, mas isso não faz sentido.

— Como sabe disso?

— Eles praticamente me botaram na rua da primeira vez... você sabe disso. Disseram que não estão interessados numa história dessas.

Muito mais tarde Paul Perrier me contou que fora realmente assim. O pessoal da imprensa detestava Yvonne. Logo depois de sua visita ao Secretário de Estado Nardonne, ela dera uma entrevista ao France Soir dizendo o que dissera a Nardonne. E na sua agressividade insultuosa, fora tão desavergonhada que os dois jornalistas que a tinham procurado sem saber foram embora sem se despedir. A entrevista não fora publicada. Desde então, boicotavam-na o tempo todo. O pessoal de televisão e rádio apoiou seus colegas, que tinham sido atacados por Yvonne. Os anúncios pagos naturalmente foram aceitos pelos jornais, mas enquanto ela se portasse daquele jeito nenhuma entrevista com ela apareceria mais, isso era certo. Perrier contava diariamente com algum boicote dos garçons, pois também ouvia muita coisa deles, e pensava energicamente em todos os caros presentes que recebia quando Yvonne estava de bom humor.

E de bom humor estava sempre que ele dormira com ela. E quando podia dizer ao dono de uma loja que era uma porcaria de loja, também ficava de bom humor. Naturalmente Yvonne não esperou pelos cigarros Lord Extra, mas pediu a conta. Pagou, enquanto explicava em voz alta a Perrier que não se envergonhasse como um idiota, pois todo mundo agora sabia que ela o sustentava.

Não deu gorjeta. Os garçons a acompanharam até a saída e despediram-se com uma inabalável cortesia. Os automóveis estacionavam obliquamente diante da calçada com a roda dianteira sobre a calçada. Havia pouco espaço e Yvonne andava um pouco atrás de Perrier, que queria chegar até o automóvel. As grandes árvores atrapalhavam a iluminação, e de repente Yvonne sentiu alguém tocar em seu ombro. Voltou-se assustada.

Eu estava parado atrás dela.

Grande, levemente curvado para diante, com cabelo longo e barba, inclinava-me para ela e disse com voz disfarçada, rouca, que ela logo reconheceu como a minha.

— Vou te pegar, queridinha, vou te pegar!

Yvonne deu um grito agudo e caiu no chão. Paul Perrier virou-se, horrorizado, e correu até ela, que desmaiara, tentando fazê-la voltar a si.

— Yvonne, o que foi? Yvonne!

Chegaram pessoas correndo e olharam para a mulher desmaiada.

De mim não se via nem rastro. Eu desaparecera na escuridão.

8

Naturalmente não fora eu, mas Yvonne ficou tão nervosa quando despertou que Paul Perrier correu depressa de volta ao Tour D'Argent e pediu que chamassem a polícia. Um carro com luz vermelha e sirene levou os dois à delegacia mais próxima, e lá deram um calmante a Yvonne, que tremia tanto que não podia ficar sentada nem em pé.

Os policiais sabiam que eu estivera no avião acidentado e fora declarado morto. Mas Yvonne exigiu que se fizesse registro da ocorrência, e se colocasse ali sua queixa de que eu estava vivo e tocara seu ombro naquela noite de 28 de agosto, por volta das 23h30min, diante do restaurante Tour D'Argent, e dissera: "Vou te pegar, queridinha, vou te pegar!" E descreveu minuciosamente minha aparência, e exigiu que se escrevesse no registro da ocorrência: "Madame Duhamel pede à polícia que comece imediatamente e com todos os meios a procura de seu marido Charles Duhamel, ainda vivo."

O delegado que datilografava piscou disfarçadamente para Paul Perrier e fez um gesto mostrando que considerava Yvonne maluca, mas Perrier sentia-se muito desconfortável, como me disse mais tarde, pois não podia imaginar que Yvonne já estivesse tendo alucinações, nem que eu me disfarçasse — ele sabia da minha aparência atual —, assumindo minha aparência antiga só para assustar Yvonne. Ficou bastante perturbado. A polícia deu um sonífero a Yvonne, e no dia seguinte vieram seu médico e seu psiquiatra. Conversaram entre si e decidiram que Yvonne passaria duas semanas numa clínica fina e discreta em Neuilly, para uma sonoterapia. Com isso conseguiu-se muito pouca coisa, pois não podiam fazer Yvonne dormir até desistir daquela idéia fixa. Paul Perrier, a quem as duas semanas tinham feito um grande bem, logo teve de começar a ouvir as mesmas histórias.

E teria suportado tudo se aquele misterioso homem parecido comigo não tivesse voltado.

9

— Acho que temos de ajudar as crianças da Polônia — disse Andréia. Era uma tarde em fim de agosto, no grande subsolo colorido no qual agora estavam expostos os três belos desenhos do concurso.

— Perguntem aos seus pais o que está acontecendo na Polônia — continuou ela. — As coisas lá estão ruins, especialmente para as crianças, que quase não têm comida nem roupas quentes, agora que vêm o outono e o inverno, e as criancinhas bem pequenas não têm leite bastante para beber. A televisão mostrou um programa sobre as crianças polonesas. Elas desenharam quadros como vocês, mas bem diferentes, tristes. Num deles, uma criança desenhou muitas pessoas diante de uma padaria, olhando um cartaz preso em cima da padaria, onde dizia: NÃO HÁ PÃO NEM HAVERÁ.

Não só as crianças mas também eu, Langenau, o Apre e mais alguns clientes da livraria, escutávamos Andréia, que disse: — Elas não têm pão! Vocês têm tudo, bombons e pirulitos, todos os bolos que quiserem, chocolate até enjoar. Acho que devíamos mandar coisas de comer para as crianças polonesas, e também doces, mas especialmente farinha e arroz, feijão e ervilhas, e coisas para vestir, e também alguns brinquedos. — Andréia voltou-se: — O que acha, sr. Langenau?

— É uma boa idéia. Todos traremos alimentos e roupas quentes à livraria, depois podemos mandar pacotes para as crianças da Polônia.

— Elas também não têm remédios — disse Andréia. — Vou perguntar se podemos mandar remédios. Médicos podiam escolhê-los, e nós os compraríamos.

— E manteiga! — exclamou Félix Rosen.

— E banha! — exclamou seu amigo Ali.

— E sapatos! — gritou a pequena Marili, que não tinha mãos. — Vou dizer à tia Olga, e nós lá no Lar também vamos juntar coisas.

— E café!

— E chocolate em pó!

— E chá!

— E biscoitos!

Agora todas gritavam ao mesmo tempo, muito excitadas, e Andréia pegou minha mão e colocou os óculos, embora não tivesse de ler nada.

Nos dias seguintes muitos alimentos e roupas quentes se empilharam na livraria. Telefonei à Cruz Vermelha e mandaram alguns homens buscá-los; disseram que toda a Alemanha agora juntava coisas para a Polônia, os pacotes seriam apanhados com grandes caminhões, e representantes da Cruz Vermelha e das igrejas cuidariam para que fossem parar nas mãos certas.

Um menininho chamado Tommy apareceu dizendo: — Meu pai manda dizer bom-dia, e que só vai mandar comida para a Polônia quando eles devolverem tudo o que tiraram dos pais dele.

Ficamos constrangidos, e as crianças muito nervosas, querendo saber o que a Polônia tirara dos avós do menino, e Tommy respondeu:

— Não sei. Perguntei ao meu pai e ele disse que sou muito pequeno para saber. Mas me mandou dizer que dele as crianças polonesas não vão ganhar coisa alguma.

A doação mais generosa veio do pai do pequeno Félix Rosen. Ele nos trouxe as coisas no seu carro e disse: — Meus avós foram mortos a pauladas pelos poloneses num pogrom. Mas que culpa têm essas crianças de hoje?

Durante duas semanas fizemos pacotes diariamente, tantas coisas tinham chegado, e todas as noites um carro da Cruz Vermelha vinha apanhar tudo, ou não teríamos mais lugar na livraria. Muitas

vezes era difícil movimentar-se entre as prateleiras, pois muitas pessoas que compravam livros e sabiam o que pretendíamos voltavam trazendo alimentos, suéteres ou cobertores quentes. E do Lar de Crianças Deficientes chegaram crianças de cadeira de rodas para verem o que seus pais tinham doado.

No Lar havia uma criança chamada Hermínia, com o apelido de Hermi, que sofria de freqüentes ataques epilépticos, e por isso usava sempre um capacete protetor. De todas as crianças, era ela quem tinha a letra mais bonita; por isso escreveu a carta que acompanharia as doações, e as outras a invejavam ardentemente por isso.

“Queridas crianças polonesas”, escreveu Hermi, “somos crianças de Hamburgo que queremos ajudar vocês, porque ouvimos contar como as coisas aí estão ruins. Desejamos que logo tudo fique bem outra vez. Meu nome é Hermi, e vou assinar primeiro, depois vão assinar todas as outras crianças que lhes estão mandando coisas.

Adeus! Hermi.” E trinta e três crianças escreveram seus nomes em várias folhas de papel. A lista de assinaturas era muito maior do que a carta. Tommy também pôde assinar, as crianças assim decidiram.

A carta foi com nossos pacotes e muitos outros para a sua longa viagem, e para as crianças poderem ver os grandes caminhões, eles passaram diante do Lar e da nossa livraria. Os motoristas acenaram e as crianças também, até os caminhões sumirem na esquina.

Patty estava parada encostada em mim, Hernin ao seu lado, quando ela disse:

— Tio Peter, nós aqui estamos tão bem e as crianças polonesas tão mal. Por quê?

Não pude explicar isso a Patty, nem Hernin pôde.

— Tio Peter, se as coisas na Polônia estão tão ruins, por que simplesmente não vai todo mundo para o estrangeiro? — perguntou Patty.

E mais uma vez não obtive resposta.

10

O telefonema foi em 16 de setembro, um dia de tempestade. Eu estava com o Apre Robert Stark na parte de cima da loja, e o sr. Langenau estava lá embaixo com as crianças. O telefone ficava no Cat's Corner. Lá fora o vento zunia e assobiava. Depois de desligar, Andréia me chamou e disse que havia falado com sua mãe.

— Péssimas notícias, Gato. Meu pai. Foi levado agora mesmo para o hospital. Está na UTI.

— UTI?

— Sim. No começo não sabiam o que havia com ele, mas depois o examinaram e viram que está com a pressão vinte e cinco; não sei o que é isso, mas deve ser altíssima. E disseram que meu pai tem diabetes, o que não se sabia.

— Que horror.

— Minha mãe está totalmente confusa, você pode imaginar.

Tenho de ir para Frankfurt o mais depressa possível, até dizerem que meu pai está melhorando. Ele não vai morrer, vai?

— Claro que não, Esquilinha — disse eu. Era quase uma pergunta. — Langenau, Stark e eu daremos um jeito aqui na livraria.

— Mas talvez eu tenha de ficar mais tempo em Frankfurt — disse ela. — Uma semana? Dez dias? Quem sabe? Não posso deixar mamãe sozinha enquanto houver perigo. Você não tem pais?

— Não — disse eu, e desta vez não estava mentindo.

— Você já me disse. Estou tão confusa...

Sentime muito infeliz com a idéia de viver sem Andréia.

Especialmente as noites seriam tristes, pensei, sozinho em nossa cama. Fui com ela para casa, ajudei-a a fazer a mala e telefonei para

a Lufthansa. Havia lugar ainda no avião das 19h05min. Levei Andréia ao aeroporto, mas chegamos cedo e nos sentamos no bar.

Quando o barman veio, lembrei-me de que Andréia não devia beber álcool agora que estava grávida, e pedi duas laranjadas. Enquanto ficamos ali sentados esperando, Andréia chorou um pouco, temendo pela vida do pai.

— Vamos telefonar todos os dias, à noite; aí estarei sempre em casa de minha mãe — disse ela. — De dia deverei estar no hospital.

Se acontecer alguma coisa urgente, telefonarei para a livraria. — Ela me dera o telefone da mãe em Frankfurt, e também do hospital onde seu pai estava internado. Ele tinha sessenta e seis anos, portanto só um mais que Hernin.

— Não faça essa cara, Gato — disse Andréia. — Assim meu coração fica mais pesado ainda.

— Não estou com cara nenhuma — disse eu. — É só... você sabe...

— Claro que sei — disse ela. — Acha que não sinto a mesma coisa? Mas, com meu pai tão doente...

— Espero que ele melhore bem depressa — disse eu.

— Sim, também espero. Bom Deus, proteja-o, amém.

A tempestade estava muito mais forte do que à tarde. Seus gemidos nas chaminés, seus puxões nas telhas e zincos, placas e venezianas se ouviam por toda parte. No caminho do aeroporto tínhamos visto como ela obrigava as grandes árvores a se curvarem profundamente, a ponto de quebrarem muitos galhos. Lá no bar silencioso ouvíamos a tempestade uivar alto.

— Não se preocupe — disse Andréia. — São só os primeiros e últimos minutos, o resto do tempo voamos por cima da tempestade e das nuvens.

— Minha linda Esquilinha corajosa — disse eu.

— Langenau disse que vai rezar um terço por meu pai — disse ela. — Não é bondade dele?

— Muita — disse eu. — Langenau e você acreditam em Deus, para vocês é mais fácil.

Tentei dissuadi-la de pensar o tempo todo no pai enfermo, e consegui.

— Sabe — disse ela —, as grandes religiões são certamente a melhor coisa que o homem criou, mas todas as religiões são malbaratadas pelos homens. Acredito em Deus como Langenau, só que não demonstro. Acho que não é da conta de ninguém. Da sua, naturalmente, sim. Tudo que é meu é da sua conta, meu Gato. E por que você não acredita Nele?

— Não posso mais, desde a guerra, dos campos de concentração e dos cinqüenta milhões que morreram na guerra. Podem me dizer o que quiserem, mas um Deus que permite isso não pode impedi-lo ou não quer. Num dos casos é um pobre idiota, no outro, um criminoso.

— O que você disse é muito grave.

— Eu sei. Mas sou assim.

— Não creia Nele se não consegue, mas não O insulte, por favor — disse Andréia. — Também não podemos impedir muitas coisas ruins, e nem por isso somos idiotas ou criminosos.

— Mas Ele sim — disse eu. — É onipotente, não é? Vi muitos filmes e fotos dos campos de concentração, e depois da guerra estive em Auschwitz e Buchenwald. Vi os fornos. Simplesmente não posso mais crer Nele, Esquilinha. Não pense que eu não gostaria, mas não dá. Só aqueles fornos já bastaram.

— Entendo — disse ela.

— Não vamos mais falar Nele — disse eu, e pensei no quanto amava Andréia, e sua nuca, e as linhas macias onde seu cabelo caía.

— Mas se casarmos no religioso, querido, nosso filho será batizado na Igreja católica.

— Claro — disse eu.

— Também acho melhor. É a religião com maior número de adeptos, quero dizer, entre as cristãs. Se nosso filho for da mesma religião que tanta gente, talvez não lhe aconteça nada parecido com o que aconteceu aos pobres judeus.

— Vamos beber laranja à saúde de nosso filho católico — disse eu.

— Não — disse ela. — Eu queria beber um uísque bem grande à saúde dele, porque posso lhe dizer agora, sempre tenho grande medo nos primeiros minutos depois da decolagem e nos últimos antes da aterrissagem.

— Mas com um tempo desses o piloto sempre faz o aparelho subir bem na vertical.

— Cerveja — disse ela. — O Dr. Kahler disse que devo beber muita cerveja, Gatão. Cerveja dá leite. Cerveja eu posso beber.

— Mas não depois da laranja — disse eu.

Nisso chamaram o vôo de Andréia. Levei-a até a entrada e vi a tempestade solta lá fora no campo. Segundo a superstição dela, não nos despedimos; ela simplesmente desapareceu. Pensei que naquela noite ia me embebedar, e a tempestade quase me derrubou quando fui até nosso velho Volkswagen. Até dirigir era difícil por causa da tempestade.

Havia poucas pessoas nas ruas, e sempre se viam telhas caídas ou arrancadas ou galhos quebrados, e ouvi as sirenes dos bombeiros. De repente tive muito medo de que Deus pudesse se vingar em Andréia por causa das coisas terríveis que eu dissera Dele, e falei alto com Ele, aquele em quem não acreditava, e disse: me mate, faça o que quiser, mas não faça mal a Andréia, não a deixe pagar por mim, por favor. Não deixe que nada de mal lhe aconteça, e se for preciso, que aconteça comigo, por favor.

Cheguei à nossa casa na Alsterdorfer Strasse, e vi que havia alguém comprimindo-se no canto da entrada. Parei o carro, apaguei

os faróis, e desci. A tempestade quase me derrubou novamente.

Então vi meu velho amigo Jean Balmoral esperando ali, e de repente soube que algo de terrível estava por me acontecer. Eu não podia dizer como, mas simplesmente sabia.

11

— Jean! — Eu tinha de gritar por causa da tempestade.

— Bon soir, Charles! — gritou ele, e corrigiu-se: — Bon soir, Peter. — Como ele não soubesse alemão, falamos em francês.

— O que foi? Está esperando há tempo?

— Uma hora. Do hotel telefonei à livraria, e soube que você tinha levado sua namorada ao aeroporto. Então está sozinho.

— Mas uma hora...

— Eu não sabia a hora da partida. Não faz mal. Agora você já chegou.

— Aconteceu alguma coisa? — Tínhamos de gritar contra a tempestade.

— Sim. Mas não podemos entrar no apartamento? Eu lhe contarei tudo.

Abri a porta da casa, e subimos os altos degraus ao segundo andar. Também no apartamento a tempestade choramingava, gania, assobiava e uivava. As cortinas moviam-se com o vento. Balmoral atravessou o quarto.

— Bonito, aqui. — Sentou-se na sala, numa poltrona funda.

Jean tinha aspecto ruim, pálido e doentio. Assustei-me quando o vi na luz.

— O que quer beber?

— Nada. Talvez mais tarde. Sente-se!

Sentei-me.

— Então, o que foi? — perguntei.

Ele apertou as pontas dos dedos umas nas outras. Sua voz estava embargada, os olhos inquietos.

— Tive grande azar, meu velho. Quis ajudar um amigo, que é louco por cavalos. Perdeu um monte de dinheiro, e apostara com dinheiro do banco onde trabalhava. Tinha de devolver. Eu mesmo estava meio mal, mas ele estava ameaçado de prisão, portanto, lhe emprestei dinheiro... dinheiro de clientes meus. Ele jurou que me devolveria em tempo. Merda. Correu de volta ao hipódromo e perdeu tudo. Agora, ele se matou, e estou sem dinheiro. Meu cliente chega da América nos próximos dias, e se eu não tiver o dinheiro estou liquidado. Escândalo, licença cassada, não preciso dizer mais nada.

— Não, não precisa — disse eu lentamente.

Olhei para ele, que desviou o olhar. E a tempestade assobiava e gemia. Em algum lugar uma janela batia no vento, fazendo um enorme barulho, mas era como se fôssemos às duas únicas pessoas no mundo.

— Charles, você é meu amigo — agora ele tinha lágrimas nos olhos, o filho da puta. — Há quanto tempo nos conhecemos? Quanta coisa você já fez por mim? Deus sabe que estou envergonhado, tão envergonhado... mas você é minha última salvação, depois de você não tenho mais ninguém.

— Quanto? — perguntei, e minha voz soava estranha.

— Quatrocentos mil marcos. São bem mais de oitocentos mil francos. Preciso de oitocentos e cinqüenta mil, imediatamente. Você pode ir amanhã lá, assim que o banco abrir, e retirar a quantia? Por favor, Charles, e me perdoe.

Eu não dizia nada.

— Você vai me ajudar?

— E sua conta bancária na Suíça?

Ele deu um riso cavo:

— Seis mil francos, nada mais. Tive tanto azar nos últimos tempos. Um azar horrível.

— E por que não telefonou de Paris?

— Eu queria ver você quando lhe falasse, e levar logo o dinheiro.

Pelo telefone não teria tido chance. Por isso vim de avião. Cheguei esta tarde. Telefonei do hotel para a livraria, e me disseram que você tinha...

— Você já disse. O que teria feito se Andréia estivesse aqui?

— Teria pedido para falar com você a sós. Não o teria traído, meu Deus, Charles, não sou nenhum chantagista!

— Ah, sim. Então foi bom ter visto você. Vou chamar um táxi.

Você vai conseguir dinheiro por aí.

— Não! — Ele saltara da poltrona. — Isso não é possível. Você tem de me dar o dinheiro. É o único que pode fazer isso. Trata-se da minha vida, Charles.

— Sinto muito.

— Muito bem — disse ele —, então, se não me der o dinheiro amanhã de manhã, vou rebentar com você. Aqui na polícia. Mas aí a sua vida estará arruinada.

— Mas você não é um chantagista — disse eu, porém ele não respondeu, apenas começou a chorar. Foi o mais nojento na história toda, sabe, meu bem. Ele não era um chantagista profissional. Eu teria preferido um profissional àquele homem. Eu realmente o conhecia há bastante tempo, e sabia que estava dizendo a verdade. E o que mais me enojava era que ele não era um canalha sem-vergonha.

Também me levantei. Ele recuou imediatamente e disse depressa:

— Deixei uma carta fechada com um colega. Se eu desaparecer de repente ou morrer de maneira inesperada, ele vai abrir a carta. E

lá está escrito que você é meu assassino... e está o seu novo nome, o seu endereço e uma descrição exata da sua aparência atual. A carta irá imediatamente para a polícia. Portanto, Charles, não me toque!

Estou avisando! Estou desesperado, não garanto por mim.

E a tempestade continuava uivando ao redor da casa, sacudindo as janelas e açoitando os galhos das velhas árvores no jardim, e estávamos sozinhos no meio daqueles gemidos e trovões, sussurros e pancadas.

— Então você deixou uma carta dessas — disse eu.

— Precisava me proteger. Não sei o que você vai fazer na sua raiva.

Era de enlouquecer: o porco não era um chantagista de verdade, era diletante, mas muito hábil. Porém sofria realmente com tudo aquilo.

— Agora eu gostaria de um gole — disse ele.

Servi conhaque em dois copos, muito conhaque. Dei um a ele, e bebemos. O conhaque ardia, e me aqueceu. Pensei amargurado que também estava aquecendo Balmoral.

— Falo sério — disse ele. — Se eu amanhã de manhã não receber o dinheiro... em notas de mil... vou denunciar você. — E então veio a coisa mais louca: — Você tem de me perdoar — disse ele. — Perdoa, Charles?

Não respondi.

— Charles, suplico que me perdoe e me entenda!

— Vá tomar no cu — disse eu, e fui para a cozinha. Ele me seguiu como um cão batido e ficou olhando em silêncio quando preparei presunto com ovos para mim.

— Você também quer? — perguntei.

— Se me der um pouco. Meu Deus, Charles, por que tenho de fazer isso com você! — Ele chorava outra vez.

— Pare de chorar! — disse eu. — Imediatamente, senão não ganha comida, seu canalha de merda. — Limpou as lágrimas com as costas da mão e deu mais alguns soluços. Depois ficamos sentados à mesa da cozinha comendo presunto com ovos e bebendo cerveja Pilsner. Ele tinha um apetite enorme, e tive de voltar ao fogão. Por sorte havia ovos bastantes em casa. A tempestade piorava cada vez mais. Eu comia e pensava que não tinha escolha. Por sorte, ele não pedia mais ainda. Só aquilo que realmente precisava. Sim, pensei, e se da próxima vez ele precisar de um milhão? Afastei meu prato pela metade.

— O que foi? — perguntou ele.

— Sem apetite.

— Então posso... — Devorou ainda aquilo que eu deixara. Um tesouro, o meu amigo Jean Balmoral. Bebi uma garrafa de cerveja e fiquei olhando enquanto ele comia. Depois fomos para a sala, e ele disse que ficaria na minha casa aquela noite, para eu não poder escapar, e eu lhe disse que era mais forte do que ele, e ele disse sim, mas havia aquela carta com seu colega. E o maldito temporal ainda uivava e me deixava incrivelmente nervoso; por isso, dei uma surra em Balmoral. Não o matei, apenas o soquei até ele cair no chão sem poder se levantar, sangrando pelo nariz e pela boca. No banheiro meti uma toalha na água, voltei e joguei-a para ele, que limpou o sangue e se levantou com dificuldade, manquitolando com a toalha até o banheiro. Quando voltou, disse: — Entendo você tão bem, Charles. — Nisso o telefone tocou, e eu lhe disse que calasse a boca, e fui atender. Era Andréia, que chegara bem em Frankfurt e já estava com a mãe.

— O vôo foi muito ruim? — perguntei.

— Só no começo e no fim, o resto do tempo voamos por cima das nuvens e ainda estava claro, o céu amarelo, verde e vermelho, foi lindo. Pobre Gatão, você está muito solitário?

— Muito — disse eu.

— O que está fazendo?

— Acabei de comer presunto com ovos.

— Gato, eu rezei no avião. Sempre rezo em aviões porque tenho medo de voar. Mas hoje rezei por meu pai, para que sobreviva, e depois rezei por você, para que não lhe aconteça nenhum mal e você tenha sorte, e alegrias, e nenhum aborrecimento. E você vai ver como dará certo.

— Sim — disse eu —, com certeza. — E vi Balmoral ali sentado, imóvel.

— Que uivos são esses na linha?

— Tempestade, aqui ainda temos tempestade.

— Sua voz soa tão triste. Também estou triste. Por causa de meu pai e porque estou longe de você. Saia de casa, Gato! Para um cinema ou um bar, onde haja gente.

— Não quero.

— Ah, meu Gato, eu te amo tanto. Durma bem.

— Você também — disse eu. — Cumprimente sua mãe. Boa-noite! — Desliguei e disse a Balmoral: — Vou para a cama. Pode deitar aqui no sofá.

— Não vou pregar um olho — disse ele. — Tenho de cuidar para você não me matar.

— Pois então cuide — disse eu.

— Tomei Pervitin — disse ele. — Não preciso dormir.

— Seu cachorro de merda, miserável.

Sentime nauseado de raiva e impotência. Tomei banho e atravessei novamente a sala, de pijama. Lá estava ele sentado, pálido e infeliz, e fui para a cama. Adormeci imediatamente, mas duas horas depois acordei com a maldita tempestade, e não

consegui mais dormir. Levantei-me e fui ao quarto onde havia uma cadeira de balanço. Ao lado, na sala, Balmoral estava sentado fumando. Sentei-me na cadeira, balancei-me e olhei a tempestade atacando as velhas árvores, baixando suas copas e fazendo voar os galhos. E pensei que Andréia teria gostado de ser árvore, mas que também assim passaria por maus bocados, teria de sofrer muito e defender-se. Teria ficado ferida em corpo e alma como aquela árvore da qual, depois da meia-noite, se quebrou um grande galho, com um ruído horrivelmente triste. A tempestade varrera as nuvens, o céu agora estava limpo, e na luz prateada da lua vi o galho jazendo no jardim, e o lugar claro no tronco, onde ele se quebrara. Virei-me e encarei o quadro memento-mori. Eu ainda estava sentado ali na cadeira de balanço quando o céu ficou cinzento e depois sempre mais claro, e fiquei muito impressionado com todas as cores nele, antes de se tornar de um azul radiante, e o sol nascer. A ventania continuava.

12

Fui ao banheiro, lavei-me, fiz a barba e me vesti. Quando passei pela sala, Balmoral estava deitado no divã roncando. Apesar do Pervitin! Estava deitado de costas, as mãos cruzadas no peito, boca aberta. Seria bem fácil matá-lo agora, mas de que teria adiantado, com aquela carta no advogado? Portanto, apliquei-lhe duas bofetadas; ele se levantou sobressaltado e gritou: — Não! Não! — Depois olhou para mim e deu uma risada tola. — Alguém me logrou — disse. — O que ele me vendeu não era Pervitin.

Você dormiu bem? — Aquilo era demais. Bati-lhe mais uma vez na cara, mas desta vez com o punho cerrado, e ele não devolveu o golpe, e disse com voz sufocada:

— Fazer uma coisa dessas com meu melhor amigo! Eu sou um porco.

Fui para a cozinha e fiz café para nós. Mais tarde ficamos sentados um diante do outro sem dizer nada, e esperei as oito e meia, telefonei ao meu banco e pedi que separassem quatrocentos mil marcos para mim, em notas de mil. Disseram que em uma hora eu podia passar e pegar o dinheiro.

Pouco depois das nove telefonei à livraria e Langenau atendeu.

— Fala Kent. Tenho visita do estrangeiro e não irei à loja esta manhã. Vou vê-lo no hotel, portanto não estarei em casa.

— Tudo bem, sr. Kent — disse Langenau. — Essa tempestade horrível também o deixou tão atacado?

— Sim, muito.

— Tenho uma dor de cabeça terrível desde ontem, e esta noite nem dormi.

— Nem eu. Tome um remédio contra dor.

— Já tomei, não adianta. Até logo, sr. Kent. Fique com Deus.

Procurei uma maleta na qual queria levar o dinheiro, e vesti um sobretudo, porque esfriara com a tempestade. Depois chamei um táxi.

Balmoral disse:

— São nove e quinze. Se você não estiver aqui no máximo às onze, vou à polícia denunciar você. — E chorou novamente, tanto sentia por isso.

Quando saí de casa o táxi já estava esperando. O motorista falou durante todo o trajeto, falava sozinho, e parecia estar brigando consigo mesmo, pois falava asperamente. A tempestade deixava todo mundo meio maluco.

Quando desci do carro na Jungfernstieg, diante do Banco, vi muitas gaiivotas. Estavam pousadas debaixo das pranchas de atracamento da Esquadra Branca, para se protegerem da ventania.

Alguns navios amarrados no cais balançavam perto da margem. Não havia navios no Alster, a água estava muito revolta, com cristas de espuma branca... na França chamavam-nas ovelhinhas.

Paguei o motorista e lutei com a mala, firmando-me contra a tempestade, para chegar à entrada do Banco. Lá havia muito movimento, mas o encarregado de minha conta reconheceu-me imediatamente. Apontou para uma cabine que só se abria por dentro, e depois que eu atravessara a grande sala, ele abriu a cabine por dentro e me cumprimentou. Vi que na mesa havia dinheiro preparado para mim. Tive de assinar dois recibos, e depois o sr. Vormweg — nome do meu caixa — me ajudou a meter o dinheiro na mala. A mala era do tamanho exato.

Ele perguntou pela minha saúde, e eu disse que estava bem.

Contou-me que sua filha fizera exames para a Faculdade de Farmácia, e eu o congratulei. Abriu a porta outra vez, deixou-me sair para o vestíbulo, e acenou quando saí. Devolvi-lhe o aceno e ele fechou a porta.

Nesse momento, tive o ataque.

13

Caí, e minha mala voou no chão. Procurei o remédio forte, à base de nitro, achei o frasquinho, abri-o e tirei uma cápsula, que mordi. A dor, como sempre, era quase insuportável. O torno e a vara de ferro estavam ali. Eu arquejava e gemia de dor, e sufocava.

Lembra-se do ataque de Viena, meu bem? Esse era bem parecido, embora não tão terrível. Quando caí no chão, gemendo, algumas mulheres gritaram, e agora reinava pânico no grande saguão das caixas. O sr. Vormweg, com quem eu acabara de falar, ajoelhou-se ao meu lado, afrouxou minha gravata e falou comigo, mas não entendi o que ele dizia. Muitas pessoas debruçavam-se sobre mim, havia grande zoeira nos meus ouvidos, eram vozes, junto com o reboar da tempestade. Mordi outra cápsula. Mãos estendiam-se para me ajudar, mas ninguém podia fazer nada, por isso dei pontapés, e alguns funcionários do Banco afastaram as pessoas. O chão do saguão era de grandes pedras de mármore quadradas, brancas e negras, e nesse imenso tabuleiro de xadrez eu estava deitado, num quadrado preto, todo encolhido, arquejando, gemendo e gritando não sei quanto tempo. De repente escutei, desfeito pela tempestade, o ruído de uma sirene, cada vez mais alto, depois silenciando. Logo chegaram dois homens em uniforme de enfermeiros e um terceiro com avental branco. Este trazia uma maleta de médico; alguém chamara o médico.

Este, um homem jovem, ajoelhou-se ao meu lado, e antes que dissesse qualquer coisa, gaguejei com dificuldade: — Angina pectoris... tenho de vez em quando... já tomei as cápsulas... logo vai... passar... — E então a dor me arrebatou de novo, e pensei que ia morrer dessa vez. Gritava alto de dor. O médico falava comigo e eu não compreendia nada. Só vi que abria a maleta e tive novamente forças para falar: — Não... não... não...

— Mas quero ajudar.

— Eu lhe pro...íbo! Não toque... em mim... sabe que não po... não pode tocar em mim se eu não permi...to. — Tudo se diluía em manchas coloridas diante de meus olhos: ponto verde, mancha azul, nuvem cinza, trave vermelha, vermelho, vermelho, vermelho. Agora tudo preto, neve caindo, preta. E a vara de ferro no meu peito.

Eu tinha de ir para casa! Balmoral estava esperando. Ele não podia saber do meu ataque. Desta vez, com meus documentos novos, eu poderia permitir que o médico me ajudasse, me tratasse e até me pusesse num hospital, mas às onze Balmoral iria procurar a polícia.

Vi o médico falar com o sr. Vormweg e o gerente do Banco, e um deles apontou para a maleta ao meu lado. Provavelmente lhe explicavam que eu acabava de tirar dinheiro para um negócio particular, pessoal, pois pedira notas usadas. O imposto, não é? E sabe Deus o que diziam ao médico. Para meu infinito alívio senti a dor cedendo. O médico também o notou imediatamente.

— Melhor, não?

Fiz que sim.

— E está com um pouco de cor no rosto. Quando cheguei estava cinzento, os lábios roxos. Espere mais uns minutos, depois pode se levantar.

As pessoas me fitavam com ar de espanto, até repulsa... como a um inseto nojento. Eu as assustara muito. Tentei me refazer, e consegui com esforço.

— Não lhe farei nada — disse o jovem médico. — Sei que não devo tocá-lo, seja quais forem seus motivos... Mas não pode sair correndo por aí sozinho com a maleta... Não quer que ao menos o levemos para casa?

— Sim — disse eu. — Sim, doutor, é muita gentileza sua.

Os dois enfermeiros saíram depressa e trouxeram logo uma maca, na qual me levaram dali. O jovem médico pegou a maleta. O

sr. Vormweg e o gerente ainda apertaram minha mão, e uma velha fez um sinal da cruz na minha testa.

Depois fiquei deitado no grande carro vermelho, e seguimos para a Alsterdorfer Strasse. A ventania uivava em torno do veículo.

Quando chegamos eu estava fraco demais para subir escadas, e eles me levaram ao segundo andar. Apontei para a porta do apartamento e o médico tocou a campainha.

Balmoral perguntou em francês, atrás da porta fechada: — Quem é?

— Sou eu — respondi —, abra, Jean. — Ele abriu a porta e assustou-se vendo-me na maca com aqueles três homens.

— Meu Deus, o que aconteceu?

— Ataque de coração.

— Santo Deus, onde?

— No Banco Hansa — disse o jovem médico, que falava bem o francês. — Monsieur proibiu-me de ajudar, só pudemos trazê-lo para casa. Ele diz que tem esses ataques com freqüência.

— Sim, é verdade — disse Balmoral, que se controlara. — Graças a Deus sempre passam depressa. Entrem, senhores! — Ele entrou na sala e apontou para o divã. — Ponham monsieur ali...

Os carregadores da maca entenderam.

— Pode ficar tranqüilo, doutor — disse Balmoral. — Agora ele ficará melhor. Cuidarei dele. Estou de visita e não falo alemão. Meu amigo é alemão, o senhor sabe.

— Sim, entendo — disse o médico, dirigindo-se a mim. — O senhor tem alguma previdência médica?

— Não.

— Mandaremos a conta pelo correio. Em nome de quem?

— Kent — disse eu. — Peter Kent.

Então lembrei-me de que a conta poderia cair nas mãos de Andréia, e paguei logo. Mais tarde fiz o recibo sumir no banheiro.

O médico apertou minha mão e desejou-me boa sorte. Depois foi embora com os dois enfermeiros.

Balmoral me fitou e disse:

— Meu pobre amigo. — E já abria a mala que o médico deixara, remexendo as notas. — Obrigado, você salvou minha vida. Serei eternamente devedor. Nunca poderei compensar você pelo que lhe fiz.

— Jean.

— Sim, Charles.

— Desapareça, seu cachorro sujo! Não posso mais ver seu focinho. — Ele começou a chorar novamente, pegou a maleta e saiu soluçando.

Ouvi a porta do apartamento fechar-se atrás dele.

Balmoral fora embora.

E com ele, quatrocentos mil marcos.

14

A ventania continuava enlouquecida lá fora.

Quando me levantei depois de uma hora, notei que ainda estava com as pernas muito bambas, e a cabeça doía. Na cozinha abri uma lata de sopa de tartaruga e aqueci-a. Continuava muito abalado e fraco, e teria gostado de ficar na cama, mas tive medo de que Langenau se inquietasse e viesse me procurar, e depois também Andréia certamente saberia do meu estado. Portanto, dominei-me ao máximo e à tarde fui à livraria, onde brinquei com as crianças e cuidei das que faziam suas lições.

As crianças perguntavam pela tia Andréia. Langenau lhes contara que ela tivera de viajar porque seu pai estava doente. Agora naturalmente queriam saber o que ele tinha e quanto tempo ela ficaria fora, e eu disse que o pai de Andréia estava no hospital, e que não se sabia ao certo quando voltaria.

Um menininho entrou no subsolo e disse-me: — Quero o livro O que Nostradamus realmente disse.

— Olhe aqui — disse eu —, quantos anos você tem?

— Nove, mas em dezembro faço dez.

— Isso não é livro para crianças — disse eu.

— Eu sei — disse ele. — Lá tem coisas como por exemplo quando vai ser a próxima guerra e quem vai morrer e quando será o fim do mundo. E tudo sobre as grandes catástrofes.

— Como sabe disso?

— Todo mundo fala de Nostradamus. Meus pais também. Estão sempre com o livro, mas não me deixam ver. Escondem o Nostradamus como seus livros de sexo. Economizei da minha mesada, e agora quero comprá-lo.

— Espere um pouco — disse eu, pois queria pedir conselho a Langenau. Como sempre em épocas de crise, o ocultismo entrava em moda, esperanças de salvação, e, por medo, crescia o anseio do fim.

O livro que o pequeno queria era de um francês que traduzira do latim as profecias do vidente e médico Nostradamus. Tudo o que esse médico dissera tinha até agora dado certo de uma maneira espantosa. Mas, na verdade, só olhando como um retrospecto! O futuro só nos reservava coisas ruins: o Anticristo viria da Rússia, constelações de estrelas destruiriam a Terra, mais uma vez aproximava-se a última hora da humanidade.

Langenau achava que não se devia vender o livro ao pequeno, e disselhe:

— Você é pequeno demais para isso, entende?

— Não — disse o pequeno. — Tenho idade bastante para lutar com todos os adultos quando vierem os foguetes atômicos. Então certamente posso me informar do que está por acontecer.

— Por que quer tanto saber? — perguntei.

— Apostei com um amigo — disse ele. — Ele diz que Nostradamus escreveu que em 1999 virá o Rei do Terror, e depois o fim. Mas ouvi dizer que ele escreveu que isso já seria em 1986.

Aquele que tiver a data errada terá de dar cinco autógrafos de primeira — nós dois colecionamos autógrafos. Jogadores de futebol e outras personalidades famosas. Cada um de nós precisa ainda de cinco da Seleção Nacional, que o outro tem. Vale uma nota, uma coleção completa dessas. Especialmente para fazer novas trocas. O mais valioso são os mortos. Desses não se pode conseguir mais. Não imagina o que eu ganharia pelo meu Humphrey Bogart! Mas esse não dou não, me custou demais. Dez Bjorn Börgs. Agora sabe por que preciso do Nostradamus. Acha que se não fosse isso eu pagaria tanto por um livro?

— Bom, mas nós não o venderemos — disse Langenau.

— Droga de bodega vocês têm aqui — disse o pequeno. — Então vou no Braun, na Ostrestrasse. — Subiu a escada, virou-se lá em cima, e disse: — E ainda por cima são maus negociantes. Vou contar em toda parte que vocês não vendem os livros mais importantes porque decerto não os têm.

— Bom-dia — disse o papagaio.

Langenau ficou no porão e eu subi para a loja onde o Apre Robert Stark estava atendendo. Ainda nem lhe falei nesse estagiário, meu bem. Era um homem moço e tranqüilo, com vinte e dois anos, cabeleira loura e um rosto amável mas sempre sério. Era muito trabalhador, e simpático. Adorava sua profissão. Tinha aparência excelente, a gente imaginava que todas as moças correriam atrás dele, mas ele nunca ia apanhar nenhuma, nem telefonava, e à noite sempre ia sozinho para casa. Eu gostava tanto dele que há muito decidira me aproximar mais dele, mas por estar apaixonado, até ali eu só tivera tempo para Andréia.

Naquela tarde havia muito trabalho na livraria. Eu aprendera o serviço com extraordinária rapidez. Naturalmente não sabia muitas coisas que Andréia, Robert Stark e Langenau sabiam, mas eu lia muito e podia aconselhar as pessoas, e era bom vendedor.

Nisso chegaram o sr. e a sra. Reder. Eu os conhecia porque tinha encomendado uma grande obra ilustrada em dois volumes, que aparecera há vinte anos e que conseguimos para eles na editora... o último exemplar. Os livros de figuras chamavam-se Ascensão do Nada, era a história da reconstrução alemã do ponto zero.

— Seus livros chegaram — disse eu depois de cumprimentar os dois, e tirei os volumes de uma prateleira. Os dois folhearam os grandes livros, falando baixinho entre si. Às vezes apontavam para uma fotografia e balançavam as cabeças. Os dois estavam no fim dos sessenta, gente calma e pacífica.

— Estou muito contente por o senhor ter conseguido os volumes — disse por fim o sr. Reder, e empurrou-os em minha direção.

Os livros não eram baratos, e pensei que certamente o sr. Reder teria uma boa pensão de aposentadoria.

— Amigos nos falaram dessa documentação — disse ele, quando comecei a embrulhar os livros. E apontou para eles: — Foi no nosso tempo, foram os nossos anos, hein, mãe?

— Sim, Emil — disse a mulher.

— E agora estamos comprando os livros com medo de que tudo isso seja esquecido — disse o sr. Reder.

Fitei-o, espantado.

— Nossa geração realmente reconstruiu esse país do nada! — disse ele. — Nossa vida se foi, com isso. Como trabalhamos duro, como sofremos para sair da sujeira. E conseguimos! Há vinte anos este não era o país, que todo mundo olhava com admiração?

— Certo — disse eu.

— E para que fizemos tudo isso? — perguntou o sr. Reder. — Para nós e nossos filhos, sim, os filhos. — A voz do suave sr. Reder ficou mais alta. — Eles eram adultos e foram embora quando por fim o milagre aconteceu. Casaram e tiveram belos apartamentos, sempre carros novos, dinheiro no banco, nada de preocupações. Viajaram por aí, todo ano para longe, África, Ásia, sei eu aonde mais. Tiveram muito pouco tempo para nós — naquela época e agora também, quando já têm seus próprios filhos, grandes. Que geração é esta, sr.

Kent?

— Sim, que geração! — disse o sra. Reder.

Terminei de embrulhar os dois volumes, e o sr. Reder pagou, enquanto continuava falando.

— São choramingões e preguiçosos. A gente fica contente quando ao menos não são trapaceiros e cobiçosos. E que aparência!

Nossos netos nem falam conosco! Só nos desprezam, e aos pais.

Como sofrem esses pobres pais, sr. Kent! São dois rapazinhos, e o que fazem? Esquivam-se do trabalho sempre que podem, choramingam dia e noite. A gente já nem pode mais escutar. Estão “se matando”, são “frustrados” e escrevem com spray nas paredes: “no future”. É, meu jovem — voltou-se para Robert Stark —, não precisa me olhar assim, é tudo verdade! Naturalmente há outros, você, por exemplo, com o cabelo cortado decentemente e trabalhando, mas você é a minoria, acredite. Seus pais devem se sentir muito felizes por terem um filho assim.

— É verdade — disse a sra. Reder.

O sr. Reder estava ofegante, e exclamou: — Naquela época, quando a maldita guerra enfim acabou, e o maldito tempo de Hitler, imagine se nos tivéssemos portado como essa gente de hoje!

— Seu coração — lembrou a sra. Reder —, pense no seu coração, Emil!

— Ora, meu coração! — exclamou ele. — Aquilo que eles não conseguiram destruir em Bonn, a juventude de hoje conseguirá! Eu disse que estávamos comprando esses livros com medo de que tudo fosse esquecido, de que tudo fosse para o buraco. Os russos não vão nos atacar. O que eles poderiam fazer a juventude de hoje já está fazendo; vão conseguir isso em Bonn!

— Emil — disse a sra. Reder. — Emil, por favor!

— Tudo bem, mãe. Sr. Kent, o senhor é mais moço, e você ainda é quase um menino, sr....

— Stark.

— Sr. Stark. Eu só queria dizer: a nossa geração ainda está viva!

Agora vemos por que trabalhamos duro. Isso nos dá um ódio frio, é verdade... Já experimentamos uma vez aonde leva tudo isso, e por esse motivo temos tanto medo. Queremos olhar as fotografias desses documentários aí para nos lembrarmos de como era quando não tínhamos medo, quando ainda não nos consideravam velhos esclerosados e incapacitados imbecis. Desculpem, falei demais.

Obrigado, passem bem, tudo de bom para os dois... — E se foi com sua Mãe. Davam passos curtos, as costas curvadas.

Ficamos olhando para eles.

— Pensei que as pessoas só tivessem medo da guerra — disse eu.

— Ora, sr. Kent — disse Robert Stark —, o senhor nem imagina de quantas coisas as pessoas têm medo. Hoje em dia há tantos tipos de medo...

Novos clientes entraram na loja. Eu disse a Robert Stark que tínhamos de continuar nossa conversa e nos conhecer melhor, e ele concordou.

Minha cabeça doía das cápsulas de nitro, por isso chamei o sr. Langenau para cima, disse que não me sentia muito bem, que ele me representasse ali. Sentei-me no Cat's Corner e pensei no sr. e sra. Reder. Tinha um gosto ruim na boca e preparei um uísque puro com gelo, que bebi em pequenos goles, e pensei no meu bom amigo Balmoral; sabia que devia refletir muito sobre ele, mas ainda não estava em condições para isso, tão pouco tempo depois do ataque.

Por fim desci ao subsolo.

Verifiquei se as crianças faziam as lições e Félix, com seus olhos tristes, me levou para um canto e disse baixinho: — Estão indo muito bem, mesmo os que tinham notas ruins.

Mais um mês e terei feito deles só alunos nota dez, tio Peter. — E o menino de cabelos louros chamado Harry ouviu isso e me disse: — Félix disse que é judeu. Todos também queríamos ser judeus.

— Por quê?

— Porque então saberíamos jogar pingue-pongue tão bem quanto ele, que ganha de todo mundo!

Félix disse:

— Não é isso. Apenas tenho mais sorte, é tudo.

Agora tínhamos dois coelhos, e breve teríamos um monte deles.

Por isso algumas crianças construíram uma gaiola nova e grande, e um menininho me disse:

— Vai ter um coelhinho católico por causa do tio Conrad. O hamster sempre foi católico por causa da tia Andréia. Quando os coelhos tiverem uma porção de crianças, e minha mãe disse que sempre têm uma porção de uma vez só, um será evangélico para Patty, um maometano para o Ali e seus amigos, e um judeu para o Félix. E você o que é, tio Peter?

— Eu não sou nada.

— Então, se tiver um coelhinho sobrando, ele não vai ser nada, para você, tio Peter — disse o menininho. — E se desta vez não der, vai dar na outra. Ah, o Apre também é evangélico, vamos batizar um para ele também, depois precisamos de um totox para o Panos.

Gregos são totox, não são?

— Quem vai batizar os coelhos? — perguntei.

— Todos nós — disse o pequeno. — Já estamos tão contentes.

Minha mãe disse que os coelhinhos têm filhos muito depressa.

Naquele dia Walter Hernin chegara cedo, pois levara o carro para a oficina, e por isso ouvira a história dos coelhinhos. Agora estava sentado na larga escada, Patty ao lado, acariciando sem parar o cabelo dela. E disse:

— Uma coisa dessas derruba a gente, sr. Kent. Quando se olha o resto do mundo, e depois... isto aqui.

— É tudo Andréia — disse eu. — Junto dela todas as pessoas realmente se tornam irmãs.

— É verdade — disse Hernin, com seu cabelo branco. — Ainda se lembra de nossa conversa aquela vez no táxi, quando o apanhei no aeroporto? Era dia do Congresso Eucarístico, e todos falavam em medo.

— Sim — respondi —, lembro-me muito bem do programa de rádio.

— Sempre penso nisso, sr. Kent. Na minha profissão a gente tem muito tempo para pensar. Escute: o que seria hoje se a primeira bomba atômica tivesse sido lançada sobre Berlim ou Dresden, em vez de Hiroxima e Nagasáqui? Quero dizer, a bomba atômica estava destinada à Alemanha, apenas não ficou pronta em tempo, certo?

— Sim, e daí?

— Entre os japoneses, esse povo estóico e altivo, ainda hoje irrompe um pânico nacional sempre que sabem que os submarinos americanos têm armas nucleares a bordo quando chegam numa base japonesa, ou que guardam esse tipo de armas numa base. Na República Federal da Alemanha há mais de seis mil foguetes nucleares. Está vendo, e o senhor perguntou como nós alemães conseguimos considerar suportável e até desejável um estado de coisas que no Japão teria como consequência uma crise nervosa coletiva?

— Mas é que nunca experimentamos uma explosão atômica.

— É mais profundo ainda, sr. Kent — disse ele. — Acho que a explicação é que nós alemães transferimos a fé em armas milagrosas do tempo dos nazistas para a época das armas nucleares. Essa fé sofreu uma decepção, de outro modo teríamos nas mãos um meio para deter as chamadas hordas asiáticas. Por fim uma arma que mantém a paz na Europa, porque é tão menos plausível que estoure quanto mais perigosa for... é assim no inconsciente dos alemães.

— Pode ser — disse eu, e pensei no que Robert Stark dissera.

Havia realmente vários tipos de medo nesse país.

— Já a fé nos milagres não é tão infantilmente ingênua como parece — prosseguiu Hernin. — É um produto do medo, como foi no último ano da Guerra a fé nas armas milagrosas, na Alemanha.

Naquele tempo ela devia atordoar a consciência do fim iminente. Mas também nos dois últimos decênios tornou-se um método refinado, com o qual as pessoas — especialmente nós, os alemães ameaçados — tentaram esquecer o verdadeiro perigo do armamento nuclear, negando-o, diminuindo-o, afastando-o da mente e iludindo-se a si próprios.

— Boa explicação — disse eu, e vi que Patty o cutucava.

De repente ele ficou embaraçado e remexeu-se no degrau.

— Que foi?

— Ora, nada — disse Hernin. — Só que... porque... bom, o senhor sabe... tenho tanta simpatia pelo senhor, já deve ter notado isso.

— Sim — disse eu. — Também simpatizo muito com o senhor.

— Então, vovô, vamos! — disse Patty.

— Bom, então... como sou mais velho... quero dizer... não podemos nos tratar por você?

— Mas claro — disse eu, e nos abraçamos e apertamos nossas mãos.

— Olá, Peter — disse Hernin.

— Olá, Walter — disse eu.

— Viva! — disse Patty, e alegre nos beijou.

15

— Boa-noite, Esquilinha amada — disse eu.

— Ah, meu Gatão!

— Como vai seu pai?

— Na mesma. Hoje já xinguei Deus porque não está ajudando.

— Mas ele está ajudando — disse eu. — Seu pai está na mesma.

Podia estar pior.

— Sim — disse ela. — É verdade. Estou muito deprimida, sabe?

— Amanhã seu pai certamente estará melhor — disse eu, querendo consolá-la de qualquer jeito. — Olhe, um dia e uma noite se passaram bem. Vou rezar.

— Você? Você não acredita em Deus.

— Não vou rezar para Ele.

— Mas para quem?

— Para o Nada! — disse eu. — Acredito no Nada. O Nada tem grande força. Muitas vezes rezei para o Nada, e ajudou.

— Ah, meu Gatão. Minha mãe lhe manda lembranças, ela acaba de sair do quarto. Meu Gatão, eu te amo tanto. Também amo muito meu pai. E minha mãe. Mas naturalmente de maneira diferente.

— É claro.

— Sempre que estou muito angustiada penso em você e no nosso amor, e tudo melhora.

— Seu pai ficará bom outra vez, tenho certeza — disse eu. O que mais poderia dizer?

— Você é fabuloso, simplesmente fabuloso. Obrigada.

— Cuide do nosso filho! — disse eu. — Beba cerveja!
— Você só quer desculpas para tomar também.
— Claro.
— Uísque?
— Sim — disse eu. — Uísque é para futuros papais.
— Mas fique em casa quando beber. Não saia à caça de gatinhas.
— Fico em casa — respondi. — Você pode telefonar a qualquer hora.
— Jamais faria uma coisa dessas, Gato!
— Esquilinha, tantas pessoas amam você, hoje vi isso — disse eu. — Mas eu te amo mais que todos.

Comi uma coisa leve, depois deitei-me na cama, tirando casaco e sapatos. Eu pegara soda e gelo na cozinha, e uma garrafa de uísque e um copo na sala. E tomei novamente o uísque com gosto de fumaça, bebia em pequenos goles, e fiquei refletindo. Estava tudo muito quieto, a tempestade serenara.

Pensei em Andréia e no muito que a amava. E depois pensei na criança por nascer, aquela criança que tínhamos desejado tanto.

Tudo era harmonioso e pacífico. Tudo transcorrera harmoniosa e pacificamente.

Até ontem.

Até chegar Balmoral.

Então ele deixara uma carta. Uma carta na qual explicava que no caso de seu desaparecimento súbito ou sua morte inesperada, eu era seu assassino e agora me chamava Peter Kent. Além disso, na carta constavam a minha aparência atual e meu endereço. Ele dissera, e eu acreditara. Naturalmente deixara essa carta com o colega, era por assim dizer o seu seguro de vida. Mas se realmente lhe acontecer alguma coisa, pensei, se for atropelado por um carro e o motorista fugir, ou se simplesmente tiver morte súbita, e então?

Então o advogado abrirá a carta e a entregará à polícia.

Preparei outro drinque e refleti: assim não podia continuar vivendo. Impossível. Alguma coisa podia acontecer a Balmoral, a qualquer dia. Cada dia tudo poderia acabar, e isso me deixava apavorado.

De repente recordei outra vez o Rei Ricardo de Shakespeare.

Talvez nunca mais me livrasse dele. "À noite as sombras lançavam mais pavores na alma de Ricardo do que o fariam dez mil guerreiros em armaduras de aço..."

Não, era preciso acabar com esse pavor. Acabar definitivamente.

Eu estava muito lúcido, embora tivesse tomado meia garrafa de uísque, e por fim reconheci a única saída.

Eu precisava dessa carta.

E Jean Balmoral precisava morrer.

*

Reli a última frase, meu bem, e fiquei muito assustado. E Jean Balmoral precisava morrer. Era exatamente o que eu pensava naquela ocasião. Exatamente isso me prometia libertação. Ainda hoje não consigo explicar aquela fria decisão de matar um ser humano, mesmo tanto tempo depois. Acaso o trabalho inescrupuloso como advogado de casos escandalosos me roubara a consciência? Acaso o assassinato me parecia o método mais simples e perfeito de conseguir segurança? Não sei. Eu sempre pensara conhecer a mim mesmo, integralmente. Ninguém se conhece, nem mesmo cinco por cento de sua natureza verdadeira. É como se o homem da luz e o homem da sombra estivessem reunidos em cada um de nós. Vítima de Balmoral, fiquei disposto a me tornar seu assassino. Pensando no que fiz, tenho horror de mim mesmo. Um grande escritor escreveu que o ser humano é um abismo.

16

Havia um trem com vagão-leito que saía de Hamburgo às 21h40min e chegava em Paris às 7h40min do dia seguinte. Com isso eu me adiantava bastante. Em quatro dias o pai de Andréia melhorou tanto que pôde sair da UTI e passar para um quarto normal. Ficaria mais algum tempo na clínica, pois estava fraco, e os médicos tinham de baixar o teor de açúcar no sangue e estabilizá-lo.

Ela estava muito feliz quando me disse que no dia seguinte poderia voltar para casa.

Eu progredira um pouco mais.

— Vou a Frankfurt apanhar você — disse eu ao telefone. — Quero conhecer seus pais... e não só na igreja.

— Ah, mas que bom. Mas não precisa vir, Gato, não precisa mesmo.

— Fique quieta, Esquilinha — disse eu. — Se vamos entrar no sagrado estado matrimonial, preciso conhecer seus pais primeiro, é assim que se faz.

— Eles são realmente muito simpáticos.

— Com uma filha dessas, devem ser.

— Ah, Gato, quando você vem?

— Preciso falar com Langenau, depois telefone.

Eu estava telefonando da livraria, de modo que pude dizer logo a Langenau que ia apanhar Andréia em Frankfurt.

Eu iria em um avião da manhã e voltaríamos em um outro da tarde.

— Ora, é maravilhoso, sr. Kent.

— Mas não poderei estar na livraria...

— Vamos dar um jeito na loja, não é, sr. Stark?

— Claro, sr. Kent, pode ir despreocupado — disse o Apre.

Telefonei outra vez para Andréia e disse que chegaria no dia seguinte, 22 de setembro, à tarde. Ainda não sabia em que avião viajaria.

— Então venha ao hospital — disse ela. — Minha mãe e eu estamos com meu pai. Ah, Gato, estou tão contente!

— Meu abraço, Esquilinha — disse eu, pensando que com um pouco de sorte já teria matado Balmoral quando visse Andréia outra vez.

Dias atrás eu já reservara uma passagem de vagão-leito numa agência de viagens da Alsterdorfer Strasse, não longe de nossa casa, porque de qualquer modo queria chegar logo em Paris. Quando fui apanhar a passagem tive de esperar, pois a moça estava ao telefone.

Foi uma longa espera. Depois que acabou de telefonar, ela se desculpou.

— Vou me casar na semana que vem, o senhor sabe, e há tanto o que fazer.

— Felicidades — disse eu.

— Obrigada — disse ela. — Muito amável. E ainda tenho muito o que fazer aqui, arrumar a mesa, deixar os registros, e tal. Vou parar de trabalhar.

Mas é quase sorte demais, pensei.

Ela preparara a passagem de vagão-leito. Num desses bilhetes nunca consta o nome do passageiro, nem quando vai ao exterior. À noite entregamos ao condutor com o passaporte e de manhã o recebemos de volta, com o passaporte. Assim o viajante não é incomodado na alfândega ou na fronteira. A jovem que ia casar e não trabalharia mais não teria mais interesse em meu nome assim que eu tivesse pago.

Naturalmente, mesmo assim tudo era arriscado. O perigo maior era que Andréia ou Langenau telefonassem e eu não estivesse mais em casa. Mas para esses casos há sempre muitas desculpas. Eu simplesmente dormira e não ouvira o telefone, e de dia já estava a caminho de Frankfurt.

Na noite de 21 de setembro, segunda-feira, fui de táxi do nosso apartamento até a Estação Central. Eram 21h15min. Levava só a maleta de viagem. Tivemos de parar uma vez a caminho da estação, porque um grupo de bêbados atravessava a rua à nossa frente, dirigindo-se para vários carros. Estavam muito alegres e falavam alto.

— Olhe só esses caras de bundas grandes — disse minha motorista furiosa. — Vão se espantar se se virem com os carros mergulhados no riacho.

O condutor do vagão-leito era discreto e simpático. Não falou muito. Dormi um sono profundo e sem sonhos, até ele me acordar às 6h40min. Quando me lavei e vesti, tomei café no vagão. Em Paris o sol brilhava, mas o grande calor do verão fora abrandado pela série de tempestades fortes na Europa.

Muitos tipos estranhos vadiavam pela Gare du Nord, e perguntei a um deles se sabia quem venderia uma pistola. Ele logo disse que sim, muito cortesmente, e perguntou, como numa fina loja de armas, qual a marca e calibre que eu desejava. Recomendou-me uma Walther 7,35. Depois me recomendou dois outros sujeitos, e por fim um quarto desceu comigo até os banheiros. Fechamo-nos numa cabine, e lá ele me deu a pistola, um coldre de prender no ombro, e três pentes cheios. Fiquei espantado ao ver como tudo isso era barato: cinco mil francos, portanto, pouco mais de dois mil marcos.

Já eram 8h20min. Esperei que Balmoral não tivesse rompido hábitos de uma vida toda. Era um noctívago, e não saía da cama pela manhã. Nunca aparecera no escritório antes das 11h, e não

saía do apartamento antes das 10. Maître Balmoral levava uma vida descansada.

Fui ao escritório da Air France perto da estação e comprei uma passagem no avião das 14h30min, que chegaria em Frankfurt às 15h35min.

Ao contrário da passagem no vagão-leito, na passagem do avião tem de constar o nome do passageiro. Em vôos nacionais pode-se dar qualquer nome despreocupadamente, pois não há controle. Mas em vôos ao exterior um policial observa a passagem e o passaporte numa barreira, e naturalmente os dois nomes têm de combinar. Pelo menos, devia ser assim. Mas muitas vezes não é. Eu tinha experiências, pois por motivos profissionais viajara muito de avião pela Europa. Durante todos aqueles anos raramente vira um policial conferir de fato o nome do passaporte e da passagem. Os rapazes de uniforme na barreira sempre olhavam só o passaporte e conferiam o retrato com a cara, nem ao menos abrindo a passagem.

Eu tinha de arriscar, não havia outro jeito.

— Nome, monsieur? — perguntou a bela mocinha na agência da Air France.

— Eugen Leder — respondi.

Eu não podia voar como Peter Kent, meu bem, pois — o que a maioria das pessoas ignora — sempre ficam cópias das passagens de avião. Cada companhia aérea guarda na contabilidade central uma cópia de cada passagem comprada. E isso fica em microfilme, por anos.

Mas eu queria viver em segurança absoluta; por isso, a polícia nem teoricamente poderia descobrir que um Peter Kent viajara de Paris a Frankfurt com um avião da Air France em 22 de setembro de 1981.

Portanto, disse “Eugen Leder”. Simplesmente tinha de arriscar.

O motorista de um ônibus da Air France pegou minha mala e a levou ao aeroporto Charles de Gaulle, comprometendo-se a entregá-

la a uma aeromoça da Air France no balcão III. Eu teria de ir até lá mandar carimbar minha passagem. Só então a maleta iria para o avião. Se eu não chegasse em tempo ela ficaria no balcão III até eu apanhá-la. Na verdade, eu não precisava da maleta, mas tinha medo de chamar atenção sem bagagem nenhuma, e depois de ter matado Balmoral não podia voltar ao guarda-malas da estação de trens. O tempo não dava. Dei cem francos ao motorista e ele ficou muito contente. Eu também. Parecia barato, não ir à prisão por assassinato em troca de cem francos.

Balmoral sempre tivera problemas com dinheiro. A única coisa de luxo que lhe caíra nas mãos fora um apartamento na Avenue Foch, uma das mais belas e distintas ruas da cidade. Um tio o deixara de herança. Balmoral não era casado, e todas as manhãs vinha uma empregada que saía à noite. Entrei num bistrô, pedi café, e olhei os operários que faziam seu descanso da manhã tomando uma "branquinha". E tive uma sensação muito estranha. Estava de volta à minha cidade, na qual vivera e trabalhara tantos anos, voltara a ouvir minha língua materna, e o argot com suas palavras engraçadas, e vi os pães compridos que muitas mulheres e homens levavam para casa embaixo do braço. Mas isso nada tinha a ver com nostalgia ou saudade. Paris e sua gente agora me pareciam irreais, e pensei que estava sonhando.

Não estava. Isso ficou muito claro quando na cabine telefônica do bistrô enfiei um pente cheio na pistola e meti a arma no coldre do ombro. Era pesada, mas eu podia andar e sentar-me, e não se notava que eu estava armado. Meu terno não tinha rugas e não aparecia mozza em lugar algum. O bom sr. Kratchowil! Realmente conhecia a sua profissão. Nisso lembrei-me de que ele não vivia mais, e de que sua mulher estava desamparada. Por um momento quis largar tudo o que planejara, tão desgraçado me senti. Depois pensei que só me sentia assim porque não queria fazer o que tinha de fazer; sentia medo. Era tudo verdade, mas eu estava também realmente abalado com a morte de Kratchowil.

Voltei ao restaurante e tomei mais um café; melhorei, voltei à cabine telefônica e liguei para Balmoral.

Disse meu nome e ouvi-o respirar fundo.

— Charles! Onde é que você está?

— Em Paris.

— Em Paris?

— Sim. Tenho trabalho aqui. E queria aproveitar a oportunidade para lhe propor um negócio.

— Que negócio?

— Muito dinheiro, muito dinheiro para você.

— Como, muito dinheiro?

— Você está sempre precisando de dinheiro, não está?

— Ouça, se está pretendendo algum golpe... a carta está com meu colega.

Pois então, pensei. E disse:

— Tenho certeza disso. Não seria louco a ponto de tentar um golpe. Ainda por cima em Paris. Seja sensato, Jean. É um negócio no qual nós dois podemos ganhar muito. Entendi muito bem que se tratava da sua vida. Você não é um mau sujeito. Não tenho raiva de você. Ao contrário, para lhe mostrar que não tenho ressentimentos, estou lhe oferecendo esse negócio. E é realmente muito dinheiro.

— Quanto?

— Metade do que lhe dei da primeira vez, e pode ter imediatamente.

— Bom, então... vá ao meu escritório.

Eu esperara por isso, e tinha a resposta preparada.

— Não, Jean.

— Por que não?

— Pergunta besta. Como acha que me sinto, aqui na cidade onde a toda hora alguém... você entende.

— Sim, mas e então? Quer vir à minha casa?

— Lá tem a sua empregada.

— E então?

— Vamos combinar tudo no automóvel. O seu. Enquanto isso ficamos rodando por aí; sugiro o Bois de Boulogne, lá é relativamente calmo e posso lhe explicar tudo.

Ele procurou desculpas ainda por cinco minutos, mas eu falava no dinheiro a toda hora, e por fim isso o fez decidir-se.

— Onde nos encontramos?

— Estarei diante de sua casa às dez em ponto — disse eu. — Assim como você esteve diante da minha. Desça! Onde fica seu carro?

— Ali estacionado.

— Ótimo.

— E lembre-se: a carta está com meu advogado.

— Ora, pára com isso — disse eu, e desliguei.

Meu bem, não quero esconder de você que tudo aquilo estava, como se diz, por um fio, que a qualquer momento tudo podia dar errado, e eu sabia disso. Mas a idéia de não poder mais viver em paz se não fizesse aquilo me dava força. Muita força. Desde que estava “morto”, eu me agarrava muito mais à vida do que antes.

Peguei um táxi até a Avenue Foch, que estava realmente linda com suas casas luxuosas, os jardins bem-cuidados e as velhas árvores dos dois lados, e desci perto da casa de Balmoral. Subindo lentamente a Avenue, pensei mais uma vez no risco. Naturalmente Balmoral podia dizer depressa a uma dúzia de pessoas, ou só à empregada, o que também bastava, com quem ia se encontrar, e podia dizer ou anotar minha nova cara, meu novo nome, meu

endereço em Hamburgo, e colocar em mais alguns envelopes. De outro lado, já deixara aquela carta, e não sabia o que eu ia lhe sugerir. Podia estar seguro com aquela única carta, embora em seu lugar eu não tivesse ficado. Meu bem, eu me sentia incrivelmente mal.

Andei algumas vezes diante da casa onde ele morava, e depois a pesada porta de entrada se abriu e ele apareceu. Demo-nos as mãos e nos cumprimentamos. Ele estava perturbado mas curioso, e pensei, pela cara ele não deixou nenhuma outra carta.

Sentamo-nos no carro dele e ele subiu a Avenue Foch para a Porte Dauphine. Não falamos até chegarmos ao Bois de Boulogne. O sol brilhava, o ar estava claro, um ar outonal, muitas flores ainda, e era belíssimo rodar pelas largas ruas do grande parque. Teria sido belíssimo.

Ele foi até a pista de Auteuil, depois parou, desligou o motor e disse:

— E então?

— Então — disse eu —, pensei uma coisa. Veja! Eu amo uma mulher. Ela vai ter um filho meu. Somos felizes. Podíamos ter a melhor das vidas...

— Como podíamos? Por que não o fazem?

— Por sua causa.

— Minha? — Ele estava sinceramente espantado.

— Sim — disse eu. Nos boxes da pista estavam alguns homens falando com um jóquei muito baixinho, e alguns outros jóqueis treinavam seus cavalos na pista. Os cavalos eram magníficos, majestosos e livres, e pensei: será que o são de verdade? E se não o forem, por que parecem assim?

— Ah — disse Balmoral. — Você tem medo que eu volte.

Seus olhos estavam inquietos.

— Não — disse eu. — Disso não tenho medo.

— De que então?

— De que lhe aconteça alguma coisa — disse eu.

— A mim? — ele estava espantado.

— Sim, a você.

— O que pode me acontecer?

— Jean, cada um de nós pode sofrer um acidente a qualquer hora! Enfarte! Acidente de carro, telha na cabeça...

— Bem, e daí?

— Santo Deus! — disse eu, e pensei em Andréia e no bebê, e no avião às 14h30min, que eu tinha de alcançar. — Então não entende?

Presuma que uma telha caia na sua cabeça, e você morra. O que vai acontecer? Com sua morte súbita e inesperada?

— Ah — disse ele. — É disso que você está falando! A carta, não?

— Sim, a carta. Seu colega a abre, e lê, e a entrega à polícia... e é o meu fim.

Ele não respondeu, mas ligou o motor do carro e fomos rodando pelas alamedas, passando pelo Hipódromo de Longchamps, e ele ainda não dizia nada. Primeiro, tinha de digerir a idéia. Na Route des Suresnes parou outra vez, e olhei o grande lago com as duas ilhas. A água brilhava ao sol, todas as coisas tinham contornos duros e claros.

— Você quer que eu acabe com a carta — disse Balmoral.

— Sim. Não posso continuar vivendo assim, Jean. Você tem de entender isso. Ninguém poderia viver desse jeito.

— Mas a carta é a minha única proteção.

— Proteção contra mim?

— Sim.

— Você não precisa de nenhuma, Jean. Eu lhe juro. Há muito o perdoei. Nem penso em me vingar. Penso apenas em como evitar que você se vingue.

— Eu?

— Sim, Jean, ininterruptamente, todo dia, toda hora. E se alguma coisa lhe acontecer, atingirá um inocente, pois certamente não terei nada a ver com isso. Você tem de entender, Jean. Eu lhe suplico!

Ele partiu novamente para o Chemin de Ceinture du Lac Inférieur, e ao redor do lago. Não falava nada, e comecei a sentir que não estava mais podendo agüentar aquilo muito tempo. Minhas mãos já tremiam. Cantarolou um pouco, depois começou a assobiar, e perguntou enquanto dirigia:

— E se eu retirar a sua carta e a entregar a você, você me dá duzentos mil marcos, é isso?

— Exatamente — disse eu olhando os grandes pássaros voando bem junto da superfície com amplos movimentos de asas.

Às vezes, de súbito uma das aves mergulhava na água e depois subia aos céus. Pegara um peixe.

— Duzentos mil marcos — disse Jean Balmoral. — Bem mais de quatrocentos mil francos. Tanto dinheiro por uma carta.

— Meu Deus, você não entende que é uma carta especial, da qual depende meu futuro? E se você escorregar no metrô e quebrar o pescoço? Me dê a carta! — Agora ele passava pelo Parque Bagatelle, com seu bonito castelinho e o roseiral colorido, e um pouco depois freou de novo. Uma jovem passou por nós cavalgando. Já tínhamos visto muitos cavaleiros no Bois, mas era a primeira mulher que cavalgava sozinha. Parecia desprezar simplesmente tudo. Era boa amazona, e muito bonita, mas simplesmente desprezava tudo. Olhei-a longamente.

— Como pretende me dar o dinheiro? — perguntou Balmoral, e tive vontade de abraçá-lo, mas ele teria sentido a pistola. Mordera a

isca. Eu sabia que ele morderia. Dinheiro era o seu fraco, a gente sempre o pegava por ali.

— Com um cheque — disse eu.

— Um cheque do seu banco em Hamburgo?

— Claro.

— Mas você pode mandar embargá-lo imediatamente.

— Não posso. Nesse momento você poderia desvendar minha verdadeira identidade. O cheque é tão seguro quanto dinheiro vivo.

— É verdade — piscava ele. — Você o tem aqui?

— Sim.

— Então mostre!

Ele era mais fraco do que eu, portanto mostrei-lhe o cheque, mas só o deixei ver, não tocar.

— Hum — fez Jean Balmoral. Ele refletia concentradamente, e eu soube com absoluta certeza o que ele pensava, isto é, que não queria perder o negócio comigo, mas que, para ter mais segurança, deixaria nova carta assim que nos separássemos. No mesmo advogado, ou com algum outro. Seus pensamentos podiam ser lidos na sua cara. E no lugar dele eu teria pensado a mesma coisa.

— Tudo bem — disse ele. — Me dê o cheque!

— E quando ganho a carta?

— Depois. Vou pegá-la com meu colega e a entrego a você.

— Não — disse eu. — Assim não dá. Eu lhe disse que entendo e perdôo o que você fez. Mas dar o cheque antes de receber a carta... posso fazer você cair na tentação. Não é por mal, mas preciso pensar em mim. Duzentos mil marcos é muito dinheiro. E não quero que nos separemos antes que a troca seja perfeita. Tenho realmente um medo horrível de que lhe aconteça alguma coisa... e eu esteja liquidado.

— Sim, mas como pretende receber a carta?

Mais um ponto difícil.

— Tenho medo de aparecer na cidade. Especialmente com você.

Também não quero deixá-lo sozinho. Telefone para o seu colega e diga que mande um empregado trazer a carta aqui.

— O quê? Aqui no Bois?

— É o mais seguro. Sentamos ali no restaurante, tomamos um aperitivo, e você manda vir o mensageiro. Ele não precisa me ver.

Pode vir ao seu carro... ele o conhece?

— Sim... — disse Balmoral, hesitante.

— Você também não vai querer ser visto comigo — disse eu. — Também há de ter interesse em que esse negócio fique entre nós e não seja comentado. Não esqueça que você foi visto na televisão austríaca, e que aquele médico me viu com você em Hamburgo, aquele que carregava a mala com o dinheiro. Você lhe disse que somos velhos amigos. Portanto, em seu lugar eu teria muito cuidado.

Essas palavras tiveram efeito certo em Balmoral.

Desembarcamos e fomos ao restaurante pintado de um amarelo forte. Chamava-se La Rotonde. Havia muitas mesas ao ar livre.

Estavam preparando-as para o almoço. Balmoral foi telefonar, e fui com ele, fiquei ao seu lado enquanto ele discava para ter certeza de que não me pregaria uma peça.

Ouvi cada palavra da conversa que Balmoral manteve com o advogado, chamado Leroy. Pediu que lhe mandasse a carta imediatamente com um mensageiro ao Bois de Boulogne. Leroy ficou admirado e tentou obter explicações, mas Balmoral manteve-se firme. Precisava da carta, disse. O mensageiro devia vir ao restaurante La Rotonde, ele o esperaria lá.

Por fim Leroy cedeu. Quis o número do telefone de onde Balmoral ligara, e este estava no disco. Balmoral disse, e desligou.

Logo o telefone tocou de novo, e quando ouviu a voz de Balmoral, maître Leroy sossegou. O mensageiro seguiria imediatamente.

Voltamos ao ar livre, e perguntei a um garçom se poderíamos tomar um aperitivo, embora fosse cedo para almoçar.

— Claro, monsieur. Na verdade somos uma casa noturna, mas agora, talvez ainda por um mês, aparecem turistas ao meio-dia. No inverno abrimos só de noite.

Balmoral parecia nervoso. Era a antevisão do dinheiro, eu o conhecia há muitos anos. Era um caráter daqueles! Graças a Deus que era.

Pedimos dois Ricards, e Balmoral disse, depois que o garçom sumira:

— Vai demorar uns quarenta minutos até o mensageiro chegar aqui.

— Você tem pressa?

— Sim.

— Eu também — respondi. — Mas vale a pena esperar. Para nós dois. Depois você me deixa no primeiro posto de táxis. — Eu tinha de me livrar dele o mais rápido possível.

— Então você ainda vai à cidade — disse ele, asperamente.

— Não — respondi. — Vou imediatamente ao aeroporto Charles de Gaulle. Sair de Paris, voltar para Hamburgo.

Ele pareceu acreditar em mim.

Passou-se uma hora, e nada de mensageiro.

Eu estava com as mãos úmidas.

Nada de mensageiro.

Era meio-dia.

Meu avião saía às 14h30min.

E eu ainda não tinha a carta.

17

Comemos.

Ainda hoje não sei como consegui engolir um só bocado, mas dez minutos depois do meio-dia começamos a comer.

— Espero que você não tenha me passado a perna — disse eu.

— Como faria isso?

— Não sei como o faria sem prejudicar-se a você mesmo. Mas onde está o mensageiro?

— Também não sei. — Suas mãos tremiam tanto que os bocados lhe caíam do garfo. Eu não estava em condições muito melhores.

— Jean, não sei o que você fez, não posso imaginar. Mas se me enganou, Deus tenha pena de você! Talvez seja o meu fim, mas será o seu também, pode ter certeza disso. Será o seu fim também.

Falei assim de propósito, para provocá-lo, era mais fácil descobrir assim se ele fizera alguma trapaça. Mas o único resultado foi que seu rosto começou a repuxar-se e as mãos a tremer ainda mais.

— Não logrei você... Também não sei onde o mensageiro está, que diabos! — Assoou o nariz, depois levantou-se, afastou o prato e voltou ao telefone, e acompanhei-o outra vez. Tudo aquilo daria um magnífico roteiro para um filme vagabundo.

Mais uma vez segui o diálogo e Leroy disse que o mensageiro saíra do escritório logo depois do telefonema de Balmoral, com a carta, e que não sabia qual a explicação para o atraso. Disse também que o empregado era de Lille e estava em Paris há apenas dois meses. Quando ele disse isso, nós dois gememos, depois voltamos para nossa mesa e continuamos comendo. Continuamos comendo!

Pensando nisso agora, nem posso entender. Chegamos ao café, e eram 12h40min no meu relógio quando apareceu um pequeno Renault que estacionou junto do carro de Balmoral. Um rapaz desembarcou e olhou em torno, como quem procura.

Balmoral largou o guardanapo e saiu correndo até ele. Vi que ralhava com o rapaz, e recebia um envelope dele, e escondi-me atrás do arbusto para que o mensageiro não me visse ao partir, pois passaria perto de nossa mesa. Balmoral aproximou-se da mesa gemendo com o esforço e colocou o envelope fechado à minha frente.

Nele estava escrito: EM CASO DE MEU DESAPARECIMENTO OU MORTE SÚBITOS ABRA O ENVELOPE.

— Posso abrir? — perguntei.

— Se me der o cheque.

Ele o recebeu; abri o envelope, tirei o papel de carta, desdobrei e li:

“No caso de eu, supra-assinado, maître Jean Balmoral [seguia endereço] desaparecer ou morrer subitamente, declaro aqui que meu assassino é o antigo advogado parisiense maître Charles Duhamel.

Duhamel saiu ileso de um ataque terrorista no avião da Euro-Air em junho de 1981 em Viena, e no momento vive em Hamburgo, Alsterdorfer Strasse, 86, com uma certa Andréia Rosner, que tem uma livraria na Tornquiststrasse, 136.

Duhamel possui um passaporte falsificado e outros documentos falsos com o nome de Peter Kent. Sua aparência mudou muito.

Não usa mais barba, o cabelo está curto, e usa grandes óculos de aro de tartaruga com lentes comuns. Duhamel é perigoso, e como se vê não recua diante de nada. Ele me matou porque, em grande necessidade, eu lhe pedi dinheiro, e ele quis se assegurar de que não o farei outra vez. Foi portanto um ato de vingança.”

Seguia-se assinatura, data: 15 de setembro de 1981.

Era exatamente como eu imaginara.

— Bonito, bonito — disse eu.

— Agora você tem a carta.

— E você, o cheque. Estamos quites. Acredite, Jean, foi melhor para nós dois. Agora tenho de ir depressa para o aeroporto Charles de Gaulle.

Paguei nosso almoço, encaminhamo-nos para o carro dele, e Jean rodou por uma alameda em direção da Porte de la Muette.

Dirigia depressa. Queria se livrar logo de mim, via-se isso. Eu estava há tempo segurando a pistola, e quando a alameda fez uma curva fechada num trecho de floresta, e Balmoral teve de frear, tirei depressa a Walther do coldre e atirei na sua têmpora direita; ele tombou para a frente e morreu imediatamente. Tenho pernas compridas, e já quando atirava pusera o pé no freio, pisando até o fundo. Depois agarrei o volante, e o carro derrapou guinchando, e depois parou do lado direito da rua. Jean Balmoral estava deitado sobre o volante. Do ferimento na têmpora saía pouco sangue.

Os minutos seguintes foram os piores. Tive de descer, rodear o carro correndo, e entrar do lado do motorista. Peguei Balmoral debaixo dos braços. Não se imagina o peso de um morto. Por fim coloquei-o no assento do lado. Ainda não passara nenhum carro por nós, nem viera nenhum em nossa direção. Exatamente quando liguei o motor e dei a partida, vi um carro pelo retrovisor. O corpo de Balmoral dobrou-se em dois ao meu lado, como um canivete. O carro nos ultrapassou buzinando. Esperei que não tivessem visto Balmoral.

Havia duas moças e dois rapazes no carro, que riram e acenaram para mim, e devolvi o aceno, rindo, enquanto o cadáver de Balmoral caía contra minha mão direita. Eu o vira meter o cheque na carteira, por isso parei de novo e tirei-a do seu casaco. Tirei o cheque, limpei cuidadosamente a carteira, o volante e o painel, e recoloquei a

carteira no bolso do casaco de Balmoral. Lá onde eu parara, à direita da rua, descia um barranco íngreme até um pequeno regato, em cujo fundo avistei pedregulhos brancos.

Agora vinha o momento mais perigoso. Sempre de lenço na mão, liguei a ignição e coloquei o automático em D. Abri a porta e saltei no momento em que tirei o pé do freio. O carro, com o volante dirigido para o regato, deu um salto para a frente. Cambaleei, porque o carro quase me levou junto, e vi-o despencar na vala. Capotou, depois ficou deitado na água clara do regato, as rodas para cima. A porta esquerda dianteira se abriu e Balmoral arremessado para fora.

Estava deitado ao lado do carro, braços e pernas estendidos, olhos e boca abertos, e a água corria em pequenos e rápidos redemoinhos ao redor dele. Era preciso chegar muito perto da beira da rua para descobri-lo e ao carro, ali de cima.

Fiquei olhando Balmoral, e fiquei tonto, mas não de medo, e sim porque de repente lembrei que já vira uma coisa daquelas antes: um morto na água de um rio. Sim, eu já vira isso, e não me lembrava onde, quando e como acontecera. Um morto na água...

Eu tinha de ir embora, embora! Olhei em volta, depressa, e não vi ninguém. Não era longe até a Porte de la Muette, portanto fui a pé, e graças a Deus lá havia táxis.

— Aeroporto Charles de Gaulle — disse eu ao motorista, um rapaz novo.

— D'accord! — disse ele. — Tudo bem.

Partiu tão violentamente que fui atirado no estofado do assento de trás. Meu olhar caiu no painel e um dedo gelado passou nas minhas costas. 13h46min. Em pânico, olhei meu relógio de pulso. Ainda 12h40min. Coloquei o relógio no ouvido e não escutei nada.

— Seu relógio está certo? — perguntei ao motorista.

— No minuto — disse ele. — Comparei com o noticiário das doze. No minuto, monsieur.

Sentime tonto e abri a janela. O ar fresco de verão entrou no carro.

Meu relógio parara às 12h40min.

Eu nunca alcançaria o avião das 14h30min. O caminho era longo demais.

18

E foi assim que matei Jean Balmoral, meu bem.

Não lamentei nem por um segundo o que fizera. Tinha de fazê-lo, não havia escolha.

Santo Deus, outra vez essa palavra, esse frio gélido! O ser humano é um abismo, sim, é verdade. Acaso um de nós pode tornar-se assassino com tanta facilidade? Não sei. Apenas anoto aqui sinceramente o que aconteceu, meu bem. Sou um assassino. Um assassino que tem de ser julgado. Mesmo se matei para me proteger e ao meu amor de um patife?

Mesmo assim?

Assim também?

Não sei. Não sei, meu bem.

*

Cheguei no aeroporto às 14h44min, certo de que meu avião partira e meu álibi fora destruído. Eu arriscara tudo e tudo fora bem, exceto no fim. No fim eu perdera, pois só havia mais um avião para Frankfurt naquele dia, e às 20h40min, tarde demais, portanto. Se eu alugasse um carro levaria muitas horas, e como explicaria a Andréia que estava com um carro francês, com placa de Paris? Como explicaria isso mais tarde eventualmente à polícia? Decerto já teriam encontrado o corpo de Balmoral, ou faltava pouco. Portanto, em vão, tudo em vão.

Entrei devagar no saguão até o balcão III da Air France. Estava completamente perturbado. Num momento queria me entregar, no outro queria fazer tudo para não ser apanhado como assassino.

Talvez conseguisse voar a tempo para Hamburgo e arranjar um álibi mentiroso. Tinha de sair de Paris, isso era o mais importante. Era só o que conseguia pensar. Você vai ter uma idéia, pensava eu,

sem grande confiança. Naturalmente tinha de fazer desaparecer a maleta que o motorista gentil trouxera de manhã. Era por isso que eu ainda me dirigia ao balcão da Air France.

Uma aeromoça ruiva e bonita sorriu para mim.

— Sr. Leder, Eugen Leder? — ela falava alemão.

— Sim.

— Lamento — disse ela.

Eu também, pensei.

— Mais meia hora — disse ela —, terá de esperar meia hora até seu avião partir.

Segurei-me no balcão, tonto.

— Meia hora — repeti como um idiota.

— Sim, e é uma grande sorte sua, Sr. Leder. Ou não teria alcançado o avião.

— Sorte...

— Sim — disse ela. — Um pequeno defeito, uma das luzinhas não acende. O defeito logo será consertado.

— Consertado — repeti como um imbecil, enquanto entregava à aeromoça ruiva a minha passagem para carimbar. Então o avião para Frankfurt não partira. Eu estava salvo, tudo estava bem.

Engoli com dificuldade.

— Aqui estão a passagem e o cartão de embarque, sr. Leder. Vá logo ao posto de controle de passaporte e alfândega. — Ela pegou minha maleta e deu-a a um negro de jaqueta forrada. — Sua bagagem. Foi trazida de manhã.

— Sim — disse eu, sentindo-me como se estivesse completamente bêbado. — Eu sei. Obrigado, mademoiselle.

— Por nada, sr. Leder. Boa viagem!

E já ela falava com outro homem.

Encostei-me à parede enquanto meu coração pulsava feito louco, e esperei dois, três minutos, até minhas pernas poderem me conduzir outra vez. Depois saí do edifício e joguei pistola, coldre e pente em várias grades de bueiros. E de cada vez fingi ter de amarrar um cadarço de sapato, mas ninguém prestou atenção em mim. Com o cheque, envelope e carta fiz o mesmo, depois de rasgar tudo em pedacinhos. Só então fui até o controle de passaporte e alfândega.

Estava bem calmo quando mostrei o passaporte a um jovem policial.

Segurava a passagem na outra mão. O funcionário abriu o passaporte, olhou o retrato, olhou para mim, disse "merci", e devolveu o passaporte. Nem se interessou pela passagem. Tudo acontecia como tantas vezes. Só que desta vez eu conseguira um álibi indestrutível para um assassinato.

Fui à sala de espera de passageiros para Frankfurt. Mais meia hora e nosso vôo foi anunciado. Quinze minutos depois, portanto às 15h30min, o avião partiu. O piloto subiu verticalmente no céu azul.

Naturalmente eu outra vez não prendera o cinto de segurança, e quando o avião voava na horizontal e o letreiro Por Favor Não Fume apagara, fiz um sinal à aeromoça e pedi um uísque triplo. Tomei um gole bem grande, depois outros bem pequenos. Pensei que estava salvo, e que Andréia e eu ficaríamos juntos, e que Jean Balmoral não podia mais me fazer mal algum.

Esperei algum tempo, depois pedi outro uísque, desta vez duplo.

Era um vôo bom, calmo, o sol brilhando pelas janelas. Quando olhei para fora, vi grandes florestas lá embaixo. Pareciam magníficas.

Depois, brilhou um rio largo. Atravessávamos o Reno. Eu estava novamente na Alemanha.

19

O pai de Andréia estava no Nordwest-Krankenhaus, e era um bom pedaço de táxi até lá. Passamos por autopistas, diante de grandes edifícios e gramados.

O Nordwest-Krankenhaus era um edifício imenso. Perguntei ao porteiro numa cabine de vidro onde estava o sr. Rosner, e ele explicou tudo direitinho. Tive de subir de elevador até o terceiro andar, depois seguir por corredores nos quais linhas coloridas indicavam para onde se ia. Uma linha azul me levou à enfermaria do pai de Andréia. Ele estava num quarto de duas camas, a segunda estava vazia, e sobre ela sentavam-se Andréia e sua mãe.

Andréia levantou-se de um salto, e me abraçou e beijou muitas vezes, depois apresentou-me a seus pais. Logo na chegada ao aeroporto eu comprara um grande ramo de flores, que Andréia deu ao pai. Este tocou a campainha chamando a enfermeira para que trouxesse um vaso com água e admirou as flores. Era uma enfermeira muito simpática.

— Então, é ele — disse Andréia. — Olhem bem para ele! Não lhes agrada?

— Muito — disse a mãe, uma mulher esbelta de cabelo grisalho e olhos escuros. Achei Andréia inacreditavelmente parecida com ela, e mais tarde ficaria assim. A mãe teria a minha idade. O pai estava muito pálido devido à doença. Tinha cabelos pretos, olhos alegres e ruguinhas de riso ao redor da boca. Primeiro a conversa foi meio difícil, como sempre que se conhecem pessoas pela primeira vez, e Andréia contou de que modo singular nos encontráramos em Viena, embora certamente seus pais já soubessem disso. Depois falou de nossa livraria, e venceu maravilhosamente os primeiros minutos difíceis e constrangidos, até que conversamos de maneira bem normal. Falamos sobre a dieta especial que o pai de Andréia teria de

seguir agora, e um remédio sintético para controlar a insulina, e depois falamos do bebê.

— Sempre quis tanto que Andréia tivesse um — disse a mãe. — Ela já tem idade.

— Sim, vinte e nove, horrivelmente velha — disse Andréia.

— Quando eu tinha essa idade você nascera há muito, minha filha. E naturalmente eu estava casada.

— Mas nós vamos casar, mamãe — disse Andréia —, por causa de você e porque Peter diz que é melhor para uma mulher de negócios. O que pensariam as pessoas, não é?

— O senhor é um homem sensato, sr. Kent — disse a mãe, e Andréia piscou para mim.

— Mas por que casar? — disse o pai. — Nesses tempos... quantas pessoas têm filhos e não são casadas? É apenas um hábito tolo.

Ele disse isso para provocar a mulher, e também piscou para mim enquanto a mãe de Andréia começava a citar gravemente todas as vantagens do casamento. Logo fizemos um bom contato. O pai era o tipo social, desinibido; a mãe levava tudo muito a sério.

Andréia e eu dissemos que só queríamos esperar que o pai saísse do hospital e estivesse forte, depois casaríamos imediatamente. E quando a mãe de Andréia ouviu que o bebê seria batizado na religião católica, ficou muito feliz.

A enfermeira trouxe chá e biscoitos, mas de modo algum quis aceitar dinheiro. Ria muito. Via-se que gostava do pai de Andréia.

Era certamente um bom paciente.

Da janela do quarto via-se um amplo prado, com muitas ovelhas pastando. Dois viadutos cruzavam-se ali, e nos pilares havia uma grande superfície de concreto onde estava escrito com spray: 4,6 BILHÕES DE PESSOAS NÃO QUEREM SE DEIXAR LANÇAR NA MORTE ATÔMICA POR 200 VELHOS!

A tinta negra brilhava no sol da tarde.

20

Pegamos o vôo noturno da Lufthansa para Hamburgo e às onze estávamos em casa. Na cama tudo foi tão excitante como da primeira vez, e Andréia achou que de vez em quando podíamos nos separar por uns dias se isso tinha aquele efeito no reencontro. Como ficamos com sede, fui à cozinha, peguei duas garrafas de cerveja da geladeira e levei dois copos.

— Ah — fez Andréia depois de beber, e respirou fundo. — Coisa boa. O sr. Langenau sempre me diz do primeiro gole de cerveja: “Isso tem de chiar”.

— Os tirolezes são os maiores bebedores de cerveja.

— Não quero brigar com você agora, Gato, mas não são, você está confundindo. Não são os tirolezes, são os bávaros. Os dois têm calções curtos e barbichas de cabra nos chapéus, mas a bela Hofbräuhaus fica em Munique.

— Os belgas também tomam muita cerveja — disse eu.

— Mas que conversa arrebatadora!

— Beba — disse eu. — Pense na criança, querida.

— Sim, tenho de fazer isso — disse ela. — O Dr. Kahler não disse apenas que cerveja é bom; é importante também que você faça amor comigo até bem perto da hora, pois facilitará o parto.

— Disse o Dr. Kahler.

— Disse o Dr. Kahler.

— Pode ficar despreocupada.

— Vai me amar mesmo quando eu estiver redonda como uma pipa?

— Sempre tive vontade de fazer amor com uma pipa.

— Você é fabuloso — disse ela, com um pouquinho de espuma no lábio superior, que limpei. — E tão encantador!— Andréia me beijou. — É como com alho: quando os dois bebem cerveja, podem se beijar. Você impressionou muito os meus pais, Gato, especialmente minha mãe. Ela ficou louca por você.

— Que bom.

— Barão, o senhor foi finíssimo, finíssimo.

— A senhora também, Condessa.

— Mas não fiz nada.

— Não falei de Frankfurt, falo daqui.

— Ah, meu nobre senhor, essa é uma coisa da qual a gente nunca se cansa, não é? — Ela me encarava. — Em que pensa, meu amo?

— O amo está pensando no bebê — disse eu. — E no Dr. Kahler. Acho que devemos tomar mais cerveja.

21

No dia seguinte já se lia no Welt.

Como sempre, tomávamos o café da manhã num nicho da grande cozinha, e acabava de passar das oito. As janelas davam para o jardim e estavam abertas, para eu poder ouvir os pássaros.

Tínhamos assinatura do Welt, que estava todas as manhãs diante da porta do apartamento. No café Andréia pegava uma parte e eu a outra, depois trocávamos. E líamos um para o outro passagens importantes ou engraçadas.

Essa eu não li para Andréia:

ASSASSINADO CONHECIDO ADVOGADO DE PARIS

Paris (do corresp.) — Pessoas que passeavam de bicicleta descobriram ontem à tarde no Bois de Boulogne o cadáver do eminente advogado Jean Balmoral (47). Seu carro caíra numa alameda em um regato que corre paralelo à rua. O morto estava na água, ao lado do carro, certamente lançado para fora do veículo na queda. O advogado, que não deixa família, foi morto por um tiro de pistola na têmpora direita. Segundo a polícia, Balmoral almoçara com um desconhecido no restaurante La Rotonde no Bois de Boulogne.

Procura-se por esse desconhecido. Até agora não há pistas. O assassinato do conhecido advogado causou grande repercussão em Paris.

Se já havia tanto sobre o crime no Welt, os jornais de Paris deviam ter dado mais espaço ainda ao crime. Os jornais de bulevar certamente deviam ter usado a notícia como manchete de primeira página. Era preciso que eu me informasse sobre tudo o que diziam os jornais parisienses. Mas Andréia não podia saber disso. Então

pensei em Walter Hernin, e achei que encontrara o caminho. Não sabia se era bom.

Mas tinha esperança.

Estava calmo na livraria naquela quarta-feira, e Patty andava outra vez pensativa à tarde. Desta vez pegara Langenau.

— Tio Conrad, leões entram no céu?

— Não, Patty.

— Tio Conrad, pastores evangélicos entram no céu?

— Sim, Patty, claro.

— Mas tio Conrad, e se um leão engolir um pastor?

Não sei como Langenau se safou dessa, pois Andréia e eu fugimos para o Cat's Corner, onde rimos alto, mas de repente parei de rir, porque pensei em Jean Balmoral.

Quando Walter Hernin chegou às cinco e meia, não havia movimento na livraria, por isso eu lhe disse que ia andar um pouco na rua para respirar ar fresco, e se ele não queria vir comigo. Patty e Félix jogavam pingue-pongue.

Passeamos lá fora diante da livraria, e eu disse: — Walter, aconteceu uma coisa grave.

— Grave?

— Muito grave — disse eu. — Você é a única pessoa que vai entender.

Hernin me encarou longamente, depois perguntou: — Então, você sabe a meu respeito?

Fiz que sim, e contei-lhe toda a minha história, tudo, realmente, desde o começo...

Ele andava de um lado para o outro, o rosto sério, e quando me encarava era com muita compaixão. Quando terminei, ele disse: — Como você sabe, na guerra também tive de matar um homem,

Peter. Tive de fazer isso exatamente como você, para que outras pessoas não corressem perigo.

— Sim, mas para você era perigo de morte certa para muita gente — disse eu. — Comigo foi só medo por Andréia e por mim, e de que minha existência fosse destruída.

— Esse Balmoral era um chantagista. Naturalmente você tem razão, comigo tratava-se da morte ou vida para muitos. Mas eu teria agido exatamente como você em seu lugar, destruindo um mundo inteiro.

— Como?

— Quem mata uma pessoa destrói um mundo todo, Peter. Por isso jamais poderei esquecer o que fiz. Nem você poderá esquecer...

— Ah, sim — interrompi eu. — Não me arrependo de nada. Vou esquecer.

— Você acha — disse ele. — Não vai esquecer nunca. Como posso ajudá-lo, Peter?

— Tenho de saber sem falta o que está acontecendo em Paris agora, e como a polícia está progredindo. Preciso de jornais parisienses, de cada dia. Você pode consegui-los na banca de jornais internacionais da Estação Central. Não posso apanhá-los, pois chamaria a atenção de Andréia e de Langenau. Por isso peço que compre esses jornais todos os dias antes de vir apanhar Patty.

Andréia me disse que você fala fluentemente francês. Por favor, olhe tudo para poder me dizer o que está acontecendo e o que tenho de ler. Você me faria esse favor, Walter?

— Mas claro — disse ele. — Que pergunta! Escute, mas então já precisa dos jornais de hoje.

— Sim, seria bom.

— Quer que os traga ainda hoje?

— Basta que os entregue amanhã, com as edições do dia.

— Tudo bem — disse Hernin. — Então no caminho de casa passo pela estação e dou qualquer desculpa a Patty, e a partir de amanhã apanho os jornais antes de vir buscá-la. Mas quando vai lê-los, e onde?

Nesse momento Andréia saiu da livraria, rindo.

— Então, vocês dois aí, grandes segredos?

— Terríveis — disse eu. Ela despediu-se de Hernin, deu-me um beijo dizendo “Até logo, Gato!”, depois entrou em seu velho Volkswagen enferrujado e partiu acenando, e acenamos também.

— É assim, está vendo, Walter — disse eu. — Andréia sempre vai para casa vinte minutos ou meia hora antes, para cuidar da comida. Depois Langenau me leva para casa. Assim tenho tempo de ler. Veja se consegue vir sempre às cinco e meia. Caso alguma vez não possa me dar os jornais discretamente, você me diz o que havia neles. Podemos fazer isso também sempre que forem notícias sem importância. Nunca traga jornais inteiros, só as páginas em que haja alguma coisa sobre o crime. Temos que tomar cuidado, mas não será coisa permanente. — Parei, olhei para ele e disse: — Não há outro jeito. A verdade toda, assim como contei a você, a minha segunda vida, os papéis falsificados, eu não poderia contar a Andréia de jeito nenhum, nunca. Isso a destruiria totalmente. Pense que ela vai ter um filho!

— Estou pensando nisso o tempo todo — disse ele. — Quando amamos uma pessoa, sempre lhe podemos contar apenas pedacinhos da verdade.

— Sim, é certo — disse eu.

— E onde pretende ler o jornal?

— Aqui no banheiro, ou em casa. Tudo muito repulsivo, mas não tenho outra escolha. Preciso também dar sumiço nas folhas.

— O melhor é que me devolva as velhas quando eu trouxer as novas. Tem uma pasta?

— Sim.

— Ponha-a no Cat's Corner num canto ou junto do sofá. Que todos a vejam. Como naquele conto de Edgar Allan Poe, em que se procura uma chave. Lerei as folhas novas lá, quando der, e tirarei as velhas da pasta. Andréia não a abrirá nunca, e se abrir, direi que um cliente a esqueceu. E Peter...

— Sim?

— Fico muito contente por você me contar tudo e eu poder ajudar.

— Agora entendo por que Langenau é tão bom católico — disse eu.

— Por quê?

— Ora, ele pode se confessar. Quando a gente se confessa, tudo não é mais tão terrível. Na minha profissão antigamente era a mesma coisa. Muitos criminosos no fim tinham quase compulsão de confessar tudo, e depois voltavam a dormir bem. Gente sensata, esses católicos.

*

Na tarde seguinte Hernin já chegou antes das cinco e meia e trouxe os recortes de jornal debaixo do casaco. Mais tarde fui ao Cat's Corner e lá estavam na minha pasta. Levei-os para o banheiro, debaixo da camisa. Eram páginas do Le Matin, Le Monde, do Figaro, do Quotidien, e do France-Soir. Hernin tirara muitas páginas, pois as notícias eram muito extensas. Havia também fotos do local em que tinham encontrado o cadáver, e uma de Balmoral morto no regato, e uma vez só seu rosto — uma foto de passaporte. Os ciclistas que tinham encontrado o morto e o carro caído no barranco contaram sua história. Eram duas mocinhas e um rapaz, naturalmente seus nomes estavam ali, e fotos também. Depois descobri uma foto do restaurante La Rotonde, e uma seta indicava a mesa onde eu almoçara com Balmoral. Cada um dos dois garçons que nos tinham servido dava uma extensa descrição da minha pessoa, uma bem

diferente da outra, como costuma acontecer: eu vira isso muitas vezes como advogado. Um garçom me descreveu como atarracado, um velho de sessenta anos, baixo, cabelos pretos, bastos e compridos, rosto redondo e lábios estreitos. O outro dizia que eu era de altura normal, cabelo ralo e grisalho, talvez beirando os quarenta, e cabeça estreita. Eu sabia quantas vezes a polícia se enganava devido a essas descrições. Os dois retratos-falados feitos segundo a descrição dos dois garçons eram completamente diferentes. Os garçons diziam que eu falava francês como um parisiense, e que certamente era de lá, como Balmoral. Não falaram nos meus óculos, que eu tirara. Portanto, por esse lado não havia perigo.

Maître Pierre Leroy ocupava abundantemente os jornais, o homem com quem Balmoral deixara aquela carta, com a recomendação de abri-la caso lhe acontecesse alguma coisa. Havia também uma foto de maître Leroy, um homem gordo e idoso, bem como do mensageiro que levava a carta ao Bois. Este disse que nem me enxergara, o que era verdade. Leroy disse que a carta lhe fora entregue por Balmoral a 15 de setembro, mais não sabia, exceto que Balmoral telefonara na manhã do dia 22 de setembro pedindo que mandasse a carta ao Bois de Boulogne, restaurante La Rotonde. Pela voz parecia que Balmoral tinha pressa, mas não parecia assustado.

Leroy disse que por segurança pedira o número do aparelho, e ligara, e Balmoral realmente atendera ao telefone.

Naturalmente todos os jornais faziam o maior mistério em torno da carta; todos indicavam muito corretamente que era uma carta de medida de segurança, mas ninguém tinha a menor idéia da pessoa a quem a carta acusaria. O desconhecido? Mas então por que Balmoral retirara a carta? Devia ter-se sentido inteiramente seguro, pensavam os repórteres, e muitos suspeitavam que o desconhecido devia ser um conhecido ou mesmo amigo de Balmoral. Mas desde quando conhecidos ou amigos queriam matar a gente?

Os jornais apresentaram a hipótese de um terceiro homem, o que tornava a situação ainda mais confusa, mas para mim era ótimo.

Também se fotografara uma Walther calibre 7,35 mm, e a polícia perguntava quem vira ou vendera tal arma. Os caras da Gare du Nord certamente se tinham apresentado.

Também se mencionava que as portas dianteiras, o volante, a alavanca do automático e o painel não tinham impressões digitais, e a polícia deduzia que o assassino limpava essas partes, pois no resto do carro encontraram muitas impressões.

Três jornais disseram que Balmoral vivera muito discretamente e que raras vezes aparecia em sociedade. Seu melhor amigo, escreviam, fora maître Charles Duhamel, conhecido advogado sensacionalista que morrera em junho, no ataque terrorista do avião da Euro-Air em Viena.

Guardei novamente as páginas debaixo da camisa, para colocá-las na pasta no Cat's Corner. Depois de ter puxado a descarga, saí do banheiro. Andréia já fora para casa, muitos pais vinham buscar as crianças, Langenau fazia o balanço do dia. Saí com Hernin para a rua, ele ponderou que com aquelas notícias de jornais de dois dias eu devia estar satisfeito; concordei.

— Nunca vão pensar em você — disse Hernin.

— Toi, toi, toi — disse eu, batendo na testa.

— Sério — disse ele. — Teria de acontecer algo inacreditável.

Bem, minha querida, pois algo inacreditável acabou acontecendo.

No grande salão do pequeno palácio da Alameda Pilatre de Rozier no qual eu vivera tantos anos com Yvonne, os fotógrafos e cameramen se comprimiam em torno de minha mulher, que, toda de branco e coberta de diamantes, estava entronada num divã. Fazia muito calor no salão, pois o pessoal da televisão trouxera seus holofotes muito intensos. Havia também uns vinte jornalistas — de jornais parisienses e outros jornais franceses e de grandes revistas.

Yvonne obedecia aos pedidos dos fotógrafos, obediente como uma modelo, olhava as câmeras, olhava para cá e para lá, apontava com um dedo coberto de diamantes uma manchete que abordava o assassinato de Balmoral, e estava muito excitada. Paul Perrier, de terno escuro, várias vezes fotografado com ela, já dera dez miligramas de Valium a Yvonne, porém ela ainda se portava como uma maníaca.

Isso foi a 28 de setembro de 1981, às 15h.

Desfez-se a primeira confusão no salão. Os fotógrafos recuaram e assumiram posições fixas, como as câmeras. Os entrevistadores sentaram-se ou ficaram em pé, a maioria com gravadores na mão.

Tinham escolhido como porta-voz um repórter do Le Matin, chamado Henri Arronge, por ser o mais velho na profissão e porque não podiam falar todos ao mesmo tempo. Arronge, com fundas olheiras debaixo dos olhos cinzentos e cabelos grisalhos e bastos, estava sentado em frente de Yvonne. Paul Perrier estava agora parado atrás dela. Dava a impressão de muita solenidade, e naturalmente devia estar num estado indescritível.

Arronge começou:

— Madame Duhamel, a senhora nos convidou porque quer fazer uma participação importante... ao menos foi o que entendemos dos telefonemas de monsieur Perrier.

Yvonne respondeu:

— Os senhores entenderam corretamente. Agradeço por terem vindo em tão grande número, porque preciso de sua ajuda. Da última vez que precisei dela e pedi para me ouvirem, não mostraram interesse.

Começou logo assim, e os câmeras da televisão receberam instruções da direção para interromperem a transmissão, os holofotes se apagaram, e Yvonne continuou se queixando do comportamento dos jornalistas no passado, quando estes a tinham boicotado em solidariedade aos colegas do *France*, *Soir*. Mas agora Balmoral fora assassinado, e Paul Perrier dera a entender claramente em seus telefonemas a jornais e televisões que Yvonne tinha revelações sensacionais sobre o crime. Depois disso os chefes tinham mandado seus repórteres. Se se tivessem negado, teriam sido postos na rua e outros teriam vindo, sabiam disso. Portanto Arronge falou num mal-entendido, e pediu desculpas pelos colegas.

— Muito bem — disse Yvonne. — Não sou rancorosa. Aceito suas desculpas.

Os holofotes acenderam-se novamente, as câmeras zumbiram e Arronge recomeçou:

— Madame Duhamel, a senhora nos convidou porque tem uma informação importante a dar...

O diálogo que agora estava sendo gravado e mais tarde seria publicado nos jornais e transmitido pela televisão era o seguinte: "Y. — Isso mesmo.

A. — De que se trata, madame?

Y. — Paris ainda está chocada com o brutal assassinato de maître Balmoral. Era o melhor amigo de meu marido. Ele foi morto por meu marido.

Confusão de vozes, cliques de câmeras.

“A. — Mas seu marido está morto, madame Duhamel, vítima do ataque terrorista de junho no avião da Euro-Air em Viena!

Y. — É o que pensam. Mas ele sobreviveu à explosão, ileso.

A. — Perdão, madame, mas não é um pouco... fantástico?

Y. — Admito que soa fantástico. Um alto funcionário do Ministério da Justiça também não quis acreditar em mim. Agora, um homem foi morto a tiro. Pergunto: acreditará em mim agora?

Profetizei-lhe que meu marido voltaria e cometeria crimes.

A. — A senhora profetizou o assassinato de Jean Balmoral, e ele não fez nada? Como se chama esse funcionário, madame?

Y. — Isso não vem ao caso. Também não profetizei a morte de Balmoral.

A. — Qual então?

Y. — A minha própria.”

Grande agitação. Mais uma vez, cliques de máquinas fotográficas. As câmeras de televisão funcionavam ininterruptamente.

“A. — Sua própria?

Y. — E a de monsieur Perrier.

A. — Isso é monstruoso.

Y. — Acho que se pode classificar assim.

A. — Mas por quê... como teve essas suspeitas?

Y. — Não é suspeita. É minha firme convicção. Meu marido é um monstro, ninguém senão eu conhece seu verdadeiro rosto... Ele me amedronta tanto que quase não consigo mais viver, e é isso que ele quer. Quando eu estiver mentalmente destruída, ele me matará... e a monsieur Perrier.

A. — Mas por que, madame, por quê?

Y. — Para vingar-se. Ele me odeia. Sempre me odiou. Monsieur Perrier me deu até aqui forças para continuar vivendo e agüentando.

Mas agora estou no fim de minhas forças. — Um grito: — Eu não posso mais!

A. — Madame, acredite em nossa simpatia... embora seja difícil acreditar que tudo seja como diz.

Y. — Está me chamando de mentirosa?

A. — Absolutamente, madame. Eu jamais me permitiria isso.

Y. — Então não dê essas indiretas. É tudo exatamente como eu disse. Meu marido me odeia há muitos anos, ninguém sabia disso.

Na posição dele, ele não podia permitir que os outros soubessem.

Mas se os senhores pudessem sequer adivinhar o que sofri... Esse homem não é normal, é completamente anormal, isso é o mais terrível... Depois desse atentado aéreo a que sobreviveu, ele decidiu me matar...

A. — Madame, por favor!

Y. — ...me matar, sim... Agora ele desapareceu... e pode executar seu plano... é o que ele pensa, na sua mente doentia... Está vendo em que medida estou desesperada, a ponto de revelar coisas privadas à opinião pública... Monsieur Perrier está me apoiando... e da simpatia nasceu um amor, um amor muito grande... naturalmente meu marido sabe disso...

A. — Como?

Y. — Ele sabe de tudo. É muito esperto. Pense nos seus processos. Ele não conhecia todos os truques, todas as armadilhas?... Ele nos está observando... rondando... e seu ódio cresce mais e mais... ódio a monsieur Perrier também, naturalmente... Agora esse ódio de um cérebro doente cresceu e deu-se um crime. Meu marido assassinou seu melhor amigo, para me causar ainda mais medo e desespero. Com esse assassinato ele

quis me dizer, olhe só do que sou capaz! Imagine o que farei com você. Isso é terror, senhores, o mais puro terror.

A. — Madame, a polícia não partilha do seu ponto de vista. Ao contrário, nega-o.

Y. — Esses canalhas!

A. — Mas onde está seu marido, madame?

Y. — Em seu esconderijo, claro. Só o abandona quando quer atacar... como agora, que matou o pobre Balmoral... ou já algum tempo quando, sabe, à noite ele apareceu diante do Tour D'Argent e quase me matou de susto. Depois a polícia veio e me levou à delegacia, registrei minha queixa, os médicos pediram que eu fizesse uma sonoterapia. Sonoterapia! Olhe para mim! O que sou? Um farrapo humano. Uma pessoa acabada. A polícia não acredita em mim, o senhor disse corretamente. — Outro grito: — Será que esse demônio terá que me matar primeiro, para que acreditem em mim?

A. — Estou certo, madame, de que vão tratar a senhora de maneira diferente quando esta entrevista chegar à opinião pública.

Y. — Não tenho tanta certeza. O que já vi até agora de cinismo, incompreensão e rejeição de parte da polícia e dos mais altos funcionários deste Estado..."

23

"...supera qualquer imaginação", li no France Soir, trancado no banheiro. Era 29 de setembro. Há uma semana eu brincava de esconde-esconde, ajudado por Hernin, que me trazia os jornais diariamente, e uma semana depois da morte de Jean Balmoral a polícia ainda não encontrara a menor pista, confessava abertamente um porta-voz. As notícias do caso já tinham passado das primeiras páginas para o interior dos jornais, mas agora, depois da entrevista com Yvonne, voltavam às primeiras páginas. Enojado de mim, inquieto por causa das entrevistas, continuei lendo...

"A. — Como? Acha que a polícia ainda não lhe dará atenção nem iniciará uma caçada ao seu marido?"

Y. — Estou quase certa de que não o farão. Pelo contrário, agora vão tentar esquivar-se de qualquer responsabilidade, chamando-me de histérica e de coisas piores. As condições aqui, senhores, não seriam admitidas na menor das repúblicas das bananas. Logo vão me encontrar assassinada... e depois dirão que por histeria me suicidei, Essa desgraçada corja de burocratas nem pensa em procurar aquele demônio... Supliquei de joelhos àqueles importantes senhores... que fizessem ao menos algumas investigações, antes que seja tarde demais... eles não fazem nada... — Um novo abalo, mas rápido. — Eles não fazem nada!

A. — Na sua opinião, onde está escondido seu marido?

Y. — Pode estar em qualquer parte, aqui em Paris, em algum lugar na França, no exterior, Berlim, Roma, Madri, Düsseldorf, Hamburgo... Com o avião a jato ele chega a Paris de qualquer parte em pouco tempo. Naturalmente usa outro nome. E papéis falsos...

Dinheiro ele tem... uma conta na Suíça... Acuso a polícia e o Ministério da Justiça de negligência e incompetência!"

Era o fim da entrevista. No France-Soir havia cinco fotos de Yvonne, duas com Paul Perrier, e uma velha foto minha.

Dentro de uma moldura havia um breve informe: o Ministério da Justiça e o chefe de Polícia de Paris recusavam-se a tomar qualquer atitude em relação à entrevista de madame Yvonne Duhamel.

Pensei: estariam recusando mesmo? Ou seria um truque, uma manobra? E se as autoridades realmente ficassem inertes — até quando? Apesar de tudo, pensei, você tem uma boa chance. Mas e se o interesse de milhões de pessoas for despertado por essas entrevistas de jornal e televisão? Eu estaria protegido de todas as possibilidades imagináveis? Apagara todas as pistas. Era impossível encontrar-me. Impossível mesmo? Talvez nos Estados Unidos eu estivesse absolutamente seguro. Mas não estava lá, estava em Hamburgo. E por outro lado, a afirmativa de Yvonne de que eu matara Jean Balmoral teria de parecer loucura a todos os que não soubessem da verdade, a afirmação de uma demente. Não, decidi, pode ficar tranqüilo. Mas eu preferia estar nos Estados Unidos do que na Europa.

Dobrei as folhas de jornal, meti-as debaixo da camisa e fui ao canto onde estava a minha pasta, para esconder as folhas. Andréia chamou da cozinha, avisando que o jantar estava pronto.

— Estou indo!

Sempre comíamos na cozinha, num grande nicho redondo a um canto. Dali se via o velho jardim. Andréia pusera a mesa com capricho, como sempre enfeitada de flores. Naquele grande nicho a gente se sentia como no convés de um navio, ou na cabine de um avião. Andréia era uma ótima cozinheira. Tudo corria depressa e sem esforço aparente. Eu me divertia colocando a louça na máquina de lavar depois da refeição e arrumando-a depois. Três vezes por semana uma faxineira cuidava da limpeza da casa. Chamava-se Wanderer. Era de muita confiança e leal, e trabalhava para Andréia há anos.

Sentei-me no convés e recebi junto com a comida um enorme prato de salada, que havia quase diariamente. Andréia era louca por saladas. Tirava o avental colorido de cozinha antes de começar a comer, e alegrava-se como uma criança quando eu dizia que tudo estava saborosíssimo. Acho que se devia dizer isso muitas vezes a uma mulher que além das outras tarefas ainda se dá o trabalho de cozinhar. Mulheres recebem tão pouco reconhecimento pelos seus inúmeros afazeres domésticos. Yvonne obviamente jamais preparara a comida durante nosso longo convívio.

— Você é um bom Gato — disse Andréia. — Para você a gente gosta de cozinhar. Você gosta de comer, gosta de brincar, e brinca com muita doçura.

— Não, é você que brinca docemente. Um homem mal consegue brincar com a mesma doçura de uma mulher.

— Quanta coisa temos em comum — disse ela. — Comer, beber, brincar. Gostamos dos mesmos livros e dos mesmos quadros, e temos a mesma opinião política — o que pode nos acontecer de mal?

Hoje vamos brincar outra vez, não é, meu Gato?

— Claro. Se isso lhe facilita o parto...

— ...então você se sacrifica, não é?

— Então eu me sacrifico.

— Você é realmente um Gato muito bonzinho, e vai ganhar mais um pedaço de fígado, é a comida preferida do meu Gato.

— Você é que precisa agora de muito fígado.

— Acha que vou lhe dar tudo? Vou tirar um pedaço para mim.

— Ela me olhou fixo. — Ah, Gato, será que tudo sempre vai ser assim como agora entre nós? Estamos juntos há apenas alguns meses, isso não é grande proeza. Mas em dez anos, quando eu tiver rugas e não for mais tão excitante para você, e aí?

— Bem, não será tudo exatamente como agora — disse eu. — Pois terei cinqüenta e nove anos, estarei careca, com dentadura postiça e reumatismo, e estarei impotente.

— Não, não estará.

— Sim, estarei.

— Então vai tomar injeções de hormônios. Impotente com cinqüenta e nove anos, onde já se viu? — De repente ficou séria. — Em dez anos... meu Deus, Gato, em dez anos. Talvez as bombas atômicas já caiam amanhã... e eu aqui falando em dez anos, eu idiota. Sabe duma coisa, Gato?

— O quê?

— Acho que devemos viver cada dia como se fosse o último.

— Mas é o que nós fazemos.

— Sim — disse ela. — Por enquanto. Não vamos esquecer: cada dia será o último. Santo Deus, em que época vivemos!

— Isso também as pessoas das outras épocas diziam.

— Você acha mesmo?

— Acho.

— Não acredito. De noite já tenho de ligar a televisão no noticiário. A cada notícia tenho a impressão de que não nos resta muito tempo.

— E a salada esteve excelente outra vez — disse eu.

— Obrigada, meu Gato querido — disse ela. — Você tem sorte com mulheres, eu entendo. Aquele que diz à mulher que o fígado está bom e que a salada esteve excelente, é um homem como todas querem, e se ainda por cima sabe brincar tão doce como você... mas sou uma boba, fico lhe dizendo coisas bonitas demais, você vai ficar com megalomania! Não — disse ela depois —, um Gato tão bonzinho como você não vai ficar megalomaníaco. Vai ficar

desmemoriado, com quarenta e nove anos já está esclerosado, meio prematuramente. Ao menos ficou contente?

— Contente? Com o quê? Penso que estou contente com tudo junto de você, mas parece que tem alguma coisa especial em vista.

— Ora, só não me diga que não viu!

— Não viu... o quê?

— Santo Deus, então não viu! — Levantou-se de um salto e saiu correndo da cozinha. — Ele não viu ainda! Será possível? — Voltou com a pasta nas mãos.

24

Abriu a pasta, e como se procurasse alguma coisa, espalhou na mesa tudo o que estava lá dentro: contas da livraria, outros papéis, uma agenda... e todas as páginas de jornais franceses, que estavam bem em cima.

Depois encontrou o que procurava. Era quadrado, muito chato, enrolado em papel de presente vermelho. Colocou o pacote na mesa.

— Você realmente não tinha visto isso?

— Não — disse eu. — Quando o colocou na pasta?

— Ontem de tarde. — Enquanto falava ela ia arrumando novamente tudo na pasta, as contas, os papéis, a agenda e todas as folhas de jornais franceses. Olhou-as um momento, mas sem interesse. — Abra — disse ela. — Abra, meu Gato!

Abri o pacotinho vermelho, abalado. Um velho disco de setenta e oito rotações apareceu, numa capa antiquada. Vi o título na etiqueta redonda: The man I love.

— Minha querida Esquilinha — disse eu, enquanto ela fechava a pasta. Os olhos dela brilhavam.

— Está contente, Gato? The man I love. A canção que sempre tenho na cabeça. A sua canção, a minha, a nossa canção. Desde que você está em Hamburgo andei atrás desse disco. Um disco velho de setenta e oito rotações. Naturalmente a gente encontra a canção em compactos de quarenta e cinco e em discos de trinta e três, cantada por muitas estrelas. Mas eu queria o disco velho, com a música daquele tempo, as ranhuras, a atmosfera. Doris Day cantando. Com aquela vozinha aguda, que todos têm num disco de setenta e oito.

The man I love está sentado aqui — disse ela. E me beijou. — Come on, let's dance, Gato!

Ela me pegou pela mão e correu comigo até a sala, onde estava o toca-discos. Não era mais novo, e tinha dispositivo para setenta e oito rotações. Andréia colocou o disco no prato e ligou o aparelho. A orquestra soou e depois a voz de Doris Day...

"When the mellow moon begins to beam, ev'ry night I dream a little dream..."

Peguei Andréia nos braços e lentamente, ao som da música romântica, começamos a dançar.

— Gato — dizia ela —, ah, meu Gato!

Beije-a.

— "...someday he'll come along, the man I love..." cantava Doris Day, e a sua voz e a música tinham um som metálico e vibrante que me comovia, lembrando um tempo há muito passado, quando eu era criança e Andréia nem havia nascido, aquele tempo de uma guerra cruel com cinquenta milhões de mortos, a maior da história. Naquele tempo as pessoas já dançavam ao som daquela música, e naquele tempo o disco fora prensado.

"...and he'll be big and strong, the man I love..."

— Esquilinha — disse eu —, te amo tanto. — E giramos devagar, o rosto dela contra o meu, a safira no velho disco arranhando, e, como algumas vezes antes, tive de novo a súbita sensação de já haver experimentado tudo aquilo, a terna música, a dança. Eu já dançara uma vez com Andréia, feliz e livre, girando, e era como se voássemos cada vez mais alto, num céu radiante. Quando fora aquilo, quando? Eu não sabia mais.

— Sirvo direitinho para você, Gato, não é?

— Direitinho.

— Se quiser que eu mude, deve me dizer, sabe?

"...and when he comes my way, I'll do my best to make him stay...", soava a voz de Doris Day no velho disco, vinda de outros tempos.

— Não quero que mude, quero você assim como é — respondi.

— Você é maravilhosa, perfeita.

“...he'll look at me and smile, I'll understand...”

— Não — disse ela. — Ainda sou muito boba e inexperiente com meus dois, três homens. Talvez você me preferisse mais requintada ou sensual.

“...and in a little while he'll take my hand...”

Ela apertou minha mão e disse: — Deve haver coisas lascivas e maravilhosas de que você gosta e que eu não conheço.

— Você conhece todas as coisas que eu gosto — disse eu.

— Muitas delas são pecaminosas?

— Sim.

— Eu sou pecaminosa, querido?

— Como eu.

— Ah — disse ela no meu ouvido —, o pecado não é uma coisa maravilhosa, querido?

— Com você é maravilhoso — disse eu.

“...and though it seems absurd, I know we both won't say a word...”, cantava Doris Day.

— Com outras também foi tão bom, Gato, me diga, me diga a verdade! É importante.

— Esqueci, não tenho mais nem idéia.

“...may be I shall meet him Sunday, may be Monday, may be not. Still I'm sure to meet him someday...”

— Verdade, querido?

— Verdade, Esquilinha. — Ela pegou minhas mãos e as colocou no seio.

“may be Tuesday will be my good-news-day...”, cantava Doris Day.

— Sim, deixe sua mão aí, Gato, mas firme, um pouco mais.

Assim é bom, é maravilhoso.

— Adoro teus seios — disse eu.

“...he’ll build a little home”, cantava Doris Day, “just meant for two, from which I’ll never roam — who would, would you?”

— E minhas coxas não são finas demais?

— Não. E suas pernas são compridas e excitantes.

— É tão bom ouvir isso, meu Gato amado...

“...and so all else above... I’m waiting for the man I love”, soou a voz de Doris Day. Um saxofone começou a tocar alto, e a safira cambaleava nas ranhuras do velho disco, sobre o qual tinham deslizado tantas agulhas em todo aquele longo tempo. A música tremia.

— Não me olhe desse jeito tão desavergonhado — disse Andréia, rindo. — Não, pode olhar, sim, Gato. Vamos brincar? — De repente ela ficou excitada. — Vamos fazer uma brincadeirinha doce?

— Sim, Esquilinha.

— Vem!

— Vou só desligar o aparelho...

— Pode fazer depois. Podemos fazer tudo depois. Agora só interessa brincar. Vem, Gato, brinque comigo!

25

Casamos a 6 de outubro, na igreja que Langenau freqüentava.

Estivemos no cartório dias antes, tudo fora bem depressa, como Patty profetizara.

— SMS!

— Como? — disse Andréia.

— SMS: Sem música nem sermão — respondera Patty.

Langenau estava muito feliz por estarmos casando na igreja “dele”, e o jovem padre também ficou contente. Um casamento assim certamente ele ainda não vira. Os amigos e amigas de Andréia estavam lá, e além disso vinte e quatro crianças tiveram permissão de faltar à escola e foram com os pais. Lá estavam sentados alemães, turcos, gregos, iugoslavos, espanhóis e italianos, todos em seus melhores ternos e vestidos, ainda mais nervosos do que Andréia e eu.

Ficamos bastante nervosos quando estávamos no pequeno altar, ou ajoelhados no banco, e o jovem padre falava conosco. Atrás de nós estavam os padrinhos: Conrad Langenau para Andréia e Walter Hernin para mim, ambos de terno azul-escuro como eu. Meu terno fora feito pelo pobre sr. Kratchowil em Viena. Usei-o pela solenidade do dia, embora já tivesse comprado ternos de confecção e outras roupas, pois minhas caixas que eu jamais entregara em Buenos Aires naturalmente não haviam chegado a Hamburgo. A conselho de Eisenbeiss, eu estivera numa firma de expedição e armara uma briga enorme, mas naturalmente não conseguira nada. E assim, também isso fora resolvido.

A costureira realmente imitara o modelo do Vogue, e Andréia estava linda como nunca. Era de lã creme, leve, a saia até os tornozelos, em cima justo e embaixo bem amplo. Lembrava um

desses belos e finos vasos de cristal de lindas formas. Como Andréia tivesse pernas longas, a saia comprida lhe ficava muito bem. Havia um casaquinho com a gola apenas revelando o laço da blusa de seda creme. O casaco fechava-se assimetricamente, os botões de um lado.

Andréia me explicara por que a roupa parecia tão fofinha: na fazenda havia "um pouco de veludo". Nos cabelos castanhos havia um gorrinho redondo de plumas de marabu, que agora estava no estreito banco onde nos ajoelhávamos. Os sapatos também eram creme. Eu tinha de contemplar Andréia o tempo todo, e pensei num filme chamado Mayerling, que conta a história do infeliz príncipe herdeiro da Áustria, Rodolfo, e sua amada Maria Vetsera... naquele filme ela usava um vestido bem parecido.

Como a maioria dos pais das crianças fossem pobres, Andréia pedira que não mandassem presentes nem flores. Quem quisesse fazer alguma coisa, poderia dar dinheiro ao Lar de Crianças Deficientes. As crianças tinham feito pinturas coloridas, ou bichos e pratos e figuras fantásticas com argila. Algumas deram recortes de tesoura, minúsculos naviozinhos feitos com cascas de nozes, ou cartas e poemas compostos por eles mesmos. Tudo isso no dia do casamento civil, no subsolo da livraria, que estava enfeitado, e ficamos muito felizes, sobretudo porque todos puderam comparecer apesar de não ser dia de folga.

Lá estavam todos sentados, o jovem pároco com uma comunidade bem singular à sua frente: católicos e protestantes, judeus, maometanos e não-crentes, social-democratas, democratas-cristãos, democratas liberais e "verdes", gente endinheirada e gente de pouco dinheiro. Tudo aquilo debaixo do teto de sua igreja: era realmente um pároco fantástico.

Na primeira fila estavam sentados os pais de Andréia, de mãos dadas. Ao lado deles o Apre Robert Stark e Patty. A música do órgão era às vezes retumbante, outras vezes bem doce, e quando o padre deu início à cerimônia, a mãe de Andréia começou a chorar e seu marido a acariciou. À nossa direita havia um capelão escondido, que

para mim era a pessoa mais importante além de Andréia, pois com discretos gestos ele me indicava quando eu devia me ajoelhar e levantar. Eu não sabia nada, e, para minha alegria, Andréia também não. Ela também a toda hora olhava o pequeno capelão gordo que nos comandava.

Então prometemos ser bom marido e boa esposa, amar e respeitar um ao outro, ajudar-nos em tempos bons e ruins, proteger e respeitar-nos e não nos abandonarmos até que a morte nos separasse. Eram palavras muito comoventes, e nos olhávamos nos olhos. Andréia estava tão linda, tão linda.

Depois de termos trocado as alianças e nos beijado, o jovem padre se adiantou e disse:

— Queridos noivos, queridos presentes, permitam que eu diga mais algumas palavras. Isso não é costume, mas exatamente neste casamento, no qual tantas pessoas de diversos países e religiões estão presentes, eu gostaria de acrescentar uma coisa. A maioria de vocês há de falar alemão o bastante para entender, e os que não sabem peçam aos seus filhos que traduzam baixinho. — E depois de uma pausa:

— Cada um de nós tem a ilusão de viver apenas a sua vida. Mas na verdade vive muitas vidas, tantas quantas as pessoas com as quais se relaciona. — Ouviram-se os sussurros de filhos de pais estrangeiros traduzindo as palavras. — Cada relação que assumimos, desde que não seja absolutamente superficial — entre duas pessoas inteligentes e sensíveis não há superficialidade —, deixa algo de nós no espírito do outro, e faz com que sua vida se torne nossa vida. — Pegou um papel amarelado e disse: — Meu pai tombou no terceiro dia da Segunda Guerra Mundial na Polônia.

Depois de sua morte recebemos ainda uma carta que ele escrevera à minha mãe logo antes de começar a guerra. Guardo essa carta como um tesouro, e muitas vezes a mostro a outras pessoas, pois hoje vivemos um tempo em que a cada dia pode irromper nova guerra. Por favor, escutem o que meu pai escreveu a

minha mãe pouco antes de sua morte, e, se for possível, apreciem suas palavras.

O jovem padre aproximou mais a carta dos olhos e leu: — “Chegou o momento de pensarmos em amor. Amamos o bastante? Usamos cada dia para nos admirarmos com outras pessoas, sermos felizes com elas, valorizarmos o contato, sentir o peso e o significado das mãos, dos olhos e do corpo? É hora de vivermos definitivamente o amor e a amizade antes de sucumbirmos na derrocada de um mundo sem esperança, para o qual nada mais vale. Juremos não pensar senão no amor, no abrir das almas e das mãos, no olhar do mais fundo de nossos olhos, e no abraçar aquilo que amamos, e em andar na luz do amor, sem temor algum...”

O jovem padre dobrou cuidadosamente a carta e guardou-a.

Achei muito bonitas as palavras de seu pai, e Andréia tinha os olhos molhados. Eu disse: — Está vendo, Esquilinha, naquele tempo as pessoas também tinham medo.

E ela disse: — Sim, e com muita razão. — E o jovem padre nos desejou felicidades e apertou nossas mãos. Depois os pais de Andréia, Langenau, Hernin, Robert Stark e Patty nos abraçaram e beijaram. E quando saímos da igreja pelo corredor, todos se levantaram e sorriam para nós, e alguns choravam.

Depois, lá fora, é que tudo se desencadeou; todos nos felicitaram, os amigos de Andréia e outros, muitas mulheres fizeram o sinal da cruz sobre a testa de Andréia e a minha, e muitos disseram coisas em línguas estrangeiras, e homens estranhos me abraçaram e beijaram nas faces. O pequeno Ali, que tão bem falava alemão, apresentou-nos seus pais e sua avó, que também viviam na Alemanha. E a avó, uma mulher baixinha com lenço na cabeça, estendeu-nos com mão trêmula um lençinho de seda amarelada, menor do que um lenço comum, e Ali disse que sua avó o ganhara de sua melhor amiga no seu casamento e o guardara sempre. Agora o lençinho era nosso e nos protegeria da desgraça. Andréia abaixou-

se e beijou a testa da velhinha, vestida como camponesa, o rosto engelhado de incontáveis rugas.

Depois levei Andréia para o estacionamento dos carros, e todos foram juntos. Lá estava um Mercedes novinho que um mecânico levava até ali enquanto estávamos na igreja. Eu tinha os documentos e a chave no bolso, e entreguei-os a Andréia; era meu presente de casamento. O velho Volkswagen simplesmente não dava mais. E todos admiraram o carro azul, mas fiquei meio deprimido porque muitos eram pobres, e jamais teriam um Mercedes. Mas não havia sinal de tristeza ou inveja em nenhum deles, todos riam, e bateram palmas, e alegraram-se com Andréia.

O padre mudara de roupa, apareceu em traje civil, pois estava convidado para o almoço. Eu encomendara uma mesa no Elbschloss, e os pais de Andréia também sentaram no Mercedes novo. O padre foi no carro de Langenau, com Robert Stark, e Patty no carro de Hernin. Quando partimos, todos gritaram e acenaram, e a voz mais alta era do sr. Rosen, que berrava: — Mazeltov! Mazeltov! Mazeltov!*

* “Felicidades!” em hebraico. (N. da T.)

Andréia dirigia, muito excitada e feliz. Experimentou todos os botões e alavancas, por fim ligou o rádio, ecoou a Inacabada de Schubert, e então ficamos quietos, ouvindo a música de um gênio.

De repente a música se interrompeu e um locutor disse: — Aqui Rádio Hamburgo. Senhoras e senhores, acaba de nos chegar uma informação: em um desfile militar no Cairo fanáticos islamitas em uniforme militar atentaram contra o presidente egípcio Anuar Sadat...

26

Nessa tarde Andréia, seus pais e eu, depois de mudarmos de roupa, fomos ao Prado Lüneburg, num restaurante antigo e muito bem situado. Ficamos sentados ao ar livre debaixo de grandes árvores frondosas, tomando café. Havia muitos fregueses nas mesas, e ouvi um homem dizer:

— Graças a Deus pelo menos não foram os judeus...

E uma mulher disse a um homem em outra mesa: — Não beba tanto, Kurt. — E Kurt respondeu: — Me deixe beber. Fico pensando nele o tempo todo, e nisso que vai acontecer por lá agora, e não quero pensar. Ele foi um homem grande, e bom, por isso naturalmente tinham de matá-lo. Se fosse um homem ruim e pequeno, o deixariam vivo.

Também pensávamos em Sadat, mas não falamos nele. Vimos um rebanho de ovelhas passando perto, e no meio um velho. Andréia me disse que essas ovelhas se chamavam Heidschnucken, uma raça muito antiga e boa de ovelhas, que só viviam no Prado Lüneburg.

Não, não falamos em Sadat.

O pai de Andréia tinha de voltar à clínica no dia seguinte para mais alguns exames, e por isso à noite levamos os pais dela ao aeroporto. Quando voltamos para casa, Andréia disse: — Então, Gato, não acha que eles são suportáveis?

— São formidáveis.

— São, sim — disse ela. — Só nos vemos quando realmente sentimos vontade. Pais assim são raros de encontrar.

À porta de nossa casa estava um grande envelope amarelo.

Entramos e abrimos o envelope. Andréia desdobrou um papel grande, colocou os óculos, e disse: — Santo Deus!

— Que foi, Esquilinha?

— Hermi escreveu. A pequena epiléptica do Lar, que sempre tem de usar capacete protetor e tem uma letra tão bonita. — Sentamos, e Andréia leu em voz alta: “Queridos noivos! Para o seu casamento, desejamos que sejam sempre felizes. Vocês foram tão atenciosos conosco, por isso agradecemos muito. Todas as crianças aqui, e os adultos, lhes mandam abraços. E todos vão assinar. Sua Hermi.”

— Veja só isso! — disse Andréia.

Embaixo da assinatura dela, havia muitas garatujas tortas e os nomes de alguns adultos, mas o resto da página estava todo coberto de impressões de dedos de pés e mãos de crianças que tinham prótese. E nisso vi a marca de batom de uma boca, e Andréia disse: — Essa é Lilly.

Lilly era uma menininha que não tinha pés nem mãos. Uma médica deve ter-lhe pintado os lábios para que ela também pudesse “assinar” a carta que nos mandavam.

— Gato, amanhã vamos agradecer — disse Andréia.

— Sim — disse eu. — E agora, vamos... ou será demais para você hoje?

— Não — disse ela. — Ah, Gato, eu amo muito você!

Encaminhou-se na frente para a sala com a cadeira de balanço e sentou-se. Já se podia perceber seu ventre ligeiramente aumentado.

Tínhamos virado a cadeira de balanço de modo a não se poder ver o quadro memento-mori. Ao lado da cadeira havia outra, e uma mesa.

Há algumas semanas tínhamos transportado para lá as caixas de som estéreo da sala de estar. Sobre a mesa, seis grandes livros de arte.

— O que prefere ouvir hoje? — perguntei.

— Vivaldi, por favor. Ouvi muito Rachmaninof e Mozart. Depois de Vivaldi, amanhã ou depois, eu gostaria de Gerschwin. Mas agora, Vivaldi.

— O que de Vivaldi?

— As Quatro Estações, por favor.

Fui até o armário de discos na sala, e pus *Le quattri stagioni* no toca-discos, o concerto para violinos, cordas e baixo contínuo.

Quando soaram os primeiros compassos, voltei para junto de Andréia e perguntei:

— E que Madona hoje?

Ela disse:

— Primeiro aquela com a rosa silvestre — e procurei num dos livros de figuras o quadro da Madona, da escola de Ghirlandaio, uma Madona infantil, jovem e rosada, de vestido vermelho e véu verde, com a criança no braço, e diante dela um vaso de rosas silvestres sobre uma mesa.

A música maravilhosa soou, e mostrei a Andréia a grande reprodução da Madona com a rosa silvestre. Andréia ficou sentada quieta, sem se balançar, com os óculos, e via-se que se concentrava muito na contemplação do quadro durante o primeiro trecho da música.

Nos outros, mostrei-lhe outras madonas dos livros de arte que eu trouxera da livraria para casa. A mãe de Andréia dissera que mulheres grávidas devem olhar belas Madonas, e ouvir bela música, então a criança também ficaria bonita. Por fim Andréia quis olhar ainda a Mãe de Deus de um mestre da Escola dos Beneditinos. O quadro fora feito havia mais de quinhentos anos, mas parecia moderno, lembrava um pouco Chagall. A Madona estava toda de azul. Segurava a criança despida no braço esquerdo, na mão direita uma maçã, e fitava a criança com ar muito pensativo.

Depois caiu o silêncio no apartamento, e ficamos sentados lado a lado de mãos dadas, olhando o jardim que escurecia. Sempre que possível passávamos uma hora ali, depois íamos para a cama e fazíamos amor. Fizemos o mesmo naquela noite.

— Ajoelhe-se, balance os quadris, bata palmas, dance o Mussolini, vire-se para a direita e faça o Adolf Hitler!

Os punks tinham ocupado o palco e cantavam esse texto com uma dança louca. Cada um mais horrendo que o outro: rapazes e moças pintados de verde, lilás, branco e cinza. Usavam alfinetes de segurança que pareciam atravessar suas bochechas, dentes pintados simulando buracos; sua aparência repugnante era completada por feridas e remelas artificialmente colocadas. Rapazes e mocinhas tinham raspado partes do cabelo e pintado símbolos repugnantes nas partes calvas. Vestiam farrapos, couro ou trapos, em cores berrantes. O feio é bonito, o bonito é feio — como cantavam as bruxas do Macbeth. Uggliness is beautiful! Os punks batiam os pés, balançavam os corpos, e a música martelava, ensurdecadora.

— “Cara, que troço sinistro!” — disse um rapaz ao meu lado — contou-nos Robert Stark, o Apre. Finalmente o tínhamos convidado, e ele aparecera, reservado e sorridente como sempre, com flores para Andréia. Ela preparara um jantar excelente, e nós dois a elogiamos muito. Depois de termos ajudado a arrumar a cozinha, sentamo-nos na sala. Stark e eu bebíamos uísque, Andréia, suco de laranja, e Stark contou do concerto punk a que assistira. Fora no dia 13 de outubro, exatamente o dia em que o Chanceler Schmidt recebera um marcapasso no Hospital Federal em Coblença. Pouco antes, a 10 de outubro, realizara-se em Bonn a maior demonstração pela paz na história da República Federal — cerca de trezentas mil pessoas reunidas.

— O que você está contando parece horrível — disse eu. — Por que foi a esse concerto?

— A gente tem de estar informado — disse ele. — Nós jovens — há tantos tipos de jovens que a gente fica confuso. Nomes e conceitos se misturam: viciados, refúgios para os que

“desembarcam”, chocadeiras de terroristas, encontros de danças de zumbis.

Psicoguetos, comunidades, de moradia, de sexo, politrockers, spontis, e além disso a juventude absolutamente normal, que quer trabalhar, aprender e progredir. O que é afinal a juventude alemã?

— Sim, o que é? — perguntei.

— Não sei, embora faça parte dela — disse ele. — Ninguém sabe.

O que pensa disso: em Bonn, na grande manifestação pela paz, havia tipos de jaquetas de couro em cujas costas se lia: ALEMANHA? LIXE-SE! Sim, mas em Dortmund, no campeonato mundial europeu de júniores, quando a Bélgica e a Alemanha se defrontaram e tocaram o hino nacional alemão, cinqüenta mil estudantes irromperam em gritos de júbilo como nunca se ouviu em parte alguma. “Dentro de um ano eles vão acompanhar o texto”, escreveu um jornalista, “e toda a primeira estrofe.” — Robert Stark sorriu. — A juventude — disse ele — faz a grande maioria da população mundial. Trinta e seis por cento abaixo de quinze anos de idade, quase sessenta por cento abaixo de trinta. Mas a juventude não é questionada quanto ao que deveria acontecer imediatamente para que exista um mundo de amanhã. Nem aqui entre nós. Muitos homens inteligentes queixam-se disso. Já por motivos de democracia e justiça, a juventude devia ser ouvida.

— Mas ela é ouvida — disse eu. — Nós a ouvimos.

— Talvez ela só seja assim porque ninguém lhe pergunta nada — disse Stark. — Porque ninguém dá sentido à sua vida. Todos só têm medo dessa juventude... também dela.

— O que significa “também dela”?

— Ah, cara senhora Kent, de que é que as pessoas hoje não têm medo? A Alemanha na crise. O desemprego crescendo. Falências por toda parte. O Estado muito endividado. A destruição do mundo cada dia mais catastrófica. Nunca, desde que existe a República Federal,

tantos alemães se mataram. Cada um de nós conhece ao menos uma pessoa que não resiste. — Balançou a cabeça: — Desculpem, estou falando demais.

— Não — disse Andréia —, por favor, não! Tudo o que você diz nós também sentimos.

— Muitos milhões sentem — disse Robert Stark. — Estou um pouco informado... um pouco. Trabalho há muito tempo também para um grande Instituto que faz pesquisas de opinião.

— Quando tem tempo para isso? — perguntei.

— Ora, nas férias ou depois que a livraria fecha. — Ficou mais animado ainda. — Em algumas semanas chega o resultado da nossa última grande pesquisa. “Armamento e Pacifismo” foi o tema.

Interrogamos uma parte representativa dos cidadãos eleitores. Já ajudei em duas pesquisas anteriores sobre o tema, em 1975 e 1978.

Uma pergunta é sempre feita: De que sente medo às vezes?

— E de que é que os alemães mais têm medo hoje? — perguntou Andréia.

— Da guerra, da guerra atômica — disse Stark. — É o maior medo, muito maior que todos os outros. Trinta e cinco por cento dos questionados. Trinta e cinco por cento! Em 1975 foram dezessete por cento, em 1978 só doze. O segundo maior medo é de doenças... dezenove por cento. Em terceiro lugar, onze por cento disseram: “Não tenho medo nenhum.” Há duzentos anos Hölderlin escreveu: “Não posso imaginar um povo mais dilacerado do que o alemão”.

— De que mais temos medo? — perguntou Andréia.

— Inflação e aumento de preços vêm depois, dez por cento.

Desemprego, oito por cento. Acidentes, também oito por cento.

Poluição mundial, cinco por cento. Em 1975 e 1978 ninguém tinha medo disso. Agora está aumentando cada vez mais. Estou certo de que nas próximas eleições nós os “verdes” — sou um deles — chegaremos ao Parlamento. Medo do futuro, seis por cento, mais

do que da poluição mundial, perdão. Morte e situação financeira ruim, três por cento. Velhice, tempos ruins, comunismo, terror, radicalismo, tudo isso junto, só dois por cento. E assim por diante.

— Mas guerra, trinta e cinco por cento — disse Andréia.

— Sim — disse Stark. — E esse é um medo pânico, o maior, o pior. Não admira, quando se pensa nos gigantescos sistemas de armamento que se desenvolve agora. Na Segunda Guerra, as bombas mais fortes tinham um poder explosivo de mais de dez toneladas de TNT, cerca de dez toneladas de dinamite. A bomba atômica sobre Hiroxima em 1945 já tinha efeito de treze mil toneladas de dinamite.

Hoje há foguetes correspondendo a vinte e cinco milhões de toneladas de dinamite. Vinte e cinco milhões de toneladas! No mundo inteiro há dessas armas atômicas, num total de três toneladas de dinamite para cada ser humano. E continuam se armando mais e mais! Todos os países gastam para isso quase um milhão de dólares por hora. Os Estados Unidos e a Rússia, as duas superpotências: dois menininhos metidos em gasolina até os joelhos.

Um tem cinco fósforos, o outro, dez. O que tem dez está feliz da vida: “Eu me sinto mais seguro porque tenho dez fósforos!” Os dois querem cada vez mais fósforos. Um milhão de dólares por hora, dia e noite, mês a mês, ano após ano! E cada um deles sabe: onde existem armas, um dia elas disparam.

28

Depois disso fez-se um longo silêncio.

Nenhum de nós três encarava o outro. Cada um pensava a mesma coisa. Por fim Stark falou: — E tem mais uma coisa, muito importante. Além do medo ainda temos a angústia. Uma diferença gigantesca! Pode ler em qualquer dicionário: medo é uma sensação que nasce de uma ameaça real, ou perigo real. Angústia nasce de ameaças e perigos indefinidos. Quem tem medo pode se defender, mas não quem tem angústia, por não saber do quê e contra quê. A angústia faz ficar doente. Quem tem neurose de angústia tem de ir ao psiquiatra. Não imagina como eles estão assoberbados, assim como as clínicas de doentes nervosos.

— Eu sei — disse Andréia. — A farmacêutica, a sra. Gerlach — vocês a conhecem, o seu pequeno Stefan fica na livraria conosco —, me disse: “É horrível. As pessoas se entopem de calmantes, calmantes. Medo de viver. Puro medo de viver.”

— E as conseqüências da angústia? — perguntou Robert Stark.

— Vício de comprimidos, alcoolismo. Quantas coisas se tratam hoje devidas à angústia. Enfartes, distúrbios circulatórios, problemas na coluna vertebral, úlceras, enxaqueca, asma, ciática... tudo doenças que levam as pessoas a deixarem seus empregos. — As faces de Stark estavam rubras, ele falava mais alto! — E agora, vem a coisa mais louca! Por que as pessoas têm angústia quando deviam ter medo? Quero dizer, por exemplo, deve-se dizer medo da guerra, e não angústia da guerra. A guerra é uma ameaça real. E todos os outros motivos também são ameaças reais. Por que então nos causam angústia e não medo? Por que até nos questionários se fala de angústia, e não de medo? O que acontece?

— Você sabe? — perguntei.

— Creio que sim — disse ele. — Por causa do tamanho e da variedade dos perigos, nós simplesmente perdemos o senso de realidade. Tudo é terrível demais, grave demais, insuportável demais!

Ou pode realmente imaginar o que aconteceria depois da explosão de uma bomba de hidrogênio? Não, não pode, ninguém pode. Uma explosão dessa é uma ameaça real, mas como ninguém consegue imaginar a realidade dessa ameaça real, por ela ser tão louca, cruel e desmedida, sem termos de comparação, nosso medo se torna estranho, sem que possamos evitar, se transforma em angústia. Não só com a bomba de hidrogênio, mas com tudo o que nos deveria causar medo mas nos dá angústia, porque hoje já não conseguimos calcular suas medidas. Uma usina atômica estoura. E o que acontece? Nossa economia vai à falência. O que acontece? Irrompe uma guerra atômica. O que acontece quando cinquenta ou cem ou quinhentas bombas atômicas explodirem uma atrás da outra? A Terra sairá do eixo? Ninguém sabe. E assim, o medo se transforma em angústia.

— Contra a qual nada se pode fazer — disse eu.

— Que nos deixa doentes — disse Andréia.

Stark concordou com a cabeça. — Veja o que esse medo causa — não só entre nós. Hoje as pessoas falam tanto em guerra e paz como há decênios não acontecia. Reconhecer a angústia é questão de honra; “pacificador” é um título de honra. E a angústia pela paz pela primeira vez se tornou politicamente influente.

29

Andréia pôs a mão sobre a minha. Estávamos nos olhando, e tentamos sorrir. Mas não conseguimos.

— Naturalmente — disse Stark, aquele jovem que até então mal tínhamos conhecido —, muitos dizem que tudo isso foi feito pelo Leste, pelos comunistas. Todo o movimento pela paz é de orientação comunista. Toda a angústia é fomentada pelos comunistas. Isso pode estar correto? O trabalho subterrâneo comunista pode levar trezentas mil pessoas a Bonn? Pode causar o maior índice de suicídios desde 1945? Pode conseguir que trinta e cinco por cento dos alemães tenham angústia por uma nova guerra, como a primeira e mais importante de suas angústias? Acreditam nisso? — Ele sacudiu a cabeça.

— É preciso ser idiota para não sentir angústia depois de tudo o que você contou aí, Stark — disse Andréia.

— Sim — exclamou ele —, mas segundo nosso questionário, onze por cento dizem que não têm medo.

— Nenhum povo mais dilacerado do que o alemão. Grande homem, esse Hölderlin — disse Andréia.

— Os políticos não conhecem muito sobre o seu povo — disse Stark. — O povo não liga muito para a política. Milhões se sentem abandonados e caem em depressão e melancolia.

— Depressão, melancolia — disse Andréia. — Não é novidade.

Palavras como melancolia, Weltschmerz, tristeza, aflição e manias — Grass já mencionou isso — sempre existiram na Alemanha.

— Sim — disse Stark. — Mas alguma coisa aconteceu.

Estávamos tão certos de que o bem-estar continuaria, a paz continuaria. E isso acabou definitivamente. Não é o medo, não é a angústia que domina tanta gente!

Eu disse:

— Os que não têm angústia ficam com medo dos que a têm.

Diante da alternativa de experimentar novas formas de vida, de todos os que nos dizem constantemente o quanto estamos ameaçados.

— E não é compreensível? — disse Stark. — Muitas alternativas falam em amabilidade, não-violência e humanidade — e depois acabam jogando pedras e brigando nas ruas com a polícia. — Bebeu apressadamente como falava. — Como vai continuar isso? Por toda parte a mesma coisa: indignação, angústia, insegurança, preocupação pela segurança e propriedade pessoais. Auto-acusação também sempre existe: “Era impossível termos uma vida tão boa!” e “Ainda temos vida boa demais!” Ainda, ainda! Esta palavra “ainda”!

Ainda ganho minha aposentadoria! Ainda posso viajar! Os estrangeiros ainda não me tiraram tudo! Ainda não temos guerra civil! Os russos ainda não chegaram! Ainda se pode beber água! Esse “ainda” é um sinal de angústia! Todos se sentem logrados e trapaceados pelos “de cima”: Os grandes escândalos financeiros! Os escândalos de suborno! Os escândalos do dinheiro nas eleições! E querem que a gente confie naqueles “lá de cima”, “aqueles de Bonn”, “aqueles na direção da empresa”? Esses podem nos “passar a perna com facilidade”. Há muito de Kafka na Alemanha, muito de Kafka. E isso também gera angústia.

— Você mora com seus pais? — perguntei, pois de repente achei que entendera aquele jovem na sua seriedade e paixão.

— Meus pais morreram — disse ele. — Faz tempo.

Eu esperava por isso.

— E parentes?

— Não; moro sozinho.

— Mas tem namorada? — perguntou Andréia.

— Namorada, ora — disse ele. — Claro. De vez em quando a gente precisa ter uma, não é? Mas nunca dura muito.

— Por que não?

— Nenhuma agüenta comigo — disse ele. — Sempre chega uma hora em que me julgam um “verde maluco”, com minha ecologia.

Mas não sou maluco, não sou mesmo! Estão vendo como o mundo em volta está sendo destruído? Olhem em torno! Não devemos nos preocupar com o amanhã? Nossos rios envenenados, peixe não se pode mais comer, nossas florestas morrendo. Todo dia um novo escândalo nos jornais. Ontem, crianças encontraram muitas centenas de cápsulas envenenadas da Segunda Guerra numa praça de brinquedos! O veneno está por toda parte entre nós, no chão, no ar, nos alimentos. O azeite da Espanha! Quantas centenas de pessoas já morreram por isso? Se você come carne de vitela, come estrógenos, se for homem vai ter seios, talvez câncer. Mercúrio nas conservas de frutas! Grande impacto: leite comum para bebês é melhor do que leite materno, porque no leite materno há hexaclorocicloexano...

— O que há no leite? — assustou-se Andréia.

— Um produto químico fortemente venenoso. A mãe já tem, como qualquer ser humano, tantos venenos no sangue que o bebê facilmente pode ficar prejudicado se a mãe o amamentar.

— Isto é horrível — disse Andréia. — Vamos ter de lhe dar leite de vaca, Gato. Espero que não seja perigoso.

— Com duzentos venenos empestamos de tal forma a natureza — prosseguiu Stark — que nem em cem anos ela ficará limpa. Quase uma entre cada duas espécies animais está se extinguindo. Um terço de todas as plantas. Até o ano 2000, se vivermos até lá, haverá pelo menos quinhentas mil espécies de animais e vegetais extintas. Meio milhão! Pode imaginar isso?

— Não — disse eu.

— Ninguém pode — disse ele. — Por isso, tudo nos causa angústia — os acidentes químicos, as catástrofes de enchente e seca pela devastação sistemática das florestas, a contaminação do solo por pesticidas. Loucura, não? Isto não é loucura? Nosso dinheiro de impostos também é aplicado na destruição de víveres! No ano passado a comunidade européia gastou duzentos e cinquenta milhões de marcos para acabar com frutas e legumes a fim de que os preços permanecessem estáveis, altos. Tudo isso é grave. Tudo isso causa angústia. Por isso sou um dos “verdes”. Não é apenas a angústia da guerra! — Ele nos encarou. — Afinal, onde estamos vivendo? E como viveremos amanhã se estamos destruindo tudo, tudo? — De repente ele se assustou tanto que se levantou.

— Santo Deus, peço desculpas! Vocês me convidaram, foram tão amáveis comigo, a comida estava tão boa — e eu falando e falando nessas coisas!

30

No dia em que pedi a Walter Hernin que não comprasse mais jornais franceses e lhe agradei, ele de repente ficou embaraçado.

— Fiz com prazer — disse ele, olhando para o lado. — Ajudo onde posso, Peter... você... Quero dizer, eu poderia...

— Então?

— Bom, então — disse o motorista de cabelos brancos que um dia fora professor universitário de História Antiga —, vou fazer sessenta e cinco anos. Quero dizer, um dia pode me acontecer alguma coisa. E Patty ficará sozinha no mundo. Posso pedir a você... você e Andréia, que cuidem um pouco de Patty quando eu não estiver mais vivo? Não quero que ela os estorve, pelo amor de Deus!

Vai para um bom internato, dinheiro não falta, ela herdará tudo. Mas que vocês não a esqueçam, para que não se sintam tão abandonada...

Você faria isso, Peter? — A voz dele ficara cada vez mais baixa, e por fim não passava de um sussurro.

Abracei-o e disse que podia ficar descansado, sempre cuidaríamos de Patty como de nossa própria filha. E ele ainda disse: — Bem, e quanto ao defeito da perna, coisa engraçada. Ela sempre me disse que vai passar, e você também disse, não é? E sabe de uma coisa?

— Que coisa?

— Acho que ela está melhorando de verdade. Bem devagar, mas melhorando, Peter. Não é maravilhoso?

— Está vendo — disse eu, e pensei no efeito que tem a repetição constante de uma frase. Pois naturalmente Patty mancava como sempre.

Na primeira oportunidade contei a ela o que Hernin me dissera, e seu rosto se iluminou.

— Ah, tio Peter, obrigada!

— Ouça, Patty, você vai fazer aniversário em breve. O que gostaria de ganhar de mim e da tia Andréia? Ou ainda não sabe?

— Sei sim — disse ela.

— Então, vamos lá!

— Sabe, tio Peter, você é tão grande e tão forte e tão amável... sempre penso nos amáveis ursos no Zôo. Por isso gostaria que você me desse um Teddy... um desses castanhos, para eu dormir com ele e levar comigo e abraçar. Um grande, um Teddy desses que a gente pode amar bastante.

— Vamos ver o que se pode fazer — disse eu. — Direi no Zôo que você precisa sem falta de um urso, porque a mim não pode levar para a cama e carregar e abraçar. Que tal?

E rimos muito.

31

— Ah, sr. Kent — disse uma enfermeira idosa de avental branco —, sua senhora já está com o doutor. Pode entrar.

Era alguns dias depois, pelas seis e meia da tarde. Assim como eu ia regularmente ao Dr. Salzer, que controlava o meu coração, Andréia ia a cada quatro semanas ao ginecologista por causa do bebê. Naquele dia eu trabalhara com Langenau na livraria, e quando fechamos, Robert Stark, que agora guiava o velho Volkswagen de Andréia, me levava à Bellealliancestrasse. Lá morava e trabalhava o Dr. Otto Kahler. Eu conhecia aquele homem alto, de rosto bondoso, pois muitas vezes viera vê-lo com Andréia, e sabia que sua gorda enfermeira se chamava Agnes. Nessa tarde Andréia era a última paciente.

Bati na porta da sala e ouvi a voz do médico: — Sim!

O Dr. Kahler e Andréia estavam sentados frente a frente na escrivaninha. Estavam sérios, e imediatamente me assustei.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, depois de beijar Andréia e apertar a mão do Dr. Kahler. — Alguma coisa errada com o bebê?

— Ora, meu Gato querido — disse Andréia.

— Tudo em ordem com o bebê — respondeu o Dr. Kahler. Era um homem perto de setenta anos, e sempre dava a impressão de trabalhar demais. Seu consultório sempre repleto, as mulheres confiavam muito naquele médico de olhos claros e cabelos grisalhos.

— Vai ser um bebê magnífico, sr. Kent. Sente-se.

— O Dr. Kahler e eu estávamos falando sobre a situação mundial e especialmente a Alemanha — disse Andréia.

— Ah — disse eu. — Por isso essas caras.

— O Dr. Kahler está muito pessimista — disse Andréia.

— Sim, é verdade — disse ele. — Olhe só o nosso país, sr. Kent!

Quase um milhão e meio de desempregados. E vai aumentar mais.

Crescimento econômico esperado: zero. A coalizão quando tempo vai durar? A SPD: irreversivelmente brigados e decadentes. Quanto tempo isso pode continuar? E se houver mudança de governo, acha que vai melhorar? Por quanto tempo o marco ainda valerá alguma coisa? Quando virá a grande derrocada? Que ela virá, todos sabem, só não sabemos quando. Tenho medo, sr. Kent.

Então ele também, pensei, lembrando de nossa conversa com Robert Stark. Mas um médico? E por que não um médico?

— Ouça, doutor — disse eu —, o senhor anima assim todas as suas pacientes?

Ele sacudiu a cabeça. — Claro que não, sr. Kent. Mas tenho simpatia pelo senhor e sua esposa. Considero-os amigos, bons amigos. E não preciso assustar sua esposa, ela é inteligente demais, e sabe o que está acontecendo. Hoje tive mais tempo aqui e pensei, agora está na hora de dizer a ela.

— Dizer o quê? — perguntei.

— O Dr. Kahler vai para os Estados Unidos — disse Andréia.

Fiquei atônito.

Ele deu um leve sorriso.

— Não, não sou médico de abandonar as pacientes.

Contemplei-o atentamente e notei, assustado, como parecia infeliz e cansado. Todos esperam que um médico esteja sempre saudável, repousado e animado. Simplesmente tem de estar.

Quantos médicos estão gravemente enfermos e não dizem a ninguém? Não devem dizer? Quem sabe Kahler estava doente.

Ele continuou falando:

— Eu realmente lhe contei isso em segredo, sabendo que não vai contar a mais ninguém, sra. Kent. — Depois ele me fitou. — Sabe, tenho sessenta e nove anos. Sempre trabalhei feito louco. O que minha mulher teve de mim? Quase nada. Houve muitos anos em que nem ao menos pudemos tirar férias. Quanto tempo vive uma pessoa?

Helga, minha esposa, é dez anos mais jovem que eu. Espero viver ainda um pouco. Mas quero esses anos para ela e para mim. Dá para entender isso?

Fiz que sim.

— Está vendo? Por isso dentro de um ano vou parar tudo. Aos setenta a gente deve parar, na minha profissão. De modo algum quero viver o que ainda vai acontecer por aqui. Por isso há algum tempo andei me informando, e encontrei com minha mulher um lugar especialmente bonito na Flórida. Lá estão construindo tanto agora, não é? Bem, investimos em um imenso conjunto residencial com um condomínio brilhantemente planejado, um belíssimo apartamento com vista para uma praia de palmeiras. Estivemos lá olhando tudo. Lindo, realmente lindo. Estava mesmo falando romanticamente disso à sua esposa. — Lá estava ele sentado, em seu avental branco, pálido, exausto, feliz. Seus olhos brilhavam. — Foi difícil guardar dinheiro para a velhice, apesar da trabalheira. Logo depois dos estudos fui convocado. Em 1944 tudo o que tínhamos de nossos pais ficou em escombros. Até montar meu consultório... pagar todos os meus aparelhos... Há sempre novidades, não é? Ainda hoje pago por alguns aparelhos que tenho há anos. Mas alguma coisa sobrou, e isso agora está investido em nosso lar na Flórida.

Trabalharei ainda um ano, depois nos mudaremos, Helga e eu. Estou muito feliz por ter aplicado assim o meu dinheiro. As moradias estão sendo construídas, mas a nossa parte já está paga. Com dinheiro que ainda valia alguma coisa. Agora, veja, sr. Kent, eu disse à sua esposa: "A senhora tem meios, faça o mesmo que eu! Compre alguma coisa nos Estados Unidos. A senhora é tão jovem, pode

facilmente construir alguma coisa lá.” Saia deste país, sra. Kent. Acredite, aqui está tudo acabado.

— Ora, doutor — disse Andréia —, mas a nossa livraria? Tudo o que fizemos! Teríamos que desistir de tudo.

Meu coração batia mais depressa. Para os Estados Unidos.

Muitos queriam fazer isso, como esse velho médico, por medo do que ameaçava a Alemanha, a Europa. Aquela gente pelo menos acreditava estar segura lá.

Eu não.

Segurança... onde havia isso? Não, não, se eu queria ir aos Estados Unidos, era por outro motivo. Apesar do que lera nos jornais franceses, estava preocupado. Preocupação infundada, eu me dizia, pois como poderiam me encontrar, mesmo que Yvonne conseguisse fazer com que iniciassem uma busca? Era muito improvável me encontrarem. Improvável; não impossível. Não, impossível não era.

Não enquanto eu vivesse na Europa. Mas nos Estados Unidos seria realmente impossível.

— Acho que o Dr. Kahler tem sua razão, Esquilinha — disse eu.

Ela me olhou assustada:

— Mas, Gato...

Não será fácil, pensei.

— Não quero dizer que tenhamos de ir logo — disse eu. — Só pensei que poderíamos ir para lá a qualquer hora se tudo aqui fosse muito ruim.

— Veja, sra. Kent — disse o Dr. Kahler. — Eu disse que seu marido ia concordar. E como ele diz: só por segurança, por tranqüilidade.

— Pense, Esquilinha, pode haver guerra — disse eu. — Você mesma disse; então certamente a Alemanha vai entrar.

— Sim, é verdade — disse Andréia. — É verdade. Mas... ah, Gato, ter que desistir de tudo aqui, você poderia fazer isso tão facilmente?

— Ninguém falou em desistir — disse eu, esperando que pudesse persuadi-la, lentamente, cuidadosamente. — Mas não faria mal comprar alguma coisa nos Estados Unidos. Vamos falar nisso com calma outra hora. Vamos ver as possibilidades.

— Isso mesmo — disse o Dr. Kahler. — Posso lhes mandar prospectos do meu corretor. No fim de semana dêem uma olhada nos anúncios!

— Que anúncios?

— Ora, anúncios imobiliários para os Estados Unidos. Nunca os viu?

— Não — disse Andréia.

— Pois vai se espantar vendo quantos corretores anunciam, sra.

Kent. E acredite em seu velho médico que lhe quer bem: é a única coisa sensata a fazer. Agora que a criança está por chegar, é bom saber que fizeram tudo pela segurança dela. — Debruçou-se sobre a mesa e acariciou a mão dela.

— A criança — disse Andréia. — Sim, claro, a criança...

O anúncio maior ocupava meia página, na verdade. Mostrava a bandeira americana, com a seguinte manchete: SOMOS PERITOS IMOBILIÁRIOS PARA OS EUA Abaixo vi o desenho de uma magnífica construção, que parecia um hotel de luxo. Ficava numa paisagem fabulosa, com palmeiras, praia, mar e o texto:

“Negócios imobiliários nos Estados Unidos são os melhores no mercado internacional de capitais. Pois a segurança política e a dinâmica financeira dos Estados Unidos lhes garantem boa renda, valorização a longo prazo, e segurança pessoal.

A propriedade EURAM-GmbH oferece a investidores alemães participações substanciais em shopping centers, hotéis, escritórios e edifícios de apartamentos.”

Era domingo, fim de outubro, mas ainda bastante quente, e Andréia e eu estávamos como tantas vezes lá fora em Reinbeck, em nossa ravina. Na estação tínhamos comprado a edição de fim de semana de grandes jornais, e cada um de nós estava com uma seção de anúncios nos joelhos, olhando os imensos dizeres. Eu estava com o Süddeutsche Zeitung, e havia tantos anúncios que apenas os olhei de relance, lendo as gordas manchetes.

INSEGURANÇA? MEDO DO FUTURO? PREVINA-SE: COMPRE UM APARTAMENTO NOS ESTADOS UNIDOS!

**UNIDADES EM WILMINGTON, DELAWARE, DE 28 A 84 m².
ADMINISTRAÇÃO GARANTIDA, SALDO DO PREÇO DE COMPRA
COMO HIPOTECA!**

Mais:

SEGURANÇA — FUTURO — APLICAÇÃO DE CAPITAL NOS EUA!

RESIDÊNCIAS, CLUBES, APARTAMENTOS.

EXCURSÕES EM GRUPO PARA VISITAÇÃO!

E ainda:

TEXAS-HOUSTON: NÚMERO 1 NOS EUA:

TERRENOS PARA CONSTRUÇÃO - 5 ACRES, 47.000 DÓLARES.

Eu lera mais vezes esse tipo de anúncios, mas não quis dizer a Andréia. Tinha de ser muito cauteloso agora, para ela não desconfiar e perguntar se eu realmente queria abandonar tudo ali só por causa daquela breve conversa com o velho médico.

— Santo Moisés! — exclamei fingindo espanto. — Olhe só isto, Esquilinha!

— No Welt a coisa também é impressionante — disse ela baixinho, balançando tristemente a cabeça enquanto olhava os anúncios que cobriam as páginas...

HORSESHOE BAY É UM SÍMBOLO DE SEGURANÇA, FELICIDADE E PAZ!

E mais:

FLÓRIDA: SEU INVESTIMENTO A PARTIR DE 42.600 DÓLARES. DEMONSTRAÇÕES EM FILME E DIAPOSITIVOS INFORMAM SEM COMPROMISSO — VOE CONOSCO AOS EUA — EM CASO DE COMPRA DEVOLVEMOS AS PASSAGENS.

E mais:

FLORIDA KEYS, MARATHON, EUA — TODA A SUA VIDA VOCÊ SONHOU COM SEGURANÇA E BELEZA PARA VIVER — O SONHO PODE SE REALIZAR — NÃO HÁ RISCOS NA CONCLUSÃO E

FINANCIAMENTO DA OBRA!

E sempre a bandeira americana! E tantas páginas de jornais cheias de anúncios, todos oferecendo o paraíso, segurança contra o medo, lucros abundantes, vida em paz e beleza, laranjais, edifícios inteiros ou apartamentos individuais, fontes de petróleo, até uma mina de ouro, segundo peritos, ainda cheia de ouro.

Eu já vira coisa semelhante em jornais franceses, mas nunca com aquela intensidade. Aqui, pensei, vive a maior concentração de pessoas com medo de uma guerra atômica, porque acreditam que a Alemanha será a primeira atingida.

Os Estados Unidos estavam em alta. Terra americana, eu sabia disso, estava vendendo como água. Estados Unidos, isso eu também sabia, era a terra onde nos últimos dez anos os alemães mais tinham aplicado dinheiro para terras e casas; portanto, também isto existia: negociar com o medo!

— Gato — disse Andréia abalada. — Isso é sinistro. Como foi que não vi isso antes? Nunca olho os anúncios classificados. O que vamos fazer?

Agora seja cauteloso, disse eu a mim mesmo, não pressione nem exija. No fim ela teria de querer por si ir para lá, não só por amor a mim. Só assim eu alcançaria meu objetivo de escapar para os Estados Unidos. Não era nenhum otimista romântico. Podia bem imaginar como se lucrava com isso, convencendo pessoas de que estavam em perigo na Alemanha, e acenando com a compra de sua segurança. Eu sempre fora cético. A única segurança que eu teria lá seria a de não ser descoberto, e disso dependia toda a minha vida.

— Sabe — disse eu, hesitante —, conheço esses anúncios de corretores, Esquilinha. Já os li em jornais estrangeiros. É preciso ter muito cuidado para não cair num engano terrível. Tem de ser um corretor sério e honesto.

— E como se sabe disso, para não ser logrado?

— Há um meio relativamente seguro: só devemos nos dirigir a um escritório que tenha bom nome há anos, o mais possível, e o melhor possível. Vi nos jornais anúncios de um escritório realmente sério, que se conhece até na Argentina. (Eu não podia dizer França.) É a firma Langstrom. Sei que eles têm escritórios em muitos países europeus e de além-mar. Aqui, por exemplo, está vendo, há anúncios da Langstrom, da filial de Hamburgo. A matriz da empresa, que deve ser do século passado, parece que fica em Berlim.

Andréia apertou-se a mim, toda encolhida.

— Eu gostaria... agora com a criança, você sabe... Mas a nossa bela livraria! E embora agora o movimento tenha caído um pouco... ainda estamos com lucro.

— Ainda — disse eu.

— Sim, sim.

— Penso que também poderíamos ter nos Estados Unidos uma livraria com seção infantil, caso a gente decida ir para lá.

Não pressione, pensei, de jeito nenhum mostrar impaciência e pressionar. Deixar bem à vontade. Basta por enquanto fazer com que Andréia vá a um corretor. Depois, voamos para os Estados Unidos.

Talvez Langstrom tenha coisas muito boas a oferecer. Que sabe então ela se decida lá a comprar alguma coisa e mudar-se da Alemanha. Sim, pensei, provavelmente será assim.

Se ela vir alguma coisa maravilhosa nos Estados Unidos, poderei pressionar um pouco mais. Mas não agora. Por enquanto ela deve pensar que também estou hesitante, que também me custa tanto quanto a ela.

— Nesses conjuntos supermercado-edifícios de apartamentos moram tantas pessoas no mesmo lugar e além disso ainda há muitos outros edifícios de apartamentos. Grandes parques, lê-se nos anúncios — disse ela. — Provavelmente poderíamos organizar outra livraria. Mas tudo isso só teria sentido se fôssemos para lá definitivamente, não é?

— Sim — respondi.

— Aqui teríamos de vender a nossa livraria Osterkamp.

Naturalmente teríamos de vendê-la, não?

Agora seja muito, muito cauteloso, pensei.

— Sim, sim, claro, Esquilinha.

Ela calou-se e mordeu os lábios.

— E também o nosso belo apartamento, Gato, teríamos de vender tudo. E lá nos Estados Unidos só teríamos nós dois, sem amigos, sem conhecidos, nada no começo.

— A criança — disse eu —, teríamos a criança, Esquilinha.

E ficamos os dois longo tempo calados.

Por fim ela indagou:

— Você gostaria de ir para lá?

Eu precisava arriscar, e disse:

— Sim, Esquilinha. Realmente a longo prazo não temos boa vida aqui. Nós dois só ficamos mais nervosos, e assustados, por fim começaremos a tomar comprimidos, e você conhece o efeito. Vamos ficar irritados, dizer palavras duras... por fim estaremos brigando aos berros, apesar do nosso amor.

— Não posso imaginar isso, Gato — disse ela, e acrescentou abruptamente: — E meus pais? A esses jamais conseguirei tirar da Alemanha! Vejo-os raramente, é verdade, mas posso vê-los quando quero. Se algo acontece, estou com eles imediatamente. E isso tudo teria acabado. E Langenau e o nosso Apre? E meus amigos?

Diabos, pensei, ela tem razão! Se eu pudesse lhe dizer a verdade. Não quero ir para lá por nenhum dos motivos dos anúncios, dos quais pelo menos metade é exagerada, para usar uma palavra suave.

Eu disse:

— Tudo deve ser pesado com muito cuidado e minúcia; para isso se precisa de tempo.

Mas não tempo demais, pensei, não demais, por favor.

— Quero dizer, naturalmente podemos visitar um dia esse corretor Langstrom, claro — disse ela.

— Se você quer mesmo... — eu tive vontade de rir alto, de alívio.

— Sim, claro. Temos de nos informar sobre tudo, e para isso precisamos de Langstrom. O que foi, Gato?

— Nada — disse eu. — Apenas estou orgulhoso por ter uma Esquilinha tão sensata e inteligente. — O primeiro passo está dado, refleti. O segundo virá depois. E por fim estaríamos nos Estados Unidos, em absoluta segurança. Eu estaria em absoluta segurança.

Yvonne pegou o bico dos seios com o indicador e o polegar, por cima do vestido, e fez um movimento como se quisesse ordenhar a si mesma. E abriu a boca e mostrou a língua várias vezes ao garçom mais próximo. Paul Perrier ficou roxo de vergonha. As pessoas ao redor encararam Yvonne atônitas. Todas as mesas do restaurante do hipódromo de Auteuil, na tribuna fechada com grandes vidraças, estavam ocupadas. A tribuna ficava junto da chegada, ao longo da qual se comprimiam muitos apostadores.

— Ora, não fique assim, Paul — disse Yvonne, num vestido vermelho berrante, um casaco de chinchila nos ombros, e muitas jóias de ouro. — Esse sujeito, esse patife de garçom nunca teria vindo. Agora sabe que quero mais champanhe. Qualquer um entende isso, sempre fiz assim. Acaso sente vergonha por minha causa?

Basta dizer. — E já estava agressiva. — Estou num excelente humor para isso.

— Mas por favor, chérie... — murmurou ele. Lá em cima na tribuna havia guichês onde se podia apostar, mas também havia muitas mocinhas andando com bandejas, recebendo os números dos cavalos e as apostas, e depois da corrida voltavam para pagar aos ganhadores. Pagamentos mais elevados era preciso apanhar nos guichês lá em cima. Havia agora muito barulho na tribuna.

Monitores de tevê mostravam os nomes dos cavalos e seus números de partida, depois de cada páreo.

Nos favoritos havia sempre cotas baixas, e nos outros, cotas muito altas.

Yvonne chamara com um sinal uma das amáveis mocinhas para fazer a sua aposta tripla. Disse o nome de seus favoritos, e a moça colocou o número deles num formulário impresso, deu um original a

Yvonne e ficou com a cópia. Também recebeu o dinheiro que Yvonne tinha que pagar. Era muito dinheiro, pois havia dezenove cavalos correndo e Yvonne ditara dez vezes três números em diferentes seqüências. Eram muitas combinações. Ela esperava forçar a sorte, distribuindo bem suas apostas.

As mesas na tribuna estavam muito juntas, de duas em duas, pois depois havia uma larga escada. Na mesa ao lado da de Yvonne sentava-se um senhor idoso com uma mulher muito linda, que deixava Paul Perrier muito nervoso, porque, enquanto escutava o senhor grisalho, sorrindo, pisava sem parar com o pé direito no pé esquerdo de Perrier.

O garçom trouxe nova meia garrafa de champanhe — a quarta que Yvonne encomendava: ela não queria que vissem garrafas grandes em sua mesa —; abriu a garrafa e esperou Yvonne provar.

Apesar do pedido feito de modo tão obscuro, ele continuava absolutamente cortês. Quando ela concordou com a cabeça, benevolente, e disse que o champanhe estava bom, ele disse com uma mesura e um servilismo exagerado: — Mil vezes obrigado, madame, isso me alegra muito.

Paul Perrier suava de vergonha, pois Yvonne, que não tinha senso de ironia, sorriu generosamente para o garçom, e a loura à esquerda de Perrier pisava-lhe no sapato, olhando-o desdenhosamente de lado.

A corrida começou e Yvonne saltou da cadeira para observar com o binóculo. O senhor idoso fez o mesmo, e sua companheira colocou casualmente a mão na de Perrier. Acariciou seus dedos lentamente, e perguntou ao seu acompanhante qual o cavalo da frente. Os dois falavam alemão, só com os garçons e as mocinhas das apostas falavam francês.

Perrier arriscou um sorriso, e a jovem lambeu o lábio superior.

Era realmente linda. Agora os cavalos chegavam à meta pela segunda vez e as pessoas na tribuna gritavam ao mesmo tempo, pois o número cinco, um cavalo em que ninguém confiava, e que

daria um lucro imenso se ganhasse, passava em primeiro pela meta. Só duas pessoas ficaram sentadas nas mesas: Paul Perrier e a jovem loura a seu lado. E ela disse a meia voz, com um rosto absolutamente inexpressivo:

— Quero foder com você!

Perrier entendia alemão o suficiente, e ficou transtornado. O senhor idoso sentou-se ao lado da jovem e falou com ela, enquanto Yvonne também se sentava, derrubando a garrafa de champanhe, de nervosismo. E dizia sempre a mesma coisa: — Tenho o Cinco, o Cinco primeiro depois o Dezoito e o Sete... — Remexeu nos bilhetes de aposta, procurando o certo, mas não o achou, e a jovem alemã pisava no pé de Perrier, o que o deixava louco. O casal alemão parecia abastado. O homem devia possuir uma imensa fábrica ou banco, pensou Perrier, que foi arrancado de seus devaneios pela voz de Yvonne.

— Alguém roubou o meu bilhete!

Algumas pessoas viraram-se para olhar.

Paul meteu-se embaixo da mesa para procurar o bilhete de aposta, e não o encontrou. Nessa oportunidade, meteu a mão debaixo da saia da vizinha e sentiu que ela abria bem as coxas.

Depois emergiu outra vez a cabeça vermelha, e disse: — Não há nada, chérie.

Naturalmente, Yvonne ficou histérica no mesmo instante, gritou e acenou para a mocinha a quem dera suas cifras, e a moça veio, muito calma e determinada, e disse: — Madame, a senhora não fez essa aposta tripla comigo!

— O quê? — berrou Yvonne. — Atreve-se a dizer uma coisa dessas? Sua impostora!

— Deixe disso, madame — disse a moça. — Tenho cópias de todas as apostas aqui no meu bloco. Não há nenhuma cinco-dezoito-sete.

— Mas eu lhe disse cinco-dezoito-sete!

— Lamento, madame, a senhora não disse.

— Sua putinha! — gritou Yvonne —, mas é demais! Um escândalo! Chame o gerente!

— Lamento, madame, aqui temos só o gerente do restaurante — disse a moça. — O gerente dos escritórios de apostas agora não pode sair do guichê lá em cima.

— Pois então vou até lá! — berrou Yvonne, e estava tão nervosa que até esqueceu Perrier. Subiu tropeçando a escada alta e falava sozinha o tempo todo. Paul Perrier disse à mocinha das apostas: — Por favor, desculpe o comportamento dela! — E ela deu de ombros: — Aqui há de tudo — disse, e foi embora.

O homem idoso da mesa vizinha correria para os guichês a trocar o seu lucro por novas apostas. Paul e a jovem ficaram sozinhos.

— Seu fodedor — disse a jovem, sem mover um músculo do rosto. — Você só trepa com essa velha aí. Deus, eu saberia o que fazer com você! Meu marido tem sessenta e seis anos, e eu trinta e dois. — Ela falava um excelente francês. — Este é o meu cartão de visitas — disse empurrando um cartãozinho para Perrier sobre o banco; meteu a mão entre as pernas dele, e gemeu. — Moramos em Munique, meu marido está sempre de viagem. Ele não se importaria se eu trepasse com você. Nunca se importou; é veado, sabe? Sou o seu cartão de apresentação; entre nós se chama isso de “condessa de areia”. Quer dizer, comigo ele joga areia nos olhos dos outros, para que não pensem que ele é veado. Naturalmente ele tem seus amiguinhos, mas tem de se cuidar, porque sua empresa fabrica armas para o governo. Você virá? Vou mimar você muito. Poderá ter de mim tudo o que quiser. — E pôs de novo a mão entre as pernas dele. — Estou louca por você. Venha logo que puder, dê o fora na sua velha. Comigo será muito melhor, e não sou tão histérica assim. Só estou louca por você, louca de desejo. Você vem?

De repente Paul Perrier viu uma faixa clara no horizonte escuro de sua vida, e disse que iria, talvez demorasse um pouco, mas iria.

— Fico molhada só de olhar sua calça, seu foderor — disse a jovem alemã. — Meu nome é Ilse. E o seu?

— Paul — disse ele. — Paul Perrier.

Nesse momento ouviram um grito.

— Paul! — Era Yvonne.

— Então, até breve — disse a loura Ilse. — Você tem de atender a sua velha.

— Perdão... — Perrier abriu caminho entre as pessoas, escada acima. Na tribuna havia inquietação, muitas pessoas a caminho das caixas ou voltando de lá, outras já indo embora. Nos guichês o movimento era ainda pior, e Paul precisou usar punhos e cotovelos para alcançar Yvonne.

— O gerente me botou na rua! — gritava ela. — Esse porco se atreveu a dizer que sou maluca. Paul! Vamos, uma vez na vida faça alguma coisa por mim!

Ele se aproximava cada vez mais pela multidão, Yvonne já estendia os braços para ele, quando sentiu que de repente alguém punha a mão no seu ombro. Virou-se de repente, e atrás dela estava eu. Debrucei-me sobre ela e dissilhe nitidamente no ouvido: — Agora não demora muito e será sua vez, sua miserável!

Yvonne caiu, pessoas gritavam, tratei de escapar. Quando Perrier chegou junto de Yvonne, eu sumira.

Naturalmente dessa vez também não era eu, mas o homem era como eu antigamente, barba, cabelo comprido, aparecera de dia, e muitos me tinham visto. Também Paul Perrier, que mal podia andar, tão fracas estavam suas pernas.

Lá estava Yvonne deitada. Muitas pessoas tinham recuado ao seu redor, enfermeiros chegaram correndo, Paul gritou ao empregado no guichê mais próximo que avisasse imediatamente a polícia do hipódromo, porque o homem que sumira era procurado pela polícia, era o advogado Charles Duhamel. Quando disse esse nome as

peçoas ficaram mais nervosas ainda, e ofereceram-se como testemunhas, e o empregado no guichê chamou a polícia. Em todas as saídas procuraram por um homem que se ajustasse à descrição dada por Perrier, mas ele sumira na multidão. E continua desaparecido.

34

A sala de espera da Agência Langstrom era imensa, com mobília incrivelmente sólida, e seus escritórios ficavam na Grosse Bleiche.

Poderíamos falar com algum dos outros senhores cujos nomes estavam fixados nas portas ao redor, mas o chefe, sr. Schönhaus, queria nos ver. Estávamos marcados para as 17h30min.

Andréia escorregava para lá e para cá na poltrona de couro.

— O que foi, Esquilinha?

— Gato, eu preciso, urgentemente. Você tem idéia de onde fica o...

— Mas é sempre a mesma coisa com você. Por que não foi na livraria...

— Mas eu fui, eu fui. Agora preciso a toda hora...

Então levantei-me e disse a uma mocinha celestialmente linda que batia na máquina elétrica quase sem ruído, atrás de um balcão, que minha mulher precisava lavar as mãos, onde ficava...

A criatura celestial me explicou o caminho, que expliquei a Andréia, e esta sumiu, voltando logo, satisfeita.

— Tudo bem?

— Rapaz, que banheiros chiques eles têm aqui. Firma muito séria, como você disse. Muito...

O sr. Schönhaus apareceu na porta, despediu um visitante e dirigiu-se a nós. Estava impecavelmente vestido, tinha o rosto redondo e rosado, boquinha pequena e bicuda, olhos azuis, de botão, e cabelo dourado nas têmporas; o resto era calvo.

Levou-nos à sua sala, onde havia também muito couro e cromo niquelado. Andamos sobre grossos tapetes, e num lambril de mogno

havia grandes retratos coloridos de mansões maravilhosas em belíssimas paisagens de floresta ou mar. Vi praias brancas e infinitas, palmeiras curvadas ao vento, mar azul, ondas com cristas de espuma.

O sr. Schönhaus ofereceu cigarros e bebidas, mas recusamos, e disselhe quem éramos e o que estávamos procurando.

— Cara senhora, caro sr. Kent — disse o sr. Schönhaus depois disso —, posso felicitá-los pela decisão, que mostra que estão muito bem informados e responsáveis em relação à criança que virá. — E acariciou a calva. — E imaginando o que procuram — prosseguiu —, acho que tenho exatamente o que desejam. — Tirou muitos papéis, planos e prospectos coloridos da escrivaninha. — Aqui — disse, e nos mostrou fotos coloridas depois de se levantar e inclinar sobre a mesa. — Acho que aqui seria o lugar ideal para os senhores. — Olhamos os retratos, imensos blocos de apartamentos, ruas com lojas e um supermercado, tudo em construção. O conjunto residencial era rodeado por velhas palmeiras, a certa distância, via-se o mar.

— É o Parque Harrodsboro, a cinqüenta quilômetros de Miami, um lugar abençoado, com clima excelente... — Interrompeu-se, porque Andréia se levantara. Estava muito pálida, olhos arregalados.

— O que foi, Esquilinha?

— Cara senhora, não se sente bem? Posso...

— Está tudo bem, sr. Schönhaus. Peço mil desculpas. Estou me portando de maneira horrível, perdão. Eu nunca quis ir para os Estados Unidos... só disse por amor ao meu marido, "então vamos dar uma olhada, vamos ouvir um pouco!"... mas agora que estou aqui, não quero mais.

— Mas Andréia...

— Vamos, querido, por favor, faça o que lhe digo, não faz nenhum sentido... — E olhando para ela, reconheci que de fato não fazia sentido, e levantei também e gaguejei desculpas, minha mulher

andava tão nervosa com a gravidez. O sr. Schönhaus manteve a dignidade, embora visse que tudo lhe era muito difícil; acompanhou-nos até à sala de espera e disse que isso acontecia, eram coisas humanas, e caso minha cara esposa mudasse de idéia... ele estaria sempre à nossa disposição.

Logo estávamos sentados no Mercedes, eu atrás da direção, e fomos para casa. Durante todo o trajeto não trocamos palavra, nem ao menos nos olhamos. Por fim isso se tornou tão insuportável que tive dificuldades em dirigir o carro com calma. Em casa, fui até a sala, sentei-me e tentei permanecer tranqüilo. Andréia chegou com soda e gelo, preparou um uísque, estendeu-me o copo e disse: — Quero lhe explicar tudo.

Então nos fitamos, peguei o copo, ela sentou-se à minha frente e começou:

— Sei que você está muito zangado comigo...

— De modo algum — disse eu.

— Está sim. Queria tanto ir para os Estados Unidos. Mas eu não posso, Gato, não posso. E não quero. E a culpa é sua.

— Minha? — perguntei, e tomei um grande gole.

— Sim, sua. Ainda se lembra de quando nos encontramos no Schafberg em Viena?

— Claro. O que isso tem a ver?

— Espere! Lembra-se de que você disse que tínhamos de nos encontrar, porque não existe acaso na vida, porque tudo está predeterminado, as coisas maiores e as menores? Lembra-se?

Fiz que sim. E sabia o que estava por vir. Bom, pensei, então não.

— E quando eu lhe disse que não entendia por que você queria vir para a Alemanha, logo um país como a Alemanha, em que as pessoas têm tanto medo de uma nova guerra, você disse que a

gente morre em toda parte, e que dia, hora e lugar estão predeterminados.

Em outra ocasião me contou a história da morte em Samarra, recorda?

— Sim, Esquilinha — disse eu, e de repente me senti cansado.

Adeus, América.

— Aquele homem rico em Bagdá, a quem uma vidente previne: A morte está a caminho e vem pegar o homem rico ainda esta noite...

— Conheço a história, querida Esquilinha.

— E o homem rico pega seu melhor cavalo e foge... para Samarra. E quando chega totalmente exausto avista a morte, que lhe diz: "Eu estava esperando por ti, chegaste atrasado. Vem comigo..." É a história da morte em Samarra, que você me contou, Gato, e ainda acrescentou: "Não se pode escapar. Ninguém, para lugar nenhum.

Quando a hora soar, você vai morrer como está determinado."

Palavras suas, Gato! Ou não?

— São — disse eu, e bebi outra vez, e pensei que na verdade eram palavras de Eisenbeiss, e eu mais tarde as repetira para Andréia, mas que importância tinha isso?

— E você acredita nelas?

— Sim, Esquilinha — respondi. Então, fim. Acabado. Sentença divina. Era preciso encarar assim, pensei... uma sentença de Deus.

— Essas palavras são uma espécie de credo seu, Gato, não?

— Sim, Esquilinha.

— Está vendo — disse ela, deslizou para o tapete e apoiou um braço nos meus joelhos. — Mas também se tornará o meu credo, Gato. Fiquei tão feliz quando você me contou a história da morte em Samarra. Feliz e apaziguada. Antes sempre tivera medo neste país; desde então não tenho mais. Adaptei-me com as coisas. Não se

pode fugir. O que tem de acontecer, acontece. Tudo predeterminado. Tudo decidido no começo do mundo — palavras suas.

Concordei com a cabeça.

— Mas se tudo é assim, e acredito nisso, querido, então seríamos desleais para conosco mesmos, fugindo para a América.

Iríamos trair algo em que nós dois acreditamos, você há mais tempo que eu. Sairíamos de Bagdá para Samarra. Quero dizer, então, se tudo está predeterminado, uma desgraça nos alcançaria nos Estados Unidos, talvez a morte... e aqui teríamos ficado vivos. Quem pode dizer realmente se haverá uma guerra atômica, e quando? e onde?

Todos moramos em Bagdá, todos os seres humanos. Pense nos muitos milhões que nem podem ir para os Estados Unidos, mesmo que desejem, porque não têm dinheiro. Pense no seu destino predeterminado, na sua vida e na sua morte. E pense na nossa vida e na nossa morte predeterminadas. Mas se não posso fugir ao meu destino, quero ficar aqui, onde estão todas as coisas que amo, meus amigos, pessoas que falam a minha língua. Seja como for, este é o meu país. Não quero abandoná-lo, Gato, entende?

— Sim — disse eu, e estava bem calmo agora. — Eu te compreendo, Esquilinha. Mas por que não me disse isso muito antes? Por que foi comigo ao Langstrom?

— Porque amo você, Gato! — exclamou ela, infeliz. — Porque vi como você gostaria de ir para os Estados Unidos! E pensei que podia me esforçar e me dominar e ir com você como boa esposa. Mas não funcionou, Gato. Não funcionou. Naquele magnífico escritório daquele sr. Schönhaus, de repente acabou. Não conseguia mais respirar. Tive de ir embora. Você me perdoa? Por favor, por favor, me perdoe!

— Não há o que perdoar, Esquilinha querida. — Larguei meu copo, puxei-a para mim, e a beijei.

— E não está infeliz por não irmos para os Estados Unidos, por ficarmos aqui... agora que lhe expliquei tudo?

— Não, não estou infeliz — afirmei.

— De verdade?

— De verdade — disse eu, e quando o disse, tornou-se verdade.

Realmente não se podia escapar. Nem se devia. E talvez por mais que me procurassem não me encontrariam, nem aqui na Europa, pensei.

E abracei Andréia outra vez e beijei-a muitas vezes, e ela ria e chorava de nervosismo, e repetia como estava feliz. Depois foi à cozinha preparar o jantar, e lentamente continuei bebendo meu uísque, e não pensei em nada, tão grande era de repente a paz em mim.

35

Jacques Leriôt, chefe do Secretário de Estado no Ministério da Justiça Philippe Nardonne, era bem mais velho do que este, baixo e também bem-vestido. E sentava-se na frente de Nardonne.

— Ouça, Philippe — disse o Ministro da Justiça. — Trata-se de madame Duhamel. — Nardonne fez cara de nojo. — Sim, dá náuseas. Sabe que ontem em Auteuil ela voltou a ser ameaçada pelo marido!

— Recebi um relatório da delegacia para onde a levaram.

Naturalmente ela desmaiou outra vez em Auteuil.

— Gosto tão pouco da história como você, Philippe — disse Leriôt. — Mas dessa vez muitas pessoas viram o homem e se apresentaram à polícia como testemunhas. Madame Duhamel me telefonou. Realmente conseguiu me alcançar, ao menos por telefone, e disse que daria uma entrevista coletiva à imprensa, para correspondentes de jornais estrangeiros aqui em Paris. Quero que você impeça isso.

— Querer é fácil — disse Nardonne. Os sinos da igreja de Notre-Dame próxima bateram meio-dia. — Não conhece essa criatura, Jacques. Uma fera.

— Não importa se é simpática ou não — disse Leriôt. — Trata-se de termos de impedir a qualquer preço essa entrevista coletiva. Há um fato que não podemos eliminar do mundo: o cadáver de Duhamel não foi identificado em Viena.

— Então também acha que ele está vivo? — Nardonne encarou pasmado o Ministro, a quem o ligava certa amizade.

— Claro que não acredito. Mas pela pura lógica não podemos excluir essa possibilidade. Você sabe muito bem, Philippe, que num número tão grande de mortos — mais de oitenta! — um ou outro

corpo simplesmente não é encontrado quando os cadáveres ficam tão mutilados.

— Está certo, vamos presumir que ele esteja vivo. Só por fazer de conta. Acaso Duhamel será tão doido quanto sua mulher? O que significaria essa encenação? Quantas vezes ele ainda pretende aparecer e ameaçar a mulher? Por que afinal não a mata de uma vez?

— Seria simples — disse Leriote. — E se um outro homem, com a máscara de Duhamel, fica assustando essa mulher dos infernos para se vingar de alguma coisa que ela lhe fez um dia?

— Outro homem...?

— Sim, outro homem! Não sabemos do que realmente se trata. E por isso tem de haver um fim. Não é tanto por essa pessoa, mas pela nossa responsabilidade e fama. Não esqueça que também não temos idéia de quem matou Balmoral. A Duhamel diz que foi seu marido.

— Ridículo.

— Certamente. Mas quem matou Balmoral? Quem é esse segundo homem? Por que já apareceu pela segunda vez? No começo desse caso tudo parecia diferente. Pense na opinião pública, Philippe, pense no exterior! A louca simplesmente não pode dar essa entrevista coletiva.

— E como pretende impedir isso?

— Dando início a uma investigação.

— O quê?

— E pegaremos para isso o nosso melhor homem.

— Nosso melhor... quer dizer Rolland?

— Quero dizer Rolland. Temos de esclarecer essa coisa. Se alguém pode fazer isso, esse alguém é Rolland. Mandei telefonar para a Delegacia Central de Polícia e pedi que o mandassem para cá.

Talvez já tenha chegado.

Nardonne pegou um telefone, indagou algo de sua secretária e depois desligou.

— Acaba de chegar. Está esperando aí fora.

Leriot foi a uma porta branca com enfeites dourados. Abriu-a e estendeu os braços.

— Comissário Rolland, que alegria revê-lo!

Entrou um homem baixinho e delicado. Devia andar na casa dos cinqüenta anos, e usava terno comprado feito, amassado e não muito cuidado. Tinha rosto oval, boca grande, testa alta e olhos de cor indefinida, que davam a impressão de pacientes e pensativos. O cabelo preto era curto, com várias mechas grisalhas. Ninguém teria imaginado que Rolland era comissário criminal, aquele funcionário da polícia criminal parisiense a quem se apelava sempre que apareciam casos insolúveis, que tinham de ser resolvidos com discrição.

Nardonne levantou-se e saudou Rolland com o respeito que sentiam todos os que alguma vez tivessem lidado com aquele homem pequeno, de aparência tímida. Rolland tinha fama, era uma lenda.

Em situações insolúveis e ameaçadoras, ele se saíra bem, assim como em casos que mais pareciam labirintos. O comissário Robert Rolland jamais alterava a voz, nunca perdia a paciência, não mostrava alegria nem preocupação, era sempre o mesmo — ali no Ministério da Justiça como diante de uma mulher bestialmente assassinada em Belleville, bairro miserável de Paris. Falava pouco.

Ficava sempre na sombra. Havia um acordo com jornais de nunca citarem o seu nome, nem escreverem seus casos. O que Rolland fazia jamais viera a público. Apenas seus chefes sabiam - de seus trabalhos.

O Ministro pediu ao pequeno comissário que se sentasse.

Rolland sentou-se, cruzou as mãos nos joelhos e escutou por uma hora o relato de Leriote e Nardonne. Só por três vezes fez perguntas, em voz baixa. De resto, sentava-se quase imóvel, os olhos semicerrados.

O tempo passava, os dois homens disseram a Rolland tudo o que sabiam e suspeitavam.

— Tem mais alguma pergunta? — perguntou Leriote.

— Não — disse mansamente o comissário Robert Rolland.

— Quando pode começar com a investigação? — indagou Leriote.

— Imediatamente — disse Rolland, que sempre trabalhava sozinho, embora pudesse contar em sua atividade com toda a ajuda, até a mais ampla intervenção das forças policiais, o que nunca acontecera. Rolland resolvera quieto todos os seus casos, às vezes com a ajuda da polícia estrangeira ou da Interpol. Nenhum sucesso o empolgava, nenhum fracasso o abatia. Não tinha mulher nem parentes. Sempre que sobrava tempo, o que era raro, jogava xadrez sozinho. Era a sua única paixão.

— Se este caso se mostrar insolúvel, pelo menos fizemos o que podíamos — disse Leriote.

O pequeno comissário respondeu calmamente: — Não há casos insolúveis, senhor Ministro. Só há casos sobre os quais não se sabe o suficiente. Nenhum caso se opõe à elucidação.

Nardonne perguntou:

— Por onde vai começar suas investigações?

— Pelo começo — disse Rolland, serenamente. — Bem pelo começo.

LIVRO III

1

O urso tinha a metade do tamanho de Patty.

Era de pelúcia marrom-clara, e o focinho marrom-escuro, com grandes olhos de vidro preto. Um urso alegre. E tão macio que todas as crianças o acariciavam. O urso foi o grande sucesso da festa de aniversário de Patty.

Ela recebera muitos presentes de nós adultos, mas isto na noite anterior e em casa, pois havia crianças pobres que talvez ficassem tristes ao ver as belas coisas que Patty ganhara, segundo ela mesma dissera. Na sua tarde de aniversário, 6 de novembro, tínhamos convidado todas as crianças que freqüentavam a livraria.

Nós adultos enfeitamos o subsolo de noite com guirlandas e balões coloridos. Era a primeira vez que uma criança festejava o seu aniversário na livraria, e Walter Hernin trouxera montes de bolos e pirulitos e limonada, e também do Lar de Crianças Deficientes vieram três convidados em cadeira de rodas, trazendo os parabéns dos colegas doentes. Quase todas as crianças fizeram pequenos presentes para Patty, e todas estavam tão excitadas quanto a aniversariante. Primeiro tinham-na felicitado e dado os presentes, e logo começaram a comer e beber. Quem não queria limonada podia tomar chocolate, que preparávamos no fogão elétrico no Cat's Corner.

Os adultos que vieram à livraria naquele dia observaram espantados o subsolo cheio de crianças felizes, e uma expressão de alegria e tranqüilidade aparecia em seus rostos, belos ou feios.

Dois de nós tínhamos de estar sempre lá em cima na loja, enquanto os outros cuidavam da festa de aniversário. Uma criança em cadeira de rodas não tinha braços, mas Ali, o pequeno turco, lhe

dava comida e bebida com o maior cuidado. E Félix, o pequeno judeu, andava por ali com uma máquina fotográfica bem simples, tirando retratos. Langenau fazia o mesmo com uma câmera bem mais complicada. Fotografava feito louco. Nunca o vira tão animado.

Quando lhe disse isso, ele me encarou, sério, fez que sim e continuou fotografando, e eu não sabia o que havia com ele, pois há alguns dias vinha se portando um pouco estranhamente comigo.

Andréia também notara, e eu perguntara a Langenau se sem querer o aborrecera com alguma coisa, mas ele disse: "Aborrecer? Mas como, sr. Kent?" E continuara esquisito, muitas vezes me olhando de soslaio, não de modo inamistoso, mas como se pensasse em algum problema.

— Deixe-o em paz — dissera Andréia. — Conheço-o há muito tempo. É um gigante com um coração de passarinho. Sua mulher morreu há treze anos. Desde então, teve duas amigas. É uma pessoa ótima, mas estranho.

E as palavras dela não conseguiram me tranquilizar.

Langenau trazia aliás novamente dois grandes esparadrapos na cara: há dois dias andara com alguns rapazes turcos e suas namoradas pela cidade, à noite, tentando levar seis amigos a discotecas. Os donos ou os leões-de-chácara de todas tinham sido muito reservados, dizendo que não podiam entrar estrangeiros, as casas eram só para sócios, ou davam outras desculpas. E um dos leões-de-chácara dera dois socos num dos jovens turcos que queria entrar ali a todo custo, e foi assim que tudo começou, meus caros, como diz Kipling, foi assim que tudo começou.

Fora uma briga bastante violenta, alguns alemães ajudando Langenau, pois os turcos se negavam a participar da briga. Tinham medo de que fossem dizer que haviam provocado. Fiquei pensando, talvez Langenau estivesse com dores e por isso andasse tão quieto, mas vi que brincava com as crianças, ria, e continuei sem saber o que havia com ele.

Como também vendêssemos discos, tínhamos um toca-discos simples na livraria, e quando pusemos alegres canções infantis, as crianças acompanharam entusiasmadas; também Langenau, Robert Stark, e Andréia, só eu não, porque não consigo acertar um tom. E mais uma vez vi um Langenau divertido, que ficou sério assim que olhou para mim, e não pude explicar o que havia com ele. Patty pensara até nos coelhos — agora eram onze — e no hamster, que receberam folhas muito bonitas e saladas e cereais especialmente escolhidos.

Quando a agitação principal diminuía e as crianças estavam um pouco cansadas de correr, cantar, comer e beber, Walter Hernin sentou-se numa poltrona ao lado de Patty e disse: — Querem que lhes conte uma história?

Todos queriam e Hernin disse:

— Então escutem.

E passou o braço nos ombros de Patty, que estava sentada no seu colo. Usava um vestido azul-escuro com gola branca e cinto branco, e abraçava o grande urso. — Ainda tenho uma surpresa de aniversário para você, Pattyzinha.

— Mais uma? — perguntou ela, encantada, fitando-o boquiaberta, mostrando a falta de um dente superior na frente.

— Sim — disse Hernin. — Você e eu vamos fazer juntos uma grande viagem.

As outras crianças emudeceram. Estavam sentadas no chão, espantadas. Félix e Langenau continuavam fotografando sem parar.

— Uma grande viagem? Vovô, que ótimo! Quando?

— Falei com sua professora — disse Hernin. — Como você é tão boa aluna, poderá ir alguns dias antes das férias de Natal, e depois ainda terá uns dias livres. Já tenho o visto...

— O quê? — perguntou Ali.

— A permissão para visitar esse país — explicou Hernin. — É outro país e a gente precisa de licença. — Já a consegui, para Patty e para mim. Vamos no dia dez de dezembro.

— Mas para onde, vovô?

O rosto dele suavizou-se.

— Para o lugar de onde vim — disse ele. — Onde nasci há sessenta e cinco anos.

— Não sei onde você nasceu — disse Patty, que até se esquecera de acariciar o Teddy, tão excitada estava.

— Nunca lhe contei. — A voz de Hernin estava um pouco triste.

— Nasci num povoado, crianças, tão pequeno que não se encontra em nenhum mapa. Imaginem só como é pequeno!

— E como se chama? — perguntou Félix.

— Chama-se Águas Perdidas — disse Walter Hernin.

— Como nos contos de fadas — disse Patty. — Nome triste, Águas Perdidas, vovô... Mas... todos os contos de fadas bonitos... não são sempre um pouco tristes, tio Peter?

— Sim — respondi.

Estava sentado na larga escada, tomando meu uísque devagar.

Andréia, sentada ao meu lado, pôs a mão sobre a minha e sorriu para mim. Também tinha um copo na mão, com laranja.

— Todas as belas histórias verdadeiras também são um pouco tristes — disse Hernin. — Águas Perdidas, sim senhores, assim se chama o povoado. Fica na Silésia, no centro do país dos Sudetos, no antigo condado de Glatz.

— Glatz? — disse Langenau. — Então agora isso fica na Polônia.

— Por isso precisei do visto — disse Hernin. Todas as crianças estavam outra vez agitadas, falando ao mesmo tempo, perguntando

se era a Polônia para onde tinham mandado os pacotes, e Hernin disse que era isso mesmo, o que naturalmente foi uma sensação.

— Águas Perdidas — disse Hernin a Langenau. — Também ainda não tinha ouvido o nome, hein?

Langenau fez que não.

— Está vendo? — disse Hernin. Acariciava Patty e o urso. — Passei lá a minha infância. Em Águas Perdidas viviam e trabalhavam sapateiros, polidores de cristal, e pequenos camponeses... como meu pai. As pessoas lá eram muito amáveis e todas pobres. E sempre desejei rever meu lar. Agora, no Natal, esse desejo vai se realizar.

— Que bom! — exclamou Patty.

— A aldeia fica num vale — disse Hernin. — Mas não é um vale qualquer, não mesmo! Por onde se ande, saltam fontes da terra nos prados.

— Fontes, o que é isso? — perguntou uma criança de cadeira de rodas, com colete de aço.

— A água sai do chão num jorro fino, como um pequeno chafariz. Sabe o que é um chafariz, não?

— Claro, ué — disse a criança de colete.

— Em Águas Perdidas há milhares desses pequenos chafarizes — disse Hernin. — Estão sempre se renovando, há centenas de anos.

— Milhares de chafarizes — repetiu a criança, comovida. — Nos prados, nos caminhos, é assim?

— Isso mesmo — disse Hernin. — Um verdadeiro milagre. Pois sabem, a água é muito especial, as pessoas a chamavam de "Poço Azedo", e muitas doenças desaparecem quando a gente a bebe. É uma água curativa.

— Você também bebeu, vovô? — perguntou Patty.

— Todos os dias, queridinha. Sabe, até hoje, como no meu tempo, as crianças ainda vão por aí com a mochila da escola e canecas de lata, ou quando são muito pequenas, só com canecas de lata. Não há nenhum outro povoado no mundo com tantas crianças carregando canecas de lata. Eles enchem as canecas de água das fontes e levam para os pais. Todas as pessoas bebem essa água, e existe uma canção, acho que até ainda me lembro... — E com voz fina e trêmula o velho cantou:

— Na montanha nevada corre a fonte gelada. E quem dela beber, nunca há de envelhecer.

Tudo ficou muito quieto no grande aposento.

— Sim — disse Hernin —, é como está na Bíblia: “Eles andam como quem sonha, e as fontes se abrem a seus pés.”

— Eles andam como quem sonha — repetiu Patty.

— Bem, crianças — disse Hernin —, sabem, em 1939, há muito tempo, quando vocês nem tinham nascido, a Alemanha começou uma grande guerra, e atacou outros países, e muitos milhões de pessoas foram mortas.

— Eu sei, foi Hitler, não foi? — disse Patty. — Ouvi falar disso na escola. O professor disse que estávamos envolvidos numa grande guerra, e que no começo tivemos muitas vitórias, depois os outros ficaram mais fortes e destruíram a Alemanha, e muitas pessoas tiveram de deixar suas casas e foram expulsas. Nosso professor também não tinha nascido ainda. Mas seus pais foram expulsos de casa, não sei onde era. Você também foi expulso, vovô?

— Não, eu não — disser Hernin. — Tive de me tornar soldado, fui tirado da Universidade, mas meus pais foram expulsos em 1945, e vieram para Hamburgo. Você não os conheceu, morreram antes de você nascer.

— Você foi soldado? — perguntou Ali.

— Sim — disse Hernin laconicamente. — E agora, atenção! Três anos antes de sua expulsão, quando meus pais e todo mundo de

Águas Perdidas e centenas de milhares de outras pessoas tiveram de sair para as estradas, chegou um homem de Breslau. Isso é uma grande cidade, bonita, que naquele tempo pertencia à Alemanha.

Esse homem era muito conhecido, um pintor, sabem, pintava quadros em igrejas.

— Vocês tinham igreja em Águas Perdidas? — perguntou Patty.

— E muito bonita — disse Hernin. — E no teto dessa igreja o famoso pintor pintou todos os moradores da aldeia, com seus cachorros e gatos, vacas e cavalos e porcos. Vejam, tenho um retrato dessa pintura. — Tirou de um envelope uma fotografia colorida, e quando as crianças se acotovelaram em redor dele, disse: — Calma, calma! O retrato vai passar por todos para que possam vê-lo.

Vi muitas pessoas na foto, e muitos animais. Os jovens usavam aventais de trabalho, e botas, as mulheres, lenços na cabeça, e ao lado de velhos e animais viam-se crianças. Bem juntos, em várias filas, estavam à beira de uma superfície azul que representava o céu, o que se via pelas nuvens brancas, e no meio do céu, no alto, rodeado de raios de luz via-se uma cruz.

— Ah, mas ele era mesmo um pintor muito bom — disse Patty.

— Que quadro bonito! E como fez isso, quero dizer, lá em cima, no teto? Teve de parar numa escada e virar tanto a cabeça. E não caiu!

O retrato passou de uma criança para outra, e todas o observaram muito sérias.

— Não era escada, era um andaime — disse Hernin. — E o pintor ficou ali deitado de costas cinco semanas, bem perto do teto, cabeça recostada para trás. Tinha de trabalhar assim, e por isso no fim sua cabeça doía muito e ele não pôde mais dormir de costas.

— Bonitos estão os bichos — disse uma criança perto de mim.

— Ele fez os bichos mais bonitos que as pessoas. Quero dizer, as pessoas estão bem feitas, mas acho os bichos melhores.

— O que é que vocês eram? Evangélicos como nós dois? — perguntou Patty.

— Sim, éramos todos evangélicos — disse Hernin.

— E as galinhas e cachorros e gatos e porcos, também? — perguntou ela rindo.

— Todos, sim — disse Hernin. — Por favor, me dêem um pouco o retrato. Estão vendo — disse ele, apontando com o dedo —, aqui está meu pai, e a mulher ao lado dele é minha mãe.

Patty recomeçou a rir.

— Ah, mas seu pai era gorducho!

Todas as outras crianças também riram.

— Naquele tempo ele ainda era gordo, sim — disse Hernin. — Mais tarde, depois das grandes tempestades de neve nas estradas, e da grande fome, e do grande frio, ele ficou magro, e nunca mais engordou. Minha mãe estava com nosso gato nos braços.

— Sim, um gato ruivo, mas que bonito! — disse uma criança.

— Essa é Minka. Já estava velha e morreu antes de meus pais terem que partir.

— Mas só há homens bem moços e bem velhos no quadro — disse Ali com ar crítico. — Onde estão os de verdade?

— Estavam todos servindo como soldados — disse Hernin. — Como eu. Eu estava na Rússia.

— Os outros homens de verdade também estavam todos na Rússia? — perguntou uma criança.

— Muitos. E muitos em outros países. Atacamos muitos países.

— Tio Walter! — disse Félix baixinho, parado ao lado de Hernin, e balançou a cabeça.

— A Rússia é muito grande, não é? — indagou uma menininha.

— Incrivelmente grande.

— E por que seus pais foram expulsos? — perguntou um menino.

— Primeiro, nós expulsamos outros e simplesmente pegamos seus países ou partes deles — disse Hernin. — Depois foi o contrário.

Não importa o que seu professor diga, Patty, não esqueçam nunca, todos vocês, o que lhes digo agora, pensem agora que digo a verdade: nós é que começamos aquela grande guerra, e tornamos tantas pessoas infelizes. Fomos nós, os alemães. Por isso mais tarde nós fomos muito infelizes. O que foi, Félix?

— Tio Walter, pare com isso — disse Félix.

— Com o quê?

— Você sabe — disse Félix baixinho. — Não fale sobre isso.

Muitos vão contar isso a seus pais, e eles vão ficar zangados.

— Pois que fiquem — disse Hernin. — É a verdade.

Patty perguntou: — Como você conseguiu esse retrato, vovô?

— Você sabe que sempre escrevo para aquele amigo polonês, não é? Bom, ele me mandou o retrato. Ele mora em Águas Perdidas.

— Então vamos vê-lo.

— Claro que sim, Patty! É uma pessoa muito amável e mora na casa onde nós um dia moramos. Por sorte ele sabe alemão. Primeiro escrevi simplesmente para Águas Perdidas pedindo uma foto da igreja, porque depois da guerra nunca voltei à minha velha cidade natal, e nunca vi esse quadro de verdade. Bom, então se apresentou aquele homem bondoso que agora vive na nossa casa com sua família; ele se chama Korczak.

— E agora só tem poloneses em Águas Perdidas? — perguntou uma criança.

— Sim — disse Hernin.

— E eles também estão mal como os outros poloneses?

— Receio que sim.

— Mas então vocês vão ter de levar muita coisa de comer! — exclamou Ali.

— Vamos, sim. Vamos mandar antes um pacote bem grande, pois seria muito pesado para se carregar.

— Como são os poloneses? — perguntou uma criança bem pequena.

— Gente como nós. Nossa pátria se chama Alemanha, e por isso somos alemães, e a pátria deles se chama Polônia, por isso se chamam poloneses.

— Entendi — disse a criancinha.

— Foi esse país, Polônia, que atacamos e destruímos primeiro — disse Hernin.

— Tio Walter, por favor, pare com isso — disse Félix.

— Fique quieto! A Polônia tinha fronteiras com a Alemanha, e uma parte da Alemanha se tornou polonesa quando perdemos a guerra. Essas pessoas polonesas foram mandadas embora de suas aldeias, e postas em antigas aldeias alemãs, para viverem e trabalharem lá. E o bom sr. Korczak me escreveu que agora há poloneses nos bancos da igreja em que um dia meu pai, minha mãe, eu e todos os nossos amigos estivemos sentados.

— Bom, claro — disse Ali. — Agora é igreja deles.

— Os primeiros poloneses que se sentaram debaixo do quadro, escreveu o sr. Korczak, que é camponês como meu pai, ficaram comovidos com as muitas pessoas sorridentes que estavam ali em cima, no teto, e julgaram que fossem santos.

Algumas crianças riram.

— Sim, é engraçado. A explicação, sabem, é que os poloneses são gente muito religiosa. Religiosa, corajosa e pobre. — Olhou em torno e disse: — Vocês todos são muito jovens e talvez não entendam, mas sempre que olho esse retrato, penso que as pessoas, todos os seres humanos, estão ligados entre si de maneira misteriosa — também vivos e mortos, pois muitas pessoas nessa pintura do teto da igreja morreram, como meus pais. E a maior parte dos poloneses que foram depois de 1945 para Águas Perdidas também já morreram. Seus filhos agora se sentam na igreja, e os filhos de seus filhos vão para a escola com canecas de lata colhendo água das fontes...

— Elas ainda jorram? — perguntou Patty.

— Sim, Patty, meu amigo escreveu que sim. Nós dois acreditamos que as fontes jorrarão eternamente. Estão vendo, assim as pessoas de Águas Perdidas estão ligadas entre si, as pintadas no teto da igreja que foram expulsas antes de 36, dispersas aos quatro ventos, que decaíram ou morreram, ou vivem em algum lugar da terra, e os poloneses que naquela vez arrancamos de seu lar, e que chegaram, bem estranhos, em Águas Perdidas... todos estão ligados, vivos e mortos.

— E você acha que estamos assim ligados a todas as pessoas do mundo? — perguntou Patty.

— Sim, queridinha — disse ele.

— Também com meu paizinho e minha mãezinha?

— Também com eles, claro.

— Quantos anos faz que eles sofreram o acidente de carro, vovô?
Nunca me lembro.

— Quatro anos, Patty. Você tinha quatro, e só lhe restou eu. Há quatro anos só você me sobrou de nossa família, e eu para você. Mas estamos e estaremos ligados com todos os nossos queridos, seus pais, minha mulher, meus pais, enquanto um de nós pensar no outro...

— Sim — disse Langenau —, também acredito nisso.

— Quando eu morrer você vai pensar em mim, Patty — disse Hernin —, e um dia, mais tarde, vai falar de mim a seus filhos, e assim, estão vendo, ninguém morre de verdade. Alguma coisa de todas as pessoas permanece na Terra. A figura da pessoa desaparece, mas tudo o que ela teve de bom, de melhor, continua no mundo. Por isso,, na verdade cada pessoa é um mundo inteiro.

— Não entendo isso — disse Patty. — Mas acredito em você, vovô, e estou muito contente porque tudo de bom de meu paizinho e minha mãezinha continua existindo comigo na Terra. — Apertou-se contra ele, e ergueu os olhos para ele. — E fico especialmente feliz porque ainda tenho você, vovô, e que logo vamos fazer juntos essa viagem para Águas Perdidas.

No momento seguinte ouviu-se um grito.

— Socorro! Sr. Langenau, socorro!

Todos correram escada acima, assustados, para a loja, na qual entrava correndo um rapaz, com macacão azul de operário, sangrando muito por uma ferida na testa. O sangue corria pelo seu rosto e pingava na roupa. O rapaz arquejava. Encostou-se em uma prateleira de livros. Depois as pernas não o sustentaram mais, e ele foi caindo lentamente.

As crianças gritaram de susto. Nós adultos saltamos para a frente. Eu conhecia o rapaz, que trabalhava numa marcenaria próxima e era amigo de Langenau; este correu para junto dele.

— O que foi, Öskan?

O rapaz sentia dores, e gemia. O sangue agora pingava no chão.

— Eles entraram na oficina... Bateram em mim... me ajude... eles vão me matar a pauladas... — Agora também Stark, Hernin e eu tínhamos corrido escada acima.

— Mas por quê? — perguntou Hernin.

— Faz uns dias andamos por aí... queríamos entrar numa discoteca... Eles nos botaram na rua, em todas elas... o sr. Langenau estava junto... minha namorada alemã também... Um dos leões-de-chácara contou para eles...

— Eles quem?

— Eles têm aí uma associação...

A porta abriu-se num arranco e dois rapazes de blue jeans entraram correndo, com paus na mão.

— Saia daí, seu porco!

— Seu porco covarde!

— Langenau, porco turco!

Com uma força que ninguém lhe atribuiria, Hernin deu um soco no rosto e na barriga do primeiro dos dois; o rapaz ficou verde e cambaleou. Hernin bateu de novo, abriu a porta da livraria e deu um pontapé no rapaz, que voou para a rua. Antes que eu pudesse ajudar, Langenau já abatera o segundo, que voou atrás do amigo.

Mas agora vi pelo menos uma dúzia de rapazes e homens mais velhos parados diante da livraria. A maior parte com paus. Pareciam decididos a atacar nossa loja.

Berravam e praguejavam, depois gritavam chamando o jovem turco Öskan, que vomitava quieto no chão, apertando a mão no estômago. Obviamente tinham-no ferido ali.

— Öskan!

— Öskan, seu turco puto!

— Venha cá, seu porco, vou acabar com você!

— Um momento — disse Hernin, e antes que alguém pudesse impedir, correr para fora, onde os homens ficaram tão atônitos que olharam imóveis o que ele fazia. O antigo professor universitário de cabelos brancos correu até o seu táxi, estacionado a poucos metros da loja, saltou dentro, ligou o motor e deu uma ré. O carro disparou

com rodas guinchando sobre a beira da calçada e parou exatamente diante da livraria. Tudo isso foi muito depressa, mais do que posso escrever aqui. Acho que Hernin teria atropelado qualquer um que não abrisse caminho, e pensei na época em que libertava condenados à morte pelos nazistas. Fazia muito tempo, mas ele ainda era o mesmo homem. Voltou ofegante. Escorregara para o outro assento, e abriu uma fresta da porta, não dava para abrir mais, tão perto da casa estava o táxi.

— Pronto — disse ele —, agora ninguém pode entrar. Senão vai acabar havendo pânico, todas essas crianças!

— Você está louco — disse Langenau —, eles podiam tê-lo matado.

— Sim, mas não o fizeram — disse Hernin, sorrindo amarelo, com dentes apertados. Algumas crianças começaram a chorar.

Andréia tentava acalmá-las. Ouviu-se um estouro, como de tiro de pistola. A grande vitrine quebrou-se, os grossos cacos de vidro caíram com ruído sobre os livros. Uma pesada pedra destroçara a vitrine. Uma tocha ardente voou pela abertura, e depois uma garrafa de cerveja. Quando esta caiu, houve uma explosão, e as labaredas subiram. Os livros da vitrina estavam em chamas. Devia ter gasolina na garrafa, e saltara para todos os lados. Também dentro da livraria alguns livros pegaram fogo. Agora, as crianças entraram em pânico.

Robert Stark chegou correndo com um extintor de incêndio e conseguiu facilmente apagar o fogo da loja. Mas na vitrine não.

Tínhamos um segundo extintor de espuma, no corredor para o Cat's Corner. Corri, arranquei-o da parede e tentei ajudar Stark a apagar o fogo na vitrine. Havia muita fumaça, que o vento levava para dentro da loja, e cheiro de gasolina e produtos químicos. Meus olhos começaram a lacrimejar, e as crianças gritavam como loucas no subsolo.

As janelas do táxi que obstruía a entrada quebraram-se com uma saraivada de pedras. Ouvíamos os estouros e ruídos de vidro e depois Langenau telefonando para a polícia aos gritos no Cat's

Corner. O rapaz chamado Öskan conseguira levantar-se e limpava o vômito com um pano molhado. Vi que pegara um balde com água, mas ainda sujava tudo de sangue. Tivemos mais sucesso com o segundo extintor. As labaredas morreram devagar, mas a fumaça acre nos deixava meio cegos. Corri para o Cat's Corner e peguei em um armário alguns panos de limpeza, que pus debaixo da água. Os homens correram com panos molhados para a frente, a fim de apagar completamente o fogo. Öskan também correu, deixando um horrível rastro de sangue.

A fumaça era intensa e perigosa, pois descia ao subsolo, e as crianças começaram a tossir convulsivamente, choramingando de medo. Entreguei a Andréia, que veio ao meu encontro na escada, um balde com água limpa para as crianças mergulharem os lenços e segurarem diante da boca.

A fumaça me impedia de ver lá fora. Eu só ouvia gritos, e ritmadamente o mesmo chamado: Langenau, turco porco! Langenau, turco porco!

Todos os inimigos dele pareciam ter-se reunido ali na rua.

Comecei a me sentir mal engolindo tanta fumaça. Tive náuseas, sufoquei, e cambaleei pelo corredor, para trás, a fim de abrir a porta do pátio. Assim pelo menos haverá vento, pensei. No mesmo instante em que destranquei a porta e a escancarei, levei um pontapé no baixo-ventre, e mal consegui escapar a um golpe de sarrafo na cabeça. Não podia ver direito, mas uma porção daqueles sujeitos estavam no pátio, e iam arrombar a porta. E eu, idiota, lhes facilitara o trabalho. Enquanto três ou quatro se atiravam sobre mim — não só com punhos mas barras de ferro, correntes de bicicleta e soqueiras, Langenau e os outros chegaram correndo, e no pátio se desencadeou uma briga incrível. Havia três homens em cima de mim, surrando-me violentamente, e eu devolvia os golpes como podia, mas caía a toda hora, e eles pateavam em cima de mim, dando-me pontapés nos flancos, na cabeça e nas costas. Quando me levantava, via Langenau, Hernin, Stark e o jovem turco chamado Öskan, sangrando muito, todos se defendendo bravamente, mas não

tínhamos chance contra aquela maioria. Vi que Hernin pegara um sarrafo comprido e batia freneticamente em círculo. Um sujeito e tanto, meu amigo Walter Hernin.

As pessoas que moravam na casa estavam debruçadas nas janelas que davam para o pátio e gritavam. Havia muita confusão, e sangue, e por fim peguei o sujeito que me machucara mais. Abati-o, mas estava tão furioso que continuei batendo nele quando já estava deitado no chão sujo. Depois levei um golpe na cabeça. Tudo ficou escuro, e quieto, e perdi a noção das coisas.

2

Abri os olhos e fechei-os logo, pois tudo ao meu redor estava branco, de um branco ofuscante, e meus olhos doíam. Gemi.

— Gato — ouvi a voz de Andréia —, meu pobre Gato. Doendo muito?

Descobri que estava numa cama e abri os olhos uma segunda vez. Doeu novamente, muito, mas eu queria ver Andréia, e vi. Estava sentada numa cadeira junto de minha cama, e parecia pálida, muito pálida e cansada. Com fundas olheiras escuras.

— Esquilinha — disse eu, com dificuldade. Minha língua estava inchada e seca. Havia cheiro de remédios no ar. Tudo realmente de um branco extraordinário. Eu ainda não via direito, pelos véus e nevoeiros, minha cabeça parecia um balão sob uma pressão imensa, mas não sentia dores, e disse:

— Estou no hospital, Esquilinha?

Era uma pergunta boba, mas eu não conseguia pensar com clareza.

— Sim — disse ela.

Agora eu a via direito, e logo me senti melhor.

— O que há comigo?

— Cortes — disse ela. — Um na testa, outro no ombro, e tiveram de dar pontos. O Apre está aqui, dois quartos adiante. Tem hematomas graves, um bem embaixo do olho. Öskan teve comoção cerebral, alguns amigos estão com ele. Langenau está no andar de baixo, ele só precisa ser bem examinado e fazer radiografias, para ver se não tem ferimentos internos, depois pode ir para casa. Se não tiver nada. — Acariciou minha mão, debruçou-se e me beijou. Mas doeu muito, e gemi outra vez, e ela disse, assustada: — Desculpe!

— Me beije outra vez — disse eu.

— Não, vai doer.

— Não dói nada. Me beije, Esquilinha! Vamos!

Ela beijou minha mão, e disse:

— Na boca não, na boca não, Gato, seus lábios estão machucados. Sou uma idiota por não ter pensado nisso.

— Que horas são?

— Duas e meia.

— Duas e meia de quê?

— Da madrugada. Eles me deixaram ficar aqui esperando que você acordasse.

— Duas e meia da madrugada — disse eu. — Tão tarde?

— Levou muito tempo até chegarem as ambulâncias e vocês serem medicados. Você e Robert Stark foram para a cirurgia, e eu sentada na porta rezando que tudo desse certo e você não tivesse nada de grave. Rezei muito. Você não tem nada de grave, Gato. O médico disse que todos vocês tiveram uma sorte incrível, podiam ter-lhes quebrado a cabeça e os ossos com aquelas correntes e paus, sem falar em ferimentos internos.

— Mas o que aconteceu com aqueles porcos?

— Três deles também estão aqui.

— Nós os apanhamos, hein? Alegro-me muito, de todo o coração — disse eu. — Aqueles porcos! Por que só três? Por que só três, Esquilinha?

— Porque era gente demais para você. Esses três, o Hernin deixou maduros para o hospital. Pense só, Gato, Hernin, um homem de idade.

— Não é homem de idade — disse eu. — É um lutador de primeira.

— Sim, ele foi extraordinário — disse ela —, todos vocês foram.

Verdade, Gato, estou orgulhosa de vocês, especialmente de você. E a polícia prendeu quatro dos sujeitos.

— Muito bem — disse eu. — Gatos gostam de ouvir isso. Os porcos! Mas por que não prenderam todos?

— Os outros fugiram antes que a polícia chegasse.

— Claro — disse eu. — Como de costume. E logo vão libertar aqueles quatro, acredite, conheço a coisa.

— Vão soltá-los mas haverá um processo — disse Andréia. — Dei queixa, também em nome de vocês. Ferimentos corporais, invasão de domicílio, incêndio... uma porção de coisas.

— Minha Esquilinha esperta. As crianças tiveram muito medo?

— Sim, mas está tudo bem agora.

— Também tive muito medo — disse eu. — Medo de que aquele sujeito com a soqueira me matasse. Sei que ele teria gostado disso.

— Bom, ao menos esse está no hospital — disse ela —, aquele grandão com espinhas.

— Como sabe disso?

— Uma enfermeira me disse. Está louco de dor.

— Maravilha! Maravilha! Vem, vamos brincar um pouco, Esquilinha!

— Santo Deus, você ficou maluco?

— Venha, por favor! Eu queria tanto. Agora, logo.

— Impossível, você acaba de acordar da anestesia, espere que logo vai sentir as dores.

— Não.

— O que não?

— Não quero esperar as dores. Quero brincar antes. Preciso, por favor, Esquilinha!

— Você perdeu o juízo, Gato!

— Sim, sim, sim — disse eu. — Claro que perdi o juízo. Você deixa um homem louco, minha doce Esquilinha. Venha! Não precisa tirar a roupa, só a calcinha. E eu fico deitado de costas.

— Mas isto é um hospital. A qualquer momento pode entrar alguém, Gato. Tenha juízo, por favor!

— Duas e meia da manhã, ninguém entra no quarto a essa hora — retruquei. — Se você me ama, virá brincar comigo. Vem?

— Não — disse ela.

— Você não me ama — disse eu. — Eu sabia.

— Seu bobinho.

E de repente perdi a consciência outra vez.

3

— O senhor tem algum indício, ainda que mínimo, para acreditar que maître Duhamel esteja entre os mortos? — perguntou o pequeno comissário Robert Rolland. Sentara-se diante do Dr. Ernst Englert, do Instituto Médico-Legal, na Sensengasse, metido em seu terno amassado e meio sujo. Ao lado dele, sentava-se um homem jovem e grandão, de óculos. O inspetor Wallner, da Delegacia de Segurança de Viena, tinha a tarefa de auxiliar aquele francês quieto e tímido em suas investigações. Os dois homens, tão diferentes, tinham simpatizado um com o outro desde o começo.

O Dr. Englert, um homem de certa idade, magro, de olhos azuis e cabelos grisalhos, balançou a cabeça.

— Não — disse ele —, não encontrei o menor sinal, comissário.

Falavam alemão, Rolland com um leve sotaque.

— Por indício também me refiro a objetos que possam ter pertencido a maître Duhamel: canetas, agenda, abotoaduras...

— Nada. Todos os objetos encontrados foram identificados pelos parentes das outras vítimas — acrescentou Englert.

Lá fora matraqueavam brocas elétricas num ruído ensurdecedor. Estavam reformando parte do Instituto. Ali estavam sempre em reformas. O Instituto era velho e pequeno demais. Havia muita poeira no ar, um brando céu de outono entrava pelas grandes janelas, iluminando incontáveis grãos de poeira.

— Madame Duhamel não tentou identificar o marido entre as vítimas? — Rolland falava num tom sempre igual, sem modulação, calmo e baixo. Seu rosto oval com boca grande e testa alta estava inexpressivo. Os olhos de cor indefinida tinham uma expressão de paciência ilimitada.

— Não, ela se recusou. Mandou seu conhecido, aquele monsieur...

— Perrier.

— Sim, o jovem Perrier.

— Talvez ele não conhecesse todas as coisas de maître Duhamel.

— É possível — disse Englert. — Mas não ficou um só objeto que não fosse identificado por algum parente. Por isso, não existe nada que tenha pertencido a maître Duhamel.

— Acha possível que alguma coisa tenha sido roubada?

Englert deu de ombros. Não estava chocado.

— Isso sempre é possível. A polícia imediatamente pôs barreiras e trancou tudo lá no aeroporto, e afastou as pessoas. Mas, naturalmente, com aquela confusão... O senhor acha possível?

— Acho tudo possível — disse Rolland.

— Tudo o que pertencia às vítimas foi posto em lugar seguro, senhor comissário — disse Englert. — Teria de ter sido roubado então especialmente o que pertencia a uma determinada pessoa, da qual não encontramos sinal. Acha isso possível?

— Sim — disse Rolland. — Acho possível, mas muito improvável.

Obrigado, Professor.

— Lá em Schwechat também não puderam lhe adiantar mais nada, não?

— Não. — Rolland fitou os sapatos. — Lá também não há nenhum indício.

— Quer dizer que maître Duhamel ainda está vivo? Com outro nome, outra aparência, documentos falsos? E é sua tarefa encontrá-lo? Não o invejo. Ele pode estar em qualquer lugar do mundo todo, comissário.

— Naturalmente, doutor — disse Rolland e sorriu. — Mas eu apenas comecei minhas investigações.

— Eu o admiro — disse Englert.

— Não — disse Rolland. — Não fale assim, por favor! É apenas a minha profissão. E se a gente tem dinheiro bastante, e dá um passo depois do outro...

— Meu Deus! — disse Englert enquanto as brocas elétricas retumbavam. — Um passo depois do outro...

Robert Rolland encarou-o e novamente havia no seu rosto aquele leve sorriso.

— Também um caminho de mil quilômetros se começa com um passo — disse mansamente.

4

— A vitrine estará arrumada amanhã, meu querido — disse Andréia. Era a noite do dia após o assalto. Todo o meu corpo doía terrivelmente, e eu me sentia fraco. Estava deitado quieto na cama, e Andréia acariciava minha mão. — Colocaram imediatamente uma vidraça nova, esta noite tudo será arrumado por dentro... a firma com os modulados prontos. Langenau está na livraria, teve alta esta tarde. Nada de ferimentos internos, graças a Deus! Só está horrivelmente deprimido. Nunca o vi assim. Mal fala. Não come nada.

Eu lhe disse que ele tem alma de passarinho. E é tão religioso. Acho que simplesmente não pode entender que haja gente que o odeie tanto, só porque ajuda os turcos.

— Ele podia ter subido para me dar bom-dia depois de receber alta — disse eu. — Seria amável da parte dele.

— Ora, Gato — disse Andréia —, não o leve a mal. Está tão infeliz. Por pouco não chora. Está se controlando muito. A polícia esteve aqui?

— Dois agentes da delegacia criminal. Fizeram o registro.

— Sim, na livraria também, e com o Apre. Meu pobre, querido Gato. Hoje não tem vontade de brincar, hein?

— Não, Esquilinha, hoje não. Nunca pensei nisso.

— O quê?

— Que um dia não tivesse vontade de brincar com você. — Praguejei. — Por quanto tempo ainda tenho de ficar aqui?

— Não seja impaciente, Gato. Você ficou muito machucado.

Amanhã vai estar bem melhor, com certeza. O pior está aquele pobre rapaz, o Öskan. Robert Stark também vai levar tempo para

ficar novo. — De repente deu uma risada.

— O que há de tão engraçado?

— Ora, Gato, aconteceu uma coisa incrível, talvez isso até o alegre um pouco.

— O que foi?

— Nosso Apre se apaixonou.

— Não — disse eu, atônito.

— Sim — disse ela. — Até por cima das orelhas. Uma coisa como você nunca viu, Gato!

Tive de rir, e rir doía.

— Ai! — disse eu. — O nosso tímido pesquisador de opinião?

Nosso especialista em angústia? Nosso pequeno Nostradamus? Santo Moisés! Como é o nome dela?

— Bernadette.

— A enfermeira Bernadette?

— Sim, a enfermeira da noite. Linda.

— Deus do Céu! — disse eu. — Cabelos negros, olhos negros, corpo lindo... poderia ser artista de cinema. Sabe Deus o que anda fazendo num hospital.

— Você a conhece?

— Claro — respondi.

— Escute, como... — começou Andréia e se interrompeu. — Ah, ela também cuida de você. Mas como a observou direito, não?

— Teria gostado, mas não deu — disse eu.

— Por que não?

— Estava tão apressada. Só me trouxe os remédios da noite e sumiu. Agora sei por que não voltou quando toquei a sineta.

— Você tocou? — Os olhos de Andréia se estreitaram.

— Sim, eu já disse.

— Por que a chamou, meu querido?

— Porque não conseguia dormir e queria um remédio.

— Só por isso?

— Só por isso, e não me olhe assim por favor! Não agüento. Amo você, minha Esquila querida, e se não me amar mais, minha vida está perdida. O que me diz?

— De quê?

— Meu poema de amor. Classudo, não?

— Muito. Então essa Bernadette até relaxou o trabalho. Essa me agrada.

— Ela não relaxou nada...

— Você ainda a está protegendo?

— ...mas veio outra enfermeira da noite e me deu o remédio. São duas, sabe. Uma tão bonita, outra horrorosa. E agora, fale do nosso Apre.

— Bom, estive com ele há pouco. Não dá nem para falar com ele, está delirando. Triste, triste o que as mulheres conseguem fazer de vocês homens. Ele sonha que a grande felicidade é ter ficado tão machucado e ter sido trazido para cá. Ou nunca teria conhecido Bernadette. Você tinha de ver o nosso Apre, Gato! Hematomas graves debaixo dos olhos, tudo inchado, e ele mal pode abrir os olhos.

— Bom, mas parece que isso foi o suficiente.

— Deus é que sabe — disse Andréia. — Bernadette, Bernadette.

Ele não diz uma só frase sensata. Tem um pouco de febre. De excitação, claro.

— Fantástico. O que aconteceu? Quero dizer, com exceção de mim, os caras vêm a essa enfermaria atrás de Bernadette.

— Com exceção de você, Gato, sim. Trata-se de algo superficial, sabe. Um relacionamento altamente espiritual. Nosso Apre também não pôde dormir, tocou a sineta — antes de você! — e Bernadette tinha tempo, eles ficaram conversando. E aí foi que aconteceu. Às duas e trinta e quatro da manhã, diz o Apre. Essa hora lhe é sagrada. Aí ele reconheceu que encanto é Bernadette. Quando ela lhe lia Bossuet em voz alta.

— Quem?

— Jacques Bénigne Bossuet, clássico francês — começou a recitar Andréia. — Teólogo e grande orador, nascido em Dijon, 27 de setembro de 1627...

— Pare com isso!

— ...falecido em Paris, 12 de abril de 1704.

— Esquilinha!

— Só não me diga que não conhece Bossuet! O famoso clássico francês Jacques Bénigne Bossuet, filho de advogado do tribunal de Dijon, de maior importância na história do ponto de vista da doutrina cristã e na defesa do absolutismo como admirador de Luís XIV...

— Esquilinha!

— Nem idéia, hein?

— Claro que sei a respeito de Bossuet. Isso faz parte da cultura geral. Por sorte ainda há gente com cultura geral.

— E um Grande Brockhaus de vinte e quatro volumes — disse Andréia. — Sei muito mais do que você. Quer que lhe explique por que a correspondência de Bossuet com Leibniz e o Abade Molanus, de Loccum, sobre a união das igrejas, não teve resultado? Porque Bossuet...

— Esquilinha?

— Gato?

— Beije o seu Gato. Na bochecha.

Ela fez o que eu pedia.

— E agora pare com essa conversa fiada!

— Porque Bossuet...

— Esquilinha — disse eu —, mais uma palavra e, tão certo como tenho duas feridas costuradas, eu a deito na cama e arranco a calcinha.

— Seria difícil para você, meu querido. Estou sem calcinha.

— O quê...?

— Sim. Achei que você ia querer brincar hoje. Era uma pequena surpresa. Mas você está se sentindo tão mal. Bom, então não. Pois nosso Apre e Bernadette dialogaram sobre esse Bossuet no meio da noite, às duas e meia, e depois Bernadette leu um pouco do *Sermon sur l'ambition*, de Bossuet, para o Apre — admito que era a tradução alemã, *Sobre a ambição*, e depois apaixonaram-se um pelo outro. Não é maravilhoso, Gato? Um amor tão grande! Sempre choro quando ouço falar num grande amor. Só que não tenho lenço aqui. Ei, eu disse que não tenho lenço.

— Ouvi. Nem eu.

— O que está fazendo?

— Tocando a sineta, você já viu.

— Sim, eu vi. Bernadette só dá remédios de noite. A outra enfermeira também.

— Quero um médico.

— Para quê?

— Quero ir ver o Apre. Ele ficou louco. Um de nós dois ficou maluco, quero descobrir quem.

— E o que tem o médico com isso?

- Preciso de licença para visitar o Apre.
- Mas você nem ao menos consegue andar.
- O que quer dizer “nem ao menos”, Esquila?
- Bom, eu tinha pensado que nós hoje podíamos realmente... mais tarde, claro... mas você tem tanta dor em toda parte...
- Quero uma cadeira de rodas — disse eu. — Você tem certeza de que está aqui comigo, Esquilinha, e de que me contou a história desse velho padreco francês?
- Certeza absoluta, por quê?
- Não sei, quem sabe eu fiquei maluco. Pode ser, não?

5

— É tudo exatamente como sua senhora lhe disse, sr. Kent — disse Robert Stark. Nosso Apre estava deitado na cama olhando radiante para Andréia e para mim. Eu mal podia olhar para ele. Seus olhos estavam realmente tão inchados que não passavam de estreitas fendas, sob as quais haviam prendido curativos brancos e macios. Seu rosto tinha todas as cores do arco-íris; ele estava indescritível depois daquela briga. Exatamente o rosto pelo qual uma jovem bonita como Bernadette teria de se apaixonar na hora, pensei.

E depois pensei, você certamente está com o mesmo aspecto, se não pior ainda. Nós dois simplesmente temos sorte com mulheres.

— Bernadette é maravilhosa — disse Stark, balbuciando, devia ser dos remédios contra dor, aquela fala confusa, que eu também tinha. — Maravilhosa mesmo. O senhor vai ver logo, ela sempre me traz os remédios por último, aí tem mais tempo. Toda a noite. A outra enfermeira é ótima, sempre a substitui, e podemos ficar conversando. Meu Deus, sr. Kent, que sorte eu ter levado tanto pau e acabar aqui. Uma providência, não se pode dizer diferente. Nunca acreditei nisso, Bernadette também não, mas é preciso, não é? — Sorriu de novo e ficamos sentados, os três, esperando por Bernadette.

Ela chegou um quarto de hora depois e não ficou nada embaraçada. Riu, deu-nos a mão, disse que sim, era verdade, entendiam-se fantasticamente, estavam muito felizes e seriam mais felizes ainda quando ele estivesse bom e pudesse se mexer. Uma mocinha moderna, uma jovem moderna que lia Bossuet. Disse que seu pai tinha uma editora pequena mas muito boa, de obras espirituais. Isso naturalmente explicava tudo...

— Adoro os filósofos franceses — disse Bernadette. — São tão claros e lógicos, ao contrário da maioria dos alemães. Com exceção

de Lessing, a esse eu também adoro.

— Eu não disse que ela é maravilhosa, sr. Kent? — perguntou Robert Stark com a língua pesada. — Bernadette, por favor, leia aos meus amigos aquela passagem... você sabe qual... para que entendam por que nós dois veneramos Bossuet. Eu não conhecia esse texto sobre a ambição. Aí a gente vê como é inculto.

— Com prazer — disse Bernadette, jogando para trás seus longos cabelos negros. — Mas na verdade eu teria de passar primeiro por toda a enfermaria e ver se todos receberam seus remédios.

— A Elsie fará isso — disse Stark. — Pedi a ela. Aliás, ela faz tudo. Só quando surge alguma complicação ela chama você, Bernadette. — Tirou da gaveta da cabeceira um livro que deu a Bernadette. — Ela o deixa comigo durante o dia — explicou. — Para eu ficar tranqüilo, certo de que vai continuar lendo para mim.

Bernadette pegou o livro e sentou-se numa banquetta. Seu avental branco abriu-se um pouco; ela tinha pernas longas.

Naturalmente não era tão bela quanto Andréia, mas quase.

— Prestem atenção, sr. e sra. Kent — disse o Apre. — O que vão ouvir foi escrito há trezentos anos. Trezentos anos! Por favor, querida Bernadette.

A enfermeira de cabelos negros leu: — “Esse nobre conceito de poder é muito distante daquele que fazem dele os poderes mundanos. Pois como faz parte da natureza humana ser mais receptiva para o mal do que para o bem, também os grandes acreditam que seu poder se manifesta mais pelas ruínas do que pelas boas ações. Daí as guerras, as matanças, daí as orgulhosas empresas desses bandoleiros a quem concedemos o nome de ‘conquistadores’. Esses heróis, esses vencedores, com todas as suas glórias, estão na Terra apenas para perturbar a paz com sua ambição desmedida. Foi Deus quem no-los mandou em Sua ira.

Suas vitórias espalham tristeza e desespero entre viúvas e órfãos; eles se alegram com o extermínio dos povos e com a

devastação geral, e assim fazem brilhar sobre nós o seu poder.”

Bernadette ergueu os olhos e fitou Robert Stark, sorrindo.

— Não é grande? — perguntou o Apre. — Isso não poderia ter sido escrito hoje?

— Sim — respondi.

— É por isso que leio Bossuet — disse Bernadette, os olhos negros brilhando.

— E esta noite vai ler mais, não é? — perguntou Stark.

Ela fez que sim, e o rosto pisado dele expressou a mais absoluta felicidade.

Andréia pegou minha mão.

— Desejamos toda a felicidade do mundo aos dois — disse. — Não é, Gato?

— Sim, toda a felicidade.

6

O pequeno e delicado comissário Robert Rolland disse: — Estou certo pressupondo que não pode me revelar o que tinha de falar tão urgentemente com maître Duhamel?

Daniel Mann era um homem atarracado, beirando os cinqüenta.

Sua sala de trabalho no grande escritório no Graben, 1º Distrito de Viena, era mobiliada com móveis antigos.

— Tem razão, comissário — disse o Dr. Mann. Fumava um Virgínia, charuto típico da Áustria, muito comprido e fino.

— Mas é certo que na noite de dezesseis de junho telefonou a Paris e lhe disse que ele tinha de vir imediatamente a Viena. E a seu pedido insistente ele então voou pela Euro-Air, avião das vinte e duas e quarenta e cinco de Orly. Com isso quero dizer: está certo que o senhor foi motivo da vinda dele a Viena?

— Claro. — O Dr. Mann chupou o seu Virgínia. — Quero dizer, até agora eu estava certo. Teoricamente ele pode ter tido outros motivos. Naturalmente. Mas é apenas uma hipótese muito, muito remota.

— Certamente — disse Rolland baixinho. — Não duvido que o senhor pense que maître Duhamel veio a Viena exclusivamente por sua causa. E muito provavelmente foi assim. Mas infelizmente preciso contar com todas as hipóteses, Dr. Mann, também as mais improváveis.

— O doutor entende — disse o companheiro constante de Rolland em Viena, o robusto inspetor Wallner, ajeitando os óculos.

— Claro que entendo — disse o advogado. — E para resumir, caro comissário: depois daquele telefonema nunca mais tive a menor notícia de meu amigo Duhamel. Ele não compareceu ao encontro noturno que marcáramos aqui. Naturalmente fiquei muito

preocupado. Então minha mulher me telefonou de manhã — trabalhei a noite toda — e me disse que o aparelho explodira. Ouvi as terríveis notícias no rádio. Naturalmente telefonei logo para a Polícia.

Meu amigo não estava entre os feridos. Até hoje, até esta hora, vivi na firme convicção de que meu pobre amigo Charles Duhamel morrera no atentado, tão mutilado que não pudera ser identificado.

Fui com minha esposa à cerimônia fúnebre dos não-identificáveis.

Éramos muito amigos de Charles, não de sua mulher. Considero absurdo procurarem por ele... desculpe, comissário, não queria ofendê-lo.

— Não estou ofendido — disse calmamente o pequeno comissário malvestido, e sorriu. — Essa busca deve lhe parecer de fato absurda, doutor. Mas acontece que é minha tarefa.

— O senhor realmente acha que Charles ainda está vivo?

— Não acho nada, doutor. — O que Rolland acabava de dizer, dizia com freqüência. Era a frase que mais usava. — Talvez maître Duhamel tenha morrido depois da queda do avião, não sei. Só sei que não estava nem entre os mortos nem entre os feridos. Nem entre os não-identificáveis. Até esse ponto eu cheguei. Agora tenho de ver como prossigo. Por isso qualquer ajuda me é bem-vinda. Se como velho amigo dele o senhor não quer ajudar, embora talvez possa, entenderei perfeitamente, e não ficarei zangado com o senhor. — Rolland comprimiu as pontas dos finos dedos umas contra as outras e olhou os sapatos empoeirados.

— Como poderei ajudá-lo? — perguntou o Dr. Mann. O aposento estava cheio da fumaça azulada do charuto.

— Bem, poderia talvez me dizer se seu amigo tinha outros conhecidos em Viena — disse Rolland, e isso soou quase humilde.

Silêncio depois das palavras. — Muito bem — disse Rolland, indiferente, e sorriu outra vez. — Então preciso tentar descobrir isso

de outro modo. Naturalmente vou descobrir. É só uma questão de tempo. E tenho muito tempo, ilimitadamente.

— É isso — disse o Dr. Mann, que deixara apagar o Virgínia e fazia cara de quem sente um gosto ruim na boca.

— O que significa “é isso?” — perguntou Rolland.

— É isso, o senhor tem todo o tempo do mundo. Vai descobrir, mesmo se eu não lhe disser. E muito depressa até. Logo eu, como advogado, devo saber disso. E o senhor iria pensar que lhe menti se lhe disser agora que ele não tinha mais conhecidos em Viena. Não farei isso. Sim, o pobre Charles tinha um bom velho conhecido aqui, até muito bom, a quem defendeu em Paris há oito anos e conseguiu absolver por inocência comprovada.

— Ah, meu Deus — disse o inspetor Wallner. — Esse!

7

— Vou ter alta na terça, Esquilinha!

Eu estava sentado na cama rindo quando ela veio ao meu encontro. E me beijou.

— Já me disseram, Gato.

Alguma coisa acontecera, senti isso imediatamente.

— O que foi, Esquilinha?

Ela sentou-se numa cadeira ao lado da cama e me olhou desamparada.

— Langenau vai embora — disse.

— O quê?

— Langenau vai embora — ela repetiu, e alisou o lençol num movimento sem sentido.

— O que quer dizer “embora”? Para onde?

— Para casa, no Tirol. Ele me disse essa noite, há uma hora talvez. Estou me sentindo mal, Gato.

— Um momento — disse eu. — Vamos devagar! E não fique nervosa, Esquila. Isso não é tão simples assim; Langenau não pode simplesmente ir embora, ele tem um contrato com você, é seu empregado. Trabalhou nessa livraria vinte e quatro anos, e agora quer ir embora, assim de repente?

— Ele disse que quer fazer isso há algum tempo, mas agora tem de ir. Lamenta muito e vai deixar um substituto de primeira, antes de nos deixar, já tem alguém em vista. Mas se gostarmos do substituto, Langenau quer ir embora o mais depressa possível, e pede que não insistamos no aviso prévio.

— Não entendo, Esquilinha. Ele sempre esteve contente conosco.

— Foi o que eu lhe disse. Pensei que éramos uma espécie de pequena família. Construimos juntos essa livraria. Sempre fomos unidos e nos ajudamos uns aos outros. Falei-lhe tudo isso, e ele reconheceu, mas agora quer ir embora. Seu amigo chega nos próximos dias e vai se apresentar. Trabalhou numa livraria de Munique, uma grande, que foi vendida, e ele não se dá bem com os novos donos.

— Mas por que, Esquilinha, por que Langenau quer ir embora?

— Saudades da pátria.

— Ora! — Fiquei furioso, — Por decênios estive em Hamburgo, e tem aqui seus amigos, e de repente tem saudades! Ridículo.

Ela me encarou tristemente.

— Não fique zangado comigo porque Langenau quer ir embora, não tenho culpa disso.

Beije-a.

— Perdão, Esquilinha, só fiquei confuso e assustado. O que faremos sem ele? É a alma do negócio, quer dizer, naturalmente você é, mas quero dizer...

— Sei o que você quer dizer — disse ela baixinho. — Será uma catástrofe Langenau ir embora. E ele vai, é certo. Não faz sentido tentar detê-lo. Ele já disse isso.

— Sim, mas deve ter acontecido algo que não nos contou, algo pessoal.

— Sabe, esse ataque na livraria e essa nova onda de ódio por causa dos amigos turcos o abalaram muito, creio.

— Ele lhe disse isso?

— Não diretamente. Disse que não gosta mais daqui, que não quer mais viver nem trabalhar aqui. Acho que não agüenta mais essa atmosfera.

— De repente? — perguntei. — Um sujeito como Langenau?

Quanta coisa ele já agüentou, quanto ódio, e só dava de ombros e continuava lutando por seus amigos! Não, Esquilinha, ele não é o tipo que de repente não agüenta mais. Deve haver outra coisa por trás disso, algo bem diferente.

— Mas o quê? Eu disse que não acreditava nisso de saudades, mas não adiantou, ele insiste. Esteve longe tanto tempo, e agora que está ficando mais velho tem saudades de Innsbruck, cada vez mais, disse ele... e está firmemente decidido a voltar. Não faz sentido discutir com ele, Gato, sempre diz a mesma coisa: que, por favor, quer ir embora.

— Na terça saio daqui — disse eu. — Então vou falar com ele, Esquilinha, e pode deixar, descobrirei o verdadeiro motivo. E se o descobrir, conseguirei que Langenau não volte a Innsbruck. Por que me olha assim?

— Ele andava tão esquisito com você ultimamente, Gato — disse Andréia. — No começo você estranhou e ficou triste. Sempre perguntou se o ofendera, talvez sem querer, ou coisa assim, e ele sempre respondia, mas qual nada, sr. Kent!

— Sim — disse eu. — Como foi que isso não me ocorreu logo!

Devo ter levado uma boas pauladas. Espero que não tenham quebrado nada. Você tem razão, Esquilinha. Ele andava muito esquisito ultimamente. Mas Deus sabe que não fiz nada! Sempre nos entendemos muito bem. Ele não pode estar zangado comigo.

— Na verdade eu nem quis falar nisso — disse ela. — Para você não se assustar ou pensar que tenha culpa... nesse estado. Lamento ter falado nisso.

— Não lamente — disse eu. — Obrigado por me ter lembrado.

Não há motivo para Langenau se portar assim, nenhum motivo, de eu ter feito ou dito alguma coisa, ainda que ele fale cem vezes em saudades de casa.

— Sim, mas o que faremos, Gato?

— Vou falar com ele — respondi. — Sozinho. Hei de descobrir a verdade.

8

De repente o tempo ficara péssimo. Choveu no domingo dia 8, e choveu segunda-feira. No hospital já estava tudo muito aquecido, mas lá fora assobiava uma tempestade gelada. Da minha janela via-se um pátio com árvores antigas. Ainda tinham muitas folhas coloridas quando eu viera, mas nos últimos dias a tempestade arrancara quase todas. O pátio estava coberto delas, e a ventania as fazia redemoinhar. Nunca ficava bem claro nesses dias, por toda parte a luz elétrica tinha de estar acesa. A tempestade traiçoeira vinha em tufões súbitos, sacudindo caixilhos de janelas e calhas.

Muitos pacientes se sentiam mal, muitos tinham tosse, resfriado ou gripe. Entre eles o nosso apaixonado Apre, com mais de trinta e nove de febre. Apesar disso estava num esplêndido bom humor, porque a folga da enfermeira Bernadette caía naquele fim de semana e ela podia ficar com ele e tratá-lo. Ficava sentada horas a fio na sua cama, como Andréia na minha, e nos telefonávamos. Não fomos até Robert Stark; teríamos perturbado sua felicidade e não queríamos nos contagiar.

Não sei por que sempre nos deixam no hospital os fins de semana e só dão alta nas segundas. Talvez tenham medo de que o paciente sofra uma recaída, parecem ter experiências com os perigos dos fins de semana.

Aqueles dois dias escuros e tempestuosos foram duros de suportar. Deixaram-me terrivelmente nervoso. Tive de pensar constantemente em Langenau e em seu estranho comportamento.

Andréia estava muito valente e contava histórias de sua vida, histórias engraçadas para me alegrar, e porque a amava, eu ria alto.

Mas estava muito deprimido e nada alegre. Nem mesmo tinha disposição para brincar com ela, e isso mostrava como eu estava abatido. Poucos visitantes vinham ao hospital com aquele tempo, e

só o mínimo de médicos e enfermeiras estava lá. Teríamos podido fazer amor sem sermos perturbados à noite, mas eu contagiara Andréia com meus pensamentos negros, e também ela estava abalada quando foi para casa no domingo. A tempestade uivava, a chuva batia na vidraça, e na segunda Stark me telefonou ainda num entusiasmo louco e apaixonado, pois Bernadette continuava lendo para ele Sobre a ambição de Bossuet. Havia a toda hora um trecho especial que Bernadette tinha de ler para nós, e Andréia, que estivera outra vez o dia todo sentada junto de minha cama, estava com o fone no ouvido. Os dois há muito se tratavam por “você”, e certamente Bernadette não ficava o tempo todo lendo textos do grande filósofo e orador francês.

Naturalmente cada vez dizíamos que o trecho era extraordinário, pois isso deixava o Apre desmedidamente feliz.

— Ouvindo esses dois, a gente se sente realmente um casal velhíssimo — disse Andréia certa vez.

— Bobagem, Esquilinha — disse eu. — Ainda somos tão jovens quanto eles; é esse tempo de fim-de-mundo que perturba nossas almas sensíveis.

— Não — disse ela. — É Langenau, você sabe disso.

— Sim — concordei. — É só Langenau.

Estava realmente um tempo horrível. Eu tinha uma televisão no quarto, mas o programa do fim de semana era intolerável. Só ligávamos as notícias, e estas nos abalavam ainda mais. O locutor só falava de guerra, desgraça e catástrofes naturais. Depois de um noticiário desses na noite de segunda-feira, meu telefone tocou, e Stark estava no aparelho outra vez. Acabara de saber que tinha de ficar mais uns dias, até seus hematomas desincharem, e considerava isso uma sorte imensa.

— Bernadette trocou com a outra enfermeira e vai fazer serviço noturno outra vez. Vai trazer as Orações fúnebres, de Bossuet, e ler para mim. Mas talvez eu já possa ler para ela. Não conheço as Orações fúnebres e sempre me considerei um homem culto.

— Nunca ouvi falar em Orações fúnebres.

— Mas Bernadette! — exclamou ele. — Não é maravilhosa?

— Muito — disse eu, e Andréia sorriu para mim. Agora pelo menos o Apre ajudava a nos divertir. — Uma mocinha fabulosa, digo-lhe isso, Robert!

— Ela ouviu — disse ele. — Está com o fone no ouvido. Sua mulher também, não?

— Sim.

— Ora — disse ele, depois de ter respirado fundo. — Esse tempo não é maravilhoso para gente como nós?

— Não podia ser melhor — disse eu.

— E a febre deixa a gente tão maravilhosamente abatido — disse ele. — Diabos, nunca na minha vida fui tão feliz. — E começou a espirrar. Depois da quinta espirrada, desliguei. Andréia e eu nos entreolhamos e rimos alto. O Apre salvara a situação.

Andréia perguntou ao médico de plantão se podia passar a noite comigo, e ele não fez objeções. Ainda era muito moço, e estávamos certos de que sua namorada também vinha visitá-lo. Mandou trazer uma segunda cama, o que só fez por boa educação. Sabia muito bem que ela era inútil. Mas agora nosso humor melhorou depressa, e rimos e falamos bobagens, e o telefone tocou de novo; era o Apre: — Ouvimos dizer que sua esposa vai passar a noite aí.

Bernadette também. O que acha disso, sr. Kent?

— Congratulações!

— Ela manda dizer que falou com a enfermeira que vai chegar aí agora para só aparecer quando o senhor chamar!

— Rapaz, rapaz — disse eu —, que hospital este!

— Quando nos surrarem outra vez juntos — disse ele —, viremos correndo para cá!

A enfermeira da noite — uma mulherzinha miúda com óculos de aro niquelado — bateu logo depois à porta. Era muito séria e digna, e desejou boa-noite. Bom, e foi o que tivemos. A chuva e o vento pioravam cada vez mais, mas nem ligávamos, só ouvimos isso de passagem, quando estávamos deitados lado a lado na minha cama.

— Essa é a maior invenção do mundo — disse Andréia.

— Sim, e a coisa mais louca é que cada um descobre isso por si.

— Você descansou muito nesses dias, Gato, descansou muito mesmo — disse Andréia apertando com força o corpo no meu. — Ah, Gato, Gato, sem você eu não poderia mais viver nem uma hora. E não só por isso. Meu Deus, este é mesmo um hospital e tanto!

De repente ela saltou nua da minha cama para a outra, e ficou se rebolando lá feito doida.

— Esquilinha!

— Sim, já vou. Preciso amassar os lençóis como se tivesse dormido aqui. Amanhã esqueço e o que as enfermeiras vão pensar?

— Elas que pensem o que quiserem. Você é casada comigo, tem o direito soberano de dormir na minha cama.

Ela largou a sua rebolação imediatamente, sentou-se e disse: — Tem razão. Que tolice, me dar esse trabalho!

— Você tem seios lindos — disse eu.

— Estou indo — disse ela. — Estou voltando, meu Gato amado!

Mais tarde, quando estávamos de novo deitados lado a lado, ela disse:

— Você acha que Bernadette leu muitas Orações fúnebres para o nosso Apre?

— Nem meia página — disse eu. — Uma moça ótima, realmente, mas não é intelectualizada demais... não acha?

— Nem ele — disse Andréia. — Além do mais, posso tranquilizar você: na cama ela certamente vai esquecer essas Orações fúnebres.

Vai ser mais pela ressurreição, e tão normal quanto você e eu.

— Você quer dizer...

— Gato!

— Hum?

— Não me olhe assim com esse ar depravado!

— De repente me sinto terrivelmente depravado.

— Maravilha, maravilha, Gato amado. Então vamos ser depravados, desmedidamente depravados!

9

Na terça, 10 de novembro, ainda chovia e ventava muito.

Deixei o hospital ao meio-dia, depois de me despedir do nosso Apre, prometendo visitá-lo. Andréia estava comigo, e prometeu a mesma coisa. Levou-me de carro para casa, tomei banho e mudei de roupa. A livraria estava outra vez arrumada, nada mais lembrava o ataque, o incêndio e a briga. As crianças me saudaram ruidosamente, alegres, e também na loja era preciso deixar a luz acesa durante o dia. Poucos fregueses apareciam, por causa do mau tempo, e eu brincava com as crianças. Depois me sentei no Cat's Corner e tomei um pouco de uísque. Langenau estava muito cortês mas evitava falar comigo. Por fim perguntei se podia visitá-lo à noite e conversar sobre tudo.

Ele me encarou novamente com aquele jeito estranho e disse: — Claro, sr. Kent. Quando pretende ir?

— Bem, talvez às nove, depois do jantar.

— Muito bem — disse ele, pegou uma pilha de livros e foi para o depósito nos fundos.

Portanto, naquela noite fui com o Mercedes ao Kaiser-Friedrich-Ufer, no Canal Isebek, onde morava Langenau. O tempo estava horrível. O vento uivava em volta do carro, a chuva tamborilava no teto. Estacionei perto da casa e atravessei correndo a rua para a porta do edifício, que já estava trancada. Premi a campainha três vezes, e do porteiro eletrônico soou, abafada, a voz de Langenau: — Quem é?

— Peter Kent.

— Já vou, sr. Kent.

Alguns minutos depois a porta abriu-se de dentro, e o imenso tirolês apareceu diante de mim. Usava calças de veludo bege e

pulôver azul. Deu-me a mão rapidamente. No caminho do elevador — ele morava no terceiro andar —, encontramos um homem idoso de uniforme cinza. Era o sr. Reining, da segurança, que cuidava daquele edifício de escritórios à noite. Andréia e eu tínhamos visitado Langenau algumas vezes e conhecíamos o sr. Reining.

Cumprimentei-o, e o magro guarda com manchas vermelhas nas faces praguejou contra a tempestade e a chuva, pois sofria de reumatismo e aquele tempo lhe fazia muito mal.

— Sinto cada um dos meus ossos — disse, amargurado. — Cada osso me dói, é um nojo. Desejo que tenham uma boa noite, senhores.

Subimos de elevador para o apartamento de Langenau, decorado rusticamente. A maior parte dos móveis era de bela madeira trabalhada; diante das janelas havia cortinas curtas de linho vermelho-escuro, como se usa nas casas dos camponeses.

Langenau criara ali um pedaço da sua pátria. Eu conhecia todo o apartamento, porque ele o mostrara, a mim e a Andréia, em nossa primeira visita. Havia um crucifixo em cada peça. Uma imensa mesa na sala estava coberta de livros e papéis; outra mesa menor ficava no recanto em que nos sentávamos. Nos bancos havia almofadas chatas, também de linho vermelho-escuro, e por cima da mesa pendia um grande lampião de latão, com pantalha de pergaminho laranja.

Ao lado da parede com livros havia uma armação de madeira com as armas de Langenau. Quando estivera ali pela primeira vez eu soube que Langenau colecionava armas, e ficara um tanto espantado. Como eu entendesse muito pouco disso, ele me explicou detidamente cada peça. Naquele suporte havia apenas uma dúzia de armas especialmente valiosas; as outras ficavam num segundo aposento. Uma pequena prateleira servia para expor muitas pistolas, novas e antigas. As armas brilhavam na luz: Langenau sempre polia seus tesouros. Havia uma espingarda do século 17, outra do século 18, e uma carabina de percussão do século 19.

Vi uma pistola standard da Wehrmacht alemã, modelo 08, calibre 9 mm, uma arma violentíssima.

— Ora — disse eu, retirando-a da prateleira. — Esta o senhor ainda não tinha da última vez que estive aqui.

— Cuidado — disse ele. — O pente está cheio. Está carregada.

— Mas travada — disse eu, e pesei-a na palma da mão. — Onde a conseguiu?

— O senhor sabe que tenho meu fornecedor.

Langenau já nos falara desse fornecedor, que sempre procurava belas armas antigas nos vales remotos de sua pátria. Era um amigo de juventude, cirurgião, trabalhava numa clínica universitária de Innsbruck, e vinha à Alemanha do Norte com frequência para congressos e reuniões, e sempre visitava Langenau. Esse amigo era grande amante da natureza, um alpinista, que realmente conhecia o Tirol. Sabia onde os camponeses ainda tinham armas dos séculos passados, e também as colecionava. Muitas espingardas e outras armas eram perseguidas até durante um ano, e quando conseguia negociar o achado com o camponês, mandava consertar a rara peça e deixá-la em pleno funcionamento. Ainda havia em Innsbruck e redondezas alguns armeiros que entendiam disso, mas eram muito velhos e cheios de manias. Langenau nos dissera que em breve acabaria a possibilidade de colecionar armas.

— Foi seu amigo quem trouxe esse canhão? — perguntei.

— Sim. Ele deu uma conferência aqui há quatro semanas. Uma Zero-Oito. Nada de excepcional, mas mesmo assim é especial, por isso a comprei. Veja!

Ele encontrara um cano numa gaveta; tirou a pistola da minha mão e aparafusou o cano no cano da arma. — Um silenciador — disse. — Isso, está firme. — E devolveu-me a arma. — Não fica muito mais pesada, não?

— Silenciadores são proibidos por lei — disse eu.

— Pois foi por isso que quis a arma. Algo que se consegue muito raramente, porque silenciadores são proibidos. Não é bonito? — Ele sorriu, pela primeira vez em semanas sorriu para mim, e pensei que era mesmo um sujeito esquisito, aquele urso barbudo com suas prateleiras de espingardas e pistolas, e o grande crucifixo por cima.

Ele disse: — Venha, vamos nos sentar.

Sentamo-nos diante da mesa escovada, no canto. Havia copos e uma grande garrafa de vinho tinto, e vi novamente a prateleira com longos cachimbos antigos, de que eu logo gostara. Havia entre elas peças belíssimas.

— Graubernatsch — disse Langenau, e levantou a garrafa. — O senhor gosta muito desse vinho do sul do Tirol, não é? — Encheu os copos e brindamos. — Está suficientemente quente? — perguntou ele.

— No ponto — disse eu, e olhei-o enquanto ele enchia cuidadosamente um dos longos cachimbos com tabaco de uma bolsinha e o acendia. Recostou-se para trás, soprou no ar a fumaça aromática, e agora voltei a ouvir lá fora os uivos da tempestade e as bátegas da chuva. De resto a casa estava um silêncio de morte; além de nós dois, só o sr. Reining, da segurança, estava lá, fazendo sua ronda e amaldiçoando o tempo, seu reumatismo e suas dores. Os escritórios e consultórios médicos ficavam vazios à noite.

— Bem — disse eu, para entrar no assunto. — Sr. Langenau, não está mais gostando daqui. Quer ir embora. Quer ir para casa.

— Isso mesmo — disse ele.

— Ficamos muito tristes com isso, o senhor sabe.

Ele não respondeu.

— Por favor, fique, sr. Langenau!

— Não — disse ele. — Não posso.

— Mas por que não? Realmente por causa desses imundos neonazistas? Não posso acreditar. Como brigou no passado com

esses cafajestes! Como sempre foi corajoso! E agora? Agora quer abandonar seus amigos estrangeiros? Sr. Langenau, vou lhe dizer uma coisa: não acredito que aqueles sujeitos sejam o motivo da sua decisão.

— E não são — disse ele, largando o cachimbo e olhando para mim. Seus olhos estavam úmidos, os lábios tremiam. Depois disse: — O verdadeiro motivo é que simplesmente não posso continuar vivendo com um assassino impenitente, monsieur Duhamel.

10

— Acho que agora viu tudo, comissário — disse Emanuel Eisenbeiss, e ergueu outra vez a porta corrediça diante do armário cheio de formulários. A fechadura trancou-se. Tudo brilhava muito alvo na casa do Caminho da Utopia, no Schafberg em Viena.

— Fantástico — disse o pequeno comissário Robert Rolland. — Simplesmente fantástico! — Encarou Eisenbeiss. — Estou impressionadíssimo. Embora tenha ouvido falar tanto nesse museu, a realidade supera tudo. Naturalmente acompanhei com muita atenção o seu processo aquela vez. Para mim, o senhor é uma figura legendária há decênios, e agora tenho a sorte de estar à sua frente, falar com o senhor. Só nos conhecemos há algumas horas, mas o senhor foi tão amável de vir comigo e o sr. Wallner até aqui. Tive oportunidade de observá-lo. Como fala, como escuta, como sorri, o que diz e o que não diz. Sr. Eisenbeiss, lidei com muitas pessoas incomuns na minha vida. Permita dizer que nenhuma delas me impressionou tanto quanto o senhor.

— Pelo amor de Deus, pare com isso, comissário! — disse Eisenbeiss. Estava muito embaraçado. — Vamos subir?

— Vamos — disse Rolland. Quando subiram a escada, Eisenbeiss, elegantemente vestido como sempre, com um cravo na lapela, viu que os saltos dos sapatos do comissário, que ia à sua frente, estavam gastos de um lado. Dois fios pendiam da bainha de suas calças. Na altura das coxas o tecido estava lustroso. Que tipo, esse comissário Rolland!

Na sala da mansão em estilo art nouveau havia um bar.

— Toma conhaque? Tenho um velho Napoleon excelente, comissário. — Eisenbeiss sorria.

— Magnífico — disse Rolland.

— O senhor também?

— Sim, por favor — disse Wallner.

Eisenbeiss tirou grandes copos de conhaque do bar, e um pequeno aquecedor a álcool, cujo pavio acendeu. Aqueceu cuidadosamente os cálices antes de pôr neles o conhaque.

— Ao sucesso de sua investigação — disse ele. Beberam. A chuva batia nas vidraças, a tempestade assobiava ao redor da casa.

O tempo também era ruim em Viena naquela noite de 10 de novembro. Eisenbeiss ligara a calefação assim que tinham chegado.

Agora, serviu mais conhaque. O pequeno comissário tinha as mãos cruzadas nos joelhos.

— Minha investigação, sim... — disse ele como se estivesse envergonhado. — Sei que não faz muito sentido interrogá-lo, sr.

Eisenbeiss; preferia mesmo não o fazer, e conversar com o senhor sobre o seu antigo mundo. Mas tenho uma missão, não é mesmo?

— Não precisa se desculpar por me perguntar sobre Charles Duhamel. Entendo seus sentimentos. Posso imaginar realmente muito bem a sua situação, comissário. Sempre pude imaginar muito bem... o outro lado.

— Sim — disse Rolland —, esse foi o motivo de todos os seus sucessos.

— Acho que somos bem parecidos — disse Eisenbeiss. — Os seus sucessos vieram da mesma maneira, como vejo agora, comissário. Mais um golinho? Mas sim! Dê-me o seu cálice! O senhor também, inspetor. — Aqueceu novamente os copos. Um cão uivou na noite.

— Charles Duhamel. Um bom amigo, admirado e venerado, comissário. — Rolland concordou com a cabeça. — Sua morte horrível me abalou profundamente. Mais do que pretendo mostrar.

Eu me controlo muito.

— Vejo isso, sr. Eisenbeiss — disse Rolland com rosto inexpressivo. Havia duas manchas amarelas na sua gravata puída.

— O senhor está procurando o pobre Charles, comissário — prosseguiu Eisenbeiss, concentrado na pequena cerimônia com a chama da espiriteira e os cálices bojudos. — Suspeita que ele ainda viva.

Rolland encarou-o mudamente.

— O senhor anda por aí, indagando. Tantas perguntas. Esse Eisenbeiss, esse falsário. Eisenbeiss, você falsificou documentos para o seu velho amigo Charles Duhamel? O senhor tem de fazer a pergunta, comissário! Por favor! Santé! Está hesitando, pois é um homem de inteligência superior. Já viveu muita coisa, sabe o que esse Eisenbeiss vai responder, se o senhor perguntar. É até penoso interrogá-lo.

— Sim — disse Rolland —, muito penoso.

— O senhor não está só convencido de que Duhamel ainda vive, mas de que Eisenbeiss sabe onde se encontra o seu admirado amigo.

Depois do atentado a bomba no aparelho da Euro-Air, Duhamel veio procurar Eisenbeiss, em sua opinião, sr. comissário. — O homem alto recostava-se no encosto de sua cadeira, e suspirou. — Eisenbeiss esteve aqui com Duhamel, preparou belos documentos para ele lá embaixo no “Museu” para que Charles Duhamel começasse uma nova vida. — Bebeu. — E Eisenbeiss vai lhe contar tudo isso agora, comissário, e também lhe dirá como se chama Duhamel agora, qual sua aparência e onde mora, não é verdade?

— O sr. Eisenbeiss naturalmente jamais faria isso — disse Rolland, em voz baixa como sempre. — Trair o venerado Duhamel. O homem que o defendeu com tamanho sucesso. O homem a quem agradece não ter ido para a prisão. Imagino que eu fosse o sr.

Eisenbeiss, essa personalidade grande e única, imagino que Charles Duhamel fosse meu velho amigo... O senhor entende que

estou triste, sr. Eisenbeiss?

— E o senhor entende a minha dor, sr. comissário — disse Eisenbeiss. — Porque está enganado. Duhamel não está vivo. Ele não me procurou para pedir documentos falsos. O pobre Charles está morto. Vamos brindar à sua felicidade, onde quer que ele esteja. — Eisenbeiss e Rolland beberam, Wallner não.

— Bom — disse ele, grosseiramente —, agora vamos parar com essa besteira, Eisenbeiss. Chega de teatro.

— Inspetor, realmente não sei como devo entender essas palavras. Mas o senhor é meu convidado, e estamos falando de um morto.

Wallner balançou a cabeça.

— Não se trata de um morto. Seu velho amigo está bem vivo.

Olhe, Eisenbeiss, já sabemos que você lhe falsificou um passaporte e todo o resto. Claro que fez uns papéis falsos para o seu amigo quando ele o procurou.

Eisenbeiss balançou a cabeça:

— Não faça isso, está pecando contra um morto.

— Por que então não foi à cerimônia fúnebre, Eisenbeiss? Eu estive lá — disse Wallner. Estive até no enterro deles, e você não. Por que não, Eisenbeiss? Seu venerado e velho amigo... e você nem lhe rendeu a última homenagem?

— Não consegui, inspetor. Simplesmente não podia, foi mais forte do que eu.

— Sim — disse Rolland —, posso entender isso... se me imagino em seu papel, sr. Eisenbeiss.

— Obrigado, comissário. O inspetor não consegue. Pena...

— Você não teve tempo — disse Wallner, imperturbável. — Dê-me mais um gole. Mas deixe de lado essa merda de aquecimento.

Você estava ocupado. Tinha de preparar os papéis falsos, pois Charles tinha pressa. Estávamos fazendo uma caçada aos terroristas naquela ocasião, muitas barreiras de controle, ele precisava dos documentos falsos, seu bom velho amigo.

— O senhor tem a lista exata do meu “museu”, inspetor. Veja lá se falta algum impresso ou formulário.

— E todos sabemos que você tem um depósito escondido, Eisenbeiss. Naturalmente logo substituiu o que ficou faltando. Sabe que sempre fomos muito generosos com você, Eisenbeiss?

Extraordinariamente generosos.

Devo dizer: negligentemente generosos? Claro que isso pode mudar depressa...

— Não tenho consciência de nenhuma atividade que mereça punição, inspetor. E tenho o melhor advogado do país, que tem uma pequena fraqueza: a vaidade. Os jornalistas importantes de todos os grandes jornais são amigos dele. A opinião pública sempre reage muito fortemente quando a polícia malbarata sua posição para... digamos... acusar, ameaçar uma pessoa injustamente, querer forçar um depoimento que seria falso... fazer a tentativa... naturalmente insensata, de... digamos... chantageá-lo? Como é isso na França, comissário? A opinião pública também fica tão irritada?

— Exatamente — disse Rolland com tristeza.

— Quem falou em chantagem? — perguntou Wallner espantado.

— Pedimos um pouco de colaboração, Eisenbeiss, nada mais. Um pouco de colaboração. Com que nome preparou os documentos dele?

— Meu Deus — disse Eisenbeiss, encarando Wallner perplexo.

— Chama isso um pouco de colaboração? — Fitou Rolland: — Comissário!

— Realmente, inspetor — disse este. — Isso não se faz. Perdoe ao meu colega, sr. Eisenbeiss, por favor.

— Pois bem, vou perdoar — disse Eisenbeiss.

— Olhe aqui, Eisenbeiss — berrou Wallner de repente. — Se acha que pode rir de mim, está enganado. Cago para esse seu bom advogado! Cago para a imprensa! Comigo você não pode, Eisenbeiss, acredite! — Calou-se, respirando pesadamente, e mordeu os lábios.

— Agora o senhor destruiu o pequeníssimo pedacinho de esperança que eu ainda tinha, inspetor — disse Rolland.

— Lamento — disse Wallner.

Ninguém respondeu,

— Lamento, sr. Eisenbeiss — disse Wallner, esforçando-se por falar alemão culto*.

* As falas do inspetor Wallner eram sempre em dialeto, irreproduzível em português.

— Ouvi, Wallner — disse Eisenbeiss.

11

— Sr. Langenau...

— Monsieur Duhamel?

— O senhor ficou louco?

— Eu preferia estar louco — disse ele.

Estávamos sentados um diante do outro, de repente falando quase num sussurro. A chuva batia nas vidraças, a tempestade as sacudia, mas estava tudo quieto no grande edifício, muito quieto.

— Por que me chama de monsieur Duhamel e de criminoso impenitente?

— Porque o senhor se chama Charles Duhamel, matou um homem, e não se arrepende disso.

Depois nos olhamos nos olhos, e ele sustentou o olhar mais tempo do que eu. Tive de desviar os olhos.

— Mas que história maluca é essa? — perguntei.

— É a verdade, monsieur Duhamel — disse ele, quase chorando.

— Quer ouvir a verdade? Minha verdade?

Concordei balançando debilmente a cabeça. Sentia-me tão mal que não teria podido levantar e ir embora, pois teria caído no chão. E me segurava na pesada mesa de madeira.

— Lamento muito, muito, quero dizer isso primeiro — disse ele, sempre baixinho.

— Que consolo — disse eu. — E agora, conte a sua verdade.

— Lembra-se do dia vinte e um de setembro, monsieur Duhamel? — Passou a mão na testa. — Claro que se lembra. Nesse dia o senhor disse a mim e ao Apre que no dia vinte e dois de

manhã ia para Frankfurt, ao encontro de sua esposa, naquele tempo ainda Srta. Rosner, e voltaria à noite com ela. Foi assim, não? — Largou o cachimbo e levantou-se, começando a andar de um lado para o outro.

— Foi assim — disse eu. — E daí?

— E naquela noite um desses sujeitos atirou em mim. Aqui, no Canal Isebek. Eu tinha estado com alguns amigos turcos. Voltei para casa por volta das nove e meia. A rua é muito deserta à noite, o senhor sabe. Bem, quando desci do carro o sujeito disparou, e só errou por uns centímetros. A bala entrou num carro estacionado.

— Santo Deus — disse eu.

— Levei um susto danado, mas tive a boa idéia de me atirar no chão, como se tivesse sido atingido. Fiquei deitado imóvel. O sujeito chegou perto para ver se eu estava morto, e quando se abaixou, eu o agarrei e joguei no chão. Foi uma briga terrível, e dei azar.

— Que quer dizer com “dei azar”? — Eu me ouvia falar como a uma pessoa estranha. Tudo era como se acontecesse com outra pessoa, um estranho, não eu.

— Quero dizer que ele escapou. Me deu um pontapé horrível nas costas, e doeu muito. Caí na rua outra vez, e ele saiu correndo. Subi para meu apartamento e chamei a polícia, que mandou um carro-patrolha. Os dois policiais da taverna vieram, lembra-se?

— Sim.

— Foi uma encenação daquelas, holofotes e fotografias e barreiras na rua. Demorou algum tempo, depois encontraram o buraco de bala no carro, e procuraram no registro do carro o nome de seu proprietário, um homem aqui da redondeza. E o tiraram da cama. Ele teve de abrir o carro, porque precisavam da bala, e a encontraram no painel, onde tinha se alojado. Os homens da balística fizeram outra grande encenação, constatando distâncias e ângulos de tiro.

— Que distâncias?

— Ora, do lado do canal o chão é macio, não?

— Sim.

— Eles naturalmente encontraram muitas pegadas, mas também uma que levava para trás de um caminhão até onde eu me deixara cair, e depois se afastava outra vez... na direção para onde o sujeito fugira. E tiraram belos moldes das pegadas em gesso; tiveram muito trabalho. Por fim acabaram tudo e sumiram. O sr. Reining aliás sofreu muito, e eu lhe pedi que não falasse com o senhor a respeito.

— O sr. Reining?

— O homem da segurança, que vimos há pouco. O do reumatismo.

— Ah sim, claro, ele. — Esquecera completamente o sr. Reining.

— Por que pediu que não falasse comigo?

— Deixe-me continuar, vai entender. — Andava de um lado para outro, para lá e para cá, para lá e para cá. — Não dormi naquela noite. Tive um pequeno choque, e depois havia aquela história com o senhor.

— Como, comigo?

— Logo que cheguei em casa telefonei para o senhor, por volta das onze e meia. Ninguém atendeu. Tentei muitas vezes, e nada. O senhor não atendia. Não estava em casa.

— Como pode saber disso?

— Eu sei. Quer que continue contando, em seqüência?

— Claro — disse eu, depois me lembrei de uma coisa: — Por que telefonou para mim? Para me contar que tinham atirado no senhor?

— Não. Porque estava com medo pelo senhor.

— Medo? Por quê?

— O sujeito que me surrara tinha arquejado: "Agora vocês dois cachorros vão levar o que merecem!" Eu queria avisar o senhor logo,

mas no nervosismo tinha esquecido; depois me lembrei. Talvez os sujeitos estivessem, naquela noite, tentando matá-lo também. Isso me deixou bem desnortado. O senhor não respondia ao chamado do telefone, portanto não estava em casa; podiam estar à sua espreita na rua, e levá-lo para uma armadilha. Talvez já tivesse lhe acontecido alguma coisa. Telefonei para a polícia e perguntei se tinham recebido aviso de outro ataque; disseram que não. Então telefonei-lhe outra vez.

— Não ouvi nada. Fui dormir cedo nessa noite, tomei um comprimido porque estava nervoso com a história do pai de Andréia doente.

— Não é verdade. — Ele parou diante de mim.

— Ora, por favor...

Ele balançava a cabeça de um lado para o outro, implacável como um anjo vingador. E disse: — O senhor não estava em casa.

Sabe tão bem quanto eu.

— E como sabe disso tão bem?

— Já vou lhe dizer. — Ele retomara a sua andança. — Eu estava acordado na cama tentando a toda hora telefonar-lhe. Agora já não acreditava mais que fora atraído para uma armadilha, nem que estivesse dormindo.

— Então no que acreditou?

— Que me mentira sobre o vôo a Frankfurt.

Meus dentes de repente começaram a doer.

— Mas por quê? — perguntei. — Por que eu lhe mentiria, sr. Langenau?

— Bom — disse ele —, eu também me perguntava isso. Por que mentira para mim? O que fazia naquela noite? Isso se tornou idéia fixa, monsieur Duhamel. Eu lhe disse, estava em estado de choque.

Não podia dormir, telefonava-lhe a toda hora, agora para controlar se estava em casa. Perdão! Eu estava totalmente confuso. Não preciso dizer que ninguém atendeu, e de manhã fiz algo ainda pior.

— O quê?

— Fui à agência de viagens na Alsterdorfer Strasse. Mera suspeita. O senhor mora nessa rua, a agência fica perto de sua casa.

Eu disse que o senhor era meu amigo, e que eu estava à sua procura. Descrevi sua aparência, perguntei em que avião tinha reservado passagem para Frankfurt. Uma jovem ao lado do homem a quem eu interrogava intrometeu-se e disse que ainda se lembrava do senhor, mas que não tinha comprado passagem para Frankfurt, e sim passagem de trem para Paris, partindo daqui às 21h40min e chegando a Paris às 7h40min. — Parou novamente diante de mim e pôs a mão em meu ombro. Sua voz tremia. — Foi uma infâmia de minha parte, lamento muito. Deus do céu, como sinto. O que fui fazer com isso!

— Como? Acaso foi à polícia...

Ele tirou a mão do meu ombro.

— Não, não disse nada a ninguém. Tive vergonha de estar bisbilhotando, muita vergonha. Decidi ser especialmente amável com o senhor quando nos encontrássemos de novo, e fui, lembra-se?

— Sim, lembro — respondi; esvaziei o copo e enchi-o outra vez.

Esvaziei então o copo cheio, e mais uma vez o enchi.

— Disse a mim mesmo que afinal o senhor simplesmente tivera alguma coisa pessoal a resolver em Paris, e que não era da conta de ninguém, muito menos da minha. Por isso também não lhe contei que haviam atirado em mim, para não o inquietar. Com isso a história poderia ter terminado. Mas infelizmente não terminou. Dois dias depois da sua volta, vi Hernin colocando em sua pasta, secretamente, algumas páginas de jornal. O senhor desapareceu

com elas debaixo da camisa, meteu-se no banheiro e ficou lá algum tempo, e depois colocou as páginas discretamente de volta na pasta.

Nos dias seguintes, prestei atenção, e aconteceu a mesma coisa.

Então tive de fazer algo na cidade, talvez se lembre. Eu vira que se tratava de jornais estrangeiros. Onde se comprava? Na estação, na banca de jornais internacionais. Pense o que quiser de mim, monsieur Duhamel, mas à noite fui à estação. Algum tempo depois chegou Hernin. Vi claramente que jornais de Paris ele comprava, e quando ele se foi comprei os mesmos. Eu já disse, pense o que quiser de mim. Eu simplesmente tinha de saber a verdade. Tinha um pressentimento terrível. Bem, e quando li os jornais aqui em casa, vi que meu pressentimento terrível tinha fundamento. — Parou junto à mesa e também esvaziou avidamente seu copo; encheu-o outra vez e bebeu novamente até o fim. Depois continuou andando para lá e para cá. — A partir de então, todos os dias depois de fechar a loja e levá-lo para casa, eu ainda ia à estação e comprava jornais franceses. E li tudo sobre o assassinato de Jean Balmoral, e também a entrevista com madame Duhamel, que está certa de que seu marido ainda vive. Sua mulher tem razão, monsieur Duhamel!

— Não me chame sempre de monsieur Duhamel! — gritei. — Não sou Duhamel! O senhor está louco.

Ele me encarou, e mais uma vez tive de desviar o olhar.

— Não sei o que Hernin tem a ver com esse crime — disse Langenau, retomando sua caminhada. — Ele é seu amigo. Penso que o senhor lhe disse a verdade, e ele lhe comprava os jornais pois o senhor não podia ir à estação por causa de sua esposa, de todos nós.

Um amigo de verdade, esse Hernin. Também sou seu amigo, monsieur Duhamel. Não ria! Mas não posso mais viver ao seu lado.

Ergui meu copo mas larguei-o. Não se embebede agora, de jeito nenhum, pensei. Eu já bebera demais. Estava na iminência de contar toda a verdade a Langenau... quero dizer, aquilo que ele ainda não sabia da verdade.

— Balmoral era um canalha sujo — disse eu, respirando pesadamente.

— Ele era um ser humano — disse Langenau. Estávamos agora parados frente a frente no meio da sala, perto da prateleira de armas.

Diante de nós o grande crucifixo na parede. — Ninguém tem o direito de matar outra pessoa — disse Langenau. — Por que não procura a polícia, monsieur Duhamel? Esperei e esperei por isso... em vão.

— Polícia?

— Sim.

— Nem penso nisso.

— Mas tem de ir à polícia!

— Nunca!

— Sim! Sim!

Meu olhar errava pela sala, pela prateleira de armas, fixando-se na grande pistola da Wehrmacht com o silenciador. Fiquei cada vez mais desnortado. O vinho, todo aquele vinho, eu não devia ter bebido tanto.

Eu ainda fitava a pistola quando ele disse: — Quer me matar também? Como a Balmoral? A ocasião é boa.

A casa está deserta. Quer me matar, monsieur Duhamel?

Todo o meu corpo tremia.

Fiquei imóvel.

A pistola. Seu cano brilhava azul e frio na luz.

— O senhor já matou uma pessoa — disse Langenau; a voz vinha de longe. — Uma pessoa que se tornara perigosa para o senhor. Simplesmente a assassinou. Isso naturalmente é um método. Parece ser o seu, quando se sente ameaçado por alguém.

Quer cometer um segundo crime, monsieur Duhamel? Quer pegar a pistola e me matar, e eliminar...

— Pare com isso! — gritei. — Pare com isso! — Cambaleei para trás, afastando-me da prateleira de armas, caí numa poltrona, e tapei o rosto com as mãos, que também tremiam. — Pare com isso!

— sussurrei. — Pare!

— Não posso — disse ele, quase amável. — O senhor tem de procurar a polícia. Se o assassinado era realmente uma pessoa má, isso será levado em consideração a seu favor.

Minhas mãos caíram. Eu arquejava. De repente havia lágrimas correndo pelas minhas faces.

— Num caso de assassinato? — berrei. — Nem o senhor acredita nisso! O que espera de mim? Quem é o senhor? Deus?

— O senhor tem de procurar a polícia, sr. Kent — disse ele, e aproximou-se. Inesperadamente dissera Kent!

— E se eu não procurar a polícia? E se não for? Então o senhor irá, não é? O senhor vai dizer, Kent é Duhamel, e Duhamel matou Balmoral. Vai fazer isso, não vai?

Ele disse:

— O senhor nem sabe o que está dizendo. Deus me fez reconhecer tudo isso para que o convencesse a se apresentar. — E corriam mais e mais lágrimas pelo meu rosto. Lágrimas de impotência. — Eu lhe darei tempo — disse ele com aquele seu sotaque seco e gutural —, pois realmente o estimo. Gostaria de ser seu amigo como Hernin.

Meu olhar novamente se prendeu na grande pistola.

Ele o percebeu outra vez.

— Então prefere matar outra vez a entregar-se, monsieur Duhamel?

Desviei meu olhar depressa. Por que ele tinha aquelas malditas armas expostas, por quê?

— Não... — arquejei. — Não! Não quero matar... Não fale assim...

O que está fazendo comigo, Langenau, o que está fazendo comigo?

— Quero fazer com que se entregue à polícia.

— Nunca! — gritei. — Nunca na vida irei à polícia!

— Suplico-lhe que vá e faça uma confissão — disse ele. — Estou rezando por isso há muito tempo. E continuarei rezando. Também pelo senhor, sr. Kent.

— Não vou! Não vou!

— Ah, vai — disse ele. Aquele homem. Aquele homem. Eu o encarava, àquele homem bom e religioso, e ele disse: — Não tem nada a rezear de minha parte. Jamais o denunciarei, pois estou certo de que vai confessar tudo. — Adiantou-se e colocou uma mão em meu ombro. — Mas também entende por que tenho de me afastar do senhor, não é? Agora me entende, monsieur Duhamel?

— Sim — disse eu. — Sim, sr. Langenau, eu o entendo.

— Vá para casa — disse ele. — Eu o levarei até embaixo.

Segui-o mecanicamente. Havia um silêncio mortal no vestíbulo.

O elevador chegou depois que ele apertou o botão, e descemos. Ele abriu a porta, deu-me a mão:

— Perdoe-me, sr. Kent — disse. — Não posso fazer outra coisa. Compreende?

E eu repeti: — Sim, compreendo.

— Vou rezar pelo senhor — disse ele ainda. Depois a porta se fechou e ouvi-o passar a chave por dentro. Fiquei ali parado longo tempo, sem me mexer. A chuva varria meu rosto, a tempestade

repuxava meu sobretudo, mas eu não sentia nada. Por fim atravessei a rua lentamente até o Mercedes e me sentei na direção. Fiquei olhando a escuridão e pensando no que Langenau afinal fizera.

Por fim ele traçara uma cruz sobre minha testa.

12

Eu não podia ir para casa, para junto de Andréia. Estava nervoso demais. Ela não podia me ver assim. Ninguém podia.

Liguei o motor e parti sem destino, só para rodar. Esperava que dirigir o carro me ajudasse. Eu tinha de me concentrar na rua, não podia pensar ininterruptamente nas palavras de Langenau.

As ruas estavam desertas, a tempestade repuxava violentamente os lampiões, os limpadores do pára-brisa moviam-se loucamente, a chuvarada batia no teto. Estação Central. Ele disse que não ia me denunciar. Disse a verdade? Mentiu? Já me denunciou? Isso foi apenas parte de um plano? Um plano da polícia? Estarão atrás de mim? Para ver o que farei agora? Como vou reagir? Eu não queria pensar, mas tinha de pensar. Alameda Adenauer. Borgfelder Strasse.

Ainda em direção da auto-estrada.

E se ele disse a verdade, se nunca me denunciar, nunca me trair? Então estarei seguro. Estarei realmente? Se ele ficar doente, com febre alta, e em seu delírio começar a falar tudo, sem querer? O que acontecerá? Posso ficar seguro enquanto Langenau viver? Sim, posso? A tempestade balançava o carro, eu tinha de segurar o volante com firmeza. Onde estava? Horner Landstrasse. Prossegui como um autômato.

O que estava fazendo ali? Por que fora até lá? As casas agora eram mais baixas, os lampiões mais raros. Atrás das valetas apareceram arbustos tortos, negros, sinistros. Passei por pequenas aldeias. Os nomes brilhavam amarelados na claridade dos meus faróis, através de véus de chuva. Havia marcos indicadores: BILLSTEDT, MOORFLEET, OSTSTEINBECK. De repente eu sabia onde estava indo: para Reinbeck, Reinbeck, o pequeno povoado que Andréia e eu amávamos tanto. Desde que ela tinha o carro novo, estivéramos ali algumas vezes... com o Mercedes, não o trem.

Tínhamos seguido por aquela estrada. Meu inconsciente. Se eu não podia ir ter com Andréia, ia para Reinbeck, Reinbeck. A tempestade estava enlouquecida, a chuva fazia um ruído terrível no teto do carro.

Abri uma fresta na janela lateral, e imediatamente senti o cheiro de águas paradas e turfa. Ali havia pântanos. E se eu não fosse à polícia? Se não me entregasse? Não me arrependia de nada. Nunca me arrependeria. Jamais iria à polícia me confessar. Langenau permitiria isso? Até onde ia a sua paciência? Era um crente implacável e encarniçado. E se o seu Deus lhe ordenasse que fizesse o que eu não fizera? Tivesse eu aproveitado a ocasião... pensei, e estremeci horrorizado. Será que realmente não tinha mais consciência?

De súbito vi à direita montes de telhas, sacos de cimento, pesadas máquinas de construção, gigantescos guindastes, longas fachadas de cinco, seis andares, com andaimes à frente, edifícios em construção.

Quem estava construindo aquilo?

Cooperativas habitacionais? Exército? Seria uma cidade-dormitório? Casernas? As grandes construções passaram; logo cheguei a Reinbeck.

Também ali não vi ninguém. Todas as janelas escuras, só na estação ainda havia luz. Lá estava o grande Mühlenteich, negro.

Parei. Não podia continuar dirigindo a esmo daquele jeito. Lá, atrás da estação, sempre parávamos o carro, e descíamos a pé até a nossa ravina, que certamente estaria inundada com aquele tempo. Deitei a cabeça no volante. O que fazer? Confiar nas palavras de Langenau?

Não fora uma ameaça? O senhor precisa se entregar, precisa se entregar. Uma ameaça cristã.

Liguei o motor novamente.

O carro não saiu do lugar. Os pneus de trás derrapavam na areia molhada junto do lago. Praguejei, tentei balançar o carro manobrando para a frente e a ré. Nada. Ainda havia luz na estação.

Alguém me ajudaria? Logo afastei a idéia. Não queria que ninguém me visse naquele estado. Desci. A chuva e o vento me atacaram com tanta força que fui jogado contra a porta do carro. Arranquei galhos dos arbustos próximos, tirei um tapete de dentro do carro e um cobertor velho do bagageiro, e pus tudo no chão diante das rodas traseiras. Estava ensopado e imundo. Em seguida sentei-me de novo na direção. Bom Deus, faz com que esse maldito carro ande! Bom Deus... eram esses os momentos em que eu rezava. Ou quando tinha um ataque, por exemplo. Nojento! Tinha nojo de mim mesmo. Falava alto, xingava a mim mesmo, tinha pena de mim, e praguejava, e rezava. Devagar, com muita cautela, pisei no acelerador. O carro tremeu... tremeu... e avançou.

Voltei todo o longo trajeto. Vai dar certo, vai dar certo. Você não deve deixar que isso o enlouqueça. Até agora tudo foi bem. Eu ainda falava alto comigo mesmo, mas estava mais calmo. Calmo e abatido.

Era a tempestade. Dormir, eu queria dormir. Não, primeiro ainda tinha de falar com Andréia, que esperava. Olhei o relógio do painel, meia-noite e meia. Meia-noite e meia! Eu estava fora de casa há horas. Certamente ela se preocupava. Já teria telefonado a Langenau para saber quando eu saíra. Eu não podia dizer nada dessa viagem a Reinbeck, ou ela desconfiaria. Por que não fora logo para casa? Mais uma vez, tinha de mentir para ela. E tinha de correr.

Um carro com os faróis altos acesos veio ao meu encontro, em disparada. Os faróis me cegaram, o sujeito dirigia do meu lado da estrada! Virei o volante num arranco, o Mercedes derrapou para a esquerda e bateu com estrondo num obstáculo. O outro carro passou à minha direita em disparada, tão perto que pude ver o rosto magro e pálido do motorista. O que era aquilo? Um louco? Alguém que queria me matar? Assustado, comecei a praguejar outra vez. Desci do carro.

Eu entrara com o carro no andaime diante de uma fachada das construções. O pára-lama esquerdo estava amassado, a parte esquerda do pára-choque dobrada. Era só o que me faltava! Enfiei-me outra vez atrás do volante, os olhos cheios de lágrimas de ódio e fraqueza. Coloquei o carro em ré e pisei no acelerador. Nesse instante parte do andaime desmoronou à minha frente, com madeiras e canos de aço caindo em confusão. Engrenei outra vez, e saí disparado o mais depressa possível, era preciso sair dali, sair dali!

13

— Gato!

Ela veio ao meu encontro depressa no corredor, o rosto branco.

E me abraçou com força.

— Desculpe, Esquilinha... demorei tanto... E ainda por cima me perdi na cidade...

Uma poça d'água formava-se embaixo de mim. Os sapatos, pernas das calças, estavam encharcados, cheios de areia e sujeira.

— Mas como você está!

— Um porco veio na minha direção, tive de desviar o carro numa construção, e bati no andaime. O pára-choque e o pára-lama ficaram um pouco amassados.

— Tire a roupa, Gato, depressa! Venha, vou ajudar. Algum bêbado?

— Não sei, talvez. Talvez um doido. — Não disse que podia ser de propósito.

— Onde?

— Na cidade. Eu me perdi...

— Sim, você já disse. Pobre Gato... depois me conta tudo, agora tire essas roupas molhadas...

Depois sentei-me na água fumegante da banheira; Andréia me trouxera um copo de uísque quente, que bebi de um gole. Loucura, meu bem, loucura: de repente eu estava feliz, tão feliz. E tão otimista. Tudo daria certo, tudo. Andréia estava sentada em uma banqueta ao lado da banheira. Contei-lhe que não conseguira fazer Langenau mudar de idéia.

— Falei com ele horas a fio... supliquei... implorei... Nada. Ele quer voltar para casa, em Innsbruck. Está cheio da Alemanha, dos fascistas, que o perseguem por causa de seus amigos turcos... Sabe que um desses cachorros atirou nele?

— Não! — Andréia assustou-se.

Eu também. O que tinha lhe contado? Na noite em que isso acontecera Langenau tentara em vão falar comigo ao telefone. De manhã descobrira que eu tinha ido a Paris. Tudo começara assim. Se ele contasse isso a Andréia... Não, não faria isso. Não diria a ninguém. Ele só dissera a mim. Não diria a mais ninguém. De repente eu estava certo disso. Todos os meus pensamentos loucos lá fora, no pântano... estavam esquecidos.

— Quando atiraram nele?

— Faz algum tempo. De noite, quando ia para casa. Tive de prometer que não lhe diria nada, para que você não tivesse medo.

Portanto, não demonstre que sabe!

— Não, Gato, claro que não... Meu Deus, esses bandidos...

Agora posso entender Langenau... E ainda por cima o ataque à livraria...

— Não é por medo que ele vai embora... ele não tem medo... nunca teve. Está indo embora porque tem nojo... Tudo isso o enoja demais, disse ele... E posso entendê-lo, Esquilinha... Por isso não consegui fazer com que mudasse de idéia... Que argumentos eu tinha? Nenhum! Acaso podia lhe prometer que as coisas melhorariam com esses cachorros? Não. Vai piorar, tudo vai piorar.

E nós três sabemos disso.

— Sim — disse Andréia. — Esse ódio aos estrangeiros aumenta, já li sobre isso. Até a SPD agora quer ser mais dura com os estrangeiros, porque tem medo de perder as eleições. O que também é uma maldade...

— Sim, mas é assim... As coisas estão assim aqui... E Langenau quase pagou com a vida por isso... um sujeito tão bom...

— E tão ligado a nós... — Como eu mentia fácil, sem esforço, sem remorsos! — Ele disse que gosta mesmo de nós... — E dissera mesmo, mas em que circunstâncias! — Por fim desisti, não podemos detê-lo, Andréia. Ele vai nos conseguir um bom substituto, como prometeu.

— Seja quem for, não será Langenau.

— Não, claro que não. Mas não conseguiremos mais do que isso.

— Quer mais um uísque quente?

— Sim, por favor.

Enquanto ela saía do banheiro, refleti numa coisa, e quando ela voltou de copo cheio, eu disse:

— Obrigado, Esquilinha. Preste atenção. Uma ninharia comparada a outras coisas, mas mesmo assim: Langenau e eu bebemos vinho. O vinho e o nervosismo me subiram à cabeça, eu estava bêbado quando me perdi na cidade, por isso não chamei a polícia depois que esse maluco quase me matou. Pois eles fariam testes de sangue e veriam que eu estava embriagado. E eu estava tão embriagado, Esquilinha, que nem ao menos conseguia encontrar o lugar onde acontecera.

— Santo Deus, Gato, o que você anda fazendo? Estou me sentindo mal!

— Eu estava tão confuso depois dessa conversa, você não pode entender isso?

— Claro que posso.

— Estava chovendo tanto, a chuva lava tudo, todos os rastros.

Se me perguntarem direi que alguém bateu no meu carro enquanto eu estava estacionado, enquanto eu estava com Langenau, e que só notei mais tarde.

— Você tem de avisar a polícia, é seu dever.

Agora eu estava bêbado, e nesse estado achava tudo bonito.

— Sim, meu dever — disse eu, rindo. — E a gente tem de cumprir o seu dever. Não vai adiantar de nada, mas vou à polícia, porque é dever, minha Esquilinha amada.

— Vem, vamos dormir agora — disse Andréia acariciando meu ombro. — Entendo Langenau muito bem, mas estou triste.

Ela me ajudou a sair da banheira e a me enxugar; estávamos os dois muito cansados, e dormimos profundamente.

Quando chegamos à livraria de manhã, Langenau não estava.

Telefonei mas ele não atendeu. Esperamos até o começo da tarde; eu telefonava para Langenau seguidamente, mas ninguém atendia. E Langenau não veio. Sumira.

14

Às 14h30min telefonei para a Delegacia de Polícia na Sedanstrasse. Ficava perto da casa de Langenau. Eu disse que não conseguíamos encontrá-lo e que estava preocupado.

O funcionário no telefone foi muito amável.

— Quando viu o sr. Langenau pela última vez, sr. Kent?

— Esta noite. Convidou-me para ir à casa dele.

— Santo Deus, e agora, algumas horas depois, já quer apresentar queixa na polícia, de que ele está desaparecido?

— Sim.

— Só depois de quarenta e oito horas, sr. Kent, só depois de quarenta e oito horas, antes não. Senão, aonde iríamos parar?

— O senhor conhece o sr. Langenau? Quero dizer, sabe a respeito dele? Sabe que tentaram matá-lo? Sabe que recentemente nós dois fomos surrados a ponto de irmos para o hospital?

Eu estava telefonando do Cat's Corner. Andréia estava no subsolo com as crianças; Robert Stark cuidava das vendas.

— Ah... — A voz do agente ficou mais alta. — Claro que sei de tudo. O senhor tem razão, nesse caso é diferente...

— Além disso, esta noite, quando estava com o sr. Langenau, alguém bateu com o carro no meu carro estacionado. Onde posso dar queixa disso?

— Aqui mesmo. Um momento... — ouvi-o falar com outro funcionário.

— Sr. Kent?

— Sim?

— Importar-se-ia de vir até aqui? Agora, já?

— Vou, sim.

— Traga seu carro, para darmos uma olhada.

— Tudo bem — disse eu.

Agora estava inquieto, muito inquieto outra vez. Onde andava Langenau? O que acontecera? Eu tinha de ser cauteloso e me cuidar muito, muito. Sentia que algo tinha acontecido. Algo grave.

Fui ao subsolo, disse a Andréia que tinha de ir à polícia.

— Eles levaram a sério, é?

— Sim, Esquilinha. Também vou dar queixa dessa história do carro. Não esqueça do que lhe disse.

— Não, Gato. Santo Deus, estou com medo...

Enquanto falávamos baixinho, as crianças saltavam ao nosso redor. Patty me acompanhou até a rua, mancando ao meu lado até o Mercedes. O tempo melhorara. A pesada chuva da noite lavara do carro a lama do Mühlenteich em Reinbeck, onde eu ficara atolado.

Sentei-me atrás do volante e abracei Patty.

— Bom, e agora volte para a tia Andréia, sim?

— Sim. — Ficou parada, olhando para mim.

— O que foi?

— Sabe o que eu acho?

— O que você acha, Patty?

— Acho que o tio Conrad está morto.

15

Vários policiais trabalhavam na delegacia. Os dois que eu conhecia da briga na taverna esperavam por mim. Desta vez apresentaram-se. Um se chamava Sattler, o outro Lentz.

— Também registramos a ocorrência quando alguém atirou no sr. Langenau no dia 22 de setembro — disse Sattler. — Venha, sr.

Kent, aqui ao lado há um escritório onde podemos conversar.

Fomos a uma sala quieta onde havia só uma mesa grande e várias cadeiras. Depois de nos sentarmos, Sattler começou: — Foi correto de sua parte nos telefonar, sr. Kent. O sr.

Langenau é uma pessoa que corre muito perigo. Vamos iniciar as buscas imediatamente, sem esperar quarenta e oito horas. O senhor estava com ele na noite passada?

— Sim. Precisávamos falar sobre um assunto com calma.

— Posso perguntar qual?

— O sr. Langenau quer nos deixar. Ele disse à minha mulher quando eu ainda estava no hospital, o senhor sabe...

— Sabemos — disse Lentz. — Por que queria deixá-los? Houve alguma discussão, uma briga? Os senhores eram amigos, ao que me consta.

— E ainda somos. Ele não queria nos deixar só a nós, mas à Alemanha. Queria voltar para Innsbruck.

— Depois de todos esses anos?

— Depois de todos esses anos. Minha mulher e eu achamos que está farto dessas perseguições dos neonazistas. E ainda nem sabíamos nada do atentado. Ele só me disse isso esta noite, durante nossa conversa.

— O quê? Não lhe contara nada?

— Nem uma palavra.

— Inacreditável.

— Bem, os senhores também não nos contaram nada!

— Bem, achávamos que os senhores sabiam.

— E também não li nada no jornal.

— Foi de propósito. Censura de informações. Por desejo da Polícia Criminal. Acharam melhor — disse Sattler.

— Bem, de qualquer modo eu só soube esta noite, pelo próprio Langenau. Então a suspeita que minha mulher e eu tínhamos era correta. Ele simplesmente ficou farto, e quer ir embora. Não agüenta mais essa atmosfera de terror. Tentei dissuadi-lo, mas não havia o que fazer. Falamos longamente, pode imaginar o que representa para nós um homem como Langenau, sem falar em nossa amizade.

— Os dois concordaram com a cabeça. — Nunca mais encontraremos um livreiro assim. E agora sumiu de repente. Estou muito preocupado com ele!

Sattler disse:

— Devemos pedir-lhe desculpas. Naquela vez no verão, na taverna, eu disse que esses brigões eram apenas uma minoria sem importância. No entanto, mal se passa um dia sem ataques a estrangeiros. Três foram assassinados desde então, lojas de estrangeiros foram destruídas, mal se podem contar as brigas. Em tão pouco tempo, isso se tornou um movimento de massas. Coisa séria.

— A que horas foi ver Langenau ontem? — perguntou Lentz tirando sua agenda do bolso. — Precisamos de alguns dados.

— Por volta das nove. A porta do edifício estava fechada. Toquei a campainha, ele desceu e abriu.

— O senhor viu alguém? Quero dizer, alguém que notou isso?

Estou pensando no seu carro.

— Não — disse eu. — Ninguém. Chovia a cântaros, e ainda aquela tempestade, não é? Não, não vi ninguém. — Nisso, lembrei-me. — Para ser mais exato não vi ninguém na rua, mas no edifício encontramos aquele homem da segurança, o senhor...

— Reining — disse Lentz. — Otto Reining.

— O senhor o conhece?

— Daquela tentativa de morte. Ele estava de serviço, e nós o interrogamos rapidamente. Então, esse o senhor encontrou?

— Sim. Depois subimos no elevador para o apartamento de Langenau e fiquei lá; foi uma conversa longa. Fiquei até meia-noite.

Pouco depois da meia-noite.

— Tanto assim?

— Eu disse que tentei de tudo para dissuadi-lo.

— Sim, correto, sr. Kent, correto. Mas mesmo assim... três horas. Mas entendemos, entendemos perfeitamente. Os senhores beberam alguma coisa, durante essa longa conversa?

Cuidado, agora! Naturalmente eles mandariam arrombar o apartamento de Langenau, se já não tinham estado lá, e talvez os copos e a garrafa ainda estivessem na mesa. Certamente estavam lá, se Langenau não os guardara.

— Vinho tinto — disse eu. — Langenau bebeu muito, estava muito nervoso... Os senhores precisam compreender, ele realmente sofre por ter de sair daqui. Por outro lado, está com os nervos em farrapos por causa desses constantes ataques.

— Um homenzarrão daqueles — disse Lentz.

— Esses muitas vezes são sensíveis — disse seu colega. — Mas ele não estava embriagado, estava?

— Nem sinal. Ele agüenta um bocado. O senhor mesmo disse, um homenzarrão daqueles.

— Ele o levou até embaixo?

— Claro. Tinha de abrir a porta.

— Acaso o senhor viu novamente o sr. Reining?

— Não. Por quê? Não acredita em mim?

— Rotina. Pura rotina. E não falaram se ele não iria mais à livraria e viajaria imediatamente?

— Nada disso. Ele só iria embora quando tivesse encontrado um bom substituto.

— Então, despedida bem normal, até o dia seguinte.

— Absolutamente normal.

— E aí o senhor descobriu que tinham batido no seu carro.

— Não — disse eu. — Ainda não. Estava um tempo horrível, tratei de me meter logo atrás do volante.

— Claro — disse Lentz. — E foi para casa.

— Não logo — disse eu. — Primeiro fiquei algum tempo sentado no carro, pensando na partida de Langenau. Gosto muito dele, e minha mulher também. E ele gosta de nós. É recíproco. Eu estava tão firmemente convencido de que o faria mudar de idéia, que me senti muito deprimido.

— Posso imaginar — disse Lentz. — Mas afinal o senhor naturalmente foi para casa.

— Eu... eu estava confuso, senhores, muito confuso. Não sei se podem imaginar...

— Claro, claro — disse Lentz.

— Era como se tivesse levado uma paulada. Rodei um pouco pela cidade.

— Para se acalmar — disse Lentz.

— Sim — disse eu.

— Para onde foi? — perguntou Sattler.

— Por aí. Para a Estação Central, Alameda Adenauer, Borgfelder Strasse, um longo trecho. Depois virei e fui direto para casa.

— E quando desceu descobriu os estragos no seu carro?

— Sim — respondi. — Antes de minha visita a Langenau o carro estava inteiro, não bati em ninguém, portanto deve ter acontecido enquanto o carro estava estacionado diante da casa de Langenau.

— Parece lógico — disse Lentz. — Onde está o carro agora?

— Lá fora — disse eu.

— Então vamos dar uma olhada — disse Lentz.

Saímos para a rua. Não chovia mais, apenas soprava um vento frio, e nuvens negras singravam baixo no céu. Os dois policiais observaram os estragos no Mercedes.

— Ouça, sr. Kent, havia muitos carros estacionados lá aquela noite?

— Não, poucos. É um edifício de escritórios. O pessoal que trabalha lá vai para casa de noite.

— Sr. Kent, o senhor se oporia se quiséssemos dar uma olhada mais detida nos arranhões? — perguntou Lentz.

Eu me sentia cada vez mais inquieto.

— Não — disse eu. — Claro que não.

— Talvez encontremos pistas aproveitáveis. Temos um laboratório excelente. — Boa essa! Mas agora eu não podia mais recuar. — Vai tudo bem depressa, amanhã o senhor já terá o carro.

E poderia agora ir conosco até o Kaiser-Friedrich-Ufer e nos mostrar onde estava estacionado o carro?

— Naturalmente.

— Muito bem. Espere um momento, já vamos. Só preciso telefonar depressa para o comissário Hübner.

— Quem é ele?

— Polícia Criminal. Naturalmente logo virão junto, quando começar a busca ao sr. Langenau. Têm de olhar o apartamento, recolher pistas, interrogar testemunhas, coisas assim. Aí não é mais o nosso campo, é a Criminal que assume. E os colegas do serviço de identificação podem dar uma olhada no local onde seu carro esteve parado.

— Mas com a chuva desta noite...

— Mesmo assim. Nem uma chuva daquelas lava tudo. O pessoal certamente ainda vai encontrar um monte de pistas.

16

O delegado de Polícia Criminal Eugen Petermann trabalhava na Delegacia de Polícia de Viena, em Hietzing. Nas paredes de seu escritório havia desenhos coloridos de peixes raros. Todos os quadros tinham o mesmo formato, em finas molduras douradas. Petermann, pescador apaixonado, os encontrara em um antiquário. Esbelto, próximo dos sessenta anos, o delegado parecia mais jovem do que era. Tinha olhos penetrantes, muito claros, e um rosto fino e inteligente.

— Vai demorar alguns minutos — disse ele, pousou o fone e observou o mais baixo dos seus dois visitantes.

— Agradeço-lhe realmente muito, delegado — disse o pequeno comissário Rolland. Trajava um terno azul. Desde que estava em Viena, usara um marrom. O azul não parecia muito melhor do que o marrom. — Veja — prosseguiu Rolland —, estivemos com o sr.

Emanuel Eisenbeiss. Naturalmente um grande homem. Não conseguimos tirar-lhe uma palavra. O que terá feito depois que saímos? Deve ter telefonado para sua velha amiga, madame Klosters.

O sr. Wallner me contou dessa amizade, e também me disse que madame tem um estabelecimento aqui na Maxingstrasse onde o sr. Eisenbeiss eventualmente hospeda pessoas que estão em... ahn... dificuldades.

— Isso mesmo, comissário — disse Petermann.

— Teria sido absolutamente insensato visitar madame Klosters e perguntar se no dia depois do atentado ao avião, na noite de 16 de junho, maître Duhamel fora seu hóspede. O sr. Wallner está convencido de que ela o hospedou. Mas também está igualmente convencido de que jamais admitiria isso. Não posso esperar dela mais do que o que consegui com o sr. Eisenbeiss. Portanto, tomei a

liberdade de telefonar para o senhor. Uma minúscula chance, delegado. Os senhores tiveram aqui, aquela vez, uma caça aos terroristas; hotéis, pensões e estalagens foram examinados... quero dizer, os hóspedes. Talvez a casa de madame Klosters também tenha sido examinada, não é? O sr. Wallner acha que não. Não entendo por quê.

Petermann sorriu, sem o menor sinal de embaraço.

— Mas meu caro comissário! É a mesma coisa em todas as cidades.

— Que belos desenhos tem aí na parede, delegado. O que é a mesma coisa em todas as grandes cidades?

— A polícia precisa de ajuda, de informantes.

— Ah, sim. Ah, então madame Klosters... ajuda?

— Muito — disse Petermann. — Nós nos damos muito bem.

— Por isso eu disse que não acredito que tenhamos examinado o bordel daquela vez — disse o inspetor Wallner. — Agora entende, não é, comissário? Eu não quis me adiantar ao delegado.

O telefone tocou.

Petermann, que usava um elegante terno Steire, atendeu e escutou por algum tempo uma voz que se ouvia francamente, mas sem entender o que dizia. E tomava notas.

— Obrigado, Kalmar — disse por fim, e desligou novamente.

Encarou Rolland. — Bem, de fato não verificamos na Klosters.

— Está vendo! — disse Wallner.

— É preciso tentar de tudo, inspetor. — Rolland sorriu amável e pacientemente ao seu colega austríaco.

— Espere, ainda não terminei — disse Petermann. — Uma história maluca. O pessoal de plantão achou uma anotação relativa à Klosters. Às vinte e uma horas e dezessete minutos do 17 de junho,

um médico telefonou da casa dela. Um certo Dr. Mehl. Um hóspede da Klosters sofrera um ataque cardíaco.

— Ataque cardíaco? — disse Wallner, nervoso.

— O que tem isso de especial?

— Maître Duhamel é cardíaco, delegado — disse Rolland calmamente. — Angina pectoris.

— Ora, vejam só — disse o delegado. Seu casaco tinha botões de osso de cervo, muito bonitos. — Ora, um hóspede tem um ataque de coração, bastante grave. Tanto que a sra. Klosters chamou o Dr.

Mehl. E agora vem a coisa: o hóspede (seja quem for, talvez até maître Duhamel) sr. delegado, esse homem, que deve ter estado muito confuso, mal podendo respirar, proibiu ao Dr. Mehl de tocar nele. Sabe que entre nós num caso desses um médico fica impotente, comissário. — Robert Rolland fez que sim. Estava novamente com as mãos cruzadas nos joelhos. Jamais mostrava qualquer emoção. — O

Dr. Mehl teve medo e telefonou para o nosso plantão dizendo que era um caso bem grave, e que além disso o homem estava muito confuso, e pediu que o médico da polícia seguisse para lá imediatamente. Este pode tratar dos doentes em casos parecidos.

— Entre nós — disse Rolland admirando os botões de osso de cervo do delegado — vão sempre dois agentes da polícia criminal junto.

— Aqui também — disse o delegado, contente. — Pois bem, eles foram logo de radiopatrulha para a Maxingstrasse...

— E quando chegaram o homem tinha sumido — disse Rolland.

— Como sabe disso?

— Ele tinha sumido?

— Sim, mas como sabe?

— Eu estava me colocando no papel dele, delegado. Ou ele era um dos terroristas — o que não creio — ou era maître Duhamel. Nos dois casos tinha de sumir antes da chegada da polícia, ainda que lhe custasse a vida.

— Ele realmente fora embora. — Petermann encarava Rolland com respeito. Aquele sujeitinho relaxado e baixote, e tão esperto.

Esses franceses! Ele disse: — Nas anotações do plantão vê-se que os agentes interrogaram madame Klosters perguntando onde estava o sujeito, e ela disse que ele fugira.

— Naturalmente — disse Rolland, e olhou seus sapatos, sujos como de costume.

— Também perguntaram logo o nome dele, mas a Klosters disse que não sabia.

— Naturalmente — repetiu Rolland.

— O homem chegou, e vupte, teve o seu ataque. Naturalmente a Klosters nunca o vira antes. E ficou muito triste por não poder nos ajudar.

— Naturalmente ficou muito triste — disse Rolland. — Deve ter sido horrível para ela não poder ajudar. E também não conseguiu descrever direito o homem, porque estava nervosa demais, não é?

— Não, isso ela não se atreveu a dizer — retrucou Petermann. — Descreveu o homem, era muito alto, nariz grande, testa alta, cabelo bem curto, óculos escuros, terno azul, gravata azul, camisa branca.

Petermann ergueu os olhos de suas anotações.

— O senhor me descreveu o seu sr. Duhamel muito diferente, e nos retratos que me mostrou também parece bem diferente; mas isso apenas confirma que era ele. Teve de mudar de aparência, o mais possível. Tirar a barba e o cabelo comprido, colocar óculos... Não pôde diminuir de tamanho, nariz grande sempre é nariz grande, testa alta também. Comissário, era ele. O que acha?

— Não acho nada — respondeu Rolland. — Há muitos homens grandes, narigudos e de testa alta.

— Sim, mas ele fugiu! A central de táxis deu a descrição dele pelo rádio a todos os motoristas. Depois apresentou-se um tal Rudi Pummerer, dizendo que apanhou um homem com essa aparência e jeito muito doente aqui em Hietzing. Na praça da Igreja, e o levou ao Westbahnhof. — O delegado consultou novamente suas anotações.

— Depois disso demos o alarma no Westbahnhof — duzentos homens passaram o pente em tudo, gare, plataforma, restaurantes, trens. Policiais embarcaram nas estações mais próximas nos trens que já haviam partido. Pensamos, quem sabe, enfim uma pista quente dos terroristas, não é?

Rolland balançou a cabeça.

— Nada! — disse o delegado. — Não encontramos porcaria nenhuma. O cara sumiu como por encanto.

— Deve ter tomado um segundo táxi indo em outra direção — disse Rolland, olhando as unhas.

— Pois acredito com certeza que era o nosso homem — disse o inspetor Wallner. — Posso jurar. Azar de merda que tivemos.

— Não se pode ter sorte sempre — disse o pequeno comissário Robert Rolland.

17

Naturalmente diante da casa de Langenau, no lugar onde eu estacionara na noite passada, havia um carro agora, e Sattler e Lentz, os dois policiais, tiveram primeiro de encontrar o dono (que estava com um advogado) e pedir que tirasse o carro dali. Depois os homens da identificação começaram a trabalhar. O comissário Hübner também estava lá. Até aqui estou lhe contando muita coisa sobre policiais e trabalho policial, meu bem, mas é assim que a história ocorreu, em Viena, Hamburgo e outros lugares. Os agentes criminais mandaram arrombar a casa de Langenau, mas o serralheiro precisou de algum tempo, porque ainda havia um trinco de segurança na porta. Havia luz acesa no corredor e na sala, e as cortinas curtas, de linho vermelho-escuro, estavam fechadas como à noite. Na mesa ainda estavam a garrafa de vinho quase vazia e os dois copos nos quais Langenau e eu bebêramos. Ao lado, o longo cachimbo. Por um momento esteve tudo muito quieto. Depois Hübner fez um sinal de cabeça aos peritos para que dessem início ao exame, e os homens nos seguiram com câmeras e maletas.

Hübner disse:

— Esperemos até eles terminarem, ou vamos estragar todas as pistas. — Ele tinha um rosto largo e gordo, muito simpático, e cabelo vermelho. Hübner tinha cabelos cor de fogo, e pensei onde mais uma moça que fosse com ele para a cama pela primeira vez os veria.

Os dois policiais, Hübner e eu descemos outra vez com o elevador e vimos os homens da Identificação examinando o lugar agora vazio, à procura de uma lasquinha de tinta, um diminuto caquinho de lata. Ficamos na rua e esperamos cerca de meia hora, sem que os dois homens encontrassem o menor grão de poeira, o que não era de admirar, pois naquele local nada acontecera com meu carro.

— Impossível — disse Sattler. Seu colega Lentz abrira a boca para responder, mas mudou de idéia e fechou-a de novo.

— É, aqui não tem nada — disse um dos homens da Identificação.

— Pois então dêem uma olhada no carro do sr. Kent — disse Hübner, e os dois foram embora.

Enquanto isso o lugar ficou cheio de curiosos, pois a notícia do desaparecimento de Langenau se espalhara pelo edifício. Pegamos novamente o elevador para o apartamento, onde os especialistas tinham concluído seu trabalho — quatro homens que faziam esses trabalhos há tanto tempo que poderiam fazê-los até dormindo.

— E daí? — perguntou Hübner a um deles.

O homem levou-o para um lado e falaram baixinho. Eu não entendia nada. Algum tempo depois Hübner voltou e me disse que havia várias impressões digitais na casa, bem como sinais de quatro pares de sapatos molhados e sujos, entre eles dois muito grandes.

— Se ao menos tivesse chovido esta noite! — disse o comissário ruivo. — Mas tivemos um tempo pavoroso dias a fio. Tudo rastros de sapatos masculinos. O sr. Langenau não tinha arrumadeira?

— Não — respondi. — Ele mesmo limpava tudo.

— Tem certeza?

— Tenho certeza.

— Mas ele recebia muitas visitas... de seus amigos turcos.

— Quando havia desordem ou coisas para lavar e limpar, seus amigos ajudavam. Ele me contou isso certa vez.

— Por que lhe contou isso?

— Santo Deus, ele me contou como acontece quando seus amigos o visitam — disse eu. — Os peritos haviam afastado as cortinas e aberto uma das janelas, para entrar ar fresco, e a luz estava apagada.

— Não são esses os sapatos que o senhor usou esta noite?

— Não — disse eu. — Só um par das pegadas grandes é certamente meu, e o outro do sr. Langenau. Ele tem pés ainda maiores do que os meus.

Podemos pegar os sapatos que usou esta noite para comparar — disse o ruivo Hübner. — Faça a gentileza de entregá-los a nós. Mas e o sr. Langenau? Ele ainda está com seus sapatos, ou não?

— O que quer dizer isso? — perguntei.

— Tudo bem — disse Hübner. Ele estava esquisito. Eu limpara muito bem naquela manhã os sapatos que usara à noite. Tinha muita areia de Reinbeck grudada neles.

Os especialistas tiraram minhas impressões digitais, desculpando-se com exagerada cortesia. Depois Hübner disse: — Olhe em volta, sr. Kent. O senhor disse que só esteve na sala com Langenau. Olhe em volta na sala. Alguma coisa chama sua atenção? Alguma coisa mudou de ontem para hoje? Algo faltando?

Eu já olhara em volta e pensara concentradamente no que devia responder quando Hübner me perguntasse isso. Eu não tinha escolha.

— Nada mudou, mas falta uma pistola na prateleira — respondi.

— Que pistola era essa?

Eu lhe disse, e ele respondeu:

— Com silenciador? O sr. Langenau vai ter problemas. Não só por isso, mas toda a coleção. Ele vai... — Hübner interrompeu-se. — Ou não.

— O que significa isso?

— Tudo bem — disse ele novamente. — Como foi que notou logo que faltava a Zero-Oito, sr. Kent?

Contei-lhe o motivo.

— Então, se ele a apresentou tão minuciosamente, o senhor deve tê-la pegado na mão.

— Sim — disse eu.

Depois ficamos calados. Os agentes que estavam na sala também.

— Naturalmente que minhas impressões digitais estão nela — disse eu afinal, mas ninguém comentou nada, e eu disse: — Quero dizer, naturalmente...

— Sim, sim — disse Hübner. — Tudo bem, sr. Kent.

Depois procuraram o silenciador e não o encontraram.

Os agentes tinham vistoriado todo o apartamento. Um deles veio até Hübner e disse:

— Parece que não falta nada. Quero dizer, nada do que faltaria se por exemplo o sr. Langenau tivesse feito uma mala para viajar.

Nenhuma desarrumação nos armários. Há um sobretudo azul no vestíbulo, ainda molhado de chuva.

— O sr. Langenau tinha mais um sobretudo? — perguntou Hübner.

— Não sei — disse eu. — Acho que não. Sempre o vi com o azul.

Nem ao menos vestiu uma capa quando saiu de casa, se essa está aí.

— E a Zero-Oito sumiu — disse Hübner.

— Nada indica que tenha viajado — disse o agente. — Uma ordem incrível no apartamento, esse cara deve ter uma arrumadeira e tanto.

— Ele não tem nenhuma — disse eu.

— O quê?

— Estou lhe dizendo, não tem nenhuma. Ele mesmo limpava tudo. Era o seu orgulho, um apartamento limpo.

— Coisa de louco — disse o homem que procurava pistas. — Um tipo eremita?

— De modo algum — disse eu. — Tinha montes de...

— ...amigos turcos — disse Hübner, balançando a cabeça tristemente. — Se tinha tanto orgulho do apartamento limpo, decerto não teria tolerado pegadas de sapatos sujos no assoalho. Teria limpado tudo imediatamente, não acha, sr. Kent?

— Certamente — disse eu.

— Isso significa que as pegadas que encontramos são provavelmente todas da noite passada — disse Hübner. — Obviamente o sr. Langenau recebeu outras visitas.

— Acha que talvez esses neonazistas... mas como foi que entraram? — perguntei.

— Podem ter sido seus amigos turcos.

— Estive aqui até meia-noite, sr. comissário. Acha possível que seus amigos ainda o tenham visitado depois da meia-noite?

— Podem ter estado antes.

— Mas até as seis ele esteve na livraria. Não chegou em casa antes das seis e meia.

— E quando foi que o senhor chegou?

— Por volta das nove.

— Então, pelo menos duas horas e meia de tempo.

— Mas ele não me disse nada sobre uma visita.

— Tudo bem — disse Hübner.

De repente, fez-se um grande silêncio. Nenhum dos homens no apartamento limpo e arrumado disse algo. Fiquei com medo.

18

Naquela noite o ruivo comissário Hübner veio nos visitar, um homem pesado e triste. Estávamos sentados no quarto da cadeira de balanço e do quadro memento-mori. Hübner já estivera na livraria antes de fecharmos, e dera uma olhada em tudo. Era um agente criminal singular. Jogara pingue-pongue com as crianças e lera para elas um conto de Mark Twain. Depois contemplara longamente o cartaz na escada onde estava escrito: POR FAVOR, NÃO MATEM AS FLORES!

À noitinha, quando os pais vieram pegar as crianças, Patty e Hernin ficaram mais um pouco, e ela me disse: — Você disse ao comissário?

— O quê?

— O que eu te disse de manhã.

— Não.

— Por que não?

Antes que eu pudesse responder, Hübner perguntou: — O que foi que você disse?

— Que acho que o tio Conrad está morto.

— Patty, por que pensa isso? — quis saber Hernin.

— Eu também queria saber — disse o comissário. — Então, Patty?

— Faz alguns dias veio um homem à livraria. Eu estava ajudando o sr. Stark a desembrulhar livros. Quando fiquei sozinha por um momento o homem me deu um envelope e disse que eu o entregasse ao sr. Langenau. Foi o que fiz, e tio Conrad abriu o envelope e havia um papel, e lá estava escrito o nome dele, o sobrenome, e debaixo desenhado um caixão.

De repente todos falávamos ao mesmo tempo: — Por que não me contou nada, Patty?

— Sim, nem a mim?

— O que é que você estava pensando?

Patty respondeu:

— Levei um susto enorme, mas o tio Conrad riu e disse que alguém tinha feito uma piada de mau gosto, e tive de lhe dar minha palavra de honra de que não contaria nada a vocês para que não se assustassem, pois o tio Conrad disse que a carta era pura bobagem.

— Pensei que você fosse mais esperta, Patty — disse Hernin.

— O que quer dizer esperta, se dei minha palavra de honra, vovô? Uma palavra de honra tem de ser mantida... ou não?

— Claro. Desculpe — disse Hernin.

— O que foi que o tio Conrad fez com o papel e o envelope? — perguntou o comissário Hübner.

— Meteu no bolso — disse Patty. Estava ofendida. — Eu já estava com medo, acreditem, mas não podia falar com ninguém. E agora o tio Conrad sumiu, e de tarde, quando o tio Peter foi para a polícia, eu lhe disse que achava que tio Conrad estava morto.

— E o que foi que o tio Peter respondeu? — perguntou Hübner.

Patty me encarou, infeliz, e ficou quieta.

— Fiz-lhe uma pergunta — disse Hübner.

Patty continuou calada, olhando para mim.

— Não respondi nada — disse eu. — Fui à polícia. O senhor sabe disso, comissário.

— Por que não respondeu à criança? — perguntou Hübner.

— O que poderia responder? Minha mulher e eu esperávamos o sr. Langenau desde a manhã. Telefonei para ele várias vezes. Depois

avisei à polícia. Eu estava muito preocupado, comissário. Minha mulher também. Tínhamos um mau pressentimento...

— Tudo bem — disse ele, e passou a mão pelo cabelo de fogo.

— Você não me falou nessa carta, Patty — disse eu.

— Mas eu tinha dado minha palavra de honra, tio Peter. Agora ela não vale mais, não é?

— Não, Patty — disse Hernin —, não vale mais. — Olhou-me rapidamente, e eu teria gostado muito de conversar com ele, mas naquela noite seria impossível.

Então fomos para casa com o comissário, e nos sentamos juntos na sala da cadeira de balanço, e Hübner contou que era divorciado e vivia sozinho, como Langenau, e que gostava de crianças, e que seu escritor predileto era Simenon. Mas só gostava dos seus romances psicológicos, não suportava romances policiais.

Falou e falou, bebendo sempre mais um copo de uísque comigo.

Andréia tomava suco, e pensei que ele certamente suspeitava de que eu matara Langenau e queria me embriagar para descobrir alguma coisa. Talvez fosse apenas um homem solitário, que não suportava estar sempre sozinho quando não estava de serviço. E contou-nos dos progressos da investigação.

— Suas digitais estavam na mesa, num copo e na garrafa, e em muitos lugares da sala, e da porta de entrada. O senhor naturalmente pegou uma porção de coisas lá, sr. Kent.

— Naturalmente.

— Tudo bem. Examinamos todos os amigos do sr. Langenau, e todas as impressões digitais que tiramos deles também foram encontradas em algum lugar do apartamento. E depois há as dele... devem ser dele, pois estão por toda parte. Sabe o que é pior?

— O quê?

— Conseguimos identificar todas as digitais, todas. Não há nenhuma que não saibamos a quem pertence. Com os sapatos é

diferente, não pudemos identificar todos. Choveu tanto na noite passada, não é? — disse ele a Andréia —, e os rastros no apartamento estão todos sujos. — Olhou-me outra vez. — Os sapatos que pôs à nossa disposição, e que usou esta noite, combinam com algumas impressões. As outras, muito grandes, são sem dúvida de Langenau. Restam dois pares para os quais não encontramos sapatos adequados entre os amigos dele. Portanto, dois homens que não conhecemos estiveram com ele. Mas teriam de ter deixado digitais que não pudéssemos identificar, ou não? E conseguimos identificar todas.

— Se usaram luvas... — comecei.

— Sim — disse ele. — Luvas, isso é grave.

— Acha que esses dois desconhecidos o assaltaram?

— Não sei. Falei com o sr. Reining, o homem da segurança.

Saúde, sr. Kent.

— Saúde — disse eu, e esvaziamos nossos copos.

— Quer mais um pouco? — perguntei.

— Nunca digo não, sr. Kent, nunca digo não.

Portanto, voltei a encher os copos. Tomávamos o uísque puro, só com gelo.

— À sua saúde, senhora. Bom, então esse sr. Reining tem de fazer sua ronda à noite toda e sempre passa pelo edifício, não é? Nós lhe perguntamos, muito minuciosamente. Não, disse o sr. Reining ele não viu ninguém mais ir visitar o sr. Langenau. Só o senhor, sr.

Kent. Ele não viu o sr. Langenau abrir a porta para ninguém além do senhor. Não viu ninguém mais no elevador, só o senhor.

— O edifício é muito grande — disse eu. — Se Reining faz sua ronda, muitas vezes fica bem longe da entrada e do elevador.

— Correto — disse Hübner.

— Ele também não me viu sair, não é?

— Tudo bem — disse Hübner. — Tudo bem.

— O que significa agora esse “tudo bem”?

— Significa que o senhor tem razão. Podem ter entrado pessoas na casa, até com chave própria, sem que Langenau tivesse de abrir ou que o sr. Reining notasse algo: antes ou depois de sua visita. Foi um acaso o sr. Reining o ver. O serviço dele começa às oito, o sr.

Langenau pode ter recebido visitas uma hora e meia antes. A partir das seis e meia ele estava em casa, segundo o senhor.

— Suponho apenas. Não sei.

— Tudo bem. — Hübner revirava o copo na mão. — Ele passou pelo menos duas vezes pelo apartamento do sr. Langenau, aquele sr.

Reining, e ouviu vozes muito altas. Uma chegava a gritar, disse ele. A sua voz, sr. Kent. O senhor gritou?

— Sim.

— Por quê?

— O sr. Langenau quer nos deixar e voltar a Innsbruck porque...

— Sim, sim, sim, tudo bem. O senhor nos disse.

— Fiquei muito nervoso. Tentei por todos os meios dissuadi-lo, e gritei. Estava tão nervoso que gritei.

— Estava embriagado?

— Não.

— Ora, uma garrafa de dois litros. Quase vazia.

— Eu agüento um bocado, comissário.

— Sim, estou vendo.

— Além disso, Langenau bebeu muito.

— Estava bêbado?

— Nem sinal.

— Ele também agüenta um bocado — disse Hübner. — O senhor agüenta, eu agüento, todos nós agüentamos um bocado. O senhor não matou Langenau e o escondeu, sr. Kent?

— O senhor ficou louco! — gritei.

— Então, o senhor grita. Não admira que o sr. Reining o tenha ouvido. Não fiz uma pergunta, foi uma constatação. O senhor não vai matar um homem que é seu amigo, a quem o senhor quer dissuadir de ir embora. Também não é pergunta, é uma constatação.

— Comissário — disse Andréia —, acha que meu marido e eu estamos lhe escondendo alguma coisa?

— Tudo bem — disse ele. — Tudo bem. — Olhava o quadro. — Lembrai-vos da morte — disse ele. — Pensa muito na morte, sr. Kent?

— Não — disse eu.

— Mas eu sim — disse Andréia. — Comprei o quadro e olho muitas vezes para ele, comissário.

— Por quê?

— Para não me esquecer que tenho de morrer — disse ela.

— O senhor tem uma esposa muito inteligente, sr. Kent. Muito bonita e inteligente.

— Eu sei.

— À sua saúde, sra. Kent.

— À sua, comissário, embora só com suco de laranja.

— Vamos beber mais um copo? — perguntei.

— Nunca digo não, sr. Kent.

Tomamos mais alguns copos. Esvaziamos a garrafa, e metade de outra. O comissário ruivo nos contou de sua mulher, de quem se

divorciara, e a quem ainda amava, embora ela sempre o tivesse traído, e disse que um homem com a profissão dele simplesmente não devia se casar. Depois me fez novamente perguntas sobre Langenau. Acho que era mesmo terrivelmente solitário, e era uma dessas noites em que ele simplesmente não podia ficar sozinho.

19

O comissário Robert Rolland alugara um pequeno quarto na pequena pensão na Alster Strasse. A pensão ficava numa casa velha, e o quarto de Rolland era desconfortável, com móveis baratos. Tudo o que podia ver era uma parede. Rolland gostava desse tipo de quartos.

Com seus honorários durante as investigações teria podido morar em bons hotéis, mas preferia aquele tipo de hospedarias, onde havia apenas dois lavabos e um banheiro por andar, uma pia no quarto... e onde o café da manhã era servido em um grande refeitório comum, desolado.

Era um fim de tarde de meados de novembro; Rolland acendera o abajur com uma lâmpada fraca, pois já estava escuro. Na mesa diante dele havia um pequeno tabuleiro de xadrez de viagem. Em mangas de camisa, ele jogava há duas horas contra si mesmo, e acabara de constatar que podia fazer xeque-mate nos braços em três lances, quando de repente se levantou, foi até a cama com lençóis desbotados e pegou o fone do antigo aparelho que estava na cabeceira. Esperou um pouco; depois uma voz mal-humorada de mulher atendeu.

— Que foi?

— Por favor, ligue-me com... — Rolland disse um número de telefone.

— Fique na linha!

Ele esperou novamente.

Depois ouviu uma voz masculina:

— Secretaria de Segurança, boa-noite.

— Boa-noite. O inspetor Wallner está? Aqui é o comissário Rolland.

— Um momento, comissário.

Rolland sentou-se na cama.

Nisso Wallner atendeu.

— Sim, comissário, o que há?

— Sr. Wallner, lembrei-me de uma coisa. Talvez nos ajude a prosseguir.

— Em Paris, em todas as casas como a de madame Klosters, temos mocinhas que trabalham para a polícia. Deve ser assim em Viena.

Longo silêncio.

— Sr. Wallner!

— Sim.

— O que foi?

— Sou um imbecil.

— Por quê?

— Porque não pensei nisso. Claro que em Viena é como em Paris. Em cada um desses bordéis chiques temos nossa espiã.

Realmente sou um idiota!

— Pare com isso! Tente falar com a mocinha da sra. Klosters.

Talvez possamos nos encontrar com ela, hoje ou amanhã. Ficarei no meu quarto; por favor telefone logo.

— Logo, comissário. Santo Deus, sou um burro!

A ligação interrompeu-se.

Rolland ficou sentado imóvel na beira da cama, olhando a parede preta. Meia hora depois seu telefone tocou, e uma voz feminina rosnou:

— Ligação para o senhor!

Estalido no telefone, e depois era Wallner outra vez: —
Encontrei-a, comissário. Não trabalha mais na Klosters.

Chama-se Cilly Zanderl. Nome de guerra, Simone. Brigou com a Klosters e saiu. Agora trabalha em Döbling, Rua Peter Jordan. Casa mais fina ainda.

— Ela ainda é sua espiã?

— Sim.

— E que tal nosso encontro?

— Tudo certo. Ela só começa a trabalhar às oito e meia. Agora são seis e meia. Por volta das sete ela nos espera no Café Parsifal, um velho café no Primeiro Distrito. Sozinho vai ser difícil o senhor achar. Pegue um táxi; também irei logo.

— Certo — disse Rolland. Largou o fone no gancho, vestiu o casaco e o sobretudo, e saiu de seu desolado quarto. Lá embaixo na esquina havia um ponto de táxis. Meia hora depois Rolland entrava no Café Parsifal. Um restaurante ao seu gosto: antiqüíssimo, grandes espelhos quase baços, mesas de mármore manchadas e rachadas, iluminação fraca, ar abafado. Todos os garçons usavam fraques manchados e lustrosos. Havia alguns homens sentados em cantos, conversando, outros liam jornais. Estava muito quieto no Café Parsifal. Rolland logo encontrou o robusto inspetor Wallner, sentado num nicho de janela, afastado, que acenou para ele. Diante de Wallner sentava-se a moça mais linda que Rolland jamais vira. Seu longo cabelo vermelho brilhava. Tinha olhos verdes e rosto muito claro.

Wallner levantou-se e apresentou os dois.

— Comissário Rolland, srta. Simone.

— Cilly Zanderl — disse a moça. Um casaco de marta preta estava no encosto da cadeira atrás dela. Rolland era especialista em perfumes: Cilly Zanderl usava "Opium", constatou ele; sentou-se e pediu café.

— Eu já disse à moça do que se trata — disse o gordo Wallner.

— Sim, vi o homem a quem procura, comissário — disse Simone.
— Lembro-me bem dele. Aconteceu uma coisa muito desagradável comigo naquela vez. Eu tinha então um amigo fixo, um major-general, um velho caduco. Sempre que ele chegava eu tinha de botar um tschako* na cabeça e descer nua a grande escada marchando, fazendo continência e cantando: "Somos do Regimento de Infantaria tal e tal, batalhão número quatro". E o pau dele ficava em pé na hora. Desculpe. Quero dizer, ele ficava excitado com isso.

Bom, então tocaram a campainha e era na hora dele, e pensei, ele está chegando. Peguei meu tschako, tirei calcinha e sutiã, saí marchando e cantando... e no vestíbulo estava um homem totalmente desconhecido. Realmente desagradável, não é?

* Capacete com plumas. (N. da T.)

— Desagradável — disse Rolland pacientemente. Sabia que tinha de deixar Simone contar tudo à sua maneira.

— Como era o jeito dele? — perguntou Wallner.

— Muito grande. Narigudo. Logo vi. Testa alta, cabelo castanho curto, óculos de aro escuro. Intelectual. Muito simpático. Eu teria preferido ele como amigo do que aquele velho besta. Bom, negócios são negócios. Parece mentira, ainda o vejo na minha frente. Podia desenhar a cara dele.

— Vai fazer isso para nós, srta. Simone — disse Rolland.

— O senhor é mesmo da polícia?

— Sim, por quê?

— Parece tão simpático. Não digo por mal. Parece mesmo simpático.

— Eu sei — disse Rolland sorrindo, — Diga-nos quando terá tempo, e então venha à Secretaria de Segurança, e um técnico vai trabalhar num retrato falado até a senhora dizer sim, ele era bem assim.

— Posso todos os dias até as oito e meia. O senhor só tem de me avisar. E naturalmente alguém precisa me levar de carro ao pátio da Secretaria, e me trazer de novo... como sempre.

— Claro — disse Wallner.

— Bom, a velha, a Klosters, me viu descer as escadas marchando, e gritou comigo para que sumisse no meu quarto. Não falou uma palavra com o homem desconhecido. Bom, eu subi a escada para o meu quarto, abri a porta e fechei-a com ruído, mas por fora; depois me esgueirei atrás de uma pilastra para escutar o que a velha falava com o cara. E ela logo disse o nome dele. Acho que certamente nunca o vira antes, nem o conhecia. Bom, e naturalmente ouvi quando ela disse o nome dele.

— Como era o nome? — perguntou Rolland amavelmente.

— Peter Kent — disse Simone.

— Peter Kent?

— Isso mesmo. Não precisa me olhar assim, comissário, eu boto a mão no fogo.

— Como é que se lembra tão bem do nome, srta. Simone? — perguntou Rolland.

— Muito simples. Só fumo duas marcas de cigarros. Peter Stuyvesant, e Kent. Com filtro, é claro. Então, Peter de Stuyvesant, e Kent de Kent. Logo que ouvi o nome pensei, é fácil de lembrar.

Entende: só fumo duas marcas de cigarros: Peter...

— Nós entendemos, srta. Simone

— disse Rolland pacientemente.

— E por que não nos avisou disso imediatamente aquela vez? — perguntou Wallner.

— Eu não tinha idéia de que o cara tinha tido um ataque e fugido e tudo. Ou teria telefonado na hora, inspetor, o senhor me conhece. Sou de confiança ou não sou?

— Sempre foi de confiança.

— Então. Mas não percebi nada de toda a confusão; nesse meio-tempo meu major-general chegou, e eu estava ocupada com o velho besta. Com ele a coisa só funcionava se eu tocasse música militar no toca-discos, eu tinha um álbum cheio. Isso faz barulho! E ele sempre levava tanto tempo, um senhor de idade. Quando consegui sair do quarto outra vez, tudo tinha passado, e a velha deve ter dito para as outras moças que calassem o bico. Ninguém disse uma palavra. Hoje ouvi falar disso pela primeira vez. O inspetor me disse enquanto estávamos esperando o senhor, comissário.

— Peter Kent! — Wallner encarou Rolland, radiante. — Temos o nome!

Rolland concordou em silêncio. Um garçom de fraque manchado lhe trouxe o café.

20

— Então ele sabia de tudo — disse Hernin, com seus cabelos brancos.

— Sim, ele me confirmou tudo — disse eu. — Mas não tenho culpa no seu desaparecimento, Walter. Nenhuma. Ele ainda me disse que eu não tinha nada a recear de sua parte, que jamais iria me denunciar à polícia. Eu mesmo teria de fazer isso. Estava convencido de que eu me entregaria.

— Não sabia de tudo. E por isso queria ir embora. Porque você é um assassino impenitente. Lembra-se? Uma vez eu lhe disse que você jamais poderia esquecer o que fizera, e você me contradisse. Eu lhe disse que entendo você perfeitamente, mas que um homem que matou outro destrói um mundo inteiro. Por isso, eu disse, você jamais esquecerá o que fez. Ainda se lembra? Estávamos passeando na frente da livraria. Hernin e eu falávamos em voz baixa no Cat's Corner. Eram quinze para as seis da tarde, e a maior parte dos pais estava apanhando seus filhos. Andréia e Robert Stark falavam com fregueses, e estava sossegado no Cat's Corner. Contara tudo a Hernin naquela tarde de 16 de novembro de 1981.

— Ele ainda me acompanhou no elevador e abriu a porta do edifício para mim — continuei. — Depois aconteceu uma coisa bem louca: disse que rezaria por mim, e fez um sinal da cruz em minha testa. Você pode imaginar como me senti, Walter?

— Entendo tudo — disse ele. — Inclusive que você tenha ido a Reinbeck, bem típico, o passeio que faz tão seguidamente com Andréia. Entendo: naturalmente também entendo que você não tenha contado a ela sobre esse trajeto.

Langenau estava desaparecido há seis dias. Não dava sinal de vida. O comissário Hübner e seus agentes tinham falado comigo mais algumas vezes, mas obviamente não tinham a menor pista. O

Mercedes fora consertado na oficina. Os peritos do laboratório policial recusavam-se a crer que outro carro tivesse batido no meu.

— Nem o menor sinal de pintura ou metal de outro carro — disse Hübner. — Nem no Mercedes nem no estabelecimento diante da casa de Langenau. É simplesmente impossível.

Respondi:

— Considere naquela chuva louca!

Ele respondeu:

— Estamos considerando, mas mesmo a chuva mais incrível do mundo não poderia lavar todos os sinais. Os pedacinhos de tinta e metal teriam ficado grudados no Mercedes, quase gravados nele. E também teriam encontrado alguma coisa no asfalto. Sabe o que descobrimos em seu carro?

— O quê?

— Os peritos encontraram pedacinhos de ferro.

— Pensei que não tinham encontrado nada.

— Não eram pedaços da lataria de outro carro.

— De que então?

— De um martelo pesado, por exemplo — disse Hübner.

— O quê?

— Sim, sr. Kent. Alguém bateu com um pesadíssimo martelo ou coisa assim no pára-choque e no pára-lama esquerdo de seu carro: com toda a força. Deve ter sido um homem fortíssimo.

— Acredita nisso?

— Julgamos provável. Outro carro não foi, isso já está definido.

Os pedacinhos de ferro realmente poderiam ser de um grande martelo, segundo exames de laboratório.

Quando contei isso a Hernin no Cat's Corner, ele disse: — Para você tanto faz se eles acreditam que foi um martelo, desde que aceitem que o Mercedes estava todo o tempo só estacionado diante da casa de Langenau. Se não houver outras pistas, vão desenvolver suas grandes teorias; conheço isso do tempo da guerra. Eles que o façam. O principal é que deixem você fora da jogada. É melhor que se preocupem com esses grupos agressivos dos radicais de direita.

— Receio que tenha acontecido algo sério com Langenau. Temo que Patty tenha razão.

— Acha que o mataram?

— Acho, sim. Estou convencido disso.

— Horrível.

— Eles já tentaram. E o ameaçaram muitas vezes. Acredite, o pobre Langenau está morto. Com tiros, pauladas, sei eu. Mas fizeram isso com muita esperteza, esses cachorros imundos. Espero que não sejam espertos demais para a polícia.

— Que fim para um homem daquele!

— Estou certo de que ele jamais teria traído você.

— Certamente não. Apenas teria ido embora. Nós o teríamos perdido.

— Bem, agora o perdemos para sempre.

Andréia espiou para dentro da salinha.

— Desculpem se estou incomodando, mas a livraria está cheia de clientes, Peter. Você pode vir?

— Claro — respondi; fiz um sinal de cabeça para Hernin e fui vender livros. Um senhor idoso me pediu: — Eu queria Não somos apenas deste mundo.

— O novo livro de Ditfurth — disse eu. — No momento não temos nenhum exemplar, tudo vendido, mas já encomendamos mais.

Pode voltar amanhã?

— Vi um exemplar na vitrine — disse ele.

— Não.

— Sim, venha comigo, vou mostrar onde está.

E já estava saindo para a rua. Fui atrás dele, que se colocou ao meu lado e apontou com o dedo para um livro na vitrine.

— Eisenbeiss — disse o senhor idoso, que usava um Homburg — deixou o senhor nervoso muitas vezes durante o processo porque cantarolava, verdade?

— Verdade — disse eu, olhando-o perplexo.

— Ele lhe manda lembranças. A polícia francesa está procurando pelo senhor. Um certo comissário Rolland. Esteve com seu colega vienense na presença de Eisenbeiss. Nem foram à sra. Klosters; provavelmente encontraram a espiã antes, e perceberam que ela não sabia de nada.

— Que espiã?

— Ele disse que havia uma espiã da polícia entre as moças da sra. Klosters.

— Diabos!

Transeuntes passavam e nos empurravam: — Eu lhe digo, a espiã da sra. Klosters não sabia de nada.

Lembra-se de uma moça muito linda, de cabelo ruivo, que desceu a escada marchando totalmente nua quando o senhor esperava no vestíbulo?

— Sim — disse eu. — Com um capacete de plumas. Cantando.

— Isso. Chamava-se Simone, e era a espiã. Por sorte a sra.

Klosters sabia disso, e mandou Simone para o quarto. Só quando a moça sumira ela o chamou pelo nome. Simone não pode ter ouvido nada.

— É verdade — disse eu aliviado. — Ela bateu a porta atrás de si, lembro-me disso.

— Está vendo. E Simone também não viu nada do que aconteceu depois. Não, não, a busca vai se esgotar em Viena. Pode viver em paz, o sr. Eisenbeiss manda-lhe dizer isso. E mais uma coisa... A sra. Kratchowil, viúva do alfaiate...

— Sim?

— Está quase curada psiquicamente.

— Não!

— Sim. Um milagre. O sr. Eisenbeiss encontrou um asilo muito bom para ela, que aprendeu a fazer sozinha uma porção de coisas.

— Que bom — disse eu. — Bom velho Eisenbeiss!

— Portanto, nada de medo! Eles nunca o encontrarão. — O homem com o Homburg voltou para a livraria à minha frente. — Agora venda-me outro livro de Ditfurth, para não chamarmos atenção.

21

Paris, quarta-feira, 18 de novembro de 1981.

Minha mansão na Alameda Pilatre de Rozier, cerca de 16h30min.

O telefone tocou no quarto de Paul Perrier. O jovem amigo de Yvonne, com longos cílios negros e sedosos, que acabava de lixar as unhas com uma pequena lima, ergueu o fone e ouviu a voz do criado: — Ligação para o senhor, monsieur.

Estalido na linha.

— Alô! — disse Paul, resignado. — Está pronta? Mas dessa vez foi rápido, chérie. Vou sair logo, Yvonne.

— Está sozinho? — perguntou uma voz masculina.

— Sim, por quê? Quem é o senhor?

— Essa conversa pode ser escutada em alguma extensão?

— Não.

— Certeza?

— Claro. Mas me diga...

— Um momento, por favor.

Então Paul escutou uma voz de mulher: — Paul, é Ilse.

— Não conheço nenhuma Ilse.

— De Auteuil. Hipódromo. Estávamos sentados lado a lado.

— Ah! Ilse! — Perrier ergueu a voz. — Onde está?

— Orly. Aeroporto. Meu marido está trabalhando em Paris.

Temos um avião particular. Learstar. Achei que podia vir junto e dar uma olhada em você. Depois do escândalo no Hipódromo o nome de sua velha apareceu em todos os jornais. Bastou pegar uma

lista telefônica. Quem falou com você foi um dos nossos dois pilotos, eu não quis falar logo. Você está sozinho?

— Sim!

— E a velha?

— No dentista. — Perrier praguejou.

— O que foi, Fodedor?

— O jeito que ela me trata. Nojento. Sou o motorista dela.

Primeiro tive de levá-la à casa de uma amiga, depois ao dentista, e agora tenho de apanhá-la outra vez no dentista. É só o que ainda faço, levá-la por aí e esperar.

— E trepar com ela — disse Ilse.

Paul Perrier praguejou outra vez: — Merda de vida, acredite.

— Santo Deus, então estou telefonando no momento certo! Por que não foi me procurar ainda? Eu esperei, e esperei. Diabos, já estou toda excitada outra vez. Sua voz me basta. Então, fim, você vem logo conosco.

— O quê?

— Para Munique. Meu marido sabe de tudo. Não se importa.

Nunca se importou. Ele se serve de outro jeito. Seremos uma pequena família feliz. Ah, Paul, preciso tanto de você. Fico louca só de pensar no seu troço. Meu marido tem um escritório grande aqui na cidade. Um motorista vai buscar você em vinte minutos.

— Mas posso pegar um táxi. — Perrier estava confuso, era tudo depressa demais.

— Não, não, um dos nossos motoristas irá aí. Podemos ter confiança nele. Espere diante da casa, e não esqueça o seu passaporte! Estou no aeroporto, no bar azul...

— Eu quero realmente sair daqui, Ilse, mas...

— Mas o quê? Cagaço da velha? Medo de que ela fique brava com o seu menininho se ele não a apanhar no dentista?

Perrier jogou a lixa de unhas contra a parede.

— Pare com isso! Vou o mais depressa que puder.

De repente sentia-se maravilhosamente bem.

— Ótimo! Não me comece a fazer malas. Não precisa trazer nada, nada. Vamos comprar tudo para você em Munique, eu vou comprar tudo. Segundo o meu gosto. Do jeito que a velha te vestia, todo mundo podia ver de cem metros o que você era. Entendeu? Você não vai trazer nada!

— Não...

— Nem escova de dentes. Temos uma casa enorme em Grünwald, em Munique. Você vai morar no quarto ao lado do meu.

Está tudo combinado. Em compensação, meu marido poderá fazer o que quiser com o seu Freddy. Freddy é a sua nova conquista, os dois vão viajar esta noite para Capri. Teremos a casa só para nós. Sabe o que vou fazer com você? — Ela disse o que faria, e Pierre teve uma reação intensa. — Que tal acha disso? — perguntou Ilse. — O que dizem das alemãs é verdade, elas fazem isso como ninguém. Então, você vem imediatamente a Orly.

— Merde — disse Perrier. — Estou cagando para tudo aqui. Vou indo, Ilse, já vou indo.

— E nem imagina como! Até logo, Fodedor. — Desligou. Perrier desligou e ajeitou o nó da gravata. Ajuda do céu, pensou. Deus, não posso mais nem ver Yvonne. Nem ouvir sua voz. Estou quase cometendo suicídio. Essa cabra maldita e histérica. Agora ainda por cima começou a beber. Naturalmente estou indo para um futuro desconhecido, mas essa Ilse está tão louca por mim... E um Learstar... Comparado com isso, aqui é tudo uma pobreza. O meu rabo está me dizendo que faça isso, e meu rabo sempre teve mais inteligência do que minha cabeça.

Poucos minutos depois Paul Perrier, de sobretudo, saiu do pequeno palácio do Parque. Emile Rachet, que trabalhava há muito ali como zelador, jardineiro e operário, recolhia folhas murchas com o ancinho e as queimava num canto do parque.

— Vai apanhar madame, monsieur? — Usava seu macacão azul de trabalho.

— Não — Perrier pigarreou. — Eu mesmo estou esperando alguém que vem me apanhar. Tenho algo urgente a resolver.

— Mas madame...

— Lamento, ela terá de pegar um táxi. Já avisei o criado. — E também vou ficar livre do meu Lamborghini, pensou ele. Qual nada, Ilse vai me comprar um novo, que loucura, como ela está doida por mim. Até isso acabou com Yvonne, por isso ela se porta desse jeito desavergonhado. Está realmente na hora de me mandar.

Um Cadillac preto parou diante do portão de entrada. Perrier cumprimentou Rachet com a cabeça.

— Então, até depois, Emile!

— Até depois, monsieur. — Rachet viu um rapaz de terno azul, camisa branca e gravata azul sair do Cadillac, abrir a porta traseira direita para Perrier, que acenou mais uma vez. Emile também ergueu a mão. O jovem sentou-se outra vez na direção, o Cadillac disparou quase sem ruído e logo desapareceu. Emile coçou a nuca. Depois voltou a juntar folhas murchas.

22

Sábado, 21 de novembro de 1981.

— De Viena? O senhor vem de Viena? — As mãos de Yvonne esvoaçavam como pequenos pássaros. Usava um traje caseiro, amplo, de seda vermelha, com mangas muito largas. Os pés estavam metidos em sandálias de seda vermelha. Estava com todas as suas jóias de rubis: colar, brincos, bracelete e anéis, e usava muita maquilagem. Assim se recostava numa pesada poltrona de couro diante da lareira acesa no salão.

— Direto de Viena, madame — disse o pequeno comissário Rolland, sentado à frente dela. — O Secretário de Estado Nardonne me telefonou e pediu que a procurasse imediatamente, pois recentemente deu queixa contra seu marido na polícia, dizendo que assassinara monsieur Perrier...

— Sim... sim... — As mãos voavam, as jóias rebrilhavam, a cinza do cigarro na longa piteira dourada caiu no tapete. Yvonne falava com voz singularmente arrastada: — Então agora estão me levando a sério, é? Estão acreditando em mim, é? Era preciso que acontecesse mais isso para acreditarem finalmente em mim?

— Madame, a senhora sabe muito bem que há semanas estou procurando seu marido.

Sobre a mesa havia dois copos, um balde com gelo e uma garrafa de uísque.

— Para mim não, obrigado — disse Rolland.

— Mas para mim sim! — Encheu o copo, colocou pedaços de gelo, e bebeu avidamente. Suas mãos e lábios tremiam, constatou Rolland. Belo tremor de bebedeira, pensou ele. Essa dama deve beber um bocado... e há bastante tempo. Além disso, pela maneira de falar deve estar tomando Valium ou coisa parecida.

— Estou tão grata por afinal estar agindo. O melhor homem do país. Não há outro melhor. E por fim, por fim alguém que acredita quando digo que Charles, esse demônio, está vivo. O senhor acredita, não é?

— Estou inclinado a isso. Com toda a cautela, naturalmente.

— O senhor está procurando por ele, seguindo sua pista, presumindo que vive.

— Digamos que suponho que ele possa estar vivo. — O pequeno comissário pensou: Se você, com seu dinheiro e sua bebedeira, soubesse o que eu sei! Que seu marido vive realmente. Que sabemos como se chama agora, e qual sua aparência. Que o Ministério da Justiça francês se dirigiu ao Escritório Central da Interpol em Viena, pedindo que procure seu marido na Áustria. Que a Interpol de Viena, depois de examinar o caso, pediu colaboração da Interpol de Berna e da Delegacia Criminal Federal da Alemanha em Wiesbaden, para cobrirem todo o território de língua alemã. Se você soubesse que há muito em cada delegacia policial há volantes de busca ao seu marido, por toda a parte da Alemanha, Áustria, França e Suíça. Se soubesse que em quatro países as autoridades policiais estão caçando seu marido, sua delatora repulsiva e bêbada. Se soubesse!

Teria um ataque de nervos de felicidade, e gritaria isso aos guinchos nos mais esnobes salões parisienses. Não se sabe do que você seria capaz, em seu estado. Nunca se sabe do que as pessoas são capazes.

Por isso nunca dou a ninguém informações sobre o andamento de minhas investigações... só aos meus superiores.

Rolland informara tudo isso por telefone ao Secretário Nardonne, depois de ter conseguido da callgirl Cilly Zanderl, Simone, no Café Parsifal, o meu novo nome e aparência. Nardonne não parava de elogiá-lo:

— Pare com isso, monsieur! Apenas tive sorte. Agora é preciso dirigir-se o mais depressa possível à polícia em Viena, através do

Secretariado Geral da Interpol, pedindo a busca. Ficarei aqui para ver o que acontece.

Mas ele não ficara em Viena. Na manhã de 21 de novembro, Nardonne telefonara para a horrenda pensãozinha na Alster Strasse, dizendo a Rolland que Paul Perrier estava sumido desde 18 de novembro e não aparecera mais. Yvonne dirigira-se mais uma vez por telefone ao Ministro da Justiça, fazendo uma cena daquelas. O

Ministro pedira a Nardonne que chamasse o comissário Rolland de volta a Paris para acalmar madame Duhamel, pois ela ameaçava novamente com uma entrevista coletiva à imprensa internacional. E agora Rolland estava sentado diante da embriagada Yvonne, ouvindo pacientemente a sua história.

— Ele ainda me levou ao meu dentista, monsieur le commissaire, o Dr. Pivat. Um gênio, um gênio. Tenho pivôs aqui na frente, em cima, não se nota, tão bem ele faz. Havia algo a ajeitar em um deles, e o Dr. Pivat tem mãos abençoadas. É como se nos acariciasse. Quando surge a mera possibilidade de doer um pouquinho, ele nos dá um anestésico. — Essa palavra quase a matou. — Sabe que já adormeci duas vezes na cadeira dele durante o tratamento? Um uísque agora?

Não? — Mas encheu o copo novamente, um copo grande. Bebeu um gole enorme e acendeu um cigarro no toco do outro. — O Dr. Pivat...

Rolland pigarreou.

— Ah, sim, vamos ao assunto. Estava combinado que o pequeno Paul me apanharia quando eu estivesse pronta. Esperaria o meu telefonema. Odeio táxis. Bem, telefonei e o criado me disse que monsieur Perrier não estava. Fiquei perplexa. Onde estaria ele? Tinha recebido um telefonema e saíra, disse Vítor, Vítor é o criado. — Rolland ouvia pacientemente. — Saíra de carro. Vítor sabia disso.

Não vira monsieur Perrier sair. Só o jardineiro Emile, aquele idiota, o viu sair. Ele me odeia, sempre me odiou, embora eu fosse boa com ele, embora ele possa fazer o que quer nesta casa. — Rolland já falara com Emile, logo ao chegar. Sabia o que Emile tinha

a dizer, mas ouviu tudo outra vez de Yvonne. Não havia pessoa mais paciente do que aquele pequeno comissário Rolland. — Emile estava no jardim. Ainda viu monsieur Perrier e perguntou se ele ia me apanhar no dentista. — Cinzas no tapete, outro grande gole. — Não, disse monsieur Perrier, ele tinha um compromisso urgente. E vieram apanhá-lo num Cadillac preto, o motorista lhe abriu a porta, disse aquele porco do Emile. Desde então Paul está sumido. Eu lhe digo, monsieur le commissaire, meu marido, aquela besta humana, atraiu Paul para uma armadilha. Meu amado Paul está morto! — A última frase foi um grito. Depois bebeu de novo. As jóias tilintavam em seus pulsos. Estava tragicômica, com o rosto exageradamente pintado, onde as cores já começavam a se desfazer.

— São suposições, madame — disse Rolland. — Naturalmente — acrescentou rápido —, a senhora pode ter razão, mas não temos provas da culpa de seu marido. Isso nós dois sabemos muito bem.

— Foi ele — disse Yvonne. — Foi ele.

— Provas — disse Rolland. — Provas.

— Paul não levou nada, nem uma camisa, nem uma abotoadura. Nada. Quero dizer, se ele tivesse de viajar de repente, teria levado uma mala com as coisas mais necessárias, não é? E me teria deixado um aviso. Telefonaria para o consultório do Dr. Pivat, teria dito algo ao criado. Nada, nada, nada. Emile, aquele idiota, disse que ele saiu de sobretudo, e Emile foi burro demais para anotar a placa do carro.

— Ele me disse que estava coberta de lama, e impossível de ler.

— Pretexto. Ou de propósito.

— Como?

— Foi suja de lama de propósito. — Bebeu outra vez, e arrotou alto. — Para que não se pudessem ver os números. — O cigarro caiu da piteira, mas Yvonne não notou. Rolland pegou o cigarro e jogou-o na lareira.

— O meu Paul... — dizia Yvonne. — O meu amado Paul... morto... a próxima vítima... E agora Charles tem só uma ainda... eu.

— Madame, contrate um guarda-costas. Haverá sempre um homem para sua proteção, e nada lhe acontecerá. Quanto a monsieur Perrier... Não faltou dinheiro?

— Paul não tinha dinheiro.

— Estou falando no seu dinheiro, madame.

— Não falta nada. Nem jóias, se quer saber. Isso é sujeira, monsieur le commissaire, Paul me amava como eu a ele. Não era um gigolô. Além disso, guardo minhas jóias, valores, tudo, em um cofre, e ele naturalmente não conhecia o segredo.

— Realmente um grande amor — disse Rolland, e acrescentou: — Já li muito sobre isso.

Yvonne era imune à ironia.

— Ah, e que amor, monsieur! — disse ela. Grande gole. — Que amor maravilhoso! E Charles sabia disso, aquele demônio. Por isso me tirou Paul, a coisa mais querida que eu tinha. Quis matar Paul primeiro, depois a mim, para eu sofrer mais... Guarda-costas... proteção... agora? Nem sei se ainda quero viver, tudo perdeu o sentido. O homem que me proteger vai dormir na casa?

— Claro. Provavelmente serão três, trabalhando em turnos.

— Homens jovens?

— Jovens, sim.

— Só pergunto porque tenho um efeito inacreditável sobre homens jovens. Espero que nenhum deles se torne insistente.

— Fique tranqüila, os homens não arriscariam a perder seu emprego.

— Quero dizer, entendo os jovens. Veja Paul! Estava louco por mim... louco... Naturalmente sou muito excitante, sei disso... qualquer mocinha gostaria de ter o meu corpo... só os seios... —

Sua voz se ergueu. — Embora Madeleine, essa puta, tenha afirmado que não eram naturais... Pode imaginar isso, monsieur. Aquela porca disse textualmente em sociedade, depois me contaram tudo: “Essa?

Ora, tem tetas de borracha.” — Yvonne saltou da cadeira como um raio, e como um raio deixou cair o robe de seda vermelha. Estava completamente nua, e bateu com o punho nos seios.

— Olhe aqui — disse ela. — Acha que isto é borracha?

Nesse instante caiu no tapete, e rolou para um lado. Quando Rolland a pegou nos braços, já estava roncando. Levou-a para o quarto de dormir, que ela lhe mostrara ao chegar. Mostrara-lhe o palácio inteiro.

Rolland deitou Yvonne na cama e cobriu-a. Ela dormia profundamente, a respiração cheirando a álcool e fumo.

Rolland voltou ao grande salão e tocou a sineta. Apareceu um criado:

— Monsieur?

— Você é Vítor?

— Sim, monsieur.

— Madame não se sentiu bem. — Notou o olhar do criado para a garrafa de uísque. Madame parecia não se sentir bem com frequência. — Ela foi para a cama e está dormindo. Por favor, cuide para que não seja perturbada.

— Está certo, monsieur.

— Eu gostaria de falar novamente com o jardineiro.

— Vou chamá-lo, monsieur.

— Não é preciso, vou até lá. Ele mora na mansarda sobre a garagem?

— Sim, monsieur.

— Diga, Vítor. Faz muito tempo que madame bebe tanto?

— Não, monsieur. Só desde aquela história no Hipódromo de Auteuil. Quando aquele homem bateu no ombro dela e disse “Vou te pegar”, ou coisa assim. Ela bebe de medo de que o marido ainda esteja vivo e a queira matar. Muitos dias chora horas a fio.

Naturalmente vem um médico que receita calmantes. Mas calmantes com álcool... Não preciso dizer mais nada. Monsieur le commissaire, por favor, perdoe a minha impertinência: o senhor acha que maître Duhamel está vivo mesmo e matou monsieur Perrier?

— Não acho nada — disse o pequeno comissário Robert Rolland.

23

Atravessou lentamente o parque outonal, onde já anoitecia. Viu os canteiros cuidadosamente revolvidos, o gramado limpo. Parou, respirou fundo o ar denso, perfumado pela fumaça das folhas queimadas. Rolland chegou à garagem. Uma escada de ferro externa levava à moradia de Emile Ratchet. O comissário subiu os degraus íngremes, bateu na porta, e ouviu uma voz: — Quem é?

— Comissário Rolland. Posso lhe falar mais uma vez, monsieur?

A porta abriu-se. O jardineiro grandão estava um pouco curvado. Usava chinelos e um casaco azul. No braço, tinha um grande gato cor de âmbar, que encarou Rolland com olhos estreitados.

— Entre, monsieur — disse Emile sorrindo amavelmente. Deu um passo para o lado, e Rolland contemplou os velhos móveis com que Emile decorara sua mansarda no estilo da virada do século.

Muito veludo e toalhinhas de crochê em mesinhas. A mansarda constava de uma sala, um quarto de dormir, uma cozinha e um banheiro. Na cozinha havia frigideiras penduradas nas paredes de azulejos. No banheiro um grande boiler para água quente. Tudo antiquado mas muito limpo. Havia uma prateleira cheia de livros.

Rolland leu alguns títulos, quase tudo livros sobre cultivo de hortaliças. Ao lado de uma grande poltrona bergère havia um livro aberto numa mesinha, que Emile provavelmente estava lendo.

Cultivo de Cogumelos, dizia a capa.

— Sente-se, monsieur — disse Emile, e fez o gato deslizar para um sofá. — Por favor, debaixo da lâmpada. — Era um abajur com uma pantalha grande em forma de sino, de tecido escuro. Rolland sentou-se numa confortável poltrona, perto da janela. Pelo parque via as luzes do palácio e da rua.

— É bonito aqui, monsieur Ratchet.

— Acha, monsieur? Também gosto daqui. É como na nossa casa, uma aldeia perto de Angoulême. Ainda são móveis dos meus pais.

Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigado.

— Um gole só?

— Não, realmente não. Sente-se aqui comigo, monsieur Ratchet.

— Ratchet, não. Emile. Sou o velho Emile.

— Muito bem. Você está aqui há muito tempo, não é, Emile?

— Ah, sim, monsieur. Faz dezoito, quase dezenove anos. Muito tempo. O bom maître Duhamel me empregou. O senhor não o conheceu. Era um homem maravilhoso. “Emile”, dizia ele, “trabalhe como você mesmo quiser, tenho confiança em você. E vai ficar aqui o tempo que quiser. Se um dia ficar velho e não conseguir mais trabalhar, pare. Mas só quando você quiser. Ninguém vai lhe dar ordens, entendido? Nem minha mulher.” Esta me odiou desde o começo.

— Por que, Emile?

— Porque o patrão gostava muito de mim. Porque nos entendíamos tão bem. Ela não suportava isso. Nem que ele tivesse amigos. Espantou todos daqui. Por fim ele ficou sozinho, com exceção do pobre maître Balmoral. Um homem tão fino, e sozinho, o meu bom patrão. Ele conversava muitas vezes comigo, eu o venerava como a um santo, monsieur.

— Acha que ele está morto?

— Morto? Meu Deus, claro que está morto.

— Madame insiste em que está vivo.

O rosto amável de Emile desfez-se numa careta de ódio.

— Madame, essa... — Mas mordeu os lábios.

— O que queria dizer, Emile?

— Nada, monsieur le commissaire, desculpe.

O gato cor de âmbar saltou no colo de Rolland e ronronou quando ele começou-a acariciá-lo.

— Depois do desaparecimento de maître Duhamel, você teve discussões com madame?

— Tenho discussões com madame desde que estou aqui. Depois da morte de monsieur naturalmente ela tentou me aborrecer muito mais. É uma pessoa muito má.

Silêncio. Só o gato ronronava.

Sim, pensou Rolland, esse homem simples disse corretamente.

Ela é uma pessoa má.

— Eu teria ido embora naquela vez, quando aconteceu aquilo com a minha pequena horta. Eu queria ir embora de verdade, monsieur, se não gostasse tanto do parque, das árvores e das flores.

E da minha casa aqui em cima.

— Que história foi essa com a sua horta?

— Quando comecei a trabalhar aqui, o bom monsieur me deu de presente um pedacinho de terra lá no fim do parque, e disse: “Emile, você vem do campo e precisa de um pedacinho de terra. Isso aqui é seu, faça aqui o que quiser.” — Silêncio outra vez, o gato ronronava alto, muitas luzes cintilavam lá fora entre as árvores. — Bem, primeiro plantei feijões, monsieur — disse Emile, e um pequeno sorriso feliz de recordação passou por seu rosto enrugado. — Depois verduras, tomates... para a cozinha da casa e para mim. Eu mesmo cozinho. Aquele pedacinho de terra era a coisa que mais amava na vida. — Contemplou as grandes mãos calosas.

— E o que aconteceu?

— Quando monsieur morreu, a velha bruxa... desculpe se falo assim, mas é uma velha bruxa muito miserável... sempre dizia que eu tinha de arrasar meu pedacinho de terra e semear grama. Não fiz isso até que um dia ela me ameaçou com o advogado. Isso do

pedacinho de terra não estava escrito no contrato que eu tinha com o bom patrão. Ela disse que se até a noite eu não tivesse arrasado a minha horta, ia procurar o advogado, e eu provavelmente seria posto na rua. — Emile deu um fundo suspiro. — Então, com medo, arranquei todas as verduras e plantas e revirei toda a terra e semeei grama. Desde então não tenho mais nem um pedaço de terra meu. — Olhou para Rolland. — Isso é grave para mim, monsieur. Pode me entender?

Rolland balançou a cabeça afirmativamente.

— Não conheço ninguém em Paris, monsieur — disse Emile. — Não tenho amigos nem parentes aqui. Continuo sendo um camponês. O pedaço de terra era para mim a nossa aldeia em Angoulême, meu lar. Entende isso?

Rolland balançou novamente a cabeça em silêncio.

— E destruí tudo, com medo que o advogado me pusesse na rua. Tenho muito medo de advogados.

— Mas não tinha de maître Duhamel.

Emile ficou radiante:

— Eu o amava... Meu Deus, como amava o patrão!

— E odiava madame.

— Sim, odiava madame.

— E lhe desejava todo o mal, não é? Doença, morte, tudo.

— Tudo, monsieur, tudo. Era tão má comigo... e eu não podia me defender.

— Você pensou...

— Pensei... — disse Emile, tão inocente como uma criança.

— Até que lhe veio aquela idéia.

— Sim, a idéia. Uma boa idéia.

— De como podia se vingar de toda aquela maldade. Uma vez, quando madame e monsieur Perrier não estavam, você foi ao palácio e pegou um terno de maître Duhamel. Você tem o mesmo tamanho dele. E camisas, sapatos, meias, gravatas.

— Só uma — disse Emile. — E só duas camisas, monsieur le commissaire. Era um terno muito usado. E eu precisava dele.

— Não estou censurando você, Emile. Na cidade você comprou uma peruca castanha de cabelo comprido e uma barba para colar na cara. E assim se transformou em maître Duhamel, não foi?

— Para assustar a velha bruxa. Eu queria matá-la de susto. Eu tinha cultivado uns tomates tão bonitos...

— Foi você quem se aproximou de madame Duhamel na frente do Tour d'Argent e disse: "Vou te pegar, queridinha, vou te pegar".

Não foi?

— Sim, fui eu. Eu sabia que depois do teatro ela ia ao Tour d'Argent com o cara dela. Só precisei esperar.

— E lá fora, no Hipódromo de Auteuil, nos guichês, naquela confusão, também foi você, não foi, Emile?

— Fui eu sim, monsieur. Da primeira vez ela não morreu de susto, e pensei que talvez na segunda eu teria mais sorte. Mas não tenho sorte, monsieur, não tenho. Me diga, a gente tem de ser muito ruim para obrigar um camponês a destruir a sua horta, não é?

Rolland concordou com a cabeça.

— Ela também era muito má com maître Duhamel, muito má às vezes. A gente a ouvia gritar e berrar. — Rolland pensou na mulher que dormia na mansão, totalmente bêbada. — E quando monsieur foi a Viena, naquela noite em que voou para a morte, eu ainda falei com ele enquanto ele esperava o táxi. Ele tivera outra cena com a mulher, e chorou, chorou mesmo. Depois, quando me disseram que ele tinha morrido, me senti completamente abandonado, e comecei

a odiar mais ainda a bruxa. Uma pessoa tão boa morreu, e uma tão ruim vivendo? Isso não está certo, monsieur. Está? Me diga.

— Emile — disse Rolland baixinho —, onde escondeu aquelas coisas?

— Não escondi. Estão ali no baú.

— Posso vê-las?

— Claro, monsieur. — Emile levantou-se, foi com Rolland até um velho baú de camponês e abriu-o. O comissário viu terno, sapatos, roupas de baixo e uma caixa de papelão com uma peruca castanha e longa, uma barba e um pedaço de massa de colar, cor da pele.

— O que é isto aqui, Emile?

— Plástico para aumentar o meu nariz, monsieur. O pobre maître Duhamel tinha um nariz grande.

Rolland contemplou o baú por longo tempo.

— Naturalmente isso tem de desaparecer, Emile — disse ele por fim. — Bem depressa. Enterre! Queime! Jogue no rio, com uma pedra pesada. Mas longe daqui.

— Não vai me denunciar? — disse Emile.

— Não.

— Mas o senhor tem de...

— Denunciar você? Por quê? Eu tinha uma suspeita que estava errada. Então por que denunciar? — Rolland virou o rosto. — Meus pais também eram camponeses. Morávamos numa aldeia em Limoges. E quando eu era pequeno, tinha meu pedaço de terra atrás da casa. Quantas coisas plantei ali, morangos e ervilhas, rabanetes.

— Sua voz estava quase inaudível, tão baixinho falava ao acrescentar: — Foi o melhor tempo da minha vida.

24

Quando Langenau estava sumido há duas semanas e ainda não havia sinal dele, Andréia, o Apre e eu nos sentamos certa noite no Cat's Corner depois de fechar a livraria, e Andréia disse: — Não adianta. Temos de colocar um anúncio nos classificados e procurar um livreiro ou pelo menos uma ajuda. Não podemos mais sozinhos, e agora vem o Natal.

Estávamos muito deprimidos quando redigimos o anúncio; recebemos muitas cartas em resposta. Alguns candidatos escreviam que estavam desempregados, dois escreveram que tinham perdido os empregos porque as livrarias onde trabalhavam haviam sido vendidas.

Os desempregados eram homens e mulheres de mais idade, amáveis, mas não serviam para a nossa livraria porque não sabiam lidar direito com crianças. Lamentamos recusá-los.

Por fim sobraram dois candidatos: Hans Crohn e Clemens Raven. Estavam no começo dos quarenta anos, os dois davam uma impressão muito boa, e tinham excelentes referências. Gostamos especialmente de Raven desde o começo. Era um homem magro, de cara alegre e cabelo preto um pouco desgrenhado. Gostava de rir e logo brincou com as crianças: Crohn era mais reservado, mas também muito simpático. O comissário ruivo, Hübner, nosso hóspede constante, passava às vezes horas na livraria. Olhava as crianças ou se sentava no Cat's Corner, bebendo meu uísque e pensando. De vez em quando me fazia perguntas sobre Langenau.

Era realmente um homem muito triste e solitário. No curso das semanas ficamos amigos, ele, Andréia e eu. Também estava ali sentado na tarde em que Raven brincou com as crianças pela primeira vez. Muita risada e gritaria no subsolo. Quando entrei no Cat's Corner para pegar uma pasta, Hübner me disse: — O nome dele é Clemens Raven?

— Sim — respondi.

— A livraria onde trabalhava ficava ao lado do mercado de frutas do Sul, numa estação terminal de ônibus? — Disse o número da linha.

— Sim — disse eu. — Por quê? Conhece?

Hübner riu.

— Tudo bem. Conheço todo mundo. Também Raven. Lidamos com ele. Não eu, mas colegas da delegacia do bairro.

— Ele fez alguma coisa?

— Sim — disse Hübner. — Seu chefe tinha de pagar um aluguel incrível por aquele ponto excelente. Parada final de ônibus! As pessoas simplesmente caíam livraria adentro. Mas isso não bastava.

Mais tarde me interessei pela história. No seu ramo, o movimento está diminuindo, não é? Mas não no de frutas do Sul, boas e caras.

Essas as pessoas devoram como antigamente. E essa loja queria se expandir. O dono queria adquirir o espaço da livraria. Aceitava qualquer aluguel do dono da casa, sim, até estimulava os aumentos.

Sem nenhum escrúpulo. Até que acabou expulsando dali o livreiro.

— Então Raven deu um soco no focinho do vendedor de frutas — disse eu.

— Ainda não — disse Hübner, Do subsolo vinha a gritaria alegre das crianças. Raven parecia estar dando um espetáculo de teatro completo. — Que pensamentos violentos o senhor sempre tem, sr.

Kent! E que uísque excelente. — Voltou a encher o copo.

— Chivas, enquanto não houver nada melhor — disse eu, e também preparei um para mim.

— Não, nada de violências, sr. Kent. Nessa livraria apareciam muitas crianças a caminho da escola ou de casa. Ali perto há um enorme conjunto residencial, sabe. Com lojas próprias e um cinema

e uma praça para as crianças. — Suspirou. — Praça de brinquedos para crianças.

— Sim, sim — disse eu. — Saúde.

— Saúde! — disse Hübner. — Uma praça dessas existe para as crianças brincarem, não? Mas lá era diferente.

— Como?

— Lá moravam montes de pessoas idosas e pequenos funcionários e mulheres solitárias, e a lei suprema desse conjunto era PAZ. Todos queriam ter sua paz. No meio da grande cidade. Se um cachorro latia, já havia uma queixa na delegacia. Agora imagine as pobres crianças, que naturalmente queriam brincar na praça de brinquedos. Não havia muitos casais jovens no conjunto residencial, mas os que havia tinham filhos. Bom, e assim a delegacia recebeu uma queixa contra ruído. De dar nojo. As crianças têm de poder brincar. E eram umas crianças muito boazinhas. Não faziam desordem, apenas se divertiam como agora as suas crianças lá no subsolo. Isso bastava. Havia brigas nesse conjunto o tempo todo.

Muitas vezes as crianças recebiam bofetadas de inquilinos do conjunto, e os pais brigavam com os que tinham batido nas crianças.

Um dia, lembro ainda, as crianças fizeram uma manifestação.

Carregavam cartazes de papelão em varas, onde tinham escrito: SOMOS CRIANÇAS — QUEREMOS BRINCAR! — Hübner suspirou e bebeu. — Pensa que ajudou? Ajudou uma ova!

— Como é que sabe tão bem? — perguntei. — Era a delegacia de lá que cuidava disso.

— Tudo bem, tudo bem — disse ele. — A história se espalhou entre os colegas e muitos de nós a ouvimos.

— E como continuou?

— Bem, um dia apareceram umas crianças na livraria do sr.

Raven e perguntaram se ele não podia ajudar. Tinham confiança ilimitada nele. E ele ajudou.

— Como?

— Posso visitar o senhor esta noite depois do jantar? Estou de folga outra vez. E aí conto o resto. Tenho de apanhar uma coisa para isso — disse Hübner, e passou a mão pelo cabelo vermelho.

À noite estava de novo sentado na minha sala memento-mori, de que gostava tanto. Eu contara tudo a Andréia, e agora ele tirou do bolso um papel que desdobrou, dizendo: — Quando as crianças tinham saído, o sr. Raven refletiu bastante, sentou-se e escreveu numa velha máquina de escrever a seguinte história. — Hübner recostou-se para trás, pigarreou e começou: — “Elas tinham brincado a tarde toda. Tinha havido muitos aborrecimentos. Os velhos insistiam em ter sossego, as crianças queriam brincar. Às sete da noite estava tudo tão quieto na praça como durante a longa manhã quando as crianças estavam na escola. Um mundo silencioso, sem crianças. Lentamente a noite baixou sobre telhados e envolveu todas as casas num doce nevoeiro.

Uma janela escureceu após a outra, e não havia estrela no céu; dois cachorros conversavam latindo.

“De repente as pessoas nas suas camas ouviram sussurros e ruídos e passinhos de crianças. Depois muitas, muitas vozes jovens falando, e podiam entender o que diziam.” — Hübner, outra vez diante de um copo de uísque, bebeu generosamente. — “E diziam isto: Somos crianças que não podem brincar. Guerra, bombas, fuga, exílio e doenças nos mataram. Somos as crianças que não nasceram.

Dormimos sem cama, choramos sem som, somos crianças silenciosas. Estamos atrás das crianças que riem e queríamos brincar com elas. Quando à noite andamos pelas ruas, ninguém pode nos contar tão numerosas somos...”

— Meu Deus — disse Andréia, apertando-se a mim.

— “As pessoas nas casas tremeram, puxaram os cobertores e ficaram aliviadas quando os passos de crianças se perderam” — leu o comissário. — “Finalmente as crianças mortas tinham passado.”

“Na manhã seguinte as pessoas se levantaram e ficaram à escuta. Quando chegou o meio-dia apareceram na porta e quando as crianças vieram da escola para fazer as lições e brincar, ficaram muito felizes vendo que eram crianças de verdade, vivas, que na noite passada tinham dormido profundamente sem saberem nada sobre as crianças-fantasmas.”

“As pessoas pensaram em suas próprias vidas, em tudo o que tinham sofrido e suportado, e em tudo o que aquelas crianças que agora brincavam também teriam de suportar. E olharam para as crianças, sorrindo.”

O comissário baixou as folhas.

— Foi o sr. Raven quem escreveu isso? — perguntou Andréia baixinho.

— Sim. E tirou muitas cópias e bem cedo de manhã, quando as portas já estavam abertas, foi de um apartamento a outro no conjunto e jogou uma cópia em cada caixa de correio. — Hübner bebeu mais.

— E daí? — perguntei.

— Daí, tudo acabou bem. Nada de queixas na polícia nem tapas.

As crianças puderam brincar na praça, e ninguém se aborreceu, pois todos tinham lido a pequena história do sr. Raven. Uma história bonita, não é?

— Linda — disse Andréia.

— Pois bem. Os policiais do bairro ficaram preocupados quando não vieram mais queixas e um deles foi ao conjunto residencial perguntar o que havia. Então lhe mostraram cópias da história de Raven, e o policial perguntou se podia ficar com uma de lembrança, e lhe deram uma, é esta. Eu disse que tinha de apanhar uma coisa antes de contar o fim da história. Pedi uma cópia emprestada.

— Gato?

— Esquilha?

— Você tem a carta do sr. Raven. Tem número de telefone?

— Você quer lhe telefonar agora, no meio da noite?

— Quero lhe dizer que o lugar é dele... se você concorda. Acho que não encontraremos outro melhor. O que acham?

Achamos que ela tinha razão; então ela discou o número, esperou um bocado, até ele atender. Então ela disse: — Sr. Raven, eu o acordei, desculpe. É Andréia Kent. Queria só lhe dizer: decidimos ficar com o senhor. Quando pode começar?... Logo? Que maravilha! Então até amanhã. E durma bem! — Largou o fone. — Não é um Langenau, não é, mas quase. Quase. O que está acontecendo aqui, afinal? Será que uma pobre mulher sedenta não consegue uma garrafinha de cerveja, ou vocês decidiram beber seu uísque sozinhos?

25

Certamente, meu bem, algo deve ter-lhe parecido muito enigmático. O pequeno comissário Robert Rolland conseguiu a minha pista. Conhecia o meu nome falso, a minha nova aparência.

Na França, Suíça, Áustria e Alemanha já tinham descrições minhas para a busca. Naturalmente também no posto de serviço do comissário Hübner havia um desses volantes de busca.

Forçosamente ele os conhecia. E também a mim. Por que não fazia nada? Poucos minutos depois de receber o volante ele podia me ter feito prisioneiro. Entretanto, tinha passado dias, semanas. O comissário Hübner não fazia nada. Nem qualquer outro agente fez alguma coisa. A busca por mim, que podia ter acabado há muito, estava ainda se realizando como se a polícia de Hamburgo não conhecesse o meu atual endereço, como se Hübner não me visitasse a toda hora, conversasse comigo e bebesse meu uísque. Isso, meu bem, deve lhe parecer muito misterioso. Uma situação improvável e fantástica, tanto mais improvável e mais fantástica à medida que mais se pensa nela.

Devo lembrar a você que eu então não tinha a menor idéia dessa busca. Ao contrário: aquele homem de confiança de Eisenbeiss, que viera à livraria e pedira o novo livro de Ditfurth, me dissera que a polícia francesa me procurara em Viena mas jamais me acharia, e que por isso eu podia viver em paz. E eu confiava em Eisenbeiss.

Portanto, vivia em paz — exceto pelos meus graves receios quanto ao destino de Langenau.

Já lhe disse, meu bem: muitos acontecimentos que não testemunhei mais tarde me foram contados por outros. Mais tarde, meu bem, mais tarde. Por isso eu estava totalmente ignorante de tudo, naquele momento em que devia fugir em pânico ou me entregar, diante da minha desesperançada situação. Totalmente

ignorante de tudo. O motivo por que ainda não me tinham prendido só lhe será dito agora, meu bem, a quem estou contando minha história em ordem lógica. Hoje, depois que sei de tudo o que aconteceu, não me parece enigmática. O enigma da razão de não me terem há muito prendido como Charles Duhamel, meu bem, só se apresenta a você, a quem conto a minha história ordenadamente.

Hoje, que sei de tudo o que aconteceu, não me parece absolutamente misterioso o comissário Hübner não me ter prendido, a mim, o homem procurado em quatro países, o homem que começara nova vida com o nome de Peter Kent. Até me parece perfeitamente compreensível e lógico que a polícia não fizesse nada para me perturbar ou inquietar. Era desaconselhável. Teria sido contra o bom senso.

E quando chegar a hora de lhe contar o motivo de eu ter permanecido impune naquele tempo, você vai entender tudo, meu bem.

Paciência, por favor. Paciência.

26

— Bem, agora vem uma pergunta difícil, meus queridos — disse Clemens Raven. Estava acomodado numa banquetta vermelha, as crianças sentadas ao redor dele, quase sem respirar de tão excitadas diante do novo jogo que Raven, parecendo tão jovem, lhes ensinava.

— Vamos jogar “Lotinha Dupla”. Bom, na “Lotinha Dupla” existem dois “gêmeos astrológicos”. Primeiro: quem sabe me dizer o que são “gêmeos astrológicos”?

Félix Rosen ergueu a mão. Logo depois, levantou-se um dos agarradores de aço de Marili, a menininha sem mãos.

— Sinto muito, Marili — disse Raven. Seu cabelo preto e revoltado brilhava na luz dos lustres do teto. — Quem levanta a mão primeiro pode jogar. É a regra, você conhece.

— Claro — disse Marili, um pouco triste.

— A gente pode transferir o direito de jogar, tio Clemens? — perguntou Félix.

— Sim, isso pode — disse o nosso novo livreiro. Andréia, o Apre e eu estávamos lá em cima na livraria, observando. Era segunda-feira, 7 de dezembro de 1981. Estávamos todos encantados com Raven. As crianças o amavam, ele era um excelente vendedor, e em pouco tempo se adaptara perfeitamente na loja.

— Se é permitido —, disse Félix —, transfiro meu direito a Marili. As crianças bateram palmas, e Félix fez uma mesura.

— É um prazer — disse ele. — Além disso, já tenho um monte de botões.

Como todas as crianças, ele tinha uma caixa de papelão nos joelhos, com vários botões, talvez uma dúzia. Raven tinha ao seu lado uma caixa grande, com muitos botões. Quem erguesse a mão

primeiro e desse a resposta certa ganhava um botão. Quem no fim do jogo tivesse mais botões, podia escolher um livro. Havia um segundo prêmio, um livro de bolso, e um prêmio de consolação. Raven anunciara que esse jogo se realizaria uma vez por mês.

— Então, Marili — disse ele. — O que são “gêmeos astrológicos”?

A menina respondeu gravemente: — Dizem que há pessoas que se parecem perfeitamente uma com a outra. Mas não são parentes. Só vieram ao mundo exatamente na mesma fração de segundo.

— Bravo — disse Raven. — Certo, Marili.

As crianças aplaudiram novamente, e nós também. Marili estava radiante.

— O jogo vai ficar cada vez mais difícil — disse Raven sacudindo a grande caixa cheia de botões. — Como se chama no “Lotinha Dupla” a pessoa que fala dos gêmeos astrológicos, hein?

Dessa vez Marili erguera a mão primeiro.

— A sra. Muthesius. É a diretora da colônia de férias de Seebühl, no Bülhsee — disse ela, com as faces vermelhas de excitação.

Mais aplausos.

— Muito bem, Marili! — Raven riu, depois ficou sério. — Muito bem, agora a pergunta principal. A sra. Muthesius fala de dois desses gêmeos, mas o que diz?

Mais uma vez o agarrador de Marili se levantou primeiro.

— Ela conta que o alfaiate londrino Rei Eduardo VII... — Marili notou que se atrapalhara, e parou.

— Mais uma vez, Marili — disse Raven. — Não tenha pressa!

Não se trata de rapidez, mas de correção na resposta. E ganhará um botão.

— Sim, tio Clemens — disse Marili. — Ela conta que um alfaiate londrino e o rei inglês Eduardo VII eram gêmeos astrológicos.

— Hurra! — gritou Félix, e as crianças aplaudiram feito doidas.

— Marili, você está cada vez melhor — disse Raven. — O botão é quase seu. Estão vendo como é importante ler livros atentamente? O alfaiate e o rei então eram parecidos a ponto de poderem ser confundidos. E por que eram tão parecidos, Marili?

— Especialmente porque usavam barbicha. O rei mandou levar o alfaiate ao palácio e conversou longamente com ele, e viram que realmente tinham nascido no mesmo segundo.

— E como prossegue a história?

— O alfaiate mandou raspar a barba por vontade do rei — disse Marili, ofegante. Júbilo geral, quando Raven fez deslizar um botão para o agarrador de aço de Marili, que o colocou junto dos outros na caixa. Estava felicíssima.

— Esse Raven não é maravilhoso? — perguntou Andréia.

— Bernadette diz que um cara desses podia se empregar na hora na enfermaria de crianças no hospital — disse o apaixonado Apre. Sempre que deixava seu serviço, a bela Bernadette vinha apanhar Robert na livraria. Por isso conhecia Raven, com quem também já a tínhamos convidado para nossa casa. Olhei o relógio.

Andréia tinha que fazer sua visita mensal ao Dr. Kahler às nove e meia.

— Venha — disse eu —, temos de ir, Esquilinha.

— Vocês dois vão dar conta de tudo? — perguntou ela.

— Lógico, sra. Kent — disse Robert Stark.

Acenamos para Raven e para as crianças e nos despedimos. Era um dia muito frio. Agora eu sempre dirigia com muito cuidado quando Andréia estava no carro. Embora ela estivesse no começo do sexto mês de sua gravidez, seu corpo estava esbelto como sempre. O bebê por vezes se mexia, há semanas, e Andréia sempre ficava pálida de excitação, dizendo: "Gato, ele está batendo na porta." Agora sempre tinha desejos, e queria pepinos azedos e nata batida,

ou atum e chocolate. Uma vez acordei, às três e meia da manhã, e Andréia estava parada no meio do quarto com um vidro de azeitonas na mão. Comia uma atrás da outra, bem depressa, cuspidando as sementes na tampa do vidro. Seu rosto estava ainda mais bonito, e o Apre disse que Bernadette lhe dissera ser por causa do bebê.

Estacionamos na Bellealliancestrasse, onde morava o Dr. Kahler.

— Olhe ali, Gato — disse Andréia. — Tanta gente ali na frente.

Aconteceu alguma coisa.

— É, parece que sim.

— Santo Deus — disse ela. — Mas é a casa do Dr. Kahler! Gato!

— Calma, Esquilinha, por favor, não fique nervosa.

Descemos do carro e seguimos o resto do trajeto a pé. Diante da casa na qual Kahler morava e tinha seu consultório, havia muitos curiosos e também dois carros da radiopatrulha, um Mercedes preto e um grande carro fechado. As pessoas estavam muito caladas.

Quando chegamos, dois homens de avental cinzento acabavam de sair da porta. Carregavam uma caixa de zinco fechada, que meteram no carro grande. Dois outros trouxeram outra caixa de zinco fechada, e a puseram ao lado da primeira. O grande carro fechado partiu. Vi um policial que falava com as pessoas.

— Adiante! ... Aqui não há nada para ver... Por favor, adiante!

Vão embora!... Tenham juízo, por favor!... A senhora também, madame... Senhor... — Ele falara comigo e com Andréia.

Eu disse:

— Temos hora marcada.

— Com quem?

— Dr. Kahler.

O policial balançou a cabeça.

— O que foi? — perguntei.

— O doutor se matou — disse o policial.

Cheguei às oito em ponto — disse a gorda enfermeira Agnes, do consultório, sempre tão amável conosco. — Tenho a chave da casa.

Sempre venho às oito e preparo tudo; às oito e meia começam as consultas. A arrumadeira só chega às nove, porque não tem nada com o consultório, é outra que limpa lá quando encerra o expediente.

— Limpou com o lenço os olhos vermelhos e inchados. Vi que o corpo todo tremia.

Estávamos sentados sozinhos na sala de espera vazia. Já eram quase onze horas, e os agentes da polícia finalmente tinham ido embora. Também as outras mulheres que o Dr. Kahler mandara vir naquela manhã. Agora havia um papel preso na porta lá fora, dizendo: FECHADO POR MOTIVO DE MORTE. A enfermeira Agnes desligara a campainha e o telefone.

Estava meio escuro na grande sala de espera, e a enfermeira Agnes fizera um café forte, do qual bebera muito. Mas não era por isso que tremia. Ela trabalhara quinze anos para o Dr. Kahler, era por isso. Primeiro nem conseguia falar correntemente, e não a queríamos deixar sozinha naquele estado. Depois do café seu estado melhorara, e agora ela conseguia falar bastante bem.

— ...e o doutor sempre estava no consultório quando eu chegava. Mas hoje o consultório estava vazio, e tudo silencioso no apartamento. Logo tive um mau pressentimento, meu Deus, aquele silêncio, entendem, esse silêncio horrível.

Tomou mais café e derramou um pouco porque sua mão tremia demais. Apoiou-a na outra, mas não adiantava muito. Despejou mais café ainda, que pingou no seu avental branco.

— Chamei alto pelo doutor. Nada de resposta. Então entrei no seu quarto de dormir e ele estava deitado na cama... morto. Corri ao quarto de sua mulher, ao lado... e ela também estava deitada na cama, morta. Foi um susto tão horrível, pensei que ia desmaiar.

— Pobre Agnes — disse Andréia.

— Então me lembrei que tinha visto um grande envelope na mesa de cabeceira do doutor, e voltei correndo ao seu quarto e abri o envelope apoiado no abajur. Havia uma porção de papéis e documentos, e uma carta escrita a mão, na letra bonita dele. Ah, meu Deus...

Só algum tempo depois ela conseguiu falar outra vez.

— Ainda me lembro muito bem do que a carta dizia, não palavra por palavra, mas o sentido. Era uma carta que não se dirigia a ninguém. Começava assim, eu, Dr. Otto Kahler, decidi sair desta vida com minha mulher Helga. Ela não sabe de nada. Vou empregar um veneno de efeito rápido, muito forte. Minha mulher não sofrerá, nem eu. Não há outra saída para mim. E não posso deixar minha amada esposa neste mundo miserável.

— Mas por quê? — perguntou Andréia. — Por que, Agnes? Ele tinha planos tão bonitos, o doutor. Queria ir com a esposa para os Estados Unidos e viver lá muitos anos felizes. E contou a mim e ao meu marido do apartamento que tinham comprado na Flórida. Disse que nós também devíamos ir para os Estados Unidos. Estava tão entusiasmado!

— Sim, a Flórida — disse a enfermeira, respirando fundo. — Pois tudo está ligado com isso, sra. Kent.

— Como?

— Esperem que eu vou contar. Os policiais conseguiram reconstruir toda a história por causa das provas que levaram junto, e como fizeram tantas perguntas entendi tudo muito bem.

A enfermeira Agnes enxugou os olhos e começou a contar.

— Bom, então, escreveu o doutor, para que tudo ficasse claro e não houvesse suspeitas, ele queria dizer por que não podia mais viver. Escreveu que estava convencido de que aqui na Alemanha tudo iria desmoronar, e ele queria ir embora. Então foi com sua mulher a uma dessas grandes imobiliárias que anunciam no jornal e lá lhe mostraram coisas lindas dos Estados Unidos. Com um grupo de outros interessados, levaram-nos de avião a Miami para poderem ver o local. Como ele sabia que há tantos picaretas nesses negócios com Estados Unidos, procurou uma firma muito séria, que tem bom nome há quase cem anos, a...

— ...a firma Langstrom, na Grosse Bleiche — disse eu, e agora eram as minhas mãos que tremiam.

— Sim — disse Agnes espantada —, a Agência Langstrom. Mas como sabe disso, sr. Kent?

— E na Langstrom ele foi atendido por um sr. Schönhaus — disse eu.

— Schönhaus, sim, isso mesmo!

— Santo Deus, Gato! — disse Andréia.

— Não entendo mais nada — disse a enfermeira Agnes. — Como é que sabe do sr. Schönhaus e de Langstrom e tudo?

— Também estivemos lá porque o doutor falava muito da Flórida — disse Andréia. — E falamos com o sr. Schönhaus, Agnes. Por isso meu marido logo imaginou que fosse. A firma Langstrom é das mais antigas e sólidas daqui.

— Sim, o pobre doutor também pensava assim.

— Como? Não são sérios?

— Não são sérios? — disse a enfermeira Agnes. — Não são sérios? Eles são criminosos! Assassinos! Mataram o pobre doutor e sua mulher. — Proferira as últimas palavras aos gritos.

— Ele escreveu isso na carta? — perguntou Andréia.

— Não, sou eu que digo isso, porque é verdade. E a polícia também vai dizer isso. Então depois que estiveram em Miami e olharam tudo, o lugar e os projetos, ficaram sossegados e fizeram um contrato com o sr. Schönhaus, e pagaram a entrada, para que ele a desse a uma firma construtora americana. E foi o que fez. E o doutor e sua mulher estavam muito felizes. Tudo custara muito dinheiro, das economias, certamente tudo o que o doutor conseguira economizar. Ele era previdente, por isso levariam uma boa vida na América.

— E o que aconteceu?

— Primeiro nada, durante alguns meses — disse Agnes. — Depois chegou uma carta do sr. Schönhaus pedindo que o doutor o procurasse. E quando ele chegou lá, o sr. Schönhaus disse que sentia muitíssimo, mas que tinha más notícias. Os policiais constataram que todo o projeto devia ser financiado quarenta por cento com dinheiro dos investidores e sessenta por cento com hipoteca de um banco americano. Mas com a inflação terrível nos Estados Unidos, que elevava depressa os custos da construção, e juros absurdos pela hipoteca, os cálculos iniciais já não estavam corretos. Os adiantamentos dos compradores não eram mais suficientes, e os bancos americanos não queriam aumentar o prazo de hipoteca.

— Gato — disse Andréia. — Gato, está ouvindo isso?

Eu não disse nada, sentindo uma raiva inaudita crescer em mim. Minhas mãos ainda tremiam. Cerrei os punhos.

— O sr. Schönhaus disse que faltavam vinte por cento do financiamento, que os compradores teriam que dar, senão todo o projeto correria perigo. Nessa ocasião o sr. Schönhaus também disse ao doutor que não tinha qualquer culpa. Ninguém podia responsabilizá-lo pelo encarecimento. Nem pelos altos juros. Aliás, não se pode responsabilizar o sr. Schönhaus por coisa alguma. No contrato feito com ele consta apenas que devia entregar fielmente o dinheiro à construtora americana, nada mais.

— Sujeito de merda — disse eu.

— Mas e Langstrom, Gato! Langstrom! — Andréia sacudia a cabeça. — Uma firma tão séria, como pode ser isso?

— Também não entendo — disse eu.

— O que mais a polícia descobriu, enfermeira?

— O doutor e os outros investidores conseguiram juntar com dificuldade os vinte por cento que faltavam, e deram mais dinheiro ao sr. Schönhaus. Foi muito duro para o doutor. Ele teve de hipotecar o consultório.

— Deve ter sido pouco antes da noite em que nos pareceu tão preocupado e nos falou de sua futura ida aos Estados Unidos e da Flórida — disse eu. — Prossiga, Agnes!

— Sim... — Ela passou de novo a mão nos olhos vermelhos e inchados. — Por algum tempo aparentemente tudo se acalmou.

Depois veio uma carta que o sr. Schönhaus escreveu há duas semanas. Chamando o doutor. O sr. Schönhaus estava totalmente desesperado, porque...

— ...o cálculo não estava certo mais uma vez — completei.

— Exatamente. Pela inflação e o aumento de custos da construção, tudo encarecera tanto que era preciso sem falta dar mais dez por cento, ou tudo iria pelos ares, pois o banco dos Estados Unidos simplesmente voltara a pedir dinheiro. Ou retiraria a hipoteca. Pobre doutor! Ele não pôde mais mandar dinheiro, porque não tinha mais nenhum. E assim há três dias o sr. Schönhaus lhe disse que ele não receberia o apartamento, que já estava em fase de construção. O doutor viu que o dinheiro já pago fora perdido. O sr.

Schönhaus lamentou muito. Então o doutor perdeu o controle, só pensava ainda na Flórida, Flórida, segurança, paz e o apartamento.

E tinha dívidas, todas as suas economias se tinham ido. Estava com sessenta e nove anos, gasto e esgotado, e nunca mais iria com sua mulher para a América. Ele não resistiu a essa idéia, nem sua

pobre mulher. Estavam completamente desesperados. Controlavam-se incrivelmente, ninguém notava como era grave a sua situação, nem mesmo eu — disse a gorda enfermeira Agnes. — Na carta o doutor pedia perdão a todas as pacientes, porque as estava abandonando.

Escreveu que simplesmente não podia mais prosseguir. E deu nome e endereço de um colega, um médico muito bom, que conheço, chama-se Dr. Wegner, e o doutor pediu que dessem a esse colega a mesma confiança que tinham dado a ele... — Agnes ergueu os olhos.

— O bom doutor e sua querida esposa! Duas pessoas tão boas. Uma vida tão dura, depois um fim desses. Não existe mais justiça no mundo, sra. Kent. Não existe mais justiça.

E começou a chorar novamente.

28

— Santo Deus! — disse o comissário Hübner. — Foi com Langstrom que aconteceu isso a seu médico? Langstrom?

Estava em nossa casa, como de hábito. Desta vez estávamos na sala; diante de Hübner e de mim, copos de uísque cheios. Andréia bebia cerveja. Tornara-se habitual o comissário beber em nossa casa; entre nós se estabelecera uma ligação singular.

— Sim — confirmei —, Langstrom. Até onde sei, é uma das firmas mais conceituadas que existe.

— Era — disse Hübner.

— Como? — perguntou Andréia.

— Quero dizer, cara senhora, que os herdeiros de Langstrom venderam a firma há um ano e meio... a firma com todas as instalações e o bom nome também.

— Gato! — exclamou Andréia, assustada.

— Venderam para quem? — perguntei, perturbado.

— A um grupo de corretores pouco sérios. Por que me olham desse jeito?

— Porque por um fio nós também quase compramos um apartamento de Langstrom nos Estados Unidos.

— Sorte não terem feito isso — disse Hübner. — Ou lhes teria provavelmente acontecido algo semelhante ao que aconteceu com o pobre Dr. Kahler, que Deus o tenha. Langstrom está fazendo negócios desse tipo o tempo todo, com os novos donos e o bom nome antigo, porque as pessoas acham que podem confiar nesse nome. Os senhores também confiaram, não é?

— E como — disse eu, apertando a mão de Andréia. Ela me encarou, muda, balançando a cabeça.

— É uma profissão dos diabos — disse o comissário. — A tentação de ser desonesto é muito grande. E é fácil para essas pessoas lograr os outros. Pela sua posição, e maneira de realizar os contratos, nunca podem ser atingidos, presos... um emprego maravilhoso esse, que negocia com o medo!

— Negocia com o medo — repeti. — Claro, pode se negociar com o medo. Negócios gigantescos com um medo gigantesco.

— Isso mesmo.

— Sim, mas em quem então ainda vai se confiar, se Langstrom não é mais Langstrom? — perguntou Andréia.

— Ora, ainda há muitos corretores decentes. É preciso informar-se no sindicato dos corretores. O senhor fez isso, sr. Kent? Não.

Langstrom era um nome mágico, e lhe bastou. Infelizmente, basta para muita gente. Mas não vai continuar sempre assim. Contudo, até que se espalhe que tipo de negócios dúbios fazem os novos donos da Langstrom, muitas pessoas ainda vão perder seu dinheiro. — Olhou para a garrafa de uísque. — Ainda tem algum?

Enchi o copo dele. Que tipo, esse comissário Hübner.

— Vou lhe explicar direitinho como cagam esses corretores desonestos — disse ele. — OK? Tudo bem. Primeiro um desses sujeitos lhe tira dez por cento adiantados, quando o senhor se decidiu a comprar. Isso é a primeira facada. Importante: nos Estados Unidos não existem registros de imóveis. Portanto, o senhor tem apenas o dever de adquirir nos Estados Unidos um terreno, uma casa, uma fazenda, um laranjal, uma sociedade num poço de petróleo.

Sim, sim, sim, lá tem disso também...

Num empreendimento tão grande como um condomínio com supermercado, ele naturalmente não conseguirá todo o dinheiro vivo.

Então trabalha como no caso do Dr. Kahler: quarenta por cento da soma vêm de investidores alemães, sessenta por cento o banco americano dá como hipoteca.

— Por causa dos belos olhos azuis do corretor? — perguntei.

— Bom, claro que não. A construção traz valorização da terra. O supermercado e os apartamentos que não são vendidos mas alugados trazem lucros. Com isso se paga a hipoteca. Bem plausível, não?

— Sim — disse eu.

Ele bebeu e enxugou os lábios.

— Agora, a facada seguinte. Alguém tem que construir essa coisa gigantesca, não é? Uma companhia americana, tudo bem, sim.

Mas se os senhores tivessem de cuidar dessa construção, aqui na Europa, não teriam mais tempo para nada. Por isso, seu corretor alemão lhe diz que existe uma antiga firma, muito conceituada, especializada em administração de construções desses conjuntos residenciais e comerciais combinados. O melhor é fazer um contrato com essa firma. Eles garantem que tudo correrá bem e que os senhores não terão de se incomodar com nada! Isso em troca de uma comissão. Comissão, entendem? Já será a segunda comissão, portanto, a segunda facada de um corretor esperto.

— Como? — perguntei.

— Bem, porque essa antiga firma americana também pertence a ele, ou pelo menos ele tem parte nela — disse Andréia.

— Meus respeitos, senhora! — Hübner alegrou-se. — Devia ser agente criminal!

— Está ouvindo, Gato!

Hübner disse:

— O corretor também tem a administração da construção no bolso, e com isso duas comissões. Mas agora vem a grande facada. A hipoteca tem que ser paga.

— Com os aluguéis — completei.

— Isso mesmo. Mas quem garante que tudo será alugado, que os aluguéis serão pagos e que não será o senhor o responsável pela hipoteca? Quem, hein?

— Mais uma antiga firma especializada — disse Andréia. — Que também pertence a ele, ou pelo menos parte.

— Bravo — disse Hübner. — Saúde, senhora! Acertou na mosca.

Naturalmente, em troca de uma comissão; de alguma forma ela tem de ganhar, não? Essa firma lhe garante por três anos que os aluguéis servirão para pagamento da hipoteca. Que me dizem agora? Não é maravilhoso? Não se paga com prazer mais uma comissão para poder dormir sossegado? Pois mesmo que a firma não conseguisse alugar tudo, os senhores não terão nada com isso. Terão toda a garantia por três anos.

— Mas isso é uma sacanagem!

— Claro que é, especialmente se os três anos passam e os apartamentos continuam vazios, e os juros continuam e a hipoteca tem de ser paga. Então cada um dos investidores tem de largar dinheiro até ir à falência. O que são três anos diante de hipotecas tão altas? Nada, uma bostinha. Tudo bem. Mais um, mas por favor sem gelo. Muito obrigado! Realmente, Chivas é o melhor uísque. São apenas alguns dos truques sujos que esses caras sempre usam. E ainda há muitos outros. Por exemplo, essa história com elevação dos preços de construção, dos juros de hipoteca que sobem astronomicamente. E o dinheiro que o cliente tem de pagar para não perder tudo o que já deu. Foi o que aconteceu com o Dr. Kahler. Na segunda vez ele não conseguiu mais dinheiro, e com isso foi eliminado. Não se assustem, seu apartamento será ocupado... mas por outra pessoa, é claro. No momento em que Kahler e muitos outros que não puderam mais acompanhar ficaram de fora, os apartamentos naturalmente foram oferecidos a outros interessados.

E o carrossel continua. Como eu disse: a grande maioria dos corretores imobiliários é decente. Mas nessa onda de medo de hoje,

há muitos bandidos na profissão.

— Diabos — disse eu. — E essa gente anda por aí livre, e não se pode fazer nada!

— Isso mesmo — disse o comissário Hübner; bebeu, olhou o copo e acrescentou baixinho: — O medo é a raiz de todas as forças más.

29

O Dr. Klaus Wegner tinha seu consultório e moradia na Werderstrasse, perto da estação da Rádio Norddeutsches Rundfunk.

Poucos dias depois do suicídio do Dr. Kahler, acompanhei Andréia pela primeira vez àquele médico que Kahler, em sua carta de despedida, recomendara como seu sucessor.

O Dr. Wegner era um homem de seus cinqüenta anos, calmo, amável e otimista, tipo comum de se encontrar entre médicos de senhoras. Era grande, cabelo louro, olhos cinzentos, rosto fino, testa alta, lábios cheios e mãos esguias mas muito fortes. Era amigo de Kahler.

— Se minha mulher e eu tivéssemos tido idéia da situação grave de Otto... Talvez eu tivesse podido ajudar... Mas ele não revelava nada... nem para suas pacientes, não?

— Isso mesmo — disse Andréia. — Jamais notei coisa alguma.

— Ele se consumia por dentro de desespero — disse Wegner. — Muito ruim, isso. Um médico maravilhoso, um ser humano maravilhoso. Fico muito honrado por ele me ter recomendado, mas é também uma grande responsabilidade. Terei de ser sempre tão bom quanto possível para ser um sucessor digno. Também para a senhora não deve ser fácil confiar-se de repente a um novo médico, sra. Kent.

— Mas, não... — começou Andréia, e ele a interrompeu.

— Sim, sim, não é fácil, sei disso. Para a senhora e todas as outras clientes desse meu venerado amigo. Todas o conheciam tão bem! E agora, ter uma pessoa estranha no lugar dele, com a qual terá de falar sobre suas coisas mais privadas e íntimas. — Suspirou.

— A maioria das pacientes do Dr. Kahler veio me procurar... e viam-se nitidamente suas dúvidas e receios. Muitas provavelmente

não voltarão...

— Eu voltarei, doutor — disse Andréia. — Tenho confiança no senhor, e confiava quando ainda nem o conhecia. O Dr. Kahler jamais me teria recomendado outro médico senão o melhor que conhecesse.

O Dr. Wegner ficou vermelho de alegria e embaraço. Fiquei muito orgulhoso de Andréia.

— Não seja impaciente agora — disse ela. — Muitas das pacientes do Dr. Kahler o conheciam há muitos anos, e naturalmente agora estão inquietas ou inibidas. Mas o senhor conquistará a plena confiança delas, como o Dr. Kahler fez, se tiver paciência e imaginar-se no lugar de todas elas.

— Agradeço-lhe, senhora — disse o Dr. Wegner —, não sabe o quanto suas palavras me ajudam. Espero não a decepcionar; o exame mostrou que tudo está na mais perfeita ordem. Agora serei eu em lugar do Dr. Kahler a ajudar seu bebê a vir ao mundo. Será um bebê perfeito, com parto perfeito.

— Fazemos tudo para que seja fácil — disse eu.

— Posso imaginar — disse ele.

— Estamos aqui para um exame, Gato, não para nos vangloriarmos.

— Mas quem está se vangloriando, Esquilinha? Para mim, é uma alegria!

— Vocês são o casal mais simpático que conheço — disse o Dr. Wegner.

— O senhor também é fabuloso — disse Andréia.

O Dr. Wegner voltou a ficar vermelho. Corava com facilidade.

Isso contribuía muito para o seu charme. Ele olhou para mim.

— Ainda nem sinal do sr. Langenau? — perguntou.

— Não — respondi. — Mas como? Conhece-o?

O Dr. Wegner fez que sim:

— Somos amigos.

— São...

— Sim, amigos.

— Mas nem sabíamos de nada — disse Andréia. — E eu pensava que conhecíamos bem Langenau.

— Talvez ele não os quisesse assustar sem motivo — disse Wegner.

— Assustar sem motivo? O que quer dizer isso? — perguntei.

— Ele veio há três anos... três e meio, com uma jovem... sua namorada... por uma ninharia. Foi realmente uma ninharia... Bem, os dois voltaram e ficamos amigos. Um sujeito muito bom. A moça também era muito simpática. Separaram-se logo depois, acho que suas relações femininas nunca duravam muito.

— Sim — disse Andréia. — Mas o senhor continuou amigo dele?

— Sim. Ele coleciona armas antigas, não é? Bem, eu também faço isso. Assim começou a amizade. E tornou-se profunda pelo nosso ódio comum a esses malditos neonazistas. No ano passado Conrad andou trabalhando em Munique, e esteve presente no grande atentado na Oktoberfest.

— Santo Deus — disse Andréia... — Disso também não sabemos nada.

— Eu disse que ele não os queria assustar — disse o médico. — Conrad esteve metido bem no meio daquela enorme e terrível porcaria.

A 26 de setembro de 1980, às 22h18min, na Theresienwiese em Munique, onde àquela hora havia umas duzentas mil pessoas, explodiu uma bomba que causou um horrendo banho de sangue.

Treze pessoas foram despedaçadas, duzentas e três feridas. Membros espalhados por um trecho enorme: cabeças, braços e pernas. Por um erro na instalação do relógio, a bomba explodiu cedo e matou o terrorista, Gundolf Wilfried Köhler, de apenas vinte e um anos. Suas estreitas relações com as ligas neonazistas de ultradireitistas puderam ser comprovadas sem dificuldade.

Ao contrário dos grupos radicais de esquerda, escandalosamente, nenhuma dessas organizações fascistas que começavam a se difundir com uma imensa rede internacional era proibida. Ao contrário do que acontece com atentados terroristas de esquerda, em breve esse atentado da direita já nem era mais comentado por todos os meios de comunicação, de modo que parecia que algo estava sendo propositadamente abafado. Até aquele dia, em dezembro de 1981, em que eu falava com Andréia e Dr. Wegner sobre o sinistro assassinato, ele ainda não havia sido esclarecido.

Wegner prosseguiu:

— Os senhores certamente ficaram muito indignados com isso, como muitas outras pessoas, pois aparentemente as autoridades varreram esse crime para baixo do tapete.

— Sim — disse Andréia.

— Injustiça — disse o médico. — Desde o primeiro minuto trabalha-se febrilmente na tentativa de esclarecer o atentado. Por determinados motivos, com muita discrição e sem informar a opinião pública antes da solução. Sei disso através de Conrad.

— Ele lhe disse?

— Sim.

— Mas como é que ele sabia...

— O senhor o conheceu, sr. Kent. Conhecia suas posições. Era um antifascista encarniçado, portanto também contra qualquer racismo. Daí sua amizade com os turcos. Ele sem dúvida não vive mais. Foi assassinado, com toda certeza. Digo isso com grande amargura. Mas ele não foi morto por favorecer tanto os estrangeiros,

e sim porque ele e seus amigos desde o começo ajudaram a polícia a lançar luz nas trevas em torno desse atentado, esse crime na Theresienwiese. Por suas muitas ligações, Conrad era um dos homens mais importantes na tentativa de elucidação desse crime.

Parece ter encontrado uma ótima pista, por isso teve de morrer.
Estou convencido disso...

30

— Também estou convencido disso, agora que você me contou — disse Walter Hernin. Estava sentado comigo no Cat's Corner. — Um assassinato, com todos os seus riscos, só por causa da simpatia de Langenau com estrangeiros? Sempre duvidei disso. Mas se ele realmente encontrou algo que possa esclarecer ou ajudar a esclarecer o crime da Oktoberfest, então ele representava uma ameaça para esses criminosos da direita radical. Pobre Langenau...

— Hernin olhava fixo para um ponto no vazio.

Quinze minutos antes ele viera com Patty para se despedir de nós. No fim da tarde daquele dia de dezembro, quando nevava intensamente em Hamburgo, partiria o trem expresso que levaria Hernin e Patty para Berlim Ocidental. Lá passariam a noite, e na outra manhã iriam do aeroporto de Berlim Oriental, Schönfeld, voariam a Breslau, e depois pegariam outro trem. Teriam de fazer mais duas baldeações antes de chegarem a Águas Perdidas, a aldeia tão pequena que não aparecia no mapa.

Patty estava no subsolo despedindo-se das crianças. Ouvíamos seus gritos e risos excitados. As crianças também estavam impressionadíssimas pelas histórias de Hernin sobre a aldeia de Águas Perdidas, onde as fontes saltavam como chafarizes nos prados e veredas e campos lavrados.

— Estou tão nervoso quanto Patty — disse meu amigo Hernin.

— É um momento muito importante na minha vida. por tanto tempo desejei fazer essa viagem, agora por fim chegou a hora. Acho que tudo o que realmente desejamos acaba acontecendo, é preciso ter paciência e aguardar o momento certo.

— Vamos sentir muito a sua falta — disse eu.

— Nós também de vocês, Peter. — Ele passou a mão nos olhos.

— Em janeiro estaremos de volta. E quantas coisas teremos para contar, meu Deus! E naturalmente escreveremos logo. Talvez até possamos telefonar. De qualquer modo tentaremos tudo.

Patty e Andréia entraram na sala. Patty parecia muito feliz.

Trazia debaixo do braço o grande urso que eu lhe dera de aniversário. O urso também viajaria para Águas Perdidas.

— Veja aqui, vovô, Félix me deu isso.

No pescoço dela via-se uma fina corrente com um trevo de quatro folhas bem pequeno, esmaltado de verde. — Isso é para proteger e dar sorte — disse Félix.

Diante da livraria estava um dos táxis de Hernin, com a bagagem. O motorista esperava; Patty e Hernin estavam com grossas roupas de inverno, pois o amigo de Hernin, o camponês Korczak, escrevera que em Águas Perdidas estava muito frio.

— Já temos de ir, vovô?

— Ainda temos um pouco de tempo — disse Hernin. — Sentem-se, por favor. Há um velho costume muito bonito na Rússia. Estive lá como soldado. Os camponeses o chamam de “o minuto”. — Ah, pensei, então não é só Eisenbeiss com sua mãe russa que conhece o ritual.

— Não falaremos — disse Hernin —; vamos apenas rezar uns pelos outros por um minuto, ou pensar uns nos outros, e desejar com toda a força que aos viajantes e aos que ficam não aconteça nada de mal, e que nos reencontremos com saúde e felizes.

Depois disso fez-se silêncio. Patty cruzara as mãozinhas em torno do grande urso, e seus lábios se moviam silenciosamente.

Hernin estava de olhos fechados. Podíamos ouvir as crianças rindo no subsolo, e lá na frente Raven e o Apre falavam com clientes.

Depois Hernin abriu novamente os olhos. Estavam úmidos. Todos nos abraçamos e nos beijamos, e Hernin e Patty vestiram seus

casacões quentes. Depois de se despedirem também de Robert Stark e Clemens Raven, o velho e a criança nos deixaram. Não podíamos sair com eles para a rua, porque lá fora começava uma tempestade de neve que fazia redemoinhar os flocos. Por isso Andréia e eu ficamos parados na porta de entrada, e através do vidro olhamos Hernin e Patty indo para o táxi. Patty mancava como sempre, e pensei no que Hernin me sussurrara no ouvido por fim: — Veja, ela quase não manca mais. Está andando normalmente outra vez, não é uma maravilha?

O velho e a criança viraram-se mais uma vez junto do táxi, ergueram os braços e acenaram, e também acenamos. Depois que os dois embarcaram, o motorista ligou o motor e acendeu os faróis. O

Mercedes afastou-se deslizando, é logo desapareceu na tempestade de neve e no trânsito do fim de tarde.

Voltamos ao Cat's Corner, Andréia esquecera seus óculos lá. Na mesa havia uma folha de papel com algo escrito na letra infantil de Patty.

— Ela pôs isso aqui na última hora — disse Andréia.

Patty escrevera no papel a exclamação do pequeno Tim na história de Natal de Charles Dickens: DEUS NOS ABENÇOE A TODOS E A CADA UM DE NÓS EM PARTICULAR!

Isso foi na tarde de 11 de dezembro de 1981, sexta-feira.

No domingo, 13 de dezembro de 1981, às 3h da manhã, o primeiro-ministro e chefe das forças de combate polonesas, General Jaruzelski, e seus colegas mandaram desencadear uma ação noturna com a senha "Canário": os militares tomavam o poder no país.

31

Os Estados Unidos tinham sido informados com antecedência do golpe iminente, como se soube pouco mais tarde em Bonn. O ministro do Exterior dos Estados Unidos, Haig, até se mostrou “animado” pela pálida afirmação de oficiais poloneses de que as reformas da Polônia continuariam. A cumplicidade das duas superpotências funcionou. Também funcionara antes — na construção do Muro de Berlim por exemplo, no Afeganistão, na entrada das tropas do Pacto de Varsóvia na Tchecoslováquia.

O primeiro objetivo era desfazer o “Solidariedade”. Lech Walesa e todos os líderes foram presos, além de milhares de membros. Os soldados tiraram a maior parte deles das camas. Parecia inconcebível que os líderes do “Solidariedade” fossem tão desinformados, pois nas últimas semanas o conflito com o Partido, agora convocado para apoiar os militares, se tinha aguçado ainda mais.

Foi baixada uma proibição para se sair do país. Soldados em uniforme de combate e gorros de pele andavam em todas as ruas, praças e edifícios públicos importantes. Diante do Parlamento em Varsóvia, na rádio, no aeroporto, e mesmo nas pontes do Vístula, postavam-se tanques. Telégrafo, telefone e telex para o exterior e interior foram cortados, a fronteira fechada. Viajantes suecos foram os primeiros a dar essas notícias sobre o país agora isolado.

Depois disso, dizia-se, militares haviam levado quarenta mil pessoas para um campo de concentração. Varsóvia estava isolada por tanques de guerra. Apesar da ameaça de pena de morte para grevistas, houve greves em massa na capital, em Kattowitz, em Danzig, na Alta Silésia e muitos outros lugares. Os militares atiravam. Morreram os primeiros trabalhadores. Centenas de feridos foram levados para os hospitais. As greves continuavam.

De baioneta calada e pistolas automáticas, os soldados vigiavam as barreiras de saída. Oficiais ocuparam os lugares de chefia nas

fábricas e indústrias-chaves. Oficiais censuravam os dois únicos jornais que ainda podiam ser publicados: o do Partido e o dos militares. Escolas e Universidades tiveram de fechar, locutores da televisão estatal tiveram de vestir uniformes.

Mais ainda: a situação econômica da Polônia há muito era catastrófica. Agora, o abastecimento falia completamente. As pessoas passavam fome. Passavam frio. Estava um frio gelado, e nevava dia e noite, também em muitos outros países, como a Alemanha.

A Europa tinha medo mais uma vez. Quanto tempo poderiam as tropas soviéticas contemplar quietas aquele drama? Quando entrariam tropas russas na Polônia, por que os militares do General Jaruzelski não conseguiam impor a paz, uma paz de cemitério, no país? Viria então a grande guerra? O medo baixava como neve sobre toda a Europa.

O presidente americano proferia as piores ameaças a Moscou, exigindo punições econômicas contra a Polônia — como se as pessoas que sentiam fome e frio sob uma ditadura militar já não estivessem bastante castigadas com isso. (Reagan bloqueou os fornecimentos de alimento à Polônia, mas vendeu vinte e três milhões de toneladas de cereais aos soviéticos para não prejudicar seus próprios produtores.)

— Nossa pátria está à beira do abismo — disse o General Ministro Jaruzelski no primeiro dia depois do anúncio da lei marcial, na televisão, e justificou o estado de exceção como o último meio pacífico de salvar pelo menos parte das reformas sem que os soviéticos tivessem de intervir. Entretanto, essa tentativa de salvamento já se manifestava em ações tipo Gestapo, em violências em massa, e uma “normalização” segundo o modelo stalinista.

O Cardeal Primaz Glemp, o mais alto dignitário da Igreja no país, não negou que o governo interrompera o diálogo com os cidadãos, mas também disse: “Por isso pedirei — ainda que tenha de ser de joelhos e descalço — que nenhum polonês combata outro polonês.

Operários, meus irmãos, não entreguem vossas cabeças, pois cabeças cortadas não valem muito. Cada cabeça, cada mão, porém, serão valiosas para a reconstrução que se seguirá depois desse estado de exceção.”

O Primaz Glemp suplicou em vão. Os operários continuaram com as greves. Os soldados continuaram atirando. Poloneses matavam poloneses.

O general não conseguiu pacificar o país.

Estou escrevendo estas linhas na terça-feira, 5 de outubro de 1982.

Muita coisa aconteceu depois disso que ocorreu na Polônia aquela ocasião, em dezembro de 1981. A Argentina e a Grã-Bretanha entraram em guerra pelas Ilhas Falklands, subitamente declarada propriedade nacional pela junta militar argentina e ocupadas por soldados argentinos. Nos Estados Unidos apareceram mais de trezentos chamados Fear-Books, Livros do Medo. Sob a direção de Edward Kennedy e muitas outras personalidades famosas, surgiu um movimento pacifista americano protestando contra a política do governo e fazendo parecer insignificante tudo o que até então se fizera em relação a isso na Europa. No Líbano desencadeara-se uma guerra terrível entre Israel e Palestina. Os que mais sofriam eram na maioria civis, velhos, mulheres e crianças. Beirute foi destruída por ataques aéreos maciços dos israelenses. Milhares de pessoas morreram. Nos campos de refugiados palestinos de Sabra e Chatila, a oeste da cidade, as chamadas milícias cristãs realizaram um massacre bestial, vitimando mais de mil e quinhentas pessoas indefesas. No Golfo Pérsico a guerra entre Irã e Iraque voltava a ganhar nova intensidade. Dezenas de milhares foram mortos. E a República Federal da Alemanha começou há poucos dias, a 1º de outubro de 1982, um novo governo.

O famoso psicólogo Bruno Bettelheim disse: “O ser humano não pode se preocupar com tantas coisas ao mesmo tempo, por isso um medo facilmente substitui o outro.”

Isso quase soaria cínico. Os grandes e poderosos deste mundo são cínicos. Cínicos, e desprezam a humanidade. Quem ainda pensa no Afeganistão, e em El Salvador?

O que fizemos nós europeus aquela vez, naquele inverno polonês, quando nevava tanto? Muitos países europeus continuavam dando crédito de bilhões à Polônia, financeiramente falida.

Organizações assistenciais enviaram grandes quantidades de víveres, remédios e carvão. Por toda parte na Europa reuniam-se centenas de milhares de pessoas protestando contra a violência e a favor da Polônia. Com isso, acalmamos totalmente nossa consciência.

Tínhamos feito o que podíamos. E os russos, diziam muitos de nós, estavam numa situação muito difícil. Uma intervenção como outrora na Hungria ou na Tchecoslováquia ou no Afeganistão era algo que os russos não podiam mais se permitir, diante da posição americana.

Também teriam, com isso, perdido definitivamente qualquer simpatia do último comunista europeu. Assim nos habituamos depressa a conviver com o nosso novo medo.

As pessoas se acostumam a tudo, sim, tudo. Os grandes e poderosos deste mundo sabem disso. Basta esperar um pouco até que as pessoas se habituem ao novo medo, ou se resignem a uma nova situação de medo. Às vezes demora um pouquinho, depois se pode continuar com o sistema. É apenas uma questão de tempo.

Desse modo, por fim as pessoas até se conformarão totalmente com a idéia de que, infelizmente, tem de irromper uma guerra atômica, pois não há outra solução correta para todos os imensos conflitos. Assim pensam os grandes e poderosos deste mundo.

No tempo de Advento trabalhamos duro o dia inteiro, e à noite estávamos todos mortos de cansaço. Quando por fim fechávamos a livraria, Andréia, Robert Stark, e seu grande amor, a linda enfermeira Bernadette, que sempre o apanhava antes ou depois do seu serviço, nosso fabuloso novo livreiro Clemens Raven e eu, ainda nos sentávamos no Cat's Corner para descansarmos das atribulações do dia. Tomávamos um uísque, fumávamos um cigarro, nos alegrávamos pelo bom movimento do dia, e ouvíamos as últimas notícias.

Foi na segunda-feira, 21 de dezembro de 1981, que soubemos pelo rádio que a resistência ao regime militar na Polônia endurecia cada vez mais. Mil e trezentos camaradas haviam se encerrado nas minas de Zemovit, em Kattowita, depois de terem mandado pelos ares a torre de extração. A segunda entrada para a mina estava minada, para o caso de intervenção militar. Também se anunciava resistência cada vez maior na costa leste da Polônia. O número de mortos subira para mais de duzentos, os feridos eram mais de mil.

Desliguei o rádio, pois notei que Andréia estava pálida. Tudo aquilo a atingia muito, e ela andava muito infeliz naqueles dias.

Pensava em Hernin e Patty, que estavam na Polônia e não davam qualquer notícia.

Nessa noite Clemens Raven disse:

— Sra. Kent, a senhora tem trabalhado demais todos os dias...

— Mas todos temos feito isso — interrompeu Andréia. Estava com os grandes óculos, e debaixo dos olhos havia olheiras de cansaço e dor. Embora eu tenha escrito que as pessoas se acostumam com tudo, Andréia era daquelas em que isso funciona muito devagar, ou nunca. Ela não se conformava com o que estava

acontecendo na Polônia. Olhando para ela, pensei que jamais se resignaria, e fiquei a um tempo feliz e preocupado.

— Sim, claro — disse o Apre. — Todos trabalhamos duro. Mas não vamos ter bebê. É a senhora que vai ter o bebê. Por isso preparamos uma surpresa de Natal para a senhora.

— Surpresa de Natal? Para mim?

— E para seu marido, os senhores estão juntos — disse Raven.

— Depois dos feriados a livraria vai ficar meio parada, até meados de janeiro, é sempre assim. E o sr. Stark e eu podemos muito bem fazer o balanço. Bem, então preparamos tudo. — Raven olhava Andréia, radiante.

— Prepararam o quê?

— Em Graubünden, na Suíça, existe um hotel maravilhoso — disse Raven. — Em Valbella, junto a Lenzerheide. Fica perto de Chur. Conhecidos meus estiveram lá há meio ano. Bem, o hotel é realmente fabuloso: piscina, sauna, tudo o que se pode imaginar.

Fica num vale entre altas montanhas, comida excelente, quartos com todo conforto, donos muito amáveis, empregados idem. Ao redor, só paz, florestas e neve, neve, neve. Caminhos planos para passear. A senhora devia passear bastante, sra. Kent. O ar é magnífico. Vai dormir como nunca na vida. Vai descansar como nunca. Chama-se Posthotel Valbella. Tomamos a liberdade de reservar para a senhora e seu marido um quarto de casal com banheiro, muito bonito, de 24 de dezembro a 10 de janeiro. Também já temos as passagens de avião. Um carro de aluguel vai esperar pelos senhores em Zurique, e os levará até Valbella... são só 130 quilômetros.

— Está tudo arranjado — disse o Apre.

— Os donos do hotel são um casal, Walter e Miriam Trösch.

Gente bem jovem — disse Raven. — Walter tem só trinta e um anos.

Eles têm um bebê que vai fazer um ano agora, nasceu logo depois do Ano-Novo, quando meus amigos estavam lá. Miriam vai poder lhe contar muita coisa sobre bebês, sra. Kent. Vão gostar dela e do marido, são gente simpática. Todos são simpáticos em Valbella.

Valbella... meus amigos disseram que parece outro mundo. Mas quando atravessar a rua diante do hotel, poderá comprar os mais recentes jornais de todo o mundo. E se quiser ver televisão, há seis programas, dois alemães. A senhora está esgotada de trabalhar, essa história da Polônia a abateu tanto... Sra. Kent, lá é o paraíso. A senhora tem de ir já por causa do bebê.

— Acho a idéia maravilhosa. Minha mulher realmente precisa descansar — disse eu. — Iremos a Valbella. E agradecemos por terem pensado nisso, Raven, Bernadette, Robert.

Andréia demorou um pouco, depois também concordou.

— Vou lhe dar a chave do nosso apartamento, sr. Raven — disse ela. — E fará a gentileza de ver nossa correspondência e cuidar das flores, sim? E vamos telefonar todos os dias para eu ficar tranqüila e saber que tudo aqui está bem.

— Tudo estará bem, sra. Kent — disse Raven. — No Posthotel há um grande cão são-bernardo, bonachão, chamado Peru, com quem se pode brincar à vontade. E se tiver vontade de comer algo especial, o chefe da cozinha prepara para a senhora.

Andréia estava rindo de repente, e parecia feliz. Também agradeceu por terem pensado nela, dizendo como estava alegre. A neve continuava caindo em nossa cidade, e em nosso país... e sobre a Polônia.

33

— Comissário Rolland?

— Sim?

— Aqui é o comissário Hübner, de Hamburgo.

— Ah, bom-dia, comissário. Alegro-me por ouvir sua voz.

— Tudo bem.

— Que posso fazer pelo senhor?

— Trata-se de maître Charles Duhamel, aliás, Peter Kent.

— Está na hora?

— Ainda não. As centrais da Interpol de Wiesbaden, Paris, Viena e Berna conhecem a nossa decisão?

— Claro. Todos concordaram aquela vez.

— Tudo bem. A Interpol também avisou as polícias dos quatro países e deu as instruções necessárias?

— Mas, claro, comissário, estão todos avisados.

— Conhece seu colega da Interpol, em Berna?

— Velho amigo meu.

— Ouvi dizer. Por isso estou telefonando, comissário. Faça contato com seu amigo. Temos de ter absoluta certeza de que mesmo a menor delegacia de polícia da Suíça sabe da nossa decisão. Estou há muito tempo nessa canoa. Sei como as coisas são rapidamente esquecidas e negligenciadas. E não deve acontecer mais nada, ouviu, comissário? Nada, senão tudo o que fizemos até agora seria em vão, e nunca chegaríamos ao nosso objetivo.

— Falarei com meu amigo em Berna. Por que a Suíça lhe interessa?

— Porque maître Duhamel me disse que de 24 de dezembro a 10 de janeiro estará com sua mulher de férias na Suíça.

— Ahá!

— Em Valbella, Lenzerheide, no Posthotel.

— Posthotel, Valbella, Lenzerheide, anotei.

— Também o mais simples policial suíço tem de ser lembrado de nossa decisão. Os policiais de Lenzerheide, o policial da aldeia de Valbella, todos os agentes da fronteira. Dei mais uma vez alarma geral aqui na Alemanha. Ou maître Duhamel acabará sendo preso ao passar a fronteira. Isso não deve acontecer de modo algum.

— Claro que não. Maître Duhamel ficará absolutamente sossegado, claro. Telefonarei logo a Berna, fique descansado.

— Obrigado, comissário Rolland.

— Tudo bem. Boas Festas, comissário Hübner.

— Como? Ah, sim. Boas Festas para o senhor também.

34

Na primeira noite no Posthotel Valbella sonhei meu velho sonho dos elefantes. Estava deitado numa larga trilha de areia, e os grandes elefantes saíram dos arbustos ao redor e se deitaram ao meu lado no sol. Eram tão pacatos e amáveis, realmente uns elefantes muito amigos.

Quando acordei passava das nove, e Andréia ainda dormia ao meu lado. Fiquei deitado de costas e estava escuro no grande quarto, porque as cortinas estavam cerradas. Não me mexi para não acordá-la, e pensei que fora uma boa idéia nos mandarem para cá. Eu estava feliz.

De noite fizera muito frio, e as janelas atrás das cortinas estavam só entreabertas. Ouviam-se muitas vozes de fora. Os esquiadores há muito estavam acordados iniciando seus passeios.

Outros hóspedes certamente iam passear e conversavam. Meu coração me dera um pouco de trabalho no dia anterior, embora Valbella ficasse apenas a mil e quinhentos metros acima do mar, mas nessa manhã nada me doía e o ar que entrava pela fresta atrás das cortinas era maravilhosamente puro, áspero como vinho rascante, e pensei novamente no quanto me sentia feliz.

Cerca de quinze minutos depois Andréia acordou e espreguiçou-se. Respirou fundo, ronronou como uma gata, gemeu de bem-estar.

Depois me beijou e disse:

— Feliz Natal, meu Gato amado!

— Feliz Natal, minha Esquilinha amada!

Telefonei para a copa e um jovem garçom espanhol trouxe o café da manhã em duas bandejas. Pegamos as bandejas nos joelhos e tomamos na cama o café forte, o suco de laranja, comemos pãozinhos frescos, ovos cozidos, queijo e presunto. O garçom

espanhol abriera as cortinas e uma luz clara entrava no quarto de lambris de madeira. Vimos a neve nos prados e pistas, e sobre as encostas e cumes um céu azul escuro e limpo. Embaixo uma larga faixa de floresta negra fechava a paisagem. Havia muitos teleféricos e esquiadores de roupas coloridas. Numa garganta via-se um lago congelado. Todas as coisas tinham contornos nítidos, e o olhar alcançava até muito longe.

Depois tocou o telefone na cabeceira. Atendi, e uma voz de homem disse:

— Fala Walter Trösch. — Era o jovem dono do hotel, que nos dera as boas-vindas na noite anterior com a mulher e nos levara até o quarto.

— Dormiram bem?

— Maravilhosamente.

— Há um rádio na sua cabeceira, sr. Kent — disse ele com sotaque suíço. — Cada botão sintoniza uma estação. No número um há música de fita o dia todo. Aperte, por favor. E abraços de todos em Hamburgo.

Apertei o botão um, e soou o The man I love, de Gerschwin, só a música, sem canto.

— Ah, Gato — disse Andréia.

— Sim — disse eu —, gente muito atenciosa mesmo esta daqui.

E nossa canção predileta soava, e um pouco de poeira de neve caía do telhado passando pela janela. Tinham nos dado um quarto sossegado, muito bonito, no andar superior.

35

Depois de termos tomado café e banho, vestimos nossas roupas de inverno e descemos para o grande saguão onde os hóspedes falavam inglês, italiano, alemão e francês. Na recepção estava deitado Peru, o são-bernardo, imenso e bomachão, que trotou um pouco ao nosso lado na neve e depois voltou a trote para o hotel.

O caminho estava bem limpo, dos dois lados empilhavam-se montanhas de neve retirada. Primeiro passeamos pela floresta de árvores antigas, escorreguei duas vezes e caí. Tínhamos comprado nossas roupas de esporte de inverno em Hamburgo, estavam novas, eu não era muito ágil metido nelas, pois nunca as usara na vida. E nunca tivera férias na neve.

Fiquei sentado na neve dura, praguejando, e Andréia chorava de rir.

— Você fez isso como no cinema, Gato — disse ela. — De verdade! Por que não trabalha no cinema? Podia fazer uma grande carreira com esses truques.

— Não são truques — disse eu. — Caí realmente de bunda.

Ela trouxera uma câmera Minox e filmes, e me fotografou ali sentado na neve.

— Levante-se, senão vai congelar seu precioso traseiro, querido — disse ela, e ria, e recostou-se num tronco de árvore, derreada de tanto rir. Com o abalo, um bloco de neve soltou-se de um galho e caiu direto na minha cabeça. Fiquei meio soterrado, e Andréia ainda ria e me fotografava. Quando me livrei e levantei, desabou novo bloco, e sumi na neve. Tinha o corpo coberto de suor ao me livrar, pois não estava habituado a esforço físico. Andréia fotografava feito doida, eu praguejava de calor, devia ter estado ali feito imbecil, e nisso surgiram dois rapazes com grandes pás de madeira, perguntando se eu me machucara. Respondi que não, eles nos

desejaram Feliz Natal e continuaram limpando o caminho. Andei devagar e cautelosamente atrás de Andréia, e quando me virei ainda vi os dois rapazes trabalhando, e um pequeno limpador de neve vermelho que lhes abria o caminho na estrada da floresta.

— A Suíça não é um país maravilhoso? — perguntou Andréia. — Tão organizado e moderno, e todas as pessoas tão amáveis. É o Natal mais bonito da minha vida. Para você também?

— Sim, Esquilinha — disse eu, e novamente escorreguei e caí, mas desta vez nós dois rimos. — Realmente um país maravilhoso, essa Suíça — disse eu. — Veja só, os dois rapazes estão voltando para ver se me machuquei.

Fizeram isso realmente, e eu disse que estava tudo bem, eu tinha caído de propósito para divertir minha mulherzinha, e um dos dois disse:

— Ah, o senhor é artista cômico. De onde vem?

— Hamburgo.

— É um cômico alemão — disse um rapaz ao outro. — Muitos alemães são comediantes. Muitos ingleses também. Pegue uma bengala para o cavalheiro, Markus, há muitas no jipe.

O rapaz chamado Markus correu até a estrada onde havia um jipe. Trouxe uma bengala, agradeceu, perguntando onde podia devolver, e Markus respondeu:

— Fique com ela o tempo que quiser. Depois pode entregar na portaria do Posthotel.

— Vocês são do Posthotel? — perguntou Andréia.

— Sim, madame — disse ele. — Ficamos rodando por aí para limpar os caminhos e cuidar para que não aconteça nada com os teleféricos e as pistas de patinação.

Quis dar-lhes gorjeta, mas não aceitaram.

— Nem se fala nisso — disse Markus. — Bom-dia.

— Obrigada — disse Andréia.

Com a bengala consegui andar bem e apenas tive medo de que Andréia caísse. Quando eu lhe disse isso, ela sacudiu a cabeça, afirmando que jamais cairia. Estava fresco e penumbroso na floresta, e quando chegamos ao sol da planura ao redor do grande lago, a claridade ofuscava, e tínhamos de apertar os olhos. De repente vi a paisagem em todas as cores do arco-íris: os outros hotéis e uma igrejinha, muitos trenós e carros andando para lá e para cá, as montanhas verticais ali perto, altíssimas. Sobre elas arqueava-se um céu colorido pelo arco-íris. A claridade ali era tão intensa que mal se podia suportar. Andréia tirou dois pares de óculos escuros do bolso do casaco de peles, e me deu um. Troquei-os pelos meus óculos de vidro comum e disse:

— Boa Esquilinha, pensa em tudo. — E ela disse: — O que é que esse Gato faria sem a sua boa Esquilinha?

— Estaria perdido, totalmente perdido.

E nos beijamos, e alguns menininhos de esqui nos olharam curiosos. Três deles assobiaram alto entre os dedos.

O caminho levava direto ao lago. Embora à primeira vista parecesse bem próximo, agora via-se que era longe, e senti umas pontadas leves no coração. Mas logo vi que não era nada importante, e respirei, o mais fundo que pude, aquele ar maravilhoso. E as dores pararam outra vez.

Por fim voltamos ao hotel. Um caminho e tanto. Vimos, como antes, a casa bem perto do lago, mas era como se recuasse, e quando por fim chegamos lá, estávamos com muita fome.

O Posthotel tinha três refeitórios diferentes, um elegante e dois rústicos, com lambris de madeira e toalhas de mesa vermelhas. Logo gostamos do estilo rústico, por isso almoçamos ali. A garçonete que nos serviu em traje típico era uma mocinha bonita chamada Gaby, e conversamos com ela. Gaby contou que era noiva e se casaria em breve. Tinha um rosto fino, e era amável como todos naquele hotel.

Depois da comida sentimo-nos muito cansados. Atravessei depressa a rua até a lojinha, onde comprei jornais suíços, alemães e franceses. Depois fomos para a cama. Antes de ler uma página eu já estava dormindo, Andréia mais depressa ainda.

Quando acordei passava das cinco. Andréia ainda dormia, e li nos jornais o que acontecia na Polônia.

Um jovem soldado fora executado “por negligência do dever”, pois se recusara a atirar sobre os grevistas na fábrica de tratores Ursus. Os soldados que ocupavam o estaleiro Lênin em Danzig, em contrapartida, tinham feito amizade com os operários e davam carvões para os grevistas se aquecerem, através dos portões de grades, e pão também. No país inteiro continuavam as greves, e já havia mais de trezentos mortos, fuzilados por militares poloneses, e da pista de patinação soavam músicas de valsa e vozes alegres.

Depois Andréia acordou e pedimos chá, que o garçom espanhol trouxe. Da grande janela vimos que anoitecia devagar lá fora, e a neve a cada minuto assumia outra coloração. Os esquiadores voltavam das montanhas, e nas janelas dos bangalôs e outros hotéis acendiam-se as primeiras luzes.

— Não é uma vida boa? — perguntou Andréia. — Ah, querido, não é maravilhoso?

— Maravilhoso — respondi, pensando no jovem soldado fuzilado porque se recusara a disparar contra seus compatriotas.

Provavelmente também fora operário, pensei. Mas não contei nada disso a Andréia e nos vestimos. Andréia falou: — Vire-se, por favor, Gato! — Agora sempre dizia isso quando trocava de roupa. Já estava com uma barriga maior, mas não muito, e eu sempre lhe dizia isso. Mas ela sempre respondia: — Você está apenas sendo amável. Não quero que me veja assim. Vou ficar um verdadeiro barril, e você não vai mais gostar disso, e por isso quero que se vire. Quando o bebê chegar, vou ficar magra como antes. Aí vai poder me ver de novo.

Vestimos roupas mais leves e sapatos macios, e descemos de elevador para o saguão. Lá o sr. e a sra. Trösch perguntaram se estávamos satisfeitos e queríamos alguma coisa mais, e Peru, o velho são-bernardo, estava deitado no meio do saguão, deixando que as crianças brincassem com ele. O sr. Trösch tinha grandes planos, queria aumentar o hotel, porque aí também se poderia passar lindas férias no verão, e ele se esforçava muito para oferecer diversões variadas aos hóspedes à noite. Já haviam anunciado um desfile de modas de peles e um mágico famoso.

Miriam afastou-se com Andréia para mostrar-lhe o bebê e ter uma conversa de mulheres. Sentei-me no pequeno bar, com paredes igualmente forradas de madeira. Ainda não havia movimento àquela hora, só a garçonete e um músico estavam ali. Convidei os dois para um drinque, e depois comecei a tomar um pouco de uísque. O jovem tocava, a meu pedido, músicas de Cole Porter e Gerschwin num órgão Hammond, e eu segurava meu copo na mão, enquanto o gelo estalava nele ao derreter. Estava sentado no canto; tomei mais uns copos e refleti longamente.

36

Na noite de 25 de dezembro houve a grande festa de Natal. Os hóspedes usavam traje de noite, o grande salão de refeições estava enfeitado. O chefe dos garçons chamava-se Heinz Riezler, e disse que trabalhava no Posthotel há doze anos. Recomendou-me um vinho excelente, e Andréia tomou Malzbier, acompanhando o jantar festivo de muitos pratos. Havia velas acesas em todas as mesas, e o sr. e sra. Trösch andavam pela sala desejando bom proveito aos hóspedes.

O órgão Hammond fora levado para lá, e o músico tocava durante o jantar.

Não consegui comer todo o jantar de Natal, mas Andréia comeu tudo, e até uma segunda porção de sorvete. Depois pediu pepinos azedos. Tínhamos uma mesa na janela, só para nós, e Andréia me contou que o bebê Trösch se chamava Luzia, era muito bonito, e Miriam lhe dera bons conselhos. E me mostrou uma pequena agenda, onde anotara todas as boas sugestões.

— Ah, Gato, meu Gato amado — perguntou ela —, acha que ficaria muito esquisito se eu ainda pedisse um prato de cebolinhas?

Depois do jantar subimos para o quarto. As camas estavam preparadas para a noite, na mesa um grande prato com diversos tipos de nozes e biscoitos de Natal. As cortinas estavam fechadas.

Abri-as e olhamos para fora. Uma infinidade de luzes brilhavam agora no amplo vale, e subiam pelas encostas.

O garçom espanhol trouxe uma garrafa de uísque, água mineral, gelo e três garrafas de cerveja preta e copos, dizendo: — Com os melhores cumprimentos do casal Trösch.

— Mas que gentileza — disse Andréia. — Muito obrigada!

— Ainda está de serviço? — perguntei. — Desde esta manhã?

— Tive folga de tarde, entre as onze e as quatro e meia — disse ele.

— Não é trabalho demais?

— Muito trabalho é bom — disse ele. — Muito trabalho, muito dinheiro. Melhor época para todos nós, os garçons e o sr. Trösch.

Dei-lhe dez francos, e ele agradeceu educadamente, dizendo que pela manhã traria uma geléia especial de sua pátria. E disse: — Boa-noite, senhora, boa-noite, senhor, boa-noite, bebê — e sumiu.

Tirei o smoking e os sapatos e deitei-me na cama com as costas sobre os travesseiros. Li a programação de televisão para Andréia no jornal, realmente podia-se ver seis programas ali, como Raven dissera, e nos decidimos por um filme com Yves Montand e Romy Schneider, no ZDF. Como começasse só em quarenta minutos, tivemos tempo de tirar a roupa e tomar banho. Tive de esperar que Andréia saísse do banheiro e desviar os olhos enquanto ela vestia a camisola. Depois entrei no banheiro, e a seguir aproximei da cama uma mesinha, colocando nela garrafas e copos. Enquanto assistíamos ao filme, Andréia bebia cerveja preta, e eu uísque, excelente.

O filme era bom, alegre e triste a um tempo, como todos os bons filmes. Ficamos encantados, e Andréia comentou: — Que grande atriz essa Romy Schneider. E tão jovem. Quantos belos filmes ainda vai fazer! Você também gosta tanto dela, Gato?

— Eu gosto é de você — disse eu.

Depois do filme eu estava um pouco embriagado, e nós dois estávamos muito apaixonados. Naturalmente brincamos, mas Andréia insistiu em apagar a luz primeiro. Brincamos longo tempo, por fim adormecemos abraçados, peito a peito, e acordamos assim às oito e meia da manhã, um nos braços do outro, bem juntos.

— Estávamos muito cansados do passeio e do ar das montanhas — disse Andréia.

— E de brincar — disse eu.

— Sim, mas é preciso, você sabe: o mais possível de movimento até o fim. Tem de ser, Gato.

— Reconheço isso, Esquilinha — disse eu. — Quer mais alguns pepinos azedos para o café?

Ela ficou radiante: — Você é tão bom comigo, Gato.

Peguei o fone e encomendei o café e um prato cheio de pepinos, depois abri as pesadas cortinas que tinha fechado antes de começar o filme. O sol brilhava outra vez no céu azul-escuro sobre os cumes brancos das montanhas, e no vale avistei as pequenas máquinas vermelhas de tirar neve, indo de um lado para o outro. O garçom espanhol trouxe o café, os pepinos e a geléia espanhola. Sua mãe lhe mandara um vidro grande. Ele vinha de perto de Barcelona, e chamava-se Miguel. Não quis aceitar dinheiro pela geléia.

— Então pelos pepinos — disse eu.

— Pelos pepinos, sim — disse ele. — Pepinos não são de minha mãe. Muchas gracias, señor.

Naquela manhã fomos a Lenzerheide. O caminho de dois quilômetros passava pela floresta. Lenzerheide era uma cidade minúscula, com muitos hotéis e lojas e um cinema. Valbella era apenas um povoado. Tínhamos reservado, por telefone, um trenó em Lenzerheide, e ele já estava lá, o cavalo atrelado, ao lado de uma série de estábulos. O cocheiro esperava, e Andréia tirou mais fotografias. O cocheiro era uma bela jovem, vestida como homem.

Usava um gorro brejeiro, torto sobre os cabelos louros e curtos. O ar e o sol tinham queimado sua pele, que estava morena, e o trenó era antigo, de ferro trabalhado e madeira. A jovem esperou que nos sentássemos lado a lado — havia lugar exatamente para duas pessoas —, depois colocou cobertores macios e outros mais firmes sobre nós, e nos enrolou bem. Era muito forte, e no canto da boca tinha um charuto. Sentou-se na boléia e partimos, um trecho do trajeto por Lenzerheide, e depois saímos da estrada principal. O cavalo andou depressa no começo, os sininhos balançando e tilintando, e Andréia tirava retratos. De repente o caminho ficou íngreme, as últimas casas ficaram para trás, e subimos a montanha por um cinturão de floresta, por fim na neve cintilante. Também ali tinham aberto o caminho com máquinas. Andréia apertava-se a mim e o cavalo andava devagar porque o caminho subia cada vez mais.

Víamos Lenzerheide e Valbella abaixo de nós. Quando vinham trenós ao nosso encontro, entrávamos em enseadas abertas na neve. Não havia mais automóveis naquela altura. A aldeia para onde íamos chamava-se Scharmoin, disse a bela mulher, e o caminho agora era tão íngreme que o cavalo só ia a passo. Nossa cocheira saltou da boléia para que o trenó ficasse mais leve, e andava ao nosso lado. O cavalo começou a suar, o lombo brilhava molhado no sol forte.

Andréia dera a Minox à moça, que nos fotografou algumas vezes.

Usávamos outra vez nossos óculos de sol.

Lá em cima havia apenas neve. Nós e a neve, e as montanhas em redor, incrivelmente altas. De repente sentime totalmente absurdo e insignificante. Talvez lhe pareça bobagem, meu bem, mas era assim que me sentia. Por algum tempo o sol esteve diretamente à nossa frente, e o mundo era apenas um arco-íris. Como o ar estivesse mais rarefeito, pensei que fora bom eu ter engolido secretamente uma cápsula de nitro em Lenzerheide; assim, me sentia bem. Quanto mais arrebatadora era a paisagem, mais nitidamente eu percebia que é preciso compreender as pessoas que acreditam em Deus. Já não falávamos mais, apenas nos olhávamos muitas vezes, e o cavalo agora arquejava, tão íngreme era a subida.

Por fim chegamos a Scharmoin. Era a meio caminho até Rothorn, disse a moça, e até onde pude observar, a aldeia não passava de meia dúzia de casas. A jovem nos tirou dos cobertores, e quando descemos, Andréia e eu, ficamos muito tontos, mas a cocheira disse que passaria logo. A mulher enxugou o cavalo, desatrelou-o e colocou-lhe um cobertor no lombo. Num estábulo, o cavalo recebeu comida e água. A jovem nos levou a uma casa de troncos, constando de um único aposento grande, onde comemos uma magnífica sopa de ervilha com lingüiça e toucinho. Havia cerveja, que Andréia podia tomar, não demais, claro, para o bebê não nascer alcoólatra. A moça sentou-se à nossa mesa e também tomou sopa com lingüiça e toucinho; depois tirou novamente fotografias nossas. Havia poucas pessoas, todas falavam dialeto, por isso não as entendíamos. Ouvia-se música num rádio e ao meio-dia o locutor leu as notícias. Assim, também ali, em Graubünden, na minúscula e pacífica aldeia de Scharmoin, ouvimos que as greves dos poloneses não paravam, e que havia mais mortos. Não havia árvores de Natal nem presentes, nem o tradicional ganso de Natal, ou carpas. As pessoas famintas só podiam sonhar com essas coisas. Também não havia velas nem fósforos para acendê-las se houvesse algumas. Entrementes, disse o locutor, procuravam-se bodes expiatórios para a ação militar. Como durante as agitações estudantis de 1969, eram mais uma vez os judeus. Diante da entrada do teatro judeu em

Varsóvia, desconhecidos tinham armado uma forca sobre o muro, com uma estrela-de-davi. Convidei a jovem para tomar comigo um copinho de aguardente clara, que quase me sufocou, trazendo-me lágrimas aos olhos. Depois ela tirou o cavalo do estábulo, atrelou-o, enrolou-nos outra vez nos grossos cobertores, e começou a descida para o vale. A jovem tinha de puxar os freios ao máximo, e dirigir o cavalo com cuidado, mas disse que ele já sabia como andar, ele gostava de puxar trenós. Ela possuía mais quatro cavalos, que estavam a caminho com outros trenós e outros cocheiros. Era dona de uma empresa de trenós, e no momento estavam todos ocupados.

A moça nos levou até o Posthotel, pois disse que depois de subirmos a tamanha altura, devíamos estar cansados demais para andarmos a pé os dois quilômetros, e era verdade. Não aceitou gorjeta de modo algum, só o preço combinado, e voltou a Lenzerheide. Fomos ver Gaby na salinha rústica, porque apesar da sopa de ervilha tínhamos muita fome. Depois da comida caímos na cama outra vez, e dessa vez dormimos quase até as cinco e meia.

Depois Andréia foi ver Miriam para aprender coisas sobre bebês, e fui nadar na piscina coberta, que ficava no subsolo. Pelas janelas eu via as luzes dos automóveis que rodavam na noite gélida. Lá dentro, na água, estava quente. Enxuguei-me, vesti calças e pulôver e fui ao saguão, onde ardia uma imensa lareira. Pedi uísque à garçonete, e a bela senhora do bar me trouxe pessoalmente uma garrafa. Colocou gelo e soda à minha frente e disse: — Farei um sinal no rótulo, depois veremos quanto o senhor bebeu.

Depois de preparar um drinque grande, coloquei os pés sobre a mesa. Estava sozinho no saguão. Ouvi música e vozes de longe; era um hotel muito grande. Fiquei olhando as labaredas enquanto bebia o uísque frio, e tive de repente a sensação de que não morreria nunca.

38

Assim se passaram os dias.

O tempo continuava bonito, e todas as manhãs passeávamos, sempre por novos caminhos. Nossa vida entrara num ritmo regular.

Não assistimos ao desfile de peles nem à apresentação do grande mágico. Depois do jantar íamos sempre para o nosso quarto ver televisão, depois fazer amor.

Telefonávamos diariamente a Hamburgo, e o sr. Raven ou o Apre nos contava que vinha pouca gente à loja, porque pesadas nevascas caíam sobre Hamburgo, e todas as ruas estavam cobertas de neve. Também as crianças não estavam vindo. Tudo quieto na livraria, disseram o sr. Raven e o Apre. Andréia também telefonou duas vezes para os pais.

Na última noite do ano houve nova festa de gala no Posthotel, e quatro orquestras tocavam, três distribuídas pela casa, e uma embaixo, no subsolo do jazz. E bebia-se, dançava-se, ria-se. Ficamos olhando algum tempo, depois fomos para o quarto e nos deitamos na larga cama. Andréia contou histórias de sua infância, um tempo muito feliz. Às onze e meia vimos muitos lampiões acendendo lá fora.

Pessoas embuçadas carregavam-nos, indo pela neve à igreja próxima. Os sinos tinham começado a tocar. Apagamos a luz no quarto, abrimos bem as cortinas e contemplamos a procissão de silhuetas e lampiões balouçantes aproximando-se da igreja bem-iluminada. Vestimos nossos casacos quentes, e fomos à sacada.

Ouvimos também o órgão da igreja, pequena demais para tanta gente. Muitos ficavam parados na neve diante da porta. Depois um sino agudo tocou doze vezes, e o ano velho terminara. As pessoas diante da igreja se abraçaram, e também nos abraçamos. Agora as encostas começaram a relampejar, foguetes subindo e estourando.

Quando os fogos de artifício terminaram, as pessoas cantaram dentro e fora da igreja, e ouvimos outra vez o órgão, depois a voz do padre. Mas não podíamos entender o que ele dizia, e Andréia disse: — Bom Deus, protege-nos, e faz com que seja uma criança sadia! Conserva-nos a paz, e protege os pobres poloneses, e todas as pobres pessoas de todo o mundo! Amém!

Ainda ficamos longo tempo na sacada, à luz inquieta dos lampiões. Não havia vento algum naquela noite de Ano-Novo, e o céu era imenso, cravejado de estrelas.

Dessa vez também adormecemos estreitamente abraçados, como se fôssemos um só corpo, uma só pessoa.

39

Na segunda-feira, 2 de janeiro de 1982, estávamos outra vez em Hamburgo, morenos e repousados. Nevava muito, soprava um vento forte. Nem a metade das crianças estavam na livraria.

— Foi lindo, mas estamos contentes por voltar — disse Andréia.

— Nós também — secundou o pequeno Félix Rosen.

Ainda havia pouco que fazer, e tínhamos muito tempo para brincar com as crianças. Robert Stark pôde algumas vezes sair mais cedo com Bernadette, quando ela o apanhava à noite. Tínhamos levado a uma loja da Alsterdorfer Strasse os muitos filmes com os retratos de férias para revelar e tirar cópias. A loja ficava quase em frente de nosso apartamento. Na segunda-feira seguinte, o dono da loja telefonou para a livraria e disse que os retratos estavam prontos.

Andréia atendera o telefone.

— Vou apanhá-los logo — disse ela, e desligou. Ria divertida. — Todos os nossos retratos, Gato! Por favor, me dê as chaves do carro!

Aqui não há nada a fazer, vou depressa até lá.

Pela vidraça da porta de entrada ainda vi o Mercedes desaparecer nos redemoinhos de neve. Era por volta das dez da manhã. Às onze Andréia ainda não tinha voltado. Às onze e meia fiquei preocupado. Ainda nevava intensamente. Tomara que ela não tenha sofrido um acidente, pensei. Não, pensei depois, é uma motorista experiente e cautelosa. Mas o tempo passava, e nada de ela voltar. Doze horas, doze e um quarto, meia hora. Cinco minutos, depois tocou o telefone. Corri até o Cat's Corner e atendi.

— Kent.

— Aqui Hübner — soou a voz do comissário ruivo.

— Boa-tarde, comissário. — Agora eu estava muito nervoso. — O que foi? Aconteceu alguma coisa?

— Receio que sim, sr. Kent. — Sua voz soava embargada. — Fiquei sabendo que sua esposa...

— Mas fale de uma vez! — berrei.

— Sua esposa sofreu um acidente grave. Foi levada ao Hospital Heidberg... Ela... ela tem de ser operada.

De repente eu estava gelado.

— O que quer dizer, operada... O que aconteceu?

— Ela foi atropelada... na faixa de pedestre... Recebi a comunicação pelo rádio... só sei que a ambulância a levou ao Heidberg, e que... — Eu já tinha desligado. Disquei o número do radiotáxi e pedi um carro, o mais depressa possível.

— Vai levar uns minutos, senhor — disse a mocinha ao telefone.

— Nesse tempo os carros não podem rodar depressa, e estão todos na rua.

— É uma emergência! — gritei. — Minha mulher está gravemente ferida! Vai ser operada. Preciso ir até lá!

— Vamos fazer o possível — disse a moça.

Eu desabara sobre uma cadeira. Raven estava na porta, e ouvira o telefonema.

— Mas é horrível — disse ele, sua voz chegava de muito longe.

Eu estava paralisado. Tinha a impressão de não poder me mover.

Também não conseguia pensar. Só uma coisa: Andréia vai ser operada. Andréia operada. Raven me trouxe um copo de uísque, que bebi puro, de um gole.

— Hospital Heidberg — disse eu. — Fica a quinze minutos de carro de nosso apartamento. Ela ia ter o bebê nesse hospital. —

Então ocorreu-me: Dr. Wegner! Disquei seu número, uma secretária atendeu e disse que o doutor saíra para uma emergência.

— Emergência... no Hospital Heidberg?

— Sim, no Heidberg... Quem está falando?

— Peter Kent. Ele foi atender minha mulher?

— Sim, sr. Kent.

— O que há com ela? Que acidente foi esse?

— Não sei. Telefonaram do hospital, e ele saiu imediatamente.

— Então é grave?

— Realmente não sei, sr. Kent... Sim... receio que seja grave...

Por favor, não se descontrole agora... o doutor já deve estar com sua esposa...

Deixei cair o fone.

— Mais um uísque — disse eu.

Raven encheu o copo pela metade.

— Não deve ficar embriagado agora — disse.

O Apre entrou correndo na sala: — O táxi está aí!

Corri pela livraria, saí. Raven atrás de mim, eu estava saltando no fundo do táxi, ele ainda me jogou meu casacão.

— Hospital Heidberg — disse eu ao jovem motorista. — Por favor, vá depressa... Minha mulher está lá... Teve um acidente.

Ele partiu.

— Mais depressa, por favor!

Ele foi mais depressa.

— Mais depressa não dá? — Eu começava a transpirar.

— Mais depressa não dá, senhor. Não enxergo nada. Ou também teremos um acidente; estou indo o mais depressa que posso...

— Obrigado — disse eu. — Obrigado.
E então comecei a rezar.

40

O Hospital Heidberg fora uma caserna no tempo do Terceiro Reich. Via-se que os nazistas o tinham construído. Via-se isso nas fachadas lisas e no portão de entrada gigantesco, pomposo. Paguei ao motorista e corri para a portaria, vestindo o casacão, pois estava com frio.

O porteiro, gripado e rouco, grasnou: — Cirurgia, terceiro andar, sala cinco.

Corri pela tempestade de neve até o edifício da cirurgia, e subi num elevador ao terceiro andar. Lá errei por um labirinto de corredores, até chegar à sala cinco. Diante da alta e larga porta branca havia dois agentes de radiopatrulha, e ao lado da porta brilhava uma inscrição vermelha luminosa: CIRURGIA! ENTRADA PROIBIDA!

Corri para os dois agentes de casaco de couro.

— Sr. Kent?

— Sim. Minha mulher...

— Está lá dentro.

— Seu médico se chama Dr. Wegner...

— Está lá também... Está operando... Veio há meia hora.

Havia um banco ali, desabei em cima dele.

— É grave?

Os dois me olharam embaraçados.

— É grave? — berrei.

— Não. Não deve gritar aqui, sr. Kent.

— É grave? — sussurrei.

— Parecia grave — disse o primeiro policial.

— Muito grave — disse o segundo. — Não adianta mentir para o senhor, sr. Kent.

O longo corredor estava vazio. A neve redemoinhava diante das janelas, o vento uivava.

“...cuidado por favor... na rua... o movimento...”

De repente ouvi uma voz, muito baixinha. Quem era? Quem dissera isso, quando, onde? Há muito tempo um homem dissera isso para Andréia, eu sabia. Mas não sabia quem fora, nem me lembrei.

— Como foi que aconteceu? — perguntei.

— Diante da loja de fotos na Alsterdorfer Strasse há uma faixa de pedestres, não é? — disse o primeiro policial.

— Não. Sim. Não sei. E daí?

— Sua mulher andava sobre a faixa, sr. Kent. Queria andar.

Nesse tempo de merda naturalmente a gente não vê muita coisa da faixa, só um pouco... Temos testemunhas... Eles viram o que aconteceu. Rockers.

— Como, rockers?

— Um desses grupos, um bando todo, talvez meia dúzia... com suas motos pesadas... Vieram descendo a rua e pararam diante da faixa... Não pararam direito... faziam aquele maldito teatro de fingir que paravam e davam a partida, e parar de novo, e meter o pé no acelerador de novo, e tirá-lo outra vez... Sua mulher estava no meio da pista... Ficou com medo... não teve coragem de seguir adiante...

Deu uns passos para trás... Os rockers ainda esperaram... então ela deu uns passos para diante... e os rockers saíram em disparada nessa hora... Uma das motos derrubou sua mulher... outra passou por cima dela quando já estava no chão...

— Esses malditos marginais — disse o segundo policial.

Eu não disse nada.

Olhava para a luz vermelha piscando. Atrás daquela porta jazia Andréia. Jazia Andréia. Jazia Andréia.

— Os porcos fugiram, segundo as testemunhas. Nenhuma das testemunhas conseguiu lembrar de um só sinal de identificação.

— Era uma tempestade de neve doida, como agora. Ninguém reconheceu ninguém.

O segundo policial me deu a bolsa de Andréia e um grande envelope amarelo. A bolsa e o envelope estavam sujos e ensangüentados. No envelope estavam os filmes e retratos.

— Precisamos de mais uns dados — disse o segundo policial.

Eu estava ali sentado olhando a bolsa e o envelope ensangüentados. O segundo policial repetiu a frase.

Não respondi.

E se Andréia morresse agora?

O segundo policial me cutucou.

Tive um sobressalto.

Ele disse que precisava de dados para o relatório.

— Sim — disse eu. — Sim. Pergunte! — Minhas mãos estavam cheias de sangue da bolsa e do envelope.

E eles perguntaram. Tinham de saber um monte de coisas para o seu relatório. Onde morávamos, quando Andréia nascera, e muitas dessas perguntas. Respondi a todas. A luz vermelha piscava diante da sala de operações. A tempestade de neve sacudia as grandes janelas do corredor.

Quando os policiais terminaram as perguntas, apertaram minha mão, desejaram tudo de bom para Andréia e para mim, e foram embora. Seus passos ecoaram no corredor vazio. Depois diminuíram.

Então não ouvi mais passos, só o uivo do vento.

Meu bom Deus, ajude! Não deixe que ela morra. Se o bebê morreu, que ao menos ela viva. Deixe-a viver! Faça com que fique boa outra vez. Não deixe que seja nada tão grave. Se ela ficar boa, pode ter outro bebê. Talvez não. Talvez nunca mais. Como quiser, meu Deus, mas que ela fique boa outra vez. Por favor, por favor, não deixe que ela morra ou fique aleijada, eu suplico! Se ficar aleijada, deixe-a viver. Por favor, por favor! Farei tudo o que você quiser, mas deixe-a viver. Por favor, que ao menos viva. E se for possível, que não fique aleijada! Talvez ela ainda possa ter outro bebê...

Continuei rezando, e a tempestade uivava cada vez mais. Fiquei sentado duas horas e meia diante daquela porta, e ninguém passou por ali todo aquele tempo.

41

Duas horas e meia depois a inscrição luminosa se apagou.

Abriram a grande porta. Dois homens de branco empurraram uma maca para fora. Andréia estava ali deitada. Coberta até por cima do nariz. Só vi a testa branca como giz, e o cabelo castanho desgrenhado. Ao lado da maca os dois empurravam um aparelho de soro, do qual um canudo de plástico ia até embaixo do cobertor.

— Andréia! — Eu levantara de um salto e corria ao lado da maca.

— Não — disse um dos homens.

— O que aconteceu com ela? Como está ela?

— O médico vai lhe dizer. Espere um momento! Ele já vem...

— Andréia... — tentei tirar o pano branco de seu rosto.

— Não faça isso! — disse o outro, zangado. — Ficou louco?

— Ela está morta?

— Não.

— Para onde estão levando minha mulher?

— Unidade de Tratamento Intensivo...

— O senhor não pode ir junto.

— Ela vai morrer?

— Por favor, tenha juízo. Sua mulher acaba de ser operada, ainda está inconsciente. Não pode vir junto, eu já disse. Por favor, sr.

Kent!

Fiquei parado olhando os dois homens que empurravam a maca e desapareciam numa curva do corredor. Voltei ao banco, e lá estavam a bolsa e o envelope amarelo. Três médicos e duas enfermeiras saíram da sala de operações, e seguiram depressa pelo

corredor onde Andréia sumira. Dez minutos depois a porta se abriu outra vez, e o Dr. Wegner saiu. Usava um terno azul-escuro e estava sem gravata. A camisa branca aberta no peito. Fundas olheiras negras apareciam debaixo dos olhos, seu rosto estava cinzento.

Parecia totalmente exausto. Quando me viu, só balançou a cabeça.

— O que há com minha mulher, doutor?

Ele disse com voz rouca:

— Um colega e eu a operamos.

— Muito grave?

Ele fez que sim novamente.

— Ruptura do fígado com forte hemorragia. Tivemos de fazer ressecção de grande parte do fígado.

— Que é ressecção?

— Retirar as partes esmagadas.

— Mas sem fígado... — Não pude continuar.

— O bebê estava morto. Tivemos de retirá-lo. Cesariana — disse ele. — Em geral se deixa o bebê no ventre materno mesmo em acidentes graves, mas quando está vivo. Esse estava morto. Foi preciso retirar.

— Minha mulher vai morrer?

— É um caso muito grave, sr. Kent. Tenho de lhe dizer a verdade. É mais do que muito grave. Tentaremos tudo na Unidade de Tratamento Intensivo.

— Não a posso ver lá, não?

— Não. Quer dizer, por enquanto não. Ela não está consciente.

Realmente, lamento muitíssimo. Não faz sentido o senhor esperar aqui. Vá para casa. O senhor mora perto. Se o estado dela melhorar,

ou piorar, nós telefonaremos imediatamente. De carro estará aqui em quinze minutos.

— Não quero ir para casa. Quero ficar aqui.

— Pode levar muitas horas, a noite toda, o dia de amanhã todo, até ela recuperar a consciência. Por favor, vá para casa, sr. Kent. O senhor não vai agüentar aqui.

— Sim.

— Não. Eu fico aqui. E prometo que lhe telefonarei, assim que o senhor puder falar com sua mulher.

— Na UTI? Nunca vão me deixar entrar lá.

— Vão deixar. Basta que vista as roupas adequadas. Prometo que o deixam entrar na UTI assim que puder falar com sua mulher, assim que ela puder falar. Não tem confiança em mim, sr. Kent?

— Tenho, doutor.

— Então vá agora, por favor. — As olheiras estavam ainda mais escuras, e ele mais cinzento. Apertei-lhe a mão e encaminhei-me para o elevador.

42

A tempestade de neve continuava.

Chegando em casa deitei-me na cama, mas não agüentei muito tempo e sentei-me na sala. Mas também não agüentei, andei de um quarto a outro, na cozinha também, e por toda parte só ficava pouco tempo. Por fim sentei-me no quarto da cadeira de balanço.

Diante da janela a tempestade balançava violentamente de um lado para o outro os galhos das velhas árvores antigas que Andréia tanto amava. Estavam nuas e negras, e brilhavam.

Contemplei o quadro com a caveira, o livro velho, a vela consumida, a ampulheta esvaziada, e outros sinais de deterioração, cujo original Adrian van Utrecht pintara no século 17, o quadro que Andréia fitava tantas vezes para nunca se esquecer de que tinha de morrer. Ali agüentei, ali fiquei sentado.

Meus membros estavam pesados, não podia pensar nem sentir claramente. Assim devia sentir-se um boxeador que acaba de ser nocauteado. Fiquei ali sentado olhando o quadro, mas na verdade nem o enxergava. Era como se eu nem existisse, mas mesmo assim vivesse e respirasse. Depois me ocorreu que não podia perder nenhum telefonema, podia ser do Dr. Wegner. Peguei o aparelho e liguei-o na tomada junto da cadeira de balanço. Uma hora depois, o telefone tocou. Alguém discara número errado e pediu desculpas.

Fiquei sentado quieto, pensando que Andréia ia morrer. Não tinha mais chances. Com uma lesão daquelas no fígado não se tem chance, ninguém tem. E pensei que naquela noite ainda dormira com ela, e de manhã tomara café com ela, e depois fora com ela à livraria. E agora ela ia morrer. Talvez agora, logo, talvez só amanhã ou depois, mas boa ela não ficaria mais, nem continuaria vivendo.

Sem fígado ninguém vive.

Tentei rezar. Não queria mais rezar para que Deus deixasse Andréia viver, sabia que era impossível. Queria apenas pedir a Deus que não a deixasse sofrer. Mas não podia pensar com coerência, de modo que nada de oração. E a tempestade continuava, e muitas vezes eu mal divisava as velhas árvores atrás dos redemoinhos de neve.

Por volta das cinco horas o telefone tocou outra vez.

Era o comissário Hübner. Sabia que Andréia estava na UTI.

Falara com o Dr. Wegner.

— Estou telefonando só para dizer o quanto sinto tudo isso, sr. Kent.

— Sim — disse eu. — Obrigado, comissário.

— Posso fazer alguma coisa pelo senhor?

— Não.

— Quer que eu vá para aí?

— Não, por favor, não. Prefiro ficar sozinho. Estou aqui sentado esperando que me chamem para o hospital. Mas pode demorar muito.

— Sim — disse ele. — Receio que demore muito.

— Vou esperar.

— Não temos o menor sinal desses rockers.

— Ah.

— Estamos procurando feito loucos.

— Sim.

— Mas com esse tempo eles têm todas as chances, e nós, nenhuma.

— Não.

— É horrível. Gosto tanto de sua esposa, sabe, ela realmente me tocou o coração.

— Ela também gosta muito do senhor, comissário.

— E não há realmente nada que eu possa fazer pelo senhor?

— Não, comissário — respondi, e desliguei.

Pelo entardecer apareceu Raven.

— Eu quis vir mais cedo — disse ele —, mas achei que era melhor deixá-lo sozinho primeiro, e não quis telefonar. O Apre achou a mesma coisa. Ele está na livraria... com esse tempo ele dará conta de tudo sozinho. As poucas crianças que foram à livraria já foram apanhadas. Posso entrar?

— Claro — disse eu. — Por que não?

Ele tirou o sobretudo, pendurou-o num cabide e disse: — Vou fazer café.

Foi à cozinha, e fui atrás dele, e olhei enquanto ele fazia café.

Tomamos café na sala. Lá eu deixara a bolsa de Andréia e o envelope amarelo com as fotos. O sangue secara. Enquanto tomávamos café mostrei a Raven os muitos retratos. Lá estava eu na floresta, quando acabara de escorregar. Estava sentado num grande monte de neve e tinha neve na cabeça e nos ombros, e ria. Lá estávamos Andréia e eu no trenó a caminho de Scharmoin, lá estava a casa de Scharmoin onde tínhamos comido a boa sopa de ervilhas com lingüiça e toucinho. Lá estava Andréia acariciando o cavalo. Mostrei a Raven fotos dela no lado e diante da pista de patinação, e com Peru, o são-bernardo, e outras fotos dela com o casal Trösch, e sozinha diante da tabacaria, e em traje de noite no jantar de Natal, e cheia de confetes na noite do Ano-Novo. Depois mostrei a Raven fotos das altas montanhas e do grande vale e do hotel e depois novamente de Andréia, e ela estava rindo em todas as fotografias. Também havia fotos de Andréia com a pequena Luzia Trösch nos braços, e ambas estavam rindo, Andréia e o bebê.

O sangue passara o papel do envelope, de modo que muitas fotos tinham manchas de sangue. Era o sangue de Andréia, e eu disse:

— Agora ela vai morrer, sr. Raven.

E ele não respondeu. Recolhi todas as fotografias e meti-as no envelope amarelo.

— Uma maldade dessas — disse eu. Depois ficamos ali sentados em silêncio, e escureceu totalmente, mas não acendemos a luz, continuamos sentados no escuro. A tempestade varria a casa e nenhum de nós disse nada. Tentei hipnotizar o telefone para que tocasse, mas não consegui. Às oito da noite não agüentei mais e liguei para o Hospital Heidberg; pedi para falar com o Dr. Wegner e ele atendeu imediatamente.

— É Kent — disse eu.

— Cedo demais, sr. Kent — disse ele. — Ela ainda está inconsciente, e pode demorar muito. Por favor, acredite: tão logo for possível falar com ela, eu lhe telefono. Vou passar a noite aqui.

— E se ela não voltar a si, e morrer logo?

— Não vai acontecer isso.

— Sim, sim, sim — disse eu. — Mas se...

— Então lhe telefono imediatamente e o senhor poderá vir. Está sozinho?

— Não, o sr. Raven está aqui, um amigo da livraria.

— Isso é bom. Posso falar com ele?

— Um momento. — Passei o fone a Raven, que disse boa-noite, escutou um pouco e disse três vezes "sim". Depois desligou.

— Sim o quê? — perguntei.

— Sim, vou ficar aqui esta noite — disse ele.

— Não é preciso.

— É preciso, sim. E também é preciso que coma alguma coisa.

Não comeu nada desde esta manhã. Vou fazer batatas assadas.
— E foi para a cozinha. Mais tarde comi um pouco, depois ficamos sentados na sala, calados. Uma vez, por volta da meia-noite, eu disse:

— Ainda nem lhe agradei por ter cuidado das flores de Andréia, sr. Raven.

— Pare com isso! — disse ele. — Foi uma alegria para mim. Ela tem flores tão bonitas. De dois em dois dias eu vinha aqui. Gosto de flores.

Depois nos calamos outra vez. Nenhum de nós dormiu naquela noite, e a tempestade ainda rugia lá fora. Ouvimos duas vezes o arranhar das grandes pás das patrôas que limpavam a neve, e muitas vezes escutamos o uivo de sirenes. Raven preparou o café quando finalmente clareou, e ficamos sentados no nicho da cozinha, que lembrava tanto o convés de um iate. Raven conseguira pãozinhos frescos, e trouxera para dentro o jornal do dia, que estava diante da porta. Comi meio pãozinho, mais não consegui engolir. A manchete do jornal dizia: POLÔNIA: SOLIDARIEDADE CONVOCA NOVAMENTE PARA GREVE GERAL. Quando eu enchia minha xícara pela segunda vez, o telefone tocou. Era o Dr. Wegner: — Pode vir logo, sr. Kent?

— Sim. Ela está consciente?

— Mais ou menos. Venha imediatamente.

Eu disse a Raven que Andréia estava consciente, e ele disse que ficaria ali esperando por mim. Encontrei as chaves do carro com os documentos na bolsa de Andréia, mas quando cheguei à rua vi que o Mercedes que Andréia estacionara ali antes de ir a pé à loja de fotos estava totalmente preso na neve. Corri de volta ao apartamento e telefonei para um táxi, mas tive de esperar meia hora até chegar um.

O motorista disse que a Central e todos os motoristas estavam incrivelmente assoberbados, porque quase ninguém andava com seu próprio carro num tempo louco daqueles. Não chegou a clarear direito naquele dia, e no Hospital Heidberg havia luzes acesas por toda parte.

O Dr. Wegner esperava por mim na portaria. Fomos juntos ao edifício da cirurgia, e subimos no elevador até o terceiro andar, onde o Dr. Wegner me levou à UTI. Não trocamos nem dez palavras. Numa ante-sala da UTI tive de enfiar sapatos brancos, depois tiraram meu casaco e me vestiram um avental verde. Também tive de pôr um gorro verde no cabelo e amarrar uma máscara diante da boca. Assim pude finalmente entrar no quarto onde estava Andréia. O quarto era dividido por uma parede de vidro ao lado da cama, e atrás dessa parede ficava uma jovem enfermeira que observava Andréia e muitos aparelhos em painéis de aço brilhante. Alguns ficavam por cima e ao lado da cama de Andréia, outros atrás da vidraça.

Andréia estava deitada de costas, e alguém colocara um pano sobre seus seios nus. Vi muitos canos finos e coloridos presos ao seu busto. Os canos entravam nos aparelhos com os quais se controlava o coração, a circulação, a respiração e muitas outras funções do corpo. Um cano mais grosso tinha uma agulha na ponta, e a agulha estava enfiada debaixo do braço direito de Andréia, na veia. Esse cano ia até um frasco de soro, pendurado ao lado da cama. O rosto de Andréia estava muito pequeno e branco, e seus olhos imensos. Os lábios estavam rachados e viam-se os dentes, mesmo quando ela não falava. Ao lado da cama havia uma banquetela na qual me sentei, e disse: — Bom-dia, meu amor.

— Bom-dia, meu amor — disse ela, e sua voz estava surpreendentemente forte. Eu tinha pensado que ela mal conseguiria sussurrar. O Dr. Wegner dissera que ela estava “mais ou menos” consciente, e era exatamente isso. Ela falava alto comigo, encarou-me o tempo todo fixamente, mas não estava integralmente ali

comigo. Uma fixidez leitosa permanecia em seu olhar, e ela parecia profunda e firmemente emparedada na prisão de seus pensamentos.

Apesar da força de sua voz, ainda estava gravemente abalada pela longa inconsciência.

— Tenho de morrer — disse ela.

— Esquilinha! Que absurdo! Como pode dizer uma coisa dessas!

— exclamei.

— Tenho de morrer — disse ela mais uma vez. — Odeio tanto ter de morrer, queria tanto viver ainda muitos anos com você.

— E vai — disse eu. — Vai viver muitos, muitos anos comigo, vamos ficar velhíssimos, nós dois, e também vamos ter um bebê quando você estiver bem boa.

— Não vamos ter bebê. Não vou mais ter. É muito triste. Mas então estarei morta. Você, você não vai ter mais nenhuma Andréia.

— Ela fechou os olhos, eu olhei apavorado para a enfermeira atrás da vidraça, mas esta balançou a cabeça tranquilizando-me.

— Você sente dores?

Andréia abriu os olhos outra vez.

— Não sinto dor nenhuma, meu Gato amado — disse ela. — Só é tão triste que eu tenha de deixar você.

— Você não vai me deixar, amada.

— Sim — disse ela. — Sim, Gato, logo. Por isso fechei os olhos, porque é tão triste. Por que foi acontecer isso? Não fizemos nada de mal. — E eu pensei que tinha matado um homem. — É tão injusto — disse ela. — É mesquinho e injusto. Ah, Gato, se eu pudesse ficar com você!

— Você vai, você vai ficar. Vai ficar bem boa outra vez. Ainda está muito fraca, foi uma operação séria. Está cansada e desanimada agora, por isso anda com essas idéias. Mas espere dois, três dias, e

vai se sentir bem diferente. — Notei que o Dr. Wegner entrara no quarto e parara ao lado da enfermeira.

— Não posso mais esperar dois, três dias — disse Andréia. — Temos pouco tempo. Por isso me deixe falar, amado. Preciso lhe dizer uma coisa. Me deixe falar, sim?

— Sim, claro.

— Você terá outra mulher depois de mim...

— Não quero outra mulher.

— Não logo. Mais tarde. Precisa ter outra mulher. Não pode viver sozinho. Prometa que terá outra mulher, Gato!

— Não existe outra mulher para mim — disse eu.

— Não, não será uma Andréia — disse ela. — Mas outra mulher que você ame, e que ame você. Então tenho um pedido.

— Sim, Esquilinha?

— Que você não a chame de Esquilinha, nem ela o chame de Gato. Promete?

— Claro que prometo. Mas...

— Me deixe falar. Não quero que você lhe dê nome de bicho.

Nem ela a você. Nada de nomes de bichos, sim?

— Sim.

— De verdade? ;

— De verdade. Olhe aqui, Esquilinha...

— E ela também não lhe dará nenhum, com certeza, sim?

— Sim. Eu...

— E por favor, Gato, nunca vá com ela para Reinbeck. Você já sabe. Você não vai para lá com ela, vai?

— Nunca, Esquilinha. Mas agora me deixe...

— E por favor, Gato, nunca brinque com ela como brincava comigo. Você sabe do que estou falando. Os nossos brinquedos. Não quero que brinque assim com nenhuma outra mulher. Promete isso, Gato?

— Claro que prometo — disse eu. — Mas só estou escutando tudo isso porque você está tão fraca, senão ficaria zangado com você.

É tudo uma bobagem sem tamanho. Você nem imagina o quanto ainda vamos brincar juntos, Esquilinha!

— E a livraria — disse ela. — Quero que tudo continue na livraria, por causa das crianças. Você não deve fechar a livraria, me prometa isso também.

— Vou continuar com a livraria — disse eu. — Mas realmente, Esquilinha...

— Você prometeu — disse ela. — Prometeu... Tudo — O rosto dela estava infinitamente cansado. — Por favor, você pode me beijar?

Mas só se não for desagradável para você. Passaram qualquer coisa nos meus lábios, é tão amargo.

Levantei-me e beijei-a docemente nos lábios, e havia realmente um gosto muito amargo.

— Obrigada — disse Andréia. — Você sempre foi maravilhoso comigo, e eu o amei tanto. Mas agora você quer ir embora, por favor?

Olhei para o Dr. Wegner através da vidraça e ele moveu a cabeça afirmativamente.

— Bom — disse eu. — Vou agora, querida, mas volto logo. Então você vai estar muito melhor, e não vai mais falar essas coisas.

— Adeus, Gato — disse ela.

— Adeus, minha Esquilinha amada — disse eu.

Na porta, voltei-me mais uma vez, mas ela olhava fixamente o teto, e não me percebia mais. Saí do quarto. Na ante-sala tirei o avental verde e os sapatos brancos, o gorro e a máscara, e vesti outra vez o casaco e o sobretudo. Então o Dr. Wegner saiu pela outra porta.

— Foi bom ter saído — disse ele.

— Ela me mandou embora — disse eu.

Andamos juntos por um longo corredor.

— Posso voltar?

— Sim — disse ele. — Mas só quando eu chamar.

— Hoje ainda?

— Não sei. Talvez de noite.

— Doutor — disse eu —, ela vai morrer mesmo?

— Sim — disse ele.

— Nenhuma chance?

— Não acontecem milagres, sr. Kent — disse ele, pondo a mão no meu ombro.

De repente alguém chamou o nome dele. Viramo-nos, e a jovem enfermeira que estivera sentada atrás do vidro observando os aparelhos vinha correndo ao nosso encontro, e chamava enquanto corria:

— Dr. Wegner, venha depressa! Depressa!

— O que foi? — perguntei.

— Sua mulher perdeu a consciência — disse a enfermeira, e voltou correndo com o Dr. Wegner para a UTI.

Três dias mais tarde, na sexta-feira, 22 de janeiro, foi a cerimônia fúnebre no Crematório, no cemitério Ohlsdorf, coberto de neve. Andréia queria ser cremada, o que havia algum tempo já era permitido aos católicos. A tempestade cessara, mas nevava sem parar. A terra estava mergulhada em neve. Trens e aviões não andavam, regiões inteiras estavam isoladas do mundo.

O grande saguão do Crematório estava repleto de gente, especialmente crianças. Todas as crianças que tinham conhecido Andréia estavam lá. Tinham trazido seus pais, como quando nos casamos. Eu nem podia acreditar que tantas crianças tivessem lido e brincado em nossa livraria. E mais uma vez, eram crianças das mais diversas religiões, nações e raças. Os amigos e conhecidos de Andréia também vieram, naturalmente o Dr. Wegner e o comissário Hübner também. Eu estava sentado na primeira fila ao lado dos pais de Andréia. Também estavam na primeira fila Raven, Stark e Bernadette, e só faltava uma criança — Patty. Não tínhamos qualquer notícia dela e de seu avô. Estavam na Polônia, inatingíveis para nós. A livraria fechara naquele dia. Havia tantas crianças e adultos no Crematório, que muitos tiveram de ficar em pé.

O caixão repousava sobre um pedestal. Coroas com fitas e grandes ramos estavam ali depositados, entre eles ramos bem simples e pequenos, dos pais das crianças pobres. Mal se via o caixão naquele mar de flores.

Num quarto ao lado, um estudante da Faculdade de Música tocava, e a música era transmitida para a sala grande por um alto-falante. O rapaz também era amigo de Andréia, e tocava uma peça que ela amara imensamente: o trecho lento, só para instrumentos e cordas, da Suíte para Orquestra em Ré Maior, de Johann Sebastian Bach, chamado Ária. O jovem tocava esse trecho solene sozinho em

seu violino. A beleza da melodia não parecia deste mundo, e todos os que a ouviam estavam paralisados.

Depois falou o jovem padre que nos casara. Falou de maneira muito afetiva e simples, e muitas pessoas choraram, especialmente a mãe de Andréia. Depois, para minha surpresa, Robert Stark, o Apre, levantou-se e foi até a frente no seu terno escuro, e lá, virado em parte para nós em parte para o caixão, começou a falar. Como aquela vez na igreja, quando nos casamos, ouvia-se um murmúrio constante — eram as muitas vozes infantis, altas e baixas, traduzindo o que Robert Stark dizia para os pais que entendiam pouco ou nada de alemão.

— Querida Andréia — disse Robert Stark —, hoje estamos contigo pela última vez. Viemos para te acompanhar ao umbral e te contemplar mais um pouco, antes que saias desta vida. Estamos te acompanhando com o olhar, enquanto, com teu belo andar e teus grandes olhos sempre vigilantes, olhando à direita e à esquerda, cheios de curiosidade e interesse, te apresses em ir para teu novo trabalho, para teus velhos amigos que esperam por ti há tanto tempo: para junto de Erich Kästner e Emil com todos os seus detetives, Hans Christian Andersen e a menina dos fósforos, Mark Twain e Tom Sawyer com Huckleberry Finn, Selma Lagerlöf e o pequeno Nils Holgersson com seus gansos selvagens, Lewis Carroll e sua Alice no País das Maravilhas, e para junto de todos os outros escritores que escreveram livros para a juventude, e para junto de suas personagens. Há muito tempo é desejo de todos esses escritores abrir uma livraria para crianças junto contigo. Os livros já estão todos lá, e também encontraram uma livraria, só que primeiro ela precisa ser arrumada para as crianças. Para isso precisam de ti, pois só tu sabes como se faz isso, por isso teus amigos esperam por ti com grande impaciência. Não os queres fazer esperar mais tempo, compreendemos isso.

“Compreendemos tua pressa, mas por favor, pára um pouco ainda. Por favor, pára, vira-te e ouve-nos alguns minutos ainda!

“Quem de nós deverá ser de agora em diante a alma da livraria que nos deixaste? Quem de nós deverá saber agora exatamente que livro serve para que criança, uma pessoa que conheça mentes e corações das muitas crianças que aqui foram tuas amigas, quem fará isso tão bem quanto tu o fizeste? Quem a partir de agora cuidará da paz e amizade entre as diversas crianças que serão os adultos de amanhã, entre pobres e ricos, judeus, cristãos e maometanos, entre turcos, iugoslavos, espanhóis, italianos, gregos e alemães? Nenhum de nós tem o teu senso de justiça, o teu amor que envolve todas as pessoas desta terra, tua memória fabulosa, tua força de trabalho, tua inabalável energia, tua alegria, teu espírito claro e alegre.

“Estamos ouvindo tua voz: ‘Crianças, agora me deixem ir! Há tantas outras que precisam de mim. E a vocês eu já ajudei e aconselhei tantas vezes.’

“Vamos ter de nos arranjar com isso, na verdade há muito sabíamos. Tu, a bondosa amiga dos seres humanos, especialmente das crianças, és importante demais para que possamos te reter. Não pertences só a nós. Sim, és tão sábia e importante e necessária, que nem ao menos podes ficar com teus parentes, que te amam acima de todas as coisas. Pois teu espírito e teu ser te tornam indispensável no mundo inteiro, e com isso quero dizer todo o mundo realmente, este e o outro, onde te esperam teus amigos e tantas crianças, para que também a eles leves alegria, justiça e sabedoria.

“Vai pois, querida Andréia, para junto de teus amigos escritores que como tu amaram as crianças, a verdade, e tudo o que é bom no ser humano, e com eles organiza uma nova livraria, maravilhosa e imensa!

“Tu bebeste do mar dos livros e ainda assim continuaste sempre sedenta de saber; conheceste a vida e não ficaste melancólica, mas permaneceste alegre; foste devotada aos teus amigos, amaste os teus amados, te dedicaste aos teus deveres, mas no teu interior continuaste livre. Provavelmente compreendeste tua existência, juntamente com Gotthold Ephraim Lessing, a quem veneravas, da

seguinte maneira: justificar-se só diante de Deus, não ser senhor nem escravo de pessoa alguma, mas irmã solícita de todos nós.

“Pois então, adeus! Saúda de nossa parte a todas as crianças e escritores que escreveram para crianças, o velho Milne e o Urso Pu, Robert Louis Stevenson e sua Ilha do Tesouro, Jonathan Swift e seu Gulliver, Daniel Defoe e seu Robinson e Karl May com seu Winnetou, todos os que já trilharam este caminho antes de ti. Diz-lhes: mais um pouquinho ainda... e nós também iremos.”

Os pais de Andréia quiseram cuidar de mim, também seus amigos, e o Apre com Bernadette e Raven, e até o comissário Hübner.

Mas pedi que me deixassem sozinho, e por fim fugi e consegui um táxi que me levou para casa, para o grande e belo apartamento.

Agora que não havia tempestade, estava tudo muito quieto lá dentro.

Deitei-me em nossa cama e adormeci, pois tomara calmantes fortes naquela manhã, e quando acordei estava escuro, eram três horas da madrugada. Então comecei a beber, e quando estava bêbado procurei na estante de discos a Suíte para Orquestra em Ré Maior de Bach, com o lento trecho para cordas, a Ária. Quando encontrei o disco e ia pôr no prato, vi que já havia um disco ali. Era The man I love. Então peguei o velho setenta e oito rotações e o quebrei. Com isso cortei a mão, e a ferida sangrou muito. Enrolei-a numa porção de ataduras, depois coloquei o disco de Bach, sentei-me numa funda poltrona, continuei bebendo e esperei pelo trecho lento que, diferente do Crematório, não era um solo de violino, mas toda uma orquestra de cordas. Ouvi aquele trecho solene outra vez e outra vez. E recolocava a agulha na ranhura onde esse trecho começava, e ficava cada vez mais embriagado. Na mesa à minha frente estava o envelope ensangüentado com as muitas fotografias de Valbella, e fiquei olhando todas elas. Mas algum tempo depois não agüentei mais.

Peguei os retratos, fui ao banheiro, rasguei todos eles e joguei os pedacinhos na banheira. Ali incendiei o monte todo. Como ardesse muito mal, despejei álcool puro da pequena farmácia caseira, e então queimou tudo muito bem, mas com muita fumaça. Comecei a sufocar, e mal pude abrir a janela antes de cair no chão. Devo ter ficado algum tempo desmaiado no chão. Mas não era

envenenamento pela fumaça, e sim o efeito do uísque aumentado pelos fortes calmantes, e quando voltei a mim estava com muito frio, porque nevara para dentro do banheiro. Fechei a janela, voltei à sala e continuei bebendo. Bebi até adormecer outra vez. Sonhei com Valbella. Estávamos indo de trenó para Scharmoin. Mas então no sonho lembrei-me de que Andréia estava morta, e acordei. Clemens Raven estava sentado na minha cama. Estava escuro no quarto, e me senti horrivelmente mal.

— Que horas são? — perguntei.

— Sete e meia. Vou fazer o café — disse ele.

— Não quero café — disse eu.

— O senhor precisa comer e beber.

— Vou beber já e já — disse eu.

— Sim, chá — disse Raven.

— Não, uísque — disse eu.

— Agora acabou essa bebedeira!

— Como foi que entrou no apartamento?

— Eu ainda tinha a chave que sua mulher me deu antes das férias.

— Vá embora — disse eu.

— O quê?

— Vá embora.

— Fico aqui.

— Vá embora, por favor!

— Eu fico — repetiu ele calmamente.

— Seu bom samaritano — disse eu. — Então vou ter que botar você na rua. — Levantei-me na cama e senti uma pontada forte do lado esquerdo do peito, e caí para trás.

— Ótimo — disse Raven.

Fiquei deitado quieto, respirando bem superficialmente, esperando não ter nenhum ataque.

— Dores? — perguntou ele.

Não respondi.

— Se tiver dores terei de telefonar imediatamente ao Dr. Salzer.

Diga a verdade.

— Quem é o Dr. Salzer? — perguntei.

A ferroada não se repetira.

— Seu médico. Não sabe como se chama o seu médico?

— Claro que sei. Mas como é que você sabe?

— Sua mulher me disse logo que comecei a trabalhar na livraria.

Também me deu o endereço e telefone dele. Graças a Deus! Ou teríamos tido umas belas horas ontem de tarde.

— Como, ontem de tarde?

— Não sabe?

— Não.

— Realmente não?

— Não, que diabo. O que houve, ontem de tarde?

— Santo Deus, como estava embriagado!

— Então, quer me dizer o que houve ontem de tarde?

E ele me contou.

Chegara pelas três horas e me encontrara na cadeira, rosto roxo, a mão apertada ao peito. O toca-discos estava ligado, mas o disco acabara. Raven pensara primeiro que eu só podia balbuciar por ter tido um ataque, mas depois viu que eu não podia falar de tão bêbado. E não tivera ataque, apenas dores muito intensas no

coração. Assustado, Raven telefonara para o Dr. Salzer, que viera imediatamente, me aplicara uma injeção, e ficara ali uma hora.

Juntos me levaram para a cama, e Raven prometeu ficar comigo. Se eu continuasse sentindo dores, ele teria de telefonar imediatamente para o médico. Eu dormira longo tempo, profundamente.

— O médico vai passar aqui às dez — disse Raven. — O senhor fica na cama. Não deve beber café hoje, vou fazer chá para nós.

E foi à cozinha.

Levantei-me, mas cambaleei de volta para a cama.

Ele voltou praguejando.

— Eu disse que devia ficar deitado!

— Preciso ir ao banheiro.

Ele me levou até lá, esperou e me trouxe de volta, e fiquei muito grato pela sua presença. Sozinho eu não teria conseguido. Tomei chá, até comi um pãozinho com manteiga e geléia, e às dez o Dr.

Salzer realmente veio e me examinou.

— Vou lhe dar mais uma injeção — disse ele. — Como prevenção. Embora hoje esteja bem melhor do que ontem. Tem de continuar deitado, sr. Raven...

— Eu fico aqui.

— Muito bem — disse o Dr. Salzer.

— Mas a livraria... — disse eu baixinho.

— O Apre está lá e um amigo meu, livreiro aposentado, que está nos ajudando. Não se preocupe com a livraria! — disse Raven.

— Andréia não queria que ficasse fechada — disse eu.

— Ela disse isso? — perguntou o médico.

— Sim.

— Quando?

— Alguns minutos antes de sua morte ela disse que a livraria não deve fechar — disse eu.

— Descubra o braço! — O médico abriu a maleta preta e preparou uma injeção. — Esta noite passo aqui outra vez — disse ele, enquanto pegava a borracha para amarrar o braço. — Agora, feche o punho! Bombeie um pouco. Abra, feche. Tem umas veias horríveis. Aqui está uma — Esfregou a pele com algodão embebido em álcool, depois aplicou-me a injeção, e logo adormeci. Sonhei com os elefantes.

45

Acordei ao anoitecer, pouco antes da chegada do médico.

Ele me examinou e fez um eletrocardiograma com um aparelho que trouxera.

— Tudo bem — disse ele. — Amanhã pode levantar. Álcool proibido. Não totalmente, apenas essa bebedeira. E tem de comer regularmente.

— Esta noite teremos assado e salada — disse Raven. Estava com a barba por fazer, e me disse: — Fui fazer compras enquanto o senhor dormia.

— Obrigado — disse eu.

— Por quê?

— Por tudo — disse eu. — Você sabe.

— Ora, merda.

Depois que o médico se foi, levantei-me, vesti um robe e fui à cozinha ver Raven preparar o jantar. Comemos no nicho, e pensei em Andréia. Era muito doloroso, mas comi meu assado e a salada. E Raven ficou sentado à minha frente, lá onde Andréia sempre ficava.

— Agora pode ir para casa — disse eu. — Prometo que não bebo mais.

— Eu ainda fico — disse ele.

— Santo Deus, mas você tem de dormir!

— Na cama de hóspedes — disse ele. — A carne estava boa?

— Ótima.

— Não estava passada demais?

— No ponto. Você cozinha muito bem.

— Meu hobby — disse ele. — Hoje há um policial na televisão.

Com Allain Delon e Lino Ventura. Não podemos perder. E vai ganhar um copo de uísque. O médico permitiu.

— Raven, você é um sujeito e tanto.

— Sim, eu sei.

— Não, é verdade.

— Eu sei que é verdade. Coma mais salada.

Limpamos a cozinha juntos, depois assistimos ao filme policial.

Mais tarde emprestei um pijama para Raven e fomos um depois do outro ao banheiro, e notei que ele limpou a banheira e tirou as fotos queimadas. Quando eu já estava na cama, ele veio mais uma vez ao meu quarto dar boa-noite, e eu disse: — Foi um bonito discurso aquele do Apre, não foi?

— Muito bonito — disse ele. — Realmente.

Naquela noite não sonhei nada, e no dia seguinte fui com Raven à livraria. Ainda nevava. À tarde vieram as crianças e me deram a mão. Estavam todas muito sérias. Tinham pedido O Urso Pu, A Ilha do Tesouro, Robinson Crusoe, e todos os livros mencionados no discurso de Robert Stark, e o pequeno Ali, Félix e outras crianças que sabiam ler bem queriam ler para as outras os trechos mais bonitos desses livros. Seria o programa dos próximos tempos, explicou-me Marili. Naquela dia tinham escolhido A Viagem Maravilhosa de Nils Holgersson com os Gansos Selvagens, de Selma Lagerlöf. Ali leu, e as crianças ouviram atentamente.

O amigo de Raven, o livreiro aposentado, dava uma impressão muito boa. Chamava-se Schneider, Tomas Schneider, e disse que estava muito feliz por voltar a uma livraria, e que ficaria o tempo que precisássemos. E que eu podia procurar calmamente um livreiro mais jovem.

Desci para junto das crianças e escutei Ali por algum tempo.

Depois voltei à livraria e vendi livros como fazia antes, quando Andréia ainda vivia. Fiz tudo com atenção e cordialidade, mas naturalmente pensava só nela o tempo todo. De vez em quando ia ao Cat's Corner beber um copo, nunca demais, e ao meio-dia o Apre foi apanhar sanduíches na confeitaria do lado, como sempre. À noite, Raven, o Apre e Bernadette, que trabalhara de dia, foram comigo a um pequeno restaurante italiano. Eu estava com muita fome e tomei alguns copos de Chianti, e estava muito calmo, embora só pensasse em Andréia o tempo inteiro, não importava o que fizesse.

Raven queria passar a noite comigo outra vez, mas eu lhe disse que não era preciso, e ele não insistiu. Sozinho no apartamento, passei por todos os aposentos e vi todas as coisas que tinham sido de Andréia: pentes e escovas, batons e potes de creme em seu toucador.

Agüentei firme, e até abri os armários para olhar seus vestidos, casacos e roupa íntima. Por fim contemplei o quadro memento-mori, e decidi olhá-lo sempre, como ela o fizera. Naturalmente não acreditava que nos reencontrássemos depois da minha morte, nem em todas essas bobagens.

Assim se passaram os dias seguintes. Eu fazia meu trabalho, e me ocupava com as crianças, à noite ia com Raven e os outros ao restaurante italiano. Depois ia para casa e logo me deitava. Dormia bem e não tinha sonhos, e quando acordava imediatamente pensava em Andréia, e em tudo o que tínhamos vivido juntos, desde o começo. Eram só lembranças maravilhosas, e agora eu não queria mais me matar como no começo, pois se eu me matasse não haveria mais ninguém para recordar tudo aquilo.

Quando na quinta-feira, 28 de janeiro, voltei para casa à noite, encontrei entre a correspondência que o carteiro jogara na fenda da porta uma carta do Juizado de Menores do Distrito de Hamburgo-Norte. O texto impresso, preenchido a mão apenas em algumas partes, dizia que devia me apresentar o mais depressa possível à Kümmelstrasse 7, sede do Juizado, terceiro andar, sala 36, entre oito

e doze horas, exceto nos sábados. Telefonei a Raven falando da carta, mas nem ele nem eu podíamos imaginar o que os agentes queriam de mim. Por isso, já na manhã seguinte fui à Kümmelstrasse 7, terceiro andar, sala 36.

46

Reinhold Ferber, chamava-se o homem da sala 36, era o chefe do Juizado. Isso estava escrito num cartãozinho do lado de fora da porta. Na verdade, a sala 36 era de uma secretária. O escritório dele ficava ao lado, e a secretária, uma senhora idosa e grisalha, me levou imediatamente a ele. Ele apertou minha mão e me pediu para sentar.

Os móveis da sala eram de madeira clara, e tudo cheirava a desinfetante. O juiz Reinhold Ferber devia ter a minha idade. Tinha um rosto muito sensível com bonitos olhos azuis, e belos dentes.

Ferber usava uma belíssima dentadura postiça.

— Infelizmente tenho uma triste notícia para o senhor, sr. Kent.

— Abriu uma pasta fina que tirara da escrivaninha e me fitou gravemente com seus belos olhos azuis. — O senhor era amigo de Walter Hernin, não era? Pelo menos foi o que ele disse no hospital; aos médicos e aos policiais. Muito amigo, não?

— Sim, muito — disse eu. — Como, hospital? Quando? Onde?

— Em Glatz, sr. Kent — disse Ferber, e passou a mão pelo cabelo louro e muito curto. — O sr. Hernin adoeceu em Águas Perdidas: pneumonia. E quando piorou foi levado para o Hospital Municipal de Glatz. Dezoito de dezembro.

— Dezoito de dezembro! — Levantei a cabeça. — Hoje é 29 de janeiro.

— Não esqueça o que está acontecendo na Polônia — disse Ferber. — O sr. Hernin morreu naquele hospital, no dia 21 de dezembro.

— Hernin morto... — fiquei olhando para Ferber. — E a criança?

— Já chegarei lá. A criança está bem. Lamento sinceramente que o sr. Hernin... — começou Ferber, mas o interrompi.

— Sim, obrigado por suas palavras. Naturalmente estou muito abalado. No dia 11 de dezembro meu amigo saiu daqui com a neta. E no dia 13 foi imposta a lei marcial...

— Ele chegou doente em Águas Perdidas, conforme nos escreveram. Estava resfriado e um pouco febril. Mas não quis ficar de cama de modo algum. Embora um certo sr. Korczak se tivesse esforçado muito para lhe conseguir um médico, Hernin proibiu-o de fazer isso. Só quando já tinha febre muito alta, deixou que chamasse um médico. Ele morava com a neta na casa desse sr. Korczak, como diz aqui. É um camponês que mora na casa onde antigamente viviam os pais do sr. Hernin, e na qual ele nasceu.

— E o sr. Korczak e Hernin ficaram amigos através de correspondência — disse eu, olhando pela janela. Caía neve lá fora, era como se naquele ano nem fosse mais parar de nevar. Andréia e Hernin mortos: os dois. E continua nevando, pensei.

— Seu amigo foi levado para o hospital de Glatz, é o mais próximo. O diretor do hospital me escreveu que uma patrula limpa-neve teve de seguir na frente da ambulância, tão ruins andam as coisas por lá. Fizeram o que podiam, mas o sr. Hernin esperou demais, estava muito fraco. Morreu dormindo. — Ferber folheou os papéis. — A carta é de 23 de dezembro. Ainda passou pela censura da Alemanha Oriental. Milagre, aliás, que eu tenha recebido essa papelada.

— Como, o senhor? — perguntei sentindo-me um pouco tonto.

— Quero dizer, por que logo o Juizado de Menores?

— Porque o sr. Hernin morava em Uhlenhorst. No Hofweg. Lá ainda é distrito nosso. Barmbek-Uhlenhorst. O sr. Hernin tinha uma governanta a quem deu férias até o seu regresso. Ela foi visitar parentes em Allgäu, chamava-se Francisca Schultz, mas não conseguimos encontrá-la apenas pelo nome. Certamente a sra.

Schultz já telefonou ou escreveu para o sr. Hernin, porque está preocupada. Não sabemos. Toda a correspondência foi enfiada pela fenda na porta.

— Sim — disse eu. — Que mais?

— A menininha, essa Patrícia, não sabia para onde ir, e primeiro ficou com o camponês Korczak. O sr. Hernin pedira tanto para ser enterrado em Águas Perdidas que as autoridades atenderam o seu pedido. Afinal, ele nasceu lá. — Ferber pegou outra folha. — Assim enterraram-no em Águas Perdidas, a 27 de dezembro, ano passado, escreve o pastor, no cemitério da igreja. O pastor escreveu que precisaram de uma broca elétrica para abrirem a cova, tão duro de gelo estava o solo. Todos os textos estão em polonês, naturalmente, mas tudo traduzido em alemão; as traduções foram feitas em Breslau. Muito correto da parte deles, não?

— Sim — disse eu. — Realmente, muito correto.

— Esse sr. Korczak queria ficar com Patrícia, mas não seria possível. Tiraram-na dele e a colocaram no Orfanato de Glatz.

— Orfanato? Quando?

— Vinte e oito de dezembro. Logo depois do enterro. As pessoas têm de obedecer a prescrições, sr. Kent, exatamente como temos de obedecer às nossas.

— E Patty ainda está lá?

— Quem?

— Patrícia. Nós a chamamos Patty.

— Ah, sim. Patrícia ainda está lá, mas não por muito tempo.

Seria contra as regras. Por isso escrevemos para o senhor.

— Por quê?

— Patrícia sempre falava no senhor e em sua esposa, e sabia o seu endereço particular e da livraria. Naturalmente, ela não sabe que sua esposa faleceu. Perdão, sr. Kent. Mas nós sabemos, nos

informamos em seu distrito antes de mandarmos a carta. Como vê, queremos alguém a quem Patrícia conheça bem. Não encontramos a governanta. Patrícia pediu imediatamente que avisássemos ao senhor e a sua esposa. Ela queria ir embora o mais depressa possível, sair do orfanato. É compreensível, não é? Todas as crianças só falam polonês. Terra estranha. Pessoas estranhas...

— Sim, sim — disse eu. — Mas agora estou aqui. O que vai acontecer?

— Primeiramente, as autoridades de Glatz pedem que Patrícia volte à Alemanha. Não pode ficar na Polônia.

— Claro que não pode.

— Naturalmente. Patrícia será levada na segunda-feira, 1º de fevereiro, de Glatz à fronteira da Alemanha Oriental e entregue a uma assistente social de lá. Com todos os documentos necessários. A assistente social da Alemanha Oriental a levará a Berlim Oriental, à passagem da Rua Heinrich Heine. Lá, a 3 de fevereiro, por volta das quinze horas, será entregue a uma assistente social de Berlim Ocidental, que a trará de avião a Hamburgo. E aqui irá novamente para um orfanato.

— Não — disse eu. — Não quero isso.

Ele balançou a cabeça afirmativamente.

— Imaginamos que o senhor não quererá, sr. Kent. Por isso lhe escrevemos. Veja, o sr. Hernin arranhou tudo, bem antes da sua morte. O apartamento, a empresa de táxis, o dinheiro, tudo será herdado pela menina. O homem que dará continuidade à empresa também já foi escolhido por ele. O sr. Hernin só não pensou no fato de que Patrícia ainda é pequena, oito, nove anos, não? e precisa de um tutor. — De repente comecei a sentir calor. — Enquanto ele vivia, era o tutor dela. Mas agora? Teremos de indicar um tutor do Estado.

— Eu... sou muito ligado a Patty — disse eu. — Um tutor do Estado seria uma pessoa totalmente estranha, não é? — Ele confirmou e sorriu, e sua bela dentadura postiça brilhou.

— Então fizemos a coisa certa.

— Como, sr. Ferber?

— O senhor diz que gosta tanto da pequena, e ela sempre falava no senhor e em sua esposa, lá na Polônia.

— Pois é isso! Eu não poderia ser o tutor dela?

— É nisso que quero falar, sr. Kent. Duas sugestões: ela permanece com um tutor oficial, pura formalidade, e o senhor a toma como filha adotiva. Mas se Patrícia for morar com o senhor, terá de haver uma governanta de mais idade na casa, e eu pensei na governanta do sr. Hernin, essa sra. Schultz, porque Patrícia a conhece. Nesse caso, nós do Juizado de Menores, também por mera formalidade, teremos o direito de verificar a cada meio ano se tudo está correto.

— Segunda sugestão?

— Segunda sugestão — disse Ferber. — Seria esta: o senhor mesmo se torna tutor, mas então a criança teria de ir para um internato, e o senhor terá de se comprometer a passar fins de semana e férias com Patrícia, assim como fazem os pais de crianças em internatos. As despesas podem ser deduzidas da herança da menina.

E se Deus existe mesmo, e ajeitou tudo de modo que afinal Patty e eu possamos viver juntos, depois que cada um de nós perdeu a pessoa que mais amava? — pensei, e disse: — Eu gostaria de ter Patty como filha adotiva, com a governanta.

Patrícia pode vender ou alugar a casa no Hofweg.

— Ou melhor, o tutor do Estado poderá fazer isso — corrigiu brandamente o louro sr. Ferber.

— Ou ele, claro. A empresa de táxis continua funcionando, e Patty e eu estaremos sempre juntos. Não precisamos de internato, só um bom colégio; estes existem aos montes, e Patty não ficará sozinha, nem eu... — Interrompi-me, embaraçado. — Desculpe.

— Ora, sr. Kent, nada a desculpar — disse Ferber. — Alegro-me com o senhor por termos encontrado uma solução tão boa.

Naturalmente levará algum tempo até estar tudo acertado oficialmente. Mas quando Patrícia voltar, iremos à casa do sr. Hernin e poderemos ver onde mora a governanta, e chamá-la. Entrementes, até ter todos os papéis arranjados de nossa parte e da parte do tribunal competente, Patrícia e a governanta já poderão morar com o senhor. — Ele levantou-se, e depois que eu me levantara, apertou minha mão com firmeza. — Então, na quarta-feira de tarde uma assistente social da Alemanha Ocidental trará a criança de avião a Hamburgo, e Patrícia lhe será entregue aqui.

— Posso apanhar Patrícia em Berlim?

— Naturalmente, se quiser ir de avião até lá para isso.

— Se quero! — respondi.

47

— Lá está ela — disse eu.

Eram 16h35min de 3 de fevereiro de 1982, quando Patty saiu da barreira de concreto no Muro, na passagem da Heinrich Heine. A assistente social ocidental, uma jovem que conversara longamente com sua colega da Alemanha Oriental no outro lado do Checkpoint, veio atrás dela.

— Ora, enfim — disse Raven, que viera comigo de avião a Berlim, pois queria estar presente quando Patty e eu nos reencontrássemos.

Tínhamos esperado junto do Muro. Estava mais quente em Berlim. A neve derretia, ruas e praças estavam sujas.

— Tio Peter! — gritou Patty. Ela me reconhecera. Havia poucas pessoas esperando. No seu grosso casacão de inverno, com o grande urso debaixo do braço, ela veio mancando em minha direção. Corri até ela e dobrei um joelho diante dela. Patty deixou cair o urso, abraçou-me feito louca, apertou-se contra mim e cobriu meu rosto de beijos. Ria e chorava, estava fora de si, e repetia: — Você está aqui, tio Peter... você está aqui... esperei tanto que você estivesse mas eu não sabia, ninguém sabia...

E apertava-se a mim outra vez. Depois viu Clemens Raven, mancou até junto dele, deu-lhe a mão e disse: — E o sr. Raven também. O senhor também. Ah, vocês são um amor!

A jovem assistente social de Berlim Ocidental saiu da barreira de concreto com a mala de Patty. Ergueu o urso caído na neve derretida, limpou-o e deu-o a Patty. Vi que a moça trazia muitos papéis numa pasta de plástico.

— Puxa — disse ela —, pensei que isso não ia acabar nunca mais. Mas naturalmente os de lá tinham responsabilidade por Patty

até agora, e têm de ter certeza de que se livraram totalmente dessa responsabilidade.

— E o que vai ser com todos esses documentos? — indaguei.

— Vamos mandá-los ao Juizado de Menores de Hamburgo — disse ela. — O senhor apenas precisa me dar um atestado de que lhe entreguei Patrícia sã e salva. — Tirou um documento de sua bolsa a tiracolo e me apontou onde eu devia assinar. Depois a jovem nos deu a mão a todos, e Patty beijou-a no rosto. Desejou-nos tudo de bom e foi para o seu velho Volkswagen parado no meio-fio, diante do táxi em que Raven e eu tínhamos vindo. Sentou-se na direção, acenou, e se foi.

Fomos até o táxi, e entramos. Raven disse ao motorista: — Para Tegel, por favor. Aeroporto.

— Aeroporto de Tegel. Muito bem, senhor — disse o motorista, e ligou o carro. Patty, com o grande urso no colo, estava sentada entre eu e Raven. Por longo tempo nenhum de nós falou, depois a criança disse:

— Todo mundo foi incrivelmente bom comigo na Polônia, também as crianças do orfanato, mas mesmo assim foi horrível.

Podem imaginar, não é?

— Muito bem até — disse Raven. — Tão sozinha numa terra estranha. Pobre Patty.

— Vovô tem uma sepultura muito bonita — disse Patty. — Bem junto da parede da igreja, e o tio José e sua mulher prometeram que vão plantar lindas flores na sepultura quando passar o inverno. São gente muito boa, os Korczaks, e foi ótimo em Águas Perdidas, mas infelizmente o vovô adoeceu logo. — O táxi passava pelas ruas de Berlim com sua neve suja, e Patty calou-se longo tempo, depois disse:

— Naturalmente não vi fontes saindo da terra, estava frio demais, e nevava tanto. Mas vi o grande quadro no teto da igreja. É muito mais bonito do que na fotografia. Nem pode imaginar como é

bonito. — Mais uma vez ela se calou por longo tempo, depois disse: — A senhora da outra Alemanha disse que ouviu dizer que não vou mais para um orfanato, mas sim ficar com vocês, tio Peter. É verdade?

— Sim, é verdade — confirmei.

— Graças a Deus! — disse Patty. — Graças a Deus, nada de orfanato. Eu estava morta de medo. De um orfanato. Com vocês vai ser bonito, vocês conheceram o vovô, e vou poder falar sempre com vocês sobre ele, e quando eu tiver de chorar porque ele está morto, vocês vão compreender. Choro muitas vezes. Gostava muito dele. E vocês também, não é? Ah, estou tão contente por ir morar com vocês agora, tio Peter. Mas... não vou incomodar?

— Claro que não.

— Quero dizer, agora que vem o bebê, e tudo mais — disse Patty.

— Você não vai incomodar nada — disse eu.

— Estou tão feliz por ver a tia Andréia — disse Patty. — Há muito serviço na livraria, não é? Por isso ela não pôde vir me buscar, não é?

— Patty — disse eu, e passei o braço nos ombros dela —, a tia Andréia morreu.

Ela levantou os olhos para mim.

— Morreu?

Fiz que sim. Eu não podia falar.

— Mas... mas... — começou Patty, interrompeu-se, e tentou outra vez. — Mas... o que aconteceu?

Contei-lhe o que tinha acontecido.

— Atropelada? — perguntou Patty.

— Sim — disse eu.

— E morta? E o bebê morto também?

— Sim.

— Então os dois estão mortos — disse Patty: — Tia Andréia e o bebê. E o vovozinho também. — Então começou a chorar. Chorava aos soluços, todo o corpinho sacudindo-se violentamente, chorava alto, desesperada.

— Meu Deus — disse o motorista de táxi. — Meu bom Deus. — E balançava a cabeça. — Mas que coisa terrível. Sinceros pêsames, senhor.

— Obrigado — disse eu.

E Patty chorava, sem se acalmar. Chorava quando chegamos ao Tegel, chorava no restaurante do aeroporto, enquanto esperávamos a partida do próximo avião para Hamburgo. Todas as pessoas olhavam compassivas aquela menininha, e Raven e eu tentávamos acalmar Patty, mas não conseguimos. Ela só parou de chorar quando chamaram o nosso vôo e fomos até o avião. Depois da decolagem, ela disse ao grande urso:

— Agora tia Andréia e o bebê também estão mortos — e começou a chorar outra vez. As aeromoças chegaram assustadas perguntando o que acontecera, e lhes contei, e cuidaram de Patty, mas sem resultado, embora tentassem com chocolate, sorvete de frutas e chiclete. Longo tempo depois Patty me disse: — Não posso mais, tio Peter. Eu queria continuar chorando sempre, mas não dá. Não tenho mais lágrimas.

— Sim, Patty — disse eu. — Entendo você muito bem.

Ela estava sentada entre eu e Raven, que olhava pela janela o tempo todo. Sem olhar para nós.

— Agora somos só dois das nossas famílias, não é?

— O pai e a mãe de Andréia ainda vivem — disse eu.

— Sim, mas não viveram com ela como você, ou eu com o vovô. Foi isso que eu quis dizer.

— Entendo — disse eu.

— E agora nós dois vamos morar juntos?

— Sim — disse eu. — Com a governanta de vocês.

— Com a Francisca?

— Sim. Você, eu e Francisca.

— Ela é muito querida, sabe?

— Isso é ótimo — disse eu. — Vamos nos dar muito bem.

— Mas ela não é diretamente da família — disse Patty. — Nem de sua nem da minha. — Pegou minha mão. — Quero dizer, não como eu com vovô ou você com tia Andréia. Assim, desse jeito, somos só nós que ficou.

— Que ficamos — corrigi eu.

— Sim, foi o que eu disse — respondeu ela.

— Senhores e senhoras — disse a voz de uma aeromoça no altofalante —, em poucos minutos aterrissaremos em Hamburgo-Fuhlsbüttel. Pedimos que afivelem os cintos e parem de fumar.

Quando saímos do edifício do aeroporto e entramos num táxi com Raven, Patty disse:

— Da primeira vez que você veio a Hamburgo, foi vovô que apanhou você, tio Peter.

— Sim, Patty, é verdade — disse eu.

— No verão, não é? Estava muito quente.

— Sim. Um calor horrível.

— Para onde? — perguntou o motorista.

— Alsterdorfer Strasse — disse eu, e dei o número da casa.

Depois lembrei-me de uma coisa, e disse: — Um momento! — E para Raven: — Desculpe. Estou totalmente confuso. Onde quer que o deixemos?

— Vou com prazer até sua casa e fico mais uma horinha — disse ele. — Podemos conversar mais um pouco. Patty certamente tem muito a nos contar. Naturalmente, só se eu não atrapalho.

— Mas que bobagem, você atrapalhar! — E disse ao motorista: — Então, Alsterdorfer Strasse, por favor.

Quando abri nosso apartamento, ouvi o telefone tocar. Corri na frente e atendi.

Era o comissário Hübner.

— Então, finalmente voltou para casa? Faz horas que estou telefonando.

— Lamento. Demorou bastante na passagem pelo Muro. E só conseguimos um avião bem tarde. O que foi?

— O sr. Raven está aí?

— Sim.

— Posso falar com ele?

— Claro — disse eu surpreso, e passei o fone para Raven. — Para o senhor. O comissário Hübner.

— Obrigado — disse Raven, e atendeu. Ouviu, disse “sim” de tempos em tempos, e mais nada. Fui com Patty à cozinha, pois ela tinha sede. Tirei uma garrafa de limonada da geladeira e servi-lhe um copo. Quando ela começou a beber, Raven entrou na cozinha e disse:

— Lamento, sr. Kent, mas Patty não pode ficar aqui. Uma assistente social a levará a um asilo. Ela já está a caminho. Em meia hora, o mais tardar, estará aqui.

— Asilo? Não fico em asilo nenhum! Por que tenho que ir para um asilo? — gritou Patty nervosa.

— Mas afinal, o que está acontecendo por aqui? — perguntei.

— Venha comigo, por favor — disse Raven, empurrando-me para o corredor. E fechou a porta. — Sr. Kent — disse ele —, sou agente

da polícia. Fui colocado junto do senhor como livreiro quando a polícia não conseguia avançar no caso Langenau. Pensamos num crime político, um assassinato executado por extremistas de direita.

Agora, fiquei sabendo que desde esta tarde a polícia espera pelo senhor. Está sob severas suspeitas de ter assassinado Conrad Langenau.

48

— Não matei Langenau — afirmei.

Uma assistente social apanhara Patty, que se foi chorando. A conselho de Raven, eu enchera uma mala com roupas e objetos pessoais, e fomos até Hübner. Ficamos sentados os três no escritório do comissário ruivo.

— Sr. Kent — disse ele, sentado atrás da escrivaninha —, temos tantas provas que o juiz emitiu um mandado de prisão.

Agora assustei-me de verdade: até ali tudo me parecera um pesadelo. Era engano, talvez um truque, pensei. Um truque maldoso, tudo bem. Mas agora...

— Ordem de prisão?

— Sim, sr. Kent.

— Quando?

— Quando o quê?

— Quando o juiz emitiu a ordem de prisão?

Raven e Hübner entreolharam-se.

— Ontem de tarde, quando chegaram os resultados do laboratório.

— Que resultados?

— O juiz vai lhe dizer isso. Não ficará aqui. Teremos de entregá-lo à prisão preventiva. Ficaré detido — disse Hübner.

— Quando?

— Ainda hoje.

— Mas já é noite.

— Não importa. Aqui só temos de aprontar uns documentos.

— Se a ordem de prisão estava pronta ontem à tarde, por que não me prenderam logo? — perguntei. — Por que me deixaram primeiro voar para Berlim?

Os dois homens entreolharam-se novamente. Estavam embaraçados.

— Então? — perguntei.

— Queríamos...

— Pensávamos...

Começaram a falar ao mesmo tempo, e interromperam-se também simultaneamente.

— Bem, o quê? — perguntei.

— Queríamos que o senhor ainda pegasse a criança — disse Hübner baixando a cabeça. — O juiz concordou, desde que...

— Desde que Raven fosse comigo — disse eu. — Então você foi comigo para eu não escapulir para o Leste, é?

Raven ficou calado.

— Foi assim! — gritei. — Não foi por simpatia ou para assistir ao meu encontro com a criança, mas para me vigiar. Responda, sr.

Raven! Foi isso?

— Sim, sr. Kent — disse ele desviando o rosto. — Foi isso.

Queríamos que o senhor visse Patty ao menos uma vez antes de o prendermos.

— Mas foi muita gentileza sua, meus senhores — disse eu. — Recebam meus mais sinceros agradecimentos.

— Tudo bem — disse Hübner. — Não fale assim, sr. Kent. Temos de cumprir nosso dever.

— Por todos os meios — disse eu. — Também metendo um homem disfarçado na minha livraria.

— Eu fui livreiro — disse Raven.

— Quando?

— Antigamente, antes de ser agente da polícia.

— Então, não na livraria no fim da linha. Ao lado da barraca de frutas do Sul.

— Não, claro que não.

— E não escreveu aquela comovente história sobre o desfile das crianças mortas e a meteu em todas as caixas do correio do conjunto residencial?

— Não — disse Raven.

— Sim — disse Hübner.

— Como foi então?

— Escrevi a história, mas não a pus nas caixas de correio.

— Quando a escreveu?

— Depois de me candidatar ao emprego na sua livraria.

— Ótimo — disse eu. Sentia-me terrivelmente infeliz, por isso estava tão agressivo. — Realmente, o senhor tem métodos super-refinados.

— Sr. Kent, eu tinha de conseguir o emprego de qualquer maneira, a sua confiança e simpatia, e as de sua esposa — disse Raven, em tom quase suplicante.

— Bem, e consegui. E como consegui. — Então ocorreu-me uma coisa: — Foi o senhor quem nos mandou de férias!

Naturalmente, também de propósito.

— Naturalmente — disse ele, sombrio.

— Minha mulher lhe deu a chave de nosso apartamento para que cuidasse da correspondência e das flores. E cuidou bem de todo o apartamento, hein? Com toda a calma! Estávamos longe dali.

Cuidou realmente bem do apartamento todo, sr. Raven?

— Muito bem, sr. Kent. — Agora ele estava agressivo. — E o que encontrei foi muito importante. Trata-se de um assassinato, sr. Kent.

— E quando se convenceu de que eu matara Langenau?

— Ah, bastante cedo — disse Hübner.

— E por que não me prendeu logo?

— Porque não tínhamos provas suficientes.

— Mas as obtive depois?

— Sim.

— E por que não me prendeu?

— Tudo bem — disse Hübner.

— O corpo, sr. Kent — disse Raven, num tom de branda censura.

— O corpo do sr. Langenau.

— O que houve com ele?

— Não o tínhamos encontrado. Ainda estávamos procurando.

— E enquanto não tinham o corpo não podiam me prender?

— O senhor teria admitido o crime se não houvesse cadáver?

— Não.

— Está vendo?

— Também agora não o posso admitir. Não matei Langenau.

— Sr. Kent...

— Não matei Langenau! — berrei.

— O senhor matou. Todas as provas confirmam isso. Foi o motivo de não o podermos prender mais cedo. Tínhamos de ter o cadáver para verificarmos provas no laboratório.

— Onde encontraram o corpo?

— No lago Mühlenteich, em Reinbeck — disse o comissário Hübner, e me encarou pela primeira vez. — Enrolado em cordas e preso ao fundo com ferros de construção. Tivemos de abrir o gelo com picaretas e fazer descer mergulhadores. O Mühlenteich, sr.

Kent. O senhor conhece Reinbeck.

Agora fui eu quem não respondeu.

Reinbeck.

Mühlenteich.

Eu estivera lá naquela noite.

Eles certamente sabiam. Eram essas as suas “provas”, pelo menos algumas delas. Eu não matara Langenau, mas eles o tinham tirado do lago. Comecei a entender que estava numa situação gravíssima.

— Dois tiros de uma Zero-Oito no peito — disse Hübner. — Aquela com silenciador, calibre nove. O senhor a conhece. Temos os resultados da balística: tiro à queima-roupa. O senhor matou e jogou o corpo no Mühlenteich.

Era tudo muito pior do que eu imaginara no começo. Mas eu era inocente. Era inocente. Não matara Langenau. Quem me deixara naquela maldita situação? Quem? Pergunta idiota. Naturalmente o assassino. Ou os assassinos, o que é que eu sabia?

— Nenhuma palavra do que está dizendo é verdade — afirmei.

— Pode contar isso tudo ao juiz — disse Raven. E ainda parecia muito envergonhado. Hübner era o mais forte, não se incomodava por ter sido tantas vezes nosso visitante, comer conosco e beber meu uísque.

— Tudo teria ido muito mais depressa se o chefe da estação não tivesse ido de avião ver os netos — disse Hübner.

Pensei que estava enlouquecendo. Sentia-me como um bêbado que entra cambaleando no túnel do seu vício, tudo cada vez mais escuro ao meu redor. Não havia luz no fim do túnel.

— Mas que chefe da estação? — perguntei.

— De Reinbeck, é claro. — Hübner estava eloqüente. — Não sabíamos onde o senhor tinha posto o cadáver. Pistas, sim, uma porção, também indícios. Mas não levavam a nada. Procurávamos em vão. Esse chefe da estação tem netos em Houston, Texas. O diabo quis que, dois dias depois de o senhor matar Langenau, ele...

— Eu não o matei! — berrei.

— Tudo bem... Então, o chefe da estação voou para os Estados Unidos dois dias depois de o senhor matar Langenau e o jogar no Mühlenteich. Voltou enfim, há seis dias, com a mulher. Quando soube que um homem sumira na noite de 10 para 11 de novembro do ano passado, e provavelmente fora assassinado, lembrou-se de que exatamente nessa noite, depois das doze, vira um carro junto do lago. Um Mercedes. Lembra-se disso tão bem porque o Mercedes lhe pareceu suspeito num tempo daqueles. O senhor tem um Mercedes, sr. Kent. O chefe da estação nos disse o número da placa. O senhor esteve em Reinbeck naquela noite, e remou com um barco sobre o lago e jogou o corpo nele, amarrado com cordas e preso a ferros de construção.

Tive vontade de gritar mas dominei-me e disse: — Naturalmente tudo isso é mentira. O chefe da estação disse que viu tudo isso? Eu gostaria de conhecer esse senhor.

— Vai conhecer, sr. Kent, vai conhecer — disse Hübner. — Ele não o viu jogar o corpo na água. Viu o senhor descer do carro e abrir o porta-malas.

— E por que não ficou olhando mais?

— Porque o telefone tocou no outro quarto. A central do trem, houve um acidente. A conversa levou muito tempo. Quando ele por fim desligara, o senhor desaparecera.

— Merda — disse eu. — Mas é a testemunha mais formidável que já vi.

— Para nós basta, sr. Kent. Ele não disse que o senhor jogou o cadáver no lago. Não disse isso. Só disse que viu o Mercedes, o seu Mercedes, e que um homem desceu dele e abriu o porta-malas. E depois disso achamos o cadáver no lago. O homem nos basta como testemunha. Para nós, basta.

— E ele foi ao Texas de avião, e do dia 10 de novembro até hoje se lembrava do número da minha placa? Não seja ridículo!

— Ele anotou.

— Por quê?

— Para o caso de precisar dela, se perguntássemos. Ele não sabia que o senhor pretendia jogar um morto no lago, mas achou esquisito depois da meia-noite, naquele tempo horrível, alguém com o carro parado no Mühlenteich. Por isso anotou a placa do seu carro.

Na agenda telefônica. Por sorte. Por isso logo sabia o número quando telefonamos.

Todo esse tempo fiquei pensando que naquela noite vira luz numa janela atrás da estação, enquanto eu tentava com galhos e um cobertor velho libertar meu carro atolado na lama. E na janela iluminada eu vira a silhueta de um homem. Então fora o chefe da estação. É, a minha situação era ótima.

— Por que ele não avisou logo que havia um homem com um Mercedes junto da água? — indaguei.

— Ele disse que pensou que talvez o homem estivesse atolado na lama, e quisesse tirar do porta-malas um cobertor ou coisa assim para pôr debaixo das rodas traseiras, e tentar libertar o carro.

Anotou a data e a placa para alguma eventualidade. Quando voltou dos Estados Unidos naturalmente esquecera o incidente. Até ouvir dizer que estavam procurando um desaparecido. Um homem desaparecido na noite de 10 para 11 de novembro. Daí ele telefonou para a delegacia, e eles o mandaram até nós. Fomos até ele, e nos contou tudo. O laboratório pôde verificar o resto das pistas.

— Que pistas eram?

— Inúmeras.

— Diga-me uma só.

Raven disse tristemente:

— A areia.

— Que areia?

— Lá fora no Mühlenteich o solo é de areia. Uma areia especial.

Nas pernas das calças que usou naquela noite encontramos areia.

— Quando estávamos em Valbella.

— Sim — disse ele.

— Teve bastante tempo para procurar, depois de regar as flores.

— Isso mesmo. O laboratório disse que é a mesma areia — disse Hübner.

— Bem possível — disse eu. — Estive muitas vezes em Reinbeck. Com minha mulher. Também examinou as calças claras de verão?

— Não.

— Faça isso. Vai achar uma porção de areia de Reinbeck. Nas minhas calças de verão.

— Havia areia nas rodas do Mercedes, sr. Kent.

— Fomos muitas vezes de carro a Reinbeck.

— Tão perto do Mühlenteich?

— Não. Naquela noite não estivemos lá fora, nem minha mulher nem eu.

— Não falamos de sua mulher.

— Mas tudo isso é loucura! Os nazistas mataram Langenau — disse eu. — Ele estava em 1980 no atentado na Oktoberfest. Deve

ter achado uma pista importante, e teve de morrer.

— Como sabe que Langenau estava na Oktoberfest?

— Pelo médico de minha mulher. Ele também me contou que Langenau apoiou a polícia. Naturalmente sabe muito bem disso.

— Naturalmente sabemos bem disso — disse Hübner. — Tão bem quanto o senhor. E viu uma ótima oportunidade de matar Langenau sem que as suspeitas caíssem sobre o senhor.

— E por que suspeitavam de mim? — perguntei. — Por que suspeitaram de mim “bem cedo”, como o senhor disse, comissário?

— Otto Reining — disse ele.

— O quê?

— O homem da segurança na casa do sr. Langenau.

Lembrei-me do homem magro com manchas vermelhas nas faces, que sofria de reumatismo, e a quem tínhamos encontrado quando visitei Langenau naquela noite de 10 de novembro de 1981.

— O que tem ele?

— Afirmou que o senhor gritou durante uma briga com Langenau.

— Sim, o senhor já me disse isso. Não brigamos, só falei alto porque estava nervoso.

— E por que tão nervoso?

— Porque Langenau queria nos deixar de qualquer jeito, sabe disso!

Hübner sacudiu a cabeça.

— Não foi por isso que estava tão nervoso, sr. Kent.

— Por que então?

— Porque o sr. Langenau lhe disse na cara que o senhor matara seu melhor amigo, Jean Balmoral — disse Hübner.

— Esse Reining ouviu isso?

— Esse Reining ouviu isso. — Hübner levantou-se e foi até uma porta, que abriu. Disse alguma coisa que não entendi, e logo depois um homem apareceu no umbral. Era espantosamente pequeno e delicado, coisa de metro e meio, na casa dos cinqüenta anos, usava um terno de confecção amassado, cinza. Tinha rosto oval, boca grande, testa alta e olhos de cor indefinida, pacientes e pensativos. O cabelo preto era curto, e já havia muitas mechas grisalhas.

Hübner disse:

— Este é o comissário Rolland, de Paris.

Levantei-me.

O homenzinho veio até mim e me deu a mão.

— Boa-noite, maître Duhamel — disse ele mansamente.

49

Não consegui me mexer. Mal conseguia respirar. Fim, pensei.

Fim. Fim. Fim. Mas como? Seria possível? Eisenbeiss me mandara dizer que a busca desse comissário Rolland, agora parado à minha frente, terminara em Viena, sem resultado. O que acontecera?

— Sente-se outra vez, maître — disse Rolland.

Continuei em pé.

— Por favor, sente-se!

Sentei-me, os outros também se sentaram.

Rolland disse calmamente:

— Aí no vaso de flores há um microfone. Ouvi sua conversa na sala ao lado. Sim, maître, acreditamos que o senhor matou a tiros seu melhor amigo, o advogado Jean Balmoral. Há provas disso.

Procurei pelo senhor longo tempo. Em Viena descobri como se chamava e se parecia agora.

— Como descobriu isso?

— Não importa. O senhor é maître Duhamel, não é?

Pensei um pouco, depois disse:

— Sim.

— Muito bem — disse o delicado comissário, que falava alemão fluentemente, só com um pequeno sotaque. — Como tínhamos provas de que o senhor cometera o crime, os policiais franceses dirigiram-se à Interpol em Viena, pedindo a busca. A Interpol de Viena enviou o mandado de busca a todas as sedes de todos os lugares de língua alemã, portanto também Alemanha e Suíça. No mesmo dia em que o mandado de busca entrou na Alemanha, o comissário Hübner se apresentou... — Rolland fez uma pequena

mesura, sentado... — na Interpol de Wiesbaden, e disse que já tinham identificado, aqui em Hamburgo, o tão procurado Charles Duhamel, aliás Peter Kent.

Isso aconteceu depois do desaparecimento de Langenau. O sr. Hübner o conhecia bem. Esteve muitas vezes com o senhor.

— E por que não me prendeu logo? — perguntei ao ruivo.

— Porque ainda não tínhamos o corpo de Langenau — disse ele.

— O senhor o matou porque ele sabia que o senhor tinha matado Balmoral.

— Disse Otto Reining.

— Não, maître — disse o pequeno comissário Rolland. — O senhor é acusado de outras coisas também... ou a Interpol não teria mandado fazer a busca.

— Mas sem cadáver ninguém teria podido acusá-lo da morte de Langenau — disse Hübner. — Muito menos do assassinato de Balmoral. Por isso a polícia criminal alemã procurou a Interpol, pedindo que só o prendessem pelo assassinato de Balmoral depois que o crime contra Langenau fosse esclarecido. Tudo bem. Todos foram muito compreensivos e solícitos aqui em Hamburgo, em toda a Alemanha, na França, Áustria e Suíça. Decidiram deixar o senhor totalmente livre. Claro, sob observação constante. Jamais teria podido fugir.

— Todas as delegacias policiais receberam informações, instruções adequadas — disse o pequeno francês. — Ainda cuidei de que a polícia suíça não o fosse prender por descuido, quando foi a Valbella com sua esposa.

— Sabe disso também?

— Naturalmente que sei, maître. O sr. Raven preparou essas férias, e o comissário Hübner me telefonou. A polícia de quatro países trabalhou em conjunto no seu caso, maître. Agora, está na

hora. O cadáver já foi encontrado. Agora, todas as provas combinam entre si. Podemos prendê-lo. Compreende?

Balancei a cabeça, confirmando.

— Reining depôs que Langenau sabia do seu crime contra Balmoral — disse Hübner. — Como aconteceu, isso Reining não escutou. Não podia ficar parado na porta escutando eternamente.

Mas ouviu Langenau dizer que sabia com certeza que o senhor matara Balmoral, e que ia embora por não querer mais viver com um assassino impenitente. O sr. Langenau era muito religioso.

— E esse tal Reining escutou tudo isso?

— Sim, tudo isso. E também que Langenau suplicou ao senhor que fosse à polícia e se entregasse. E que o senhor recusou, furioso.

— Ora, que maravilha — disse eu. — Ora, que beleza. E aí esse Reining me ouviu atirar contra Langenau.

— Não, isso ele não ouviu — disse Hübner. — Tudo bem. Acho que o que ele ouviu basta para presumir que o senhor tinha um bom motivo para matar Langenau.

— E qual é esse motivo?

— O motivo é que de outro modo ele o teria denunciado — disse Raven.

Tudo era absurdo.

Se queria escapar daquela enrascada, a partir de então teria de medir muito bem cada palavra que fosse dizer.

— Agradeço pelas amáveis informações e esclarecimentos, senhores — disse eu. — Acho que agora encerramos nossa Conversa, e os senhores me levam à prisão preventiva. Tudo isso é um pouquinho demais. Langenau. Balmoral. Portanto, segundo me informaram, cometi dois assassinatos.

— Talvez três — disse Rolland.

— O quê?

— Talvez tenha cometido três assassinatos, maître. Paul Perrier, o amante de sua mulher, está desaparecido desde 18 de novembro, sem deixar sinais.

50

A casa de detenção fica em Hamburgo, uma rua com o estranho nome de Holstenglacis. Holstenglacis, 3.

Levaram-me para lá ainda naquela noite, e um guarda gorducho me encaminhou a uma cela. Era muito feia, e mal se distinguia das celas de uma prisão comum. Dentro havia um armário para minhas coisas; a pia estava suja, e o banheiro cheirava mal.

Eu estava exausto, mas quando me deitei na cama não consegui dormir. As horas passavam, eu me virava na cama e pensava em como os neonazistas, que certamente tinham matado Langenau, também tinham conseguido, habilmente, fazer gente sensata como Raven e Hübner acreditar na minha culpa. Depois refleti nos dois, em como Hübner ficara meu amigo e de Andréia, e no fantástico comportamento de Raven na livraria, na morte de Andréia e depois, quando cuidara de mim. E pensei, tudo isso não pode ter sido unicamente tática... ou sim?

Quando pensara o suficiente nos dois, naturalmente pensei em Patty, que devia estar na cama em algum orfanato, e certamente não conseguia dormir de nervosismo, como eu. Essa lembrança me causou dores físicas, e levantei-me, e olhei pela janela gradeada para um pátio escuro, no qual reconheci muitas outras janelas com grades. Sentei-me na única cadeira existente e tentei me acalmar.

Pensei que agora tinha de fazer tudo para sair daquela desgraça e que pela manhã precisava estar descansado. Mas de nada adiantou.

Dormi talvez duas horas naquela noite, e quando um guarda me trouxe o café, tomei apenas a bebida quente, e pedi mais. Não consegui comer nada. Pouco antes das dez chegou outro agente e disse que eu vestisse meu casaco e o acompanhasse. Passamos por longos corredores e muitas portas de grades, noutra ala do edifício.

Lá o guarda me deixou na sala do Juiz de Instrução Criminal.

Era uma sala grande, e meu juiz de instrução era um homem grande. Tinha cabelos e olhos cinzentos, também a pele de suas mãos e rosto era cinzenta, e dava a impressão de enfermo. Chamava-se Dr. Hans Oelschlegel, e primeiro leu-me todo o relatório da polícia criminal que provocara aquela ordem de prisão. Depois começamos a falar longamente sobre o caso Langenau, mas ele sempre voltava a falar em Balmoral, e perguntei muito cortesmente se não seria melhor falarmos primeiro sobre aquele caso. Ele concordou.

Lá fora nevava outra vez, e eu via grandes flocos caindo diante das janelas que davam para a rua, e lá de baixo vinha o rumor de automóveis e motocicletas. Lá não era tão silencioso como em minha cela. Quando começamos a falar sobre Balmoral, de repente fiquei totalmente disperso. Pensava de novo em Patty e no que ela estaria fazendo, e se estaria muito desesperada. De repente, eu também estava muito desesperado, mas depois me controlei, e pensei que se tratava do meu futuro. Se eu quisesse rever Patty, teria de ser incrivelmente esperto, pois por mais absurda que fosse a outra acusação, a Balmoral eu realmente tinha assassinado.

— Por quê? — perguntei ao juiz. — Por que eu mataria meu melhor amigo? Pode me explicar isso?

— Ele o estava chantageando — disse Oelschlegel, e senti frio, porque estava correto. — Ele o chantageou, e para que o senhor não pudesse fazer nada, deixou uma carta com um colega em Paris, onde dizia que caso morresse rápida e inesperadamente, o senhor seria seu assassino. E dava também seu novo nome, aparência e endereço.

— Um momento, um momento — disse eu. — Como pretende saber disso?

— Do comissário Rolland. Tenho o relatório dele na minha frente. Segundo ele, está constatado que Balmoral telefonou no dia 22 de setembro de 1981 ao advogado Pierre Leroy, pedindo que mandasse

levar imediatamente a referida carta ao restaurante La Rotonde, no Bois de Boulogne. Leroy ficou muito espantado, mas fez o que Balmoral pedira. No Bois, o mensageiro lhe deu a carta.

Balmoral estava no restaurante com outro homem, dois garçons confirmaram. Esse homem era o senhor, sr. Duhamel. Agora vou lhe dizer o que pensam o comissário Rolland e esses caras da Polícia Criminal de Paris, está bem? Bom. Então o senhor disse a Balmoral que não teria mais um minuto de sossego na vida enquanto aquela carta existisse. Podia acontecer alguma desgraça ao seu melhor amigo, não é, e se ele morresse a carta seria aberta, e nela Balmoral o acusava de ser seu assassino. Portanto, ofereceu uma grande soma a Balmoral pela carta. Ele estava sempre em dificuldades financeiras, e aceitou. O senhor provavelmente lhe deu um cheque, e ele lhe entregou a carta. Isso foi por volta de uma e meia. Depois rodaram juntos pelo Bois, e após a curva ao lado do riacho, o senhor atirou nele, pegou o cheque de volta e fez o carro cair na água.

Oelschlegel levantou-se e foi até uma grande seringueira num canto da sala. Pegou um regadorzinho de plástico vermelho e começou a regar cuidadosamente a árvore. Via-se que a amava.

Talvez não tivesse mais nada para amar. Qualquer pessoa precisa ter uma coisa para amar. O juiz de instrução criminal Dr. Hans Oelschlegel amava uma seringueira. Talvez também amasse pessoas ou coisas, mas certamente não tanto quanto àquela arvorezinha.

Vendo-o regar a árvore entendia-se que ele não conseguiria amar tanto duas vezes. Havia um sorriso em seu rosto cinzento.

— O senhor viu? — perguntou ele.

— O quê?

Ele apontou para cima.

— Ali... uma folha nova.

Realmente, uma folha nova brotava na ponta da árvore, verde-clara e ainda meio enrolada.

— Maravilha, não? — disse Oelschlegel.

— Maravilha — disse eu. — O que me contou é portanto o ponto de vista do comissário Rolland e da polícia de Paris.

— Acho que agora basta. Não se deve dar água demais. — Largou o regadorzinho vermelho e voltou à escrivaninha. — Sim, é o ponto de vista deles. — Depois deu um espirro estrondoso e disse: — Ai!

— Como?

— Espirrei.

— Sim, ouvi — disse eu.

— Quando espirro assim, sempre tenho de espirrar dez vezes seguidas. Isso já acontece há muitos anos. Balmoral esteve em Hamburgo. Tenho aqui... — procurou e achou o papel — ... a informação do Hotel Éden, um hotel muito pequeno, dizendo que um advogado Jean Balmoral chegou ao meio-dia de 16 de setembro, uma quarta-feira, e pegou um quarto. No dia 17 de setembro, pouco antes do meio-dia, foi embora outra vez. Antes de viajar, Balmoral esteve em seu apartamento.

Espirrou outra vez.

— Saúde! Isso escreve o Hotel Éden?

— Não. Isso escreve o Dr. Hellweg.

— Quem é o Dr. Hellweg?

Espirrou uma terceira vez.

— Saúde — disse eu.

— Obrigado. O Dr. Hellweg foi chamado ao Hansa-Bank na Jungferstiege na manhã de 17 de setembro, com uma ambulância, porque o senhor sofrera um grave ataque de coração no saguão do banco.

Espirrou uma quarta vez.

— Saúde!

— Não — disse ele. — O senhor não vai dizer saúde dez vezes!

Lembra desse médico?

Refleti no que devia dizer.

— Sim — disse eu. Não me restava outra escolha. — Não sabia que ele se chamava Hellweg.

— Mas teve um grave ataque cardíaco no banco?

Quinto espirro.

— Sim — disse eu. — Sofro de angina pectoris.

— O senhor proibiu o Dr. Hellweg de tocar no senhor, certo?

Sexto espirro. Ele já tinha lágrimas nos olhos; enxugou-os com um lenço.

— Certo — disse eu.

— Por que proibiu?

— Porque eu estava bem melhor, e não queria chamar mais atenção ainda.

Sétimo espirro.

— O senhor ainda se sentia tão mal que não teria podido ir sozinho para casa. Por isso aceitou o oferecimento do médico de pelo menos o levar para casa com a ambulância. Dois enfermeiros o levaram escadas acima. Tão mal o senhor ainda estava. Não queria deixar que o tratassem, porque tinha de estar depressa em casa com os quatrocentos mil marcos, que o seu melhor amigo Jean Balmoral — que sabia que o senhor tinha escapado do atentado do avião em Viena e morava em Hamburgo sob outro nome —, que o seu melhor amigo Jean Balmoral lhe tinha arrancado sob chantagem. — Oitavo espirro. — Agora logo vai acabar — disse o juiz. — O senhor tinha de estar em casa bem depressa, porque Balmoral lhe dera um prazo curto para entregar o dinheiro. Se não voltasse em tempo, ele iria à polícia revelar sua identidade.

Nono espirro.

— Quem diz isso?

— O comissário Rolland suspeita disso. Eu também suspeito.

Aliás, não, estou convencido. O comissário Rolland naturalmente trabalhou com nosso pessoal. Na manhã daquele dia o senhor telefonou ao Hansa-Bank, pedindo quatrocentos mil marcos em notas de mil. Foi com uma maleta ao contador responsável pela sua conta, sr. Vormweg, que colocou o dinheiro na maleta, numa cabine.

Depois o senhor sofreu o ataque. O Dr. Hellweg levou a maleta até o seu apartamento, onde seu melhor amigo estava esperando.

Décimo espirro.

Agora ele assoou o nariz, contemplou longamente o lenço, e balançou a cabeça, satisfeito com o que estava vendo.

— O Dr. Hellweg viu Balmoral. Foi ele quem abriu a porta.

— O Dr. Hellweg não pode afirmar que foi Balmoral — disse eu.

— Nem afirma. Quem afirma sou eu. E o comissário Rolland. O

Dr. Hellweg só diz que um homem abriu a porta, e que o senhor o chamou de Jean. Jean é o nome de Balmoral, e esse Jean disse ao médico que estava de visita e cuidaria do senhor, que tinha esses ataques freqüentemente. Então o senhor pagou em dinheiro a despesa do transporte. — Pegou novamente um papelzinho. — Aqui.

Assim que o médico e os enfermeiros sumiram, Balmoral pegou a mala com os quatrocentos mil e foi embora.

— Ele não me chantageou por dinheiro — disse eu. — Pediu-me que o ajudasse, emprestando-lhe o dinheiro.

— Quatrocentos mil marcos. Em notas de mil.

— Por que não? Era o meu melhor amigo.

Oelschlegel levantou-se outra vez e foi até a sua árvore, acariciando uma folha verde-escura.

— De resto, uns documentos excelentes os que Eisenbeiss lhe preparou.

— Quem?

— Seu velho conhecido Eisenbeiss, em Viena. Só não me diga que ele não fez documentos falsos para o senhor, sr. Duhamel!

— Defendi um homem chamado Eisenbeiss há muitos anos — respondi. — Depois nunca mais o vi. Ele não fez, de modo algum, documentos para mim.

— Claro que fez.

— Pode provar?

— Não.

— Então não o pode afirmar.

— Quem fez os documentos falsos para o senhor?

— Por favor, senhor juiz — disse eu.

Ele voltou de junto da seringueira, e parecia envergonhado.

— O senhor tem razão, foi uma pergunta tola. — Sentou-se então. — Para que seu melhor amigo Balmoral precisava de quatrocentos mil em dinheiro alemão? E ainda por cima dinheiro vivo, numa mala?

— Ele estava em dificuldades.

— Que dificuldades?

— Não me disse.

— E o senhor não perguntou?

— Não. Ele não queria falar a respeito. Um problema muito particular, obviamente. Claro que ele teria me devolvido em breve... se não tivesse sido assassinado.

— E a carta que ele deixou com o advogado Leroy? — perguntou ele.

— Não posso ajudar, senhor juiz. Sabe Deus que carta era essa.

Não tenho idéia de quem matou Jean... talvez realmente por causa dessa tal carta. Mas o brilhante comissário Rolland está enganado supondo que era uma carta que meu amigo deixara para se proteger de mim. O ponto de partida dessa informação é falso. Não se pode ajudar o melhor amigo em dificuldades, sem que logo tenham a impressão de que nos está chantageando, e que o matamos por isso?

— Balancei a cabeça. — O senhor não dá muito valor à amizade, não é?

Ele respondeu:

— E o que pensa do fato de que, na noite em que o senhor visitou o sr. Langenau, aquele sr. Reining tenha ouvido vozes altas vindo do apartamento, e as palavras do sr. Langenau, dizendo que o senhor matara Balmoral e devia se apresentar à polícia, e que ele não podia mais continuar convivendo com um assassino impenitente?

Eu tinha refletido numa coisa desde que fora preso, e pareceu o momento certo de dizer-lo.

— Senhor juiz — disse eu —, Langenau era a única pessoa a quem eu confiara tudo, que sabia quem eu realmente era. Eu tinha de contar a alguém. Não agüentava mais aquela pressão monstruosa. Não podia falar de modo algum com minha mulher Andréia, com ninguém mais. Mas tinha de falar com alguém, confiar em alguém. Sozinho era tudo muito difícil. Muitas vezes eu tinha medo de estar sendo procurado, de andarem atrás de mim...

Menti convincentemente, falei com voz embargada como se cada palavra me saísse com dificuldade. — Então contei a verdade a Langenau, e disse por que saíra da minha vida antiga. Ele me compreendia. — Eu continuava falando sem parar. — E esta noite refleti sobre a nossa última conversa. Bem minuciosamente. O que tínhamos falado. O que esse Reining pode ter ouvido. E aí me ocorreu uma coisa.

— Sim — disse Oelschlegel.

— Quando pedi repetidamente a Langenau que ficasse conosco, ele disse, e foram exatamente essas as suas palavras, lembro muito bem: “Sr. Duhamel, por favor, acredite: preciso ir embora. Não agüento mais aqui. O senhor também não agüentou em Paris e desapareceu depois desse acidente de avião em Viena porque não podia mais agüentar o que estava acontecendo ao seu redor.

Exatamente assim está acontecendo comigo, sr. Duhamel. O senhor tem de me entender. Não suporto mais esse ódio, toda essa maldade, acredite em mim!” Foi isso que Langenau disse. E nunca me tratou pelo meu verdadeiro nome, só nessa noite. Isso mostra como ele se esforçava desesperadamente para me fazer entender que tinha de nos abandonar. Portanto, é bem possível que esse Reining tenha escutado meu verdadeiro nome.

— E se o nome não lhe dizia nada?

— Então pelo menos deve ter estranhado que Langenau me chamasse Duhamel, não Kent. Isso deve tê-lo deixado curioso. Talvez tenha comentado com amigos sobre o caso. E os amigos tenham sabido quem era esse Duhamel, que desaparecera depois do acidente de avião em Viena.

— Acha que Reining armou o seu depoimento?

— Sim.

— Com essa monstruosa acusação?

— Sim.

— Mas por que, sr. Duhamel, por quê?

— Não sei, senhor juiz. Não sei por que motivos Reining age assim. Peço que chame esse cavalheiro e nos confronte, para que eu possa lhe fazer algumas perguntas.

— Não pode ser — disse Oelschlegel.

— Senhor juiz — disse eu —, sabe que fui advogado. Conheço as leis. Também as leis alemãs. Claro que é possível me confrontar com

o sr. Reining. Tenho até direito a isso, e o senhor sabe muito bem.

— Pois muito bem — disse ele, de má vontade.

— Por que está agindo preconcebidamente contra mim?

— Não estou, sr. Duhamel.

— Está, e como! O que significa esse falso depoimento de Reining? Senhor juiz, o senhor e eu estamos aqui para encontrar a verdade. Para encontrar a verdade todos os meios permitidos pela lei são legais. Um confronto como esse que estou pedindo é absolutamente permitido pela lei. Mas o senhor queria me negar isso.

Vi com alegria gotas de suor aparecerem na sua testa. Ele as enxugou com o lenço que ainda tinha na mão.

— Desculpe. Um erro de minha parte. Uma falha, não foi má vontade. Peço desculpas. Vou fazer com que o sr. Reining seja chamado. O mais depressa possível.

— Obrigado — disse eu.

— Então o senhor não acha que — sem falar no depoimento do sr. Reining — temos provas bastantes para supor que o senhor matou Balmoral? A Interpol acha que sim.

— Eu não — disse eu. Agora me sentia melhor. A partir de então eu estava com as melhores cartas. — De modo algum. Como posso ter matado Jean, só do ponto de vista técnico? O tempo. No dia 21 de setembro eu ainda estava em Hamburgo, na noite de 22 também, na manhã de 22 ainda. Depois fui de avião a Frankfurt, e de táxi ao Nordwestkrankenhaus para visitar o pai de minha mulher Andréia, que estava internado. Então eu estava a caminho entre Hamburgo e Frankfurt, num avião da Lufthansa. Como podia matar Jean dali?

Acho que tenho um álibi indestrutível.

— Não necessariamente — disse Oelschlegel. A neve voltara a cair intensamente..

— O que quer dizer “não necessariamente”?

— Há por exemplo um trem com vagão-leito que sai diariamente de Hamburgo às vinte e uma e quarenta e chega no dia seguinte às sete e quarenta a Paris. O senhor poderia ter pegado um vagão-leito nesse trem. E estaria antes das oito da manhã em Paris, nesse 22 de setembro. Quando estive com o pai de sua falecida esposa no Nordwestkrankenhaus?

Agora eu precisava mais uma vez tomar cuidado. Eu conhecia de cor os horários dos aviões do meio-dia de Hamburgo a Frankfurt, e disse:

— Não sei lhe dizer isso assim, agora. Eu não sabia que isso teria um papel tão importante. Mas diria que cheguei lá por volta das duas e meia, três horas.

— Que avião o senhor pegou?

— O das doze e trinta — menti. — Chegou às treze e trinta em Frankfurt.

De lá ainda é um bom pedaço até o Nordwestkrankenhaus.

Na verdade, meu bem, como lhe contei, eu voara às 15h30min com o avião atrasado do aeroporto Charles de Gaulle de Paris a Frankfurt, e só estivera no hospital por volta das 17h30min. Mas estava confiando na minha experiência profissional. Não há nada que testemunhas confundam tanto como horários. Pensei que a mãe de Andréia dissera depois da morte dela: “Meu pobre rapaz, como passou depressa o tempo feliz de vocês dois. Ainda me lembro tão bem do dia em que você entrou no quarto do hospital com flores. Era bem no começo da tarde, não era?”

Está vendo, meu bem, ela já não se lembrava direito. E eu naturalmente confirmei isso na hora.

— Sim — respondi —, foi pelas duas e meia, três horas que cheguei. Ainda tomamos chá juntos, lembro disso muito bem.

— Esta manhã — disse o juiz de instrução Oelschlegel —, agentes criminais perguntaram aos seus sogros em Frankfurt, e às enfermeiras, quando o senhor chegou lá, segundo lembrança deles, sr. Duhamel.

Naturalmente, a pessoa precisa de um pouco de sorte, pensei.

— Se não disser a verdade e tiver tomado realmente o trem para Paris — prosseguiu ele — teria facilmente podido voar de Paris a Frankfurt.

— Um momento — disse eu. — Um momento sim, senhor juiz?

Se eu tivesse apanhado o vagão-leito, o grande comissário Rolland já saberia disso.

— Como?

— Mas, senhor juiz! Não me julgue imbecil — disse eu em tom de censura. — Em cada bilhete de vagão-leito está o nome do comprador. Na partida ele entrega bilhete e passaporte ao condutor, e eles são comparados na fronteira, para ver se estão corretos. Então o senhor teria mandado seus agentes à Estação Central de Hamburgo, e a todas as agências de viagem, e mandaria perguntar se na noite de 21 para 22 de setembro havia algum Peter Kent viajando no vagão-leito de Hamburgo a Paris. Certamente o senhor ou o comissário Rolland fizeram isso.

— Não — disse ele.

— Por que não? Pensei que queriam me acusar do assassinato.

— Mas não assim. Assim não é possível.

— Como não?

— Porque nada do que o senhor disse é verdade.

— O que não é verdade?

— Que seu nome tenha de constar na passagem do vagão-leito.

Só se assinala se é viajante masculino ou feminino. Na fronteira controla-se o passaporte, mas ninguém o compara com a passagem.

Os agentes teriam de controlar o passaporte com a passagem de todas as pessoas do trem, e na passagem teria de constar ainda o nome do viajante. E com isso todo o trânsito ferroviário entraria em colapso.

— Então não controlam nada? — disse eu, perplexo. Não demais, mas perplexo. Banquei o idiota.

— Não.

— Então, para que se tem de entregar passagem e passaporte?

— A passagem para o condutor, o passaporte para a polícia da fronteira e a alfândega.

— É mesmo? — balancei a cabeça.

— O senhor entrega seu passaporte só para não ser acordado na fronteira, sr. Duhamel. É isso. Outra coisa: se o senhor pára imediatamente na agência de viagens, e sempre se tem de pagar no guichê do trem, ninguém perguntará seu nome.

— Então nem faria sentido perguntar na estação ou em todas as agências de viagem — disse eu, fitando-o com olhos arregalados.

— E por isso ninguém o fez — disse ele, zangado, e pensei que de qualquer modo ninguém se lembraria de mim na agência de viagens da Alsterdorfer Strasse. A jovem que me vendera a passagem estava casada há muito, e não trabalhava mais. — Aliás, o senhor teria podido comprar uma passagem normal para Paris e viajar sentado a noite toda. O que também não se poderia provar.

— Por que está me contando tudo isso, senhor juiz?

— Espere! Espere! Não podemos provar, mas vamos supor que o senhor tenha tomado o trem noturno. E teria podido voar de Paris a Frankfurt — disse ele.

— Por que eu faria isso, senhor juiz? Ao meio-dia Balmoral ainda estava vivo. À uma e meia ele saiu do restaurante com aquele outro homem, o senhor mesmo me disse isso há pouco. Sabe qual a distância entre o Bois de Boulogne e o aeroporto Charles de Gaulle?

Que avião eu teria tomado?

— Às catorze e trinta sai diariamente um avião da Air-France.

— Eu jamais o teria alcançado, tem de admitir isso.

— Admito. Mas nesse dia, 22 de setembro de 1981, o avião saiu atrasado. Só partiu às quinze e trinta.

— Mas então eu estaria somente às cinco e meia ou seis com o pai de minha esposa Andréia.

— Vamos ouvir o que os pais de sua mulher e as enfermeiras dirão.

Bati com a mão na testa.

— Mas tomar um avião teria sido algo absolutamente idiota de minha parte, senhor juiz! — exclamei. — O senhor sabe muito bem que em aviões para o exterior é preciso passar pela barreira policial antes de ser examinado e liberado. E é preciso mostrar ao policial ali sentado a passagem e o passaporte. Mas numa passagem de avião sempre consta o nome do passageiro, sei disso com certeza! O policial verifica se no passaporte consta o mesmo nome.

— Correto. Mas quando há muita pressa, ou muito trabalho, isso é feito muito superficialmente. O avião que estamos pensando estava bastante atrasado por causa de um defeito. Portanto, estavam todos apressados, e a conferência deve ter sido feita muito superficialmente; portanto...

— E quando! — instiguei. — E quando nem ao menos fazem o controle! As companhias de aviação mandam a cópia de cada passagem para a sua central de contabilidade, onde tudo é microfilmado e guardado. Por muito tempo, não sei quanto. Para o caso de reclamações ou pedido de devoluções. Ou caso a polícia queira saber se naquele dia aquela pessoa voou a determinada hora em determinado avião. Está correto ou não?

— Tudo correto, sr. Duhamel.

— Então — continuei instigando, mais depressa e mais alto. — Então o comissário Rolland só teria de perguntar lá onde ficam guardados os microfilmes da Air-France. E se eu tivesse voado naquele aparelho, teria sabido em poucos minutos. Exatamente. E decerto ele andou se informando por lá, não?

— Sim — disse Oelschlegel.

— E então?

— Não há passagem em nome de Peter Kent nesse avião da Air-France.

— Nem pode haver! — exclamei nervoso. — Não voei nesse avião; fui com a Lufthansa, às doze e trinta, de Hamburgo a Frankfurt. Tem de haver uma cópia de minha passagem na central de contabilidade da Lufthansa. Onde fica essa central?

— Aqui em Hamburgo — disse ele.

— Naturalmente o senhor se informou lá.

— Naturalmente — disse ele.

— E o que lhe disseram?

— Disseram que lá está registrada uma passagem para Peter Kent no vôo da Lufthansa sete-zero-cinco às doze e trinta de Hamburgo a Frankfurt, no dia 22 de setembro de 1981.

Você deve estar perplexa, meu bem. Não pode entender como isso foi possível, mas foi até muito simples.

A 20 de setembro de 1981 eu telefonara a meu dedicado amigo Eisenbeiss em Viena, pedindo um favor.

— Eisenbeiss, você podia hoje ou amanhã, ou no máximo no dia 22 de setembro, voar cedinho de Viena a Hamburgo? Muito importante.

— Claro que posso — respondeu ele. Nenhum de nós falava de sua casa. — O que devo fazer?

— Comprar uma passagem em nome de Peter Kent para o vôo sete-zero-cinco da Lufthansa de Hamburgo a Frankfurt, para doze horas. Vinte e dois de setembro. Não há controle de passaporte dentro da Alemanha. Você voará de Hamburgo a Frankfurt com o nome de Peter Kent, e depois, com o seu próprio nome, viajará de novo para casa em Viena. Faria isso por mim?

— Sabe que eu faria tudo por você — respondeu ele. Foi tudo assim tão simples, meu bem.

Exclamei:

— Afinal, senhor juiz, o que deseja de mim? Não fui de trem de Hamburgo a Paris nem de Paris de avião a Frankfurt! O comissário Rolland pode confirmar isso. Fui de avião de Hamburgo a Frankfurt.

A polícia criminal alemã confirmou isso. Então eu lhe pergunto: o que mais quer de mim?

O telefone tocou.

Oelschlegel atendeu, escutou algum tempo, e falou muito pouco; por fim desligou.

— Era de Frankfurt. Os agentes que interrogaram seus sogros e as enfermeiras.

— Sim, e daí? O que disseram?

— As enfermeiras nem se lembram mais do senhor.

— Claro — respondi. — Isso eu teria podido lhe dizer logo. Num hospital imenso daqueles. Com aquele movimento. Mas e meus sogros?

— Dizem que o senhor chegou por volta das duas e meia, três horas.

— Quer dizer que eles dizem o mesmo que eu.

— Sr. Duhamel — disse ele, apertando as mãos nas têmporas.

— Isso quer dizer que tenho um álibi indestrutível.

Ele ficou calado.

— Mas agora, basta — disse eu com veemência. — Toda a sua teoria... a do comissário Rolland, desmoronou. Admita isso! Pergunto mais uma vez: não tenho um álibi indestrutível?

— Sim — disse ele, torturado. — Vamos interromper a entrevista agora, sr. Duhamel. Não... não me sinto muito bem. Mandarei chamá-lo outra vez, e poderemos finalmente falar sobre o assassinato do sr. Langenau.

— Não matei o sr. Langenau. Mesmo que pareça. Também pareceu que eu tinha assassinado Jean Balmoral, não?

Ele fez que sim e apertou uma campainha.

— Tenho ainda um grande pedido, senhor juiz — disse eu.

— Qual?

— Conhece o nome Patrícia Hernin? É a menininha que ontem apanhei em Berlim e com a qual devo morar.

Ele confirmou mais uma vez.

— Pode descobrir onde a colocaram e o que vai acontecer com ela?

— Vou me esforçar para conseguir isso.

Bateram à porta e entrou um guarda.

— Senhor juiz?

— Por favor, leve o sr. Duhamel de volta à cela.

51

O homem com a prótese no braço direito disse: — Bom-dia, sr. Duhamel. — Estava parado ao lado do juiz Oelschlegel, e os dois me encararam quando fui introduzido na sala pelo guarda. Era na manhã seguinte, 5 de fevereiro, uma sexta-feira.

— Bom-dia, senhores — respondi.

Oelschlegel disse:

— Este é o delegado criminal Niemann, da Delegacia Criminal Federal de Wiesbaden. Está trabalhando em Hamburgo. Pedi que viesse até aqui... por sua causa.

— Por minha causa?

— Sim — disse Niemann. Tinha uma comprida cicatriz na testa.

Quando falava, o sangue pulsava nela. Pensei que a cicatriz e a prótese vinham da última Guerra Mundial. Idade bastante para ter combatido, Niemann parecia ter. — Sr. Duhamel, como quero ter certeza de que o exame de seu caso não entrará em trilhos errados, nem possa ser encaminhado para trilhos errados, quero lhe dizer que o sr. Langenau realmente colaborava conosco no esclarecimento do crime na Oktoberfest. Mas quero enfatizar: ele não encontrou qualquer pista em suas buscas. Todos os seus esforços permaneceram inúteis até sua violenta morte. Estou convencido de que entende o que quero dizer com isso. Até logo, sr. Duhamel. — Fez uma mesura, batendo os calcanhares. Fiquei então certo de que seus ferimentos vinham da última guerra. Parecia um oficial alemão em filmes franceses, ou filmes antibélicos. Um bom oficial alemão.

A porta fechou-se atrás dele.

— Sente-se! — disse o juiz de instrução.

Sentamo-nos os dois.

— O senhor ouviu — disse o homem de cara cinzenta. — Todo esse tempo Langenau não encontrou um só indício que fosse perigoso para esses grupos radicais da direita.

— Já ouvi.

— E ainda insiste em que foram os neonazistas que o mataram?

— Insisto em que não fui eu quem o matou — disse eu. Estava com frio, depois com calor. Mas não era o início de uma gripe. Eu simplesmente me sentia mal naquela manhã. Uma sensação péssima. Temia que não fosse ser um dia bom para mim.

Oelschlegel remexeu em alguns papéis.

— Ah, de resto, um senhor Robert Stark telefonou para o senhor.

— Sim?

— Sim. Manda abraços e pergunta se pode botar um anúncio nos classificados pedindo um livreiro para a livraria. Vai telefonar novamente à tarde. Estarei aqui, embora seja sexta-feira. Tenho documentos para examinar. O que devo dizer a ele?

— Também abraços, e que ele ponha esse anúncio o mais depressa possível. Terei de ficar aqui o fim de semana, e só serei libertado segunda ou terça-feira.

Ele me olhou com ar sombrio.

— Sr. Duhamel — disse —, sr. Duhamel.

— Tenho de ser libertado segunda ou terça — disse eu. — Não matei Langenau. Pude provar ontem que não matei meu amigo Jean Balmoral. Então?

— Não será tão fácil provar inocência na morte de Langenau — disse ele. Eu tinha a mesma impressão, por isso me sentia tão mal do estômago.

— E aquele homem da segurança? — perguntei. — Esse Reining? O senhor me prometeu...

— Na segunda-feira — disse ele. — Terá de esperar até segunda-feira. Teremos o fim de semana. Na segunda o sr. Reining virá, ele já confirmou.

— Obrigado.

— Por nada. — Ele me encarou. — Quanto às provas e suspeitas no caso Langenau, o senhor já conversou com os senhores Hübner e Raven, segundo soube. E com o comissário Rolland, sim. Em parte.

Nada muito detalhado. Sabe que só agora encontramos o corpo, e sabe por quê.

Concordei com a cabeça:

— O chefe da estação de Reinbeck e sua viagem aos Estados Unidos.

— O cadáver estava enrolado num plástico grande, e amarrado, também sabe disso.

— Não, isso eu não sabia.

— Também nada sobre a atadura grossa e o grave ferimento na cabeça?

— Mas que grave ferimento na cabeça?

— Naturalmente também não sabe — disse ele. — Claro, não pode saber, o senhor não sabe de nada.

— Sei o que me contaram na delegacia. Não me falaram nada de ferimento na cabeça nem envoltório plástico. Falaram de cordas e ferros para dar peso ao corpo, de dois tiros no peito com uma pistola Zero-Oito, calibre nove...

— A pistola de Langenau, sr. Duhamel. Com silenciador. Nós a encontramos. As balas vinham dela. Na arma há impressões digitais.

As suas.

— Claro. Peguei a arma na mão quando visitei Langenau. Admiti isso desde o começo. Seja quem for que o matou, usava luvas. Se

eu o tivesse assassinado com essa pistola, acha que seria idiota a ponto de deixar impressões digitais?

Ele suspirou:

— O senhor cometeu o ato em estado de grande nervosismo.

— Eu não cometi o ato em absoluto!

— Vamos, calma, não grite assim, sr. Duhamel. Vamos começar do começo, sim? — Ele levantou-se, foi até a seringueira, acariciou uma folha. — O senhor visitou Langenau na noite de 10 de novembro. Chegou por volta das nove horas, conforme disse. Certo?

— Certo.

— Queria convencê-lo a ficar.

— Certo.

— Mas não conseguiu?

— Não, senhor juiz, não consegui.

— Embora tenha tentado horas a fio. Quantas horas, sr.

Duhamel?

Eu pensara bastante nisso naquele meio tempo. Não fazia sentido mentir. Eles sabiam que eu estivera em Reinbeck. Sabiam a hora. Eu não podia negar a ida a Reinbeck. Portanto, tinha de dizer a verdade. Era loucura. Eu realmente matara Balmoral, ontem mentira, e Oelschlegel tivera de acreditar em mim. Eu não matara Langenau. Hoje diria a verdade, quando muito mentira para que não me atribuíssem o crime Balmoral. Mas hoje Oelschlegel não acreditaria em mim, de modo algum.

Respondi:

— Quase três horas. Quase até meia-noite, senhor juiz.

— E tudo em vão?

— Sim. Langenau estava farto da Alemanha, dos extremistas de direita, e de toda essa atmosfera aqui. Queria ir para casa, no Tirol,

De qualquer jeito.

— O homem da segurança, sr. Reining, disse no protocolo que foi uma conversa muito diferente.

— O que esse Reining disse no protocolo é mentira.

— É a palavra dele contra a sua, sr. Duhamel.

— Acho que ontem ficou claro que eu não podia ter assassinado Balmoral, senhor juiz.

— Ontem ficou claro que não podemos lhe atribuir o assassinato de Balmoral. Não que o senhor não o tenha cometido.

Portanto, minha sensação ruim inicial não me enganara.

— Não se pode provar esse crime por uma razão muito simples: não o cometi!

— Não deve gritar, sr. Duhamel.

— Perdão. Mas fico muito nervoso. Esse delegado criminal de Wiesbaden me deu a entender claramente ontem que não devo usar das relações de Langenau contra os radicais de direita para transferir esse crime do terreno pessoal para o político, com o qual nada tem a ver. O sr. Reining, esse belo cavalheiro, não deve usar o caso Balmoral, com o qual eu — e o senhor sabe muito bem disso, senhor juiz, embora faça de tudo para me desmentir —, com o qual não tenho nada a ver, para transferir o assassinato de Langenau do campo pessoal para o político e me onerar gravemente. Nele vocês acreditam. Em mim não. A palavra dele contra a minha, disse o senhor. Na verdade, os senhores constroem sua acusação sobre a palavra dele, e me consideram mentiroso e assassino. O que tem o sr. Reining de vantagem sobre mim para o tornar tão incrivelmente mais digno de confiança do que eu, senhor juiz?

— O sr. Reining não trocou de nome nem viveu como outra pessoa.

— É tudo o que o coloca acima de mim? Muito pouco, não acha?

Eu tinha motivos pessoais gravíssimos para mudar minha identidade. Por isso eu jamais teria sido procurado pela Interpol. Fui procurado pela Interpol porque a polícia de Paris, em boa parte incitada por minha mulher Yvonne, que é louca, acreditou por fim que eu poderia realmente ter matado Balmoral. — Seria uma péssima sexta-feira para mim. Pensar que eu não tinha assassinado Langenau. Nem se devia pensar nisso. Balmoral sim, Langenau não.

Balmoral absolvição. Langenau condenação.

— Por que está tão nervoso, sr. Duhamel?

— Porque está me acusando de um crime com o qual não tenho nada a ver.

— Ontem também o acusei de um assassinato com o qual diz nada ter a ver. E nem ficou nervoso.

Eu não devia subestimar aquele Oelschlegel. E disse: — Na segunda. Na segunda-feira vou pegar esse Reining, e então veremos quem vai ficar mais nervoso.

— Que motivo teria Reining de o acusar tão gravemente?

— Não sei.

— Como explica que ele afirme ter ouvido coisas que estão realmente em debate: seu nome verdadeiro, o nome de Balmoral, e que o senhor assassinou Balmoral? De onde Reining teria sabido tudo isso, se não o tivesse ouvido realmente?

— Senhor juiz — disse eu —, lembre-se de que o pobre Langenau era meu confidente. Era o único a saber quem eu realmente era e qual meu verdadeiro nome. Por isso ele me chamou uma vez de “Duhamel” por engano. Sr. Duhamel... Reining ouviu isso.

— Só o seu verdadeiro nome?

— Só.

— Mas ele afirma que falaram outras coisas.

— Segunda-feira — disse eu. — Segunda. Vamos aguardar, senhor juiz. Na segunda saberemos. — Eu acreditava firmemente já agora saber por que Reining me acusava tão gravemente, dizendo a pura verdade. Ele não apenas cumpria o seu dever de cidadão testemunhando o que ouvira, mas ainda tinha um maldito outro motivo, eu estava convencido disso. Na segunda eu tentaria descobrir esse motivo. Na segunda. Hoje era sexta-feira. Uma sexta-feira negra para mim.

— Então vamos continuar — disse Oelschlegel, que acariciara a folha da seringueira o tempo todo. — O senhor ficou quase até meia-noite, sem conseguir dissuadir Langenau. E depois?

— Depois descemos de elevador, ele abriu a porta.

— E o senhor levara a pistola com silenciador, secretamente, e lhe bateu com a coronha da arma na cabeça e ele desmaiou.

— Nunca — disse eu.

— Ele sofreu um grave ferimento na cabeça, eu já lhe disse. Os médicos do Instituto Médico-Legal constataram que a pistola dele foi a arma assassina. E a coronha cabia exatamente no ferimento.

Também havia sangue e cabelos nela, quando a encontramos.

Cabelos de Langenau, sangue de Langenau. Grupo AB. Tudo constatado no exame médico-legal.

— Não toquei em Langenau — disse eu.

— Vou lhe contar mais uma vez como é que a polícia imagina os fatos daquele dia.

— Pois não.

— Supondo, pois, que o senhor bateu na cabeça de Langenau com a coronha da pistola dele por volta de meia-noite de 10 de novembro lá embaixo, na porta do edifício dele. O senhor trazia no bolso um grande rolo de atadura, com que amarrou a ferida que sangrava, e metade da cabeça dele. Várias camadas, para o sangue

não passar. Eu lhe disse que o cadáver tinha uma atadura muito firme?

— Sim.

— Naturalmente, apesar disso correu sangue sobre o chão de pedra da porta do edifício, antes de o senhor colocar a atadura. O senhor limpou todos os sinais com um pano, com muito cuidado, mas não o bastante. Depois arrastou Langenau desmaiado para o carro e o meteu no porta-malas. Não havia ninguém na rua àquela hora, e com aquele tempo. O senhor disse alguma coisa?

— Não, senhor juiz.

— O senhor estava extremamente nervoso. Tinha bebido. Tudo pode acontecer. Pode ter um acidente, assim descontrolado como está. Por quê? Porque tem no carro um homem ferido e desmaiado.

Depois de tudo o que ele lhe disse aquela noite, terá de morrer. Só então o senhor estará seguro. Mas matar como? Onde? Onde colocá-lo? Seu cérebro trabalha febrilmente. O tempo dispara. Onde matar Langenau? Naquele tempo louco, com aquela tempestade e chuvarada. Reinbeck! Lá estão construindo edifícios novos, na beira da Horner Landstrasse, logo antes de Reinbeck, o senhor se lembra disso. Uma série de edifícios vai surgir ali. O senhor viu as máquinas, os sacos de cimento, os guindastes, as telhas, as primeiras paredes, os ferros e cordas.

— Quando supõem que eu tenha visto isso, senhor juiz?

— Sempre que foi com sua esposa a Reinbeck nos últimos tempos. Era o seu lugar preferido para passeios.

— Sim, no verão — disse eu.

— A construção começou no fim do verão. O senhor deve ter visto isso! Foi um outono muito bonito. Certamente também estiveram em Reinbeck no outono!

— Uma vez — disse eu.

— Pois então. Então, o senhor vai até a construção! Não há ninguém lá fora. Tudo quieto. O trabalho só continuará na primavera. Tempo ruim, inverno, não se pode construir. O senhor estaciona seu carro bem perto de uma das fachadas, tira Langenau, ainda desmaiado, do porta-malas, arrasta-o para um quarto no térreo. Lá há telhas, ferros, cordas, sacos de cimento protegidos contra a chuva por grandes plásticos. O senhor arranca uma dessas folhas, estende-a no chão, coloca Langenau em cima, pega a pistola e lhe desfere dois tiros no peito. O senhor...

— Por que o coloco sobre o plástico? Ah, sim, o sangue...

— Nada de fingimentos, por favor. Claro, por causa do sangue.

Agora sai muito sangue, do ferimento no peito. Mas tudo fica no plástico, quase tudo. Um pouco o pessoal da investigação ainda encontrou. Deve ter coagulado quando o senhor enrolou o morto no plástico, quando o amarrou num pacote com as cordas, quando lhe colocou os ferros para dar peso. Tinha encontrado o lugar ideal. Não teria podido assassinar Langenau antes, por exemplo no apartamento. Teria sido impossível. Tanto sangue. Além disso... como levar o morto pelo elevador, um homem tão grande e pesado?

Mesmo que o tivesse conseguido, o senhor teria sujado todo o vestíbulo e o porta-malas.

— Tem razão, senhor juiz. Não havia sangue no meu porta-malas.

— Não.

— Nem uma gotinha?

— Senhor Duhamel!

— Mas é muito estranho, não?

Oelschlegel não respondeu.

— Então ele foi realmente morto a tiros em uma das construções?

— Nossos homens encontraram sangue e outros sinais, bem como dois cartuchos de bala. E a arma, num monte de areia. O senhor a enterrou lá.

— Então fui bastante idiota... perdão, senhor juiz.

— Na verdade, depois do ato o senhor está mais nervoso ainda, o álcool com efeito mais forte. Tem uma só idéia: Langenau tem de sumir! O senhor age em pânico. Arrasta de volta ao carro o pacote que foi um ser humano, enfia-o no porta-malas, senta-se na direção.

Suas mãos tremem, o senhor arqueja. Está quase acabado. E então, acontece!

— O quê?

— Choca seu carro contra um dos andaimes de ferro diante da fachada. O pára-lama esquerdo fica amassado, o pára-choque dianteiro da esquerda fica dobrado. O senhor trata de sumir. Parte do andaime desmorona, mas ninguém ouve. Mais tarde o senhor dirá à polícia que um carro bateu no seu enquanto estava estacionado diante do apartamento de Langenau, enquanto o visitava lá em cima.

A polícia examinará seu carro constatando imediatamente que não é verdade. Nenhum outro carro entrou no seu. O comissário Hübner lhe dirá que alguém deve ter feito isso com um martelo, de propósito, porque encontraram pedacinhos de ferro no lugar amassado. E há mesmo, mas vieram do andaime de ferro em que o senhor bateu.

Nossos laboratoristas descobriram isso, depois de encontrarmos o corpo. Então procuraram em toda a redondeza: procurou-se pelo lugar do crime, pela arma. Teria sido em vão. Nunca teríamos encontrado local e arma se o senhor não tivesse assassinado Langenau naquele lugar protegido... porque o senhor não sabia de outro local... naquela noite... com aquele tempo...

— Tudo isso foi muito tolo de minha parte; perdão mais uma vez, senhor juiz. Eu simplesmente entreguei meu peito à faca.

— Eu não diria isso. Se o chefe da estação não o tivesse visto... nunca teríamos chegado a Reinbeck e ao Mühlenteich, nunca teríamos examinado os andaimes de ferro. Tudo ainda está exatamente como quando desmoronou naquela noite. Pensaram que o andaime caíra com a tempestade. Não, o senhor imaginou tudo muito bem. Meus respeitos! Mas o chefe da estação foi o seu azar.

Não existe crime perfeito, sr. Duhamel. Portanto, a polícia descobriu tudo. O senhor foi depressa para casa. Não deve ter contado o crime à sua esposa, pois ela nada sabia de Balmoral e com certeza não sabia que o senhor não se chama Peter Kent mas é um francês, um "desembarcado", um bígamo, cujo filho ela traz debaixo do coração...

— Pare com isso! — gritei. — Minha mulher está morta! Quanta falta de tato o senhor ainda é capaz de ter?

Ele realmente se desculpou.

— Sim, sim, sim — disse eu. — Tudo bem. O senhor não se lembrou disso no momento.

— Mas alguma coisa o senhor deve ter contado à sua esposa... quero dizer, porque era tão tarde... e seu carro... O que foi que contou à sua mulher?

— Que um bêbado entrara no meu carro e que eu próprio bebera bastante com Langenau. E que por isso a polícia ia investigar detidamente. E eu estava tão bêbado e confuso que disse à minha mulher que nem ao menos saberia dizer onde o sujeito batera em mim. Quero dizer, em que rua. Eu lhe contei que tinha me perdido na cidade...

— Na cidade! Naturalmente a caminho de Reinbeck?

— Não, claro que não.

— O que quer dizer: claro que não? Por que, claro que não?

— Porque... Ah, senhor juiz, não faz sentido. Não posso explicar.

Não posso nem explicar por que fui a Reinbeck.

— Para jogar Langenau no Mühlenteich — disse ele.

— Vamos deixar disso por um momento, sim? — disse eu, controlando-me com esforço. Aquele dia. Aquele dia. Eu sabia que seria um dia terrível para mim. — Vamos esquecer por um momento as teorias da polícia. Eu estava bêbado. Não inconsciente, mas muito bêbado. E terrivelmente deprimido porque Langenau ia nos deixar por causa desses malditos neonazistas. O senhor não o conheceu.

Era o melhor livreiro que havia, e era nosso amigo. Um bom homem.

Meu confidente, senhor juiz! Não pude ir para casa logo depois de tê-lo deixado, estava confuso demais. O senhor me olha com ar cético.

Não pode imaginar como rodei doidamente pela cidade, e de repente notei que estava no caminho de Reinbeck, e depois ainda fui até o Mühlenteich. Realmente fiquei atolado ali na lama, como viu o chefe da estação. E descii para desatolar o carro. O chefe da estação viu isso. Quero dizer, ele olhou exatamente quando abri o porta-malas e tirei um velho cobertor para pôr diante das rodas. E no caminho de volta, senhor juiz, no caminho de volta é que bati nesse andaime, porque um maluco veio na contramão sobre o meu carro, com faróis altos me ofuscando. Tive de entrar no andaime para escapar desse louco. O senhor não acredita em mim.

— Não — disse ele. — Talvez eu acreditasse que simplesmente foi até Reinbeck no Mühlenteich assim, distraído, mais nada... se não tivéssemos encontrado o cadáver de Langenau no lago.

— Sim — disse eu —, isso é grave.

— E a mentira de que outro entrou no seu carro o senhor teve de inventar porque num exame mais detido não deveriam descobrir que o senhor bateu num andaime em Reinbeck. Pois o andaime fica muito perto do lago em que o senhor jogou Langenau. Mas os rapazes do laboratório logo disseram ao comissário Hübner que o senhor estava mentindo, que outro carro não poderia ter batido no seu.

— Então ele estava fazendo uma encenação quando me contou aquela história do martelo que alguém teria batido no Mercedes!

— Sim, sr. Duhamel. Naquele tempo ele já desistira das suas primeiras suposições, de que Langenau fora morto por radicais direitistas. Naquele tempo ele começava a suspeitar do senhor, — Minha mulher e eu considerávamos Hübner e Raven verdadeiros amigos.

— Os dois também gostavam muito dos senhores — disse ele, baixinho. — Veneravam sua pobre esposa.

— Pare com isso, por favor!

— É verdade.

— Mesmo assim, pare! — Lembrei-me de uma coisa. — E as pegadas de sapatos?

— Quais?

— Logo no começo da investigação o pessoal de Hübner achou quatro pares de pegadas sujas no apartamento de Langenau. Um bem grande era dele, o outro meu. E as dos outros dois pares?

Langenau era um homem muito cuidadoso. O apartamento tinha de estar sempre imaculado. Não tinha arrumadeira, ele mesmo limpava tudo. Jamais teria deixado as pegadas sujas no tapete. O comissário Hübner experimentou aquela vez os sapatos de todos os amigos de Langenau, mas não serviram naquelas pegadas. Portanto, depois de mim devem ter aparecido dois homens na casa de Langenau. Dois homens, depois da meia-noite.

— Ou antes das nove, antes de sua chegada.

— Ou isso, sim.

— Vieram dois. A televisão de Langenau estava estragada. E dois homens da oficina devolveram o aparelho naquela noite às sete. Os dois se apresentaram a Hübner aquela vez. Tinham enrolado o aparelho num cobertor porque chovia muito aquela noite.

— Ah, é — disse eu.

— Eles deixaram a televisão no apartamento e tiraram o cobertor. Não tocaram em nada, por isso não achamos suas impressões digitais.

— Ah, é — disse eu pela segunda vez.

Eu sabia que aquela sexta-feira seria um dia funesto para mim.

Bad Oldesloe, 5 de fevereiro de 1982 "Querido tio Peter!

Um professor que vai a Hamburgo amanhã me prometeu que ia levar esta carta pra você. Assim você vai receber ela no sábado.

Querido tio Peter, por que o sr. Raven levou você embora? Você não fez nada de ruim. A boa assistente social que me pegou me levou para a casa dela naquela noite, e no dia seguinte fomos para um Juizado muito grande e lá estava a Francisca, nossa governanta.

Tiraram ela das férias. Ela chorou e disse que é horrível mas não pode ser responsável por mim, porque é velha e doente e tem os nervos ruins. Ela quer voltar para casa em Algoi. Então a boa assistente social disse que agora ia cuidar de mim e que tinha que ir para um internato onde iam cuidar de mim, e em toda a Hamburgo não tem internato para meninas como eu. Então entramos num carro e fomos muito longe para uma cidade muito bonita que se chama Bad Oldesloe. E em Bad Oldesloe tem um internato que se chama Kerns Internatschule, e é muito bonita, só que choro o tempo todo porque você não está comigo e o vovô está morto e tia Andréia também. A boa assistente social falou com o diretor do Internato Kerns e ajeitou tudo, e agora eu sou uma aluna aqui e moro aqui. Às vezes penso se eu também estivesse morta como o vovô ou tia Andréia seria melhor. O diretor disse que normalmente só aceitam crianças com dez anos, mas ele abriu uma exceção para mim. Tenho que viver sempre num internato porque não tenho ninguém para cuidar de mim. Eu disse que tenho você mas o diretor não respondeu. Por que não respondeu, querido tio Peter? Ele disse que o apartamento em Hofweg é meu e a empresa de táxi do vovô vai continuar dirigida pelo sr. Steiner, que é um motorista dos nossos, e eu herdei bastante dinheiro para morar nos melhores internatos.

Mas não quero morar nos melhores internatos, quero ficar com você.

Por favor, por favor, querido tio Peter, faz com que a gente possa ficar junto bem depressa.

Sua Patty

Estou muito infeliz.”

53

Segunda-feira, 8 de fevereiro de 1982.

— Como vai? E o reumatismo? — perguntei apertando a mão de Otto Reining. Ele esperava na sala do juiz Oelschlegel quando me levaram para lá logo depois das dez. Oelschlegel me cumprimentara com a cabeça, de trás de sua escrivaninha.

Reining, aquele homem idoso de corpo magro e manchas vermelhas nas faces, praguejou:

— Sempre na mesma — disse amargurado. — Sempre na mesma. O diabo, sr. Kent, ahn... sr. Duhamel. Sinto cada osso com esse tempo, um nojo. Perdão, senhor juiz.

— Por favor, sentem-se os dois — disse Oelschlegel. E a Reining: — O sr. Duhamel queria lhe fazer algumas perguntas.

— Está com raiva de mim, sr. Duhamel — disse Reining em tom lamentoso.

— Por que estaria com raiva?

— Por causa do que disse. Não foi para o senhor. Mas eu tinha que dizer a verdade, sr. Duhamel.

— Claro que tinha de dizer a verdade, sr. Reining, há várias agências de serviços de segurança e vigilância em Hamburgo, não é?

— Sim, claro. Estou na Securitas. Sempre trabalhei na Securitas. Nunca em outra firma.

— Há quanto tempo?

— Vinte e dois anos, sr. Duhamel.

— E que idade tem?

— Cinquenta e oito. Antes de trabalhar na Securitas eu era chefe de garçons. Com vinte e nove já era chefe de garçons.

— Onde?

— Paris. — Ele disse o nome de um hotel de primeira, com um restaurante famoso.

— O senhor trabalhou em Paris?

— Sim. Dezessete anos ao todo, sr. Duhamel. O melhor tempo de minha vida. Eu adorava Paris. Adoro a França. Sempre quis ficar lá.

— Por que não ficou?

— Por quê? — Ergueu os ombros, debilmente, e abaixou-os de novo. — Por quê? Esse maldito reumatismo. Começou quando eu tinha trinta e quatro anos. Dois anos depois tive de largar minha profissão. Um chefe de garçons com reumatismo? Impossível.

Simplesmente não dava. Muito tempo trinquei os dentes para agüentar a dor. Do corpo e os nervos. Dores, dores horríveis. Tentei de tudo, estive com médicos. Tratamentos, injeções, irradiação.

Nada. Um garçom tem que correr, sempre em movimento, o dia todo, metade da noite. Isso tinha acabado, sr. Duhamel, definitivamente.

— Calou-se e olhou para o chão. Depois disse: — Voltei para a Alemanha. Aqui, para Hamburgo. Sou daqui. Aqui encontrei um médico que me tratou por dois anos. Dois anos inteiros. Depois realmente melhorei. Não fiquei bom, longe disso, mas melhorei muito. Pelo menos pude me mover direito outra vez. Naturalmente, garçom ficou impossível. Precisei de uma profissão onde pudesse me sentar de tempos em tempos, me deitar um momento, onde não importasse se eu andava depressa, ou torto. De preferência uma profissão noturna. No tempo em que eu tinha dores horríveis nunca podia dormir de noite. De noite tudo é sempre pior quando se está doente, não é? Não importa que doença. Então de dia eu cochilava quando estava exausto. Apesar das dores. Profissão noturna. Bom, assim cheguei à Securitas. Tinha que trabalhar, ganhar dinheiro,

comer, viver. Guarda-noturno em Hamburgo. E chefe dos garçons em Paris, num dos melhores hotéis. Guarda aos cinquenta e oito.

Também é uma carreira.

Calou-se e ficou olhando a neve que caía lá fora.

Fez-se uma pausa.

Depois o juiz de Instrução Oelschlegel espirrou violentamente.

Diabos, pensei, logo agora!

— Saúde — disse Reining.

— Obrigado. Sinto muito, o sr. Duhamel já conhece isso. Agora terei de espirrar mais nove vezes.

— Nove vezes? — perguntou Reining.

— Sim, quando espirro é sempre dez vezes. Realmente lamento muito. — Oelschlegel espirrou uma segunda vez. — Não se incomode com isso!

Eu disse:

— Então o senhor fala francês perfeitamente, sr. Reining.

— Claro, sr. Duhamel! A língua mais bonita do mundo. Música!

Assino um jornal francês e uma revista, e estou no Club du Livre. E sempre ouço a rádio francesa quando estou em casa. Meu único luxo: meus livros e jornais franceses. — Oelschlegel espirrou pela terceira vez. — Tempo para ler eu tenho bastante — disse Reining. — E às vezes é como se eu ainda estivesse em Paris, nos meus tempos felizes...

Eu disse: — E durante a guerra?

— “Durante a guerra” o quê, sr. Duhamel?

— Onde esteve durante a guerra, sr. Reining?

Oelschlegel espirrou.

— Também em Paris. — Reining riu como se as lembranças fossem divertidas. — Já estava na minha profissão. Foi aí que por assim dizer recebi meu primeiro polimento.

— Quer dizer, como garçom?

— Sim, sr. Duhamel.

— Por que não se tornou soldado?

— Eu era soldado e garçom. — Ele riu novamente.

Oelschlegel espirrou pela quinta vez.

— Onde foi isso? — perguntei, e pareceu-me que estava sentindo um levíssimo sopro, como um epiléptico antes de seu ataque.

— No Casino Aurore — disse Reining.

Mais um sopro.

— O senhor esteve no Casino Aurore?

— Já disse.

— Mas era o restaurante preferido do Serviço Secreto alemão.

— Certo, sr. Duhamel. Como sabe disso?

— Nenhum parisiense esqueceu isso, sr. Reining. Assim como nenhum francês esqueceu o Serviço Secreto alemão.

— Que idade tem, sr. Duhamel?

— Cinqüenta.

— Então, oito menos que eu. Não tem nem idéia do que aconteceu na França aquela vez! — Reining me encarou indignado.

— O senhor nunca foi soldado!

— Não, nunca.

— Cinqüenta anos... nascido em trinta e dois... No tempo da guerra o senhor ainda ia à escola!

— Certo. Mesmo assim, sei de muita coisa, sr. Reining. — De repente eu via uma centelha de esperança, só como um pouco de luz no fim do túnel. Uma centelha só, mas uma centelha. Minha voz ficou agressiva, agora eu falava depressa.

— Ouvi e li o suficiente sobre os crimes do Serviço Secreto na França. O senhor deve ter sido um homem de grande confiança deles, sr. Reining, se lhe permitiram trabalhar no Casino Aurore para os assassinos bêbados do Serviço Secreto e suas putas.

Oelschlegel espirrou pela sexta vez, e disse: — Não use esse tom, sr. Duhamel, esse tom não!

Reining falou quase ao mesmo tempo, o rosto vermelho: — O senhor disse, assassinos?

— Todos eram assassinos, todos eles — instiguei. A centelha de esperança...

— Se ouviu e leu tanto sobre o Serviço Secreto, então sabe com certeza da Resistance, o movimento de resistência francesa.

— O Maquis, sim. Essa gente combateu a ocupação alemã na França. Havia mulheres entre eles também. Cada um arriscando a cabeça e a vida, torturas e morte na luta contra a ocupação alemã.

— Eu falava cada vez mais depressa e mais agressivamente.

Oelschlegel espirrou pela sétima vez.

— Contra a ocupação alemã! — Reining estava muito excitado, e deu uma risada má.

— Ora, contra quem então? — disse eu.

— Vou lhe dizer, sr. Duhamel, vou lhe dizer: contra feridos desamparados. Contra pobres porcos camponeses. Contra mocinhas!

Contra crianças!

— Ora, ora, ora!

— Ora, ora, nada! O que fez o Maquis? Explodia grupos que estavam de licença! Explodia transportes de feridos! Punha bombas

em teatros e cinemas! Havia mulheres e mocinhas lá dentro!

Mulheres e mocinhas francesas muitas vezes! Bombas em hotéis e alojamentos! Lá estavam as telefonistas, as ajudantes da Luftwaffe, as mensageiras! Lá moravam os filhinhos e filhinhas dos oficiais que recebiam visitas de parentes!

— Eram porcos da SS! Os importantes! Só eles recebiam visitas de parentes!

— E as crianças também eram porcos da SS, é? E as mensageiras, e as enfermeiras, também?

— Quem foi que atacou a França, sr. Reining?

— Mas isso é a mesma merda? O Maquis matava gente inocente!

Os mesmos métodos dos OAS mais tarde na Argélia! Mulheres e crianças! Terror, puro terror! Era isso o seu Maquis! Bando de criminosos! E a nós o senhor chamou de assassinos...

— Não o senhor. O senhor era apenas garçom na SS...

Ele parecia não ter me escutado, sua voz estava aguda: — Agora o senhor sabe, de um que esteve ali, quem foram os assassinos sujos! Esses porcos da resistência! Os cachorros do Maquis! A SS teve de ser empregada, senão o país todo teria acabado num caos. Belos sujeitos, caras decentes, aqueles da SS: eu os conheci, vivi com eles! Acha que gostavam de perseguir aquela imundície, e de agarrá-los?

— E os torturar e violentar e matar lentamente, lentamente, em meio às torturas! — Eu também falava alto agora.

— Ora, merda! Pare com essa conversa fiada! Acaso deviam dar chocolate àqueles porcos, é? Os cachorros imundos! Acha que nossa gente cumpria seu duro dever com entusiasmo, com prazer?

— Sim, acho, sim! — Agora eu estava gritando. — Eram sádicos. Todos eles, sádicos sedentos de sangue!

— Cale a boca! — Reining também berrava. — Como se atreve, logo o senhor? Sádicos... Eram bons alemães, que acreditavam na nossa causa e arriscavam a vida por ela, dia após dia, noite após noite! Mais, muito mais que o seu dever fez esse nosso pessoal da SS! Quantos morreram miseravelmente!

Oelschlegel espirrou duas vezes seguidas.

Eu simplesmente tinha de arriscar; agora a respiração de Reining vinha aos arrancos.

— Como Wilfried Köhler — disse eu.

— Isso mesmo! — gritou Reining. — Exatamente como Wilfried Köhler! Ele só cumpriu o seu dever e lutou pela nossa causa, e perdeu a vida com isso!

Depois fez-se um silêncio mortal na sala.

De repente o rosto de Reining ficou branco como a neve que caía lá fora. Sua boca estava aberta, e pingava saliva. Ele ficou paralisado, e me olhava fixamente.

Oelschlegel espirrou pela décima vez.

Também ele me encarava. Atônito.

Senti que de repente me corria suor pelo corpo todo. Eu conseguira. Uma imensa sensação de felicidade me dominou. E eu disse ao juiz de Instrução:

— Gundolf Wilfried Köhler, caso não saiba, foi o neonazista que em 26 de setembro de 1980 jogou uma bomba num cesto de lixo na Theresienwiese em Munique, onde no momento estavam duzentas mil pessoas. Köhler provocou um horrível banho de sangue e por descuido também morreu...

— Eu sei — disse Oelschlegel numa voz sem expressão, olhando para Reining. — Eu sei, sr. Duhamel.

Reining ainda estava ali sentado, sem se mexer.

Levantei-me:

— Senhor juiz, uma vez lhe perguntei o que o sr. Reining tem de vantagem sobre mim, o que o faz tão incrivelmente mais digno de crédito do que eu...

— Eu sei — disse Oelschlegel atormentado.

— E o senhor respondeu que ele não trocou de nome nem se tornou outra pessoa. É realmente pouco, não acha — depois do que esse sr. Reining disse sobre Köhler e o dever de Köhler e toda essa coisa, não?

Vi Oelschlegel apertar a campainha. Logo bateram à porta, e o guarda que me trouxera da cela entrou.

— Senhor juiz?

— Por favor, leve o sr. Duhamel de volta à sua cela. — E disse a Reining: — Por enquanto o senhor está preso por grave suspeita de colaboração ou execução do assassinato do sr. Langenau. Começarei seu interrogatório imediatamente.

— Seu porco! — berrou Reining num guincho. — Seu filho de uma puta, maldito! — E atirou-se em cima de mim. Ergui o joelho e acertei no seu baixo-ventre; ele gritou outra vez. O guarda grandalhão o agarrou pelo colarinho e sentou-o na cadeira onde eu estivera há poucos segundos. O corpo inteiro de Reining tremia.

— Nunca! — gritou ao juiz. — Está ouvindo? Nunca vai arrancar uma palavra de mim!

Três horas depois ele já fizera uma confissão completa, e três outros homens tinham sido presos por indicações suas.

Fiquei dois dias sentado na minha cela esperando que Oelschlegel me mandasse chamar. Ninguém veio me buscar. Dois dias, longos como vinte anos. Eu não podia comer, nem dormir.

Continuava nevando.

Na quarta-feira, 10 de fevereiro, cerca de nove horas, um guarda me levou ao escritório do juiz de Instrução. Oelschlegel mal me cumprimentou, e sua pele parecia ainda mais cinzenta. A nova folha da seringueira se abriu totalmente.

— Os três homens que a polícia interrogou chamam-se Franz Biebernach, Hans Klar e Thomas Kette — disse ele. — Naturalmente os nomes não lhe dirão nada. São do Movimento Socialista Popular da Alemanha. Uma organização neonazista, uma das muitas que existem agora. Naturalmente também isto não lhe diz nada.

— Ah, sim — disse eu. — Certa vez li um panfleto desse partido... com um poeminha instigador contra trabalhadores estrangeiros. Numa taverna. Havia uns caras desses, e um lia o poeminha em voz alta. Langenau e eu brigamos com eles.

Oelschlegel procurou em seus papéis.

— Ah, sim — disse ele. — Tenho o relatório policial daquela vez.

Naturalmente todos esses grupos estão ligados. E se espalham internacionalmente. Não sabemos quem os dirige, onde fica a Central. Langenau estava na iminência de descobrir isso. Teria descoberto, em uma, duas semanas. Por isso, dizem os quatro, tiveram de matá-lo.

— Como, quatro?

— Reining também confessou. Também é membro desse partido.

O plano de assassinato fora imaginado há muito tempo. Então Reining teve aquela idéia sobre o senhor, e eles mudaram os planos e mataram Langenau ainda naquela noite. Temos três confissões separadas e coincidentes entre si.

— Por que esse delegado Niemann da Delegacia Criminal Federal de Wiesbaden disse que Langenau jamais tinha encontrado uma pista? Uma armadilha para mim, é? — perguntei.

— Não, realmente não. Langenau não falara ainda à polícia sobre sua suspeita. Naturalmente só esses neonazistas sabiam que ele estava prestes a descobrir quem dirige seu grupo, quem dera a ordem para o ataque terrorista na Oktoberfest, e quem fabricara a bomba e onde. Esses fascistas sabiam que Langenau estava na pista certa... a polícia não sabia. — Ele ergueu o olhar cansado: — Como é que o senhor sabia?

— No começo não sabia. Apenas sabia que não matara Langenau, portanto, provavelmente os radicais da direita haviam feito isso. E quando ouvi que ele perseguia uma ótima pista, tive certeza. Está vendo, minha suposição estava correta.

Eu tinha a testa úmida, mas não a enxuguei. Estava fraco demais. Mas passaria, pensei, passaria.

— Como mataram Langenau? — perguntei.

— Reining disse que escutara sua conversa com Langenau, não é?

— Sim, e daí?

— Ele ouviu tudo o que disse.

— Sim, e daí?

— Daí, disse ele, teve essa idéia, que era um presente do céu: o senhor e Langenau! Se ele tinha de morrer, podia ser morto logo. Ele, Reining, só precisava dar o seu depoimento, e o senhor estaria perdido. — Oelschlegel tossiu. — Portanto — prosseguiu —, correu o mais depressa possível ao seu escritório e chamou aquele seu

cúmplice, Franz Biebernach, contou-lhe que o senhor estava sozinho com Langenau, e o resto que ouvira, e que Biebernach, Klar e Kette viessem logo.

— E o que fizeram então?

— Arranjaram o plano pelo telefone mesmo. Os assassinos vieram em dois carros e estacionaram um pouco longe do edifício.

Viram Langenau levar o senhor até a porta da casa e despedir-se. O senhor entrou em seu carro e depois de algum tempo partiu. O sujeito chamado Klar foi atrás.

— Por quê?

— Para ver o que faria e aonde iria.

— Não notei nada.

— Ele foi muito esperto. Em geral ia de luz apagada.

— Até Reinbeck? — perguntei.

— Até Reinbeck. Viu o senhor no Mühlenteich, quando seu carro atolou na lama. Viu os edifícios novos que estavam sendo construídos. Correu de volta à cidade para uma garagem no Mittelweg.

— Por que para lá?

— Lá os outros dois estavam esperando — menos Reining. Este naturalmente ficara em casa. Cerca de dez minutos depois que o senhor saíra do Kaiser-Friedrich-Ufer, Reining tocou a campainha do apartamento de Langenau. Segundo seu depoimento, Langenau atendeu de pijama, já ia dormir. Reining lhe disse que o senhor tivera um acidente, a algumas centenas de metros do edifício.

Tinham atirado no senhor, ele ouvira tudo e avisara a polícia.

Portanto, um ataque como acontecera com Langenau. Este correu ao quarto, vestiu-se e desceu com Reining, que pegara a pistola com o silenciador e a escondera debaixo do casaco. A polícia não achou pegadas deles, seus sapatos estavam limpos, pois estava

dentro de casa há tempo. Portanto desceram de elevador, e enquanto Langenau abria a porta, Reining lhe bateu com a coronha na cabeça.

— Foi Reining?

— Sim, Reining. Ele mesmo confessou. Os outros dois homens — Hans Klar estava atrás do senhor — esperavam diante da porta.

Entraram e ataram a ferida de Langenau, que sangrava, com uma banda larga e comprida, como a polícia pensou que o senhor fizera.

Depois arrastaram-no inconsciente até o segundo carro, meteram-no no porta-malas e foram até a garagem, onde esperaram por Klar.

Queriam voltar todas as suspeitas sobre o senhor, não é?

— Sim — disse eu.

— Enquanto isso, Reining limpava os sinais de sangue na entrada do edifício, mas não o bastante, ainda encontramos alguns, como eu lhe disse. Quando Klar voltou de Reinbeck, os três saíram para lá com Langenau no porta-malas. Mataram-no na construção e jogaram o corpo na água do lago, como a polícia suspeitou que o senhor fizera. O chefe da estação obviamente já estava dormindo a essa hora. — Ele me olhou, mais uma vez, exausto. — O senhor se livrou da desgraça como um advogado de primeira classe.

— Um dia fui um dos bons — disse eu.

Ouvimos vozes no corredor. Então a porta se abriu, e o guarda que me trouxera tentou em vão impedir um homem de entrar no escritório.

— Não pode entrar aqui assim!

— Mas eu preciso! — berrava o homem em francês. — Preciso! Levantei-me.

Eu conhecia aquela voz.

Então vi o homem que entrava na sala tropeçando. Usava um sobretudo de pêlo de camelo, havia flocos de neve sobre seus cabelos negros, e nos olhos negros com cílios longos e sedosos havia uma expressão de felicidade.

— Dieu merci! — exclamou ele. — O senhor está aí, maître!

— Quem é esse? — perguntou Oelschlegel.

— Esse aí — disse eu em francês — é o desaparecido Paul Perrier, que o senhor e a polícia pensam que assassinei.

Paul apertou a mão de Oelschlegel.

— Sabe francês? Maravilhoso! Moro em Munique. Li o nome Duhamel nos jornais. Ilse, uma conhecida minha com quem moro, traduziu o artigo para mim, maître. Também soube que o senhor passa por meu assassino. Tudo. E vim imediatamente. — Entregou seu passaporte a Oelschlegel.

— Como é que está em Munique? — perguntei.

— Eu... eu não me entendia mais muito bem com madame Duhamel — disse Perrier, favorito das damas. — Então fui morar com amigos em Munique.

— Uma amiga, certamente — disse eu.

— Ah, não — disse Perrier. — O marido dela também é meu amigo, nós três nos entendemos às mil maravilhas.

Depois passou-se meia hora, enquanto Oelschlegel dava telefonemas para confirmar os dados de Perrier. Agradei a Paul.

— Mas era natural — disse ele. — Sempre foi tão bom comigo, maître. E também somos... amigos. Posso dizer assim?

— Claro que sim. Como foi que veio até aqui? De avião?

— No meu automóvel.

— Com essa neve?

— Vim num escorregão — disse ele, orgulhoso. — Com meu Lamborghini, é um pulo de gato, mesmo com mau tempo.

— Trouxe seu Lamborghini de Paris?

— Não, não foi possível, saí muito depressa. Ilse me deu um novo. Essa Ilse é louca por mim.

— Todas as mulheres são loucas por você — disse eu.

— Sim — disse ele gravemente. — É verdade. Ah, tenho tanta coisa a lhe contar!

Oelschlegel levantou os olhos:

— Então, obrigado pela sua visita, monsieur...

— Perrier, Paul Perrier.

— Monsieur Perrier. — Oelschlegel me fitou outra vez, dando a impressão de que ia morrer a qualquer momento. — Então, é isso — disse ele.

— Isso o quê?

— O seu caso. O senhor não matou Langenau, não pode ter matado Balmoral, não posso provar. Monsieur Perrier está diante de nós. Retiro a ordem de prisão contra o senhor. Está livre. — Estendeu-me a mão úmida e mole. — Boa sorte!

— Obrigado, senhor juiz.

— Pode ir. Mandarei suas coisas da cela. — Apertou a campainha e o guarda apareceu.

— Se me permite uma observação — disse Perrier. — Lá fora está assim de jornalistas. — E para mim: — O senhor não deve ter recebido jornais aqui, mas seu nome está por toda parte, em manchetes. Talvez não esteja em condições de dar entrevistas.

— Santo Deus, não!

— Posso ajudar um pouco a maître Duhamel? — perguntou Paul ao juiz.

E me ajudaram.

Quinze minutos depois, enquanto eu esperava com minha mala num corredor frio e ventoso, três radiopatrulhas pararam no pátio da prisão. Os portões foram fechados atrás deles. Um pouco mais tarde abriram-se outra vez, e saíram do pátio, com luzes ligadas, em disparada. Enquanto isso, o porteiro dissera aos jornalistas que eu seria libertado. Os repórteres correram para seus carros, saltaram dentro deles e perseguiram as radiopatrulhas.

— Não pode ir para casa agora, nem para a livraria — disse Oelschlegel, parado junto de mim com Perrier. — Esses caras irão para lá também.

— O que faço então?

— Primeiro, vá para um hotel — disse Oelschlegel.

— Atlantic — disse eu.

— Bom — disse ele. — Telefono e mandarei avisar que ninguém deve saber de sua chegada.

— De repente o senhor está tão amável — disse eu. — Por quê?

— Por que não? — perguntou ele tristemente.

Perrier foi comigo ao Atlantic. Um Lamborghini é realmente uma loucura de carro.

55

— Patty!

— Tio Peter! — Ouvi-a começar a chorar. Logo depois de chegar ao Atlantic, telefonei para o Internato Kerns, em Oldesloe.

— Não chore, Patty, não chore!

— Ah, tio Peter, tudo é tão horrível. Terem prendido você e...

— Eles me soltaram, Patty, estou livre.

Silêncio.

— Você me entendeu?

— Sim — ouvi-a engolir. — É verdade mesmo?

— Palavra de honra, Patty.

Começou a chorar outra vez.

— Patty!

— Mas agora é de felicidade, tio Peter, só de felicidade.

— Está tudo bem, Patty, tudo bem!

— Você vem me buscar?

— Sim, claro. Talvez hoje não, mas amanhã com certeza.

— E podemos morar juntos?

— Sim, Patty, sim.

— Ah, que maravilha! Como estou contente, tio Peter!

— E eu então! Queria telefonar logo para que você tivesse a boa notícia. Agora preciso dar um jeito nos jornalistas, depois vou logo.

— Eu sabia que era tudo um engano. Você não matou ninguém, tio Peter!

— Claro que não — disse eu. — Foi tudo um engano, você tinha razão.

— Estou tão contente, tão contente!

— Até logo, Patty, até logo!

— Até logo, tio Peter!

Larguei o fone. De repente, depois de muito tempo, pensei novamente no Ricardo III de Shakespeare, esse rei que mais me impressionara dentre todas as personagens do poeta. O final da peça veio à minha lembrança, as duas últimas frases: “Zwist está eliminado, lançada a semente da paz: que ela floresça por longo tempo, amém!”

56

Nesse dia, meu bem, em que encontrei Paul Perrier depois de tanto tempo, ele me contou no Atlantic tudo o que passara com Yvonne. Descreveu-me os incidentes que eu não testemunhara.

Agora você entende por que pude descrever aquelas cenas também.

Não todas, claro, pois havia mais alguém que me deu informações sobre o que Perrier não vivera. Esse alguém me telefonou por volta do meio-dia do dia 10 de fevereiro. Era o pequeno comissário Robert Rolland, da polícia criminal.

— Queria lhe apresentar minhas felicitações, maître — disse ele.

— Obrigado.

— Agora há apenas dois pontos a tratar: o fato de o senhor ter cometido bigamia com nome e documentos falsos, e a questão de onde veio o dinheiro com que comprou a livraria e viveu. Se for dinheiro seu, não será grave. Na Alemanha não há determinações quanto a divisas. Talvez o imposto francês caia sobre o senhor. — Ele riu, eu também ri. — Monsieur Perrier está com o senhor?

— Sim. Tem muito a me contar.

— Eu também teria — disse Rolland. — Mas não quero atrapalhar.

— O senhor não atrapalha! — exclamei. — Monsieur Perrier pretende voltar a Munique à tarde. Naturalmente eu gostaria de ouvir do senhor tudo o que ainda não sei, e de como chegou à minha pista.

— Muito bem — disse ele —, quem sabe posso aparecer para um chá?

— Seria ótimo. Digamos, cinco horas?

— Cinco horas, maître. E mais uma vez, parabéns — disse o comissário Robert Rolland.

Almocei com Perrier em meu quarto.

— Não posso deixar Ilse sozinha muito tempo — disse ele. — Não imagina como essa mulher me ama. — Mostrou-me uma foto dela, nua: — Corpo fabuloso, hein?

— Os seios — disse eu.

— Não é? Sua esposa também tem um corpo muito excitante, maître, o senhor sabe. Mas comparada com Ilse... nem tem comparação, hein?

— Não, nem se pode comparar — disse eu. — Tudo de bom para você, Paul, e, embora não a conheça, minhas recomendações a madame Ilse.

— Obrigado. E tudo de bom para o senhor, maître — disse ele.

— Permite que eu o abrace?

Abraçamo-nos, ele me deu dois beijos nas faces, e depois foi embora.

Dormi uma hora, um sono profundo sem sonhos, e quando acordei estava escuro. Rolland chegou pontualmente às cinco. Seu sobretudo velho e puído e seu chapéu amassado ficaram pendurados no vestiário. Pedi chá e ele se sentou diante de mim num sofá grande e florido. O comissário Rolland, em seu terno barato, com a gravata-borboleta de mau gosto, e sapatos velhos. Relatou tudo, longa e minuciosamente, de modo que pude anotar aqui, sem falhas, sua colaboração para esta história. Você a leu, meu bem. Ele era um homem de muito tato, esse pequeno comissário singular. Por exemplo, mencionou Eisenbeiss e falou de sua conversa inútil com ele, mas evitou me perguntar se Eisenbeiss realmente fizera aqueles documentos falsos. Achava que sim, mas não pediu confirmação.

Não quis que meu bom e velho amigo fosse julgado. Mais e mais me agradava aquele homem, sempre quieto, amável e educado.

Perguntei se queria tomar um drinque comigo, e ele aceitou; portanto, telefonei e pedi à copa dois Armagnacs duplos, depois de lhe perguntar o que ele preferia.

Um garçom trouxe os copos numa bandeja e se foi. Brindamos e bebemos.

— Muito bem — disse Rolland —, assim foi tudo, maître. E naturalmente o senhor assassinou Jean Balmoral.

Dei uma risada:

— Sempre fazendo piadas, monsieur le commissaire! Claro que não matei Balmoral, o senhor sabe muito bem. O juiz de instrução Oelschlegel também sabe, ou não teria retirado minha ordem de prisão, e eu não estaria aqui sentado com o senhor, tomando Armagnac. Não posso ter assassinado Balmoral, mesmo se quisesse.

Está vendo que histérica terrível é minha mulher Yvonne?

— É, sua esposa Yvonne — disse ele baixinho, virando o copo nas mãos. — Ela vai bastante mal. Quando a vi pela última vez, desmaiou de tão embriagada; tive de levá-la para a cama.

— Antigamente ela nunca bebia.

— Bem, agora bebe demais. Sua esposa, maître, tornou-se uma alcoólatra, e ainda por cima viciada em calmantes de toda sorte. — Sua voz ficou ainda mais suave. — Veja, andei pensando.

— Em quê?

— Em seu futuro, maître.

— Meu futuro...

— Não é muito promissor o seu futuro, maître Duhamel — interrompeu ele, e sua voz soava sinceramente triste. — Nem a vida que vai levar. Pode levar.

— O que quer dizer com isso?

— O senhor está livre — disse ele cautelosamente. — Tudo bem. Apenas: quem é o senhor em liberdade, maître?

— Quem sou eu?

— Vou lhe dizer: um homem sem oportunidade, é o que o senhor é. — Olhava-me tristemente: — A mulher a quem o senhor amou sobre todas as coisas está morta. Também o filho que tanto desejou está morto. O senhor vive sob nome falso. Agora naturalmente terá de reassumir o verdadeiro...

— Tenho de...

— Bem, sim, maître. O senhor é novamente Charles Duhamel.

Será que lhe deixarão exercer sua antiga profissão? Não, de forma alguma. Eu disse, o senhor é um homem sem nenhuma oportunidade. Por causa desse nome falso, e porque viveu com ele como outra pessoa, e se casou com uma segunda mulher, naturalmente será julgado e condenado. Certamente uma pena pequena. Mas será condenado, maître Duhamel.

De repente a tristeza dele passou a me contagiar. Rolland continuava:

— Condenado, sim... Isso naturalmente significa que jamais lhe darão a tutela de sua pequena amiga Patty... — Senti que o desespero me dominava, substituindo a melancolia. Não, eu nunca pensara nisso.

— Nem uma tutela pessoal — disse Rolland sempre naquele tom baixo e triste — nem permissão de viver com a criança sob tutela oficial formal do Juizado. Isso muito menos. Sinto muito, maître, que tenha de ser eu a lhe dizer isso pela primeira vez. Patty está perdida para o senhor, inteiramente. Jamais lhe confiarão a criança. Um homem sem oportunidade, eu disse. Corrijo-me: sim, uma chance o senhor tem. Pode voltar para a sua perversa esposa, a alcoólatra e drogada em Paris. Gostaria disso? O senhor é cardíaco. Acha que levará uma vida calma, ao lado dessa mulher, especialmente? Sua vida antiga... O senhor não agüentava mais aquela vida antiga, e

queria começar uma nova, bem diferente. E isso agora acabou, pobre monsieur Duhamel. — Debruçou-se para a frente e colocou a mão sobre a minha. Seu olhar era pleno de compaixão, sua voz cheia de simpatia.

— O senhor matou Balmoral, não foi?

Fitei-o longamente. Tomei um gole, levantei-me e comecei a andar de um lado para o outro. Depois parei diante dele. E disse num leve suspiro:

— Uma tristeza. Simpatizo com o senhor, muito mesmo. O senhor é inteligente, gosto de pessoas inteligentes. O senhor trabalhou duro. E agora todo o seu duro trabalho será inútil.

— Como inútil? — perguntou ele.

— O senhor quer que eu responda sim — disse eu. — Quer que, ainda por cima a sós com o senhor, eu diga: sim, matei Balmoral.

Não é? — Dei de ombros. — E se eu o disser? De que lhe adiantará?

Nada. Nada mesmo. E por que não adiantará, caro monsieur le commissaire?

— Porque jamais poderei provar — disse ele baixinho.

— Isso mesmo — disse eu, e peguei o copo na mão, recomeçando a andar pelo salão do hotel. — Está vendo, tudo o que disse há pouco é muito impressionante, mas incorreto.

Simplesmente incorreto, e o senhor sabe. Nunca mais poderei exercer a minha profissão? Absurdo! Claro que não poderei logo; não, logo não. Vou ser levado a um tribunal de honra, monsieur le commissaire, os maiores e melhores juizes e advogados da França me conhecem, e respeitam, trabalharam comigo. Terei minha licença suspensa, mas por quanto tempo? Um ano? Dois, três? Mais do que três de modo nenhum. O que fiz? Vivi sob nome falso, voilà. E depois dos três anos? Depois — prossegui sempre andando —, abrirei outra vez meu escritório, poderei trabalhar outra vez como

advogado. Que sensação será isso! Clientes acotovelando-se a minha volta, o superadvogado! Que honorários me vão oferecer! Meu Deus, toda essa história ainda vai me fazer milionário...

Tomei um gole e parei diante dele.

Ele respondeu ao meu olhar com o seu olhar inexpressivo.

— Além do mais — continuei —, quem me obriga a viver com minha mulher bêbada e viciada em drogas? Quem pode me obrigar?

Ninguém. Viverei sozinho, vou me divorciar. Sim, sim, pode ter certeza... E anos depois, talvez só muitos anos depois, conseguirei a tutela de Patty. Quando eu for advogado outra vez. Há leis. Exceções, anistias, prazos de prescrição... E então, monsieur le commissaire? E então tudo será como desejei.

Ele ainda estava ali sentado imóvel, sem dizer palavra.

— Mas — disse eu — nunca será assim.

Ele ergueu os olhos cansado.

— E por que nunca será assim? — prossegui. — Veja, sou o que se chama um “desembarcado”. Desembarquei da minha vida antiga porque não a suportava mais. Comecei uma vida nova. Essa vida nova foi tão maravilhosa, tão infinitamente bela, que jamais, jamais quereirei voltar para a antiga. Charles Duhamel, que caiu com o avião, está realmente morto, monsieur le commissaire. Ele, em sua vida e com seus métodos, teria conseguido tudo aquilo que mencionei há pouco. Eu, o homem da segunda vida, que agora se chama Peter Kent, é um homem totalmente diferente, monsieur le commissaire. Eu não posso empregar na minha vida os métodos de Charles Duhamel.

Não, é totalmente impossível. Sou um desembarcado, e quero continuar sendo. Na minha vida antiga me seria indiferente, e na minha vida nova é inconcebível até pensar que uma menina inocente tenha de crescer com uma mentira, que uma menina inocente tenha de conviver com um assassino. — Esvaziei meu copo, e larguei-o. — E por isso — disse eu —, o seu duro trabalho não foi

em vão, monsieur le commissaire. Eu teria ganho essa partida de xadrez, mas desisto. Matei Jean Balmoral. Quem mata uma pessoa destrói um mundo inteiro. Telefone para o juiz Oelschlegel. Vou voltar. Darei todas as provas de meu ato. Contarei toda a verdade.

Isso foi na noite de 10 de fevereiro de 1982, há dez meses. Hoje, quando escrevo estas linhas, estamos a 12 de novembro. Ainda estou na prisão preventiva, aguardando meu processo. Mas já não estou em Hamburgo, e sim, há muito tempo, em Paris. Como francês, matei um francês na França. Às autoridades judiciais da República Federal da Alemanha concederam a extradição. Demorou algum tempo, mas não tanto quanto o que estou aqui na prisão preventiva francesa. Este é um país em que muitas vezes se tem de esperar longo, longo tempo por um processo. Meu juge d'instruction, meu juiz de Instrução francês, chama-se Alexandre Lafontaine.

Em Hamburgo, em fevereiro... quanto tempo faz! Já fiz uma confissão completa. Lafontaine teve muito pouco trabalho. E eu estava sentado na minha cela, esperando e esperando, e pensando em você, meu bem, sempre em você, minha pobre amada Patty!

A 10 de fevereiro eu lhe prometera pelo telefone que iria ao Internato Kerns em Oldesloe, e prometera que agora viveríamos juntos. Na noite daquele dia eu estava de novo em prisão cautelar.

Nunca fui a Oldesloe.

Disseram a você o que acontecera, o que eu tinha feito.

Escrevemos muitas cartas um ao outro nesses meses todos.

Infelizmente isso vai mudar quando meu processo tiver acabado e eu estiver numa casa de correção. Então não poderei escrever tanto quanto na prisão preventiva.

Suas cartas foram ficando cada vez mais tristes, e logo depois de minha transferência para Paris pedi para você me fazer uma visita.

Pedi muitas vezes, mas sempre em vão.

Então lembrei de anotar aqui, como num relatório para você, tudo o que aconteceu, para que o compreenda. Você precisa saber a

verdade, toda a verdade, maravilhosa e terrível. Pedi permissão ao juiz de Instrução, e ele a concedeu. Você ainda é muito jovem para entender tudo. Por isso dei instruções para que este manuscrito só lhe seja entregue quando você completar dezoito anos. Então será adulta e experiente o bastante para compreender tudo. Por isso me permiti escrever com toda a franqueza.

Talvez na leitura você se tenha espantado por eu a ter tratado como uma personagem, na terceira pessoa. Isso tem um motivo: só assim pude descrever, sem exagero ou tormento, com a objetividade de um cronista, como nasceu minha ligação íntima com você, meu bem, onde ela nasceu e como cresceu mais e mais.

Mas como se tornou terrível, apesar de todas as cartas, apesar de me ocupar constantemente com você no papel, esse desejo de a rever! Se eu pudesse ter visto você, meu bem, enquanto escrevia, um minuto só! Mas sempre que falava nisso, cortavam o assunto. Nem se fala, monsieur Duhamel. Mais tarde, sim, mais tarde certamente.

O senhor tem de esperar. Tem de ser paciente. Escreva, trabalhe muito nisso, tem de escrever o que aconteceu!

Está vendo, meu bem, também eles disseram que eu tinha de escrever.

E assim fui escrevendo, devagar mas sempre, frase a frase.

Sabia que demoraria muito, mas não eternamente. Nada dura eternamente. Nada dura muito tempo, aprendi isso.

Você sabe, por minhas cartas, o que aconteceu nos últimos meses. Os pais de Andréia venderam a livraria em abril. Ela não era mais o que fora quando tia Andréia vivia. O bom espírito dela faltava.

Todos sentiram isso, primeiro as crianças, seus amiguinhos e amiguinhas. Cada vez mais crianças faltavam, não visitavam mais a livraria. Agora ela se tornou uma grande casa de ferragens. Também o belo apartamento de tia Andréia foi vendido. Pessoas estranhas

moram lá. Todos os móveis ficaram. Só o pequeno quadro, com a ampulheta gasta, a vela consumida, o livro deteriorado e outras coisas decompostas, ficou comigo. Está aqui na parede da minha cela, e contemplo o quadro muitas vezes.

Ah, sim, claro, e a bela Bernadette e o Apre se casaram no mês passado! Nós dois lhes escrevemos cartas de congratulações, e eles me responderam — certamente a você também — agradecendo e dizendo que sua carta de felicitações foi a mais bela que jamais receberam.

*

Estou escrevendo com grande emoção.

Acabo de voltar de um encontro com meu juiz instrutor, maître Lafontaine. Ele mandou me chamar, e me deu uma grande alegria.

Depois de todos os pedidos vãos, hoje foi aceita minha mais recente tentativa. Por bom comportamento, e porque passou bastante tempo, permitiram que você me visitasse. Na terça-feira próxima à tarde, às quinze horas, finalmente, finalmente, vou rever você, minha querida!

Você virá de avião. Seu tutor — você há muito recebeu um do Juizado — a acompanhará.

Terça-feira, 15 horas.

Hoje é quinta.

Terei de esperar cinco dias.

Será que você já sabe?

Você sabe o que eu fiz, meu bem. Posso explicar a você, que enquanto isso completou nove anos, como cometi esse ato? Não, é impossível. Acho que apenas direi que não tive outra escolha. Não vai entender isso tampouco, mas talvez, apesar de tudo, acredite em mim. Espero que sim.

Cinco dias ainda.

Pela morte de Balmoral devo receber uma sentença de prisão perpétua, mas habitualmente nesses casos, quando o prisioneiro se comporta bem, já o soltam depois de quinze anos. Vou me portar tão bem quanto até agora. Com muita sorte, me soltarão depois de quinze anos. Então você terá vinte e quatro anos, e eu, sessenta e cinco. Talvez eu ainda possa participar algum tempinho da sua vida.

Jamais ficarei no seu caminho. Se não puder ser diferente, acompanharei sua vida de longe. Mas estou certo de que ficaremos muito ligados um ao outro, até o fim.

Cinco dias ainda. Cinco noites.

Então chegará a hora.

Às quinze horas vão me tirar da minha cela e levar ao parlatório, e lá estará você e vamos nos abraçar e beijar. Será que você vai trazer aquele urso grande?

Certamente o seu tutor vai sair e esperar lá fora, e talvez o guarda também. Você é tudo o que resta a mim, todos aqui sabem disso. E sou tudo o que resta a você, também sabem disso. Nós somos "os que ficaram", como você disse um dia. Talvez eles entendam isso, e o guarda nos deixe sozinhos.

Você falará a seu respeito, e eu falarei sobre mim, mas a maior parte do tempo certamente falaremos das duas pessoas que amamos e amaremos até nossa morte, do seu vovô e de Andréia, e do tempo em que todos estávamos juntos e fomos tão felizes.

De quanta coisa vamos nos lembrar, meu bem, de quanta coisa!

Pois o que é o amor, senão lembrança?

NOTA:

Imediatamente depois de escrever essas palavras, o prisioneiro Charles Duhamel sofreu um severo ataque cardíaco. Apesar de tratamento médico intensivo imediato, maître Charles Duhamel morreu a 12 de novembro de 1982, às 11h45min.

O presente manuscrito será entregue ao tutor de Patrícia Hernin,
com as devidas instruções.

As pastas serão seladas.

Paris, 16 de novembro de 1982.

Alexandre Lafontaine.

Juiz de Instrução.

FIM

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure:
http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros
<http://groups.google.com/group/digitalsource>

ESTA OBRA FOI IMPRESSA NA EDITORA VOZES LTDA., PARA A EDITORA NOVA

FRONTEIRA S.A., EM OUTUBRO DE MIL

NOVECENTOS E NOVENTA.

Não encontrando este livro nas livrarias, pedir pelo Reembolso Postal à EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A. — Rua Bambina, 25 — Botafogo — CEP 22251 Rio de Janeiro.